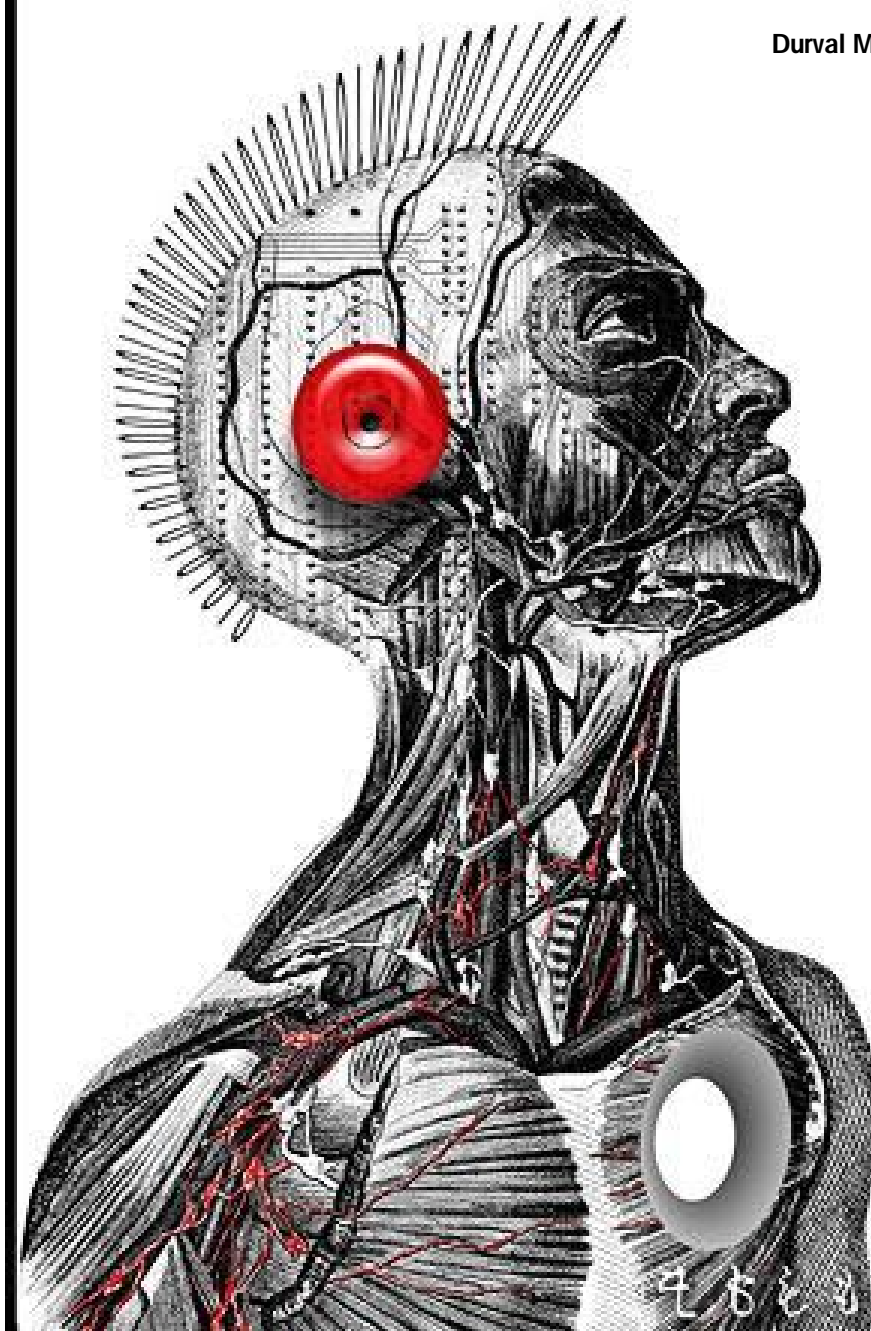


TESE DE DOUTORADO

Cassandra Carmo de Lima Vêras

ORIENTADA POR

Durval Muniz de Albuquerque Jr.



Odiseu, The Cyber Mohican 2006 – VICTOR HUGO CECATTO

CASSANDRA CARMO DE LIMA VÉRAS

**O SUCESSO DO DESEMPREGO:
as agências *on-line*
e o emprego como mercadoria**

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência para obtenção do Título de Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr.

BANCA EXAMINADORA

[Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr. – UFRN](#)

Orientador

[Dr. Ariosvaldo da Silva Diniz – UFPB](#)

[Dr. Simone Carneiro Maldonado – UFPB](#)

[Dr. Alarcon Agra do Ó – UFCG](#)

[Dra. Heliana de Barros Conde Rodrigues – UERJ](#)

SUMÁRIO

Introdução: *making of*, 12

I. Por dentro de uma AGEON, 40

- 1.1 Virtual, atual, real – o ser *on-line* das agências, 41
- 1.2 O que é que a agência tem? – primeiros esquemas, esquema catho, 68
- 1.3 Proveniência e emergência – do oregon à web, 92

II. O canto das engrenagens digitais, 124

- 2.1 O espaço do não-edifício – arquitetura em movimento, 125
- 2.2 Nas dobras da lei – o robô que rouba e o contrato que ruge, 153
- 2.3 A câmara “chiaroscuro” – caput, 184
- 2.4 Perdas e ganhos – menos problemas, mais vantagens, 199

III. A dupla dinâmica: capital e trabalho, 235

- 3.1 2008: odisseus no ciberespaço – **cartho**grafia dos assinantes, 237
 - 3.2 Subjetividades plurais – a centralidade do rizoma, 256
-

Conclusão: *making it happen*, 282

Anexos – *ipsis litteris*, 296

Bibliografia – entre lidos e citados, 323

À minha mãe Eronita, geradora, amadora, provedora etc etc etc. Sem você eu não seria nada! Eu te amo.

À minha avó Luzia, *in memoriam*, com uma saudade que não me sai dos olhos. Eu te amo.

Durval Muniz de Albuquerque Jr., meu orientador, a quem nem vou agradecer, porque simplesmente não saberia como. Então beijo e abraço esse amigo, sem deixar de salientar que o “lugar” de orientador encontra nele sua expressão mais exata. Sem querer desmerecer ninguém, confesso: só a ele confiaria plenamente a missão de iluminar os abismos nos quais escolhi me atirar ao fazer essa tese.

A QUEM DEDICO,
porque são meu próprio coração

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, porque ter uma bolsa de estudos, ser “paga” para estudar, ler e escrever sobre o que se quer, é um privilégio imenso em um país de imensidões de fome e sede de tudo, dádiva que me leva ao sentimento de gratidão.

Marilda Menezes e Paulo Aragão, responsáveis por bancar meu projeto e nele acreditarem, permitindo assim que eu desse o primeiro passo. Nunca poderia agradecer a contento, mas tento: obrigada!

Simone Maldonado, responsável pela minha iniciação na hermenêutica e por ter me apresentado ao “velho”, como carinhosamente chamamos Georg Simmel. Por mais, muito mais que isso. A academia, a aluna e a professora, eu diria, são nossos segundos planos: em primeiro estão nossas almas e amizade eterna.

Ariosvaldo Diniz, que me mostrou onde canta o galo da pós-modernidade, de quem, até então, eu só tinha ouvido um longínquo cocoricó. Foi realmente prazer dobrado fazer aquelas viagens madrugadoras entre Campina Grande e João Pessoa: além da paisagem do amanhecimento de um novo dia, foi muito gratificante ouvi-lo, empolgado e bem-humorado, discutir questões que me queimavam o juízo há tempos.

De León, empatia, laços, amizade à primeira vista.

Rodrigo Grünewald, que me fez passar momentos maravilhosos acompanhando suas recomendações bibliográficas, que me levou a conhecer autores como Homi Bhabha e Fredric Barth, me guiando pelas inesquecíveis trilhas da floresta fantástica e exuberante da antropologia. Aulas deliciosas.

Gervásio Aranha & Fábio Gutemberg (agora, infelizmente, *in memoriam*), por me terem permitido matar um pouquinho da enorme saudade que sinto da historiadora que também mora em mim. Um com sua fleuma quase britânica, thompsoniana, eu diria; outro com um discurso acalorado de cabra-da-pestes, amante do que faz.

Magnólia Gibson, Luiz Henrique & Lemuel Guerra, que me conduziram teoria adentro, me fazendo reler os clássicos, e alguns contemporâneos como Pierre Bourdieu e Norbert Elias, em uma “iniciação” mais que necessária aos conceitos sociológicos.

Victor Hugo Cecatto, pai digital de Odisseu, artista absoluto, portador do vírus da ácida genialidade crítica, que me cedeu a imagem da capa desta tese.

Artur Perrusi, doador de idéias, qualificador, leitor crítico, simpático e atento do meu texto.

Francisco Dantas, alma gêmea, revisor implacavelmente doce. Sem ele os leitores morreriam afogados num mar de vírgulas ou lhes faltaria o ar. Amigo-amor-irmão desde sempre e eternamente.

Socorro Pereira, amizade de décadas, professora de ginásio, de vida, lindeza, porque além de tudo, me permitiu fazer em seu nome empréstimos dos livros que me levaram ao projeto, e por isso estou aqui.

João Adolfo Mayer, que sem ele eu ainda estaria em um limbo qualquer, esperando a chegada dos alemães e seus canhões, quebrando espelhos, violando a lucidez, anotando as placas dos caminhões que me atropelavam.

Vanderli Isaías Paiva, pela companhia e paz no coração, por tanta coisa que as palavras não contam, pela paciência, pelo afeto. Amor-de-Besouro.

Roberta da Mota Rocha, porto pleno, amizade segura, ombro sempre, compreensão e partilha. Tudo.

Vitória Maria Barbosa, leitora crítica e afetuosa, incentivadora incansável, amiga de todas as horas para sempre.

Ivontônio, longe dos olhos, perto do coração. Mais um amigo que a academia providenciou.

Jomário, *in memoriam*, que nos deixou mais cedo e menos alegres.

Luciene Páz, de cujos lábios ouvi, creio que pela primeira vez, muitas palavras e nomes de autores que constam nesse trabalho: “pós-modernidade” e “Lyotard” são bons exemplos.

Mariana Broens, o maior exemplo que já vi da teoria praticada e vice-versa. Participações aristotélicas mais que especiais nesse trabalho.

Socorro Queiroga, doutora em sensibilidade e educação, estímulo, exemplo.

Ulrich Schiel, ex-orientador e ex “mais nada”, porque continua presente.

Adriana Ramos, gênio bom da Matemática, pessoa que não encontrei pessoalmente, amizade de sala de bate-papo que nunca vai se acabar. Estímulo total, “carões”, entendimento. A mente mais rápida do Velho Sudeste.

Tatiana Henschel Messias, porque às vezes é tão escuro que esquecemos onde fica o interruptor, mas chega um anjo bom e acende as luzes.

Colegas, Dira, Vileni, Cauby, Else, Poeta Martinho, Vanuza, Fabrício, Valmir, Marcos, Waleska, Adriano, Paulo Diniz, Emilene, Kiara, Nilda, Karlinho Karatê, Karlla, Sandra Dahia, Roberto, Paulo Ramos, Madian, Cabral, Montenegro, Edísio, Arimatéia, Ane, Cris Buarque...

Dinha, que dá conta dos afazeres cotidianos, cuida, organiza e limpa.

Todos os funcionários e servidores da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Campina Grande.

A QUEM AGRADEÇO,
uns porque estavam bem no meio do turbilhão...
uns porque são e foram e estarão parte de minha vida...

O que dizemos acerca do que dizemos é sempre mais do que sabemos acerca do que dizemos. Neste excesso reside o limite da crítica. Quanto menos se reconhece esse limite, maior ele se torna.

BOAVENTURA SANTOS SOUZA

Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relações de corrente, contra-corrente, de redemoinho com outros fluxos, fluxos de merda, de esperma, de fala, de ação, de erotismo, de dinheiro, de política, etc.

GILLES DELEUZE

Sinto uma impressão de veludo quando escrevo. Para mim, a idéia de uma escrita aveludada é como um tema familiar, no limite do afetivo e do perceptivo, que não pára de assombrar meu projeto de escrever, não pára de guiar minha escrita quando estou escrevendo, que me permite a cada momento escolher as expressões que quero utilizar. A doçura é uma espécie de impressão normativa para minha escrita. Assim, fico muito espantado ao constatar que as pessoas tendem a enxergar em mim alguém cuja escrita é seca e mordaz.

MICHEL FOUCAULT

Os esplendores da liberdade estão em seu ponto mais brilhante quando a liberdade é sacrificada no altar da segurança. Quando é a vez de a segurança ser sacrificada no templo da liberdade individual, ela furta muito do brilho da antiga vítima. Se obscuros e monótonos dias assombraram os que procuravam a segurança, noites insones são a desgraça dos livres. Em ambos os casos, a felicidade soçobra.

ZYGMUNT BAUMAN

Acredita-se ver dois viajantes à margem de uma torrente furiosa que faz as pedras rolarem: um a atravessa com um salto ligeiro, e utiliza as pedras para tomar impulso, mesmo se elas afundam bruscamente atrás de si; o outro está desamparado, lhe é preciso primeiramente construir pilares que sustentarão seu passo pesado e prudente; por vezes isso se torna impossível, e nem Deus nem a torrente vêm em sua ajuda.

FRIEDRICH NIETZSCHE

Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína. Tudo é menino e menina no olho da rua, o asfalto, a ponte, o viaduto ganindo pra lua. Nada continua. Eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem, apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem juízo final. Alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial.

CAETANO VELOSO

Ora bolas, não me amole Com esse papo, de emprego Não está vendo, não estou nessa O que eu quero? Sossego, eu quero sossego.

TIM MAIA

Esta tese trata das transformações no mundo do trabalho e tem como seu principal objeto de análise as relações sociais entre as agências de emprego *on-line* – AGEONs, e seus usuários, no Brasil. É um estudo sobre a aplicação e o impacto das tecnologias da informação, especificamente a internet, em relação aos envolvidos na reorganização do trabalho, onde vagas de empregos se tornaram lucrativa mercadoria. A teoria pós-moderna como contraposição aos enunciados denotativos, meramente descritivos, tanto na análise dos dados como na escrita é o que se poderia chamar de “choque epistemológico”. Paralelamente às análises quantitativas é proposta a crítica aos dados empíricos, com base em um enfoque discursivo pós-moderno com a introdução de personagens e diálogos que ajudaram a questionar o *status* da ciência e sua legitimação diante das metamorfoses sociais na contemporaneidade. Para tanto a Catho Online S/C foi utilizada como estudo de caso.

Palavras-chave: sociologia, trabalho, pós-modernidade, internet, virtualidade, desemprego, agências de emprego *on-line*, Catho Online.

This thesis deals with changes in the world of work and has as its main object of analysis the social relationship among the on-line employment agencies (ONEAGs) and their users, in Brazil. It's a study about the Information Technology impacts, specifically the internet, with respect to the groups and individuals involved in the work's reorganization turned a lucrative product. I will use post-modern theory as opposed to denotative statements, merely descriptive, both in the analysis of the data and in writing form. Alongside the quantitative analysis I will propose a critical of the empirical data, based on a focus-post-modern discourse, introducing characters (personages) and dialogues that will help to question the status of Science and its legitimacy face contemporary social metamorphosis.

Keywords: sociology, work, post modernity, internet, virtuality, unemployment, on-line employment agencies, Catho Online.

PRÓLOGO

Caminhos de Utp

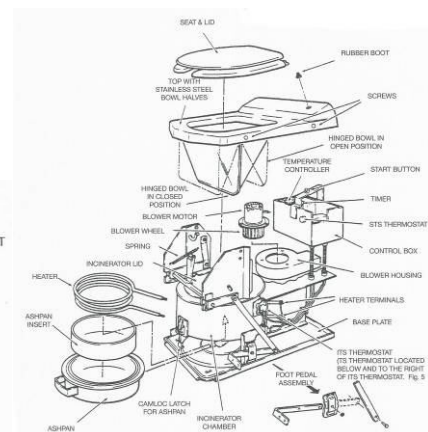
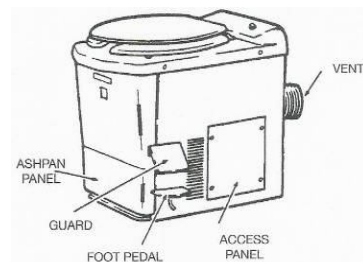
Na subida da ladeira, pelo vidro do carro se via a lua e nela, a cada 10 segundos, impresso, um monograma. Depois que os segundo e quarto planetas se revelaram passíveis de resfriamento e aquecimento, as colônias lunares migraram em massa e a lua voltou a ser deserta, uma estação onde apenas programadores e operadores de monogramas permanecem vivendo.

O monograma agora é vermelho-vivo. Um ideograma animado que de repente foi escondido por uma nuvem.

Ulisses reprogramou o computador da caixa-de-vida para dobrar à esquerda no próximo IF, após o término da ladeira, e acendeu um cigarro. Ao se espalhar, a fumaça do cigarro acionou automaticamente o transformador de carbono. Uma fina linha de luz verde atravessou o veículo e se extinguiu. A engenharia química tinha ultrapassado os sonhos dos alquimistas e poucos eram os mistérios da transformação de um elemento em outro. A “mágica do oxigênio”, como foi inicialmente chamado o processo artificial de conversão do carbono em oxigênio, consegue despoluir qualquer ambiente. Era estranho pensar que a humanidade, poucos séculos atrás, tivesse tão grandes problemas relacionados às fontes de energia. Agora, os sistemas de reciclagem vão desde o lixo das caixas-de-vida até os esgotos das estações, formando uma cadeia antipolvente automática. Dizem que as válvulas de descargas elétricas causaram a morte de muitos viventes, mas há muito de lenda nas fontes de informação da época. Os jornais escritos e filmados apresentam cenas fictícias que eram mostradas como sendo verídicas, principalmente no início do 3º milênio, quando a explosão da tecnologia informato-genética modificou os hábitos, e a rapidez das mudanças ocasionou distúrbios psicológicos em massa, tornando o ser humano temporariamente incapaz de discernir entre o real e a ficção.

Clicou em paisagens, escolheu norte, indicou tempo real, latitude e longitude aleatórias, e mandou prosseguir. A janela, que voltara a exibir a lua, tornou-se opaca. Uma imagem da estrada do norte se formou rapidamente.

Nome da estação: Utp. É a mais antiga estação. Primeira a implantar o método de produção utópico: fábricas completamente automatizadas, agricultura totalmente mecânica e processada em estufas: não há mais mercado, apenas o sistema de compra acionada. O governo não possui sedes físicas, o poder assumiu o seu caráter de malha e o plebiscito eletrônico é o meio político de resolver as questões. As antigas companhias que reinaram absolutas no tempo do império das telecomunicações foram engolidas pela tecnologia que elas próprias desenvolveram. A massificação das atitudes on-line paradoxalmente criou a personalização das transações diárias, a ponto de serem raros os viventes que utilizam meios diretos para resolver situações do cotidiano. As caixas-de-vida são auto-sustentáveis e os sistemas inteligentes se encarregam de monitorar o nível de sobrevivência, interferindo se as condições climáticas ou de abastecimento provocam um mal estar acima de 10%...



INCINOLET Electric Incinerating Toilet 1987 - USA



2001: Uma Odisséia no Espaço 1968 – STANLEY KUBRICK

UMA SOCIOLOGIA DI-VER-GENTE

emprego, desemprego, *objeto*

Uma e vinte cinco. Madrugada. Hora da origem desse discurso. A carreira acadêmica nos exige escritores, autores, criadores, executores de uma escrita que precisa ser defendida por nós, atacada e acatada por nossos “pares”. As palavras devem ser bem escolhidas, justificadas. A pouca liberdade rouba horas de meu sono. Ansiedade, tensão, medo. A tese que escrevo será julgada, questionada, louvada, criticada. Mas talvez o temor maior se levante no escuro de madrugadas como esta: um monstro que me pergunta enquanto afia as garras: “Por quê? Para que? Quem serão os beneficiários dessas linhas? Quanto disso é pura vaidade, comodismo ou somente um jeito de levar os dias inexoráveis até que o sol esfrie, um pedaço de asteróide nos apocalipse ou os humanos façam explodir as perguntas todas e com elas as respostas que nunca houve ou haverá?” Monstro retórico. Perguntas retóricas às quais não é possível responder.

Para os assuntos dessa tese existem algumas respostas plausíveis, porém não definitivas ou únicas. Parto de perguntas comuns: o que é o trabalho em nossas vidas, o que fazer com o desemprego? Posso começar dizendo como num conto de fadas: era uma vez Adão e Eva e o Paraíso, depois disso a desobediência, o fruto do conhecimento se tornando alimento e a dolorosa sentença, o castigo: “Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó tornarás...” (Gênesis 3:19). A figura simiesca que abre esse capítulo mostra outra versão da invenção do trabalho, partindo de princípios darwinistas, quando paulatinamente o símio desceu das copas e descobriu a caça, a coleta e começou a utilizar ferramentas. Essa primeira ação tecnológica transformou-se em um *continuum*: o osso que o humanóide consegue arremessar no ar se transforma lentamente, imagem após imagem, em uma nave espacial. Fomos muito longe. Relativamente em muito pouco tempo. O Universo se tornou o universo do trabalho, o mundo do fazer.

O *objeto* desta pesquisa são as relações sociais entre agências de emprego *on-line*¹ e seus usuários, a compra e venda de postos de trabalho via internet. As AGEONs raramente se limitam ao papel de intermediárias entre empresas e trabalhadores,

¹ A partir de agora me referirei às “agências de emprego *on-line*” como AGEONs.

agregando serviços que vão de cursos *on-line* a dicas de como se comportar em uma entrevista de emprego. São a maneira pós-moderna de lidar com os recursos humanos, terceirizando e facilitando a vida dos seus usuários. Como foco dentro do *objeto* escolhi a Catho Online², uma das maiores AGEONs do Brasil. A hipótese central é que o desemprego se tornou um lucrativo *e-business*. Através da Catho é possível analisar as perturbações, desordens e reorganizações que as AGEONs provocam no mundo do trabalho, a forma como afetam a contratação, ao definirem como um de seus principais produtos a “vaga de emprego”, mercadoria com alta demanda no mercado.

No rastro da análise do (des)emprego, enquanto matéria-prima, é possível divisar as conseqüências da tecnologia que, simultaneamente, extingue postos de trabalho, torna alguns postos obsoletos e faz surgir novas profissões. No sistema de produção baseado na acumulação de capital, a relação capital-trabalho, na pós-modernidade, perfaz um outro caminho ao transfigurar o emprego em bem econômico, aproveitando-se de um conflito causado pelo próprio sistema, revertendo-o em lucro. Na internet, como em um supermercado, vemos as “gôndolas” cheias de vagas de emprego. Os assinantes da Catho compram vagas e alguns deles as trocam depois por outras melhores como se faz com um carro, um sapato, uma geladeira; outros, novamente atirados ao desemprego, voltam ao supermercado para comprar o bem essencial – emprego – que suprirá as necessidades básicas: alimentação, saúde, transporte, moradia, lazer. Os estoques estão sempre lá, cada vez maiores, cada vez mais acessíveis, pois além da venda de vagas, as grandes AGEONs oferecem também meios para consegui-las, benefícios como consultoria virtual, análise de currículo, descontos em vários cursos e empresas etc³. O desemprego é como uma avestruz, dele nada se perde, dele tudo se aproveita: a pele, a carne, as penas.

Utilizo a expressão *objeto de pesquisa* e ao fazê-lo estou tornando-o, na relação tradicional de conhecimento, o correlato do sujeito, isto é, o que é conhecido, em oposição ao que conhece. Mas minha intenção é escapar dessa dialética tida como o desenvolvimento de processos gerados por oposições que provisoriamente se resolvem em unidades. O *objeto* em questão não é um *objeto* inerte, presa fácil de meus

² A partir de agora me referirei à Catho Online apenas como Catho. Disponível em: <<http://www.catho.com.br>>

³ Disponível em: <<http://www3.catho.com.br/clubecatho>> e <<http://www2.catho.com.br/consvirtual/cons.phtml>>

conhecimentos, imobilidade pronta a ser apreendida por mim num só golpe; ao contrário, seu pressuposto é a dinâmica, *objeto quântico*⁴ que por isso mesmo é também *sujeito*, como no *princípio da incerteza*⁵.

O *objeto* servirá não como âncora, mas como barco de onde serão lançadas redes e radares para investigar as profundezas que abrigam as relações de poder pertinentes às mudanças no mundo do trabalho e as turbulências sócio-culturais na ordem e na desordem que as acompanham. Terei em mente que essas metamorfoses não se atêm ao chão da fábrica, mas estão na fiação básica desse tecido, são romãs de várias cores, nuances, tessituras, padronagens, e se fazem notar também na hora inicial da contratação. Desejo sondar as implicações para os sujeitos nelas e por elas envolvidos, as exclusões e inclusões sociais; quero espi(on)ar, e que espi(on)em comigo, como o desemprego de uns se tornou o emprego de outros.

Para muitos dicionários a palavra “trabalho” é dolorosa, vem de *tripalium*⁶, um tripé formado por três estacas cravadas no chão, no qual eram supliciados os escravos, literalmente “três paus”. Daí derivou-se o verbo *tripaliare* (ou *trepaliare*), que significava torturar alguém no *tripalium* e fazia do “trabalhador” um carrasco, e não a vítima de hoje em dia. O verbo *tripaliare* veio dar no português trabalhar ou no francês *travail*. *Tripalium* era também um instrumento feito de três paus aguçados, munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores batiam o trigo, as espigas de milho, para rasgá-los, esfiapá-los. Já a palavra emprego vem do infinitivo latino *implicare*. Uma “relação de emprego” é o contrato celebrado entre um empregador e um empregado visando a prestação continuada, numa carga horária definida, de um serviço, mediante salário. Essa definição diferenciaria **emprego** de **trabalho**: o trabalho não precisaria estar

⁴ A mecânica quântica é a parte da física que estuda os sistemas em que não valem os conceitos usuais da mecânica clássica, tais como o de trajetória e o de distinguibilidade de partículas idênticas (estando ambos os conceitos intimamente relacionados). Estuda o movimento de partículas subatômicas. A noção de partícula “muito pequena” relaciona-se com as dimensões nas quais começam a ficar evidentes efeitos como a impossibilidade de conhecer com acuidade arbitrária e ao mesmo tempo a posição e o momento de uma partícula: são os “efeitos quânticos”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mec%C3%A2nica_qu%C3%A2ntica>. Acesso em: 06-11-2006.

⁵ O princípio da incerteza consiste num enunciado da mecânica quântica formulado inicialmente em 1927 por Werner Heisenberg, impondo restrições à precisão com que se podem efetuar medidas *simultâneas* de uma classe de pares de observáveis. Resumidamente, pode-se dizer que tudo se passa de forma que quanto mais precisamente se medir uma grandeza, *forçosamente* mais será imprecisa a medida da grandeza correspondente, chamada de canonicamente conjugada. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpio_da_incerteza_de_Heisenberg>.

⁶ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tripalium>>. Acesso em: 31/12/2007.

vinculado a uma carga horária definida nem, necessariamente, ser pago, veja-se, por exemplo, o trabalho voluntário, o trabalho dos profissionais liberais e o de milhões de indivíduos, característicos da pós-modernidade, que exercem suas atividades sem vínculo empregatício e fazem parte do chamado “mercado-comércio informal”⁷. Portanto não usarei tal distinção.

A escolha do *objeto* pode ser explicada pela minha eclética formação acadêmica, o caminho intelectual que acabou por se construir sob o facho do desejo e também do acaso (Bacharelado em História, Mestrado em Informática, e agora Doutorado em Sociologia) já que ele abrange todas essas disciplinas, envolvendo a **história** dos agenciamentos de emprego, as **tecnologias da informática** e as **relações sociais** que na contemporaneidade se estabelecem através da internet.

Parti das análises de Claus Offe (1994) acerca do desemprego, suas colocações sobre como o “capitalismo tardio”⁸ o enfrenta. Contudo, tratarei do desemprego com a intenção de avaliar o impacto das AGEONs sobre esta variável do mundo do trabalho, já que elas estão intrinsecamente ligadas às questões de colocação e recolocação de mão-de-obra e lucram com esse serviço. Será que elas contribuem para a diminuição do desemprego apenas na medida em que oferecem vagas dentro dos seus próprios quadros ou o fato de permitirem que se encontre mais rapidamente o emprego certo para o trabalhador certo também ajuda a diminuí-lo? O que se pode afirmar é que ganham dinheiro com isso.

“Informática” e “desemprego” são duas palavras presentes no cotidiano brasileiro através das várias mídias e, em muitos casos, a ligação entre esses termos se estabelece de forma negativa, sendo a informatização dos setores produtivos, de

⁷ Para uma introdução ao tema sugiro a leitura do ótimo artigo de Gabriel Ulyssea, *Informalidade no mercado de trabalho brasileiro: uma resenha da literatura*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572006000400008&script=sci_arttext&tlng=em>. Acesso em: 31/12/2007.

⁸ A expressão **capitalismo tardio** surgiu após a crise de 1929, em livro de Natalia Moskovska (Zürich, 1943), e hibernou até o final do *boom* da reconstrução do pós-guerra, ressurgindo com a tese de Ernest Mandel *Capitalismo tardio – uma tentativa de explicação marxista* (1972). O capitalismo tardio teria como elementos distintivos a expansão das grandes corporações multinacionais, a globalização dos mercados e do trabalho, o consumo de massa e a intensificação dos fluxos internacionais do capital. Seria mais uma crise de reprodução do capital do que um estágio de desenvolvimento, uma vez que o crescimento do consumo (e, portanto, da produção) tornar-se-ia insustentável pela exaustão dos recursos naturais. Suas características é uma enorme expansão da capacidade produtiva, baseada no desenvolvimento tecnológico, resultando em superprodução, porém, com redução do emprego industrial mediante transferência de postos de trabalho para o setor terciário e precarização do emprego, deslocando-se o centro de gravidade da produção social da indústria para os serviços. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_tardio>.

comércio e de serviços considerada causa direta e indireta de demissão assim como de eliminação de cargos e funções. Por outro lado, existem opiniões afirmando que, embora a informatização leve ao desemprego, ela é, ao mesmo tempo, fonte de criação de novos postos de trabalho⁹. A despeito do clamor social pela geração de empregos, sua falta é uma variável que assume valores crescentes, e o “pleno emprego” soa como um anseio inalcançável, um sonho “moderno” cuja transformação em realidade nunca se deu, ou se deu como frustração e pesadelo. O discurso ortodoxo que prega a fé no progresso como solução para o desemprego e que estabelece a correlação entre lucros, investimentos e empregos, é posto em xeque pelos questionamentos de Claus Offe:

O que acontece se há uma “alta” no crescimento econômico que se revela, entretanto, sem influência alguma sobre os níveis de emprego, acontecendo, por assim dizer, às escondidas da população trabalhadora (ou melhor, não-trabalhadora)? No que diz respeito aos “investimentos de amanhã”: serão reais ou serão investimentos financeiros? Vão se dar no exterior ou no país? Existem mercados reais para esses investimentos? Que montante de investimento pode ser esperado, em vista do rápido crescimento da produtividade do capital (microeletrônica)? Não se deveria esgotar a grande capacidade ociosa existente antes de se realizarem novos investimentos? Finalmente, a respeito dos “empregos do futuro”, onde poderão ser criados? Em que quantidade? Os investimentos não terão um efeito racionalizador, diminuindo ainda mais o número de empregos? Visto que uma teoria realmente convincente da estagnação secular do crescimento industrial provavelmente não existe no momento, uma resposta cuidadosa e honesta a todas essas questões tornaria clara a necessidade atual exatamente desse tipo de teoria. (Offe 1994:109-10)

Diante dessas dúvidas, uma outra corrente de pensamento, com forte atuação na política européia, tem uma visão mais “realista” acerca do desemprego, tendendo a aceitar a impossibilidade do “pleno emprego” e voltando-se para a alternativa oposta àquela dos ortodoxos. Enquanto estes aspiram

a uma integração dos desempregados em um exército de empregados pelo menos estáveis (seja qual for o modo como este possa ser criado), a posição realista pensa mais em termos de excluir o trabalhador do mercado, ou seja, de reduzir a parte da população que, de fato, é empregada remuneradamente (ou gostaria de ser). Os candidatos preferidos para serem descartados das fileiras da oferta do mercado de trabalho são bem conhecidos. Em primeiro lugar, na ordem, encontram-se os imigrantes, seguidos pelas mulheres (principalmente as casadas), pelos trabalhadores mais velhos e pelos jovens. Uma redução “flexível” da jornada remunerada dos três últimos grupos também é contemplada. (Offe 1994:119)

Uma terceira posição propõe a ruptura das ligações entre a renda e o trabalho, desobrigando os sistemas previdenciários estatais, aliviando-os da sobrecarga

⁹ Para não sobrecarregar este projeto optei por publicar uma **bibliografia** específica sobre o trabalho e centenas de referências em minha *home page* hospedada no endereço eletrônico <http://cassandra_veras.tripod.com/sociologia/bibliografia/bibliografia.htm>.

permanente causada pelas aposentadorias e pelo seguro-desemprego. Segundo essa visão, todo cidadão deveria ter direito a uma renda mínima:

Um esquema de seguro básico igualitário dessa espécie teria o *status* de um direito do cidadão a uma renda básica (em vez de ser um direito a benefícios em troca de contribuições pagas) e, ao mesmo tempo, constituiria um grande passo no sentido de aliviar efetivamente a pressão sobre o lado da oferta no mercado de trabalho. Todos os estratos e grupos formados por aqueles (potencialmente) com empregos remunerados – e não só as donas de casa e outras mulheres – teriam o direito de escolher, se fosse o caso, se desejariam procurar emprego ou abrir mão do emprego remunerado; nessas novas circunstâncias, a última opção tornar-se-ia tolerável em termos financeiros. (Offe 1994:126)

Embora esse “terceiro caminho” leve a resistências políticas inevitáveis, é apontado como solução para os dois problemas básicos, intrínsecos ao sistema produtor de mercadorias: “a distribuição dos meios de subsistência para a força de trabalho e a alocação da capacidade de trabalho para tarefas socialmente úteis”. Pode-se, de imediato, levantar algumas críticas a esta posição: quem garante que a renda mínima será suficiente para suprir as necessidades básicas do cidadão? E depois: até que ponto manter a força de trabalho inativa, através desse instrumento, não significaria violentar “fundamentalmente a necessidade humana de atividade significativa, útil e justificada”? (Offe, 1994: 128)

Essas três formas de avaliar o problema do desemprego são somente algumas entre as várias propostas. Reina uma algaravia de vozes vindas de distintas disciplinas (economia, sociologia, história, antropologia, filosofia etc) acerca das mudanças sociais evidentes nas estruturas organizacionais do mercado e da força de trabalho e não há consenso sobre os rumos possíveis dessas mudanças. Sequer há um acordo sobre se esse consenso é desejável ou necessário. E quanto às AGEONs, que papel elas teriam nesse cenário de desemprego?

O que existe é um caleidoscópio de imagens que variam entre o brilho extremo da tecnologia e a sombra densa e sufocante do fim do emprego, do aumento da violência e da pobreza; fragmentação típica de um pós-modernismo sobre o qual é prematuro afirmar que seja um modo completamente novo de viver, sepultando o capitalismo, ou apenas mais uma de suas estratégicas reestruturações.

As primeiras imagens apontam para uma nova sociedade baseada na informação e capaz de libertar o ser humano das tarefas alienantes, levando-o a poder realizar-se socialmente; as segundas mostram a estagnação do capitalismo industrial que, tendo

falhado com seus principais produtores em suas promessas de fartura e crescimento, sem remédio para os males causados por ele próprio, resultou em má distribuição da riqueza, destruição do meio ambiente, fome, desemprego e sucessivas crises financeiras. Entre um extremo e outro, costurando-se ortogonalmente, a história continua, inexorável, e a humanidade caminha, assim: a cada dia diferente e como sempre.

Há também uma questão que envolve outra mídia, a televisão, onde o tema emprego-desemprego, além de ser manchete diária dos telejornais, encarna uma face espetacular: o desemprego se transformou em *spectaculu*. Nos Estados Unidos e no Brasil existem programas – semelhantes aos já famosos *big brothers* – que mostram o dia-a-dia de “pessoas comuns”, previamente selecionadas e dispostas a encarar um nível de exposição altíssimo diante de milhões de telespectadores fascinados. A versão *Big Brother* que explora a variável ligada ao trabalho, mostra pessoas que diante de câmeras expõem suas fraquezas, fragilidades, habilidades e comportamentos, e o fazem por um emprego, ao invés de prêmios milionários em dinheiro. Nos Estados Unidos o programa *The Apprentice* é apresentado pelo multimilionário Donald Trump que, a cada episódio, delega tarefas a equipes compostas por “aprendizes” cujo desempenho, positivo ou negativo, os leva mais cedo ou mais tarde a serem eliminados do programa em uma pomposa sala de reunião com as sumárias palavras: “*You’re fired!*” (Você está demitido!). Um deles escapará desse veredicto e alcançará o sonho de milhares de indivíduos: um emprego em uma multinacional.

No Brasil, uma versão desse mesmo programa é apresentada pelo rico e célebre empresário, Roberto Justus, seguindo os mesmos rituais de humilhações e provas que os aprendizes devem cumprir para, ao final, terem como grande prêmio a chance de trabalharem em sua empresa, o Grupo *NewComm*. Para quem olha com um olhar sociológico, interessado na dinâmica do mundo do trabalho, assistir tal programa torna mais fácil compreender o quão jocoso é esse sinal de espetáculo e o simbolismo que o envolve, a tragicomédia que se tornou a procura e a manutenção de um emprego. As AGEONs alimentam esse teatro ao projetar práticas discursivas pós-modernas: o incitamento ao sucesso; a ênfase em uma carreira bem sucedida, o que leva aqueles que têm menos chances a se identificarem com o estigma do fracasso.

TEÓRIA E METODOLOGIA

pré-conceitos, conceitos, pós-conceitos

Durante muito tempo a verdadeira história das coisas e das palavras foi contada e terminava com um ponto final. A razão e a lógica da modernidade, que cresceram buscando suprimir o animalesco e o bárbaro, são retas imaginárias traçadas em uma folha supostamente branca que um olhar mais demorado logo percebe ser um palimpsesto. Não importa. Impossível negar que é em busca da racionalidade e com os instrumentos pertencentes à razão que embarcamos na aventura de escrever uma tese. Haverá então uma verdadeira história das AGEONs e das relações sociais entre elas e seus usuários? Escolhemos o objeto, talhamos o tempo e fatiamos o espaço. Cortamos com as ferramentas teórico-metodológicas, epistemologicamente, a cabeleira farta, bela e rebelde do que se costuma chamar de realidade. Então, com delicadeza e medo nos debruçamos sobre esse pequeno recorte artificial, sobre esse tufo de fios intrincados que, já sem vida e sem poderem crescer à vontade, submeteremos ao nosso microscópio. Escalpo que depois ostentaremos vitoriosos a um punhado de pessoas que legitimarão nossos esforços. Ou não.

Porém, antes de alcançarmos a ordem inerente à razão sofremos e gozamos os efeitos do caos, da loucura, do desequilíbrio; antes de chegarmos a um pensamento organizado que se possa submeter à linguagem, mergulhamos, somente com nosso corpo, na mais intensa confusão e desordem. Antes que a racionalidade possa se estabelecer, para que ela possa se estabelecer, nós deliberadamente nos atiramos com força e velocidade no abismo da desrazão.

Nossas provisórias verdades e certezas nascem em momentos precedentes, marcados por energias e forças que em nada a elas se assemelham no tocante à ordem e à precisão. A estudada calma dos discursos enunciados, a lógica que cola e dá sentido às palavras que se sucedem, a racionalidade que pode ser encontrada em um texto, devem sua origem a um turbilhão de sentimentos, intuições, sonhos e fantasias, cujo amálgama pode apenas ser pressentido como instante de iluminação. A epifania¹⁰

¹⁰ A **epifania** é um fenômeno geralmente ligado à religião. Aqui o utilizo com outro significado, que considero semelhante ao que Michel Onfray (1999) chama de *hápax*: “o relato de uma experiência que a princípio se

é vivida pelo corpo antes de ser transportada para algum veículo – linguagem, imagem – que embora seja capaz de alguma expressão jamais chegará a repeti-la. Como bem disse Michel Onfray (1999), o melão precede a razão¹¹. Segundo ele, Descartes, pai, mãe e irmão incestuoso da racionalidade moderna, como tantos outros filósofos racionalistas, evita falar nessas experiências oníricas, místicas, nos hápax que levam ao conhecimento. A racionalidade, o conhecimento, a sabedoria, a razão, a ordem, a organização, a lógica não vêm de uma caixa, um apêndice que carregamos, mas vêm de todo o corpo, e esse “corpo é o santuário de uma alquimia dos restos com que se produz a ilusão apolínea do sentido, da ordem, do comedimento. Pois só Dioniso reina, o resto é maquiagem...” (Onfray 1999:66)

Braços dados formando um trio – à minha direita, Apolo; Baco à esquerda – tenciono olhar para as relações entre as AGEONs e seus usuários com um olhar comum e uma linguagem comum, sem a pretensão de construir sobre elas estruturas ou teorias que possam definir de uma vez por todas o que são, sabendo, no entanto, que há um pouco de tudo nessas construções: aço e mercúrio, pedra e vento.

Espero com este trabalho contribuir para mais uma visão do mundo do trabalho e sua relação com o mundo *on-line*, já que constatei a ausência de análises acadêmicas sobre o tema, especificamente. Há muitos estudos sobre as relações sociais que se desenvolvem tendo como base os computadores, mas no início dessa pesquisa não encontrei sequer um artigo científico referente às AGEONs. Embora não acredite na pureza de nenhuma originalidade (e de fato, não faltam textos, artigos, livros, em cada vez maior quantidade que tratam das questões relativas à internet e daquelas com as quais estou envolvida) ainda assim, a maioria dos autores que abordam as relações *on-*

mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita [...] onde a consciência se abre para o mundo em momentos luminosos”. Affonso Romano de Sant’Anna. *Clarice: a epifania da escrita*. In: LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1983. (p.5)

¹¹ “Estamos na noite de 10 para 11 de novembro de 1619, Descartes talvez ainda esteja envolvido nos eflúvios do álcool e nas lembranças galantes, mas começa a ver alguns fantasmas e acredita estar andando pelas ruas, sem objetivo especial, aderindo às delícias do puro vaguear. Do lado direito, tem a impressão de sentir algumas dores. Um vento impetuoso o carrega, ele é obrigado a fazer esforço para não se submeter à sua lei. Apesar de tudo, um turbilhão o obriga a dar três ou quatro giros sobre si mesmo, apoiado apenas no pé esquerdo. Avistando um colégio, quer chegar à Igreja que lhe é contígua para rezar. Um homem seu conhecido cruza com ele. Não será Isaac Beeckman? Tenta virar-se para ele, em vão. O vento o empurra violentamente para a casa religiosa. Uma outra pessoa lhe diz que tem algo para lhe dar. O quê? Adien Baillet conta que, segundo Descartes, o presente teria sido... um **melão**”. (Onfray 1999:44).

line, e também a pós-modernidade, estão mais preocupados com a navegação que “brinca” com as “identidades” imbricadas em comunidades, com as possibilidades ilimitadas de comunicação dos sujeitos e das trocas culturais¹².

Investigarei também – brevemente – as agências de emprego restritas a um ambiente de tijolo-e-cimento¹³, até mesmo aquelas primitivas quando sequer era possível imaginar que em grande parte dos lares, empresas e instituições haveria um computador ligado à internet, a partir da qual essas agências poderiam agir. Essas agências *offline*, desligadas, desplugadas, contavam apenas com papéis, canetas e “arcaicas” máquinas datilográficas, obedecendo às restrições que impediam a “venda” de vagas; na contemporaneidade elas convivem com as AGEONs, tanto em sua forma pública, no caso do Brasil o Sistema Nacional de Emprego – SINE, como em sua forma privada¹⁴.

Imagino que as pesquisas sobre o que vêm a ser essas agências conglomerem questões bem mais amplas, permitindo a abordagem da participação dos indivíduos na sociedade de consumo. Polarizada, nossa sociedade nos leva cada dia à beira dos abismos abertos entre os grupos incluídos e os excluídos nos processos de mudança socioeconômicos (aqui, para que não restem dúvidas, compreendidos os aspectos políticos e culturais, as questões étnicas e de gênero).

Para lidar com os dados da pesquisa sobre a Catho, inicialmente tive a intenção de utilizar a Análise do Discurso – AD. Algumas correntes da AD, principalmente a sua fundante – nascida das mãos de Michel Pêcheux e do lançamento da revista *Langages* organizada por Jean Dubois no final dos anos 1960 – tem como sustentáculos o materialismo histórico, a lingüística e a psicanálise freudiana, bases modernas sobre as quais não é minha intenção construir esse texto; não obstante, além das propostas de Louis Althusser e Mikhail Bakhtin, por exemplo, outros como Michel Foucault e Jacques Lacan também fazem parte da orientação teórica de Pêcheux. Novas tendências e correntes da AD aprofundaram conceitos que apontam na direção

¹² Cf. Lévy (1994, 1999). Castells (1999b). Lemos (2001). Moraes, (2001). Neto *et al.* (2001). Alves; Martinez, (2002); Machado (2003); Santaella (2003); Cadernos Adenauer (2004); Leão (2004); Martins; Silva (2004).

¹³ A partir de então passarei a denominar as agências de tijolo-e-cimento de ATCs.

¹⁴ A *Organização de Serviços e Empregos Ltda – ORSERV*, que tem lojas em Campina Grande e João Pessoa é uma agência de empregos privada *offline* – AGEOFF, mais precisamente agência de contratos temporários, pois embora mantenha um *site* na internet seu principal meio de funcionamento são ATCs.

de um relacionamento entre os elementos intradiscursivos (da ordem da língua), e o interdiscurso que é acompanhado por três termos complementares: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo, espécie de subconjuntos. O universo discursivo é um conjunto finito, mas irrepresentável que abrange todas as formações discursivas que coexistem e interagem em uma conjuntura; os campos discursivos são recortes impostos a esse universo irrepresentável em sua totalidade; o espaço discursivo, por sua vez, seria “um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” (Maingueneau 1997:116-7). Em suas novas tendências

os objetos que interessam à AD, conseqüentemente, correspondem, de forma bastante satisfatória, ao que se chama, com freqüência, de formações discursivas, referindo de modo mais ou menos direto Michel Foucault que, através desse conceito entende “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (Maingueneau 1997:14)¹⁵

A AD avançou ao somar novos caminhos à abordagem mais elementar onde o vocabulário constituía o objeto privilegiado de investigação (a exemplo dos métodos dos termos pivô e dos conectivos argumentativos). Contudo, são técnicas interessantes que eu utilizei de forma lúdica no *Capítulo II* ao lidar com os depoimentos¹⁶ dos usuários da Catho. Já outros conceitos caros à AD, como identidade, sujeito e interpretação, se utilizados por mim, o serão de forma diluída sem ter em sua análise o meu principal objetivo.

Não seguirei as trilhas que intencionam instaurar sentidos ou buscam desmantelar aparelhos ideológicos. Entendo que esses conceitos tiveram seu lugar e importância, no entanto a palavra ideologia¹⁷ é, de si mesma, espelho, não sendo mais

¹⁵ **Práticas discursivas.** As aspas são uma citação de Michel Foucault, *L'Archéologie du Savoir*, Paris, Gallimard, 1969, p. 153, (Ed. Bras.: *Arqueologia do Saber*, Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1986).

¹⁶ Os depoimentos apresentados neste subitem foram retirados do *site* da Catho entre os anos de 2003 e 2007, num total de 726. Criei uma tabela e os ordenei por “texto do depoimento”, “nome do usuário”, “data”, “cidade” e “estado”. Através dessa tabela foi possível contar o número de palavras.

¹⁷ “A noção de **ideologia** me parece dificilmente utilizável por três razões. A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade. Ora, creio que o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso revela da cientificidade e da verdade e o que revelaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos. Segundo inconveniente: refere-se necessariamente a alguma coisa como o sujeito. Enfim, a ideologia está em posição secundária com relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como

capaz de atingir os movimentos complexos que não se resumem ao descortinamento do que estaria sendo manipulado “a serviço de uma elite dominadora, capaz de reproduzir valores, preconceitos e estereótipos” (Assis 2004:53). Essas ferramentas conceituais não acompanham as multiplicidades que já não se atêm à dialética de classes ou estratos. Para Leite (2004:123) “ao se debruçar sobre um arquivo textual, o analista do discurso ‘constrói interpretações’, objetivando fazer emergir o mosaico de sentidos que caracteriza o processo discursivo”. Esse “interpretar” típico das exegeses, da hermenêutica e do fenomenalismo às vezes se transforma em instrumento de indicação e deslindamento, clareamento, explicação e soa a meus ouvidos como um eco do conceito de ideologia: há algo escondido, segundas e terceiras intenções, um significado oculto o qual se deve revelar.

Esses conceitos (interpretação, sujeito, ideologia, identidade) costumam caminhar lado a lado, e a meu ver são fragmentos da explosão da modernidade ainda à procura de significações e sentidos quase que atávicos, remotos, que estão quietos em seu hermetismo à espera do cientista com seu bisturi, suas lupas e sua sagacidade. Pode haver sujeitos e sujeitados, dominantes e dominados, objetos e objetificados, mas eles se deslocam como o mercúrio, contaminam uns aos outros, vestem e desvestem peles, são palimpsésticos, nada indicando que as máscaras, tiradas e retiradas, postas e respostas, sobrepostas, superpostas, revelem um “idêntico a si” em algum momento. Esse tempo-espço originário – a pesquisa da origem (*Ursprung*, para usar uma palavra de Nietzsche) – não é procurado porque inexistente, dado que toda pureza absoluta, todo absoluto, é impossível e porque

a pesquisa, nesse sentido, se esforça por recolher [...] a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira. (Foucault 1979:17)

Acreditando que a “busca da origem” e a “interpretação” são conceitos modernos que não se adequariam aos assuntos dos quais trato, busquei a proveniência

infra-estrutura ou determinação econômica, material, etc. Por estas três razões creio que é uma noção que não deve ser utilizada sem precauções”. (Foucault 1979:7)

(*Herkunft*)¹⁸ e a emergência (*Entstehung*)¹⁹ dos *meus objetos* em um sentido genealógico, mas sem procurar sua origem primeva, única. Levando em consideração essa colocação, identifiquei durante a pesquisa alguns tipos de discurso e procurei observar através deles as relações sociais que se estabelecem, não só entre os usuários da Catho, mas também sua inserção dentro de recortes mais amplos da sociedade:

- o *marketing* da Agência;
- a propaganda de outros produtos que agregam valor à venda de vagas;
- os depoimentos de usuário publicados no *site* da agência;
- as opiniões de usuários e do público em geral, veiculadas nos *site* Ivox e Reclame Aqui²⁰;
- as queixas feitas a órgãos de defesa do consumidor;
- o artigo jornalístico da *Revista IstoÉ Dinheiro* e outros artigos publicados na internet sobre a denúncia de roubo de currículos feita pela Curriculum;
- ações jurídicas sobre denúncias envolvendo a agência Catho.

Se na arqueologia de Foucault vamos encontrar as ciências médicas e biológicas como grandes criadoras, influenciadoras e difusoras das práticas discursivas da modernidade, na contemporaneidade são as disciplinas relacionadas à tecnologia e sua ligação com a informação, a economia, a administração e a comunicação as principais responsáveis pelos conjuntos dessas práticas. É esse recorte, no campo dos projetos da Informação, que ajuda a fixar normas para a elaboração de conceitos e teorias, legitimando falas que valorizam a agilidade, a velocidade, a eficiência, a comunicação, a gestão, a digitalização, a qualidade total, o desempenho, a liderança, a facilidade. Os conjuntos técnicos, instituições, esquemas de comportamento, tipos de transmissão e difusão, e formas pedagógicas, que impõem e mantêm as práticas discursivas que vivenciamos podem ser exemplificados com normas de gestão de padrões de qualidade como as *International Standards Organization – ISO*, Associação Brasileira de

¹⁸ “A pesquisa da proveniência não funda, muito pelo contrário: ela agita o que se percebia imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido; ela mostra a **heterogeneidade** do que se imaginava em conformidade consigo mesmo. Que convicção lhe resistiria? Mais ainda, que saber?” (Foucault 1979:21)

¹⁹ “A emergência se produz sempre em um determinado estado das forças. A análise da *Herkunft* deve mostrar seu jogo, a maneira como elas lutam umas contra as outras, ou seu combate frente a circunstâncias adversas, ou ainda a tentativa que elas fazem – se dividindo – para escapar da degenerescência e recobrar o vigor a partir de seu próprio enfraquecimento [...] Enquanto que a proveniência designa a qualidade de um instinto, seu grau ou seu desfalecimento, e a marca que ele deixa em um corpo, a emergência designa um lugar de afrontamento; é preciso ainda se impedir de imaginá-la como um campo fechado onde se desencadearia uma luta, um plano onde os adversários estariam em igualdade; é de preferência – o exemplo dos bons e dos malvados o prova – um “não-lugar”, uma pura distância, o fato que os adversários não pertencem ao mesmo espaço. Ninguém é portanto responsável por uma emergência; ninguém pode se auto-glorificar por ela; ela sempre se produz no interstício.” (Foucault 1979:23-4)

²⁰ Disponível em: <<http://www.ivox.com.br/produto/?dir=1/2/5/7341:53719>> e <<http://www.reclameaqui.com.br>>.

Normas Técnicas – ABNT, com as empresas de consultoria e de compra e venda de soluções e os *Master in Business Administration – MBA*. Ao lado dessas formas, temos um outro conjunto de práticas discursivas que visa equilibrar o discurso tecnológico incitando a prática de comportamentos socialmente corretos, como a defesa do meio-ambiente e a busca pelos direitos de cidadania.

Além de Michel Foucault, o referencial teórico que despontou e cuja influência me foi fundamental tem como base Deleuze e Guattari (1995, 1997, 1997a, 1997b, 1997c, 1997d, 2004), Serrés (2001) e Onfray (1999), e é principalmente o pensamento desses franceses que norteia e desnorteia minha caminhada. Ao longo das leituras fui encontrando encaixes entre os conceitos deleuzo-guattarianos e as questões por mim colocadas: os espaços lisos e espaço estriados²¹, as máquinas de guerra²², os rizomas²³, os fluxos²⁴, a desterritorialização²⁵, a ciência nômade e a ciência régia²⁶. Essas

²¹ Deleuze criou a definição de espaço **liso** e **estriado** através de seis modelos: **tecnológico, musical, marítimo, matemático, físico** e o **estético** – o tecido e o feltro; a harmonia e a melodia; o mapa e a cartografia; a geometria euclidiana e a multiplicidade de Riemann; o vertical e o horizontal; o tátil/háptico e o ótico. Segundo ele, outros modelos poderiam servir de referência como, por exemplo, o lúdico e o noológico, e finaliza advertindo: “Evidentemente, os espaços lisos por si só não são libertadores. Mas é neles que a luta muda, se desloca, e que a vida reconstitui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários. Jamais acreditar que um espaço liso basta para nos salvar”. (Deleuze; Guattari 1997b:179-214). O espaço liso é o espaço nômade, do mar, do deserto, sem fronteiras nem limites, sem caminhos pré-traçados, onde o fluxo não tem medidas – espaço que permite o turbilhão, estrada que se tece sob os pés, onde não há mapas; o espaço estriado é aquele cooptado pelo sistema, mapeado, cartesianizado, medido, controlado, aonde o movimento vai de um ponto a outro, e onde o ritmo é forma. Nesta tese esses dois conceitos são aplicados à internet onde se pode encontrar e ao **ciberespaço liso** e o **ciberespaço estriado**, que não param de se traduzir um no outro, de se travestirem um do outro. A Catho, o principal *objeto* de pesquisa, habita o ciberespaço estriado, mas as pessoas que a fazem e que dela se utilizam, também vagueiam pelo **ciberespaço liso**. Também poderia ser o inverso: a internet e seus espaços servindo como mais um modelo de diferenciação para esses conceitos: a cobra engolindo o rabo.

²² A **máquina de guerra** tem como primeiro axioma ser exterior ao aparelho de Estado. Ela pode ser grosseiramente comparada aos movimentos sociais ou de grupos que não se encaixam no sistema vigente e que geralmente o põem em xeque. “As malthas, os bandos são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder” (Deleuze; Guattari 1997b:21). Para cada máquina de guerra há sempre um ou mais aparelhos de captura, principalmente o Estado, que não mais supõe “um modo de produção, mas o inverso, é o Estado que faz da produção um “modo”. (Deleuze; Guattari 1997b:118) A **internet**, nessa tese, é uma máquina de guerra e uma máquina de Estado, quando capturada. Nesse devir-máquina, essas duas instâncias se sobrepõem de tal forma que a transmigração de uma coisa em outra, às vezes, sequer é percebida. “Provedores” e “servidores”, responsáveis por manter a rede funcionando, organizações que permitem que os indivíduos tenham acesso à internet mediante sua parafernália computacional (*software* e *hardware*), mesmo disponibilizando espaços lisos, não deixam de estar penetrados pelo capital que por sua vez se produz e reproduz no espaço estriado. A prodigiosa indústria da tecnologia informacional é um dos mais potentes motores da pós-modernidade, significando com isso ser também um dos maiores elementos de acumulação de capital.

²³ O **rizoma** “como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas”. Rizoma é rede, é tecido-devir, tem como princípios a conexão, a heterogeneidade, a multiplicidade, a ruptura a-significante, a cartografia e a decalcomania (Deleuze; Guattari 1995:15,16,18,21)

²⁴ O **fluxo** “é qualquer coisa, em uma sociedade, que corre de um pólo a outro, e que passa por uma pessoa, unicamente na medida onde as pessoas são interceptadores.” Ou ainda: “O processo, é aquilo que chamamos o fluxo. Ora, ainda aí, o fluxo, é uma noção de que precisávamos como noção qualquer não qualificada. Isso pode

ferramentas teóricas parecem ter sido criadas sob medida para abordar *meus problemas*, muito embora, obviamente, não o tenham sido. Elas podem ser aplicadas para perscrutar as mais variadas estratégias que o capitalismo desenvolve e também para desmistificar e desconstruir axiomas muito bem engendrados por esse modo de produzir e consumir.

O **espaço liso** aqui são as instâncias da internet onde o dinheiro, o capital, está pouco infiltrado, onde é possível aos mesmos indivíduos que percorrem o espaço estriado, usarem as AGEONs, deslizarem em *chats, blogs, fóruns, flogs, comunidades e sites de relacionamentos* onde podem **desterritorializarem-se**, construir e desconstruir para si várias identidades, movendo-se no *rizomaweb*, criando nele novas ligações e rompimentos, tumefações e buracos, túneis e saliências, elevações e depressões, concavidades e verticalidades, erigindo para si múltiplas personalidades, esquizofrenando-se, se aproveitando da internet no que ela tem de **máquina de guerra**.

As AGEONs habitam o **espaço estriado**, onde também moram as lojas de comércio e bancos *on-line*, onde fixam residência as instituições governamentais legislativas e jurídicas, onde se apeiam muitos dos *sites* que emergiram no espaço liso

ser um fluxo de palavras, de idéias, de merda, de dinheiro, pode ser um mecanismo financeiro ou uma máquina esquizofrênica: isso supera todas as dualidades.” (Deleuze *apud* Aragon 2006).

²⁵ “construímos um conceito de que gosto muito, o de **desterritorialização**. [...] precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”. Gilles Deleuze em entrevista a Claire Parnet. Disponível em: <<http://rizomando.blogspot.com/2005/12/o-abecedrio-de-gilles-deleuze-7-horas.html>>. Acesso em: 08/05/2006.

²⁶ A **ciência nômade** é um gênero de ciência, ou um tratamento da ciência, que parece muito difícil de classificar, e cuja história é até difícil seguir. Não são “técnicas”, segundo a acepção costumeira. Porém, tampouco são “ciências”, no sentido régio ou legal estabelecidos pela História. As características de tal ciência excêntrica seriam as seguintes: um modelo hidráulico ao invés uma teoria dos sólidos; um modelo de devir e de heterogeneidade que se opõe ao estável, ao eterno, ao idêntico, ao constante; não se vai da reta a suas paralelas, num escoamento lamelar ou laminar, mas da declinação curvilínea à formação das espirais e turbilhões sobre um plano inclinado; dos bandos ou maltas de átomos às grandes organizações turbilhonares, num caso “ocupa-se o espaço sem medi-lo”, no outro, “mede-se o espaço a fim de ocupá-lo”; o modelo é problemático, e não mais teorematizado. “[...] as duas ciências diferem pelo modo de formalização, e a **ciência régia** ou de Estado não pára de impor sua forma de soberania às invenções da ciência nômade; só retém da ciência nômade aquilo de que pode apropriar-se, e do resto faz um conjunto de receitas estritamente limitadas, sem estatuto verdadeiramente científico, ou simplesmente o reprime e o proíbe. Por isso, o mais importante talvez sejam os fenômenos fronteirizos onde a ciência nômade exerce uma pressão sobre a ciência de Estado, e onde, inversamente, a ciência de Estado se apropria e transforma os dados da ciência nômade. A ciência régia só suporta e se apropria do talhe das pedras por *planos* (o contrário do esquadreamento), em condições que restauram o primado do modelo fixo da forma, da cifra e da medida. A ciência régia só suporta e se apropria da perspectiva estática, submetida a um buraco negro central que lhe retira toda capacidade heurística e deambulatória”. (Deleuze e Guattari 1997b:24-7, 30)

e agora vendem seus produtos, como por exemplo o sexo, que adquiriu também no ciberespaço seu contorno de mercado, de estriagem. As AGEONs são agentes de **territorialização** na medida em que estabelecem princípios financeiros, de identidade e institucionalidade, anunciando currículos, vendendo vagas de emprego e em contrapartida oferecendo gratuitamente uma vitrine *on-line* onde os empresários podem facilmente recrutar trabalhadores com perfis de seu interesse e superam as agências de tijolo-e-cimento – ATCs, disponibilizando em grandes quantidades o que as práticas discursivas contemporâneas validam: rapidez, agilidade, eficiência, facilidades, praticidade. Ligadas diretamente ao mundo do trabalho, despontam como o lado sedentário da internet que deixa de ser máquina de guerra quando cooptada pelo capital e se metamorfoseia em **máquina de Estado**.

Em relação ao tema dessa tese a rede, a *web*, a internet são **rizomas** que comportam os variados tipos de espaços – lisos, estriados, lisestriados, estriadolisos, sem nada que os torne estanques entre si; tipos diversos, múltiplas relações sociais, aquelas que envolvem o dinheiro e aquelas que buscam apenas descobertas, experimentalismos, novas emoções; encontros e desencontros imbricados que se misturam. Os usuários, enquanto tentam fazer negócios, lançar suas propagandas, namoram e fazem sexo: o mesmo internauta pode, simultaneamente, navegar no *site* da Catho à procura de emprego enquanto se faz passar por outra pessoa em uma sala de *chat*. Haveria, portanto, momentos de interpenetração, troca de **fluxos** entre os dois espaços: o espaço liso, da pós-modernidade (e a suposta liberdade dos meios de comunicação informatizados) em contato com o espaço estriado, a racionalização da sociedade de produção e consumo. Navegarei nas múltiplas correntezas, águas doces e salgadas, agridoces, no espaço sacralizado como “livre” e no espaço “violado” pelo capital, onde as empresas se apropriam de peças e mecanismos fundamentais das máquinas de guerra. Momentos simultâneos caracterizam o comportamento do espaço *on-line*: nele acontecem decodificações a favor da maior fixidez exigida pelos sistemas de mercado, mas existem nele codificações, decodificadores e sobrecódigos em função do volátil, *sites* e *home pages* que não têm obrigação com a estabilidade ou com a permanência (Deleuze; Guattari 1997b).

As máquinas de guerra estão em toda parte, sendo feitas, refeitas, capturadas, recapturadas, num processo dinâmico e impossível de ser detido. Nada mais expressivo sobre a ambigüidade e a esquizofrenia entre armas e ferramentas²⁷ do que a internet. Nesse caso, o que era militar e estatal passou a ser ao mesmo tempo ferramenta e arma – ação livre –, revolução. A internet teve seu início como máquina de Estado. O governo norte-americano entendeu que as guerras precisavam de contatos permanentes e que não pudessem ser cortados: se um ponto “caísse” havia a necessidade de que um outro mantivesse a rede no ar e foi isso que a transformou em máquina de guerra, uma hidra de milhões de cabeças que não se pode cortar. Se a CIA, o FBI e outras agências de guerra a serviço dos capitalistas conseguem utilizá-la com eficácia, não é com menor eficácia que seus inimigos pespegam vídeos de homens encapuzados apontando fuzis e trocam mensagens combinando explosões e outros atos de terrorismo. “Entre a guerrilha e o aparelho militar, entre o trabalho e a ação livre os empréstimos sempre se fizeram nos dois sentidos, para uma luta tanto mais variada” (Deleuze; Guattari 1997b:84). A ação libertária da internet, pós-moderna, que como no caso dos nômades valoriza o fugaz – uma flecha trabalhada, ourivesaria que só seria utilizada uma vez, sinônimo de desperdício – é combinada com o máximo aproveitamento do comércio eletrônico, das transações bancárias, das propagandas, de uma mídia que não tem nenhum compromisso com o propalado otimismo de alguns estudiosos do assunto. A Catho tem essa face na internet, face estriada, e através dela é possível analisar como os agenciamentos sociais *on-line* acontecem na contemporaneidade, em relação ao trabalho. Ainda hoje se pode dizer que “a técnica é de algum modo interior ao social e ao mental? Tudo depende de uma organização do trabalho, e de agenciamentos variáveis entre homem, animal e coisa” (Deleuze; Guattari 1997b:78).

Nos espaços lisos da internet há fundamentalismos que impõem a essa vivência um tom religioso. Há internautas que aderem a regras, condenam os que não as seguem, inventam para si e para os que deles se distanciam por sua postura “purista” nomes variados: *hackers*, *crackers*, *cyber-punks*, *lammers*, *zombies*, *geeks*,

²⁷ “Há um gosto esquizofrênico pela **ferramenta**, que a faz passar do trabalho à ação livre, um gosto esquizofrênico pela arma, que a transforma num meio de paz, de obter a paz. A um só tempo um revide e uma resistência. Tudo é ambíguo” (Deleuze; Guattari 1997b:83).

mailbombers, *nerds*, verdadeiras tribos cuja etnologia não foi ainda traçada e talvez nunca chegue a sê-lo, dada a volubilidade com que se misturam e se transformam. No espaço estriado, onde acontecem os agenciamentos do emprego, não existem esses neologismos, mas não deixa de haver uma postura “religiosa” que perpassa as falas dos usuários da Catho feita de fluxos de reverência e gratidão.

Os conceitos que utilizo são dicotômicos e se assemelham às duplas utilizadas por positivistas, estruturalistas e outras correntes que perpetraram o maniqueísmo. Parece que estou repetindo a Ciência por mim criticada, que termino requerendo para o pós-modernismo o mesmo *ismo*, o mesmo *status*, de único e verdadeiro caminho. Mas são somente aparências. Existe realmente o desconforto com a teoria dogmatizada e a tendência de, ao criticá-la, cair na mesma armadilha. Mas eu não busco o absoluto, nem as teorias que abusam do poder ao apontar o dedo para suas “vizinhas” e falar mal delas. O que espero é que seja possível fazer esse jogo entre a **ciência nômade** e **ciência régia**. Esta dinâmica é necessária para que se possa acompanhar o movimento incessante de troca, embate, fusão, interferência, choque e encontro entre a maneira tradicional de se fazer ciência e a maneira pós-moderna de tentar fazê-la, que trata exatamente da *permissividade*, da retomada daquilo que a ciência régia prometeu e não pôde cumprir: resistir ao dogma: “No limite, só conta a fronteira constantemente móvel” (Deleuze; Guattari 1997b:34).

Sobrevoarei a modernidade, lar da ciência régia – porque sem essa incursão não é possível entender as controvérsias geradas pelo prefixo *pós*, as disputas entre os teóricos que insistem em reformar a modernidade e aqueles que acreditam que estamos contemporaneamente imersos em tendências de soterramento das antigas formas de vida. O fato é que a pós-modernidade é ainda, para muitos teóricos, fracamente nomeadora de uma realidade, um conceito sem forças, uma moda, um capricho.

No meu entender, o ponto forte da pós-modernidade é que ela nos ensina que as certezas são provisórias como a vida a despeito da insistência, da resistência e das reformulações que um mesmo sistema consegue introduzir e reintroduzir. Tudo passa, tudo muda, tudo se transforma, nem mesmo que seja para continuar sendo o que é, em processos lentos e às vezes imperceptíveis que anulam, recriam e inventam formas do real: nem sempre assombrosas e aleatórias; nem sempre seriais e tranquilas.

As AGEONs apresentam mudanças que não fazem grande alarde mas que não podem ser vistas apenas como um avanço da modernidade de sempre. Não é possível pensar na modernidade cheia de escritórios e chaminés sem olhar para metamorfoses ocorridas no mundo do trabalho e que se estendem para além do chão das fábricas e certamente já não correspondem à imagem que fazíamos delas até meados do século XX. Para entender essas mudanças é fundamental a aproximação de terminologias que não estão ainda bem esclarecidas e onde um redemoinho de sentidos se agrega a palavras e termos como *on-line*, virtual, real, atual, ciberespacial. Trata-se, no caso, do *espaço* onde o *objeto* habita, e a intenção é romper com alguns mitos já criados sobre a internet e suas ilimitadas liberdades. Durante a escritura me esforcei para fugir das dualidades puras, *sujeito-objeto*, conteúdo-forma, que se prestam às iniciativas normativas da ciência tradicional, e que se esfacelam muitas vezes sob a força dessa própria ciência que as utiliza. Mas nem sempre foi possível e meu discurso se viu pescado, fogado pelas contradições. O anzol do tradicionalismo e do reacionarismo no céu da boca, doendo e rasgando, enquanto a escritura se debatia procurando escapar. Afinal, somos esquizoserres, e é perscrutando a pós-modernidade que percebemos o quanto nossos fundamentalismos e contradições são componentes dessa configuração. Os usuários da Catho lidam com forças do mundo informacional²⁸. Nele inscrevem seus currículos, na “montra sinistra” – a internet – e se lançam em busca de sonhos que nem sempre acabam bem; mesmo mundo onde circulam empresários e funcionários de agências que vendem sonhos que nem sempre acabam mal.

²⁸ “[...] o que é mais distintivo em termos históricos entre as estruturas econômicas da primeira e da segunda metade do século XX é a revolução nas tecnologias da informação e sua difusão em todas as esferas de atividade social e econômica, incluindo sua contribuição no fornecimento de infra-estrutura para a formação de uma economia global. Portanto, proponho mudar a ênfase analítica do pós-industrialismo (uma questão pertinente de previsão social ainda sem resposta no momento de sua formulação) para o *informacionalismo*. Nesta perspectiva, as **sociedades** serão **informacionais**, não porque se encaixem em um modelo específico de estrutura social, mas porque organizam seu sistema produtivo em torno de princípios de maximização da produtividade baseada em conhecimentos, por intermédio do desenvolvimento e da difusão de tecnologias da informação e pelo atendimento dos pré-requisitos para sua utilização (principalmente recursos humanos e infra-estrutura de comunicações)”. (Castells 1999a:268)

UMA CRÍTICA À VIGILÂNCIA EPISTEMOLÓGICA

eu e minha tese rolando na relva

É preciso alertar para um lugar-comum da contemporaneidade: as ciências como mercadoria – mais um “fetiche”? – fato que implica diretamente na organização do trabalho científico – e aqui se pode contar com os estudos de Jean-François Lyotard (1988) sobre a instrumentalização das ciências e as consequências dos financiamentos escusos aos quais muitos cientistas se dobram.

Um dos princípios da vigilância epistemológica consiste em interrogar o *objeto* buscando saber se ele merece ser medido, e qual o grau legítimo e preciso dessa medição. A exacerbação e o deslocamento da vigilância epistemológica podem levar à “obsessão das decimais” e “a um ritualismo dos procedimentos que, sendo talvez a caricatura do rigor metodológico, é, com toda certeza, exatamente o contrário da vigilância epistemológica”. É preciso obedecer rigorosamente, sequencialmente, às etapas epistemológicas: ruptura, construção e constatação, que são os fiadores da cientificidade sociológica. (Bourdieu *et al* 1999:19,20)

Para Durkheim (1999) uma das tarefas mais importantes, entre o final do século XIX e início do século XX, quando do nascimento da sociologia, era elevá-la ao estatuto de Ciência. A forma mais óbvia para alcançar esse objetivo foi aproximá-la dos cânones das Ciências Naturais delegando-lhe objetividade, rompimento com o senso comum, neutralidade, quantificação. Max Weber (1991), por sua vez, tinha uma noção mais ampla do que fosse ciência social: o olhar voltado para a cultura que o levou a buscar uma sociologia da compreensão. Os procedimentos dessa sociologia não descartavam a compreensão observacional que podemos associar ao senso comum, e de maneira indireta já se aproximava da fenomenologia, da hermenêutica. Os pressupostos destas últimas derivam da autocrítica científica, não negam a importância da posição do cientista e têm seus objetos, não como “coisas dadas”, mas como fenômenos com vida própria, capazes de serem abordados de sujeito para sujeito. Para Karl Marx e Friedrich Engels (1996) a Ciência teria como missão revelar o que a ideologia escondia, o que ela fazia parecer aos olhos comuns uma imagem invertida do mundo. A consciência do homem precisava ser despertada rompendo com

a alienação imposta pela classe dominante. A ideologia, o senso comum burguês, era uma forma de mistificação que deveria ser combatida. O senso comum é permitido apenas na literatura, na arte, onde se permitem licenças poéticas e licenças para a prosa.

Roberto Machado (1981) fala de uma crítica funda da racionalidade, afirmando que Michel Foucault, em determinado momento de sua obra, pôde avançar para além do patamar epistemológico e recolocar as questões relativas à cientificidade a partir de um ponto que prescinde da circularidade. A epistemologia faz a crítica do conhecimento a partir de suas próprias bases, não conseguindo escapar do moto-contínuo. Já a “arqueologia dos saberes” e a “abordagem genealógica” questionam os conceitos científicos, investigam a **produção da verdade** nas ciências, considerada como processo histórico que define e desenvolve a própria racionalidade; indagam do ponto de vista histórico e filosófico as condições de existência dos saberes, privilegiando as práticas discursivas dos indivíduos, grupos, instituições: **aquilo** que dizem, **como** dizem, o **porquê** de dizerem, por que **podem** dizer.

Para Boaventura de Sousa Santos (1989) uma das tarefas do senso comum é reconciliar a consciência social com o que existe, embora não se possa negar seu caráter ilusório ou preconceituoso, que pode ser mais ou menos acentuado, tudo dependendo do conjunto de relações sociais cujo sentido ele restitui. Embora muitos não concordem que haja uma crise do paradigma dominante, considero impossível não perceber que algumas descobertas das próprias ciências “exatas” abalaram os alicerces da racionalidade moderna, expuseram-na a desafios novos que a levaram a um outro patamar de onde olhar e questionar o mundo, a um novo paradigma. O que Santos (1989) chama de paradigma dominante, a partir de colocações de Thomas Kuhn (cf. Maia 2006) é aquele constituído desde a revolução copernicana e que veio se desenvolvendo nos séculos seguintes até se tornar um modelo de racionalidade científica, apoiando-se basicamente nos domínios das Ciências Naturais. O paradigma moderno da Ciência exclui de seus quadros as formas de conhecimento que não se encaixam nos seus princípios epistemológicos e não seguem regras metodológicas.

Foi o próprio aprofundamento da Ciência que desembocou em teorias que a fizeram oscilar: a relatividade de Albert Einstein²⁹ abala a física newtoniana e suas respectivas noções de tempo e espaço; a mecânica quântica mostra que o *objeto* observado sofre interferência do observador, “a ponto de o *objeto* que sai de um processo de medição não ser mesmo que lá entrou”, que só é possível obter resultados aproximados e as leis da física são probabilidades e não infalibilidades; o teorema de Gödel (cf. Kubrusly 2005) aponta a questão da indecidibilidade, ou seja, a existência de proposições que não se pode demonstrar nem refutar, e uma dessas proposições diz respeito à não-contradição do sistema; a teoria de Ilia Prigogine (cf. Fróis 2004) institui a condição histórica com base na auto-organização dos sistemas complexos, o que vem a pôr em dúvida o determinismo, a previsibilidade, a naturalidade da ordem e do equilíbrio; a psicanálise de Sigmund Freud³⁰ postula a existência do inconsciente e do psiquismo corporal que eliminam o dualismo corpo/mente.

Santos (2004) propõe então algumas frentes relativas ao paradigma emergente que podem ser resumidas em uma proposta de “conhecimento prudente para uma vida decente”. Com um mínimo de esforço percebemos, por exemplo, que a indústria armamentista sustenta a “guerra de Bush” contra o Iraque: quem desenvolve armas e estratégias? Quem projeta esses artefatos? Cientistas. Não se trata de culpar a Ciência, mas de perceber que suas evoluções, circunvoluções e revoluções acabam desabando sobre a cabeça daqueles que ela deixa de fora: os homens comuns com seu senso comum. Trata-se, então, de lutar por ciências mais prudentes em relação ao *corpus* social, o que paga as contas, usufrui suas benesses e está exposto aos seus perigos.

É preciso instituir vínculos e diálogos entre as ciências e o senso comum que tornem as primeiras mais sociais e o segundo mais crítico, elaborar pontes que permitam atravessar o abismo entre os laboratórios e a sociedade, porque não existe esse ser abstrato chamado *Ciência*, morando n’Olimpo, intocável, imaculado. Existem, sim, pessoas que produzem discursos e saberes muitas vezes apresentados como desvinculados das realidades sociais, do mundo cotidiano, quando sabemos que é a

²⁹ Ver “Como criei a **teoria da relatividade**”, por Albert Einstein. Palestra dada em Kioto, Japão, em 14/12/1922, pouco antes de receber o Prêmio Nobel. Disponível em: <<http://www.geocities.com/CollegePark/Bookstore/2334/bigcientistas/relatividade.html>>. Acesso: 26/08/2005.

³⁰ Ver “**Psicanálise**”, por Maria Helena Rowel. Disponível em: <http://www.geocities.com/mhrowell/pagina_depsicanalisehp.html>. Acesso em: 06/09/2005.

esse mundo que eles afetam diretamente. As questões relativas ao estatuto da Ciência recaem de certa forma sobre dois conceitos: “A Razão e A Verdade”. As palavras e as coisas que Michel Foucault diz sobre essa condição são esclarecedoras a partir do instante que nos fazem atentar para a “verdade” enquanto construto, discurso, dispositivo que se move em direções convenientes àqueles que a “decretam” historicamente:

a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e suas funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas noites de solidão, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault 1979:12).

Gaston Bachelard criou novas rédeas epistemológicas, atreladas ao relativismo nascente na época, e avançou em outras direções abrindo brechas no dogmatismo. Em sua obra, bipolar, percebeu a historicidade da epistemologia e a relatividade do *objeto*. São duras suas posições a respeito do senso comum e da necessária ruptura, presentes em sua obra diurna. Mas ele diz: “Demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma”³¹. (Japiassú 1976:47). As obras noturnas revelam um Bachelard afoito, contraditório, capaz de unir-se em dois para ser poeta e cientista, ao mesmo tempo. Com suas obras noturnas e diurnas, como podemos ler na dissertação de Simões (1999), e principalmente “através do conceito de imaginação material”, Bachelard contribuiu singularmente “para os estudos acerca do imaginário e para a estética filosófica contemporânea”. Figuras como Canguilhem, Foucault, Deleuze, Guattari, Lacan e Derrida encontraram nos espaços poéticos de Bachelard inspiração e refúgio, abrigo para a expansão da filosofia, práticas libertárias e teorias desconcertantes, capazes de criar perspectivas e pontos de fuga onde paralelas se encontram no infinito das capacidades criadoras do ser humano, e na incalculável complexidade de seus pensamentos e palavras, atos e omissões. Voltando à estreiteza

³¹ *A psicanálise do fogo* (1938), *A água e os sonhos* (1942), *O ar e os sonhos* (1943), *A terra e os devaneios da vontade* (1948) e *A poética do espaço* (1957)

do racionalismo aplicado³², devemos nos perguntar: até que ponto os próprios atos epistemológicos estariam isentos da contaminação que os autores denunciam em tantas teorias? A questão do poder, que deveria estar na base de qualquer interrogação sobre teorias e métodos das ciências, não parece ter sido devidamente abordada pelo racionalismo. Até meados do século XX, o léxico do estruturalismo dominava a cena das ciências sociais com sinédoques³³ lineares e monólogos autoritários, conjugando um presente que estancava o fluxo da história ou um passado congelado em descrições. Os enunciados denotativos e tipificações que preenchiam estruturas rígidas e imutáveis, “modelos ‘modernos’”, parecem ter se esgotado em sua capacidade crítica e analítica.

A complexidade cada vez maior das sociedades exige ferramentas conceituais capazes de abordar a coerência do que acontece na cultura, mas também a sua diversidade, a heteroglossia e a fragmentação que fazem parte dos padrões socioculturais contemporâneos. Levando em consideração esses padrões, tão ricos e inextricáveis, pergunta-se: é possível construir um modelo que abarque, sem sufocar, essa riqueza e inextricabilidade? As ciências sociais são capazes de encontrar um meio de lidar com as controvérsias e contradições inerentes à realidade sem, contudo, abrir mão de uma explicação plausível para os contornos e conteúdos das sociedades? É possível mostrar como se geram socialmente as formas da cultura e como se geram os significados compartilhados? Muitos teóricos acreditam que sim.

Na contramão do estruturalismo, autores como Homi Bhabha (1998) acreditam no nascimento de atores sociais capazes de um olhar mais libertário e da criação de valores, objetivos e subjetivos, que denunciem e modifiquem práticas perversas e dramas sociais aos quais estamos diariamente submetidos: fome, violência, corrupção, destruição ecológica. Todavia, pós-colonialista, Bhabha guarda certa distância dos

³² “Entre o conhecimento comum e o conhecimento científico a ruptura nos parece tão nítida que estes dois tipos de conhecimento não poderiam ter a mesma filosofia. O **empirismo** é a filosofia que convém ao conhecimento comum. O empirismo encontra aí sua raiz, suas provas, seu desenvolvimento. Ao contrário, o conhecimento científico é solidário com o racionalismo e, quer se queira ou não, o racionalismo está ligado à ciência, o racionalismo reclama fins científicos. Pela atividade científica, o **racionalismo** conhece uma atividade dialética que prescreve uma extensão constante dos métodos” (Bachelard 1972:45).

³³ Expressão que se funda na relação de compreensão e consiste no uso do todo pela parte, do plural pelo singular, do gênero pela espécie, etc., ou vice-versa.

pós-modernistas porque propõe um aprofundamento radical da condição política do escritor e do cientista advertindo que

se o interesse do pós-modernismo limitar-se a uma celebração da fragmentação das “grandes narrativas” do racionalismo pós-iluminista, então, apesar de toda a sua efervescência intelectual ele permanecerá um empreendimento profundamente provinciano (Bhabha 1998:23).

A cultura é uma atitude compartilhada por sujeitos sociais que já não cabem em definições estáticas, em megagrupos padronizados (burguesia *versus* proletariado). Mesclam-se de acordo com momentos e interesses, juntam-se para logo mais se dispersar em novas organizações, habitando subjetividades forjadas na articulação das diferenças, muitas vezes, reencenando a tradição para instituir outras temporalidades culturais. Palavras como ambivalência, catacrese, contingência, iteração, agonística e sobreposição recheiam os novos discursos abertos à fragilidade da história e são essas mesmas palavras que, paradoxalmente, apontam para a sua força.

O positivismo, funcionalismo, estruturalismo, os “ismos” todos, (inclusive, óbvio, o pós-modernismo) tendem a se transformar em istmos, interligando ilhas do conhecimento e a escrita é mais que simples forma de construir esses istmos; é parte da terra e dos pedregulhos de que são compostos. Talvez os mais críticos acusem minha escrita-ciência de não possuir dobraduras, ser binocular e maniqueísta. O lugar de onde falo é ao mesmo tempo confortável³⁴ e desconfortável: falo de um banco da academia, às vezes sou apenas um eco de autores consagrados. Mas me revolvo, me quero mandelbrotiana, anarmônica, peristáltica. Sinto, expelindo azedumes e açúcares, o desconforto, pois esse lugar requer freios, equilíbrio, exige e reclama dignificar posturas acadêmicas autoritárias. Como dizia Nietzsche em *A gaia ciência*, “para mim é tão odioso seguir, quanto guiar”. É com essa citação que Michel Onfray abre *A política do rebelde – tratado de resistência e insubmissão*.

Esse é meu lugar predileto, um pouco distante dos momentos em que a linguagem acadêmica não tem cheiro, não tem gosto, não toca nada, nada ouve, nada fala; é apenas código, como o refrigerante é código, receita, algoritmo, diferente do vinho, que é mistura de outro tipo, amálgama macerado, oposto da fórmula (Serres

³⁴ Quando eu disse “lugar confortável” poderia ter dito “lugar privilegiado”. Há cerca de 62.500 doutores no Brasil, o que representa aproximadamente 0,034% da **população** atual que é de 183.987.291 habitantes (2007). Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/censo2004/estratificacao/2004/tabela_a.htm> e <<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/12/21/327716442.asp>>. Acesso em: 28/12/2007.

2001). Na tentativa de romper com o convencionalismo utilizo um artifício literário: o uso de personagens cujos nomes foram retirados do livro de Homero (2003) *Odisséia* – onde me inspira o verbo navegar, comum tanto ao herói Odisseu quanto aos mortais internautas. Esse estratagema nasceu da convicção de que, se a academia se transformar em um espaço onde a transgressão seja punida, antes de ser completamente abolida, que se torne *establishment* e declare morte aos *outsiders*³⁵, é melhor que comecemos todos a rezar sobre o cadáver das ciências, nos entregando à mediocridade, que já espreita com um sorriso maroto e satisfeito as salas de aula.

O **Capítulo I**, *Por dentro de uma agência de emprego on-line*, tem como objetivo mostrar o que vêm a ser essas agências que manipulam os Recursos Humanos – RH, e intermedeiam as relações entre as empresas contratantes e os usuários em busca de emprego. A mediação das relações *on-line*, as questões referentes ao espaço, à topografia ciberespacial, a virtualidade também são assunto desse capítulo. Para tratar de assunto tão controvertido entra em cena Odisseu. Em seguida apresentarei a agência escolhida para estudo de caso e por fim contarei brevemente a história das AGEONs e das ATCs, procurando entre as duas formas de contratação as diferenças e semelhanças.

No **Capítulo II**, *O canto das engrenagens digitais*, o assunto principal será o funcionamento da Catho, seu grau de institucionalidade, seu comportamento dentro do âmbito jurídico. Na sequência abordarei os problemas e as principais vantagens desse funcionamento: como se dão essas transações, as transmissões de movimentos e força, os maquinismos, quais as principais mudanças e impactos que as AGEONs introduzem no mercado de trabalho através da tecnologia.

O **Capítulo III**, *A dupla dinâmica: capital e trabalho*, versará sobre as relações da AGEON com seus usuários. Buscarei caracterizá-los, criar um perfil dos assinantes com base nos depoimentos e estatísticas colhidos no *site* da Catho, tendo como foco os espaços geográficos, as questões de gênero e faixa etária bem como as exigências relativas ao grau de escolaridade e qualificação. O objetivo final do capítulo é mostrar

³⁵ Ver Elias (2000). “Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos-*outsiders* ilumina exemplarmente” (NEIBURG, Federico – Museu Nacional/UFRJ – orelha do livro).

como as subjetividades se encontram com a polêmica questão da centralidade do trabalho e como o capitalismo tardio também é capaz de criar nômades. Simultaneamente, a esmo e de olho nos mapas, pelos desertos e estradas do conhecimento busco perceber como as subjetividades dos indivíduos são atingida pelas novas modalidades de produção e consumo que caracterizam, na contemporaneidade, o mundo do trabalho.

Nas **Considerações Finais** – *making it happen*, volto ao título da tese para dizer quanto custa o (des)emprego, para fazer uma síntese dos abalos sofridos pelo universo do trabalho e seus habitantes diante da tecnologia, medir o peso da informa(tiza)ção na inclusão e exclusão dos indivíduos no mercado de trabalho e sugerir algumas formas de utilizar as estratégias neoliberais de forma que esse poder possa ajudar a minimizar as desigualdades sociais que ele mesmo causa, revertendo uma máquina cooptada, que já foi de guerra, novamente em instrumento de luta, mesmo no ciberespaço estriado.

E agora, ao trabalho então...

UMA pessoa habilitada para ensinar arithmetica, practica e theorica, offerece seu prestimo das 3 horas da tarde em diante, mediante um prego mui diminuto. Nesta typographia dir-se-ha quem é.

TYP. DE C. M. LOPES. — 1854.

Confidencial - SAO PAULO, SP

Atualizado em
04/12/2007

 adicionar na cesta  enviar e-mail  solicitar referência  agendar entrevista  convidar para processo seletivo

Professor de Matemática. Cursando o último ano de licenciatura no IME/USP. Experiência de dois anos em colégio/curso pré-vestibular de grande porte na elaboração de material didático, participação na coordenação de Matemática. Domínio de todo conteúdo do ensino fundamental e médio e alguns temas de matemática abstrata. Parte da banca corretora da OBMEP em Novembro de 2007.

PRECISA-SE alugar um preto ou preta que saiba cozinhar e o mais arranjo de uma casa de familia; na rua das Flôres n. 13.

Nesta typographia admittem-se meninos bem morigerados para aprenderem as artes de compositor e impressor.

CORITIBA. — TYP. PARANAENSE DE C. M. LOPES.

Dados da Vaga

Título:	Cozinheira
Data de entrada:	27.12.2007
Quantidade:	1 vaga
Descrição:	Profissional com experiência como cozinheira quituteira, para atuar em indústria.
Observações:	Horário de trabalho: segunda-feira a sexta-feira das 8h às 17h50 com 1h15 de almoço (12h às 13h15).
Faixa Salarial:	A Combinar
Cargo:	Cozinheiro
Cidades:	<ul style="list-style-type: none"> SAO PAULO-SP (1 vaga)

Classificados Colagem 2007 – CASSANDRA VERAS



Este capítulo tem como objetivo responder à seguinte pergunta: o que é uma “agência de emprego *on-line*”? Começarei discutindo “o virtual”, o atual e o real sob o ponto de vista de vários discursos; aproveitarei para introduzir Odisseu, personagem que me ajudará a tornar a escrita acadêmica mais informal e a debater a virtualidade. Pretendo, com base nessa discussão, explicar o porquê da escolha do adjetivo *on-line* ao invés de “virtual”. Em seguida apresentarei as AGEONs, de onde elas provêm, o que oferecem, como são montadas. Deterei-me na Catho para entender por que foi fundada, com base em que motivações, quais são seus objetivos. Depois de apresentar a Catho traçarei um contorno mais amplo da emergência das agências de emprego, uma trajetória que vai desde os primeiros anúncios de vagas nos jornais do século XIX, passando pela normatização delas e do trabalho, no início do século XX, até chegar às AGEONs, procurando as semelhanças e diferenças dessas configurações, no tempo e no espaço.

1.1. VIRTUAL, ATUAL, REAL

o ser-*on-line* das agências

Logo ao mergulhar nas primeiras leituras e pesquisas fui assediada por questões que envolvem a semântica, mas que vão além dela e terminam por afetar conceitos, categorias e expressões que não se encontram ainda suficientemente disseminados e consolidados nas ciências sociais, principalmente as oposições entre real, virtual e atual.

Eu precisava nomear as agências de emprego e atribuir-lhes um adjetivo que indicasse o fato de serem empresas cujas relações com seus usuários se dão via internet. Comecei por chamá-las de “agências virtuais de emprego” ou ainda “agências

de emprego virtuais” (até mesmo a colocação do substantivo “emprego” no plural podia dar a perceber que os empregos é que eram “virtuais”). Pode parecer não haver nenhuma diferença, mas a inversão dos termos e sua exata grafia implicam em atribuir importância maior ao fato delas serem “virtuais” ou ao fato delas serem agências “de emprego”. Decidi-me pela segunda denominação, pois o primordial nelas é que são agências de emprego, por circunstância, “virtuais”. Depois dessa primeira questão, comecei a perceber que o adjetivo virtual englobava muito mais do que a simples indicação de que as relações das AGEONs com seus usuários se davam via computador-internet, e então parti em busca de melhor explicar o que é virtual, o que é virtualidade.

A virtualidade, para Gottfried Wilhelm von Leibniz é o potencial que existe dentro de todo sujeito a respeito de tudo, algo mais ou menos como o potencial que todos nós possuímos de nos tornarmos um assassino ou um político, um médico ou um louco; como se tudo que cabe em um dicionário, se todos os adjetivos e verbos pudessem ser encarnados ou praticados por nós já que existem, senão atualizados, realizados por alguém, sempre em vias de o sê-lo.

Ora, é bem constante que toda predicação tem algum fundamento de verdade na natureza das coisas, e quando uma proposição não é idêntica, isto é, quando o predicado não está compreendido expressamente no sujeito, é preciso que esteja compreendido nele virtualmente. [...] Ora, sustentamos já estar compreendido em sua natureza ou noção, como as propriedades na definição do círculo, tudo o que deve acontecer a qualquer pessoa (Leibniz 1974:82,86)

Para Henri Bergson (1999) “virtual” continua sendo um adjetivo, e a virtualidade um processo ligado ao passado, às lembranças e às percepções, permitindo que cheguem até o corpo, atualizadas e logo reais.

O progresso pelo qual a imagem virtual se realiza não é senão a série de etapas pelas quais essa imagem chega a obter do corpo procedimentos úteis. A excitação dos centros ditos sensoriais é a última dessas etapas; é o prelúdio de uma reação motora, o começo de uma ação no espaço. Em outras palavras, a imagem virtual evolui em direção à sensação virtual, e a sensação virtual evolui em direção ao movimento real: esse movimento, ao se realizar, realiza ao mesmo tempo a sensação da qual ele seria o prolongamento natural e a imagem que quis se incorporar à sensação. (Bergson 1999:153)

Leibniz e Bergson não utilizam “o virtual” como substantivo. A virtualidade pode ser vista como latência, algo que está “lá” e pode se atualizar, ou não, que ao se atualizar se torna real. Entendo que essa definição **não** deve ser atribuída às AGEONs

dado que elas não estão latentes ou são somente um potencial, e diria o mesmo para outros tipos de relacionamentos *on-line* que não os comerciais: eles já **são**, a Catho **é**.

Gilles Deleuze busca “o virtual” em Leibinz e Bergson, mas não o constrange e nem mesmo o relaciona aos meios eletrônicos. Sua primeira preocupação é destruir a oposição entre “real” e “virtual” – o virtual como “possibilidade” do real – que de certa forma aparece no pensamento dos outros dois filósofos.

Opusemos o virtual ao real; agora, é preciso corrigir essa terminologia que ainda não podia ser exacta. O virtual não se opõe ao real, mas somente ao actual. *O virtual possui uma plena realidade enquanto virtual*. [...] O virtual deve ser mesmo definido como uma estrita parte do objecto real – como se o objecto tivesse uma das suas partes no virtual a aí mergulhasse como numa dimensão objectiva. [...] A estrutura é a realidade do virtual. Aos elementos e às relações que formam uma estrutura devemos evitar, ao mesmo tempo, atribuir uma actualidade que eles não têm e retirar a realidade que eles têm. Vimos que um duplo processo de determinação recíproca e de determinação completa definia as realidades: em vez de ser indeterminado, o virtual é completamente determinado. Todo o objecto é duplo, sem que as suas duas metades se assemelhem, sendo uma a imagem virtual e, a outra, a imagem actual. Metades desiguais ímpares. (Deleuze 2000:342-3)

Na visão deleuziana “o virtual” é algo vital que se dirige à filosofia do Ser, à sua própria existência e transformação dentro de singularidades e potências cuja multiplicidade busca a afirmação da diferença. A diferença e a repetição se referem exatamente à confusão que, segundo ele, se faz entre “o virtual” e “o possível”,

No virtual, a diferença e a repetição fundam o movimento da actualização da diferenciação como criação, substituindo, assim, a identidade e a semelhança do possível, que só inspiram um pseudomovimento, o falso movimento da realização como limitação abstracta. É ruínoza toda a hesitação entre o virtual e o possível, entre a ordem da Idéia e a ordem do conceito, pois ela abole a realidade do virtual. (Deleuze, 2000:348)

É uma posição filosófica profunda, mas que eu entendo não se poder atribuir à utilização da internet. Pierre Lévy acompanha a concepção deleuziana e para explicar o que é a virtualização repete a explicação do filósofo:

Consideremos, para começar, a oposição fácil e enganosa entre real e virtual. [...] Aqui, cabe introduzir uma distinção capital entre possível e virtual que Gilles Deleuze trouxe à luz em *Différence et Répétition*. [...] O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza. É um real fantasmático, latente. [...] A realização de um possível não é uma criação, no sentido pleno do termo, pois a criação implica também a produção inovadora de uma idéia ou de uma forma. A diferença entre possível e real é, portanto, puramente lógica. [...] A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades. Acontece então algo mais que a dotação de realidade a um possível ou que uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação das idéias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual. [...] O real assemelha-se ao possível; em troca, o actual em nada se assemelha ao virtual: *responde-lhe*. (Lévy 1996:15-7).

Entendo que Deleuze e Lévy se utilizam da linguagem filosófica para superar a causalidade fácil do positivismo, e se embrenham em um “virtual” que contém mais do que possibilidades. Impossibilidades, talvez? Nem tanto, apenas a pretensão de que o real não esteja limitado às possibilidades, mas que, as problemáticas surgidas dentro da existência possam ser resolvidas através da atualização, que implica em criação e é precedida pela virtualidade. Lévy chama de virtual as relações e problemáticas que podem ser resolvidas, atualizadas de maneiras mais criativas, engenhosas, inventivas, inesperadas, principalmente soluções que possam escapar às previsões do movimento circular das economias financeiras, globalizadas.

A despeito dessas abstrações, me sinto impelida a recorrer ao empirismo para falar de virtualidade como o senso comum a aplica hoje: amizade virtual, amor virtual, imagens virtuais, enfim, mundo-universo virtual, estabelecendo uma ligação interna entre o virtual e a digitalidade, a internet, a comunicação eletrônica. É mesmo possível transportar a “filosofia virtual” de Deleuze para as relações *on-line* e para o conceito de inteligência coletiva de Lévy³⁶, onde os arquétipos junguianos parecem se misturar à Inteligência Emocional e ao Quociente de Inteligência Emocional – EI/QE³⁷, terminando por apontar para um admirável paraíso informacional?

O ICOX (*software* gerenciador de inteligência coletiva) desenvolvido pelo Instituto de Inteligência Coletiva – ICO, foi adotado como centro gerador de troca de informações para os profissionais que atuam em Gestão de Conhecimento pelo Centro de Referência em Inteligência Empresarial – CRIE, da Coppe/UFRJ. Essa informação me leva a pensar o quanto livros como o de Pierre Lévy e concepções como as dele são cooptadas e se prestam perfeitamente às práticas discursivas a que já nos referimos antes, na *Introdução* (ver p.25), ligadas a disciplinas como administração e economia,

³⁶ “Desenvolvi a teoria de que quanto mais o cenário de um determinado coletivo é instável, de grande inovação e competição, mais aquele grupo terá benefícios e interesse em projetos interativos, focados em troca de conhecimento dinâmico usando as redes. Mas, o mais interessante do processo é que, pela velocidade das mudanças, quanto mais um grupo se utiliza do ambiente colaborativo da Web, mais ele se distanciará daqueles que não o fazem, valendo esta dinâmica para pessoas, empresas, instituições e países. As decisões tomadas, a experiência adquirida e a memória do grupo preservada com rápida recuperação para os que ainda virão – tudo isso, podemos chamar de Inteligência Coletiva”. (Lévy 2007)

³⁷ Inteligência emocional, chamada também IE é medida frequentemente como um Quociente de Inteligência Emocional. O QE descreve uma habilidade, uma capacidade, ou uma habilidade de perceber, para avaliar, e controlar as emoções de si mesmo, de outro, e dos grupos. Entretanto, sendo uma área relativamente nova, a definição da inteligência emocional está ainda em um estado do fluxo. Disponível em: <<http://www.din.uem.br/ia/emocional/#Inteligencia%20Emocional>>. Acesso em: 11/03/05.

à medição da *performance* racional e emocional, aos meios e treinamentos para aumentar esses potenciais: gestão (de pessoas, de processos, do conhecimento, educacional e escolar, ambiental, de projetos, de RH, da qualidade, documental, financeira), qualidade total, empreendedorismo. É um tentáculo do sistema de produzir voltado, paradoxalmente, para o acúmulo e o consumo que se vale de palestras, consultorias e livros de auto-ajuda para abraçar o maior número possível de “fiéis” que (re)produzirão o mesmo discurso: gestão, recursos, ciência e tecnologia, informação, signos de uma era onde a produção, a compra e venda de “palestras” e “*workshops*” se tornou um ótimo negócio, vendedores de falas lotando auditórios e hotéis, com seus apontadores laser e apresentações de *slides*, seus planos de negócio e planilhas de onde emergem incubadoras, empresas de inovações tecnológicas que se valem do capital de risco, sempre procurando dominar territórios cada vez mais extensos do terceiro setor.

A Catho cabe como uma mão dentro dessa luva neoliberal, pondo em prática esses discursos a seu favor, aproveitando o ensejo para “crescer” e se “expandir”, até um ponto em que fique tão grande que uma empresa ainda maior faça uma oferta irrecusável por suas “estruturas”. E onde estariam essas “estruturas” (que por certo não são “substâncias amorfas” – único antônimo, retirado das ciências biológicas, que consegui para “estruturas”)? Não entendo que o adjetivo virtual as defina a contento, e sequer entendo a substantivação de “virtual”. Estariam então, no ciberespaço?

Esse é mais um substantivo que no meu entender não faz muito sentido, pois mesmo como abstração não consigo percebê-lo. O que entendo é que há relações sociais que se dão através do uso de computadores e da internet, às quais prefiro chamar de *on-line* para que não impliquem ou sejam implicadas às definições filosóficas, pois acredito que elas são bem menos complexas, em sua formalização, do que o processo de virtualidade e atualização filosóficos; nem creio que elas, as relações sociais *on-line*, tenham algo a ver com oposições entre real e virtual, ou entre virtual e atual. Quando Deleuze fala de virtualidade, de virtual e de atual não está comprometendo a internet: fala desses conceitos quando ainda nem havia o poder infocomunicacional que hoje existe; fala deles a partir da realidade física e psíquica, ou mesmo de pontos abstratos, mas sem a intervenção da tecnologia das redes. Por que então “virtual” seria uma diferenciação entre o que se passa nas relações presenciais e

nas relações *não-presenciais* se, em ambos os casos, pode acontecer, ou não, o processo que transforma as virtualidades em atualizações? Pode acontecer que também nas relações presenciais e nas relações *on-line* tudo se resolva dentro das possibilidades contidas virtualmente no real, as soluções e os problemas venham a ocorrer mediante a semelhança ao invés da diferença, e sejam potências virtuais apenas nesse sentido, deixando de lado a criatividade e a inovação invocadas pelo virtual; assim como pode acontecer de, tanto nas relações presenciais quanto nas relações *on-line*, as soluções apontarem para horizontes virtuais, que não repitam ou se assemelhem ao esperado, àquilo que estaria contido nas possibilidades do real.

Para Adriano Arruda, diretor geral da Catho, não existem as questões que tanto me preocuparam: como nomear a Catho? Ela é uma empresa virtual ou *on-line*? Apenas uma agência de empregos ou uma RH completa? A Catho divulga classificados de emprego na internet pelo simples fato de que os currículos de papel já não serem viáveis hoje em dia, muito embora continuem a existir (sou testemunha disso, pois, amigos, e amigos de amigos, a mim recorrem para esse fim: digitar um *curriculum vitae*). Todavia é interessante notar na fala abaixo essa que é uma das características da pós-modernidade: muitos dos documentos e processos que antes eram feitos usando papel e entregue em mãos, hoje em dia se transformaram em formulários eletrônicos cujas informações vão ser armazenadas em um banco de dados com amplas possibilidades de pesquisa e filtrações.

Longe da oposição que Pierre Lévy faz, teoricamente, entre atual e virtual, Adriano Arruda está mais preocupado com o lado prático daquilo que pode ser chamado como quiser: real ou virtual, mistura dessas duas instâncias. O que importa é que a Catho funciona perfeitamente e para ele

não é uma agência virtual e nem uma agência real, e sim um classificado na Internet de anúncios de vagas de empregos e currículos onde, depois do início da Internet veio se encaixar com o nosso modelo de negócio, pois o currículo deixou de ser papel e, conseqüentemente o processo para se encontrar um candidato ficou muito mais rápido, minimizando o tempo de uma seleção (ver *e-ntrevista* na íntegra em *Anexo 01*).

Planells (2002) depois de fazer a análise crítica de termos e expressões – internet, novas tecnologias da informação, cibercultura, virtual – nos propõe o uso do termo *ciberespaço* que, segundo ele, possui uma carga semântica substancial e abarca

dois importantes aspectos: a “não-materialidade física” e a condição de “espaço praticado”. O ciberespaço, como espaço praticado, se caracterizaria pela maleabilidade de seus conteúdos sociais e pela flexibilidade dos vínculos sociais, podendo ser assim definido:

[...] llamaríamos ciberespacio a un tipo de espacio social creado de forma artificial, informáticamente, basado en flujos de información (cibernéticos) en formato digital, que es experimentada por los usuarios de forma híbrida o *ciborg*, es decir, a través de una mezcla de su cuerpo físico (orgánico) y de las diferentes máquinas y tecnologías que lo llevan *allí*. El ciberespacio, o, hablando con más propiedad, *los ciberespacios* a los que nos estamos refiriendo, son pues, los entornos interactivos y multipersonales utilizados (habitados) y creados por los usuarios de las diversas tecnologías que permiten la interconexión entre ordenadores o similares. (Planells 2002:33)

Ciberespaço é uma palavra que já pertence “ao museu de velhas novidades”. Seu criador, William Gibson, a utilizou pela primeira vez em seu livro de ficção científica *Neuromancer*:

A Matrix teve a sua origem nos primitivos jogos eletrônicos – disse a voz gravada –, nos primeiros programas gráficos e nas experiências militares com conectores cranianos. – No monitor Sony, uma guerra do espaço bidimensional desaparecia atrás de uma floresta de brotos gerados matematicamente, demonstrando as possibilidades espaciais das espirais logarítmicas; e então entrou uma filmagem militar azulada, com animais de laboratório plugados a sistemas de controle, capacetes controlando circuitos de comando de tanques e aviões de combate. – O **cyberespaço**. Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças aprendendo altos conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como marés de luzes de cidade... (Gibson 2003:68)

A palavra ciberespaço vem sendo usada de uma forma bem diferente daquela proposta por seu criador, não se referindo mais a uma alucinação consensual e sim a “algo”, uma abstração que não tem sentido de ser, já que pode ser facilmente explicada em termos materiais. Ciberespacial tem para mim o mesmo valor que virtual, ou seja, nenhum (exceto se considerarmos virtual no sentido de atualizações hipercriativas, desenhadas fora dos parâmetros estritos das economias globalizadas. Mas nesse caso teríamos a observar que nem todas as relações virtuais se dão nesse sentido, no sentido de ir além de um “simplesmente possível” que terminaria por ser semelhante ao real). Portanto, também não considero a necessidade do conceito de ciberespacial e me surpreendo ao encontrar tantas referências a ele. Seu derivado, cibercultura me é mais compreensível, dado que as culturas absorvem as tecnologias das máquinas (cibernética) e são por elas absorvidas. No entanto, as ciberculturas não se dão no

ciberespaço; se dão em relações culturais, em produções e apresentações das culturas através da tecnologia que inclui o uso de computadores e de sua disseminação via internet, e mesmo fora dela. A arte digital já encontra paredes e telões *off-line* onde se expor. O que acontece, a despeito de minhas relutâncias, é que todas as ciências parecem concordar com a existência de um “ciberespaço”.

O paradigma infotelecomunicacional³⁸, por exemplo, vê no ciberespaço um perfeito modelo para os oligopólios, conglomerados multimídias, alianças, fusões, *holdings* que arrastarão, para o buraco negro dos benefícios econômicos de uma minoria, as esperanças libertárias

que implementam diretrizes de atuação conjunta em âmbito planetário. [...] As companhias evoluem de uma mercadoria a outra com tamanha rapidez que quase não sobram chances para firmas de médio porte. [...] Não é casual que a Internet, como espaço multimídia, por excelência, atraia as corporações. Trata-se com efeito de um mercado promissor. Em 2000, os assinantes da AOL gastaram com compras virtuais nada menos do que US\$ 20 bilhões. [...] Os portais de conteúdos duelam para ocupar e, o quanto antes, hegemonizar os espaços de comercialização, a fim de consolidar a Internet como mídia de massa. [...] A arrancada dos portais descortina uma expectativa de rentabilidade que as *home pages* tradicionais não vinham conseguindo. Por isso, as empresas migram para uma concepção flexível, compatibilizando seu universo produtivo com conteúdos. Sem essa flexibilidade seria impraticável adaptar-se ao ambiente fluido e mutante que caracteriza o ciberespaço. As vantagens da economia digital soam indiscutíveis: custos divididos com provedores; variedade de recursos multimídias; audiência em alta contínua; comércio eletrônico e anunciantes (Moraes, 2001:21,29,30-1)

Moraes (2001) aponta o domínio planetário das corporações, não subestima o predomínio dos megagrupos no atual cenário de transnacionalização, mas aposta nos movimentos sociais na internet, na cibermilitância, que reforçam a sociabilidade política dado que

graças à plataforma digital, os chamados à mobilização social ultrapassam barreiras geográficas, atropelam fusos horários e desconhecem grades de programação. Os intercâmbios tornam-se rápidos e acessíveis. O ciberativismo alicerça campanhas e aspirações à distância, no compasso de causas que se globalizam (combate à fome, defesa do desenvolvimento sustentável, preservação do equilíbrio ambiental, direitos humanos, luta por um sistema de comunicação pluralista). As entidades civis valem-se da Internet enquanto canal público de comunicação, livre de regulamentações e controles externos, para disseminar informações e análises que contribuam para o

³⁸ “Os aparatos infotelecomunicacionais viabilizam uma convergência flexível da forma (o suporte técnico), de conteúdo (softwares, programas televisivos, filmes) e de veiculação (satélites, fibras ópticas etc.). Devemos unir os prefixos dos três setores convergentes (informática, telecomunicação e comunicação) em uma só palavra que designa a conjunção de poderes estratégicos relacionados ao macrocampo multimídias: infotelecomunicações. Ela comporta as reciprocidades e interdependências entre os suportes, bem como as ações coordenadas para a concorrência sem fronteiras. O paradigma infotelecomunicacional constitui vetor decisivo para os impérios midiáticos, tendo por escopo a comercialização ilimitada de produtos com tecnologias avançadas. A conjugação é essencial à geração de um volume de serviços que alimentem as indústrias multimídias globais.” (Moraes 2001: 15)

fortalecimento da cidadania e para o questionamento das hegemonias constituídas (Moraes 2001: 141).

Infelizmente minha tendência é concordar com Jean-Marie Messier, presidente do grupo Vivendi Universal³⁹ que, questionado sobre as razões que o levaram a montar um império multimídia, respondeu:

Eu tinha subestimado a rapidez da convergência entre as indústrias de telecomunicações e as de comunicação. Haverá em breve uma única porta de entrada, em cada lar, para a imagem, a voz, a multimídia e o acesso à Internet. Essa evolução está em curso. A aceleração me leva a concluir que precisaremos ser capazes, para conservar as margens, de dominar toda a cadeia: conteúdo, produção, difusão e vínculo com os assinantes (Messier *apud* Moraes 2001:20).

Minhas pesquisas sobre a Catho mostram a questão dos oligopólios como uma efetividade no setor de venda de vagas de emprego, como será visto no item seguinte. Mas não é apenas isso que me leva a não compartilhar do otimismo de Lévy, nem tampouco do cibermarxismo de Moraes ou a crer no “poder da identidade” de Castells. Não vejo como alimentar ilusões a respeito da destruição dessas megamáquinas, nem acredito em uma consciência planetária que “o virtual” ajudaria a construir; penso que haverá sempre os grupos interessados em construir tempos e espaços libertários menos ligados ao lucro e mais interessados na partilha e no bem estar geral. No entanto, a agonística é parte da condição humana e essa luta é infinita enquanto durar, mesmo porque, embora travestido de Céu ou de Ciberespaço, os portais do Paraíso nunca deixarão de ser uma utopia, uma promessa necessária que impele a humanidade a viver mais um dia, muito embora sejam poucas as noites em que ela adormece achando que deu passos em sua direção. Não se trata de um pessimismo arraigado ou de uma percepção enganosa de que nada mudou ou melhorou; a questão é entender que a tão sonhada “paz mundial” ou o dia em que os conflitos cessarão é apenas um ideal, distante do cotidiano dos indivíduos e dos grupos. Não somos iguais; somos diferentes. E mesmo que a tendência seja a diminuição das desigualdades e o aumento da tolerância, sempre há de haver pontos de atrito dado que os envolvimento e desenvolvimentos não são seriais, homogêneos, lineares ou uniformes.

³⁹A Vivendi é a *holding* de mídia, telecomunicações e entretenimento do grupo francês Générale des Eaux, proprietário da maior companhia de águas e saneamento da Europa, que incorporou no final do século XX operadoras de tv, provedores de internet, editoras e companhias telefônicas. Em 2000 comprou por US\$ 44 bilhões a Universal Studios e a Universal Music. (Moraes 2001:20)

Manuel Castells é outro otimista, otimismo calcado na observação das redes com suas turbulências, múltiplas formas de intercâmbio e interação, aliados à falta de um centro articulado de poder. Ele as considera um veículo de organização para novos projetos de identidade que vêm surgindo. Assim sendo, os que não percebem claramente a força desses novos projetos, o fazem apenas por estarem ainda atrelados a uma visão moderna de mudança que requer projetos políticos bem definidos e palavras de ordem. Como contraponto, esse otimismo chama a atenção para sutis mudanças simbólicas

de dimensões cada vez maiores, processadas por redes multiformes, distantes das cúpulas de poder. São nesses recônditos da sociedade, seja em redes eletrônicas alternativas, seja em redes populares de resistência comunitária que tenho notado a presença dos embriões de uma nova sociedade, germinados nos campos da história pelo poder da identidade. (Castells 1999b:427)

Além da falta de clareza gerada pelos vários usos do termo “virtual” e “ciberespaço”, é comum que se confundam com mais um conceito – que ousou dizer, também é uma nomeação a não me convencer por completo: **realidade virtual**. Trata-se de uma experiência que diz respeito a dispositivos desenvolvidos em laboratórios de computação, um conjunto de *softwares* (programas, linhas de código) e *hardwares* (o próprio computador onde “roda” o software, luvas, capacetes e roupas) que permitem ao operador assim equipado

percorrer espaços sem localização, na companhia de pessoas que estão noutro sítio ao mesmo tempo que mantêm a convicção da realidade e da presença de uns e dos outros. De certo modo, “ser e não ser”... Eis o que nos parecem propor as nossas tecnologias de representação contemporâneas! Estranha resposta à velha questão de Hamlet! (Cadoz 1997:17)

De tão recentes, tendo sido realizadas pela primeira vez na Europa por volta dos anos 1980, com recursos e resultados bastante medíocres, essas experiências ainda podem nos parecer pura ficção científica. Mas em 1993, “[...] Duas pessoas, uma no Mônaco, outra em Paris, visitaram simultaneamente (e vendo-se mutuamente) a abadia de Cluny reconstituída em imagens de síntese” (Cadoz 1997:18). Essas imagens modeladas, iluminadas, coloridas e texturizadas pelas mais altas tecnologias da reprodução de imagens, através de *pixels*, apresentam um enorme grau de realismo que pode ser facilmente constatado e apreciado em filmes e jogos eletrônicos. Eu preferiria, leiga que sou, a expressão **experiência computacional**.

Não quero e não posso afirmar que tudo está contido na realidade, mas os problemas que os grupos humanos enfrentam diariamente, principalmente os que têm meios materiais precários, partem todos de realidades básicas, e nelas terminam: um lugar para dormir e comida ainda são coisas de uma concretude inegável, o que não significa dizer que os humanos não tiveram que muito abstrair, e ainda têm, para conseguir sobreviver a essa realidade tão “banal”.

A Catho é um exemplo disso, pois quando ela oferece no mercado vagas de empregos está vendendo a possibilidade de um indivíduo superar a condição de não-capitalizado, receber, em troca de serviços prestados, em troca de trabalho, algum dinheiro que lhe permita manter-se vivo, tanto mais e tanto melhor quanto mais bem remunerado o for.

Mas é certo que alguns filamentos da cibercultura atacam diretamente a economia de produção e consumo quando se fazem e desfazem em excessos de improdutividade. Existem internautas que se põem diretamente contra a moral da acumulação e do aproveitamento e preferem, ao invés de se dedicarem ao trabalho “árido e produtivo”, fazer a apologia do dionisíaco, empregando seu tempo em

dançar por horas em festas *tecno*, viajar por *links* banais e efêmeros do ciberespaço, produzir vírus, penetrar sistemas de computação, trocar informação frívola em bate-papos e grupos temáticos, etc. [...] Contra o segredo e a acumulação da informação, os cyberpunks propõem a orgia dos dados, a dança de *bits* pelo ciberespaço, a contaminação improdutiva de vírus, o transe, a colagem, as piratarias. (Lemos 2004:184-5)

Apesar de muitas vezes estarem do lado oposto da lei, essas personagens do ciberespaço não se vêem como criminosos, mas “como exploradores de um mundo eletrônico cujas regras não são claras” (Becker *apud* Lemos 2004:182).

Em oposição ao “tipo ideal” *cyberpunk*, Henry Lefebvre delineou o *cybernanthrope*, que seria o indivíduo escravo da técnica e preso cegamente à racionalidade instrumental:

O *cybernanthrope* quer o controle, a restrição, a estabilidade. Ele é asséptico, austero, objetivo, racional. [...] A cibercultura, com o arquétipo do *hacker-cyberpunk*, substitui a tecnocultura moderna com seu *especialista-cybernanthrope*. (Lemos 2004:186-7)

Ao participarmos do “ciberespaço”, percebemos nesse universo a diversidade e a riqueza das etnias, crenças, profissões, orientações sexuais e políticas, que ali estão concentradas e expostas permanentemente. Mas os atritos não cessaram e nem

governam a paz e a concordância no “reino virtual”: em meio à sociabilidade encontramos conflitos constantes e violentos⁴⁰. Contudo, acredito que essa interação é não só inevitável como, em inúmeros casos, benéfica. Não se trata de chegar a um comum acordo sobre “verdades básicas”, engendrar um consenso fácil ou fantasioso. Trata-se de alargar os horizontes, de partilhar. Trata-se de troca, de diálogo. Devemos considerar as possibilidades de expansão das liberdades democráticas e diversidades, mas levar em conta que a internet propaga igualmente políticas de ódio, pedofilia e informações obsoletas.

Provavelmente, se invadíssemos a privacidade dos usuários da Catho iríamos encontrar *cyberpunks* disfarçados de *cybernanthropes*, e vice-versa, pois no ciberespaço, como no espaço físico, o liso e o estriado mantêm um fluxo de troca permanente. O que já não se pode negar é o fato de que a expressão das várias formas de viver e de interpretar o mundo realmente encontrou, no uso da internet, uma maneira de burlar as fronteiras, migrações sem passaporte, exceto o poder aquisitivo (10% da população mundial estavam *on-line* em 2005⁴¹ e 22% da população mundial estarão *on-line* em 2011⁴², sendo o Brasil um dos catalisadores).

[parei aqui] Outros problemas envolvem o uso das diferentes variantes que derivam da noção de “virtualidade”, motivo pelo qual achei por bem atribuir às agências de emprego a expressão *on-line*. Esses problemas a que me refiro estão

⁴⁰ “O Orkut [por exemplo] segundo relatório da ONG Safernet acumula 45 mil denúncias envolvendo crimes contra os direitos humanos nas suas comunidades on-line e apresenta um crescimento da ordem de 10 vezes no número de denúncias mensais se comparado com o ano anterior. [...] milhares tem a ver com pedofilia.” Disponível: <http://idgnow.uol.com.br/internet/efeito_web/archive/2007/04/25/uma-pergunta-para-o-seu-orkut>. Acesso em 16/11/06.

⁴¹ “Quase 10% da população mundial têm agora acesso à *web*. É o que revela um recente estudo conduzido pelo site de pesquisas Nua.com. De acordo com a análise, a audiência global da internet cresceu para 580,78 milhões de pessoas no final de maio de 2002 – um salto de 173,68 milhões de usuários desde dezembro de 2000, quando a rede totalizava 407,1 milhões de adeptos. O estudo indica que, pela primeira vez em toda sua história, a Europa possui o maior número de internautas no mundo. De acordo com o site, há agora 185,83 milhões de europeus *on-line*, comparado com os 182,83 milhões nos EUA e Canadá, e 167,86 milhões na Ásia-Pacífico. No entanto, os dados também indicam que o hiato digital entre as nações desenvolvidas e outras em desenvolvimento está tão grande quanto sempre esteve. Enquanto os europeus representam 32% dos usuários de internet no mundo, somente 6% dos internautas (ou 32,99 milhões) estão baseados na América Latina. O Brasil, por exemplo, contabilizou 13,62 milhões de pessoas conectadas em maio, o que significa que 7,74% da população brasileira têm acesso à rede. No Oriente Médio e na África a situação é ainda pior, já que as duas regiões são responsáveis por apenas 2% do volume total de internautas no mundo. O país com a maior taxa de pessoas *on-line*, no final de maio, foi a Islândia, com 69,8% de seus habitantes tendo acesso à rede. A Suécia é a próxima, com 64,68%, seguida da Dinamarca (60,38%), Hong Kong (59,58%), e Estados Unidos (59,1%). Pelas previsões do Nua, o número de internautas deverá atingir o marco de 1 bilhão em 2005”. Disponível em: <http://ftp.mct.gov.br/temas/info/Imprensa/Noticias_2/Internet_2.htm>.

⁴² Disponível em: <http://www.bestlinux.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2668&Itemid=162>. Acesso em: 16/11/07.

ligados à mídia e a várias produções que utilizam um tipo de tecnologia que leva os espectadores a vislumbrarem um mundo não-material, descrito como não-real (a exemplo de *Matrix*⁴³, entre tantos outros). Essa “viagem”, tida quase sempre como lúdica, leva a uma leitura moralizante que aborda “o virtual” como uma espécie de renúncia ao “autenticamente real”, associando essas experiências a fugas e evasões similares àquelas provocadas pelas drogas, dessa maneira associando-se um discurso pejorativo ao “virtual”, trivializando-o. Para muitos, no dia a dia, “o virtual” continua sendo associado à irreabilidade, farsa, falta de autenticidade, algo secundário e descartável, subsidiário (Planells 2002).

Os *Massively Multiplayer On-line Role Playing Games* – *MPORGS* (games interativos *on-line*) e os *Multiuser domains* – *MUDs* são experiências similares ao que se chama “realidade virtual”, “mundos virtuais”, onde avatares interagem e convivem popularizando e firmando a internet como um espaço de relacionamentos da sociedade pós-moderna.

Nos mundos tridimensionais você pode “viver”, percorrer ruas, andar de *skate*, conhecer pessoas e ter a personalidade que bem lhe convier: quer ser um vampiro, um híbrido de homem-bicho, esquiloide, lobóide, uma tartaruga dada a citar poesias, um agente Klingon ou o Pato Donald? Você pode! (Wertheim 2001:171).

Num *MUD* tudo é possível. Mas você continua sendo você. E o grande diferencial é a morte:

Brincar de ser um peixe cantante ou uma pessoa do sexo oposto podem realmente ser experiências positivas, mas acreditar que são *equivalentes* a vida concreta é engano. [...] Se um cibereu é morto, ou mesmo se um computador hospedeiro sofre um desastre e um mundo *MUD* inteiro desaparece (como por vezes ocorre), é sempre possível reiniciá-lo, ou se pode criar um novo personagem e começar de novo. Além disso, o eu como o corpo físico fica doente *realmente*, sente dor realmente, e o que é crucial, está preso a uma rede social de outros eus físicos que não pode suprimir simplesmente desligando o sistema. (Wertheim 2001:182).

Os *MUDs* se encontram em pleno desenvolvimento e já é possível utilizar esse espaço liso para práticas estriadas:

Na Mainland Brasil, você poderá tornar-se um empresário virtual. Ou, se você já possuir o seu próprio empreendimento na vida real, poderá expandir seus negócios para o metaverso e criar novas formas dos seus clientes se relacionarem com os seus produtos e com a sua marca. Milhões de dólares circulam, mensalmente, no mundo virtual de Second Life e, cada vez mais, as pessoas e as empresas têm percebido o poder de inovação do metaverso. Com uma comunidade economicamente ativa,

⁴³ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Matrix>>.

Second Life tem proporcionado às pessoas que empreendem no metaverso uma complementação de renda ou até mesmo que a exploração da economia virtual se torne a sua principal fonte de ganhos. Além disso, grandes empresas do mundo todo, como a IBM, Sony, Warner Bros., Reebok, Adidas, Sun Microsystems, Dell e muitas outras mais têm estendido as suas marcas para a realidade virtual de Second Life.⁴⁴

Esses questionamentos incluem os usuários das AGEONs, aqueles que buscam, oferecem vagas de emprego ou são os intermediários nesse processo, pois todos já podem contar com a presença da Catho no *MUD Second Life*. Mesmo que em um momento posterior precisem de informações exatas sobre quem são e o que querem, enquanto estão no *Mainland Brasil* podem fazer vários tipos de negócios vestindo suas identidades mirabolantes:

Que tal ter a oportunidade de conseguir um emprego real estando no mundo virtual? Pode parecer estranho, mas isso é possível. A partir de agora, quem estiver no Second Life – o simulador de vida humana mais famoso da Internet – poderá contar com os serviços oferecidos pela Catho Online [...] a primeira empresa do gênero no país a iniciar suas operações no Second Life. A iniciativa vai permitir que um usuário do simulador tenha acesso aos anúncios de vagas de empregos cadastrados na Catho Online, entre outros serviços. Assim, o seu “avatar” (nome dado aos personagens virtuais que povoam o universo do Second Life) poderá ajudar na busca por uma nova oportunidade profissional. (Silveira 2007)

Os administradores da Catho não perdem uma única oportunidade e, ao tomarem a atitude de permitir que avatares usem “o mundo virtual” para encontrar o “mundo real”, deixam ainda mais fina a linha que separa um do outro e com isso apuram muitos “reais” vendendo vagas de empregos. O que era apenas brincadeira foi crescendo, crescendo e absorvendo, inclusive o mundo dos negócios: o simulador da vida humana *Second Life BR* está movimentando algo em torno de R\$3.000.000 por dia, e o número de usuários cadastrados ultrapassa os 7 milhões⁴⁵.

O crescimento da Catho pode ser atribuído a sua capacidade de acompanhar os avanços tecnológicos e não perder sequer uma chance de conquistar novos espaços. A agência já tem planos que visam disponibilizar 100% dos anúncios de vagas, e todos os seus serviços no *Second Life*, prevendo que num futuro próximo seja ela mesma, a Catho, também, uma empresa MUD, e tudo possa ser simulado em três dimensões:

No futuro, nossa intenção é construir um grande edifício, onde ofereceremos desde uma simples busca de vaga de emprego até um completo centro de capacitação profissional. (Adriano Meirinho, gerente-geral de Marketing da Catho Online *apud* Silveira 2007)

⁴⁴ Disponível em: <http://www.mainlandbrasil.com.br/comercio/negocios.aspx>.

⁴⁵ Disponível http://www3.catho.com.br/institucional/imprensa_read.php?id1=1304&id2=211&wich=imprensa.

Só quem já “viveu” em um *MUD*, ou andou brincando com o jogo *The Sims* – que também simula a vida humana – sabe o quão envolvente se torna essa experiência, como o tempo e o espaço são transtornados, o quanto ela influencia psicologicamente e afetivamente aqueles que se dispõem a esse tipo de esquizofrenia. Mas há quem discorde. Marcelo Abrileri, diretor da AGEON Curriculum Tecnologia Ltda, por exemplo. Eis sua opinião:

Tenho lido e ouvido falar muito sobre o Second Life. Vejo que grandes e respeitadas empresas têm aderido aos encantos deste novo serviço, e profissionais de destaque, em excelentes posições, têm investido polpidos recursos e defendendo que este é o futuro e que ele veio para ficar. A proposta é interessante, bem como todo o trabalho de tecnologia envolvido, e sem dúvida admiro principalmente o trabalho do pessoal de marketing e comunicação deles. Digo isso porque, diferentemente destas grandes e respeitadas empresas e seus renomados profissionais, não concordo com todo este barulho, com todo este encantamento que a mídia vem dando e, principalmente, com o timing do Second Life. Vale dizer ainda que eu trabalho com tecnologia, acredito que tenho mente aberta e estou cercado de pessoas abertas, que vivem tecnologia no seu dia-a-dia e que em geral compram fácil todas estas novidades. Ironizando: afinal, se a Empresa X entrou, então deve ser bom. Se o Beltrano da Empresa Y e o Sicrano da Empresa Z estão lá, ou estão falando bem do assunto, então deve ser algo bom e deve ter futuro! Não quero dizer com tudo isso que a idéia não seja interessante, ou mesmo que não tenha lá o seu apelo. Mas a meu ver, o barulho que está sendo feito é muito, muito maior do que o Second Life é capaz de nos oferecer de fato⁴⁶.

Mas existe uma pergunta que não quer calar: Por que sete milhões de indivíduos sentem a necessidade de experimentar uma outra vida e por que essa vida passa a ter uma importância tão grande em seu comportamento e em suas subjetividades “concretas”? Por que “O Virtual” e “O Ciberespaço” se tornam cada vez mais consistentes como portais religiosos para novas e parapsicológicas experiências? Wertheim (2001) tem uma resposta plausível para a enorme importância dessa nova geografia surreal:

Após trezentos anos de fisicalismo, o ciberespaço ajuda a explicitar, mais uma vez, algumas das extensões não físicas da essência humana, sugerindo novamente as limitações inerentes de uma concepção materialista, estritamente reducionista da realidade. Mais uma vez, desafia-nos a contemplar, além do dogma fisicalista, uma concepção mais complexa e nuançada tanto de nós mesmos como do mundo à nossa volta. (Wertheim 2001:184)

Para que o fisicalismo não me engula tal qual Saturno a um de seus filhos, introduzirei personagens fictícios que interagem com indivíduos não-fictícios, e personagens não-fictícios que atuam em ambientes fictícios. Quem sabe assim eu esteja atualizando uma virtualidade da linguagem acadêmica. Aproveito a

⁴⁶ Disponível em: <http://abrileri.wordpress.com/2007/07/06/a-%E2%80%99Crealidade%E2%80%99D-do-second-life/>.

oportunidade para apresentar Odisseu e um pouco de sua vida pós-moderna. Ele é a personagem junto a quem desejo criar para os leitores imagens lúdicas do que pode ser – e é – a vida dos internautas, mas inclusive e principalmente, suas incursões pelo espaço estriado, no caso, a Catho (deixando claro que não há um absoluto espaço estriado, tampouco um absolutamente liso).



FIGURA 1. Saturno devorando um de seus filhos, 1823 – GOYA.

Ele não estará presente em todas as páginas. É um fantasma que aparece de quando em quando para dar um susto amigável, fantasma camarada cujo intuito é apenas romper a dureza da fala acadêmica com seu ser inefável, diáfano, translúcido, atravessável. Odisseu angélico, cujo corpo permanece longe e quase parado enquanto ele navega pelos sete *zilhões* de *terabytes* (*Anexo 02*). Com vocês o ciberespacial Odisseu e com ele seus badulaques, encontros, tragédias, “viagens”: a internet; agências de emprego *on-line* e seus clientes; seus pais, encontros com familiares e amigos...

Odisseu tem 31 anos e é mestre em sociologia. Sua formação em uma universidade nordestina de forte tradição marxista-leninista, e por que não dizer, stalinista juntamente com as falas do pai, Laerte – preleções sobre “O Partido”, a Internacional e as palavras de ordem que prometiam que o proletariado unido jamais seria vencido – esse tipo de vivência, o leva a desconfiar de qualquer teoria que rejeite esses princípios, a não ver com bons olhos, sobretudo, aqueles pensadores ditos pós-modernos. É um internauta comum, que sofre de alergias intratáveis e seu modelo físico está longe de agradar às necessidades da mídia. Mas, no anonimato mascarado do universo *on-line*, ele é lindo, loiro e tem músculos desenhados. Noutros dias é cobiçada Helena, uma semideusa escultural que já viajou o mundo e tem vastíssima cultura. Em seus piores momentos Odisseu se disfarça de pastor da Igreja Universal do

Reino de Deus e entra nas salas de *chat* destinadas às lésbicas para levar até elas a palavra transformadora do Senhor. Ele cria histórias de vida em minutos, é um ás em escolher profissões, estado civil e aparência. Odisseu-Helena tem dificuldade em se desplugar. Milhões como ele estão ligados e interligados por cabos e conexões e *modems*, através do apoio indefectível de alguma telecom, empresa de comunicação.

Odisseu não tem emprego fixo, sua família bancou seus estudos e ele conseguiu algumas bolsas que o ajudaram financeiramente. Seu Laerte foi um daqueles trabalhadores que participaram ativamente do movimento operário brasileiro dos anos 1980. Acreditava na doutrina marxista e orgulhava-se de, mesmo semi-analfabeto, ouvi-la dos companheiros intelectuais em reuniões não muito bem-vistas pelo Estado. Orgulhava-se também de ser metalúrgico. O trabalho era sua “identidade básica” e o chão da fábrica o território onde a exercitava. Mas não só lá. No boteco da esquina, no estádio de futebol, Laerte sentia-se parte de um todo maior, de uma classe, de uma abstração que não lhe era toda dada na mente, mas que mesmo assim fazia sentido. O trabalho era o centro de sua vida e os aspectos políticos que envolviam partidos e sindicatos também o eram, já que para ele se encontravam intrinsecamente ligados ao trabalho, compositores de sua subjetividade. O fato de ser negro e nordestino e baiano não o ligava ao terreiro de candomblé que sua mulher visitava, às vezes, em surdina. Ele era ateu, comunista, metalúrgico, proletário. As outras subjetividades que também lhe cabiam, a baianidade e a negritude, não se sobrepunham à sua identidade de torneiro mecânico: acima de tudo, era aquilo que ele era. Com o passar dos anos esse valor foi sendo diminuído, as máquinas foram substituindo alguns de seus colegas, até que chegou a sua vez. Ou se atualizava ou estaria na rua do desemprego. Alguns profissionais se tornaram obsoletos. Botões e símbolos digitais pré-programáveis pareciam atender melhor às necessidades da produção e dos capitalistas. A arte que havia embutida em seu trabalho, mesmo que nem todos pudessem percebê-la, foi submetida a uma espécie de racionalidade que, de alguma forma, tornava menor seu orgulho como profissional, como se ele já não tivesse a mesma importância para a sociedade.

Quanto à sua mãe, Odisseu a perdeu em uma sexta-feira fatídica quando o canteiro de obras da futura estação Pinnus da Linha Ielou 4 do metrô, na zona oeste da

cidade de Ogígia, desabou na tarde do dia 12 de janeiro de 2007. O acidente, de acordo com as construtoras responsáveis pela obra, ocorreu devido à instabilidade do solo da região, agravada pelas fortes chuvas que atingiram a cidade dias antes. Dona Anticléia, setenta e cinco anos, tinha consulta com seu médico no bairro da Pedra Grande, às 14h. Dali, ela costumava pegar um ônibus, descer no Largo do Inhame e caminhar até a estação de trem. Seu marido a esperava às 15h30, na estação Santo Acre, mas ela nunca chegou. Aposentada, Dona Anticléia não gostava de ficar parada. Nadava três vezes por semana no Clube das Aposentadas do Lar, onde também fazia ginástica. Apreciava viajar para o interior e seu grande sonho era voltar para Golfo Pequeno, sua terra natal, onde freqüentara os candomblés de caboclo, cultos que deixaram sua mocidade ainda mais agitada e alegre. Abalado, Laerte, marido da aposentada, não conseguiu acompanhar as buscas. O corpo foi o primeiro a ser resgatado, na madrugada da segunda-feira⁴⁷.

Depois da comoção que se abateu sobre sua família, ele começou a definhar. Perdeu o gosto pela comida, pelo Jornal Internacional; passou a desprezar o Partido, pois nenhum de seus amigos pareceu dar mais importância a sua dor que à reunião semanal. Por outro lado, voltou seus interesses para as antigas crenças da mulher e passou a visitar amiúde o Centro Luz da Vida e da Morte, onde em mesas brancas buscava se comunicar com a falecida. Odisseu acompanhou o pai até que Seu Laerte o deixou definitivamente órfão: um dia simplesmente não acordou. O filho continuou a freqüentar as sessões espíritas. Elas atenuavam suas saudades e lhe traziam algum alívio, além de lhe proporcionar algumas amizades. Descobriu também que no *site* Espiritismo Online⁴⁸ podia se comunicar com pessoas que seguiam a mesma doutrina.

⁴⁷ O episódio relatado da morte de Dona Anticléia, mãe de Odisseu, teve como base o trágico acidente nas obras do metrô de São Paulo, acontecido no dia 12/01/2007. A construção de um texto que mistura fatos reais com as minhas invenções, personagens ficcionais e indivíduos de carne e osso com endereço e cadastro de pessoa física, tem como intenção renovar a metodologia e a exposição dos dados, no intuito de transformar a pesquisa de campo dando-lhe ilimitada imaginação (troquei os nomes dos lugares) sem, no entanto, fugir dos números e fatos. Acredito que essa **forma** envolve o leitor de uma maneira diferenciada, incorporando à escrita e ao **conteúdo** pitadas de humor, leveza, já que no meu entender um texto não termina de ser elaborado quando sai das mãos do escritor: o leitor é também autor quando lê segundo suas experiências sócio-culturais, conforme incorpora sua visão de mundo organizada de acordo com seu *status* político e econômico, seu gênero, segundo sua existência ímpar e grupalizada, ao mesmo tempo. Os dados incorporados ao texto foram retirados da Folha Online, Caderno Cotidiano, 14/01/2007, 14h27 e 26/01/2007, 10h2, respectivamente disponíveis em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u130487.shtml>> e <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u130988.shtml>>.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.wanderlino.com.br/espirtismo>>. Acesso em 18/02/2007.

Um horizonte inteiro abriu-se à sua frente. Perseguia as comunicações espirituais e nunca perdia a esperança de entrar em contato direto com as almas de seus falecidos pais. Sonhava com eles e em sonho conversava e os abraçava. Seu pai lhe dava conselhos oníricos e a imagem de sua mãe lhe mitigava a solidão. “Será a alma algo virtual?”, perguntou-se Odisseu. E daí em diante essa palavra tomou conta do seu pensamento: **virtual**.

Andava lendo bastante. Em sua cabeceira, dezenas de autores, livros sobre “o virtual”, sobre pós-modernidade, sobre a liquidez do mundo contemporâneo, entre eles, Zigmunt Bauman e Pierre Lévy. Essa obsessão pelo **virtual** começou quando leu o livro *O que é virtual?*, escrito por Pierre. Chegou a sonhar que conversava longamente com o homem.

Encontravam-se sentados em um banco, rodeados por um bosque onde havia árvores cujas folhas eram *microchips* brilhantes; a grama verdinha era toda feita de zeros e uns, mas tinha a textura macia da relva. Como num programa de TV, ao qual assistira anos atrás, as cabeças de Odisseu e de Pierre eram telas de cristal líquido, bem finas, e a imagem de seus rostos, em preto e branco, destoava do resto de suas roupas escarlates e do resto do ambiente multicolorido.

Suas falas estavam legendadas. Não se ouvia um único som. Odisseu parecia estar no fundo do mar e sua sensação de bem-estar era apenas comparável àquela que sentimos após fazer uma endoscopia – ópio. Sua mente flutuava, mas sentia que seus olhos estavam bem abertos e praticamente fixos; só seu pensamento se movimentava. Fascinado pelo livro que acabara de ler, sua primeira pergunta foi:

– Pierre, em seu livro *O que é o virtual?*, publicado no Brasil em 1996, você diz que o ciberespaço pode apenas reproduzir o espetáculo e a mídia em grande escala, ou pode criar uma civilização centrada na inteligência coletiva. Qual dos dois está ganhando a corrida hoje?

Pierre sorriu um riso condescendente e respondeu:

– Não há vencedores no momento. A inteligência coletiva está crescendo, como podemos ver na Wikipédia e em outros sites. A memória coletiva está sendo usada largamente. Mas os dois estão correndo juntos.

Odisseu resolveu trazer à baila o outro autor que andava lhe tirando o sono e provocando sonhos.

– Pierre, pode-se dizer que a definição de Zigmunt Bauman sobre valores líquidos da sociedade atual (aqueles que se modificam rapidamente e cujos laços são frágeis) foram causados pela relação com o virtual?

– Como assim, líquidos?

Nossa!, pensou Odisseu, serei eu a apresentar a tão renomado filósofo o pensamento de Zigmunt Bayman? Sentindo-se o máximo, explicou.

– É uma teoria desse filósofo polonês radicado na Inglaterra, autor de *Modernidade Líquida* e *Amor Líquido*. O senhor acha que a instabilidade das relações tem a ver com o virtual?

Pierre ajeitou os óculos e deixou que mais um sorriso iluminasse o monitor LCD que tinha em cima do pescoço à guiza de cabeça.

– Bem, primeiro teríamos que concordar com essa coisa da liquidez dos valores, mas não sei se entendi direito.

Os sonhos são estranhezas onde as pessoas nunca costumam se comportar de acordo com o que esperamos delas. Odisseu ficou meio impaciente e coçou a “cabeça”:

– Mesmo que não concorde com Zigmunt, o senhor acha que o virtual está modificando os relacionamentos entre as pessoas?

– Não acho que tenha a ver. Podemos falar em um tipo de aceleração de processos, todos os tipos de processos, incluindo o conhecimento, a economia e a política. As coisas são rápidas, e isso não é causado pela Internet, ela é apenas um dos vários fatores que contribuem para acelerar todos os processos culturais e sociais. Mas é claro que a globalização em geral traz grandes facilidades à vida urbana.

Com certa desconfiança nos olhos, Odisseu perguntou para seus botões: “Esse homem não está falando coisa com coisa. Pelo que entendi, em seu livro, ele não opõe real a virtual, mas sim, virtual a atual. Estou ficando meio louco e paranóico. Será que ando me viciando em informação?”

Odisseu sonhava que sonhava que sonhava, cada vez mais confuso, sem saber a diferença entre real, virtual e atual. Entortou ligeiramente o assunto, muito embora sua preocupação continuasse a ser com o conceito de virtual:

– Pierre, você acha que o crescimento na quantidade de pessoas patologicamente viciadas em internet se deve a um encantamento maior com a vida virtual do que com a real?

– Todo tipo de vida é real, não existe virtual ou real. Só há vida humana, não há diferença. Pessoas podem ser viciadas em qualquer coisa, em televisão, em sexo, em jogos, em álcool... Vício não tem nada a ver com o objeto. Vou dizer mais: tento desfazer mitos ligados à palavra virtual e demarcar uma linguagem teórica precisa. Enquanto tal, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. Acredito que a virtualização exprime uma busca pela hominização. É preciso desmontar a oposição fácil e enganosa entre real e virtual. Retrabalho conceitos de outros pensadores

franceses contemporâneos – como Gilles Deleuze e Michel Serres –, buscando analisar um processo de transformação de um modo de ser num outro.⁴⁹

Triiiiiimmm... trrrrrrimmm.... Acordou revoltado. Não tinha de imediato dissociado a onomatopéia do despertador com a legenda que no sonho saía dos lábios mudos de Pierre. Com os nós dos dedos puxou os olhos. A cabeça, que já não era um monitor LCD, se desanuviaria com um banho e o café da manhã. O mais impressionante é que lembrava de cada palavra das legendas da conversa onírica. Tratou de “transcrever” o sonho para o papel. Pretendia compartilhá-lo e já sabia com quem.

Odisseu tem um grande amigo, mais jovem, que ele considera quase um filho. Telêmaco é estudante de filosofia e com ele Odisseu adora tomar uma cervejinha e conversar sobre “a vida”. Resolvido a contar ao rapaz sua aventura, a seqüência de fenômenos psíquicos que lhe ocorreram durante o sono, mandou um *e-mail* para Telêmaco com o *subject* “fim de semana no balneário”. Telêmaco que estava *on-line* naquele momento, convidou-o no programa de mensagens e combinaram os detalhes.

Telêmaco resolveu convidar também Nestor, primo de Odisseu, simpático jornalista e Mestre em Comunicação, que é também professor da disciplina *Linguagem dos Meios Digitais* em uma universidade privada. Sendo de uma área das ciências humanas onde a aplicabilidade faz a diferença, aproximando-a das ciências exatas, Nestor anda preocupado com a virtualidade, mito que ele procura dissecar em suas aulas, “apresentando informações e argumentos que desmentem – ou tornam desnecessárias – algumas concepções atualmente usadas para o conceito”. Ele, Telêmaco e Odisseu passaram o último final de semana no balneário, e não faltaram diálogos esclarecedores. Estão à sombra dos coqueirais, fagueiros e tomando uma bebida bem gelada quando Odisseu pergunta, olhos centrados no quase-infinito oceano, com a intenção de provocar o primo:

– Nestor, tudo é virtual? Sei que como eu, você também andou lendo o livro de Pierre Lévy. Acha que a definição dele tem fundamentos?

– Posso citar palavra por palavra a definição de Lévy para virtual, já que, como vocês sabem, possuo memória fotográfica “O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma

⁴⁹ O texto que aparece no sonho de Odisseu envolvendo Pierre Lévy é uma entrevista com o título *O profeta da cibercultura - Pierre Lévy, sociólogo*, datada de 11/08/2007 feita por Gabriel Brust para o jornal Zero Hora. Cultura. A íntegra da entrevista pode ser encontrada em <http://www.ico.org.br/artigo_profeta.htm>.

situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização”. E acrescento: é uma definição filosófica. Como filosofia, é uma especulação, não ciência. Eu não conheço Filosofia, mas todos os meus alunos ou colegas que estudam a matéria dizem “Pff...” e desconversam quando toco no nome de Lévy.

– Por Santo Tomás de Aquino!! Eu sabia que você não era exatamente um filósofo, já que trabalha com as ciências sociais aplicadas, mas falar dessa forma da filosofia me parece um anacronismo. Nunca leu Boaventura?, perguntou entre estremecimentos, Telêmaco.

– Calma, Telêmaco... Nestor está só tentando arranhar seus brios. Não é, primo Nestor?, provocou Odisseu.

– Vou citar a página seguinte do livro de monsieur Pierre, e então veremos: “A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma ‘elevação à potência’ da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (‘uma solução’), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num corpo problemático”. E então, meus amigos, entenderam isto? Alguém entende isto? Poderiam dar um exemplo na vida real? Poderiam dar um exemplo da utilidade deste conceito? Então, por favor, me expliquem, porque, para mim, isto é incompreensível e inaplicável em ciências.

– É seu conceito de ciências que é inaplicável, caríssimo Nestor. Concorde comigo, Odisseu?

– Me vejo como um relativista, meu filho, e acho que tudo depende de pontos de vista. Pelo que sei do meu primo, ele deve estar se baseando em algum conceito da semiótica de Charles Sanders Peirce, seu centenário favorito, respondeu Odisseu apertando os olhos e franzindo a testa, como se pensar na semiótica lhe exigisse algum esforço.

– Sim, eu uso a semiótica como ferramenta para entender como o universo se estrutura, desde as menores sub-partículas da matéria até os gigantescos fenômenos galácticos, passando pelo cérebro humano e demais criaturas vivas. E vejo o universo, conforme a semiótica peirceana, como uma complexa relação de fenômenos significando coisas para outros fenômenos.

– Pelo conceito de semiose, a concepção metafórica de “virtualidade” de Langer, de que o cérebro forma “um mundo virtual”, é apenas mais um nível da semiose. Não haveria, então, um “outro mundo” dentro de nossas cabeças, mas apenas mais um nível de significação fazendo parte da cadeia semiótica. É mais ou menos isso, Nestor?

– Exatamente, Odisseu. Além disso, concepção mental não é algo irreal, “virtual”, porque nossos pensamentos são coisas reais e materiais: pelo que se sabe do cérebro, hoje, os pensamentos são definidos por ligações sinápticas entre células nervosas. Nossas concepções mentais, nossas idéias, nossos sentimentos, nossos conceitos, nossa imaginação, tudo isto são coisas físicas, interações entre células nervosas mediadas por neurotransmissores e energia elétrica. Pensamentos são esmagadoramente físicos. Não são exatamente coisas, mas interações entre coisas aparentemente físicas, que por sua vez são interações entre outras coisas, que são interações entre outras coisas, infinitamente. Tudo no universo é resultado de interações entre fenômenos, num complexo “joguinho de armar”.

– Deixe-me interrompê-lo, Doktor Nestor, pediu Telêmaco, sarcástico: e o que **não** é virtual?

– Uma interação “ao vivo” é mediada pela luz e pelo ar. Nas interações por computador, estes dois meios são traduzidos mais algumas vezes: a luz e o som são transformados em impulsos elétricos, depois digitalizados, transformados em orientações magnéticas (nos disco de computador), em energia elétrica (nos circuitos eletrônicos), em luz (nas fibras ópticas), em ondas eletromagnéticas, etc, e decodificados novamente na outra ponta da comunicação. O que aconteceu, na verdade, foi traduzir algumas vezes a informação, mediar mais algumas vezes uma mediação que já existia. Toda interação é mediada, não importa sua natureza. Isto

acontece com pessoas ou com qualquer outra coisa no universo. Quer dizer que, a rigor, não existe diferença entre uma interação ao vivo e uma interação por computador, a não ser na forma de maior resolução e qualidade da mediação – filosofa Nestor.

– Acho que Nestor quer dizer que uma interação ao vivo tem maior resolução, maior quantidade de informações que uma mediação por computador. Mas também é mediada. Sendo ambas interações mediadas e tendo ambas a mesma natureza, como todas as mediações, não faz sentido diferenciá-las, a não ser pelo nome da mídia: interações ao vivo, interações *on-line*, por exemplo. Não é isso, primo?

– Sim. E para terminar o assunto vou expor minhas considerações finais: Em Pedagogia, Informática e Comunicação, os termos “virtual” e “virtualidade” são definidos imprecisamente ou impropriamente e não explicam a natureza dos fenômenos em que são aplicados. Como significado oposto ao real, não devem ser usados porque todas as interações que existem no universo são reais, inclusive a imaginação. Ou, visto pelo ângulo da Semiótica, todos os fenômenos do universo são significações. Como significado de simulação ou de interações por redes de computadores, “virtual” não deve ser usado porque leva à confusão com o uso histórico do termo. Existem opções mais precisas: ambiente *on-line* ou ambiente simulado são bem mais explicativos que “ambiente virtual”. Realidade simulada, melhor que “realidade virtual”. Como metáfora de sala de aula presencial, é desnecessário, pois a função da metáfora seria explicar algo complicado, e, hoje, praticamente todo mundo entende o que é comunicação via internet sem necessidade de metáfora.

– Sua idéia de ciência é tão dura quanto sua cabeça, Mr. Nestor, disse Telêmaco, mas já com um indício de sorriso nos lábios, mais apaziguado. Começava a concordar, em termos, com o professor.

– Em uma coisa temos que estar de acordo, virtual e virtualidade são termos ainda confusos e presos a emaranhados filosóficos. Eu penso que a frase “Há mais entre o céu e a terra do que possa imaginar a nossa vã filosofia” tanto mais sentido faz quanto mais os seres humanos desenvolvem suas ciências, proferiu Odisseu, fã incondicional de William Shakespeare.⁵⁰

Odisseu sente que está na hora de refrescar os miolos e encontrar os golfinhos. Joga o boné, retira os óculos de sol, chama os amigos e todos se dirigem para a água salgada do mar. Enquanto caminha pela areia fervente, uma paz se apossa dos seus pensamentos e toda conversa fica esquecida diante do enlevo de mergulhar no oceano, sentir as ondas e o fluxo de alguma eternidade vã que elas trazem à praia.

À noite, deitado na areia olhando a lua e as estrelas, sente a ansiedade voltar aos poucos, cada músculo relaxado pelo dia de descanso se retesa novamente à medida que as elucubrações sobre o virtual se reinstalam, prenúncios de insônia e inquietação. Aquele céu claro, que também o leva a sentir fluxos de infinitude e eternidade, o faz pensar no que seja o espaço. O teo-espaço, o telespaço, o geo-espaço, o ciberespaço. Odisseu se encolhe em frios ao constatar como tudo é circular, redondo, esférico, mesmo diante da linha reta do horizonte que, ao invés de desestimular a idéia de

⁵⁰ A conversa entre Odisseu, Telêmaco e Nestor são excertos do artigo *O mito do “virtual” e da “virtualidade”*, escrito em 14/06/2007 por José Antonio Meira da Rocha em seu próprio site Meira da Rocha, Jornalismo Online, Planejamento Gráfico, Mídias Digitais, disponível em: <<http://meiradarocha.jor.br/news/2007/06/14/o-mito-do-virtual-e-da-virtualidade>>.

curvatura, termina por torná-la mais evidente. Resolve entrar na pousada e ler um pouco, uma maneira que ele tem de chamar Hipnos⁵¹ para entregar-se aos seus braços. Abriu o livro que trouxera na viagem no Capítulo Seis, *Ciberespaço*, e leu:

Com a força exponencial de seu próprio big bang, o ciberespaço está vindo à luz numa explosão ante nossos próprios olhos. Assim como os cosmólogos nos dizem que o espaço físico de nosso universo surgiu numa explosão a partir do nada, cerca de quinze bilhões de anos atrás, assim também a ontologia do ciberespaço é *ex nihilo*. Estamos testemunhando o nascimento de um novo domínio, um novo espaço que simplesmente não existia antes. O “espaço” interconectado da rede global de computadores não está se expandindo em nenhum domínio previamente existente; temos aqui uma versão digital da expansão cósmica de Hubble, um processo de criação de espaço. (Wertheim 2001:163).

É muita viagem dessa autora, pensa Odisseu, e ao mesmo tempo lembra do que dizia Nestor pela manhã. O pior é que lhe parece que os dois têm razão: um, aprazendo-se em destruir o mito do virtual; outra, vendo o nascimento de uma nova galáxia digital, a internet, povoada de computadores que “nos últimos quinze anos [...] cresceu de menos de mil computadores hospedeiros para mais de trinta e sete milhões”, universo em plena expansão. E o ciberespaço não é somente “um novo lugar para o convívio social e o jogo”. O comércio eletrônico foi responsável, no ano de 2002, pela negociação de 300 bilhões de dólares (Wertheim 2001:184).

Duas imagens extremas do ciberespaço atordoavam Odisseu: a galáxia informacional, repleta de textos e imagens, local de derivações e nomadismo, *blogsfera* tropical antropofágica, libertária; e o *shopping center* virtual, garra demoníaca da sociedade de consumo. Entre esses dois extremos, tudo! Será mesmo que a virtualidade bergsoniana, desencaixada, pautada na filosofia, capaz de trabalhar os conceitos de lembrança e memória, passado e presente, está tão longe do namoro virtual das *lan houses* quanto acreditamos? O virtual levyniano, passível de criar uma inteligência maior que a soma das inteligências que nele interagem, que se opõe ao atual, concepção extraída de Deleuze e Bergson, parece não se encaixar em bilhões de ações comerciais, extensões do capital, negócios multimilionários que envolvem desde o desenvolvimento de *software* a venda de roupas, tênis, cosméticos, carros, passagens

⁵¹ “[...] quando a expressão popular ‘cair nos braços de Morfeu’ pretende indicar que alguém vai dormir o sono dos justos, comete um engano mitológico, porque a lenda explica que o responsável por esse estado de repouso é o deus Hipnos, de cujo nome, inclusive, surgiu o prefixo *hipno*, com o significado de sono, como em hipnose e hipnótico”. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/redacoes/87615>>. Acesso em: 01/09/2007.

aéreas etc.: tudo que pode ser comprado em uma loja de tijolo-e-cimento, também pode se adquirido abrindo-se uma janela espacial no computador.

Não há como construir uma unidade que possa ser atribuída à palavra virtual, essa é a conclusão desesperançada que alcança a fatia cartesiana de um Odisseu cansado. Queria parar de pensar. Virou-se para o criado-mudo e pegou um copo com água. *Filosofia virtual* era o título do outro livro que repousava na mesa de cabeceira de Odisseu. O sono jamais chegaria dessa forma; poluções mentais é que iriam vingar naquela noite. Mas ele não se entregou. Tomou um gole de água, esbofeteou mansamente os travesseiros e recostou-se para ler Deleuze:

A filosofia é a teoria das multiplicidades. Toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais. Não há objeto puramente atual. Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais. Essa névoa eleva-se de circuitos coexistentes mais ou menos extensos, sobre os quais se distribuem e correm as imagens virtuais. É assim que uma partícula atual emite e absorve virtuais mais ou menos próximos, de diferentes ordens. Eles são ditos virtuais à medida que sua emissão e absorção, sua criação e destruição acontecem num tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e à medida que essa brevidade os mantém, consequentemente, sob um princípio de incerteza ou indeterminação. Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades, cada um deles emitindo um outro, e todos rodeando e reagindo sobre o atual (“no centro da nuvem virtual está ainda um virtual de ordem mais elevada... cada partícula virtual rodeia-se de seu cosmo virtual, e cada uma por sua vez faz o mesmo indefinidamente”⁵²). Em virtude da identidade dramática dos dinamismos, uma percepção é como uma partícula: uma percepção atual rodeia-se de uma nebulosidade de imagens virtuais que se distribuem sobre circuitos moventes cada vez mais distantes, cada vez mais amplos, que se fazem e se desfazem. São lembranças de ordens diferentes: diz-se serem imagens virtuais à medida que sua velocidade ou sua brevidade as mantém aqui sob um princípio de inconsciência. [...] As imagens virtuais são tão pouco separáveis do objeto atual quanto este daquelas. As imagens virtuais reagem portanto sobre o atual. Desse ponto de vista, elas medem, no conjunto dos círculos ou em cada círculo, um continuum, um *spatium* determinado em cada caso por um máximo de tempo pensável. A esses círculos mais ou menos extensos de imagens virtuais correspondem camadas elas mesmas virtuais, e nas quais o objeto atual se torna por sua vez virtual⁵³. Objeto e imagem são ambos aqui virtuais, e constituem o plano de imanência onde se dissolve o objeto atual. Mas o atual passou assim por um processo de atualização que afeta tanto a imagem quanto o cérebro. O continuum de imagens virtuais é fragmentado, o *spatium* é recortado conforme decomposições regulares ou irregulares do tempo. E o impulso total do objeto virtual quebra-se em forças que correspondem ao continuum parcial, em velocidades que percorrem o *spatium* recortado⁵⁴. O virtual nunca é independente das singularidades que o recortam e dividem-se no plano de imanência. Como mostrou Leibniz, a força é um virtual em curso de atualização, tanto quanto o espaço no qual ela se desloca. (Deleuze *apud* Alliez 1996:49-51)

⁵² Michel Casse, *Du vide et de la création*, Editions Odile Jacob, pp.72-73. E o estudo de Pierre Lévy, *Qu'est-ce que lê virtuel?*, Ed. De la Découverte.

⁵³ Bergson, *Matière et mémoire*, Ed. du Centenaire, p. 250 (os capítulos II e III analisam a virtualidade da lembrança e sua atualização).

⁵⁴ Cf. Gilles Châtelet, *Les Enjeux du mobile*. Éd. du Seuil, pp. 54-68 (das “velocidades virtuais” aos “recortes virtuais”).

Os olhos já não queriam permanecer abertos e aos poucos foram se dando por vencidos. Finalmente adormecido, o livro sobre o estômago, Odisseu parecia em paz. Durou pouco. Seus globos oculares começaram a se mexer num ritmo impaciente. Elefantes cor-de-rosa em saíotes brancos com bolinhas pretas ensaiavam um musical *à la Disney*, enquanto na platéia o diretor observava atento. Um dos elefantes, aliás uma aliá, deixou o corpo de baile com as mãos na cintura. A orquestra parou abruptamente. “O que está acontecendo?”, perguntou de sua cadeira na platéia o diretor.

– Esse espaço cênico não é suficiente para todos nós, Monsieur Michel! – respondeu a aliá sacudindo as orelhas. Monsieur deveria me escolher como *partner* do melhor dos elefantes, e faríamos um solo... seria o suficiente. Ou então poderíamos fazer algo mais virtual, o resto das elefantas, aliás, poderiam estar dançando somente em um “telão” de plasma no fundo do palco. Esse espaço definitivamente é pequeno demais para nós.

Depois desse pequeno sonho Odisseu acordou e refletiu enquanto tomava mais um gole de água: o espaço o estava perseguindo até no sono. E recomeçou com suas elucubrações: o espaço virtual, *on-line* ou coisa que o valha não tem volume, tem “uma espécie de volume”; não tem volume e ao mesmo tempo é mais que tridimensional. Existe movimento dentro dele, do ciberespaço, e cismou pensando em suas navegações na *web*:

– Quando me desloco de site em site da Web, meu “movimento” não pode ser descrito por quaisquer equações dinâmicas. A arena em que me encontro on-line não pode ser quantificada por nenhuma métrica física; minhas viagens ali não podem ser medidas por nenhuma régua física. O próprio conceito de “espaço” assume aqui um sentido novo, e ainda pouco compreendido, mas certamente fora do alcance dos físicos. [...] Ironicamente, o ciberespaço é um subproduto tecnológico da física. Os chips de silício, as fibras ópticas, as telas de cristal liquido, os satélites de comunicação, até a eletricidade que provê a Internet de energia são todos subprodutos dessa ciência sumamente matemática. No entanto, se não poderia existir sem a física, o ciberespaço não está tampouco confinado à concepção puramente fisicalista do real⁵⁵.

O ciberespaço é uma invenção pós-moderna, um simulacro de espaço. Um lugar que ao mesmo tempo existe e não existe. O virtual, tal qual o senso comum e alguns autores o definem, acompanha esses raciocínios: é e não é. Uma janela ciberespacial é criada quando alguém liga um computador, se conecta à internet e passa a agir através de microfones, câmeras e teclados, visitando sites para ler artigos, fazendo transações bancárias, comprando produtos, conversando com conhecidos e desconhecidos, masturbando-se enquanto recebe estímulos em forma de palavras e imagens,

⁵⁵ Esta citação não é um pensamento de Odisseu, mas de Margaret Wertheim, retirado do seu livro *Uma história do espaço*, p. 197.

consultando processos jurídicos e informações bancárias, obtendo informações sobre qualquer assunto, ou navegando a esmo, clicando em *hiperlink* após de *hiperlink*, construindo um caminho até que um acaso controlado o leve a algum assunto, algo que desperte realmente sua curiosidade. Ali será feita uma pausa, breve ou longa, conforme o tamanho do interesse, para que logo mais, conforme a resistência do internauta, ele continue, indefinidamente, a clicar e clicar e clicar...

Mesmo quando é hábito diário entrar em um programa de troca de mensagens ou sala de bate-papo e encontrar dia após dia as mesmas pessoas, estejam estas no apartamento ao lado ou do outro lado do seu mundo, é de uma cadeira e de um computador onde estão gravados os dados que são emitidos (imagens, textos e sons), de um lugar absolutamente material que os internautas se lançam. E não vão chegar a um ciberespaço de existência fixa que lá estaria à sua espera. Para que esse espaço exista é preciso que um computador esteja ligado: se um *blackout* se abater sobre o mundo esse espaço deixará de existir, pelo menos enquanto a energia não for restaurada. Ao falar assim, lembro que existem baterias, lembro que os *bits* nem sempre percorrem um cabo coaxial, às vezes vão em ondas pelo ar...

Então, ciberespaço e virtual seriam apenas nomes que se dá ao contato entre pessoas com outras ou com informações, quando para isso elas não se encontram face a face, não usam o telefone ou os correios? Quando falamos ao telefone com alguém imaginamos que naquele momento o encontro se dá em um limbo⁵⁶, encontro de almas, ou mesmo de hologramas? Apesar de tudo que foi dito e do que posso imaginar sobre o futuro, ainda considero o ciberespaço apenas comunicação. As páginas da internet não estão eternamente suspensas em “algum espaço”. Estão contidas dentro de servidores, discos rígidos – *HDs*⁵⁷ – e somente se “materializam” na tela no momento

⁵⁶ O limbo era o lugar onde, segundo a teologia católica posterior ao séc. XIII, se encontram as almas das crianças muito novas que, embora não tivessem alguma culpa pessoal, morreram sem o batismo que as livrasse do pecado original. Veja <http://www.users.rdc.puc-rio.br/agape/vida_academica/artigos/amai/limbo.doc>.

⁵⁷ **Disco rígido** ou **disco duro**, no Brasil popularmente também **HD** (do inglês **Hard Disk**; o termo “**winchester**” há muito já caiu em desuso), é a parte do computador onde são armazenadas as informações, ou seja, é a “memória permanente”. O disco rígido é um sistema lacrado contendo discos de metal recobertos por material magnético onde os dados são gravados através de cabeças, e revestido externamente por uma proteção metálica que é presa ao gabinete do computador por parafusos. É nele que normalmente gravamos dados (informações) e a partir dele lançamos e executamos nossos programas mais usados. A cabeça de leitura e gravação de um disco rígido funciona como um eletroímã semelhante aos que estudamos nas aulas de ciências do primário, sendo composta de uma bobina de fios que envolvem um núcleo de ferro. A diferença é que num disco rígido, este eletroímã é extremamente pequeno e preciso, a ponto de ser capaz de gravar trilhas medindo

em que são “carregadas” e descarregadas através de “singelos” pacotes digitais por um protocolo de controle de transferência de dados. Nada de *phantastikós* ou *phantasticu*, algo que só existente na fantasia ou imaginação; nada de muito extravagante; nem incrível, extraordinário ou prodigioso: tecnologia, materialidade pura. Fisicalismo. Será?

1.2. O QUE É QUE UMA AGÊNCIA TEM?

primeiros esquemas, esquema catho

Uma AGEON, mesmo baiana, não tem torço de seda, brinco e corrente de ouro, nem pano-da-costa ou sandália enfeitada, mas tem sua graça, e precisa de muito requebro e jogo de cintura, principalmente as pagas, pois é razoável pensar que a concorrência com AGEONs gratuitas não é tarefa fácil.

Para saber o que as AGEONs têm, públicas ou privadas, pagas ou gratuitas, parti de sua própria denominação. Entre o realismo, o conceitualismo e o nominalismo⁵⁸, optei por mixar essas correntes: sem querer que as coisas existam em universais metafísicos – A Agência, O Emprego, O *On-Line* –; sem pretender deixar que um conceito defina princípios ou categorias capazes de traçar os limites de um gênero em particular, pois não quero “com conceitos, penetrar na natureza íntima das coisas [e] aplicar à mobilidade do real um método feito para fornecer pontos de vista

menos de um centésimo de milímetro. Quando estão sendo gravados dados no disco, a cabeça utiliza seu campo magnético para organizar as moléculas de óxido de ferro da superfície de gravação, fazendo com que os pólos positivos das moléculas fiquem alinhados com o pólo negativo da cabeça e, conseqüentemente, com que os pólos negativos das moléculas fiquem alinhados com o pólo positivo da cabeça. Usamos neste caso a velha lei “os opostos se atraem”. Como a cabeça de leitura e gravação do HD é um eletroímã, sua polaridade pode ser alternada constantemente. Com o disco girando continuamente, variando a polaridade da cabeça de gravação, variamos também a direção dos pólos positivos e negativos das moléculas da superfície magnética. De acordo com a direção dos pólos, temos um bit 1 ou 0 (sistema binário). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Disco_r%C3%ADgido>.

⁵⁸ As teses nominalistas são acusadas de reducionismo pelos realistas platônicos. Para os nominalistas não há objetos universais, apenas objetos particulares, irrepetíveis e imprevisíveis. Há apenas cada uma das inúmeras coisas brancas e cada uma das muitas pessoas humildes; não há, para além disso, algo recorrente como a Brancura ou a Humildade. Os chamados Universais não são necessários para explicar as semelhanças objetivas entre as coisas e seus predicados: os objetos particulares são suficientes porque para os nominalistas não é preciso invocar algo como a qualidade universal da Brancura para explicar por que é que as coisas brancas são brancas; a simples admissão dos particulares em questão, das coisas brancas existentes, basta. É possível nos contentar com coisas familiares, que povoam o cotidiano, que se podem ver ou sentir, sem precisar recorrer a coisas “bizarras” como qualidades universais, coisas que aparentemente não se podem ver ou sentir. Baseado em *Nominalismo vs realismo*. Disponível em: <<http://pwp.netcabo.pt/0154943702/nominalismovsrealismo.pdf>>.

imóveis sobre ela” (Bergson 1974:34); e tampouco assumo por inteiro o reducionismo extremo dos nominalistas onde tudo que existe é somente e apenas “texto”. Resolvi então deixar o devir-pesquisadora seguir à vontade o fluxo de simpatia pelo objeto, conversar com ele, interagir na medida do “impossível” e nessa relação tentar levantar alguns véus, sabendo que por detrás de um vem sempre outro, e outro, e outro...

Então, primeiro desmembrei os termos: 1) uma “agência” pode ser definida como uma empresa especializada em prestação de serviços, e que desempenha, em geral, função intermediária; 2) a definição para “emprego” já foi dada na *Introdução*; e 3) a expressão em inglês “*on-line*” significa em conexão com/entre sistemas de processamento e/ou transmissão de informação mediante o uso de computadores e internet.

Em seguida juntei os termos novamente. As AGEONs são **agências** que através do uso da tecnologia computacional armazenam digitalmente dados de empresas que fornecem vagas **de emprego**, e dados de seus usuários/assinantes, aqueles que terão acesso ao banco de dados. Esse banco de dados é disponibilizado via internet e permite vários tipos de consulta **on-line**, bastando, para isso, ter um computador ligado à internet e, em certos casos, para alguns tipos de consulta, que se pague por elas.

Algumas AGEONs oferecem seus produtos e serviços gratuitamente às empresas que cadastram vagas, mas geralmente os que estão em busca dessas vagas têm que pagar para ter acesso completo a elas.

Neste item mostrarei o que encontrei sobre as AGEONs em minhas primeiras pesquisas, como elas eram então. Explicarei o que são os serviços gratuitos, por que são gratuitos, se ainda existem, e tentarei entender por que, se eles existem, mesmo assim as grandes AGEONs que cobram para cadastrar currículos contam a cada dia com mais usuários. Começarei por discutir alguns dados relativos à emergência das AGEONs no Brasil no momento de formulação do projeto de tese, indicativos da originalidade desse estudo.

Na primeira pesquisa que realizei (agosto de 2002), atribuí às agências o adjetivo “virtual” e vasculhei catálogos *on-line*, bancos de teses e dissertações, e livrarias, buscando por *agências virtuais de emprego*, mas não houve nenhuma ocorrência, em nível acadêmico, que se referisse ao assunto. Os termos ocorreram, mas em outro contexto. Alguns trabalhos científicos tratavam de *virtual* ou *agência* ou

emprego, mas nunca os três interligados. O tema, traduzido para o inglês – *employment virtual agency* – também não foi encontrado enquanto objeto de estudo. Foram pesquisados: Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Catálogo Coletivo Nacional de Teses, *Digital Library of Mit Theses*, Fundação Biblioteca Nacional, UNICAMP – ACERVUS, USP – DEDALUS, Livraria Cultura e *Amazon Books*.

Por eu não ter encontrado referências direta e estritamente relacionadas ao tema “agências virtuais de emprego”, pesquisei, separadamente, na base de dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos – DIEESE, as palavras “emprego”, “desemprego”, “trabalho” e “contratação”, chegando aos seguintes resultados: 291, 145, 842 e 6 registros, respectivamente. Após uma triagem e a junção das listas, somaram-se 927 referências relativas aos quatro termos pesquisados. Na ausência de referências diretas às “agências virtuais de emprego”, a contraposição que seria feita “aos trabalhos que já versaram sobre o mesmo problema” não tinha lugar de ser (Severino 1993:124).

Fiz então uma pesquisa geral usando o *Google*⁵⁹ buscando as palavras agências virtuais emprego (sem aspas)⁶⁰ e encontrei 1.780 *links*, todos referentes às agências em si, propagandas delas, sem conotação acadêmica. Entre os 1.780 *links* encontrados, um em especial <<http://www.supermercadosvirtuais.com.br/links/empregos/index9.htm>> me levou diretamente a uma lista de 249 *links* para AGEONs contendo sua descrição sumária. A Catho, obviamente, era uma delas.

Para responder à principal pergunta deste capítulo, recentemente retornei e investi na exploração de cada uma das indicações encontradas sob o referido endereço. Agora, ao tentar acessá-lo tive como resultado o erro – que qualquer internauta já deve ter abominado em algum momento de suas navegações – *404 page not found*, página não encontrada. Isso não é surpreendente, é até esperado, pois que uma característica

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.google.com>>.

⁶⁰ Os princípios básicos de pesquisa do Google são os seguintes: Consultas com “e” automático: Por padrão, o Google exibe apenas as páginas que incluam todos os seus termos de pesquisa. Não há necessidade de colocar “e” entre os termos. Lembre-se de que a ordem em que os termos são digitados afeta os resultados da pesquisa. Para restringir mais a pesquisa, basta incluir mais termos. O Google ignora palavras comuns e caracteres como “onde” e “como”, assim como determinados dígitos isolados e letras isoladas, porque tendem a diminuir a velocidade da pesquisa sem aperfeiçoar os resultados. Pesquisas de frases: em alguns casos, você vai querer obter resultados apenas para uma frase exata. Para isso, basta digitar os termos de pesquisa entre aspas. Disponível em: <<http://www.google.com.br/support/bin/static.py?page=searchguides.html&ctx=basics>>.

das páginas da *web* é sua volatilidade, e se considerarmos o fluxo do tempo (2002-2008) pode-se encarar como um “fato natural”. Atualmente já não são tão constantes as mudanças de endereço porque eles foram se consolidando com o esfriamento do *big bang-internet*. Com o “fim do *boom*” da internet a partir de 2001, milhares de páginas e empresas *ponto-com* sucumbiram e houve grandes perdas financeiras e retraimento na área comercial, embora, mais que de um fim, tratava-se de estabilização.

Muito embora o *link* completo já não leve a nenhuma página, ao desprezar a seqüência (/links/empregos/index9.htm) e considerar apenas à raiz do endereço <http://www.supermercadosvirtuais.com.br> encontra-se um *site* funcionando, mas onde não são mais oferecidos *links* para AGEONs: agora trata-se realmente de supermercados e suas lojas *on-line*. Essa também é uma característica dos endereços eletrônicos: enquanto alguns domínios – *Domain Name System* – DNS permanecem, ou seja, o “nome principal” (que, diga-se de passagem, está rareando, pois é atrelado a uma referência **única**, sendo frequentemente alvo de disputas milionárias⁶¹) sua estrutura interna se modifica e, conseqüentemente, também se modificam as partes secundárias do endereço principal, geralmente entre “/” (barras), que o sucedem.

Nos 249 *links* que encontrei a partir dos “supermercados virtuais” misturavam-se os mais diversos termos para nomear as AGEONs e similares: agência, anúncio, balcão, banco, bolsa, canal, central, classificados, divulgação, guia, hospedagem, oferta, oportunidades, recolocação, serviços, *site*. Essas denominações agregavam predicados tais como *on-line*, virtual, via internet, automatizados, e tanto se referiam a vagas como a emprego, recrutamento, exposição, e geralmente estavam também associadas à palavra currículo, ou o latim, *curriculum/curriculuns*.

Essa variedade denotava o quanto ainda não se havia definido as AGEONs enquanto instituição privada de grande porte, e como não se sabia exatamente quais eram suas funções e especificidades. Mediante uma varredura completa que fiz nos *links*, agora, em 2008, é possível afirmar que houve um “enxugamento” e apenas 10% deles “sobreviveu”. Desse pequeno contingente, algumas agências não têm alcance nacional, se limitando a regiões, como por exemplo a *R&S Assessoria* e a *Atual Serviço*:

⁶¹ Disponível em: <http://www1.an.com.br/2000/dez/08/0inf.htm>.

A R&S Assessoria foi fundada em 1998, tendo seus serviços voltados inicialmente para a recolocação de executivos e profissionais na serra gaúcha, sendo a primeira empresa a operar com este foco na região. Este mesmo espírito empreendedor deu origem, no início de 2000, a outro serviço, mais amplo e direcionado ao Estado do RS como um todo, nasceu então o primeiro site de empregos voltado exclusivamente para o Rio Grande do Sul. Esta ferramenta foi desenvolvida com o objetivo de facilitar a busca de profissionais e oportunidades no nosso Estado. No final de 1999, “entrou no ar” a versão protótipo do RS-RH, e em abril de 2000 a versão “oficial”, que deu lugar a esta nova versão já estruturada como portal em julho de 2001.⁶²

Atuando na área de RH há mais de dez anos, a Atual Serviços vem acumulando experiência e competência nos serviços que presta. Com Sede em Santo André,-SP é hoje uma empresa sólida e estável, reconhecida pela qualidade e pontualidade em seus compromissos profissionais e financeiros. Com foco na qualidade e produtividade, desenvolvemos soluções que atendam às expectativas de nossos parceiros e clientes com a melhor relação custo x benefício. [...]acompanha as novas demandas da gestão empresarial, disponibilizando novas ferramentas para facilitar e atender à demanda deste mercado em pleno desenvolvimento que é a gestão de pessoas com agilidade e competência.⁶³

Na listagem dos 249 *links* uma diferença entre as AGEONs já se fazia notar, a gratuidade: pelo menos 35% explicitavam essa condição na própria chamada do *link*. Disponibilizar currículos era um bônus que agregava valores a outros serviços que os *sites* prestavam: turismo, bate-papo, classificados, central de fotos, cinema, horóscopo, guia, etc.; outros simplesmente expunham os currículos para chamar visitantes para suas páginas pessoais – *home pages* – ou consideravam estar prestando um serviço de utilidade pública.

Doméstica – Portal de empregos domésticos na Internet. Serviço eletrônico de utilidade pública. Agência de empregos e veículo de comunicação e busca eletrônica de empregos e serviços domésticos.

Emprego – Site de empregos. Tem como missão ajudar as pessoas desempregadas do Brasil, atraindo consultorias de empregos e empresas para o fornecimento de vagas.

Central de Currículos Online – Serviço de utilidade pública visando concentrar currículos pessoais para pesquisas online.⁶⁴

Alguns *links* eram muito específicos, sua oferta de emprego se resumia a estágios e, como no caso da Classiempregos, a oferta era exclusiva de algumas instituições:

Banco de Estágios da UNIFOR CCT – Serviço gratuito, que se destina às empresas que buscam estagiários qualificados e única e exclusivamente aos alunos regularmente matriculados e freqüentando um dos cursos oferecidos pela Universidade de Fortaleza, CE. UNIFOR - CCT.

⁶² Disponível em: <<http://www.rs-rh.com.br>>. Acesso em 18/01/2008.

⁶³ Disponível em: <<http://www.atual-empregos.com.br>>. Acesso em 18/01/2008.

⁶⁴ Disponíveis em: <http://www.domesticas.com.br/novo_inicial/default.asp>; <<http://www.iemprego.com.br>>; <<http://www.curriculos.saopaulo.net>>. Os dois últimos *sites* não existem mais.

Classiemprego – Balcão Virtual de Currículos da Bahia, Dirigido a empresas, filiado ao CDL – Câmara de Dirigentes Lojista de Salvador e a ACB – Associação Comercial da Bahia.

CurrículoNet – Oportunidade de emprego para estudantes universitários ou formados nas instituições UFS (Universidade Federal de Sergipe), UNIT (Universidade Tiradentes), FANESE (Faculdade de Negócios de Sergipe), Faculdade Pio X ou Faculdade São Luís.⁶⁵

Enquanto os *sites* acima se achavam limitados tanto pelo tipo de emprego oferecido (estágios) como por se dedicarem a instituições determinadas, outros eram específicos de uma região geográfica, estado, cidade e até país:

Konekta Banco de Currículos – Banco de currículos profissionais para pequenas e médias empresas localizadas na Região Metropolitana de Salvador, BA.

Shitake Group – Site de oportunidades de emprego para o Japão, destinado aos dekasseguis do Brasil.

UDI Currículos – Banco de currículos em Uberlândia, MG. Para quem procura emprego em empresas desta cidade⁶⁶.

Encontrei outras restrições como, por exemplo, *sites* especializados em contratar profissionais da área médica, da área de informática ou de vendas etc.

Medservis Currículos Online – Banco de currículos exclusivo para médicos e profissionais da área de saúde.

Talentos da Informática – Cadastramento e consulta de currículos de profissionais da área de informática.

Só Vendedores – Cadastramos, selecionamos on-line e oferecemos à empresas, profissionais de vendas, vendedores de serviços e produtos diversos⁶⁷.

Quanto ao gênero, apenas um *site* restringia as vagas ao sexo masculino:

Para desempregados (só para homens). Construção Civil, conseguindo empregos para pedreiros, carpinteiros, armadores, vibradoristas, eletricitas, massariqueiros, mangoteiros, operadores de guindastes, injetadores de cimento, apropriador de custos, apontador, almoxarife. Essas vagas geralmente garantem, provêem alojamento, cantinas e passagens até o local da obra. Empresas que são contatadas Andrade Gutierrez, Odebrecht, CBPO, Egesa, Mendes Júnior, CR Almeida, Queiroz Galvão, Barbosa e Melo, Pereira Almeida, Camargo Correa e outras⁶⁸.

Em 2005, ao refazer no *Google* a mesma busca – agências virtuais de emprego – ao invés de 1.780 *links* encontrei 33.600. Na pesquisa da expressão entre aspas, ao invés de nenhum, encontrei 16 resultados, dois dos quais se referiam a trabalhos

⁶⁵ Todos essas URLs foram desativadas, embora a maioria dos serviços oferecidos permaneçam, devendo ser acessados através de outros endereços. <<http://www.unifor.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=189&date=currentDate>>; <<http://www.ufpe.br/dadsf/index.php?conteudo=estagios>>; <http://www.cdl.com.br/contato_curriculo.php>, <<http://www.acbahia.com.br/rh.asp>>.

⁶⁶ Único *link* ativo: <<http://www.shitake.com.br/2005/index.html>>.

⁶⁷ Único *link* ativo: <<http://so-vendedores.com.br>>.

⁶⁸ A página faz referência à Associação SOS Criança & SOS Trabalho, cujo registro foi requisitado por Garibaldi Carpanêda do Partido da Mobilização Nacional de Araguaia (PMN-MG). Anúncio disponível na íntegra em: <<http://members.fortunecity.com/garibalde>>.

meus⁶⁹. Os outros 14 resultados não tinham relação com discursos acadêmicos, eram *links* para as empresas, artigos de jornais ou revistas, sobre elas.

No final de 2007 repeti a pesquisa, com variações de plural e singular para as palavras agência, emprego e virtual, substituindo o termo virtual por on-line/online, obtendo os seguintes resultados:

Qtd.	Expressão pesquisada
004	"agência de emprego online"
005	"agência de emprego on-line"
603	"agência de empregos online"
276	"agência de empregos on-line"
003	"agência virtual de emprego"
887	"agência virtual de empregos"
008	"agências de emprego online"
010	"agências de emprego on-line"
009	"agências de empregos online"
007	"agências de empregos on-line"
040	"agências virtuais de emprego"
001	"agências virtuais de empregos"

TABELA 1. Variações na pesquisa das expressões acerca das AGEONs.
Fonte: Google 2007.

A inversão dos termos também ocasiona mudanças nas pesquisas, mas considero que essas variações foram suficientes: no dia da pesquisa, em todos os casos, o primeiro *link* da lista é o Monster Empregos, como *link* patrocinado, até mesmo pesquisando-se a expressão com um erro de concordância gramatical: “agências **virtual** de emprego” (*Anexo 03, Fig. 1*).

Embora a pesquisa *Google* seja contraditória ao mostrar resultados e afirmar em seguida que não encontrou nenhum documento referente à pesquisa feita, e ainda que, se repetida, modifique esses resultados, o que se conclui é que cinco grandes AGEONs monopolizam o mercado *on-line* de empregos no país. Monster, Manager, Catho, Infojobs e Curriculum, valendo salientar que as duas últimas cadastram currículos de forma gratuita por tempo ilimitado e cada uma se diz a maior do mercado no Brasil. Procurando pelas palavras, sem usar as aspas, o que implica em obter resultados onde qualquer das palavras esteja presente, uma combinação de duas delas, ou mesmo as três, encontramos para *agências virtuais de emprego* aproximadamente 1.020.000 *links* (*Anexo 03, Fig. 2*). A procura com aspas, apenas 40 (*Anexo 03, Fig. 3*).

⁶⁹ Artigos derivados dessa tese publicados na revista Paráíwa Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/index05.html>>. Acesso: 25/10/2005.

Esses números servem para ilustrar a disseminação da referência às agências virtuais/*on-line*. A oferta é controlada por um pequeno número de AGEONs cuja competição tem por base a propaganda, devendo-se ainda considerar que duas das maiores, a Catho e a Manager, foram monopolizadas pelo fundo americano *Tiger Global Management*, conforme será visto logo mais.

De início pensei que pequenas e médias AGEONs estavam escasseando, e que o mercado estava cada vez mais restrito a poucas e grandes agências, o que indicaria uma tendência de contração ao invés de expansão, em termos de quantidade, das agências desse ramo (*Anexo 03, Fig. 4*). Realmente, a propaganda, nesse caso, faz a diferença. Essa impressão que se tem vem do fato de que, na internet, as grandes AGEONs estão sempre em primeiro lugar nos resultados de pesquisa, o que não significa que as pequenas e médias inexistam. Uma pesquisa mais aprofundada mostra que, a despeito do desaparecimento de 90% dos *links* encontrados em 2002, no momento atual a tendência é de aparecimento de novos *sites* que, em praticamente tudo, superam os daquela época: existem em maior número, o *design* é mais bem cuidado, a quantidade de vagas e de candidatos cresceu.

Em parte esse crescimento se deve à entrada de empresas já solidificadas no mercado tradicional de RH, no mercado RH *on-line*. Agências que se limitavam a ATCs entenderam que esse mercado é mais um espaço a ser conquistado, e que apesar das gigantes ofuscarem as menores, a internet é um palco que não transborda ao permitir a inserção de novos atores: ao contrário, quanto mais agentes ativos melhor ela funciona.

Uma das principais características das AGEONs é seu entrelaçamento com o trabalho temporário, e a maioria delas, inclusive, disponibiliza em seus sites a legislação que atende às demandas das metamorfoses do mercado globalizado, refletindo as profundas mudanças referentes à flexibilização das relações entre empresários e trabalhadores, entre capital e produção.

A desestabilização de alguns direitos dos trabalhadores – a exemplo do contrato temporário, as estratégias de terceirização de serviços, visam a exploração máxima da força de trabalho a um custo cada vez menor e com menores responsabilidades por

parte dos proprietários dos meios de produção, que ambicionam sempre o aumento das taxas de lucro e a diminuição dos riscos e ônus sobre o “trabalho”.

Em meio a emergências e submersões, óbitos e gênesis, diante da consumição de vidas em busca de emprego, é preciso salientar a existência de empreendimentos realizados por comunidades que se auto-organizam em torno de um objetivo comum, voltado para o âmbito do trabalho, sem esperar maiores providências das instâncias governamentais como, por exemplo, a Agência Virtual de Empregos Vila Antonieta que visa

integrar empresas e comunidade local na busca de soluções para os problemas do desemprego. Identificar as principais demandas de mão-de-obra das empresas, preferencialmente, da região. Levantar a vocação econômica da região. Promover contatos com vistas a buscar soluções para o desemprego com Instituições como a Sert, MTE, CUT, Força Sindical, Sindicatos, Cooperativas, Sebrae, Senac, etc...⁷⁰

Iniciativas públicas como a da Prefeitura Municipal de Santo André, que criou o Centro Público de Trabalho e Emprego e Renda – CPETR interessam diretamente tanto a empregadores como empregados. Embora o *site* ainda não esteja totalmente informatizado no que diz respeito ao cadastro de currículos e apenas anuncie as vagas, o Centro pretende, em breve, unificar os sistemas operacionais de seus postos integrando todas as vagas e serviços. Não obstante seus números superaram as metas previstas conforme tabela abaixo:

AÇÕES	METAS	RESULTADO
Cadastros de trabalhadores	28.072	107.873
Vagas oferecidas	13.167	25.348
Trabalhadores colocados	9.000	9.250

TABELA 2. Atividades do Centro Público de Trabalho e Emprego e Renda – CPETR.

Fonte: http://www.santoandre.sp.gov.br/bnews3/images/multimedia/programas/OE_ABC11.pdf.

A unificação dos serviços públicos de emprego é uma atitude que os governos dizem ter como prioritária para a diminuição do desemprego no Brasil, para que os desempregados não precisem arcar com mais uma sobrecarga: pagar para conseguir um emprego. A maioria das agências do SINE (que ainda existem enquanto tal) não estão disponíveis na internet, e por isso sequer têm como pensar em uma integração que permitiria, além da viabilização de melhores empregos, estatísticas mais concretas sobre a dinâmica do setor. Nesse sentido a criação do CPETR, como projeto piloto, é uma iniciativa que promete reverter esse quadro, pois vem sendo implantado em outras

⁷⁰ Disponível: http://www.acessasp.sp.gov.br/wiki/index.php/Agencia_Virtual_de_Empregos_-_Vila_Antonieta.

cidades, a exemplo de São Paulo, Belo Horizonte, Guarulhos, Diadema, Osasco e Recife. O objetivo amplo e estratégico desse projeto é

integrar todas essas unidades, inclusive os seus respectivos cadastros, ao SIGAE (Sistema Integrado de Gestão das Ações de Emprego) e evitar que estruturas paralelas concorram entre si, oferecendo os mesmos serviços. O que ficou para trás foram os sistemas independentes do SINE (Sistema Nacional de Empregos) de cada um dos 27 estados brasileiros, antes responsáveis pelas ações. Com o SIGAE, elas foram centralizadas no Ministério do Trabalho e Emprego, cujas políticas agora são definidas a partir das estatísticas geradas pelo CAGED, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Observatório Econômico 2007).

A Secretaria de Estado do Trabalho, Emprego e Promoção Social – SETP⁷¹ do Paraná é outra iniciativa pública de sucesso que demonstra que esse tipo de ação é fundamental para o combate ao desemprego, atravessado pela necessidade de qualificação e orientação, serviços também prestados por esses *sites*.

A elaboração do Plano Territorial de Qualificação no Estado do Paraná, amparada pela Resolução 333/03 CODEFAT (Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador), que institui o Plano Nacional de Qualificação no âmbito do Seguro Desemprego, concebe a qualificação social e profissional voltada para a inserção e atuação no mundo do trabalho⁷².

E como se constrói uma AGEON? Qual seria sua ficha técnica, intenções? O que é necessário para fazê-la funcionar? Quais itens da legislação devem ser atendidos?

Vou começar a responder a essas perguntas tomando como base o texto sobre como montar uma AGEON, produzido pelo Projeto Emprega Brasil⁷³. O setor da economia ao qual pertence uma AGEON é o *terciário*, o ramo de atividade é o da *prestação de serviços* e o tipo de negócio pode ser definido como *agenciamento de empregos via internet*. Com o aumento do desemprego, e da conseqüente concorrência por emprego, as pessoas estão buscando empresas que possam direcionar seus currículos e ajudá-las no desafio que é a colocação e a recolocação profissional. É aí que se firma a existência das AGEONs. Usando a internet como ferramenta, elas oferecem serviços de cadastramento de currículos e, através de um sistema informatizado, realizam o cruzamento das informações entre os que buscam e os que oferecem o emprego. No começo, a área de atuação era reduzida a grandes centros como Rio e São Paulo, mas agora, as AGEONs estão se espalhando por todo país.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.sine.pr.gov.br/setp/agencia>>.

⁷² Disponível em: <<http://www.sine.pr.gov.br/setp/cqp/index.php>>.

⁷³ Disponível em: <<http://www.empregabrasil.org.br>>.

Segundo o Projeto Emprega Brasil, o espaço físico mínimo para a criação de um AGEON é de 35m², suficiente para abrigar o equipamento: computadores e periféricos (*scanners*, impressoras). A AGEON deve contar também com um bom conjunto de *software*, móveis de escritório, telefone, e fax. O investimento varia em torno de R\$ 5.000,00. Em princípio, será necessário um técnico para fazer acompanhamento dos dados e manter os contatos. Isto varia de acordo com a estrutura da agência.

O objetivo básico é criar um cadastro de currículos *on-line*, para que as empresas possam consultar, sem custo, currículos com diversos perfis diferenciados e também para profissionais em busca de emprego ou recolocação profissional. Os clientes são os que procuram por uma nova oportunidade de emprego ou empregadores que estão em busca de profissionais para a sua empresa. Deve-se definir o nível de atuação em termos geográficos (cidade, estado, região, país) para que se possa ter condições de fazer um monitoramento das informações. É necessária também a contratação de uma empresa para a criação de um sistema de acordo com os tipos de serviços que se proponha a oferecer, além, é claro, de dar suporte e acompanhar o funcionamento do sistema.

O processo começa com o preenchimento, pelo cliente, de um formulário onde ele montará seu currículo a ser hospedado no *site* por um período (in)determinado. Em geral, as AGEONs seguem uma estruturação básica de menu, opções, tendo as seguintes seções: cadastro de currículo; cadastro de vagas; pesquisa de profissionais; pesquisar vagas. Além desse básico, algumas AGEONs se preocupam em contar algo de sua história (pois a maioria emergiu e se fortaleceu como ATCs e se orgulha de seu passado), apresentar o termo de compromisso e a política de privacidade dos dados, *links* para ajuda e contato.

As *megageons* têm tantos e tão variados parceiros que se pode encontrar em seus *banners* animados propagandas de empresas que vão da aviação aérea ao setor alimentício; de grandes bancos a corporações telefônicas; de superlojas de departamentos a redes de televisão; de indústrias do aço a fábricas de veículos. Essas empresas, ao mesmo tempo em que anunciam suas marcas, são também usuárias das *megageons*. É surpreendente o número e a variedade das empresas clientes da *megageon* Catho. Lá, entre algumas dezenas, estão nomes como Coca-Cola, Embratel,

Hospital das Clínicas, IBM e Mc'Donalds; Samsung, TV Globo, Wolkswagen e Wal Mart; Tim, Secretaria da Fazenda, Petrobrás e HSBC. Obviamente é difícil para as pequenas e médias AGEONs concorrerem com esses *monsters*.

A diversificação nos tipos de serviços oferecidos é de fundamental importância para o sucesso do empreendimento: pesquisas no mercado visando a melhor colocação para o candidato; caça aos executivos, por solicitação do empresário contratante, dentro de características previamente estabelecidas; recrutamento no mercado e disponibilização para as empresas no *site* na internet dos talentos profissionais, detalhando o histórico profissional do candidato para que estas consultem o *site* e solicitem aqueles que atendam aos requisitos; serviço complementar de assessoria buscando o emprego para o candidato, indo às empresas apresentar os melhores profissionais de cada área; recolocação do profissional, serviço que tanto pode ser contratado por pessoa física quanto jurídica, entre outros. Os preços cobrados variam de acordo com o tipo do serviço prestado.

A Catho oferece serviços para os profissionais e para as empresas. No caso dos profissionais eles se dividem em gratuitos, gratuitos para assinantes e avulsos; para as empresas a Catho oferece desde a consultoria até a terceirização completa. Eles chamam Terceirização de *Business Process Outsourcing* – BPO, e prometem soluções tecnológicas de ponta via *web* sem necessidade de investimento adicional, com melhoria da eficiência de seus processos internos de RH e incremento na qualidade dos serviços de RH.

Por meio do **BPO** da Catho, sua empresa poderá transferir completa ou modularmente as atividades de RH para nosso Centro de *Serviços Compartilhados* que passará a assumir a execução do seu RH operacional, além, de fornecer suporte à gestão do seu RH estratégico⁷⁴.

Uma lista completa desse serviço, com uma detalhada definição das responsabilidades da Catho e da empresa-cliente pode ser vista no **Anexo 04**.

Quanto à legislação algumas providências são necessárias para a abertura de uma AGEON, semelhantes ao procedimento que segue qualquer empresa de tijolo-e-cimento: registros na Junta Comercial, Secretária da Receita Federal, Secretária da Fazenda, Prefeitura do Município; Instituto Nacional de Seguro Social – INSS e no

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.catho.com.br/rhoutourcing>>.

Sindicato Patronal. O empresário deverá ainda obter o Alvará de Funcionamento e consultar a Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor – PROCON para adequar seus produtos às especificações do Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078 de 11/09/1990).

Além disso, o empreendedor deverá tomar conhecimento de algumas legislações que regem atividades ligadas à informática, tais como: a Lei de Programa de Computador nº 9.609/98, promulgada em 19/02/98, que substitui a Lei 7646/87 e entrou em vigor na data de sua publicação, dando liberdade de produção e comercialização de *softwares* de fabricação nacional ou estrangeira; Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98 que substitui a Lei 5988/73 e entrou em vigor 120 dias após sua publicação, promulgada em 19/02/1998, assegurando a integral proteção dos direitos dos seus autores e estabelecendo penas rigorosas a quem viole esses direitos. Assim, piratear programas de computador se tornou crime, passível de pena de seis meses a dois anos de prisão; Lei de Informática nº 10.176/2001 altera a Lei nº 8.248, de 23/10/1991, a Lei nº 8.387, de 30/12/1991, e o Decreto-Lei nº 288, de 28/02/1967, dispondo sobre a capacitação e competitividade do setor de tecnologia da informação. A partir do final da década de 1990 as mudanças na legislação ratificam as necessidades da globalização do mercado que demandava a atualização de leis obsoletas em vigor desde as décadas de 1960 a 1980. A Lei de Informática, por exemplo, dava incentivos fiscais que chegavam a 50% visando a capacitação e competitividade do setor de tecnologia da informação.

Para entrar no *site* da Catho e “ver de perto” o que essa agência tem, se corresponde às exigências acima citadas, contarei novamente com Odisseu, mas apenas no próximo capítulo. Antes, agora, as luzes se voltam para ele e o foco é a viagem que mostra as paisagens de onde emergiram a Catho, quem a fundou e por quê: Odisseu desfralda as velas do seu *cybership*...

Bem à vontade, sem ter que se “produzir” para encontrar o mundo virtual, sem sequer a necessidade de um banho que o torne mais apresentável, nosso internauta senta na cadeira, abaixa-se ligeiramente, liga o *nobreak* e aperta o botão *power*. O cristal líquido se ilumina, a janela para o mundo dos *bits & bytes* está aberta. Um clique no *mouse*, dois cliques, e nosso Odisseu será arremessado numa teia

interminável. Das microcaixas de som sai o apelo suave de *Os argonautas*, na voz de Caetano Veloso, repetindo no refrão o lema da Escola de Sagres: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Naquele mesmo segundo, milhões de outros navegantes se arremessam tal qual ele. Alguns, distantes milhares de quilômetros no espaço físico – que nunca antes se encontraram e que é impossível predizer se um dia voltarão a se encontrar – agora partilham um espaço comum onde essa possibilidade de encontro, ou é premeditada, encontro marcado, ou é aleatória: um programa de computador os levará a um lugar comum.

Mais uma mexida no *mouse* e uma lista de pessoas (conhecidos “virtuais”, amores, paqueras, familiares, colegas de trabalho e amigos que se encontram face a face no dia-a-dia) começam a trocar mensagens, enviar sons e imagens: pode ser a música mais nova nas paradas de sucesso, as fotos da última viagem ou bonecos desenhados com *pixels* que se movem e expressam sentimentos que vão da indiferença ao ódio.

Duas janelas não são suficientes. Odisseu vai ao Mercado Livre⁷⁵ à procura de objetos que não estão disponíveis em sua “Ítaca”, ou que simplesmente podem ser adquiridos sem sair de casa, na base do menor esforço. Vitrines e mais vitrines dispõem imagens dos produtos. Preços e informações variadas e detalhadas apresentam-se a ele; formas de pagamento, despesas de envio e a possibilidade ou não de devolução de um produto estragado.

Odisseu compra utilizando um objeto que, talvez antes que qualquer outro, se tornou “virtual”: o dinheiro⁷⁶. Uns poucos números digitados no teclado e a transação

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.mercadolivre.com.br>>.

⁷⁶ As cartas de crédito são uma das formas mais antigas de tornar o dinheiro algo virtual. “Posto com mais acurácia, nos termos anteriormente introduzidos, o dinheiro é um meio de distanciamento tempo-espaço. O dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço. As implicações espaciais do dinheiro são bem caracterizadas por Simmel, que salienta que ‘o papel do dinheiro está associado à distância espacial entre o indivíduo e sua posse... Apenas se o lucro de um empreendimento assumir uma forma que possa ser facilmente transferida para outro lugar, ele garante à propriedade e ao proprietário, através de sua separação espacial, um alto grau de independência ou, em outras palavras, automobilidade... O poder do dinheiro de cobrir distâncias possibilita ao proprietário e à sua posse existirem tão afastados um do outro a ponto de cada um poder seguir seus próprios preceitos numa medida maior do que no período em que o proprietário e suas posses ainda permaneciam num relacionamento mútuo direto, quanto todo engajamento econômico era também um engajamento pessoal.” (Simmel, *Philosophy of Money*, p. 332-33 *apud* Giddens 1991:32). “A condição de desencaixe proporcionada pelas economias monetárias modernas é imensamente maior do que em qualquer das civilizações pré-modernas em que existia dinheiro”. O conceito giddensniano de

está completa. Em alguns dias ele receberá em casa um aparelho de telefonia móvel capaz de filmar, de tocar músicas em formato *mp3*, enviar mensagens e também colocá-lo em contato com qualquer um em qualquer lugar do planeta.

Odisseu está carente. Mais um clique, nova janela, e tudo o que já foi inventado sobre sexo parece estar ao seu dispor: tanto ele pode achar uma companhia disposta a praticar um onanismo solidário, como pode marcar um encontro em carne e osso para a próxima meia hora, depende de onde ele esteja: principalmente o Sudeste, as grandes metrópoles, são facilitadores dessa reunião. Os *links* da página erótica apontam para outras onde todos os fluxos de desejo – codificados, decodificados, sobrecodificados – levam a uma impossível variedade de práticas sexuais que podem ser satisfeitas: vídeos de sexos com animais, estupros, pedofilia, sadomasoquismo, lesbianismo, heterossexualismo, sodomia, sexo grupal, defloramentos, indivíduos que alcançam o orgasmo apenas quando se cortam com lâminas. O comércio está por toda parte oferecendo desde pênis artificiais até máquinas elétricas onde se pode montar e simular o coito. Nosso herói navega. Há cantos de sereia por todos os lados, mas ele não precisa se amarrar ao mastro. Qualquer problema pode ser evitado com um simples clique no *mouse*. Um clique e Odisseu está desplugado do universo *on-line*, pronto para esquecer tudo que viveu fazendo uma pequena incursão à geladeira, para depois embarcar em um sono garantido pela química pós-moderna. Mas não. Ainda é cedo. Nosso pós-herói decide abrir sua caixa de correio eletrônico e se depara com *e-mails* falsos, cheios de vírus ameaçadores, cavalos de tróia ou *trojans*⁷⁷, como são chamados na “mitologia cibernética”, mas que sua experiência já o ajuda a evitar: ele sabe que a falsa cobrança da SERASA⁷⁸ ou a liberação daquele financiamento que ele nunca fez, são apenas armadilhas; há também cartas eletrônicas de “circes” distantes e igualmente insones; uma dezena de propagandas indesejáveis e hilárias sobre como aumentar o tamanho do seu pênis ou adquirir um diploma de doutor em uma universidade nos EUA, em duas semanas, sem abrir um livro ou escrever uma palavra.

desencaixe que engloba as fichas simbólicas e os sistemas peritos, que por sua vez estão diretamente relacionados à confiança, se presta adequadamente à apreciação do conjunto de processos que conformam a pós-modernidade, e com excelência pode ser aplicado às “relações virtuais”. Por desencaixe ele se refere “ao ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (Giddens 1991: 34, 29).

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.numaboa.com.br/informatica/trojans/index.php>>.

⁷⁸ Disponível em: <<http://www.serasa.com.br/serasa/index.htm>>.

Ele às vezes passa horas, dias quase inteiros assim, de clique em clique, navegando entre *sites* pornográficos ou beneficentes, comprando quinquilharias, *gadgets*, acompanhando processos jurídicos nos quais está envolvido, visitando ilhas paradisíacas, verificando preços de passagens aéreas, lendo artigos sobre Dostoiévsky ou rindo do mamute⁷⁹ que se deu mal. Todas as notícias dos telejornais são antecipadas nas janelas virtuais, e ele também as lê. Está fazendo um curso de inglês através de uma janela, e através de outra verifica sua conta negativa no banco.

O rio digital tem tantas margens, o oceano virtual tantos cais e ao mesmo tempo, nenhum, que Odisseu fica cansado. Lentamente começa a fechar as janelas e a se despedir dos outros internautas que, como ele, navegam sem rumo certo, buscando preços de carros e hotéis, resultados lotéricos, ou somente tentando com as palavras mais apimentadas do vocabulário convencer alguém a lhe dizer algumas da mesma espécie, capazes de despertar e satisfazer o desejo solitário. Nunca tem fim. Odisseu quer se levantar e beber ou desbeber algum líquido, a garganta está seca de tanto falar calado, com os dedos, escrever seu pensamento que muda de fluxo a cada janela aberta. Ele já sente sono e pode até prescindir da droga legal e sintética que o levaria aos braços de Hipnos, mas continua observando frases trocadas por desconhecidos num *chat*, palavras de amor, ofensas violentas, “tiradas” engraçadas, enquanto faz seu peão se tornar rainha no jogo de xadrez do *Yahoo*⁸⁰. Troca de músicas no *Winamp*, faz *download* de um novo programa que promete acabar de vez com as pragas digitais que roubam as senhas e invadem seu pc-navio como uma tempestade, arrasando seu disco rígido-mastro. Curioso, depois de ver um anúncio de vagas de emprego em muitos portais por onde navega, resolveu surfar no *site* da Catho, esperando que essa maneira de apresentar currículos resolva, finalmente, seu maior problema: “Independência financeira ou morte!”, gritou solitário e clicou na logomarca da Catho...



O Grupo Catho foi fundado em 1977 por Thomas Amos Case que pode ser citado como um homem de ampla visão empresarial, não perdendo sequer uma única

⁷⁹ Disponível em: <<http://boi.geness.ufsc.br/videos/mamu.swf>>.

⁸⁰ Disponível em: <<http://www.yahoo.com/>>.

oportunidade de aumentar seu capital ao estender tentáculos da Catho. Ele explica de maneira singela como “inventou” a AGEON:

Fui mandado embora como presidente de multinacional. Quis ficar aqui no Brasil. Li um livro sobre como conseguir um emprego. O livro falou: mande cartas. Foi o que fiz. Tornei-me, então, presidente da Motores Búfalo. Achei tão legal que comecei a CATHO, fazendo motores de dia e currículos à noite. Ainda hoje, eu estou mandando cartas, que estão passando a ser e-mails⁸¹.

Usando sua ampla visão de negócios no ano de 1996, o Grupo investiu em novas tecnologias criando o *site* Catho. Quem melhor a pode definir é Adriano Arruda, co-fundador e seu atual diretor geral. Diz ele, sobre a Catho e sobre si mesmo:

Adriano Arruda, 35 anos, formado em Engenharia da Computação pela Unicamp-SP. Participei da criação e implantação do site Catho Online – o maior portal de anúncios de currículos e vagas de emprego da América Latina –, em 1996, ao lado de Thomas A. Case, Ph.D., fundador do Grupo Catho. Especializado em soluções para a área de Recursos Humanos e mercado de trabalho, participando ativamente do processo de consolidação e crescimento da Catho Online no Brasil e na América Latina (sendo um dos responsáveis pela criação da Catho Chile). Hoje sou diretor-geral da Catho Online e uma das maiores autoridades do Brasil em assuntos ligados a mercado de trabalho, empregabilidade e colocação de profissionais.

Em 05/04/2000 a Catho Online Ltda foi cadastrada no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica sob a inscrição 03.753.088/0001-00. O código 82.99-7/99 descreve a atividade econômica principal como “outras atividades de serviços prestados principalmente às empresas não especificadas anteriormente”, o que para o leigo nada diz. Na especificação de suas atividades econômicas secundárias ficam um pouco mais claras suas atribuições: “outras atividades de prestação de serviços de informação não especificadas anteriormente”, “*design*”, “agenciamento de profissionais para atividades esportivas, culturais e artísticas”, “outras atividades profissionais, científicas e técnicas não especificadas anteriormente”, “preparação de documentos e serviços especializados de apoio administrativo não especificados anteriormente”, “serviços de gravação de carimbos, exceto confecção” e “salas de acesso à internet”. A Catho declarou como uma de suas atividades secundárias uma subclasse que **não** está compreendida e é exceção nas notas explicativas, “agenciamento de profissionais para atividades esportivas, culturais e artísticas”, atividade essa que não consta como uma das especialidades da Catho. É incompreensível que existindo uma atividade que a descreve precisamente, a agência não a tenha declarado no cadastro da Receita

⁸¹ Thomas Case no Bate-Papo do UOL respondendo a perguntas sobre como conseguir emprego, dia 01/07/2001. Disponível em: <http://www.catho.com.br/novo_centro/trans.phtml>.

Federal. Talvez essa atitude esteja relacionada às regulamentações da Organização Internacional do Trabalho – OIT, sobre as agências privadas de emprego. Todavia, existe na Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE 2.0 um código de subclasse (7810-8/00) que definiria perfeita e exatamente as atividades da Catho.

CNAE 2.0		
Pesquisa por:		
agência emprego		
Código	Descrição CNAE	
7810-8/00	AGENCIA DE CONTRATAÇÃO DE EMPREGO	
7810-8/00	AGÊNCIA DE EMPREGO ON-LINE	
Hierarquia		
Seção:	N	ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES
Divisão:	78	SELEÇÃO, AGENCIAMENTO E LOCAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA
Grupo:	781	SELEÇÃO E AGENCIAMENTO DE MÃO-DE-OBRA
Classe:	7810-8	SELEÇÃO E AGENCIAMENTO DE MÃO-DE-OBRA
Subclasse	7810-8/00	SELEÇÃO E AGENCIAMENTO DE MÃO-DE-OBRA
Notas Explicativas:		
Esta Subclasse compreende:		
<ul style="list-style-type: none">- o recrutamento, seleção e colocação de pessoal em empresas clientes, inclusive de executivos- as agências de emprego on-line		
Esta Subclasse compreende também:		
<ul style="list-style-type: none">- as atividades de recrutamento de pessoas para integrarem elenco de peças teatrais, filmes, etc. (casting)		
Esta Subclasse não compreende:		
<ul style="list-style-type: none">- as atividades de agenciamento de profissionais para atividades esportivas, culturais e artísticas (7490-1/05)		

FIGURA 2. Código do CNAE 2.0 para agência de emprego on-line e sua hierarquia.

Fonte: <http://www.cnae.ibge.gov.br>

O mesmo acontece com a Manager On Line Serviços de Informática Ltda que, apesar de se apresentar em seu *site* como “uma referência na Internet, quando se trata de ofertas de vagas de emprego, de disponibilização de currículos e de conteúdo voltado para o setor de RH, carreira, orientação profissional e gestão organizacional”⁸², não está registrada como tal. Em seu CNPJ, 03.740.704/0001-99, com abertura no ano bissexto de 2000, no dia 29/02, consta como sua atividade principal algo bem mais genérico: código 62.09-1/00, “suporte técnico, manutenção e outros serviços em tecnologia da informação”, não apresentado definições de suas atividades secundárias.

No *menu* do *site* da AGEON (Figura 3) nada indica que ela preste suporte técnico ou manutenção em tecnologia da informação, sendo bem mais adequado o código já sugerido para a Catho: 7810-8/00 – agência de emprego *on-line*.

⁸² Disponível em: <http://www.manager.com.br/institucional/manager_online.php>.



FIGURA 3. Menu da Manager Online.

Fonte: <http://www.manager.com.br>.

Não consegui descobrir os motivos que levaram as agências a optarem por definir como suas atividades outras que não a de AGEON. Quem sabe algo relacionado ao pagamento de menos impostos ou menos deveres legais... O fato é que elas parecem preferir ser denominadas de outra forma, como atesta o *e-mail* que recebi em resposta a um pedido de entrevista ao diretor geral da Catho, enviado pelo seu coordenador de comunicação Catho, Fernão Silveira:

Em nome da Catho Online, o maior portal de recursos humanos da América Latina, gostaria de esclarecer que nossa empresa não é uma agência de empregos, mas sim um portal que, entre outros serviços, veicula anúncios de currículos e vagas de emprego – propiciando, assim, uma ponte rápida, confiável e eficiente entre empresas que procuram reforços para seus quadros e profissionais que buscam novas oportunidades no mercado de trabalho. As atribuições, responsabilidades e características da Catho Online, portanto, diferem muito das de uma agência de empregos. [...] Com relação às perguntas para o diretor-geral da Catho Online, peço para que elas sejam enviadas previamente para análise.

Apesar da posição de Fernão, como veremos em breve, a resposta ao convite vinda diretamente do diretor-geral Adriano Arruda foi simples e nada burocrática: simpática, eu diria, e agradeço. (*Anexo 05*).

No início dessa pesquisa (2002) o *site* da Catho era bem diferente do que é hoje, naturalmente. Estava voltado para profissionais qualificados, executivos, presidentes e diretores, e profissionais das mais variadas áreas, recém-formados, estagiários, empregos na área de saúde e informática, na área de educação, telecom, operacional, hotéis, restaurantes e turismo. Mas, sempre em sintonia com o “politicamente correto”, atentos à cidadania e à globalização, já nos primeiros anos do século XXI a Catho oferecia vagas para portadores de deficiências, vagas no exterior, vagas Case, e anunciava algumas outras novidades (*ver Anexo 06, Figs.1 e 2*).

O *portal* tem bons *design* e navegabilidade, apesar do excesso de informação. Tricolor, azul, vermelho e branco, como a bandeira dos Estados Unidos, o *site* da Catho pode ser encontrado em frações de segundos usando-se uma ferramenta de buscas na internet ao se digitar quaisquer das palavras: emprego, vagas, trabalho,

recolocação, currículo e, obviamente, Catho. A Catho é uma patrocinadora de *links* e por isso consegue que seu *site* seja encontrado em uma coluna, ao lado de várias outras consultas que se refiram ao mundo do trabalho.

O *site* usa e abusa dos *banners*, reportagens e depoimentos em vídeo, usando os recursos de ponta da computação para dar rapidez a quem o acessa; nunca deixa o navegante decepcionado, seus *links* estão sempre atualizados e levam exatamente aonde dizem levar. Está sempre inovando o *marketing*: promoções, eventos, de forma que o nível de satisfação atinge usuários e empresas anunciantes de vagas: 97% dos empregadores voltariam a anunciar no *site* e 83% dos assinantes recomendariam a agência aos amigos⁸³.

Seja oferecendo serviços especiais, tais como tradução de currículos, modelos de cartas de apresentação, treinamento para entrevistas, análise de currículo, seja vendendo o livro de Mr. Case, *Como conseguir emprego no Brasil do Século XXI* (com 50% de desconto para assinantes) a Catho já se sobressaía no mercado brasileiro no início do corrente século.

O currículo de Mr. Case é de causar inveja: fundador do Grupo Catho, há 27 anos auxilia executivos a se recolocarem no mercado. Formado em engenharia mecânica é hoje um estudioso do mercado de trabalho e responsável pelo desenvolvimento de inúmeras pesquisas neste campo, incluindo *A contratação, demissão e carreira do executivo brasileiro* nos anos de 1988, 1994, 1997, 2001 e 2003. Seu perfil pode ser encontrado no próprio *site* da Catho

Fundador do Grupo Catho, especializado em Recolocação e Seleção de Executivos, Engenheiro Ph.D. em Negócios Internacionais pela Universidade de Michigan e M.B.A. em Finanças da Oklahoma City University. Iniciou sua carreira em Engenharia, nos Estados Unidos e no Chile, e foi presidente de duas subsidiárias no Brasil. Atualmente, faz também palestras sobre Contratação, Demissão e sobre a Carreira de Executivos, decorrentes de suas pioneiras pesquisas junto a 1509 executivos em geral e 1325 profissionais com mais de 40 anos de idade⁸⁴.

A Catho oferece produtos especiais, orientação personalizada, MBA *On-line* – *Master of Business Administration* – e também contempla as empresas com propostas de agilidade e redução de custos como, por exemplo, pesquisas de “cultura e clima”, destinadas às empresas, onde os empresários aprenderão sobre o “nível de lealdade e

⁸³ Disponível em: <<http://www3.catho.com.br/institucional>>.

⁸⁴ Disponível em: <http://www.catho.com.br/novo_centro/trans.phtml>.

compromisso dos seus colaboradores com a sua empresa”; cálculos trabalhistas, para que os contadores possam obter “respostas rápidas e precisas para automatizar os cálculos de verbas trabalhistas”; testes *on-line* capazes de avaliar “as habilidades e potencialidades dos seus candidatos com praticidade, rapidez e eficiência”; pesquisa salarial, onde serão encontradas “todas as informações necessárias para gerenciar salários, contratações e promoções”; avaliação 360°, um teste que facilita o conhecimento do “talento e potencial humano dos seus colaboradores de maneira estruturada”. Mr. Case parece realmente saber o que faz! Existem ainda no seu *site* outras dezenas de serviços a serem prestados àqueles que acreditam na eficácia da Catho e dela se tornam assinantes.

No início do século XXI a Catho já se colocava no mercado das agências de emprego *on-line* abocanhando prêmios da mídia como o iBest 2000, onde ficou em primeiro lugar, e no ano seguinte, o iBest 2001, em terceiro. Em agosto de 2002 a Catho ainda engatinhava, se assim pode-se falar, perto do complexo gigantesco no qual se tornou; engatinhava, mas já mostrava suas garras oferecendo entre 40 e 60 mil vagas, e um de seus *banners* dizia que 4.962 pessoas teriam conseguido emprego pelo *site* naquele mês (**Anexo 07, Fig.1**).

Com uma equipe de propaganda que não dá sossego aos internautas, em outro *banner* ficamos sabendo do seu poder e eficácia: em apenas quatro anos a Catho recolocou mais de 50 mil pessoas no mercado de trabalho até maio de 2003 (**Anexo 07, Fig.2**). Em agosto a Catho contava com um banco de dados de mais de 100 mil vagas de empregos. iBest e Catho se confundem, são mais que parceiros (**Anexo 07, Fig.3**), e a Catho venceu pela Academia e pelo Júri Popular iBest. Em 2004 foi novamente vencedora pela Academia; em 2005 foi Finalista do Top 10 do mesmo prêmio.

Atualmente a Catho tem vários parceiros e é curioso notar como no *site* de um deles, exatamente o iBest, os números da Catho estão repetidos, muito embora o *layout* da página seja outro e alguns números difiram (**Anexo 07, Figs.4 a 6**). Nas figuras dos anexos observa-se que o número de vagas disponíveis anunciadas para profissionais e recém-formados é o mesmo em ambos os *sites*. Esse fato representa um dos problemas relativos às AGEONs. Muitas são acusadas de duplicar vagas e currículos, anunciar

empregos que não existem, exagerar nos salários propostos para os cargos e enviar currículos à revelia.

A brilhante *performance* da empresa só fez crescer ao longo dos anos e a agência incorpora cada vez mais serviços, cursos e palestras. Atualmente tem um jornal eletrônico e até mesmo um *blog* onde uma equipe de colaboradores da empresa escreve sobre assuntos que interessam diretamente aos seus clientes, com bom humor e leveza. Em 2006 ganhou o prêmio *Top of Mind 2006*, na categoria Site de Recrutamento e em 2007 foi vencedora do *Melhores Empresas Fornecedoras para RH 2007*. Em 03/01/2008, 16:07h, a Catho anuncia 207.942 vagas e 103.822 currículos. Aproximadamente uma hora depois, às 17:03h os dados já são outros: 208.450 vagas e 104.024 currículos. Certamente, amanhã, esses números estarão mudados e nada me faz crer que eles serão menores.

Mas voltemos a Odisseu. Naquela noite ele clicou em vários *links* e adquiriu uma idéia geral do que é a Catho, resolvendo fazer a inclusão do seu currículo utilizando o cartão de crédito: “Quanta facilidade!”, regozija-se. No dia seguinte acordou excitado, ansioso para abrir seu *e-mail* e ver os convites para entrevistas que a Catho lhe conseguiu. Nada. “Ainda é cedo”, pensa ele, “em dois ou três dias com certeza receberei alguma proposta”. Havia acordado otimista e romântico. De romântico passou a pragmático, quando colocou as mãos nos bolsos, pensando na sua disponibilidade de dinheiro para tomar um café na padaria no fim da rua. De pragmático passou a preocupado, pensando em quando finalmente arranjaría um emprego. De preocupado passou a curioso, ao lembrar da Catho e resolveu soltar o pesquisador romântico-pragmático-preocupado-curioso nas águas da internet para vasculhar a *web* e ver o que nela encontraria sobre a Catho, notícias e informações que não procedessem do próprio *site* da empresa. O primeiro *link* que apareceu foi o do portal da Revista Exame. Ao abri-lo Odisseu se deparou com o seguinte texto:

Americanos compram a Catho. 13/07/2006. O mercado brasileiro de recolocação de pessoal está em ebulição. O fundo americano Tiger Global Management, que administra recursos de 1,8 bilhão de dólares, comprou recentemente as duas maiores empresas de recolocação do país, a Manager Online e a Catho. O Tiger Global é um fundo de *private equity* que investe em negócios promissores para depois abrir seu capital. Para levar a Catho, que fatura 60 milhões de reais por ano, os executivos do fundo tiveram de pagar 50 milhões de dólares a seu fundador, o americano Thomas Case. Conseguiram assim deixar para trás o GP Investimentos, que também negociava a compra da empresa. (Os valores do negócio com a Manager não foram

revelados.) Executivos das duas empresas garantem que as administrações continuarão independentes.⁸⁵

“Vender empregos é realmente um sucesso. O desemprego é bom negócio para alguns”, pensa um já-não-tão-mais-otimista Odisseu. O que terá levado a essa fusão? Vamos encontrar a resposta na entrevista concedida por Adriano Arruda (*Anexo 01*):

A Catho e a Manager são duas empresas independentes com gestão também independentes. O grupo Tiger adquiriu várias empresas deste segmento em vários países, pois pretende ser líder de mercado com relação a este segmento de empresa no mundo todo.

Eis o velho monopólio assombrando os fantasmas de Marx, Lênin e companhia. Seria um pós-imperialismo que se gesta em torno das transformações, as acompanha, e delas usufrui da melhor forma, como sempre? Não podemos esquecer que William Henry Gates III KBE, nascido em Seattle, 28 de outubro de 1955, mais conhecido como Bill Gates, fundou em 1976, junto com o sócio Paul Allen, a Microsoft e conseguiu monopolizar o mercado de *softwares* em pleno século XX. Apesar dos esforços dos concorrentes que apelaram para a Justiça, nada conseguiu impedir sua caminhada e ele continua trotando livre pela infovia, arrecadando *cyberdollars*. Se fizermos uma busca por seu nome encontraremos nada menos que 20 milhões de resultados em 0,08 segundos. Sua fortuna carece de mais zeros, é cotada aos bilhões. Quem sabe Mr. Bill Gates e Mr. Case não são acionistas do fundo americano *Tiger Global Management*?

O certo é que as AGEONs se tornaram realmente um negócio lucrativo e como o desemprego não é uma equação fácil de se resolver o que há de se esperar é que elas continuem a crescer e a cada dia lancem mais uma linha de sua teia no mundo do trabalho. Mas, como será que tudo isso começou? A partir de quando foi possível e necessário o surgimento dessas agências que oferecessem às populações ajuda para conseguir um emprego? Isso faz supor, imediatamente, que em determinado ponto da história os postos de trabalho não fizeram mais frente ao número de trabalhadores e que estes, desempregados, se foram obrigadas a se submeterem à longas filas e esperas até conseguir um trabalho através do qual pudessem se sustentar e às suas famílias.

⁸⁵ Disponível: <<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0872/negocios/m0083216.html>>. Acesso em: 15/08/2006.

Como num velho filme em preto e branco me surgem imagens de trabalhadores nas vinhas da ira, chaplins apertando parafusos, meninos se revezando em camas antes de partirem para as fábricas de tecido, na Inglaterra, em jornadas de trabalho de 18 horas, quebra-quebra de máquinas ladras de empregos, fuligem e mortos nas minas de *Germinal*... Até que essas imagens vão aos poucos se apaziguando, e agora o filme colorido mostra cenas de escritórios bem arrumados, fábricas onde quase não se vêem humanos, dinheiro de fantasia saindo dos gritos dos operadores das bolsas de mercadoria.

Mas as primeiras imagens não são apenas lembranças, recriações aleatórias de um passado enferrujado. A paisagem do trabalho se transformou desde o chão da fábrica até os expositores dos produtos; da contratação à demissão dos trabalhadores; dos departamentos de pessoal à contabilidade dos lucros. Agora temos robôs com precisão milimétrica, capazes de sustentar entre suas garras, sem quebrar, a fragilidade de um ovo; temos a terceirização dos serviços capaz de eliminar de um só golpe divisões inteiras de um escritório. As empresas não precisam mais se ocupar com a limpeza, aliás, com quem faz a limpeza; não precisam mais fazer suas folhas de pagamento, nem contratar psicólogos para testar seus novos empregados: outras empresas se encarregam desses serviços, enxugando espaços e preocupações. A gestão das pessoas que trabalham para determinado grupo empresarial é feita por outro grupo empresarial, especializado unicamente nos problemas e soluções advindos dessa atividade.

As agências de emprego que emergiram como vitrine de currículos e agiam como intermediárias da mão-de-obra agora contam com ferramentas informatizadas e pessoal altamente treinado na gestão de RH. Se uma empresa ou indústria tem problemas legais em relação às leis trabalhistas, se foram colocadas na justiça por algum funcionário insatisfeito, as AGEONs tomam para si a resolução desse problema; se os trabalhadores precisam de treinamento, as AGEONs podem proporcionar; se um executivo não está de acordo com a visão e as metas da empresa, basta acionar uma AGEON que ela logo encontrará um candidato com o perfil adequado. Porém, por décadas, essas agências estavam alocadas dentro dos quadros da empresa, e por décadas, as agências privadas de intermediação de mão-de-obra foram impedidas de

agir livremente pelas Convenções da OIT que buscaram restringir sua atuação de forma que o emprego não se convertesse, ele também, em mercadoria.

Contudo, o mercado e o desemprego exigiam que essa situação fosse revertida, pois os serviços públicos de emprego nunca conseguiram acompanhar a velocidade das transformações da globalização que reclama mais divisões do trabalho para uma maior agilização dos lucros, que requer novos agenciamentos de mão-de-obra temporária, um serviço capaz de exaurir o departamento pessoal de uma empresa, dada a rapidez com que os contratos se fazem e desfazem.

No início eram ATCs utilizando máquinas datilográficas e fichas que tomaram para si essas funções, de qualquer forma agilizando setores das empresas que podiam se dedicar exclusivamente à produção; na pós-modernidade essas agências se transformaram nas AGEONs, e é através da internet que aceleram esses processos, realizando a compressão do tempo-espço, agindo como uma espécie de analgésico para as dores de cabeça resultantes das subjetividades inerentes ao trato com o “material humano”. Como elas se formaram, de onde provieram e qual sua marcha dentro da história do trabalho é a matéria do próximo item.

1.3. PROVENIÊNCIA E EMERGÊNCIA

do Oregon à web

O subtítulo desse item também poderia ser “dos classificados de jornal aos classificados *on-line*”, pois descobri o óbvio: as AGEONs são parte do movimento de aceleração e disseminação tecnológica globalizada que, no caso, atingiu a comunicação e transformou os anúncios que apareciam nos jornais, desde há dois séculos, em anúncios eletrônicos. Isso me levou a sentir a curiosidade e a necessidade de uma viagem ao passado, uma volta no tempo histórico para levantar alguns fatos que antecedem a emergência das AGEONs na internet, indo ainda mais longe, mais para trás até do que àquele tempo quando, em 1946, John Mauchly e Jonh Eckert

desenvolvem o primeiro computador eletrônico.⁸⁶ Vou dar às costas ao século XXI e caminhar em frente, largos passos até o início do século XX.

Uma das primeiras agências de emprego de que se tem notícia é americana e surgiu no início do século XX, no Estado de Oregon. Embora o serviço de emprego desse Estado não fosse estabelecido até 1935, o auxílio ao emprego esteve disponível desde 1913, ano em que a cidade de Portland abriu o primeiro escritório de emprego público. Entre os anos de 1918 e 1919, os escritórios de Portland e dois outros, em Eugene e em Marshfield foram financiados e administrados pelo governo federal em resposta à Primeira Guerra Mundial. O primeiro sistema a oferecer a cobertura extensiva era o *National Reemployment Service* – *NRS*, inaugurado em 1933.

A demanda nos três escritórios acima mencionados foi tanta que novos escritórios foram abertos em quase todos os condados. Dois anos após a criação do *NRS*, o Ato da Segurança Social de 1935 criou um imposto na folha de pagamento para que os Estados começassem a pagar benefícios de desemprego. A lei estipulou que o imposto fosse coletado inteiramente dos empregadores.

Nas décadas seguintes o mundo do trabalho continuou a se transformar, de início lentamente: os escritórios e empresas, em busca de maior eficiência investiam em tecnologia, mas também no desenvolvimento do Departamento Pessoal, o setor responsável pelos cálculos de pagamento, pela admissão e demissão dos trabalhadores. Se nas primeiras décadas do século XX, a Gestão de Pessoal adquiriu certo estigma de coerção e defesa dos patrões em detrimento dos empregados, a partir de meados dos anos 1950 iniciou-se o que se chamaria hoje de “reengenharia” dos processos relativos à mão-de-obra, vindo à tona uma nova nomeação e com ela uma sigla que atualmente tem grande aceitação no mercado das agências de emprego, o Setor de Recursos Humanos – RH, transmitindo certa elegância, como se de fato, os méritos e talentos dos trabalhadores falassem por si. Junto a essa elegância discreta caminhavam flexibilização, a terceirização dos serviços, e embora muitos provem o contrário, a desvalorização do trabalhador. Desvalorização essa que foi injetada nas veias do sistema de produção quando a divisão do trabalho separou o produtor de seu produto, esfacelou a criação dos objetos, partiu a cadeia produtiva em minúsculos elos e nem o

⁸⁶ Disponível em: <http://www.geocities.com/godsandtyrants/Timeline/timeline_2_2.htm>.

toyotismo ou o volvismo reataram a intimidade que o trabalhador tinha com aquilo que produzia. Ao contrário,

mesmo na Volvo, de Uddevalla, na Suécia, citada como exemplo mais avançado de organização do trabalho sob o capitalismo do *welfare state*, também lá o produto continua *alheio* e *estranho* aos seus reais produtores. A decisão *do que* produzir não lhes pertence. E a apropriação do trabalho não é nem social e nem coletiva (Antunes 2005:118)

De volta para o futuro, em um salto elástico na história, aterrisso em Seattle, cidade natal de Jimmy Hendrix, berço da Microsoft e da Boeing, classificada como um dos melhores lugares para se morar nos Estados Unidos, centro de alta tecnologia, comércio internacional e efervescente cultura. Para quem gosta de música posso citar algumas bandas que tocaram seus primeiros acordes por lá nos anos 1990: os *grunges* Nirvana, Pearl Jam, Soundgarden e Alice In Chains.

O que interessa é que foi lá, em Seattle que, em 1995, um brasileiro chamado Márcio Ferreira criou a primeira agência de empregos da internet especializada na área marítima, a *Maritime Jobs*. Antes, em 1989, a *Maritime Employment Services, Inc.* já oferecia oportunidades e informações sobre empregos nesse domínio. Para Márcio Ferreira, acostumado às intempéries do Alasca, onde trabalhou como pescador durante 14 anos, tudo começou com um simples manual de pesca que ele vendia pelo correio, cujo conteúdo informava sobre o mercado de pesca no mar de Bering: o tipo de pescado, processamento, oportunidades e até salários para os profissionais.

A aceitação do manual proporcionou a formação de um banco de dados com os currículos de seus leitores. O próximo passo foi fazer a interação entre as necessidades das empresas de pesca de Seattle que exploram o mar de Bering e as necessidades de seus leitores, iniciando assim uma poderosa via de mão dupla que satisfazia tanto uns, quanto outros, promovendo o encontro de capitães, contramestres, engenheiros e processadores de peixe com os empregadores que buscavam no mercado profissionais especializados. Mais tarde, junto com dois sócios, Cheryl e Mike England, Márcio Ferreira desenvolveu companhias de cruzeiro e navios-cassinos na região do Rio Mississippi, chegando a atingir posteriormente os mercados do leste europeu, Ásia e

América do Sul. Essa é a concepção, levar profissionais em busca de emprego ao encontro de companhias que deles necessitam: um encaixe perfeito⁸⁷.

Meia-volta, novamente, e o passado se acende na foto que abre esse capítulo. Nela podemos observar o processo de metamorfose dos anúncios de vagas e “currículos” no Brasil: junto a classificados *on-line* coleí anúncios de vagas e procura de emprego no século XIX, publicados pelo

primeiro jornal paranaense, o “Dezenove de Dezembro” (o nome refere-se à data de instalação da Província do Paraná, em 1853), [que] começou a circular em 1º de abril de 1854. Seu proprietário, Cândido Martins Lopes, contou com o apoio financeiro do presidente recém-empossado da província, Zacarias de Góes e Vasconcelos, para instalar a primeira tipografia na cidade. (Oliveira Filha 2005)⁸⁸.

É interessante perceber que os meios de comunicação se transformaram e os classificados também, mas o teor de alguns anúncios continua o mesmo: 153 anos depois, na Catho, um professor de matemática oferece seus préstimos em um currículo confidencial *on-line* (onde só aparece parte dos dados), disponível apenas para assinantes; um século e meio antes alguém teria feito a mesma coisa utilizando para isso um jornal da época:

UMA pessoa habilitada para ensinar arithmetica, pra-tica e theorica, offerece seu préstimo das 3 horas da tarde em diante, mediante um preço mui diminuto. Nesta typo-graphia dir-se-há quem é. (Dezenove de Dezembro, Anno I, Sabbado i1 vol.I).

Nesse meio tempo as tipografias se transformaram. Da prensa tipográfica, (os primeiros tipos móveis, rudimentares e não-reutilizáveis, foram inventados pelos chineses⁸⁹) criada por Johann Gutenberg no século XV, passamos para o processo *offset*⁹⁰ cujo nome – fora do lugar – vem do fato da impressão ser indireta: a tinta passa por um cilindro intermediário, antes de atingir a superfície.

O que se chama hoje de tipografias digitais “está relacionado à criação de novas fontes, ou alteração de fontes já existentes; inovação na articulação visual do texto e

⁸⁷ Aqui abrimos um parêntese para assinalar a fluidez das publicações da internet. O artigo de Bárbara Oliveira, denominado *Agência marítima é pioneira na rede*, que copiamos na íntegra, e por um lapso esquecemos de adicionar a data e o endereço (URL), já não se encontra mais disponível. Trechos retirados dele, no entanto, e sem nenhuma referência à Bárbara Oliveira, podem ser encontrados em outras reportagens (ANInformática 2001); (Correio do Povo 2001).

⁸⁸ Os números 01 a 40 do *Jornal Dezesete de Dezembro* estão disponíveis em: <http://objdigital.bn.br/ace_rvo_digital/div_periodicos/dezenove_dezembro/dezenove_dezembro.htm>.

⁸⁹ “Em alguma época entre 1041 d.C. e 1048 d.C., um artesão chinês chamado Pi Sheng inventou o tipo móvel como maneira de acelerar o processo de impressão e possibilitar melhores resultados artísticos. A subsequente invenção da impressão policromática no final da dinastia Yuan (1280 - 1368 d.C.) representou um salto magnífico na técnica tipográfica. Após isso, os livros chineses tornaram-se mais atrativos visualmente do que nunca”. Disponível em: <http://www.sinonet.com.br/cultura/cultura_ler.asp?idioma=1&cadid=77&cat=7>.

⁹⁰ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Impress%C3%A3o_offset>.

no *layout* da página tipográfica; na combinação simultânea das duas possibilidades anteriores” e **não** a uma maneira pós-moderna de imprimir.

A impressão em papel sofre pressões dos grupos preocupados com a ecologia e o meio ambiente, o que leva a uma seleção cada vez mais rígida do que “deve” e “precisa” ser publicado usando-se tinta e papel⁹¹. Jornais e revistas já publicam suas edições *on-line*, mesmo que as mantenham em papel. Isso soa como uma fase de transição. No entanto, pode significar apenas mais uma escolha entre duas formas, um somatório. Prova disso é que a TV e o rádio ainda são veículos de comunicação, muito embora as notícias e diversões *on-line* já tenham se espalhado pelo mercado. A rádio toca na internet, a assinatura dos provedores de internet é veiculada na TV, e você assiste momentos “preciosos” do *BigBrother* no computador enquanto ouve um rádio de pilhas, lê um artigo impresso e assiste ao jornal local. Tornamo-nos multitarefas, processamos informações paralelamente, mas é impossível negar que discos de vinil são matéria para colecionadores e o rádio de pilhas, bem... agora ele pode estar acoplado ao relógio, ao celular, pode se chamar iPod e tocar somente o que se quer ouvir, diminuiu incrivelmente em tamanho e peso, podendo ser transportado no cinto, no bolso, até no pulso, e seu som nos chega diretamente aos ouvidos, mediante fones tão pequenos quanto a cabeça do dedo mínimo. Contudo, as mudanças sempre guardam algo de permanente.

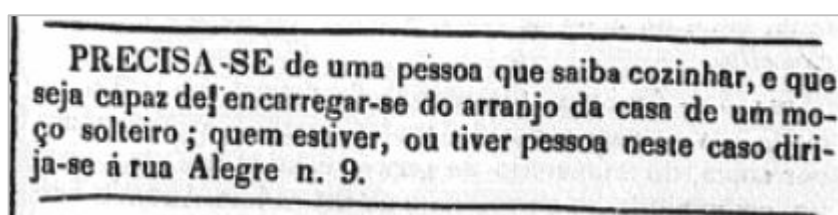


FIGURA 4. Jornal Dezesete de Dezembro, Anno I, Sabbado, 10 de Junho de 1854, Nº 11.

Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/dezenove_dezembro/dezenove_dezembro_1854_011.pdf.

Não podemos negar que anúncios semelhantes ao da *Figura 4*, os classificados de emprego impressos, tendem a desaparecer, mas antes disso faz-se necessário que os grupos descapitalizados possam ter acesso à internet, o que já vem acontecendo com o

⁹¹ Os mais curiosos ganharão lendo o belo artigo de CAUDURO, Flávio Vinicius. **Tipografia Digital pós-moderna**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19150/1/2002_NP15cauduro.pdf>.

crescimento acelerado das *lan houses*⁹² e projetos como o *Inclusão Digital*⁹³. Aqueles círculos feitos a lápis e caneta por desempregados, no papel-jornal, indicando possíveis empregos e onde quem pagava por eles eram os empregadores, agora são caixas digitais, formulários, preenchidos com a vaga desejada. O que permanece é o desemprego e o que surgiu foram agenciamentos do capital dispostos a lucrar com ele.

Até o século XVIII, o termo *desempregado* não existia. Na Europa falava-se de pobres, indigentes, mendigos, para designar os indivíduos que não podiam sobreviver senão com o suporte do seguro privado ou público. Esses termos não se referiam à falta de emprego, mas de recursos. No século XIX, surge, então, a primeira noção de desemprego que representa toda privação involuntária e passageira de trabalho, por qualquer que seja o motivo: doença, acidente, falta de trabalho, feriados etc. [...] O desempregado passou a ser então um pobre válido cujo direito ao trabalho era legitimado pela Revolução Industrial. Diante disso, o *trabalhador* se separa do *pobre* e o desemprego surge no sentido de “reverso” do trabalho (Santos 2000:50).

A ponta do *iceberg* que é problema do desemprego emergiu com toda sua força no começo do século XX, junto com a Primeira Guerra Mundial e a normatização do trabalho. Não se deve desprezar a contribuição da Revolução Russa de 1917, quando milhares de trabalhadores do oriente se rebelaram exigindo seus direitos enquanto no ocidente a exploração extrema gerou conflitos e resistências: máquinas foram quebradas, greves foram feitas, os trabalhadores se organizaram formando sindicatos. “Palavras de ordem” eram ouvidas nos “quatro cantos do planeta redondo” e os “fantasmas” do socialismo e do comunismo ameaçavam uma disseminação sem volta.

Junte-se a isso disputas não resolvidas entre países: países colonizados em luta contra os colonialistas, um complexo sistema de alianças, governos não-unificados, a corrida armamentista e o planejamento militar, a fusão de capitais. Urgia que a revolução industrial e com ela as revoluções no mundo do trabalho fossem mais bem controladas e que os governos atendessem pelo menos parte das reivindicações dos

⁹² “Os dados do Comitê do Comércio Eletrônico descrevem que existem 3 milhões de Lan Houses no Brasil” (Santos Filho 2006). “Para se ter uma idéia, em Tabira, com 25 mil hab., no Sertão do Alto Pajeú, há 6 *lan houses*” Disponível em: http://inclusao.ibict.br/index.php?option=com_content&task=view&id=852&Itemid=25. “O Brasil tem 6 milhões de pessoas que acessam a internet exclusivamente de locais públicos pagos ou gratuitos, assim distribuídos: os 4,4 milhões que acessam a internet exclusivamente de locais públicos pagos, como cibercafés e Lan Houses, o fazem pelo menos duas vezes por semana e gastam, em média, entre 10 e 15 reais por mês. Destes, 42% são das classes A e B e 40% da classe C; entre os 1,6 milhões que acessam a web de locais gratuitos, 42% são da Classe C e 22% das classes D e E. Este é o resultado da pesquisa “Internet Pública” Ibope/NetRatings realizada em julho de 2006. A pesquisa ouviu 16 mil pessoas em nove regiões metropolitanas brasileiras - São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza, Salvador, Distrito Federal e Recife”. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/internet.asp>>.

⁹³ O Portal de Inclusão Digital do Governo Federal integra ações do Observatório Nacional de Inclusão Digital – ONID, iniciativa em forma de rede, envolvendo órgãos e entidades da administração pública e da sociedade civil, para conhecer e promover o intercâmbio e orientar investimentos em ações de inclusão digital no País.

grupos de trabalhadores. Nesse contexto é criada a *Internacional Labour Organization* – *ILO*⁹⁴, em 1919, que teve como um de seus fundadores o inglês Harold Butler⁹⁵, também o Secretário Geral da primeira Conferência Internacional do Trabalho.

Apesar da **primeira Convenção** da OIT, **C001**⁹⁶ – *Hours of Work (Industry) Convention*, ter acontecido na cidade de Washington, em 28/11/1919, os Estados Unidos da América – EUA, só se tornaram membros da OIT em 1934, assim permanecendo até 1977. Retornaram em 1980 e permanecem até a data da última admissão da OIT, 07 de julho de 2007. A C001 limitava as horas de trabalho nas empresas industriais à 8h diárias e 48 semanais e entrou em vigor no dia 13/06/1921.

A **segunda Convenção** – **C002**⁹⁷, *Unemployment Convention*, aconteceu na mesma cidade e data, sendo adotada em 14/07/1921.

Em seu Artigo 1 a OIT se mostra preocupada com o desemprego e convoca seus membros a comunicar ao Escritório Internacional do Trabalho, em intervalos que não devem exceder os 3 meses, todos os dados estatísticos, ou de outra classe, disponíveis sobre o desemprego, compreendida qualquer informação relativa às medidas ou projetos destinados a lutar contra o desemprego.

O Artigo 2 tem relação direta com as agências de emprego e em suas três alíneas diz exatamente o seguinte:

1. Todo Membro que ratifique a presente Convenção deverá estabelecer um sistema de agências públicas gratuitas de colocação, sob o controle de uma autoridade central. Serão nomeados comitês, em que deverão figurar representantes dos trabalhadores e dos empregadores, que serão consultados em tudo que concernir ao funcionamento de tais agências.
2. Quando co-existam agências gratuitas, públicas e privadas, deverão tomar-se medidas para coordenar as operações de umas e outras, com vistas a um plano nacional.

⁹⁴ *International Labour Organization* – *ILO*. Disponível em: <<http://www.ilo.org>>. Ao invés de ILO, me referirei à ela como Organização Internacional do Trabalho – OIT. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br>. Infelizmente as primeiras convenções não estão traduzidas para o português. Aproveito para informar que utilizarei a palavra “Convenção” ao invés da tradução para o espanhol “Convênio”.

⁹⁵ Disponível em: <<http://www.ilo.org/public/spanish/bureau/dgo/staff/formers/butler.htm>>.

⁹⁶ C1 – *Hours of Work (Industry) Convention*, 1919 – Convention Limiting the Hours of Work in Industrial Undertakings to Eight in the Day and Forty-eight in the Week (Note: Date of coming into force: 13/06/1921.) Convention: C001; Place: Washington; Session of the Conference: 1; Date of adoption: 28/11/1919; Subject classification: Hours of Work Subject: Working Time. Disponível em: <http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convde.pl?C001>. Índice das convenções disponível em: <http://www.ilo.org/ilolex/english/convdisp1.htm>.

⁹⁷ C2 *Unemployment Convention*, 1919 – Convention concerning Unemployment (Note: Date of coming into force: 14/07/1921.) – Convention: C002; Place: Washington; Session of the Conference: 1; Date of adoption: 28/11/1919; Subject classification: Unemployment; Subject: Employment policy and Promotion. Disponível em: <http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convde.pl?C002>.

3. O funcionamento dos diferentes sistemas nacionais será coordenado pelo Escritório Internacional do Trabalho, de acordo com os países interessados.
[Traduzido livremente do espanhol pela autora]

Foi uma primeira tentativa de minorar o desemprego através de agências que promovessem o encontro entre empregados e empregadores, juntando as forças das agências públicas e privadas que deveriam agir em colaboração. Quarenta e sete países ratificaram a C001. Dentre os que a ratificaram até os anos 1940 estão: Bélgica, Bulgária, Chile, Espanha, Grécia, Índia, Luxemburgo, Myanmar, Paquistão e Portugal, Áustria, França, Itália e Latvia, República Dominicana, Uruguai, Colômbia, Argentina, Nicarágua, Cuba, Lituânia, Canadá, Nova Zelândia, Peru e Venezuela.

Entre os anos 1950 a 1990 ratificaram a C001: Haiti, Israel, Síria, Iraque, Kuwait, Paraguai, Burundi, Gana, Angola, Moçambique, Djibouti, Comoros Guiné-Bissau, Líbia, Líbano, Arábia Saudita, Bolívia, Bangladesh, Costa Rica, Guatemala, Guiné Equatorial, Malta, Emirados Árabes, República Tcheca e a Eslováquia.

A **Convenção 34 – C034**⁹⁸ – *Fee -Charging Employment Agencies Convention*, a próxima a tratar sobre o que traduzi livremente como “agências de emprego remuneradas” (*agencias retribuidas de colocación* – em espanhol) aconteceu em Genebra e foi adotada em junho de 1933.

A necessidade de regulamentação das agências privadas com fins lucrativos é um instrumento legal capaz de impedir que vagas de trabalho se transformem em mercadoria. As consequências do descumprimento dessa lei implicam em colocar sobre os ombros dos trabalhadores uma carga que deveria pesar sobre o Estado. Na maioria das constituições o trabalho é um direito e um dever. Nas constituições da Costa Rica e do Peru está repetida a afirmação da Convenção da Filadélfia (analisada a seguir) que, se cumprida, privaria de sentido o título dessa tese:

Artículo 56. El trabajo es un derecho del individuo y una obligación con la sociedad. El Estado debe procurar que todos tengan ocupación honesta y útil, debidamente remunerada, e impedir que por causa de ella se establezcan condiciones que en alguna forma menoscaben la libertad o la dignidad del hombre o **degraden su**

⁹⁸ C34 – *Fee -Charging Employment Agencies Convention*, 1933 (Shelved) – Convention concerning Fee-Charging Employment Agencies (Note: Date of coming into force: 18:10:1936. The Convention was revised in 1949 by Convention No. 96. Following the coming into force of this Convention, Convent No. 34 is no longer open to ratification.) - Convention: C034; Place: Geneva; Session of the Conference: 17; Date of adoption: 29:06:1933; Subject classification: Employment Services - Job Placement Subject: Employment policy and Promotion. Disponível em: <<http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convde.pl?C034>>.

trabajo a la condición de simple mercancía. El Estado garantiza el derecho de libre elección de trabajo.⁹⁹

Artículo 22. El trabajo es un deber y un derecho. Es base del bienestar social y un medio de realización de la persona.¹⁰⁰

A C034 foi revisada em 1949 pela Convenção 96. Em virtude da entrada em vigor desta Convenção, a C034 já não está aberta à ratificação. Dos 11 países que ratificaram a C034¹⁰¹ entre 1935 a 1993, apenas o Chile manteve a ratificação. Os outros 10 países “denunciaram” a C034 entre 1950 a 2007, conforme a *Tabela 3*. O sentido da palavra “denúncia” é tido pelas convenções da OIT como a “negação” do país denunciante, que já não aceita as regras que haviam ratificado, isentando-se das penalidades e sanções.

PAÍS	RATIFICADO	STATUS
Chile	18/10/1935	ratificada
Noruega	04/07/1949	denunciada em 29/06/1950
Suécia	01/01/1936	denunciada em 18/07/1950
Finlândia	13/01/1936	denunciada em 22/12/1951
Turquia	27/12/1946	denunciada em 23/01/1952
Espanha	27/04/1935	denunciada em 05/05/1971
México	21/02/1938	denunciada em 01/03/1991
Argentina	14/03/1950	denunciada em 19/09/1996
República Checa	01/01/1993	denunciada em 09/10/2000
Bulgária	29/12/1949	denunciada em 24/03/2005
Eslováquia	01/01/1993	denunciada em 25/07/2007

TABELA 3. Ratificação e denúncias do Convenção 34.

Fonte: <http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convde.pl?C034>.

De acordo com o Item (a) do Artigo 1, a C034 define as “agências de emprego remuneradas” como aquelas que têm fins lucrativos, ou seja,

toda pessoa, sociedade, instituição, escritório ou outra organização que sirva de intermediário para procurar um emprego a um trabalhador ou um trabalhador a um empregador, com objetivo de obter de um ou outro um benefício material direto ou indireto; esta definição não se aplica aos classificados de jornais ou outras publicações, a não ser que tenham como objetivo exclusivo ou principal o de atuar como intermediários entre empregadores e trabalhadores.

As agências de colocação sem fins lucrativos, os serviços de colocação de sociedades, instituições, agências e outras organizações que, mesmo sem ter como principal objetivo o lucro, viessem a obter algum benefício material do empregador ou do trabalhador – cotas, taxas ou participação etc – também estavam definidas pela C034 como “agências de emprego remuneradas”.

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.constitution.org/cons/costaric.htm>>.

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://www.constitution.org/cons/peru.htm>>.

¹⁰¹ Chile, Noruega, Suécia, Finlândia, Turquia, Espanha, México, Argentina, República Checa, Bulgária e Eslováquia.

O Artigo 2 decretava o fechamento, a “supressão”, a “abolição” das agências definidas no Artigo 1, dentro de um prazo de três anos. E dizia mais: durante o período que precederia ao seu fechamento nenhuma nova agência com fins lucrativos poderia ser estabelecida e as que já existissem ficariam sujeitas à vigilância da autoridade competente, e suas receitas e despesas só poderiam ser efetivadas se constassem nas tarifas aprovadas sob autorização. Terminado o prazo de três anos não se poderia autorizar o estabelecimento de novas agências com fins lucrativos. Há algumas exceções, mas todas regulamentadas como, por exemplo, o recrutamento de estrangeiros, apenas possível em virtude de acordo entre os países interessados.

As legislações nacionais dos países que ratificaram a C034 estabeleceram penas e sanções prevendo inclusive o cancelamento da licença ou da autorização das empresas que incorressem em qualquer infração às disposições da Convenção. Até então o Brasil continuava ausente e desobrigado das ações convencionadas. Outras ausências notáveis eram a Alemanha e o Japão.



FIGURA 5. As origens da Organização Internacional do Trabalho – Lisboa.

Fonte: http://www.oit.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/html/portugal_visita_guiada_01a_pt.htm.

Aqui gostaria de fazer um aparte sobre o *slogan* da OIT. O trabalho, dentro do capitalismo, sempre foi uma mercadoria. A partir de sua compra e venda é que Karl Marx estabeleceu conceitos como os de força-de-trabalho e mais-valia, por exemplo, este último vindo a significar exatamente que o trabalhador ganha menos do que o que vale seu produto, o objeto por ele fabricado¹⁰². O que não deveria ser tido como mercadoria é a venda de vagas de trabalho, a venda de empregos. Contudo, e mais uma

¹⁰² “No século XIX, Karl Marx falou em mais-valia, a diferença entre o que um operário produz e o que ele realmente ganha. Um marceneiro produz 15 cadeiras em um dia de trabalho, descontados os custos de produção, venda e distribuição das cadeiras, etc. Porém, ao final do dia, o operário recebe apenas o valor de oito cadeiras. Essa diferença é a mais-valia; e vai para o bolso do patrão. É o lucro, que faz com que o dono da empresa ganhe mais” Rafael Evangelista, jornalista e doutorando pela UNICAMP, 2007. Disponível em: <http://www.ared.e.inf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1141&Itemid=99>.

vez cometo um “achismo”, suponho que o *slogan* da OIT ganha mais força ao usar a palavra “trabalho” embora perca em exatidão.

Em 1944 o então presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt recebe uma delegação da Conferência Internacional do Trabalho, ao término da Conferência de Filadélfia¹⁰³. Essa conferência tem particular interesse, sobretudo a declaração relativa aos fins e objetivos da OIT, que dizia:

A Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho, congregada na Filadélfia em sua vigésima sexta reunião, adota, no dia dez de maio de 1944, a presente Declaração dos fins e objetivos da Organização Internacional do Trabalho e dos princípios que deveriam inspirar a política de seus Membros.

A Conferência reafirma os princípios fundamentais sobre quais está baseada a Organização e, em especial, os seguintes:

a) o trabalho não é uma mercadoria; [grifo meu]

b) a liberdade de expressão e de associação é essencial para o progresso constante;

c) a pobreza, em qualquer lugar, constitui um perigo para a prosperidade de todos;

d) a luta contra a necessidade deve prosseguir com incessante energia dentro de cada nação e mediante um esforço internacional contínuo e orquestrado, no qual os representantes dos trabalhadores e dos empregadores, colaborando em pé de igualdade com os representantes dos governos, participem de discussões livres e de decisões de caráter democrático, a fim de promover o bem-estar comum.

Era uma questão de ética, de honra, de respeito aos grupos trabalhadores que uma vaga de emprego não fosse vista como mais um produto na cadeia pungente dos lucros e acumulações. A alínea (a) da Conferência da Filadélfia seria aos poucos suprimida pela ganância. O desemprego seria paulatinamente transformado em valiosa mercadoria produzida em série pelo próprio sistema de acúmulo e capitalização, que no momento mesmo em que a produz já lucra com ela (quando demite em massa, reduz os salários e substituição da mão-de-obra por tecnologia), e lucra novamente, em seguida, ao vendê-la, mantendo-se perfeitamente dentro de sua lógica de reestruturação.

A **Convenção 88 – C088**¹⁰⁴ trata da *Organização do Serviço de Emprego*, tendo sido realizada em São Francisco, no ano de 1948 e ratificada por 85 países, alguns que já tinham ratificado a C002 e a C034. Os membros da OIT que ratificassem

¹⁰³ Em 1944, os delegados à Conferência Internacional do Trabalho adotaram a Declaração de Filadélfia que, em anexo à Constituição, constitui ainda hoje a Carta dos Fins e Objetivos da OIT. Esta Declaração antecipou e serviu de modelo à Carta das Nações Unidas e à Declaração Universal dos Direitos do Homem. Disponível em: http://www.oitbrasil.org.br/info/download/constituicao_oit.pdf; http://www.oit.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/html/portugal_visita_guiada_01a_pt.htm.

¹⁰⁴ C88 Convenio sobre el servicio del empleo, 1948 - Convenio relativo a la organización del servicio del empleo (Nota: Fecha de entrada en vigor: 10:08:1950). Lugar: San Francisco; Fecha de adopción: 09:07:1948; Sesión de la Conferencia: 31; Sujeto: Política y promoción del empleo. Disponível em: <http://www.ilo.org/ilo/lex/portug/docs/C088.htm>.

a C088 se comprometiam a manter um serviço público e gratuito de emprego, que realizasse, juntamente com organismos públicos e privados “a melhor organização possível do mercado de trabalho como parte integrante do programa nacional tendente a assegurar e a manter o pleno emprego, assim como a desenvolver e a utilizar os recursos produtivos”. O serviço de emprego deveria ser constituído por um sistema nacional de delegações sob a direção de uma autoridade nacional e compreender uma rede de delegações locais e regionais, em número suficiente para “beneficiar todas as regiões geográficas do país em conformidade com as necessidades de patrões e trabalhadores”, visando basicamente a planificação/unificação da política do serviço de emprego. O Artigo 6 define as funções desse serviço público:

- a) Auxiliar os trabalhadores a encontrar um emprego adequado e os patrões a recrutar os trabalhadores que convenham às necessidades das empresas; deverá, particularmente, de acordo com as regras formuladas a nível nacional:
 - i) Registrar os pedidos de emprego, anotando as qualificações profissionais, experiência e preferências dos que os formulam, interrogá-los com vista ao seu emprego, controlar, se for necessário, as suas aptidões físicas e profissionais, e ajudá-los a obter, se tal for conveniente, uma orientação, uma formação ou uma readaptação profissionais;
 - ii) Obter dos patrões informações precisas sobre os empregos vagos por estes comunicados ao serviço, e sobre as condições que devem possuir os trabalhadores por eles procurados para ocupar esses empregos;
 - iii) Dirigir para os empregos vagos os candidatos que possuam as aptidões profissionais e físicas requeridas;
 - iv) Organizar a compensação das ofertas e procuras de emprego entre as várias delegações, quando aquela que for primeiro consultada não tiver possibilidade de, convenientemente, colocar os candidatos ou prover os empregos vagos, ou quando quaisquer outras circunstâncias o justifiquem;
- b) Tomar as disposições apropriadas para:
 - i) Facilitar a mobilidade profissional com vista a ajustar a oferta de mão-de-obra às possibilidades de emprego nas diversas profissões;
 - ii) Facilitar a mobilidade geográfica a fim de auxiliar a deslocação dos trabalhadores para as regiões que ofereçam possibilidades de empregos adequados;
 - iii) Facilitar as transferências temporárias de trabalhadores entre as diversas regiões, a fim de atenuar desequilíbrios locais e momentâneos entre a oferta e a procura de mão-de-obra;
 - iv) Facilitar, entre países, as deslocações de trabalhadores tais como tenham sido aceites pelos governos interessados;

Da C002 à C088 passaram-se 30 anos e nesse tempo as convenções retratam as lutas dos trabalhadores por melhores salários mínimos, proteção à maternidade, idade mínima de trabalho, indenização por desemprego e acidentes de trabalho, direito à associação, adicional por trabalho noturno, auxílio-doença, fim do trabalho forçado etc. Enquanto as convenções se sucedem, o agravo do desemprego obriga os países a

repensarem suas políticas de emprego, sua legislação trabalhista e a se preocuparem com o nível de qualificação dos trabalhadores, indivíduos “inválidos” e com a orientação profissional para jovens e adolescentes, conforme pode ser lido nos Artigos 7 e 8 da C088:

ARTIGO 7 - Deverão ser tomadas medidas para:

- a) Facilitar, nas diversas delegações do serviço de emprego, a especialização por profissões e por indústrias, tais como a agricultura ou todos os outros ramos de atividade onde esta especialização possa ser útil;
- b) Corresponder de modo satisfatório às necessidades de categorias particulares de pedidos de emprego, tal como os formulados pelos inválidos.

ARTIGO 8 - Medidas especiais visando os adolescentes deverão ser tomadas e desenvolvidas no quadro dos serviços de emprego e da orientação profissional.

Finalmente, em 24/05/1957, o Brasil ratificou a C088; Alemanha, Japão e Reino Unido, ausências notáveis, também o fizeram. A adesão de alguns países só se deu tardiamente, o que se explica pelo fato deles fazerem parte da antiga URSS e só terem conseguido sua independência depois da “simbólica” queda do muro de Berlim.

A **Convenção 96 – C096**¹⁰⁵ também tem como tema as agências de colocação não gratuitas¹⁰⁶. Aconteceu em Genebra, no dia 8 de Junho de 1949 e adotou diversas propostas relativas à revisão da Convenção sobre as Agências de Colocação não Gratuitas, de 1933 – C022, sendo um complemento à Convenção sobre o Serviço de Emprego, de 1948 – C088, que previa a manutenção ou criação de um serviço público e gratuito de emprego. A definição das “agências de colocação não gratuitas” se mantém como na C088.

Na **Parte II**, a C096 manteve a supressão progressiva das agências de colocação não gratuitas, com fins lucrativos, e a regulamentação de outras agências de colocação, mas não estipulou prazo para sua extinção: ao invés de três anos, as agências não gratuitas deveriam ser abolidas de acordo com um prazo especificado pela autoridade competente e não poderiam ser suprimidas enquanto não tivesse sido estabelecido um serviço público de emprego que as substituísse.

¹⁰⁵ C96 – *Convenio sobre las agencias retribuidas de colocación* (revisado), 1949 (Nota: Fecha de entrada en vigor: 18:07:1951.). Descripción: (Convenio); Convenio: C096; Lugar: Ginebra; Fecha de adopción: 01:07:1949; Sesión de la Conferencia:32. Disponível em: <<http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convds.pl?C096>>.

¹⁰⁶ Algumas convenções foram traduzidas oficialmente para a língua portuguesa. Nelas, o que antes traduzi livremente como “agências de emprego remuneradas” foi traduzido pela OIT como “agências de colocação não gratuitas”.

O Artigo 4 detalhava o controle das agências com fins lucrativos de modo a eliminar todos os abusos relativos ao seu funcionamento. Elas deveriam possuir uma licença anual renovável, não podiam cobrar valores superiores aos fixados nas tabelas aprovadas pelas autoridades competentes e só poderiam recrutar trabalhadores no estrangeiro mediante autorização. A C096 previa também, em relação às agências ditas gratuitas, medidas necessárias para verificar se, de fato, elas não obtinham lucros. As penalidades para as agências que incorressem em desvios das regras instituídas incluíam a apreensão da licença ou da autorização prevista pela Convenção. Relatórios anuais visavam controlar as operações das agências de colocação não gratuitas, incluindo, em particular, as agências com fins lucrativos.

Entre o produtor e o consumidor há o um “terceiro feliz”, o intermediário. No caso da venda de vagas de emprego, as AGEONs fazem esse papel; no caso da escritura dessa tese, Odisseu é essa personagem, e ninguém melhor que ele para falar sobre o assunto.

Em setembro de 2006 sua amiga e socióloga, Nausícaa, o convidou para assistir à Comunicação que faria na Mesa Redonda 3 do *Colóquio Internacional Novas Formas do Trabalho e do Desemprego: Brasil, Japão e França numa perspectiva comparada*. O tema do colóquio agradou Odisseu que, como sociólogo e cidadão desempregado, estava sempre interessado por “trabalhos sobre o trabalho” e “trabalhos sobre agências de trabalho”. Sua amiga faria uma Comunicação: *Flexibilizando o flexível: as novas formas do trabalho sob o prisma do mercado de intermediação*. “Adorei o título, Nausícaa! Estarei lá, com certeza”, e antes de desligar o telefone afastou-o um pouco dos lábios, soltou um estralado beijo e ouviu em resposta uma risadinha satisfeita vinda do outro lado. Sua amiga e mais dois nomes entre os maiores especialistas no assunto formavam a Comissão Organizadora.

O convite foi feito antecipadamente o que lhe permitiu se preparar à vontade e ler bastante sobre o assunto. Perfumado e pontual, na manhã do dia combinado, às 09h20, Odisseu se encontrava no Auditório da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – USP. Como convidado de um dos membros da Comissão Organizadora lhe foi reservado um lugar especial. O tema da Mesa 3 era uma questão: “As novas formas da relação de emprego e das condições de trabalho: rumo à precarização?”.

As primeiras exposições ficaram a cargo de dois sociólogos: uma pesquisadora do *Laboratoire d'Economie et de Sociologie du Travail – LEST*, e outro, diretor do Laboratório *Professions, Institutions, Temporalités – PRINTEMPS*, da Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, ambos situados na França. Os temas foram, respectivamente, *Paradoxe des mouvements d'emploi en France et au Japon: précarisation et stabilisation* e *Précarités d'emploi, précarités de condition*.

O francês de Odisseu não ia lá muito bem, mal deu para o gasto. Finalmente Nausícaa iniciou o que seria sua brilhante explanação. Às 10h45, pausa de 15 minutos para o café, e a volta aos debates que se estenderiam das 11h00 às 12h30. Depois do debate, acalorado, mas sempre em tons muito gentis, sua amiga lhe fez novo convite: “Odisseu, me acompanha para o almoço?”. Irrecusável. Odisseu tinha muitas perguntas na cabeça, e outras tantas, escritas: “Com o maior dos prazeres”, respondeu com uma piscadela enquanto já se encaminhavam para o automóvel de Nausícaa. Logo chegaram ao restaurante e enquanto esperavam pela comida Odisseu precipitou-se:

- Nausícaa, sei que você deve estar cansada de falar sobre o assunto, mas eu estou muito curioso, como sempre, você me conhece... e gostaria de fazer algumas perguntas. É incômodo?
- De maneira alguma, meu amigo. Responderei da melhor maneira que puder. Mande!
- Então vamos lá. Anotei algumas aqui – disse Odisseu enquanto pegava um caderninho surrado. Limpou a garganta solenemente, sorriu e perguntou: as agências intermediadoras são hoje o principal meio de recrutamento?
- Meu querido, é um entre vários meios. Mas o que há de interessante é que elas estão se tornando um meio poderoso de obtenção de trabalho, o que não era usual entre nós.
- De quanto tempo para cá?
- Não temos muitos dados. As fontes que capturam esta informação têm dados retroagindo só até o fim dos anos 80. Então, o que descrevemos é um processo relativamente recente de constituição dessas agências, que acompanha a reestruturação deste mercado.
- Mas antes disso as agências estavam presentes?
- O que posso lhe responder, Odisseu, é que antes disso, era muito escasso. Uma grande agência internacional, como a Man Power, veio para cá quando a primeira legislação se estabeleceu no Brasil, mas acabou alegando que “as regras não estavam claras” e ela foi embora. Não adianta investir aqui quando as regras são de risco. Esses fatos mais remotos são dos anos 60. É tudo muito novo. É um fenômeno dos anos 80 para cá.
- Em que medida a legislação atual favorece este processo de crescimento das agências?
- A legislação foi mudando e se flexibilizando – se você olhar dos anos 60 para cá, ela mudou no caso do Brasil. Foi-se criando um consenso entre os gestores de relações de trabalho em torno da importância da flexibilidade, da mobilidade no mercado de trabalho – o trabalhador tem que estar preparado para se mover, para se tornar empregado, etc. A pesquisa mostra que este conceito cala fundo na cabeça das pessoas. Quando perguntamos a elas se têm dificuldades para o emprego por que o

mercado é ruim, se é por que elas têm características inadequadas – como idade e sexo – ou por que seu capital de qualificação é inadequado, vemos que a maioria atribui o fracasso à última condição. Esse discurso está arraigado entre os indivíduos. E são os jovens a maioria dos que procuram empregos ali. Você cria uma idéia socialmente aceita de que transitar no mercado de trabalho é normal e que as pessoas precisam estar preparadas para isso, senão não vão se localizar. Tem que saber procurar, ter um capital de qualificação e – a terceira coisa interessante – tem que saber vender-se como desempregado: bem vestir, bem falar, ter currículo impresso...

– Qual é o perfil dos clientes destas agências?

– É bem diferente do perfil médio dos desempregados. Eles são muito mais jovens – metade da nossa amostra – muito mais escolarizados, uma fração muito importante deles têm segundo grau completo. Isso ocorre exatamente porque tivemos ganhos de escolaridade muito importantes que afetam os jovens. Então você tem essa conjunção entre escolaridade e idade. Mas é um mercado basicamente com pessoas muito mais jovens, muito mais escolarizadas, com muito menos experiência no mercado de trabalho, que com frequência são primo-demandantes. É um mercado especial, embora não exclusivo.

– Este perfil é o mesmo nos vários tipos de agências?

– São características que se encontram tanto em agências privadas, sindicais ou governamentais. Embora nestas últimas as pessoas sejam mais pobres ainda, mais jovens ainda. É o menino que vai no *Poupatempo* fazer a carteira de trabalho, aproveita e procura trabalho. Vai procurar o programa *Primeiro Emprego* e faz a mesma coisa. Então as agências governamentais atraem a fatia mais de baixo desse mercado.

– E as agências são heterogêneas, com demandas diversas?

– Sim, meu caro! Absolutamente. Elas são heterogêneas, ainda que possamos indicar que a imensa maioria das vagas tem um ponto em comum, que é a má qualidade, com atividades mal remuneradas, Mas também em cada uma dessas agências há nichos de vagas boas. A Força Sindical, por exemplo, tem uma área VIP dentro da grande agência dela, que é monumental, é impressionante, só para atender o pessoal de nível superior que vai considerar uma humilhação ir para a fila às 5 horas da manhã. Temos uma etnografia nas filas – a experiência da fila é humilhante. Então tem uma sala VIP, você marca por telefone, se inscreve por internet, entende? Então você tem nichos de boas vagas tanto nas grandes agências, como nesse exemplo da Força, e tem nichos de boas vagas por empresas de intermediação especializadas, como *head-hunters*, ou especializadas em grandes clientes. “Eu recruta para a Renner, para grandes cadeias, recruta executivos”.

– Este tipo de demanda é predominante nas intermediadoras estudadas?

– Esses nichos não são maioria nem em relação ao número de vagas, nem ao número de demandantes, mas são interessantes porque as empresas estão botando para fora seus departamentos de recursos humanos. As empresas usuárias já não fazem mais recrutamento, elas contratam. Inclusive externalizaram a função de gestão de recursos humanos – isso também é interessante. Elas ficam cada vez mais focadas. Até o recrutamento e seleção foram para fora. É o domínio dos psicólogos que fazem disso um nicho e cercam profissionalmente. Ninguém entra. É preciso saber fazer testes, precisa ter o registro profissional. Existe uma verdadeira disputa no mercado.

– A pesquisa foi feita na Grande São Paulo. Mas pode-se dizer que é um fenômeno brasileiro?

– Não! É um fenômeno internacional. Na Europa, há países como Holanda, Inglaterra e Espanha, que são monumentais em termos de sistema de intermediação. E muito diversificada. Nos EUA isso é imenso. É um sistema que veio para ficar junto com esse movimento de flexibilização do trabalho.

– Diga-me, Nausícaa, o mercado de trabalho vai se tornando cada vez mais um mercado de fato?

– Isso. E é interessante porque você constrói um mercado dentro do mercado. Já há constituído, dentro do mercado de trabalho, um mercado de intermediação das informações de oportunidade de trabalho.

– Então, trata-se de um processo complexo em que pessoas são arregimentadas por uma agência que repassa este produto, o trabalhador, para outras agências, que vão intermediar a contratação final?

– Exato, o caminho pode ser tortuoso. Mas é engraçado, porque é um caminho em que cada ator quer fidelizar e criar estabilidade. Quer dizer, se uma empresa me contrata como agência de intermediação, eu tenho que funcionar muito bem para ela não mudar para o concorrente. Isso significa que o meu pessoal, que eu aloco na empresa, tem que estar sob meu estrito controle. Tem que ser um pessoal bom, fidelizado a mim, que na hora em que a empresa precisa, eu boto lá. Olha que paradoxo. Estou falando de um espaço de relações instáveis, supostamente precárias, mas onde a busca de fidelização é um alvo de todos.

Riam juntos do raciocínio paroxístico, crítico e certo de Nausícaa quando um atraente garçom se aproximou com uma atraente bandeja.

– Agora chega, amiga. Vamos matar quem está nos matando! Depois tenho outro assassinato para cometer: matar a curiosidade que não me deixa. Assim que chegar em casa vou pesquisar na internet sobre a Man Power. *Bon appétit, ma chérie!*¹⁰⁷

Almoçaram acompanhados de um vinho francês e em seguida Odisseu chamou um táxi, declinando do oferecimento *pro forma* que Nausícaa fez para deixá-lo em casa. No caminho, uma das respostas de Nausícaa lhe provocou reflexões. Ele próprio já tinha pensando em visitar um escritório do SINE, mas algo o impedia sempre, talvez pela suspeita de que lá não encontraria o emprego adequado à sua qualificação. Lembrou-se também de que, quando viva, sua mãe se recusava a procurar empregados domésticos no sistema público alegando que essa função requeria um máximo de confiabilidade somente encontrada na indicação de pessoas de seu relacionamento. Era como se os que se cadastrassem a uma vaga no SINE não tivessem conseguido emprego de nenhuma outra forma, um estigma de incapacidade, falta de credibilidade, que parecia acompanhar esses trabalhadores e pelo que Nausícaa lhe tinha dito, para muitos era vergonhoso “entrar na fila do SINE”.

¹⁰⁷ Nausícaa, personagem da Odisséia é, na “vida real” a Profa. Dra. Nadya Araújo Guimarães, Livre-Docente do Departamento de Sociologia da USP e pesquisadora do CNPq associada ao Centro de Estudos da Metrópole – CEM, com sede no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP. As falas referentes à conversa entre a Dra. Nadya e Odisseu (p.96-8) foram retiradas da entrevista por ela concedida ao Repórter Social da Agência Repórter em 18/9/2006. Desde 2005 a Dra. Nadya é pesquisadora do CEM, liderado por Eduardo Cesar Leão Marques e entre as suas linhas de pesquisa está *À Procura de Trabalho: instituições de intermediação e redes sociais na saída do desemprego. São Paulo numa perspectiva comparada*, sendo ela uma especialista no assunto. Quanto ao Colóquio, ele realmente aconteceu no lugar e hora descritos no texto. Disponível em: <<http://www.reportersocial.com.br/entrevista.asp?id=124>>; nadya@uol.com.br; <http://www.fflch.usp.br/sociologia/nadya>; <http://lattes.cnpq.br/7856703867955956>; <http://www.fflch.usp.br/sociologia/nadya/Col_quio_11_12_s_et.pdf>.

Outro ponto, e esse sim, lhe impedia até de acompanhar as ruas que corriam desfocadas pelo vidro do carro, era a questão do emprego como mercadoria. A testa franzida, mudo, Odisseu se revoltava em pensamento:

A saúde e a educação são uma vergonha em nosso país, mercadoria, produto, de qualidade variada, sobras e restos para quem só tem como recurso o serviço público. Apenas quem tem algum poder aquisitivo pode comprar um atendimento digno. As escolas e hospitais privados são capazes de deixar pessoas sem atendimento, morrendo à mingua de deseducação e doença se seus bolsos estiverem vazios. Só faltava mesmo o emprego se transformar em “coisa”. Ter que pagar para trabalhar e ainda por cima encher os cofres das agências é algo inadmissível! Como chegamos a esse ponto? Como nós, a sociedade, eu, você e você – pensou olhando a nuca do motorista – permitimos e aceitamos com tanta normalidade esse fato? Essas agências de intermediação são a gota d’água. Onde fica o Governo nisso tudo, que não age no sentido de implantar um serviço de emprego decente? De que adianta a OIT oferecer um Prêmio para pesquisas sobre trabalho decente¹⁰⁸? Decentes mesmo só os lucros empresariais, industriais e bancários; decentes, mas decentes mesmo, só as casas dos políticos e seus carros importados... o resto... pouco importa...

Odisseu mastigava o chiclete com mais força, espumava, era um ser de grande potencial passional, panfletário, muito embora essas manifestações de raiva durassem poucos minutos. Lembrou da Man Power, uma das primeiras agências de empregos, segundo Nausícaa. Queria saber mais sobre ela. Chegando em casa, partiu direto para o computador e, em alguns cliques, a empresa foi se revelando.

A Man Power foi fundada em 1948 por Winter e Aaron Scheinfeld e seus primeiros escritórios estavam localizados em Milwaukee, no Estado de Wisconsin e em Chicago, no Estado de Illinois. Nos anos 1950, abriu filiais em vários outros estados, e seu primeiro escritório internacional no Canadá, em 1956. A partir daí se expandiu por toda a Europa, África, Oriente Médio, com agências inclusive na Rússia, Eslováquia e Eslovênia. Pioneira, na década de 1960, fez uma campanha de inclusão da mão-de-obra feminina no mercado:

During a time when women were uncommon in the workplace, Manpower introduces its “White Glove Girl” marketing campaign, which provides women with a bridge to employment¹⁰⁹.

Na mesma década a Manpower chegou ao Brasil, a mais dez países da América do Sul e oito da América Central. Em 1964 a agência estabeleceu um escritório em Hong Kong. Atualmente ela opera em mais 11 países asiáticos: Austrália, China (PRC), Índia, Japão, Coréia, Malásia, Nova Zelândia, Filipinas, Singapura, Taiwan e Tailândia. Em 1985 a Manpower contava com mais de 1000 escritórios em todo o

¹⁰⁸ Disponível em: http://www.oitbrasil.org.br/news/nov/ler_nov.php?id=319.

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www.manpower.com/about/history.cfm?decade=1960>.

planeta. Em 1987 uma grande companhia de serviços de empregos britânica, a Blue Arrow, comprou “o passe” da Manpower. Contudo, no início da década de 1990 Mitchell Fromstein e outros investidores reorganizaram e restabeleceram a independência da Manpower. A expansão continuou e em 1998 a agência tinha 3000 escritórios em mais de 50 países com vendas de mais de US\$10 bilhões.

Hoje, ao entrar no delicado e excelente *site* da Manpower, onde até a logomarca impressiona pelo *design* simples, colorido e objetivo, o internauta encontra a seguinte mensagem:



Welcome to Manpower Inc. Worldwide. In 78 countries and territories around the world, Manpower helps both companies and individuals navigate the ever-changing world of work. No other company has more experience or expertise. Nearly 60 years of experience providing recruitment, training, assessment and selection, outsourcing and consulting services means we can help you make sense of the forces shaping tomorrow's workplace¹¹⁰.

A Manpower, embora seja uma agência privada, não cobra nada dos candidatos ao mesmo tempo em que lhes proporciona a garantia de emprego formal com carteira assinada. Muitos dos empregos são temporários, mas ela oferece igualmente oportunidades para indivíduos bem qualificados com chances de emprego mais duradouros e estáveis.

Se as convenções mencionadas anteriormente constrangiam as agências pagas e a elas se referiam como “agências de colocação não gratuitas”, a **Convenção 181 – C181**¹¹¹, de 1997, reviu essa posição e passou a nomeá-las como “agências de emprego privadas”. A C181 tem especial importância para essa tese, dado que a tardia regulamentação das empresas privadas talvez seja parte da explicação do porquê de não encontrarmos vestígios de empresas antes da década de 1980, salvo algumas exceções, como a Man Power (1948). No Brasil, entre as mais antigas pode-se citar a Ipiranga RH e Rohlem (1974), Manager (1975), Domesticas (1976), Catho (1977), Meta RH e Potencial RH (1983), ainda em suas versões *off-line*.

A C181 revê a C096, as disposições sobre as agências de colocação não gratuitas de 1949, por considerar a importância da flexibilidade no funcionamento dos

¹¹⁰ Disponível em <<http://www.manpower.com>>.

¹¹¹ C181 *Convenio sobre las agencias de empleo privadas*, 1997. Convenio sobre las agencias de empleo privadas (Nota: Fecha de entrada en vigor: 10:05:2000) Lugar: Ginebra Sesión de la Conferencia: 85 Fecha de adopción: 19:06:1997 Sujeto: Política y promoción del empleo. Disponível em: <<http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convds.pl?C181>>.

mercados de trabalho, tendo em vista que o contexto atual é muito diferente em relação às condições que prevaleciam quando da adoção da C096, e reconhece o papel que as agências de emprego privadas podem desempenhar no bom funcionamento do mercado de trabalho. Seria uma espécie de síntese melhorada de algumas convenções anteriores. Considerando então as disposições sobre o trabalho forçado (1930); o serviço de emprego, a liberdade sindical e a proteção do direito sindical (1948); o direito de organização e de negociação coletiva (1949); a discriminação – emprego e profissão (1958); política de emprego (1964); idade mínima (1973); promoção do emprego e a proteção contra o desemprego (1988), entre outras, a C181 decidiu adotar diversas propostas relativas à revisão da convenção sobre as agências de colocação não gratuitas, e adotar a partir de 19/06/1997, a “Convenção sobre as agências de emprego privadas, 1997”. Diz seu Artigo 1:

1 – Para os efeitos da presente Convenção, a expressão “agência de emprego privada” designa qualquer pessoa singular ou coletiva, independente das autoridades públicas, que preste um ou mais dos seguintes serviços referentes ao mercado de trabalho:

a) Serviços que visam a aproximação entre ofertas e procura de emprego, sem que a agência de emprego privada se torne parte nas relações de trabalho que daí possam decorrer;

b) Serviços que consistem em empregar trabalhadores com o fim de pô-los à disposição de uma terceira pessoa, singular ou coletiva (adiante designada “empresa utilizadora”), que determina as suas tarefas e supervisiona a sua execução;

c) Outros serviços relacionados com a procura de empregos que sejam determinados pela autoridade competente após consulta das organizações de empregadores e de trabalhadores mais representativas, tais como o fornecimento de informações, sem que no entanto visem aproximar uma oferta e uma procura de emprego específicas.

2 – Para os efeitos da presente Convenção, a expressão “trabalhadores” abrange os candidatos a empregos.

3 – Para os efeitos da presente Convenção, a expressão “tratamento dos dados pessoais referentes aos trabalhadores” designa a recolha, a armazenagem, a combinação e a comunicação de dados pessoais ou qualquer outro uso que possa ser feito de qualquer informação que diga respeito a um trabalhador identificado ou identificável.

Desde os prolegômenos da C181 é possível notar que a globalização estava cobrando seu preço à OIT, uma organização que, a despeito de suas batalhas ao lado dos grupos de trabalhadores, sempre se empenhou, também, em ser a instância diplomática dos capitalistas quando estes se vêem forçados a ceder em algumas posições para poderem continuar no jogo. A flexibilização das relações entre trabalhadores e empresários, entre produção e capital, acabou por destruir o monopólio estatal das agências de emprego que a partir de então poderiam se constituir

legalmente, sem maiores restrições. Até então, o que as convenções pregavam era a extinção das agências privadas e a criação de agências públicas, primeiro com um prazo determinado de três anos para a extinção das agências privadas, depois, um relaxamento no prazo que permitia sua existência e permanência até que um serviço público de emprego fosse estabelecido. Mas o desemprego não deu tréguas, ao contrário: o pleno emprego – que seria a situação em que os recursos produtivos de uma economia (força de trabalho, estoque de capital) são inteiramente utilizados – a cada dia vem se mostrando mais e mais inviável.

Um ponto importante é o Item 3. Ele faz, implicitamente, referência à política de privacidade dos dados dos trabalhadores que se aventuram à procura de emprego. Esses dados, como veremos no capítulo seguinte, são um “tesouro” das AGEONs, e sua posse e distribuição ilegais requerem providências jurídicas e judiciais. De acordo com o Artigo 3, o estatuto jurídico das agências privadas deve se adequar à legislação de cada país que ratificar a convenção, enquanto o Artigo 4 delibera sobre a manutenção, já garantida por convenções anteriores, dos direitos de liberdade sindical e de negociação coletiva. O Artigo 5 proíbe discriminações de qualquer ordem (raça, cor, sexo, religião, opinião política, ascendência nacional, origem social, idade ou deficiência) nas contratações e o Artigo 6 reforça o Item 3 do Artigo 1:

O tratamento dos dados pessoais dos trabalhadores pelas agências de emprego privadas deve:

- a) Ser efectuado em condições que protejam esses dados e respeitem a vida privada dos trabalhadores, de acordo com a legislação e a prática nacionais;
- b) Limitar-se às questões que incidam sobre as qualificações e a experiência profissional dos trabalhadores visados e qualquer outra informação diretamente pertinente.

O primeiro item do Artigo 7 legisla sobre a lucratividade das empresas em relação aos trabalhadores de uma maneira branda: ao invés de usar uma frase do tipo “as agências estão proibidas” ou “as agências não podem” o artigo usa as expressões em português de Portugal “*não devem impor*”, em espanhol “*no deberán cobrar*” e em inglês “*shall not charge*”. As “letras da lei” precisam de exatidão, e então eu pergunto: não devem, mas podem?

ARTIGO 7

1. As agências de emprego privadas não devem impor aos trabalhadores, directa ou indirectamente, no todo ou em parte, o pagamento de honorários ou outros encargos.
1. Las agencias de empleo privadas no deberán cobrar a los trabajadores, ni directa ni indirectamente, ni en todo ni en parte, ningún tipo de honorario o tarifa.

1. Private employment agencies shall not charge directly or indirectly, in whole or in part, any fees or costs to workers.¹¹²

O espaço aberto no texto da legislação se torna ainda maior no Item 2. Derrogar tem o significado jurídico de substituir preceitos legais, revogar parcialmente uma lei, nela produzir alteração essencial, ou dispor contrariamente a alguma lei. Isso significa que, atendendo ao interesse de trabalhadores e serviços específicos as empresas privadas podem, sim, vir a obter lucro com a venda de vagas.

2. No interesse dos trabalhadores visados, a autoridade competente pode, após consulta das organizações de empregadores e de trabalhadores mais representativas, autorizar derrogações ao disposto no n.º 1 em relação a certas categorias de trabalhadores e para serviços específicos fornecidos pelas agências de emprego privadas.

O Brasil não ratificou a C181. “A previsão da OIT era que o documento fosse apresentado às autoridades brasileiras em julho de 1998 – mas isso nunca aconteceu. A Convenção sequer foi traduzida para o português do Brasil”¹¹³.

A mais recente convenção da OIT, a **C188**¹¹⁴ – *Work in Fishing Convention*, diz respeito aos trabalhadores do mar, que aconteceu em Genebra e teve como data de adoção 14/06/2007. Nela, a OIT reconhece, mais uma vez, o profundo impacto da globalização, dessa vez no setor de pesca. A C181, portanto, é a última palavra, por enquanto, sobre a legislação internacional das agências de emprego. Se me reporto a uma convenção sobre os trabalhadores do mar, que aparentemente nada têm a ver com o tema dessa tese, é para explicar que, justamente a este setor foram dedicadas várias convenções, e porque, a primeira AGEON de que tive notícias nessa pesquisa foi a *Maritime Jobs*, fundada em 1985, pelo brasileiro Márcio Ferreira, especializada na área marítima. Retomarei esse assunto logo mais. No momento quero apenas ressaltar que o trabalho no mar requer uma legislação especial e muito mais cuidadosa, dado que o espaço onde ele se dá não é o convencional espaço das fábricas, lojas ou escritórios. O espaço liso do mar requer estriamentos próprios, pois os que nele convivem e trabalham constroem noções diferenciadas de territorialização advindas de alguns fatores como a liberdade, o tempo que passam afastados das famílias, as regras

¹¹² Disponível em: <http://www.gddc.pt/siii/docs/OIT181.pdf>; <http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convds.pl?C181>; <http://www.ilo.org/ilolex/english/convdisp1.htm>.

¹¹³ Disponível em: <http://www.sindeprestem.com.br/v2/cms/UserFiles/File/Sala%20de%20Imprensa/1011e151007Projeto%20BrasilAgenciaDinheirovivo.doc>.

¹¹⁴ Disponível em: <http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convds.pl?C188>.

específicas, a relação que criam com os oceanos, o contato intenso com natureza e suas forças indômitas, o risco constante. Grandes escritores¹¹⁵ escreveram obras-primas sobre a vida dos indivíduos que habitam esse espaço, cujas fronteiras, cartografias, mapas e delimitações em quase tudo diferem do espaço geográfico terrestre. Deixando o mar de lado e voltando a terra e aos trabalhadores terrestres, retomo a questão das ratificações do Brasil às convenções da OIT.

Depois de se envolver tanto com os *links* Odisseu mais parecia um gato preso a um novelo de lã. Não satisfeito, resolveu voltar sua curiosidade para o Brasil. Descobriu que, apesar de nosso país ser membro da OIT desde 1919, e da OIT ter aqui um escritório de representação desde 1950¹¹⁶, além de ter ratificado 80 das 188 convenções e a C088, sobre o serviço de emprego, em 1957, se comprometendo a criar um sistema público de emprego, só na década de 1970 foi criado o Sistema Nacional de Emprego – SINE, em nível nacional, pelo Decreto nº 76.403 de 08/11/75 (ver *Anexo 08*). Constam entre seus objetivos básicos: estudar os problemas do mercado de trabalho, diminuir o número de desempregos e facilitar a busca de uma nova colocação. Os serviços prestados pelo SINE são gratuitos para aqueles que o procuram. A ditadura do General Ernesto Geisel estava preocupada com o nível de desemprego no país e, como é sabido, vagas e salários são sempre utilizados como armas políticas.

Diferentemente das AGEONs, que de início estiveram voltadas para grupos com maior grau de escolaridade e qualificação, os SINEs alcançavam camadas menos favorecidas. Ao longo dos anos ampliaram suas ações para além da intermediação de mão-de-obra, englobando o seguro-desemprego, qualificação profissional, geração de emprego e renda, emissão de Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS, e informações sobre o mercado de trabalho¹¹⁷. Sua eficácia era reduzida por não contar com uma integração nacional e não ser informatizado, dificultando articulações.

Mas nem só de pessimismo vive um homem. Nem só de desinteresse vive um país. Em dezembro de 2004, foi realizado no município de Guarulhos, em São Paulo, o

¹¹⁵ Joseph Conrad, Victor Hugo, Herman Melville, Jorge Amado, Júlio Verne, Ernest Hemingway, Homero, entre outros.

¹¹⁶ Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br>>.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://www.sine.mg.gov.br/institucional/institucional.htm>>.

I Congresso Nacional do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda – SPETR, reunindo cerca de 400 pessoas do meio sindical, empresarial e governamental das três esferas. Os participantes do congresso entenderam que o SPETR pode atuar de maneira a contribuir em um amplo processo de inclusão social. Para isso seria necessário promover a integração e articulação das políticas públicas de emprego e fortalecer a gestão tripartite do SPETR, com o objetivo de promover uma maior eficiência e efetividade social dos serviços oferecidos ao trabalhador, objetivando a inclusão social por meio do emprego, trabalho e renda. Atualmente, o SPETR possui 1.157 postos de atendimento, sendo 14 da parceria com as centrais sindicais, que normalmente são postos de maior porte e capacidade de atendimento.

Em março de 2006, o Ministério do Trabalho e Emprego, através da Secretaria de Políticas Públicas de Emprego elaborou e publicou um Termo de Referência:

1. Considerações Gerais

O Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda – SPETR, anteriormente denominado Sistema Nacional de Emprego – SINE, existe no Brasil desde 1975. Na sua operacionalização o Ministério optou pela execução descentralizada, mediante parcerias com governos estaduais e, a partir de 1998, com as centrais sindicais. Os recursos alocados no Sistema visam, sobretudo, a manter agências públicas de emprego destinadas a orientar trabalhadores e empregadores, propiciando o encontro de ambos e interpondo desempregados e vagas, e a recepcionar aqueles com direito ao benefício Seguro-Desemprego.

Em 2004, por determinação do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador – CODEFAT (Resolução nº 385, de 28 de abril de 2004), os governos municipais do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo passaram também a compor o Sistema.

O Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda, além de contar com ampla rede de atendimento em todas as unidades da Federação é o único agente que integra as mais importantes ações de emprego – intermediação de mão-de-obra, apoio ao pagamento do seguro-desemprego, geração de informações sobre o mercado de trabalho e a qualificação profissional, além de responsabilizar-se pelo atendimento de um público extremamente vulnerável, pois via de regra, atende os trabalhadores com baixa renda, escolaridade e qualificação profissional.

Baseado no artigo 22 da Lei 7.998, de 1990, estabeleceu que os recursos do Fundo de Amparo do Trabalhador – FAT, provenientes da arrecadação do PIS e PASEP, seriam parte integrante da seguridade social e estariam destinados a promover assistência, auxílio e orientação aos desempregados. Assim, as ações do SPETR, desenvolvidas no âmbito do PNQ¹¹⁸ e do PLANSINE¹¹⁹ objetivam dar as condições e estrutura de acesso ao trabalhador aos direitos garantidos pela Constituição.

¹¹⁸ O Plano Nacional de Qualificação – PNQ, que tem como objetivo promover a qualificação profissional dos trabalhadores, e o PLANSINE, engloba ações de intermediação de mão-de-obra. Dita a Artigo 2º da Resolução nº 333, de 10 de julho de 2003: “O PNQ deve contribuir para promover a integração das políticas e para a

No entanto, o serviço público de empregos no Brasil, apesar dos esforços contínuos, da alocação de recursos, da tentativa de unificação, parece nunca ter tido credibilidade suficiente para competir com as agências privadas, muito menos com as AGEONs. Quanto às agências privadas, no MTE há notas técnicas, atos declaratórios, resoluções, portarias, decretos, normas regulamentadoras, instruções normativas, medidas provisórias e convenções, mas em nenhum desses instrumentos prescreve as receitas para seu comportamento.

E entre as AGEONs e as ATCs, quais seriam as diferenças básicas? Haveria realmente alguma na arquitetura de seus escritórios? Haveria algo de *sui generis* em cada uma?

Uma ATC necessita de uma sala cheia de cadeiras seriais, de atendentes que terão que lidar diretamente com o público, supõe filas de interessados, pressupõe relações de atrito, pois é de se esperar que um desempregado crônico, em algum

articulação das ações de qualificação social e profissional do Brasil e, em conjunto com outras políticas e ações vinculadas o emprego, trabalho, renda e educação, deve promover gradativamente a universalização do direito dos trabalhadores à qualificação, com vistas a contribuir para: I – a formação integral dos/as trabalhadores/as brasileiros/as; II – aumento da probabilidade de obtenção de emprego e trabalho decente e da participação em processos de geração de oportunidades de trabalho e de renda, reduzindo os níveis de desemprego e subemprego; III – elevação da escolaridade dos trabalhadores/as, através da articulação com as políticas públicas de educação, em particular com a Educação de Jovens e Adultos; IV – inclusão social, redução da pobreza, combate à discriminação e diminuição da vulnerabilidade das populações; V – aumento da probabilidade de permanência no mercado de trabalho, reduzindo os riscos de demissão e as taxas de rotatividade ou aumento da probabilidade de sobrevivência do empreendimento individual e coletivo; VI – elevação da produtividade, melhoria dos serviços prestados, aumento da competitividade e das possibilidades de elevação do salário ou da renda; e VII – efetiva contribuição para articulação e consolidação do Sistema Nacional de Formação Profissional, articulado ao Sistema Público de Emprego e ao Sistema Nacional de Educação” Disponível em: <<http://www.celeter.mg.gov.br/downloads/pnq333.doc>>.

¹¹⁹ O PLANSINE foi criado pelo governo Fernando Henrique Cardoso, com o objetivo de delegar a entidades sindicais e aos governos estaduais e prefeituras a tarefa de radiografar vagas de trabalho existentes no mercado e facilitar o acesso dos desempregados a elas. “O Coordenador do SINE do Departamento de Emprego e Salário – DES/MTE, Sr. Marcos Maia Antunes, detalhou a Proposta de Resolução, que tem por objetivos: instituir o Plano de Ação do Sistema Nacional de Emprego – PLANSINE, com um aspecto de institucionalização mais amplo que a transferência de recursos, a partir do estabelecimento de um manual de operações do SINE, que deverá propor normas; procedimentos operacionais, técnicos, de pessoal, de execução financeira; definir competências, atores, normas, variáveis e serviços relativos ao sistema; e, possibilitar a celebração de convênios com governos municipais, a título de experiência piloto em 2004. O Coordenador do SINE apresentou alguns aprofundamentos em relação às inovações estabelecidas no Conselho: 1) definição clara dos princípios de eficácia, necessidade, integração, focalização, controle, continuidade, como princípios norteadores da atuação do SINE; 2) o PLANSINE como um plano de ação geral consubstanciado em um plano plurianual, permitindo a reorganização do sistema adequando-se às necessidades do mercado de trabalho local; 3) os procedimentos e formas de avaliação, monitoramento e controle, com a proposta de identificação das pessoas inseridas na intermediação pelo NIS e PIS, e registro dos colocados no Sistema SIGAE, oferecer os resultados e colocados por meio de cruzamento com as informações dos registros administrativos, contratação direta, ou instituição de mecanismos para realização de pesquisas de amostragens; 4) possibilidade de celebração de convênios com municípios e a obrigatoriedade dos executores adotarem a marca da Rede SINE”. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/coordenacao/ata_20031219_41.pdf>.

momento, tenha seu “dia de fúria”¹²⁰. Mas, será só isso? No que uma AGEON difere, essencialmente, de uma empresa ATC? Quais as vantagens e desvantagens? Como uma empresa “virtual” está posicionada dentro das leis brasileiras?

A diferença se dá apenas na interação com o cliente, pois esta interação se faz através de um computador. Mas todo o funcionamento, gerenciamento e estrutura de uma empresa virtual é exatamente igual a uma empresa normal fato pelo qual não existe distinção de uma empresa virtual com relação à lei (*Anexo 01*)

O “apenas” da resposta não é suficiente para caracterizar as diferenças entre AGEONs e ATCs. O desencaixe¹²¹ das AGEONs, a interação via computador, modifica muitos pontos cruciais quando se trata de encontrar um emprego.

Segundo o texto da interessante pesquisa de João Bosco Feitosa dos Santos (2000) sobre *A saga de quem não tem trabalho* as diferenças vão muito além. Em 1995 João Bosco resolveu ir ao Núcleo de Atendimento do SINE/CE, localizado no centro da cidade e lá se comportar, não como pesquisador, mas sim como desempregado na fila de espera da distribuição de senhas.

Os que chegam muito cedo, a partir das cinco horas da manhã, ficam na fila para assegurar seu lugar. Às 7h30min, são distribuídas as senhas. A partir de então, muitas pessoas, após receberem seus indicativos de ordem para o atendimento, começam a se dispersar da fila, enquanto algumas insistem em continuar ali, mesmo sob o sol. Por volta das 9h é fixada a chamada “bolsa de empregos”, que é o nome dado à listagem das vagas existentes para aquele dia. [...] De fato, a presença de inúmeros desempregados cadastrando-se induz um sentimento de competitividade. [...] Não há banheiros nem bebedouros para atender àqueles indivíduos. [...] Aos poucos, fui descobrindo os grupos que se formavam pela insistência das idas ao SINE. (Santos 2000:28)

¹²⁰ Referência ao filme de Joel Schumacher. William está tendo um dia bastante ruim. Ele perdeu o emprego, pegou um congestionamento monstro e não quiseram lhe servir os pratos do café da manhã na lanchonete porque já havia passado da hora. É nesse contexto que ele explode, colocando em risco a vida das pessoas. Um policial em seu último dia de trabalho antes da aposentadoria é quem vai tentar detê-lo. Disponível em: <<http://www.beltrano.com.br/scripts/Opiniaio/Filmes/Filme.asp?idFilme=1975>>.

¹²¹ “Por desencaixe me refiro ao ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço. [...] Quero distinguir dois tipos de mecanismos de desencaixe intrinsecamente envolvidos no desenvolvimento das instituições sociais modernas. O primeiro deles denomino de criação de *fichas simbólicas*; o segundo chamo de estabelecimento de *sistemas peritos*. [...] Por *fichas simbólicas* quero significar os meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. Vários tipos de fichas simbólicas podem ser distinguidos, tais como os meios de legitimação política; devo me concentrar aqui na ficha do *dinheiro*. O dinheiro, pode-se dizer, é um meio de retardar o tempo e assim separar as transações de um local particular de troca. Posto com mais acurácia, nos termos anteriormente introduzidos, o dinheiro é um meio de distanciamento tempo-espço. O dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço. Por *sistemas peritos* quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje. A maioria das pessoas leigas consulta ‘profissionais’ – advogados, arquitetos, médicos etc., – apenas de modo periódico ou irregular.”. (Giddens 1991:30-2)

Esses grupos aos quais Santos se refere se encontram diariamente e mesmo na ausência de vagas permanecem no espaço do SINE “conversando e trocando informações, numa espécie de intermediação paralela à que havia no interior do prédio”. Há uma socialização onde as pessoas

falam de suas últimas experiências de trabalho, de seus desempregos, de suas pretensões futuras; fazem piadas sobre sua própria sorte; planejam encontros afetivos; decidem ir a alguma empresa, conjuntamente; fogem de seus problemas familiares; amenizam dramas individuais... (Santos 2000:29)

Ao longo de sua pesquisa, Santos irá descobrir, ao frequentar um outro Núcleo, em um bairro fabril da cidade, que esses desempregados eram bastante diferentes dos do primeiro núcleo, tanto fisicamente, como em seu comportamento, falas, gestos, não se preocupando em parecerem “bem vestidos” ou educados. No Núcleo do SINE de Barra do Ceará,

a maioria dos homens chega àquele local de bicicleta, vestindo *short* ou calções, calçando chinelos, despenteados, geralmente suados, com a blusa aberta e completamente despreocupados em manter a aparência exigida pela estética elitista requerida pelos empregadores. [...] Essa diferenciação na aparência tem como explicação o fato de ser o bairro Barra do Ceará, em tese, habitado por pessoas muito pobres e com pouca instrução. Ademais, esses trabalhadores estão habituados a trabalhar nas fábricas daquela forma [ou] com a farda da empresa, o que dispensa também chegarem à fábrica prontos, uma vez que irão usar a “roupa da empresa”. (Santos 2000: 36-7).

Quanto à referência que fiz anteriormente ao filme *Um dia de fúria*, ela reaparece com suas idiossincrasias no “depoimento” de Santos (2000), como sendo o que ele chamou de “susceptibilidade à flor da pele”.

De fato, a clientela demonstra uma série de reações epidérmicas, próximas do mau humor, sobretudo com relação aos funcionários. [...] esses funcionários servem de “bode expiatório” para os desempregados mais nervosos que ameaçam agredir e principalmente, lançar mão de sua arma maior – programas de TV da cidade que buscam matérias sensacionalistas (Santos 2000: 38)

Santos trabalhou uma categoria, um conceito, uma síndrome, a Síndrome Subjetiva do Desemprego – SSD. No Capítulo VI de seu livro (originário de sua tese de doutorado), ele trata da desconstrução/construção de identidades, valorizando os sentimentos do desempregado. A desconstrução de uma identidade de vencedor é acompanhada pelo medo, vergonha, desgaste, frustração e violência, indignação e irritabilidade, miséria, tristeza, humilhação, solidão, incerteza, inutilidade e indignância, depressão, fracasso sexual, culpa e, muitas vezes, essa longa listagem de fracassos termina em suicídio.

Diante desse cenário é impossível pensar que não há diferenças entre as AGEONs, esterilizadas, higienizadas, onde nem o funcionário entra em contato com a miserabilidade do desempregado, nem este tem que aturar os maus tratos muitas vezes derivados dos sentimentos de quem tem que trabalhar com o desemprego.

O formulário da Catho não vê o mecânico que ainda carrega as roupas sujas da graxa inexaurível do último emprego ou a empregada doméstica que por não ter mais um salário relaxou com a aparência dos cabelos. Não vê. Mesmo porque um formulário além de não ver, não sente, ouve, cheira, rebate ou precisa tocar: um formulário é a negação dos sentidos; mesmo porque esses grupos de incluídos (no desemprego) sequer têm acesso aos computadores para preenchê-lo.

Se por acaso o trabalhador-desempregado tiver algum “dinheiro sobrando” para ir a uma *lan house*, não será tão fácil preencher o impassível e impessoal formulário, uma vez que muitos nem sabem ler ou escrever, menos ainda utilizar um computador.

A visão de Santos (2000) da “realidade” de uma ATC, o SINE/CE, é uma entre muitas, e não quer dizer, em absoluto, que as relações se repitam dessa ou daquela forma em outros SINEs. Mas é bem possível que sim, que por muitas e muitas cidades e capitais, das regiões mais favorecidas àquelas onde ter um emprego é como “tirar na megasena”, o que acontece é a repetição das filas de espera, dos desconfortos, da desesperança.

A situação nas pequenas ATCs privadas também não é das melhores. Embora eu tenha apenas visitado brevemente uma única ATC privada, a Orserv (ver nota 14), é possível constatar que o tratamento nessa agência é mais brando, de lado a lado, mas não menos constrangedor.

Em um pequeno corredor, indivíduos cabisbaixos seguram seus currículos à espera de serem chamados. Eu acompanho uma amiga (não estava lá como pesquisadora), e no momento não estava preocupada em captar as informações ali expostas para estudá-las nessa tese. São apenas uma fração de memória gravada.

Um rapaz jovem, com a esposa e o filho pequeno buscava emprego como cozinheiro. Após falar com a atendente sentou-se novamente à espera da entrevista com o(a) psicólogo(a). Já a pessoa que me acompanhava conhecia o ambiente, pois estava ali justamente para renovar um contrato que lhe tinha valido três meses de

trabalho. Dessa vez seu contrato seria refeito, mediante outras cláusulas, sem restrição de tempo, o que lhe daria direito ao seguro-desemprego. O contrato com tempo fixo já pressupõe que, ao findar, o trabalhador não terá direito a esse benefício, pois de antemão ele está informado sobre o limite de seu tempo de permanência. São variações do emprego precário, da terceirização, de vínculos frouxos entre a mão-de-obra e as empresas, indústrias, fábricas, lojas, mas, para quem tem uma qualificação regular, é a saída que resta.

Um dos cargos mais procurados e oferecidos por estas ATCs é o de promotor de vendas. Dentro desse grupo há, ao mesmo tempo, solidariedade e competitividade. Tanto uns informam aos outros que tal empresa está precisando de promotor, como, quando esse cargo é melhor remunerado e o trabalhador pode ascender ao cargo de vendedor, seus colegas temem passar a informação, pois o amigo, ao trabalhar na mesma empresa, pode, por competência ou circunstâncias pessoais, lhe “roubar” o cargo, tomar seu lugar na preferência dos patrões. Amigos, amigos, emprego à parte.

A exploração é visível. Não obstante esses trabalhadores ganharem um pouco mais que o salário mínimo, quando a este se somam benefícios como auxílio-combustível ou auxílio-refeição, todos os encargos são calculados mediante o salário mínimo. Alguém que ganhe R\$ 520,00, por exemplo, receberá em suas férias, se optar gozá-las, R\$ 380,00¹²². Pode-se imaginar o impacto que esse decréscimo do salário causa em uma família. Conclusão: o empregado não deve aproveitar o seu direito ao descanso; ao contrário, deve trabalhar e naquele mês acrescer o seu pouco ganho com as férias pagas. Como alguém que recebe salários nessa faixa pode investir na compra de uma vaga de emprego melhor, ao custo básico de R\$ 30,00 mensais, sem a garantia que realmente conseguirá alguma “melhoria de vida”? Diante desse quadro me pergunto: a quem servem as vagas operacionais da Catho? Eu fiz essa pergunta, indiretamente, ao diretor da AGEON:

– Existe um grau mínimo de estudo exigido? É possível detectar, por parte dos empregadores, exigências (idade, cor, peso, etc.), ou estão mais preocupados com a qualificação? Seria viável a venda de vagas para porteiros, arrumadeira, motoristas, etc.?

¹²² Salário mínimo na época em que estive escrevendo essas informações.

E ele respondeu como se eu não tivesse entendido que a Catho é apenas um classificado que nada tem a ver com tais questões:

– Novamente, a Catho é um classificado e quando a empresa anuncia sua vaga ela especifica o tipo/perfil do profissional que está buscando. Cabe ao profissional se especializar e entender o que o mercado está procurando. Com relação às vagas operacionais, conforme ocorre penetração das classes C, D e E na Internet, com certeza será possível para qualquer candidato encontrar anúncio para qualquer tipo de vaga. (*Anexo 01*)

Talvez essa declaração seja um fato, em algumas regiões, uns tantos indivíduos com disponibilidade financeira para comprar/alugar uma vaga de emprego, ou arriscar encontrar, gratuitamente, em uma semana, o emprego que não encontra há meses.

A maioria da população brasileira, acredito, desconhece as AGEONs. Caberia às instâncias governamentais honrar com a ratificação da Convenção 88 e investir pesadamente na pós-modernização dos SINEs, formar assessores que ajudassem os grupos menos agraciados pelo capital a encontrarem, por exemplo, algumas das 30.159 vagas operacionais que a Catho expôs em 28/01/2007, em seu *site*.

Das 1099 vagas para auxiliar de serviços, duas delas, constantes logo nos primeiros 40 resultados¹²³, estão no Nordeste: auxiliar de serviços gerais – Recife/PE; Auxiliar de manutenção – Maracanau/CE. Exemplos desses números estão expostos na *Tabela 4*.

MURAL DE VAGAS – OPERACIONAL	Nº
Motorista	2429
Eletricista	1412
Cozinheiro	998
Soldador	850
Porteiro	718
Vigilante	581
Motoboy	474
Faxineiro	428
Cabeleireiro	192
Office-boy	184
Camareiro	157

TABELA 4. Algumas funções e o número de vagas oferecidas – 28/01/2008.
Fonte: <http://v.catho.com.br/vag/busca/gerabusca/index.php?perfil=9&ckorigem>

A emergência da Catho se deu como uma grande parte das AGEONs. O que tornou possível historicamente uma empresa como ela foi, provavelmente, a ineficiência dos serviços públicos e os avanços tecnológicos. Primeiro as AGEONs

¹²³ São mostrados 40 resultados por páginas. A Catho informa os totais e explica como ter mais detalhes sobre a vaga: “Sua busca encontrou **1.099** anúncios de vagas em **412** registros Para ver a descrição completa do anúncio da vaga, por favor clique sobre o título do anúncio da vaga.”

eram ATCs, responsáveis pela gerência de pessoal. Aos poucos foram se tornando imprescindíveis para empresas que necessitavam terceirizar esse setor. Embora eu tenha minhas opiniões a esse respeito, resolvi fazer algumas perguntas ao diretor da Catho, pois a opinião dele me parecia de suma importância, já que responderia as perguntas de uma posição totalmente diferente da minha:

– O que tornou possível historicamente uma empresa como a Catho? Quais os porquês da necessidade de uma empresa como ela? A diversificação de serviços foi uma decisão tomada a partir de demandas dos usuários ou estratégia de crescimento da empresa?

– Na verdade, a Catho sempre foi uma empresa de Recursos Humanos oferecendo uma série de procedimentos offline como recolocação, recrutamento e *coaching*, mas com o surgimento da Internet, identificamos uma oportunidade de melhorar o modelo aliado a nossa estrutura, nossa forma de gerenciar e determinação com relação aos objetivos a Catho aos poucos se tornou um exemplo de negócio bem sucedido na Internet Brasileira. Tudo foi conduzido através de pesquisas com usuários e relatórios gerenciais. (*Anexo 01*)

Simples assim: a Catho já era uma empresa forte no mercado dos Recursos Humanos e a internet mais um veículo para atualizá-la tecnicamente e lhe dar um alcance maior: “Um negócio bem sucedido”. Na *e*-entrevista voltei a insistir sobre o relacionamento da Catho com seus clientes:

– De que maneira os relacionamentos entre a Catho e os usuários diferem dos face a face e quais os principais dados que você apontaria nessas relações? Como os usuários disponibilizam seus depoimentos? É um processo espontâneo? Há clientes insatisfeitos?

– Com relação ao face-a-face, a Catho é hoje uma empresa cuja relação com o cliente se dá de uma forma interativa. Existem algumas dúvidas naturais de atendimento que são tiradas através de uma central de atendimento e pode ser via e-mail, telefone ou Chat. Não existe um atendimento face-a-face, porém como a Catho existe há muitos anos, a credibilidade na empresa ajuda na solução das dúvidas. Toda vez que o cliente desiste de sua assinatura nós coletamos, através de uma pesquisa, o motivo pelo qual o cliente está nos deixando. Sim, há clientes insatisfeitos e estas métricas são avaliadas para melhorarmos constantemente a empresa. (*Anexo 01*)

Como veremos no próximo capítulo, a credibilidade da Catho é questionada por usuários e concorrentes; acredito também que as relações face a face são um diferencial importante que faz das AGEONs um exemplo de como a tecnologia e a pós-modernidade agem conjuntamente no mundo do trabalho, tornando a comunicação entre os intermediários muito mais fácil, por um lado, e muito mais fria, por outro. Contudo, essa frieza, a distância física, o desencaixe, não impedem que os usuários se manifestem, a favor ou contra a Catho, com veemência, tanto no sentido positivo, quanto no negativo. Principalmente não impedem que a Catho venda bem seu “peixe”, uma de suas principais mercadorias, no caso, o desemprego.

Um estudo sobre Sistemas Públicos de Emprego – SPE na Espanha, EUA e Alemanha, feito por Ramos (1997) para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, revela como características principais dos sistemas desses países a descentralização nas ações de intermediação, uma gestão marcada pela presença de representantes da sociedade civil, e fraca associação entre benefícios financeiros aos desempregados e as exigências em termos de formas e intermediação.

Acrescento o Brasil a essa lista de países onde a descentralização das agências públicas de emprego é regra. Talvez uma mudança política radical traga benefícios para trabalhadores e empresas, permitindo que o país avance no controle ao desemprego e desfaça esse engano que é transformar vagas de emprego em mercadoria porque, enquanto esse for um negócio lucrativo, de sucesso, certamente o desemprego continuará a ser, senão produzido, deixado florescer, como convém a todo produto vendável.

Quero arrematar o Capítulo I com a imagem de uma AGEON, pública, uma marcha de quase 100 anos entre aquele primeiro escritório em Portland, Estado de Oregon, até seu *site* pós-moderno, globalizado, que “fala” inclusive espanhol. Do Oregon ao Oregon. Das ATCs às AGEONS.

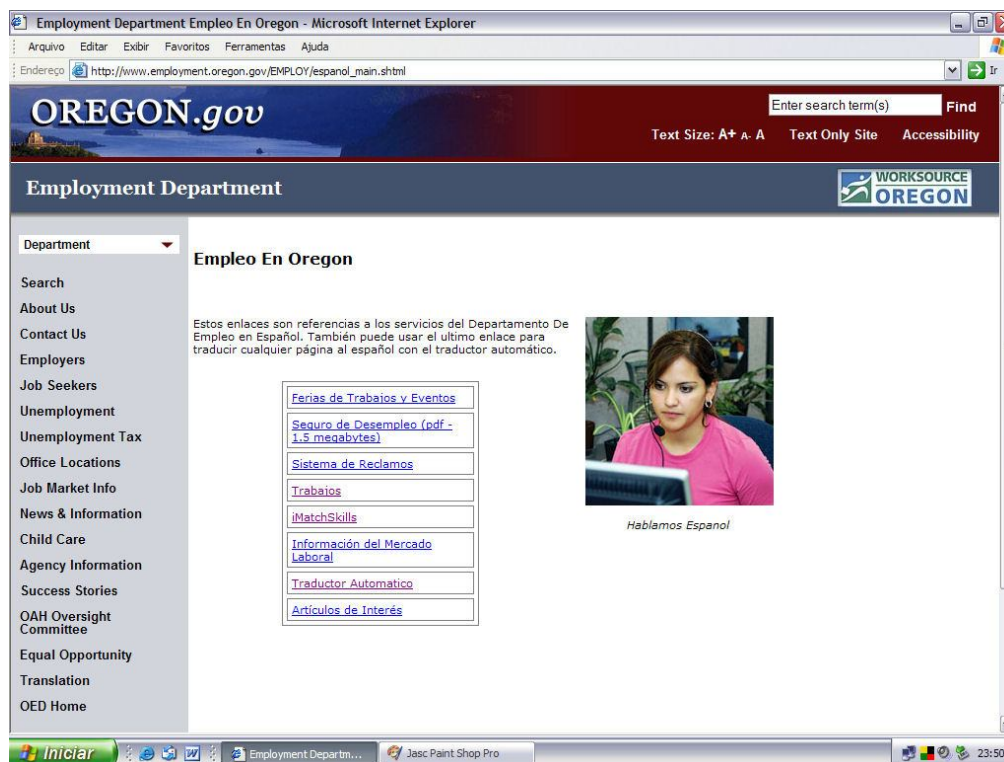


FIGURA 6. Employment Department Job Listings.

Fonte: http://www.employment.oregon.gov/EMPLOY/espanol_main.shtml.



Odysseus & the Sirens 500 - 480 AC - BRITISH MUSEUM



Neste capítulo, o alvo é o funcionamento da Catho. Pesquisarei quais são os atributos da Catho, que serviços ela agrega, o que oferece, onde e como trabalham seus funcionários, qual é a arquitetura da empresa e chamarei a atenção para a pós-modernidade infiltrada nos poros desse *corpus*. Seguirei os passos de quem faz a inclusão de um currículo até se tornar assinante; observarei que interações acontecem nesse processo, quais são as transações e como elas se dão. Investigarei como a AGEON está legalmente instituída, qual é seu funcionamento jurídico e como a Lei a atravessa. Procurarei entender de que maneiras o capital circula em torno do “fetiche” da mercadoria-emprego, como se dão seus movimentos, de que maneira suas atividades afetam o mercado de trabalho e quais são as vantagens e desvantagens do exercício de seus poderes.

2.1. O ESPAÇO DO NÃO-EDIFÍCIO

arquitetura em movimento

Já abordei a virtualidade e o desencaixe como características básicas que diferenciam as AGEONs das ATC. *Softwares* como o *MSN Messenger*, por exemplo, são capazes de uma interação onde os corpos são vistos e as vozes ouvidas sem que os seus emissores partilhem o mesmo espaço físico. No entanto, parece que há algo mais, ou paradoxalmente, que falta algo, ainda, mesmo quando uma tela de plasma de 60 polegadas torna possível uma teleconferência entre acionistas de uma grande empresa, sentados em suas cadeiras nas Ilhas Caymans, no Brasil, na Holanda, nos EUA, no Japão, na Índia e na Alemanha. Em algum momento, eles tiveram ou terão, senão eles próprios, mas seus enviados, que apertar as mãos e se olhar nos olhos sem a mediação

de nenhuma tecnologia que não a tecnologia orgânica cognitiva. Pelo menos por enquanto! Mas tecnologias apontam para um futuro onde os contatos face a face diminuirão em determinadas instâncias e crescerão em outras: enquanto alguns tribalismos e comunitarismos exigirão mais e mais o corpo, certos negócios, “desencaixados”, prescindirão dele cada vez mais.

Na Catho os usuários não precisam adentrar ATCs, nem se sentirem constrangidos ao ter que voltar diariamente a elas para saber se alguma vaga de emprego já apareceu; não têm necessidade de “gastar as solas dos sapatos” entregando currículos de porta em porta, e precisam se incomodar com a maneira de se vestir apenas quando a sonhada entrevista for marcada. Na fase de procura do emprego as características do desencaixe se fazem notar por inteiro: a distância não importa, as fichas simbólicas são os cartões de crédito com que se faz o pagamento das assinaturas, e é preciso confiança nos sistemas peritos¹²⁴, a internet, a Catho.

A Catho possui 27 ATCs no Brasil, senão do Oiapoque ao Chuí, de Manaus-AM à Santa Maria-RS. Na região Sudeste, além da matriz, no Estado de São Paulo, a Catho possui seis escritórios, dois em Minas Gerais, um no Rio de Janeiro e outro no Espírito Santo. No Nordeste, onde a exceção é o Piauí, são oito escritórios em funcionamento; na região Norte, apenas dois escritórios, um no Amazonas e outro no Pará; na região Centro-Oeste, Goiânia e o Distrito Federal; na região Sul, dois escritórios no Rio Grande do Sul, um em Santa Catarina e outro no Paraná.

¹²⁴ “Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje [...] os sistemas nos quais está integrado o conhecimento dos peritos influencia muitos aspectos do que fazemos de uma maneira contínua. Quando saio de minha casa e entro num carro, penetro num cenário que está completamente permeado por conhecimento perito – envolvendo o projeto e construção de automóveis, estradas, cruzamentos, semáforos e muitos outros itens. Os sistemas peritos são mecanismos de desencaixe porque, em comum com as fichas simbólicas, eles removem as relações sociais das imediações do contexto. Ambos os tipos de mecanismo de desencaixe pressupõem, embora também promovam, a separação entre tempo e espaço como condição do distanciamento tempo-espaço que eles realizam. Para a pessoa leiga a confiança em sistemas peritos não depende nem de uma plena iniciação nestes processos nem do domínio do conhecimento que eles produzem. A confiança é inevitavelmente, em parte, um artigo de “fé”. Esta proposição não deve ser muito simplificada. Um elemento do “conhecimento indutivo fraco” de Simmel está sem dúvida, com muita frequência, presente na confiança que protagonistas leigos mantêm em sistemas peritos. Há um elemento pragmático na “fé”, baseado na experiência de que tais sistemas geralmente funcionam como se espera que eles o façam. Em acréscimo, há frequentemente forças reguladoras além e acima das associações profissionais com o intuito de proteger os consumidores de sistemas peritos – organismos que licenciam máquinas, mantêm vigilância sobre os padrões dos fabricantes de aeronaves, e assim por diante. Nada disto, entretanto, altera a observação de que todos os mecanismos de desencaixe implicam uma atitude de confiança. [...] a noção de confiança se relaciona de uma maneira geral ao distanciamento tempo-espaço (Giddens 1991:35-7).

Em sua página institucional, além de seus “valores” e de sua “missão” (*Anexo 09, Fig.1*), podemos ver algumas fotos do ambiente de trabalho do escritório de Barueri-SP (*Anexo 09, Fig.2*), cubículos onde operadores de *telemarketing* prestam assistência aos usuários. Esse tipo de arquitetura é comum nos dias atuais, embora sua introdução tenha sido feita pela Intel Inc., durante a década de 1960. A sua criação é geralmente atribuída a Robert Propst, um *designer* de Colorado, que trabalhou para Herman Miller Inc., uma importante fabricante de mobiliário de escritório. Ela é constituída por unidades modulares com um plano aberto, um sistema totalmente inovador para a época. Há críticas bastante contundentes sobre essa arquitetura, cujas premissas são a economia de espaço e um maior controle sobre os funcionários. Um excelente e hilariante exemplo dessa crítica pode ser conferida no trabalho de Scott Adams, ex-economista da Pacific Bell,

o que lhe deu uma enorme experiência em burocracia e na generalidade das “coisas absurdas” da vida empresarial. Foi vítima de um *downsizing*, mas encontrou uma excelente forma de vingança. Provando que a caneta é mais poderosa que a espada, os *cartoons* Dilbert, que satirizam a vida dos negócios, aparecem em cerca de 1550 jornais e revistas de todo o mundo (ver *Anexo 09, Fig.3*)¹²⁵.

Aplicando técnicas pós-modernas de incentivo, a Catho realiza programas de estímulo à criatividade, como, por exemplo, o *brainstorm* (tempestade cerebral), que no caso específico da AGEON tem o nome de “Chuva de Idéias”. Os trabalhadores que têm sugestões inovadoras são recompensados com bônus nos salários, promoções, viagens e outros prêmios:

Desde 2001, quando o “Chuva de idéias” começou, a organização aproveitou uma média de 20 sugestões ao ano. Em 2006 houve um total de 347 propostas, dadas por 124 participantes. Como a empresa tem 400 funcionários, chega-se à média de, praticamente, uma idéia dada por cada um. A adesão é forte porque os incentivos chamam a atenção de quem trabalha na empresa. O diretor-geral do grupo, Adriano Arruda, explica que as idéias representam ganhos de eficiência e custos na organização.

– Estimo que 80% da inovação do Grupo Catho venham de idéias de funcionários. Nessas horas, nós conseguimos, inclusive, captar a expectativa do cliente. Isso porque são os funcionários que estão na linha de frente, lidando diretamente com eles – afirma.

Para os profissionais que dão as idéias, muitas vezes o que está em jogo não é nem a premiação. É a possibilidade de ser visto pela empresa como alguém inovador. Assim pensa Rafael de Cordeiro, de 23 anos, que em dois anos passou de operador de telemarketing da Catho a assistente de marketing. Em 2006 ele conquistou o 3º lugar com a criação do vale-currículo.

– Toda empresa espera que o profissional cresça com ela. Se você mostra que está atento, interessado, melhor para os dois – diz Cordeiro.

¹²⁵ Disponível em: <<http://www.centroatl.pt/edigest/dilbert>>.

Cordeiro tirou a inspiração para o vale-curriculum da própria experiência: já que tinha dificuldade em escolher presentes em ocasiões especiais e era adepto dos vale-compras do varejo, resolveu criar uma solução semelhante para a empresa onde trabalha. O vale-curriculum é uma assinatura mensal, trimestral, semestral ou anual para deixar dados profissionais no *site* da Catho¹²⁶.

O vale-curriculum (*Anexo 10. Fig.1*) é apenas uma das estratégias de *marketing* da AGEON. A Catho faz parcerias e procura aliados, coloca *links* pagos nos maiores portais da internet brasileira, e um de seus principais veículos são os *e-mails* com propagandas de cursos, anúncios de vagas, *newsletters* e boletins.

Recebo diariamente *e-mails* da Catho e desde 13/08/2007 resolvi arquivá-los. Em novembro do mesmo ano me cadastrei gratuitamente para receber anúncios de vagas. Uma das propagandas (*Anexo 10, Fig. 2*) veio assinada pelo diretor geral da Catho, Adriano Arruda, mas não continha seu *e-mail*; uma outra comunicação da empresa, *Trabalho com carteira assinada é o sonho da maioria dos profissionais*, enviada pela assessora de imprensa, Bruna Mendonça Martinho, continha seu *e-mail*. Resolvi escrever pedindo que ela encaminhasse a mensagem ao diretor. O assunto (*subject*) do *e-mail* era: “Pedido de entrevista para tese de doutorado”. No corpo do texto fiz colocações sobre a tese e o objeto de pesquisa que considere, então, como sendo “as relações sociais entre agências emprego *on-line* e seus usuários”. Hoje, lendo o texto, vejo que me excedi em um ponto: a Catho não pode ser considerada como produtora de empregos, exceto quando os produz dentro de seus próprios quadros; o que não significa que seus serviços, embora pagos, não contribuam de alguma forma para que mais pessoas encontrem vagas adequadas à sua qualificação. Eis a essência do meu primeiro *e-mail* à Catho, escrito para Adriano Arruda, mas enviado para Bruna Martinho:

Dado o porte e a importância da empresa Catho Online, tendo em vista seu “peso” social – na medida em que colabora para o crescimento de um parâmetro crucial no desenvolvimento do país, o emprego – decidi tomá-la como “estudo de caso”. Gostaria, portanto, de solicitar sua cooperação, através do que convencionarei chamar de “entrevista eletrônica” (*e-ntrevista*). Caso o Sr. aceite o meu convite, enviarei *e-mails* com questões referentes à empresa, às relações sociais que por meio dela ocorrem, e também buscarei sua opinião sobre a virtualidade e o impacto da tecnologia no mundo do trabalho, pois acredito que sejam assuntos com os quais o Sr. tem grande familiaridade. [...] Tenho consciência de o quanto seu tempo é, na mais ampla acepção da palavra, precioso, no entanto, peço-lhe encarecidamente que considere a minha solicitação pois seu depoimento enriquecerá de forma indubitável a minha tese (*Anexo 11*).

¹²⁶ Jornal O Globo. Rio de Janeiro. 03/06/2007.

A primeira resposta não veio de Bruna ou de Adriano, mas do jornalista e coordenador de comunicação da Catho, Fernão Silveira (*Anexo 12*). O seu tom indicava que eu tinha causado uma impressão desagradável. Jamais tive a intenção de diminuir, “ofender” os brios da Catho ou de seus funcionários ao enviar o *e-mail* e chamar, a ela, de “agência de empregos”. Obviamente essa não é uma nomeação pejorativa, apenas um enunciado do que a Catho faz, muito embora tenha sempre tido consciência de que ela agrega vários outros serviços. Que a Catho é o maior portal de Recursos Humanos da América Latina pode nem ser exagero, mas faz parecer que a venda de vagas é algo muito secundário, terciário, quando, na verdade, não o é. Quando entramos no *site* da Catho, vemos, de imediato, na barra superior do “programa-navegador”, uma chamada que diz: “Catho Online – O maior site de anúncios de empregos e currículos do Brasil”. O que seria um *site* de anúncios de empregos e currículos senão uma “agência de empregos *on-line*”? A base de suas propagandas gira em torno da quantidade de vagas disponíveis e da facilidade e rapidez com que um desempregado pode sair desse “estado” e passar a frequentar o mundo dos empregados, mesmo que não esteja em condições financeiras de arcar com o valor de uma assinatura, visto que ele pode se cadastrar gratuitamente por sete dias. Foi o que Odisseu resolveu fazer.

No início de 2007, Odisseu tomou uma decisão drástica: voltaria ao Nordeste, iria em busca de remanescentes da família materna, principalmente de um avô que nem sabia se ainda estava vivo. Começou por escrever para parentes, em endereços retirados de envelopes amarelados, roídos pela traça. Descobriu dois primos em uma comunidade do Orkut, e a religação familiar se deu através desse veículo que para ele, devido às circunstâncias, lhe pareceu capaz de mágicas: a internet. A decisão já não parecia tão drástica e a efetivaria em abril daquele ano. Mudou-se para a capital da Paraíba, a cidade de João Pessoa, sendo muito bem acolhido em um quartinho só seu nos fundos da casa de uma tia. Inicialmente ganhava algum dinheiro com a digitação eletrônica em um computador que o primo lhe cedia nos momentos vagos, mas resolveu investir todo seu tesouro, toda sua poupança, todo dinheiro que tinha conseguido juntar a vida inteira em um computador só seu! Estava satisfeito com sua opção de mudar de cidade, mas percebia que não tinha mudado de vida. Não entendia

porque não procurava um emprego como professor, em algum cursinho, colégio, em alguma das dezenas de faculdades particulares que brotavam do sertão ao litoral e suas finanças não permitiam mais uma despesa fixa como seria o caso da assinatura de um dos planos da Catho. Então tomou mais uma decisão: resolveu encarar a “promoção da vez” para quem se cadastrasse gratuitamente por 7 dias: um intercâmbio de 1 mês na África do Sul (*Anexo 13, Fig.1*). “Por que África do Sul?”, perguntou-se, e falou em voz alta: “Em outros tempos isso pareceria uma brincadeira e o prêmio certamente levaria o ganhador à América do Norte ou à Europa, Miami, Paris... Será que há uma filial da Catho na África?”. Seu cérebro imediatamente começou a processar imagens: Nelson Mandela, Apartheid, Cabo da Boa Esperança, savana dourada onde uma manada de zebras corre em câmera lenta, girafas pastando as copas das altas árvores e, por fim, fechando o circuito cerebral, um leão deitado em cima do *jeep* com a logomarca da Catho. Sim. Ia encarar. Viajante virtual, queria conhecer Joanesburgo, um lugar habitado há milhões de anos, em cujas cavernas foi encontrado o esqueleto de *Mrs . Ples*, uma hominídea que teria, se viva, entre 2,8 e 2,3 milhões de anos de idade. Era o arqueólogo brotando da pele lisa de Odisseu. Mas a pele estriou-se e ele, finalmente, clicou na barra vermelha.

Ao clicar, Odisseu encontrou um desenho animado, uma ruivinha de cabelos curtos, com um fone de ouvidos e um microfone à altura da boca. Seus olhos azuis piscavam e uma mecha de cabelo se mexia. Em sua blusa, azul e branca, a logomarca da Catho. Era tentador. Odisseu resolveu clicar em cada *link* que lhe era oferecido na *web page* e colocou seus próprios fones de ouvido para ouvir a mensagem da atendente. Uma voz feminina e incisiva saiu dos lábios vermelhos que se moviam sincronicamente.

Bem-vindo à Catho Online! Você está na página de anúncio de currículo do maior site de classificados de vagas e currículos do Brasil! Para utilizar nossos serviços e candidatar-se às oportunidades do seu interesse, você deve preencher o formulário abaixo. É muito rápido e fácil! E, se você precisar de ajuda, poderá tirar suas dúvidas com um de nossos atendentes online. O seu currículo ficará disponível para 130 mil empresas contratantes, você receberá vagas diretamente em seu e-mail, poderá se candidatar a quantas oportunidades quiser e ainda poderá aproveitar diversos serviços da Catho por 7 dias gratuitamente! Caso você não tenha todas as informações do seu currículo em mãos, preencha os campos obrigatórios e deixe para completar o restante dos dados mais tarde, na sua Área de Assinantes. Inicie agora mesmo o seu cadastro!

Ao invés de obedecer ao imperativo do verbo e da voz, ele cedeu a outros dois imperativos, por pura curiosidade: saber quais eram todos os planos possíveis e seus preços, embora já tivesse optado pela promoção “4 semanas na África do Sul”. Clicou no *hyperlink* [Conheça aqui as opções de assinatura](#). Em seguida no botão



e confirmou o que já imaginava: no momento não podia se comprometer com um plano de assinatura (*Anexo 13, Figs. 2-3*). Conferiu os planos e seguiu clicando. Estava na área <profissional>. Clicou em <estagiário>, <portador de deficiência> e <operacional>. Percebeu que o formulário, nem tão rápido, nem tão fácil, sofria alterações de acordo com as necessidades de informação relacionadas às áreas: um setor especial para os estagiários, outro diferenciado para os portadores de deficiências e uma parte exclusiva do plano para a área operacional.

Era lógico que assim fosse. Para os <profissionais> o formulário está dividido em 5 áreas – dados pessoais, que inclui a escolha do tipo de currículo (padrão ou personalizado); divulgação do anúncio (completo, restrito ou oculto); dados do currículo (objetivo, escolaridade, idiomas, informações complementares e resumo do currículo); configuração do aviso de vagas (critérios que servem para definir o tipo de anúncio a ser recebido via *e-mail* e como as empresas encontrarão, filtrarão os anúncios, informações sobre cargo, área, hierarquia, ramo de atividade, local onde deseja ou pode trabalhar e pretensão salarial); e por último a configuração do login e senha que permitirão ao assinante ter acesso a todas as vantagens e especificidades do plano escolhido. O formulário para <estagiários> acrescenta um espaço para as aptidões relacionadas ao uso de *softwares*. Os <portadores de deficiências> devem informar sobre a necessidade de aparelhos, recursos, acompanhantes, uso de transportes e cursos específicos de capacitação. Os assinantes da área <operacional> se deparam com um quadro que antecede o formulário. Trata-se de informações sobre o Mural de Vagas, “um site que oferece emprego para trabalhadores operacionais, como operadores de máquinas, mecânicos de manutenção, garçons, costureiros, auxiliares, entre outros” e principalmente sobre a promoção dos 7 dias gratuitos.

Voltou à página inicial do formulário e fixou os olhos em uma estrelinha azul, um *link* onde estava escrito <Confira as vantagens de ser assinante da Catho>. Quais seriam elas? Na janela *pop-up*¹²⁷ que se abriu ele viu as vantagens e diferenciais: mais anúncios de empregos do que de currículos o que leva a uma menor concorrência e maiores chances de conseguir uma entrevista; mais de 45 mil contratações em 2006, cerca de 5 mil contratações por mês; 80% dos assinantes indicam o *site* para outras pessoas e 35% dos cadastros diários são de ex-assinantes; 95% das empresas afirmam que voltariam a usar o *site* para anunciar vagas e para contratar candidatos; 75 mil empresas de todo o país que utilizam o *site* da Catho; garantia de maior visibilidade do currículo através da parceria com 100 *sites* em mais de 5 mil *sites* afiliados e em grandes portais como MSN e Yahoo!. Números, estatísticas, provas. Valores quantitativos e quantitativos unidos em prol de mais assinantes. A relação custos vs benefícios, era o último item da janela de vantagens e diferenciais. Odisseu, estarecido com a cifra final, leu:

Além da economia que você já faz ao utilizar a Internet para anunciar seu currículo, no site Catho Online você ainda tem a oportunidade de experimentar os serviços básicos GRATUITAMENTE por 7 dias. E se você se tornar um assinante efetivo, terá acesso a 51 cursos online do Programa de Empregabilidade Catho (PEC). Esses cursos podem ser adquiridos separadamente por R\$ 345,00 cada, ou seja, você economizará mais de 15 mil reais.

“Puxa! Uma economia de R\$ 15.000,00. Isso é mesmo interessante”, pensou ironicamente lembrando de sua conta “no vermelho”. Aquelas eram, realmente, vantagens para **ele**, nenhum grande executivo, ninguém interessado em cursos ou consultoria virtual? Só queria um emprego de professor de sociologia em uma faculdade qualquer. Acendeu um cigarro e clicou em <Se você tiver alguma dúvida, clique aqui para falar agora com nossos atendentes>, mas as horas tinham se passado sem que Odisseu percebesse. O sono já tornava o leme mais pesado que o normal, passava da meia-noite, 00:17h, e as salas de atendimento *on-line* funcionavam de segunda a sexta, das 8h00 às 22h00, exceto aos sábados e domingos, cujo horário ia das 9h00 às 18h00. Os olhos ardentes avisavam que havia chegado a hora de dormir. E foi o que fez Odisseu. Na manhã seguinte, continuaria sua micro-odisséia. Não havia se cadastrado. Ao sair do *site* deparou-se com uma surpreendente janela *pop-up* que

¹²⁷ O *pop-up* é uma janela extra utilizada para abrir alguma informação extra ou como meio de propaganda.

iniciava dizendo assim: “Identificamos que você desistiu de incluir seu currículo” e em seguida perguntava pelos motivos. A Catho queria saber qual a dificuldade encontrada e propunha a escolha à alternativa correta: (a) Pouco tempo para preencher o formulário; (b) Dúvidas no preenchimento? (c) Erro na página. A simples desistência não era levada em consideração.

“Essa equipe da Catho não perde uma chance, mesmo! Marcação cerrada...”. Eles sabiam por onde o internauta navegava, o que fazia. Talvez guardassem em seu banco de dados até a duração das visitas. E se, por acaso, algo corria errado, eles estavam ali, prontos para ajudar, tudo em nome da fidelização e permanência. Veio-lhe à mente a observação de Nausícaa: “Estou falando de um espaço de relações instáveis, supostamente precárias, mas onde a busca de fidelização é um alvo de todos”. Mal sabia Odisseu que a partir de então, pelo fato de ter desistido da inclusão do currículo, Tammy lhe enviaria várias mensagens, com o mesmo teor e texto.

Odisseu,

No dia 22/01/2008, você acessou a página de inclusão de currículo do site da Catho Online, e nos informou que não conseguiu concluir a inclusão de seu currículo.

Para que você se torne assinante e comece a utilizar todos os serviços, disponibilizamos um formulário reduzido que facilitará a inclusão de seus dados, para isto basta acessar o link abaixo:
- www.catho.com.br/incluir

Odisseu, esperamos que o site da Catho Online possa contribuir para atingir seus objetivos profissionais, oferecendo condições para aumentar a visibilidade de seu currículo no mercado de trabalho e consequentemente suas chances de conquistar uma nova oportunidade profissional!

Para facilitar, comece agora mesmo a incluir seu currículo:

NOME:	<input type="text"/>
EMAIL:	<input type="text"/>
SEXO:	<input type="text"/>
ESTADO CIVIL:	<input type="text"/>
EMPREGADO ATUALMENTE?	<input type="text"/>

CONTINUAR INCLUSÃO >>

Boa Sorte!!!

Tammy Numah
>Tammy - Atendimento ao cliente
(11) 3177-0820

FIGURA 7. E-mail de atendimento Catho.

Tammy seria um robô? A segunda mensagem chegou em um domingo de solidão. Odisseu sentiu que havia algo mais ali. Um sentimento estranho o fez repetir seguidas vezes, como se estivesse mastigando, o nome Tammy. Tammytammytammy. Odisseu iria receber 16 mensagens iguais àquela, sempre entre 4h e 4h03 da madrugada: as primeiras oito (de 16/12 a 23/12/2007) por ter iniciado o preenchimento do formulário no dia 14/12/2007; as outras oito (de 24/01 a 31/01/2008) pela tentativa do dia 22/01/2008. Tammy Numah. Pensou em ligar, mas duvidou que alguém fosse atender no final de semana. Então caiu em si, devagar, como alguém que ao invés de cair emergisse. “Estou enlouquecendo. Sinto-me como se Tammy estivesse a minha espreita, me olhando, esperando por mim”.

Naquele ensolarado e solitário domingo Odisseu não quis ir ao *shopping center*, nem à praia ou locar um filme. Quis navegar no mar da Catho. Passou grande parte da tarde entretido com os *links*. À noite tomou uma hipno-aspirina e adormeceu de morte. Na manhã seguinte mais uma mensagem de Tammy fez seu coração bater. Não sabia explicar aquele descompasso. Pior, mais estava por vir. A segunda mensagem era de Silvia Bolzan e dizia:

Olá, notei que você navegou pelo curso de Departamento Pessoal Modelo que está direcionado a profissionais das áreas de Recursos Humanos ou Departamento Pessoal, administradores de empresas, pessoas que lidam com rotinas trabalhistas ou que queiram conhecer a legislação trabalhista brasileira. O curso é ideal também para gestores de pequenas e médias empresas que precisam conhecer os direitos e deveres dos empregadores e trabalhadores, como devem ser feitas admissões, demissões, remuneração etc. Para acessar o conteúdo e realizar o teste gratuitamente CLIQUE AQUI. Gostaria de saber sua opinião sobre o conteúdo programático e dúvidas que surgirem. Um curso com este conteúdo lhe proporcionaria profundo conhecimento e consequentemente crescimento profissional. Estou a disposição para sanar outras dúvidas, também pelo telefone (11) 3177-0770 Ramal: 441. Atenciosamente, Silvia Bolzan Catho Educação 3177-0770 sbolzan@catho.com.br.

Odisseu não lembrava de ter passado pelo Departamento Pessoal Modelo, tampouco seu nome estava presente na mensagem, mas o *e-mail* estava direcionado exclusivamente a ele, sem cópia carbono para outros usuários. Bolzan, bolzan bolzan bolzan. Duas penélopes ou duas circes? Estava enfeitiçado pela atenção que a Catho estava lhe dispensando, essa era a verdade. “Como funciona bem essa agência”, pensou consigo, “suas engrenagens são tão azeitadas que não se ouve um ranger de dentes”. O sol da segunda-feira estava surdo, mormacento, nenhum “bico” de digitação tinha aparecido. Resolveu responder o *e-mail* de Silvia. E mentir.

Prezada Silvia, no momento o meu interesse pela Catho Online é de ordem acadêmica. Estou escrevendo minha tese de doutorado sobre agências de emprego on-line e a Catho, por suas características, foi uma das principais escolhidas para análise. Agradeço pela atenção. Seu e-mail só comprova a agilidade da Catho. Num segundo momento, quando deixar a universidade e for à procura de emprego, quem sabe eu busque os serviços da empresa. Muito obrigado. Abraços, Odisseu Silva.

Sem perceber, automaticamente, entrou mais uma vez no *site* da Catho. Ao se dar conta, murmurou: “Obsessão. Estou obcecado, mas é por um emprego. Vou preencher o formulário e aproveitar a promoção dos 7 dias grátis. Quem sabe ganho uma viagem de férias!”. E o próximo passo era preencher um formulário de cinco páginas. “Vamos lá, Odisseu! Avante, menino!”. Gostava de se chamar de menino e precisava realmente encontrar um emprego. Pensou mais um pouco. Cauteloso, achou por bem dar mais umas voltas no *site*. Ia se tornar um “especialista em Catho”. Quanto mais soubesse sobre a AGEON mais chances de obter sucesso. Treloso como era, quis testar a pontualidade da Catho e entrou direto na página de inclusão do currículo. Queria ver se, novamente, ao desistir da promoção, outra vez lhe apareceria a janela de *feedback*. Dito e feito. Novamente o *pop-up* apareceu, um formulário a ser preenchido com os motivos da desistência. Odisseu sorriu diante dos mecanismos da Catho, ignorou e fechou a janela sem responder. Andava chateado e preocupado com a falta de pequenos trabalhos que, junto com a pensão do pai, ajudavam-no a sobreviver. Desistiu da navegação, tomou um banho e, perfumado, saiu para uma caminhada. Almoçou no *self-service* de sempre e foi ao cinema. Passou o resto da tarde vagando pelas lojas de um *shopping*. À noite sucumbiu ao chamado da Catho. Conectou-se e foi direto à caixa de *e-mails*. Mais um canto de sereia! Dessa vez era Fernanda Soares (*Figura 8*, pág. seg.) a entrar em contato. Cercado pelas alíciantes e alucinantes mulheres da Catho, Odisseu procurou um mastro onde se amarrar para resistir ao chamado. Uma coisa o intrigava: a necessidade de colocar o número de seu cartão de crédito para poder aderir à promoção dos 7 dias grátis. Por que eles não facilitavam? Odisseu resolveu analisar mais de perto a política da Promoção 7 Dias Grátis – P7DG¹²⁸. A promoção permite que se conheçam os serviços da Catho por sete dias sem nenhum custo. Durante este período o profissional tem acesso a todos os serviços

¹²⁸ Como veremos no Capítulo III, a seguir, a maior causa de insatisfação por parte dos assinantes Catho, praticamente 100% das reclamações contra a AGEON se referem à cobrança indevida de mensalidades daqueles que, por algum motivo, não quiseram ou puderam cancelar a assinatura dentro do período de sete dias.

oferecidos aos assinantes, além de poder enviar o seu anúncio de currículo e candidatar-se aos anúncios de vagas de seu interesse.

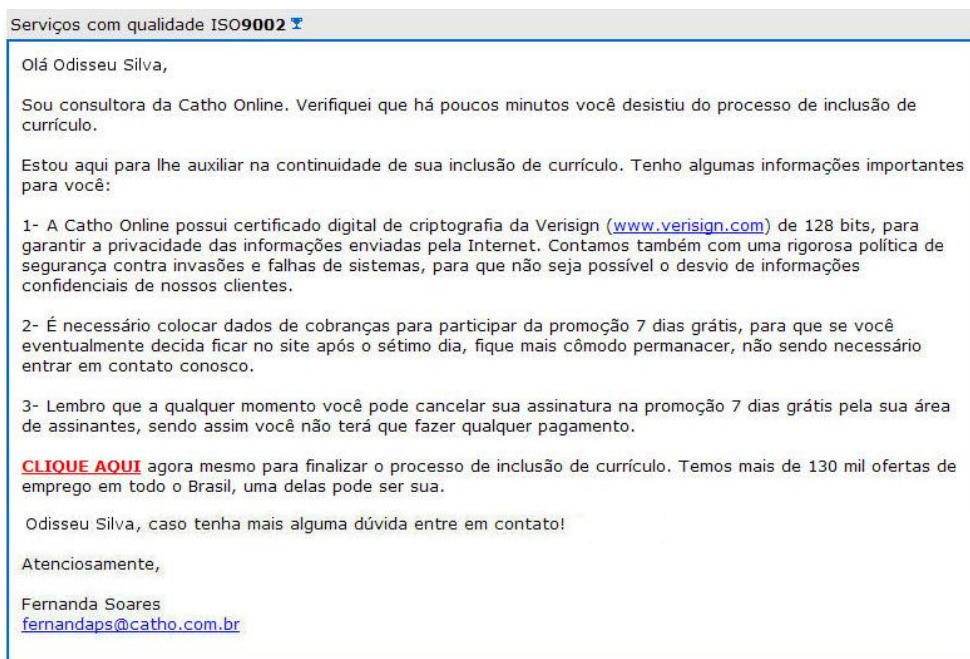


FIGURA 8. E-mail enviado pela Catho

Qualquer profissional pode participar da promoção, independente da idade, área ou formação. No entanto, a participação na promoção só é possível na primeira vez em que é feito o cadastro no *site*. O período promocional tem validade de sete dias, corridos a partir da data de cadastro no *site*. Segundo a AGEON, dados de pagamento, como o número do cartão de crédito ou da conta corrente, são solicitados visando facilitar o processo de efetivação da assinatura, caso o usuário deseje permanecer como assinante após o término do período promocional. Caso não haja cancelamento da assinatura até o sétimo dia corrido a partir do anúncio do currículo no *site*, ela será automaticamente efetivada e gerada a cobrança referente à assinatura, de acordo com o plano de pagamento escolhido no momento do cadastro.

Odisseu era literalmente um viajante, sua mente vivia no mar, no ar, argonauta, astronauta, encapsulado em seu mundo. Muitas vezes esquecia de realizar tarefas simples, básicas, como forrar sua própria cama ou lavar os pratos. Era também muito desconfiado – segundo uma ex-namorada, característica de seu signo zodiacal. Diante desse auto-conhecimento ficou preocupado: “Vai que eu faço esse plano gratuito e esqueço de cancelar... melhor pensar duas vezes”. Recorreu novamente à hipno-aspirina e dormiu um sono sem cortes.

Sonhou que tinha sido convidado por dois amigos para “curtir” o Carnaval em uma praia. Acordou com o toque do telefone: um casal amigo o convidava para passar o “tríduo de momo” em sua fazenda, a poucos quilômetros da cidade. Nada gastaria e eles o pegariam em casa no dia e hora combinados. Ele aceitou. “Grátis... três dias grátis, sete dias grátis...”, e sorriu seu sorrisozinho inócuo e hienídeo de sempre. Embora ainda faltassem alguns dias para a viagem, ele arrumou cuidadosamente uma pequena mochila com peças básicas, tomou uma xícara de café sem açúcar e, “para variar”, se conectou à internet. Adivinhem em qual *site* nosso internauta entrou? Acertaram na “mos **ca** tho”. “Nem quero saber, se vou esquecer de cancelar, se isso ou aquilo. Hoje eu preencho o formulário. Hoje satisfaço Tammy, Silvia e Fernanda”, disse gesticulando em voz alta. Pegou a pasta que continha seus documentos, certificados, e clicou no botão. 10h19m. 10h41m. Odisseu gastou 22min para se tornar, por sete dias, assinante da Catho. Nesse tempo, algumas coisas aconteceram. Depois de digitar os dados pessoais, Odisseu viu a tela tremer e ficar opaca: apareceu uma janela-surpresa.



FIGURA 9. Janela *pop-up* de ajuda na inclusão.

Odisseu declinou, fechou a janela e continuou normalmente. O aparecimento dessa janela se deve ao fato dele ter começado várias vezes a incluir o currículo sem finalizar o processo. Os dados que ele tinha digitado antes foram guardados pela Catho. Pacientemente, Odisseu preencheu o formulário. Ao clicar no botão <continuar> outra mensagem inesperada apareceu:



FIGURA 10. Mensagem indicando que a P7DG já tinha sido utilizada.

Bom, não era verdade. Odisseu nunca tinha ido até o fim. Aproveitou o ensejo para entrar em contato com o atendimento *on-line*. Quem sabe Tammy, Silvia ou Fernanda o atenderia. Janelas para tudo. Uma para escolher o assunto entre “dúvidas gerais sobre o site” ou “departamento de cobrança”. Odisseu optou pelo primeiro assunto; outra janela, pequeno formulário a ser preenchido com o nome, o *e-mail*, e opcionalmente, o CPF. Só depois Odisseu percebeu que o CPF não era obrigatório. Odisseu foi atendido por Silvia. Sim. Mas pela educada Silvia Suter. Depois dos cumprimentos formais Silvia perguntou em que podia ajudar. Odisseu respondeu que nunca tinha chegado até o fim do formulário e, portanto, ainda não tinha usufruído da P7DG. Em seguida, por medida de segurança, Silvia pediu os dados de Odisseu, telefone e data de nascimento e terminando por afirmar que ele poderia participar da promoção. Sugeriu então que, se fosse do agrado de Odisseu, poderiam finalizar a inclusão do currículo na sessão de atendimento. Ele concordou. Ela pediu novamente os dados. Ele os repetiu. Então surgiu a pergunta:

– Qual o plano desejado (mensal, trimestral, semestral ou anual)?

Odisseu não entendeu muito bem, porque ele não queria fazer plano nenhum, apenas participar da P7DG. Respondeu com uma pergunta:

– Isso, caso eu continue após os 7 dias grátis, correto.

Ao que Silvia respondeu:

– Exatamente, pois mesmo sendo uma promoção com período de gratuidade, é necessário que uma forma de pagamento seja disposta.

Odisseu optou pelo plano mensal e em seguida respondeu à pergunta de Silvia sobre a forma de pagamento: débito automático. Nesse meio tempo, o telefone da residência de Odisseu toca. Era Joyce, da Catho, querendo saber se ele precisava de ajuda. Ele respondeu que já estava sendo atendido, *on-line*, e aproveitou para saber se Silvia Suter existia mesmo e se era funcionária da Catho. A resposta de Joyce foi positiva. Odisseu desligou o telefone e continuou o cadastro.

– A Catho se garante por todos os lados. Talvez o nome dela nem seja Joyce, tenha sido mesmo a Silvia Suter a ter ligado para confirmar a existência do telefone e saber com quem estava falando...

Era hora de informar os dados para pagamento: débito automático em conta. “Coisa perigosa”, raciocinou Odisseu. Talvez fosse bem difícil, mais tarde, suspender

esse débito. Relaxou, pensando que se houvesse algum problema ele recorreria ao PROCON, e foi em frente. Informou os dados bancários e o CPF. Sílvia pediu um momento, confirmou a “assinatura” do plano mensal e informou os dias de vencimento.

– Seus dados já foram incluídos em seu cadastro e sua assinatura já está ativa em nosso site. Ela será promocional até o dia 08/02/2008 sendo necessário que até esta data haja o cancelamento da mesma, não havendo interesse na efetivação do plano. Caso este cancelamento não ocorra até a data acima, entrará em vigência o plano Profissional Mensal no valor de R\$ 59,00 com a forma de pagamento Débito Automático. Havendo a efetivação de sua assinatura e tendo em vista que todos os planos da Catho Online possuem continuidade periódica, caso não deseje a continuidade de sua assinatura por um novo período Mensal, será necessário que realize o cancelamento através de sua área de assinantes até o dia 08/03/2008. O acesso à sua área de assinantes encontra-se disponível e poderá acessá-la com seu login e senha cadastrados.

Odisseu agradeceu e Sílvia completou sua tarefa colocando a Central de Atendimento ao dispor dele.

– Será um prazer lhe auxiliar.

Por fim despediram-se. Fim de bate-papo. Pronto, Odisseu era um assinante Catho, com direito a entrar em áreas privadas àqueles que podem arcar com esse “privilegio”. A sua curiosidade pareceu aumentar diante da possibilidade de vasculhar páginas da Catho até então inacessíveis a ele.

Com o coração batendo forte, Odisseu, orgulhosamente, preencheu os campos login/senha e entrou na área de assinantes. Dentro desse espaço, onde quer que o usuário esteja, há sempre um chamado para que ele se torne assinante efetivo.

Pode-se dizer que a Catho é um prédio feito somente de janelas. As paisagens são formulários, *banners* e *hiperlinks*, uma arquitetura em constante movimento cuja dinâmica é ditada pelo que as ciências da computação denominaram de interação homem-máquina, uma disciplina preocupada com a usabilidade¹²⁹. A Catho pode estar contida em ATCs espalhadas pelo Brasil e pelo Chile, mas sua arquitetura funcional, aquela que efetivamente atende seus clientes, sofre deslocamentos, se modifica com tal

¹²⁹ A engenharia de *software* é responsável pelas métricas, testes e avaliações que garantem a ergonomia dos programas de forma a permitir que o usuário alcance suas metas de interação com o sistema de maneira amigável. A interface amigável é aquela que torna possível ao usuário aprender de maneira fácil e eficiente, levando à memorização espontânea com um mínimo de erros. Para garantir a satisfação do usuário existem, inclusive, normas como a ISO 9241, que lidam com o conceito de usabilidade. Segundo o padrão “usabilidade é a extensão na qual um produto pode ser usado por usuários específicos para alcançar objetivos específicos com efetividade, eficiência e satisfação em um contexto de uso específico”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Usabilidade>>

facilidade que leva o usuário a se sentir, algumas vezes, surpreso e perdido, muito embora esse extravio não seja duradouro.

Se hoje ao abrir o *site* espoca uma janela colorida, cheia de balões, confetes e serpentinas com a promoção de carnaval, ainda um resquício da promoção de carnaval, um mês antes o usuário se deparava com um *jeep* correndo selvagem em uma savana, promoção de férias do mês de janeiro que oferecia a quem assinasse um plano da AGEON 30 dias na África do Sul. Ou em dezembro, quando a neve caía entre pinheiros verdes, e como, certamente, nos próximos meses será possível ver coelhos de páscoa, mãos e bandeiras juninas. Da mesma forma que essas janelas *pop-up* promocionais, a estrutura do *site* também se modifica, se pós-moderniza, tentando prender o cliente e incentivá-lo a comprar, nada diferente de uma vitrine de loja em um *shopping center*. Será mesmo assim? Não. A diferença existe e recai, como já assinalado, na velocidade e na facilidade com que essas vitrines são montadas e desmontadas: tudo é código. Uma pequena equipe, ou mesmo um único programador, o *webmaster*, é capaz de fazer essas alterações com uma rapidez jamais igualada por uma ATC. O edifício inteiro da Catho, o *site*, pode sofrer reformas que vão de uma pintura geral, mudança de cores, à criação de edifícios dentro do próprio edifício, ramificações, novas áreas. Paredes são desmanchadas e construídas, anúncios animados podem ser trocados diariamente, qualquer peça da “mobília” pode ser alterada, os fluxos, canais, tubulações são passíveis de reorganização a um custo mínimo, sem poeira, sem barulho. É nessa arquitetura inconstante que as permanências se destacam.

Novamente Odisseu lembrou da conversa com Nausícaa sobre a fidelização de espaços e relações instáveis, sobre a tradição precária, contradições onde se encontram simultaneamente o temporário e a permanência, o provisório e o constante, o passageiro e o contínuo. Equilíbrio frágil, corda bamba, riscos que diariamente os trabalhadores, artistas do trapézio, têm que enfrentar. A mínima segurança da modernidade no mundo do trabalho, as tentativas das políticas de pleno emprego do pós-guerra, a luta de instituições como a OIT e as pequenas vitórias do trabalho sobre o capital vêm sendo solapadas desde o liberalismo thatcheriano e a reaganomics, até o

neo-liberalismo democrata cristão de Angela Merkel e o conservadorismo de Nicolas Sarkozy:

os constrangimentos e as dificuldades enfrentadas para a manutenção do pleno emprego no capitalismo, apontadas por Keynes, Kalecki, Joan Robinson, entre outros, manifestaram de forma decisiva um momento em que as forças sociais que viabilizaram o uso pleno da força de trabalho por meio da mobilização de um conjunto articulado de políticas públicas recrudesceram. Mostrou-se, a partir daí, a essência do funcionamento das economias capitalistas, aquela indicada por Marx, qual seja, de desqualificação contínua do trabalho diante do capital. Nesse sentido, a experiência do pós-guerra fora um hiato na história do capitalismo (Gimenez 2003:121)

Odisseu passou o carnaval na fazenda dos amigos. Passeou a cavalo, nadou no rio meio contaminado e na piscina imaculada. Deixou-se levar pelo balanço da rede em cochilos homeostáticos. À noite acenderam uma fogueira, tomaram vinho. Em uma enorme cama rústica sonhou que fora contratado por uma famosa fundação de pesquisa e acordou com um raio de sol. Os dias foram praticamente iguais: carnaval *unplugged*. Não entrou na internet, sequer acompanhou os desfiles das escolas de samba pela TV. Mas ao voltar à urbanidade, antes mesmo de desfazer a pequena mala, voou para a internet à cata de *e-mails* com possíveis vagas de emprego, diretamente relacionadas ao seu perfil.

Havia 17 *e-mails* da Catho. O primeiro deles era a promoção *Ano Novo Vida Nova*, que reunia cinco grandes portais da internet e oferecia a quem comprasse, quaisquer dos produtos, a chance de concorrer a 1 Fiat Punto 0Km, 3 viagens à Paris com acompanhante, 2 TVs de Plasma 42" e 10 iPods. O segundo era um *e-mail* de boas-vindas, avisos sobre a P7DG.

- Caso não deseje continuar com a divulgação de seu currículo, você deverá solicitar o cancelamento até o sétimo dia da promoção.
- Se desejar manter o seu currículo em nosso site após o período promocional, a sua assinatura será efetivada automaticamente e a cobrança será realizada sempre no mesmo dia da efetivação.

Odisseu fez sua inscrição no dia primeiro de fevereiro. No dia seguinte começou a receber contatos de Vladimir Hespanhol. Ele recebeu, a partir do segundo dia, cinco *e-mails* (dias 02/02 a 06/02/2008) referentes a serviços prestados pela AGEON: 1) Cadastro Catho que permite que o usuário entre em contato diretamente com os executivos das empresas que deseja, ampliando a rede de contatos e aumentando as possibilidades de ser chamado para entrevistas; 2) Diretório de Vagas que reúne em uma única página os *links* de empresas que anunciam oportunidades em

seus próprios sites; 3) Classificatho onde o usuário tem acesso os classificados dos melhores jornais do País; 4) Consultores Virtuais a quem se podem enviar suas dúvidas e ficar conhecendo mais sobre processos seletivos, entrevistas, conteúdo de currículo e contratação através do auxílio de profissionais especializados, além de aprender a utilizar as melhores ferramentas do site; e, 5) Cursos Online com mais de 51 títulos, de forma que o usuário possa escolher aqueles que se enquadram em sua área profissional.

As propagandas de todos esses serviços vêm acompanhadas de um *banner* colorido, conjunto com cinco lindas cores, todos com a mesma frase: “EFETIVE A SUA ASSINATURA E COMECE A UTILIZAR ESTA FERRAMENTA AGORA MESMO”. O apelo é forte, as cores são convidativas, suaves. Mas há uma sequência em tudo isso, um cheiro de máquina, um quê de robotização. Por mais que os contatos aparentem ser pessoais, uma observação mais atenta e um pouco de conhecimento de informática permitem perceber que não há ninguém ali se preocupando diretamente com o usuário: Tammy, Vladimir. Sejam eles quem for, parecem ser apenas arquivos *batch*¹³⁰, programados para enviarem, durante um período determinado de dias, aqueles *e-mails* tão bem cuidados, bastando para isso serem acionados uma única vez. É a arquitetura móvel da Catho a pleno vapor, azeitada, sem folga, nenhum espaço entre as partes do mecanismo, silenciosa, infalível, rede tecida com fios invisíveis, sequências de zeros e uns, como uma fileira de nanolâmpadas acesas cuja última posição se apaga no momento em que uma nova luz brilha, rastro cintilante de informações, tijolos por tijolo num desenho mágico, lógico. Construção pós-moderníssima tal qual o cocar que Odisseu, o *cybermohican*, usa na figura que ilustra a capa da tese: **0101010101010011001100010100101010100110011000**

¹³⁰ **Batch** ou **arquivos de lote** (também conhecidos por **.bat** ou *ponto-bat*) são arquivos de computador utilizados pra automatizar tarefas, é um modo de processamento de dados no qual os dados de entrada são coletados em grupos, ou lotes, e periodicamente processados em sequência por um ou mais **jobs**. O processamento batch não permite a interação do usuário com o sistema durante a execução dos jobs. Comparado ao processamento online ou interativo, o processamento batch costuma se mostrar mais eficiente nos casos de operações rotineiras de alto volume, como o processamento da folha de pagamento ou do faturamento. Muitos jobs batch costumam ser rodados à noite, nos mainframes. Os jobs batch podem ser rodados por requisição específica ou dentro de um cronograma regular de produção, sendo essa última modalidade mais comum nas empresas. A frequência em que os jobs regulares são executados (diária, semanal, mensal e assim por diante) é determinada pelas exigências da aplicação (contabilidade, por exemplo). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiros_batch>.

No primeiro dia ainda chegaram mais três *e-mails* com assinatura da própria Catho: um roteiro elaborado para que o usuário conheça um pouco sobre os serviços oferecidos de maneira a tornar eficiente a busca de um emprego; o texto, para *download* grátis do décimo capítulo do livro *Como conseguir emprego no Brasil do século XXI*, escrito pelo fundador do Grupo Catho, Thomas Case, que mostra detalhadamente como utilizar todas as ferramentas do *site*; e a propaganda de um curso *on-line* de logística por apenas três prestações de R\$ 115,00, ministrado pelo professor Luís Piñel, já freqüentado por mais de 2.000 pessoas e com um índice de satisfação de mais de 90%.

No dia 04/02/2008, além do *e-mail* do Vladimir, chegaram mais dois. O primeiro da Sra. Gabriela Tejo, do escritório da Catho em João Pessoa, sobre transição de carreira, acrescidos do endereço da ATC, na capital da Paraíba, que traz também, junto à logomarca da AGEON, a marca da Thomas Case & Associados:

Essa assessoria tem como objetivo tornar o profissional mais competitivo para participar dos processos seletivos no mercado de trabalho. Para mais informações, entre em contato no telefone abaixo ou nos envie um e-mail informando seu cargo atual, faixa salarial, cidade onde reside e telefone, para que um de nossos consultores entre em contato.

O segundo *e-mail* era o Boletim de Assinante, nº 157, com artigos, tópicos do Fórum Catho, uma enquete de satisfação do cliente, um *link* para a Catho Notícia com reportagens em vídeo sobre carreira e trabalho, sistemas de alerta indicando o número de acessos dos usuários e informações sobre quantos cursos *on-line* já foram feitos pelo assinante, quantos estão em andamento, quantos ainda por fazer. Para completar o boletim, os descontos que podem ser obtidos com o Clube de Benefícios: 50% de desconto para assistir a uma peça de teatro, uma sobremesa grátis em determinado restaurante e uma pizza família de famosa cadeia de pizzarias pela metade do preço. A Catho é um polvo gigante.

Do dia 05/02 ao dia 09/02/2008, apenas anúncios de vagas de emprego. Mais nenhum convite para Odisseu se tornar assinante efetivo, posto que isso já tinha acontecido automaticamente. Não por esquecimento. Odisseu resolveu investir 59 reais e permanecer por mais um mês na Catho. “Engraçado... recebi 16 *e-mails* de Tammy me chamando para completar um formulário e me tornar assinante. Nenhum me avisando que o prazo de gratuidade estava acabando”, pensou Odisseu. E concluiu

que havia um plano naquele assédio e na ausência de informações sobre o cancelamento, pois da mesma forma que automaticamente Tammy lhe enviou tantos convites, um outro “robozinho” poderia diariamente enviar *e-mails* do tipo: “Faltam *x* dias para o término do prazo gratuito”. Por que será que um sistema tão eficiente não utiliza essa prática? Será que para a Catho vale a pena ganhar 59 reais de um cliente “esquecido”, que por descuido, falta de tempo ou falha do sistema não conseguiu cancelar sua assinatura gratuita no prazo? E Odisseu refletiu:

– Na verdade, essa AGEON poderia cancelar automaticamente a assinatura gratuita se, no sétimo dia, o cliente não o fizesse. Enviaria e-mails diários com uma contagem regressiva e, no último dia, simplesmente um *link* onde o usuário aceitaria continuar com uma assinatura paga, ou não, já que ele não tem mesmo direito a um segundo P7DG.

Como veremos no próximo item, esse “artifício” da Catho lhe custa caro. Há reclamações nos órgãos de proteção ao consumidor, inúmeras denúncias nos *sites* dedicados a este tipo de serviço, como no portal *Reclame Aqui*¹³¹, sendo essa prática a responsável por uma grande parte dos problemas que ela enfrenta: acusações de má fé relacionadas ao P7DG.

Tendo se tornado, por inércia, um assinante efetivo, Odisseu resolveu que faria todos os 51 cursos *on-line* que o novo *status* lhe garantia gratuitamente. Começou pelo de Direito do Consumidor. Os cursos gratuitos fazem parte do Programa de Empregabilidade que visa auxiliar na busca por uma recolocação e no gerenciamento da carreira dos usuários. Segundo a Catho, ao realizar cursos via internet o assinante aperfeiçoará seus conhecimentos mediante um “moderno” sistema de ensino à distância, escolhendo quando e onde realizá-los. Os cursos têm em média 12 horas de duração. Dedicando-se três horas por semana é possível concluir o curso em um mês. Isso significa que para Odisseu realizar os 51 cursos deverá permanecer como assinante da Catho por uns 4 anos!

Os serviços de *e-learning* da Catho estão baseados na tecnologia FLASH¹³², uma reunião de texto, *hyperlinks*, animação e voz. Os cursos da Catho estão divididos

¹³¹ Disponível em: <<http://www.reclameaqui.com.br>>.

¹³² “O ADOBE Flash CS3 é a tecnologia mais rápida de criar conteúdo e aplicativos para a Internet e obter um melhor retorno sobre o investimento. Recursos poderosos de desenvolvimento de aplicativos, multimídia e vídeo permitem a criação de sofisticadas interfaces de usuário, publicidade on-line, cursos de aprendizagem eletrônica e front-ends de aplicativos empresariais. Disponibilize conteúdo e aplicativos de modo uniforme e constante para 98,5% da Internet nas plataformas e dispositivos mais usados, por meio do mais avançado cliente de conteúdo: o Adobe Flash Player 9”. Disponível: <<http://www.eng.com.br/site/index.cfm?secao=tecnologias&page=flash>>.

em módulos. O “estudante” pode navegar à vontade nessas aulas, indo e vindo, conforme suas necessidades de aprendizado. Se um tópico não foi bem aprendido o assinante pode voltar e assistir a aula novamente. Ao final de cada tópico há perguntas, testes, aos quais ele deve responder, mas que são somente exercícios de fixação, não valem uma “nota” nem têm caráter de aprovação ou reprovação. A utilização de recursos gráficos ajuda à memorização e torna a aula mais atraente. Odisseu simpatizou com os óculos magros da professora Isabel. Entusiasmou-se com o que estava aprendendo. Acertava as respostas dos testes. Sentia que naquele curso grátis acumulava conhecimentos sobre o Direito, e foi avançando, tópico por tópico, até chegar ao fim do Módulo 1. Para responder ao Desafio do final do módulo sentiu necessidade de revisar alguns assuntos e voltou ao início. Nessa primeira janela, na caixa de informações, além das boas vindas havia um link para o Tutorial que o ajudaria a tirar dúvidas relacionadas à navegação. Odisseu arriscou. Um robô animado, vestindo um jaleco branco, o guiava. Inicialmente mostrou os botões do *menu* e em seguida começou a explicar o que fazia cada um deles. Odisseu logo percebeu que essa barra de *menu* do tutorial era um pouco diferente daquela que ele estava utilizando no curso. E percebeu, mais uma vez, que a forma de agir da Catho tem algo de subreptício. Os 51 cursos gratuitos *on-line* eram apenas demonstrativos. Como assinante, o usuário tem acesso apenas às ferramentas “Avaliação”, “Biblioteca”, “Ajuda” e ao conteúdo dos cursos. As demais ferramentas –que ele mal pode perceber, porque a página “travou”- e a tutoria do autor do curso não estão disponíveis, podendo ser acessadas apenas com a compra do curso completo pelo preço real, no caso do Curso de Direito do Consumidor, R\$ 150,00. Odisseu desanimou. Já tinha feito planos para o *upgrade* do seu currículo. Estava disposto a passar o dia inteiro no computador aprendendo novas coisas, realizando os tais cursos, se atualizando. Sentia-se enganado, lesado em seus direitos de consumidor, mas não tinha muita certeza desse prejuízo porque pouco entendia desses direitos. Ao certo sabia somente que ser assinante não era suficiente para realizar o curso completo, com prova e certificado. Frustrado, por aquele momento Odisseu abandonou os cursos *on-line*. O funcionamento da Catho de alguma forma, apesar da centopéia parecer mover-se rápida e precisa, soava falso, ecoava vazio, faltava-lhe, a despeito de todo conteúdo, substância. Para onde Odisseu

se movia se deparava com meias-verdades, como se algo de ilusório estivesse sempre presente. Aqueles cursos, de repente, não mais que de repente, eram fantasmas da educação, e de seu espanto nasceu uma bruma, os olhos marejaram, estava deprimido. As centenas de *links* da AGEON, teoricamente uma geografia sem limites, se tornam circulares e desmancham a idéia de infinito da capacidade física dos discos rígidos onde estão armazenadas suas páginas. Nada impede que a empresa acumule em seus provedores bilhões de *yottabytes*¹³³, em um sem fim de páginas. Todavia, o que aparentava ser apenas liso e não mapeável é também um território estriado, cartesiano, com fronteiras bem marcadas, o que não significa dizer não poderem ser penetradas.

O mapa do *site* da Catho (**Figura 11**, pág. seg.), indicador maior do seu funcionamento, revela que a complexidade que leva muitas vezes o usuário a perder-se em labirintos é um organograma estruturado e finito, com apenas cinco grandes divisões: Profissional, Empresa, Carreira, Corporativo e Ajuda. Todos os movimentos que podem ser executados dentro da arquitetura da Catho estão contidos no mapa, muito embora vá sempre haver um *link* que leva o usuário para outro lugar. Para dar um exemplo simples, ao clicar em Clube de Benefícios, o usuário pode desembarcar, entre outras dezenas de locais, em uma suíte do *Maksoud Plaza*, com direito a *fitness center*, centro gastronômico, salão de beleza e barbearia, *business cells center* entre muitos outros confortos; na *Vip Lavanderia*, que oferece lavagem a seco com hidrocarbono, produto biodegradável que preserva a oleosidade natural das fibras dos tecidos, e não tem cheiro; ou na *Eurodent Assistência Odontológica*, especializada em estética, ortodontia e clínica geral, atendendo sempre com hora marcada, excetuando-se casos de emergência (dor). Tudo com 10% de desconto.

Arquitetura móvel e infinita *versus* estrutura fixa finita. O paradoxo torna mais difícil imaginar esse edifício feito de zeros e uns, de não-tijolos, impulsos elétricos e magnéticos que performam um espaço e realizam estranha geografia cuja apreensão se dá em nanossegundos¹³⁴ e nos foge com ainda maior rapidez.

¹³³ 1 yottabyte = 9 671 406 556 917 033 397 649 408 bits. (Ver **Anexo 02**).

¹³⁴ Um bilionésimo (10^{-9}) de segundo. O nanossegundo é uma medida de tempo usada para representar a velocidade de computação, particularmente a velocidade na qual os sinais elétricos percorrem os circuitos dentro do computador. Disponível em: <<http://www.netpedia.com.br/MostraTermo.php?TermID=4520>>.

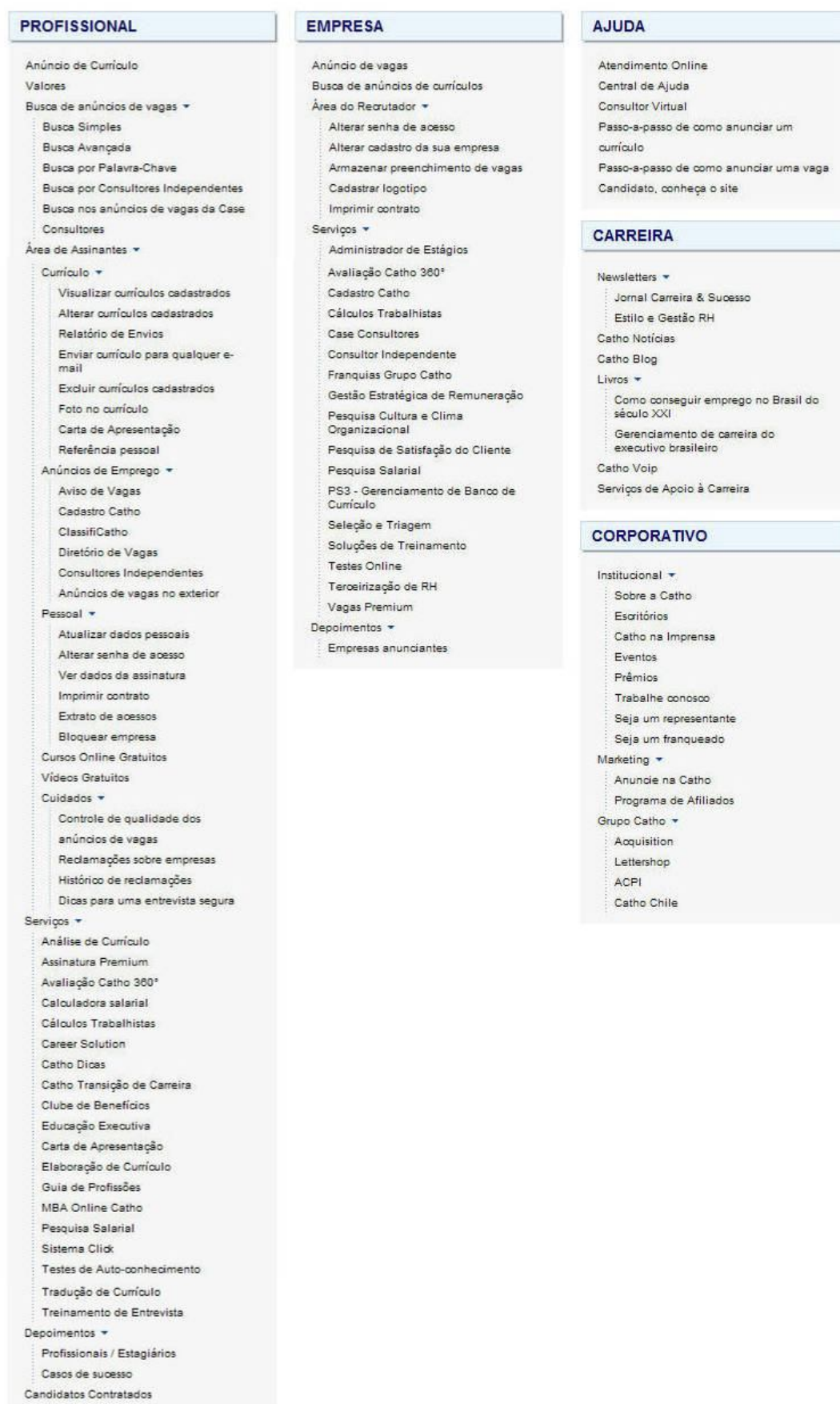


FIGURA 11. Mapa do site da Catho
 Fonte: <http://www3.catho.com.br/mapa>.

Essa arquitetura é algo que não se pode perceber fisicamente e há dificuldade em se compreender que, nesse não-espço, as pessoas constroem relações sociais de todos os tipos. Esses indivíduos não respiram, necessariamente, o mesmo ar. Quase sempre, não. Geralmente estão em suas casas, escritórios, *lan houses*, cibercafés, digitando freneticamente nos aeroportos enquanto aguardam vôos. Separados pelo espaço geográfico tradicional partilham o mesmo espaço fantasma. O nome desse espaço já foi discutido no capítulo inicial, mas esse não-lugar eletrônico, essa geografia ramificada, rendilhada, pontilhada, onde não se pode pôr os pés, ainda não está nomeada suficientemente.

A Catho, à imagem e semelhança da internet onde está estabelecida, é um rizoma. A imagem de um caranguejo, de uma aranha, de um polvo, de uma “centopéia redonda”, ouriço-do-mar, faz jus à AGEON. Nada que possa ser ilustrado em duas dimensões. O rizoma do ócio (*Anexo 14*), por exemplo, apesar da tentativa de seu autor, Domenico De Masi (2000:317), se aplicado à Catho não seria capaz de transmitir sua complexidade, sua arquitetura móvel, lisestriada, de mar e mapa, reta única e labirinto, linearidade e aleatoriedade, tudo ao mesmo tempo, agora.

Talvez o coordenador de comunicação Catho, Fernão Silveira tenha razão: a Catho é muito mais que uma AGEON. Os números indicam alta visibilidade e ampla efetivação de negócios. Como está dito em sua apresentação na área Publicidade, uma das áreas em que, provavelmente, a empresa Catho tem grandes lucros,

O *site* Catho Online é o grande ponto de encontro entre profissionais e empresas na internet. Mais de 100 mil executivos e profissionais divulgam seus currículos no *site* para concorrerem a mais de 200 mil anúncios de vagas. A Catho Online é o maior *site* de anúncios de currículos e vagas do Brasil! Há dez anos, o *site* presta um serviço totalmente orientado para o cliente, que se destaca por uma vocação tecnológica contínua e incessante. A Catho é fonte de recursos para contratação para a maioria das empresas, e referência para profissionais e estudantes em busca de novas oportunidades. O modelo de negócio é simples e funcional: O assinante é o profissional, que paga uma mensalidade para ter acesso aos serviços e aos anúncios de vagas, enquanto as empresas têm acesso gratuito e exclusivo ao banco de anúncios de currículos. Possuímos uma média de 70 milhões de *pageviews* e mais de 10 milhões de visitantes únicos/ mês; facilidade para segmentação de seu anúncio e uma grande diversidade de canais e formatos¹³⁵.

Cem mil executivos, duzentos mil anúncios de vagas. Setenta milhões de *pageviews*, dez milhões de visitantes. Números expressivos. AGEON milionária! Os

¹³⁵ Essa informação capturada de uma página da Catho há menos de uma semana já foi modificada.

anunciantes do portal da Catho têm várias opções, podem expor suas propagandas em pelo menos 10 diferentes canais, cuja frequência de visitação varia.

CANAIS	VISITAS	EXIBIÇÕES	URL
Home Page	1.357.667	1.726.207	http://www.catho.com.br/
Área de Assinantes	922.239	1.265.780	http://www3.catho.com.br/gen/assinantes.php
Buscas de Vagas	484.449	612.220	http://www3.catho.com.br/vag/buscavaga/buscavaga_form.php
Catho Cursos	131.409	317.207	http://www.catho.com.br/cursos
Busca de Currículos	75.059	121.800	http://www3.catho.com.br/cur/busca/new
Carreira & Sucesso	73.177	97.271	http://www.catho.com.br/jcs
Anúncios de Vagas	37.918	47610	http://www3.catho.com.br/inc/vag/incvag1.php
Estilo & Gestão	9.465	12.671	http://www.catho.com.br/estilorh
Catho Blog	2.882	4.213	http://blog.catho.com.br
Web Based Products	134,19	393,63	http://www.catho.com.br/wbp

TABELA 5. Publicidade Catho Online

Fonte: <http://www.catho.com.br/publicidade/hotsite/canais.php>.

As visitas são únicas e os volumes apresentados, mensais. Os preços (*Anexo 15*) se alteram em função da forma e tamanho dos *banners* e janelas *pop ups*

FORMATO	LOCALIZAÇÃO	MODO	TAM. (pixels)	PESO (kbytes)	TEMPO (animação)
SUPER BANNER	Localizado no topo da Home Page.	GIF/Flash	610x90	15K	15seg.
FULL BANNER	Localizado no topo da página.	GIF/Flash	468x60	12K	15seg.
POP UP	Aparece na tela em cima do navegador em uma outra janela menor.	GIF/Flash	200x200	15K	15 seg.
POP UNDER	Aparece na tela em cima do navegador em uma outra janela menor, porém é minimizado automaticamente assim que o <i>site</i> abre.	GIF/Flash	200x200	15K	15 seg.
FULL BANNER EXPANSÍVEL	Formato localizado no topo da página. Expande quando interagido pelo usuário através de "mouse over" sobrepondo parte do conteúdo	GIF/Flash	468x300	15K	15 seg.

TABELA 6. Publicidade Catho Online

Fonte: <http://www.catho.com.br/publicidade/hotsite/canais.php>.

A geometria analítica, com suas retas e planos cartesianos, não tem como representar a estrutura de uma AGEON. Nem as complexas projeções ortogonais da geometria descritiva dão uma idéia de como a Catho funciona. Não vejo possibilidade de que algum tipo de *topos* desenhado possa acompanhar suas expansões e retrações conforme as necessidades. Três dimensões não são suficientes para a construção de uma imagem dos edifícios *on-line*, a geometria viva-inorgânica, paradoxal, que nasce, cresce, se reproduz e morre, sem estar "viva". Quando uma das suas divisões necessita de mais ou menos subdivisões, esse efeito pode ser obtido de maneira simples, projetando-se ou contraindo-se. Pulsante, essa arquitetura que reproduz em pequena escala o que acontece com os nós, os pontos da internet, desafia as descrições e, enquanto busca a permanência e a estabilidade, se dissolve e se recompõe a cada

clique do usuário. Nem terra firme, nem mar revolto, a geografia das AGEONs e de outras empresas *on-line* é pós-moderna.

“Hegel e o hegelianismo promulgaram uma poderosa ontologia e fenomenologia espacialista, que reificou e fetichizou o espaço sob a forma do Estado territorial, *locus* e meio da razão aprimorada” (Soja 1993:109). Porém, autores como Fernand Braudel, Henry Lefebvre, Yves Lacoste, Anthony Giddens, Paul Virilio e Micehl Foucault, para citar uns poucos, reocuparam espaços do espaço, inventaram novos ângulos teóricos apontando para as “pequenas táticas do *habitat*” e mostrando que o tempo do tempo está se esgotando. Enquanto a contemporaneidade aproveita para pôr os pés no chão sem tirá-los da corrida espacial, para além dos projetos da *National Aeronautics and Space Administration – NASA*, o espaço *on-line* continua em expansão. A Catho também. A arquitetura, a geografia, a geometria das AGEONs estão bem de acordo com o pensamento de Foucault sobre a prevalência do espaço sobre o tempo:

La grande hantise qui a obsédé le XIX^e siècle a été, on le sait, l’histoire thèmes du développement et de l’arrêt, thèmes de la crise et du cycle, thèmes de l’accumulation du passé, grande surcharge des morts, refroidissement menaçant du monde. [...] L’époque actuelle serait peut-être plutôt l’époque de l’espace. Nous sommes à l’époque du simultané, nous sommes à l’époque de la juxtaposition, à l’époque du proche et du lointain, du côte à côte, du dispersé. Nous sommes à un moment où le monde s’éprouve, je crois, moins comme une grande vie qui se développerait à travers le temps que comme un réseau qui relie des points et qui entrecroise son écheveau. Peut-être pourrait-on dire que certains des conflits idéologiques qui animent les polémiques d’aujourd’hui se déroulent entre les pieux descendants du temps et les habitants acharnés de l’espace.¹³⁶ [grifo meu]

Foucault falava *de outros espaços* como se estivesse, àquela época, na efervescência dos anos finais da década de 1960, olhando para a internet, “uma rede que liga pontos e faz intersecções com sua própria trama”. Obviamente não estou transpondo o que foi dito por Foucault para a contemporaneidade *on-line*, apenas brincando com a extrema justaposição que pode ser feita do seu texto ao que acontece

¹³⁶ “A grande obsessão do século XIX foi, como sabemos, a história: com seus temas de desenvolvimento e suspensão, crise e ciclo, temas do passado em eterna acumulação, com sua grande preponderância de homens mortos e da ameaçadora glaciação do mundo. [...] A era atual talvez seja, acima de tudo, a era do espaço. Estamos na era da simultaneidade: estamos na era da justaposição, na era do perto e do longe, do lado a lado e do disperso. Estamos num momento, creio eu, em que nossa experiência de mundo é menos a de uma vida longa, que se desenvolve através do tempo, do que a de uma rede que liga pontos e faz intersecções com sua própria trama. Poder-se-ia dizer, talvez, que alguns conflitos ideológicos que animam a polêmica atual opõem os fieis descendentes do tempo aos decididos habitantes do espaço”. Michel Foucault, Dits et écrits 1984, *Des espaces autres* (conférence au Cercle d’études architecturales, 14 mars 1967), in *Architecture, Mouvement, Continuité*, n°5, octobre 1984, pp. 46-49. Traduzido do francês por Jay Miskowiec *apud* Soja 1993:17. Disponível em: <<http://www.foucault.info/documents/heteroTopia/foucault.heteroTopia.fr.html>>.

hoje, mais de 40 anos depois. Lembrando Foucault, percebemos que ele estava certo: simultaneidade, justaposição, o lado a lado convivendo com o disperso. É isso que a Catho representa em termos espaciais com sua arquitetura de *móbile*, escultura abstrata móvel, constituída de formas atiradas ao espaço por impulsos elétricos, sinais de satélite e rádio, que mudam de posição impelidas pelas necessidades do usuário. Pendurada nos provedores e reencontrada em cada computador que tem acesso à AGEON, sua geografia não aceita geometrias, não pode ser desenhada em dupla ou tripla dimensão. A arquitetura digital é um espaço em plena fase de conquista. Resta saber se ela pode ser efetivada e dada por realizada por inteiro, um dia. As “colônias” não se submetem aos “impérios”, o sangue que escorre das batalhas é fictício e fractal, as riquezas não são apropriadas pelo colonizador ou pelo conquistador. São as próprias “colônias” independentes – mais uma contradição – que as realizam ao serem inventadas. As formas e conteúdos da arquitetura digital são arte e ciência ao mesmo tempo, são padrão e aleatoriedade, e embora costumem ser repetidas em jogos e páginas da internet, em *templates* e *skins*, sempre há novas possibilidades emergindo, explodindo em cores e nuances, experiencialismos e criações alternativas, talvez por que a política e a polícia – *policy* – do espaço *on-line* ainda não possam agir conforme seus ditames modernos. Talvez nunca venham a poder. Quem sabe um rizoma da democracia escapou à polis, prescindiu dos escravos e corre solto entre faunos, ninfas e dionísios. Certamente tanto otimismo não tem forças para enfrentar a “realidade” da arquitetura digital, e nas suas paisagens talvez o lago, onde Narciso mergulhou, nem exista. Apolo está sempre a postos. A beleza e completude, em mais um “talvez”, residam nisso. Instabilidade, inutilidade e feiúra seriam os antônimos da tríade vitruviana que impõe à arquitetura três características básicas: *firmitas*, *utilitas* e *venustas*, respectivamente estabilidade, utilidade e beleza. Mas essa concepção foi desenvolvida pelo arquiteto e engenheiro romano, Marcus Vitruvio Pollio, há mais de 2000 anos e perdura tanto quanto o cristianismo. Mas, à espreita, estão os monstros da comunicação *on-line*, onde os antônimos se confundem a ponto de se transformarem em algo que não é repetição, é mutação. Não uma teoria evolutiva, mas revolucionária, que pode ir, vir, transpor, reter, meter, puxar, excluir, ingerir, protuberar, consumir-se.

Ao invés das bruxas e fantasmas, o que assombra o ideário pós-moderno são os “buracos negros”, o nada, o antiespaço. O conceito de espaço às avessas, sua transformação social ao longo do tempo e dele mesmo, ao longo do espaço, vem à mente, livre para uma viagem supersônica, superficial e arquetípica das cavernas à Grécia e Roma antigas, passando de relance pela Europa Medieval, castelos e catedrais, pelo quadradismo moderno e pelo *kitsch* contemporâneo. O despertar desse *insight* é a visao de como o espaço se deslocou até a sua mais íntima abstração: a construção *on-line*, feita de zeros e uns, organização espacial que pode ser atirada para o céu e retornar em qualquer forma: chuva de imagens, vozes, texto, mares/estradas que vão se traçando à medida que o argonauta/internauta navega/navega. Há realmente uma poética em todo espaço, para lembrar Bachelard, e a poesia pura de Pessoa na pessoa de Alberto Caeiro o confirma: “Sou o Descobridor da Natureza. / Sou o Argonauta das sensações verdadeiras. / Trago ao Universo um novo Universo / Porque trago ao Universo ele-próprio”¹³⁷.

No universo da Catho Odisseu poderia até mesmo se perder, mas nesse labirinto de labirintos, achar a saída é mais fácil que seguir o fio de Ariadne: basta um clique, basta desligar o computador. Odisseu também poderia, nesse espaço supostamente mapeado, penetrar de *link* em *link* nas profundezas do desemprego e seus subprodutos. Mas, por hora, basta. Os detalhes de *hiperlinks* apresentados no mapa do *site* (ver **Figura 11**) como <cuidados>, <serviços> – tanto da área <profissional> [assinantes], como da área <empresa> [recrutador] – <depoimentos> etc, serão abordados nos próximos itens que, de uma forma ou de outra, não deixarão de ser também descrições e inscrições do funcionamento da devir animáquina da Catho-tarântula-polvo-centopéia.

As heterotopias continuarão a ser a marca mais forte desse agenciamento espacial e, as engrenagens de sua rede de poderes, seus mecanismos de atração, cooptação, associação irão se fazer notar também no âmbito judicial e na própria subjetividade dos usuários da AGEON.

¹³⁷ Fragmento do *Fragmento XLVI* de *O Guardador de Rebanhos*. Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://fernandopessoa.multiply.com/reviews/item/2>>.

2.2. NAS DOBRAS DA LEI

o robô que rouba e o contrato que ruge

A sociedade contemporânea, com muitos de seus tecidos esgarçados, desgastados, sofre fortes impactos em suas instituições, mal podendo sustentar os contratos básicos da modernidade, descumprindo as promessas de “liberdade, igualdade e fraternidade”, tendo que reinventar as próprias leis para estender por mais algum tempo seu modelo de governamentalidade e evitar que seja definitivamente enterrada em nome do pós-modernismo. Há avarias visíveis no

conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. (Foucault 1979:291).

As instituições políticas apresentam rachaduras, mas ao mesmo tempo o fluxo de institucionalização não cessa. A internet emergiu como uma máquina do Estado para depois se transformar, aos poucos e em parte, em máquina de guerra. Atualmente, muitas forças tentam fazê-la retornar ao seu funcionamento inicial, institucionalizando os espaços que, de certa forma, conseguiram burlar a vigilância dos dispositivos disciplinares. Podemos fazer uma analogia entre a institucionalização e a cooptação das máquinas de guerra, entre a institucionalização como sendo uma investida do estriamento; e a crise das instituições, seu mau funcionamento, como tentativas de alisamento do espaço. Contudo,

é para poder funcionar que uma máquina social *não deve funcionar bem*. [...] É aqui que aparece a identidade da máquina social com a máquina desejante: o seu limite não é a usura mas as falhas, ela só funciona rangendo, avariada, rebentando em pequenas explosões – os disfuncionamentos fazem parte do próprio funcionamento, e este não é o aspecto menos importante do sistema [...] Nunca uma discordância ou um disfuncionamento anunciaram a morte duma máquina social que, muito pelo contrário, se alimenta habitualmente das contradições que cria, das crises que suscita, da angústia que *engendra* e das operações infernais que a revigoram: o capitalismo aprendeu isso e deixou de duvidar de si, e até os socialistas deixaram de acreditar na possibilidade de sua morte natural por usura. As contradições nunca mataram ninguém – e quanto mais isto se desequilibrar, quanto mais se esquizofrenizar, melhor há-de funcionar, à americana. (Deleuze 2004:155-6)

Levando em consideração esse paradoxo, o objetivo deste item é abordar dois lados de uma mesma moeda: a institucionalidade da Catho e da internet, os trâmites legais, as forças jurídicas que trespasam as atividades da AGEON e buscam

normatizar, normalizar, o tráfego da *web* e as maneiras, estratégias, deslizamentos que acontecem como reação à institucionalização.

Utilizando esses raciocínios para elaborar uma visão da Catho, vamos encontrar nela um dispositivo legal, uma instituição comercial em dia com seus deveres, sem dívidas para com o Ministério da Fazenda (**Anexo 16, Fig. 1**), cumprindo à risca seus contratos, respeitando as normas de linguagem, resguardando os códigos de elegância e as exigências do *design*. Sempre à sombra da Lei, a Catho resolve seus conflitos cumprindo as determinações dos tribunais, mas sem nunca deixar de se aproveitar de qualquer fenda que a permita, com pinças de aço, arrancar de seus consumidores o máximo de receitas com um mínimo de despesas. Essa política, hostil, é perfeitamente afiançada pelas leis que regem a economia de mercado estando em completo acordo com os ditames da livre concorrência: capitalismo digital.

Como prestadora de serviços a Catho está isenta da Inscrição Estadual e consequentemente do pagamento do Imposto de Circulação Sobre Mercadorias – ICMS, sendo obrigada a contribuir com o Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza – ISSQN. A única ressalva a ser feita é sobre suas atividades listadas no CNPJ, conforme eu já salientei no capítulo anterior, dado que existem códigos de atividades que se encaixam perfeitamente ao perfil da AGEON e ela utiliza outros (**Anexo 16, Fig. 2**). Institucionalmente e juridicamente uma AGEON em nada difere de uma ATC. Segundo Adriano Arruda (**Anexo 01**), “todo o funcionamento, gerenciamento e estrutura de uma empresa virtual é exatamente igual a uma empresa normal fato pelo qual não existe distinção de uma empresa virtual com relação à Lei”.

A Catho, estando diretamente submetida à Constituição Brasileira e às mesmas leis econômicas que regem uma ATC, tem como matéria de sua existência e utilização estriamentos e territorializações do espaço *on-line*, confirmação de transferência para a internet da institucionalidade na qual se baseia a sociedade desplugada. Não obstante, conforme anunciado no início desse item, a desterritorialização da internet convive com ações de reterritorialização que surgem incessantemente. Mesmo nos espaços supostamente lisos, onde os internautas podem expor toda sorte de “desvios” às normas da sociedade capitalista, cada vez mais eles estão sujeitos a prestarem contas de seus atos. Na maioria dos *sites* existe um “termo de uso” ou um instrumento

contratual de alguma natureza limitando as possibilidades dos discursos dos navegantes, que prometem, muitas vezes sem ler o documento, se comportar de acordo com as regras básicas de conduta:

(a) Não violar as leis federais, estaduais e internacionais relevantes; (b) Não usar os serviços fornecidos no *site* para enviar e-mails não solicitados, malas-diretas, spam ou outros materiais a usuários do *site* ou a qualquer outra pessoa ou entidade; (c) Não usar os serviços fornecidos no *site* para assediar, ameaçar, perseguir nem agredir usuários do *site*; (d) Não usar os serviços fornecidos no *site* para prejudicar menores; (e) Não publicar no *site* conteúdo considerado obsceno, vulgar, prejudicial ou de natureza ofensiva, nem publicar qualquer conteúdo que contenha nudismo ou seja desnecessariamente violento, sexualmente explícito, difamatório, calunioso ou viole os direitos autorais, de marcas comerciais, de patentes ou outros direitos de propriedade intelectual deste *site* de quaisquer terceiros; (f) Não interferir com o uso do *site* por parte de outras pessoas; (g) Não usar os serviços fornecidos no *site* para invadir a privacidade de outras pessoas, coletar e usar informações pessoais e privadas de outras pessoas nem obter ou tentar obter acesso não autorizado a outros sistemas de computação através do *site*; e (h) Não usar os serviços para criar falsa identidade ou se fazer passar por outra pessoa¹³⁸.

Outro aspecto ligado diretamente à institucionalização da internet é a questão dos direitos autorais, tema de grandes polêmicas. Embora haja grupos que rejeitem a lei do *copyright*, tendo sido, inclusive, cunhada a expressão antônima, *copyleft*, a maioria dos *sites* preza pelos direitos do autor e alguns punem como a expulsão àqueles que os violarem.

Você é responsável por todos os materiais que publicar e pelas conseqüências de tais publicações. Você concorda em não realizar nenhuma das atividades descritas a seguir: (a) publicar qualquer material protegido por direitos autorais ou com marca registrada, salvo se você for o proprietário dos direitos autorais ou marca registrada ou tiver permissão do proprietário (incluindo consentimentos e isenções de requisitos) para publicá-lo; (b) publicar qualquer material que revele um segredo comercial, salvo se você for proprietário do segredo comercial ou tiver permissão do proprietário para publicá-lo; (c) publicar qualquer material que viole qualquer direito de propriedade intelectual de terceiros ou a privacidade ou os direitos de publicidade de terceiros; (d) publicar qualquer material que seja considerado ilegal, obsceno, pornográfico, sexual, indecente, difamatório, ameaçador, assediador, agressivo ou odioso por outro usuário ou qualquer outra pessoa ou entidade; (e) publicar qualquer carta de corrente ou esquema de pirâmide; ou (f) publicar qualquer material que contenha vírus, cavalo de Tróia, *worm*, bomba relógio ou outra rotina ou mecanismo de programação de computador que vise danificar, interferir prejudicialmente com, interceptar imperceptivelmente ou expropriar qualquer sistema, dados ou informações¹³⁹.

A Catho não possui um “termo de conduta”, tampouco tem como preocupação a questão dos direitos autorais, pois seus usuários não a utilizam como um espaço editorial, de publicação. Sua institucionalidade provém diretamente dos contratos que firma com seus clientes. Seus encontros com a Lei se dão noutras instâncias, como já

¹³⁸ Disponível em: <<http://info.fotolog.com/terms.>>

¹³⁹ *Id. Ibid.*

se começam a descobrir, envolvendo espaços que não apenas o comercial, extrapolando suas realidades para o mundo dos tribunais, que também se encontram em atividade no espaço estriado, cada vez mais institucionalizado, da internet. Sobre os contratos diz Paulon (2006):

O que são, afinal, os contratos humanos? O que dizem eles de quem somos nós? Admitir que contratar é contrair hábitos permite ver os contratos humanos como uma forma de atender às necessidades de um tempo, isto é, construir instituições. O homem revela-se um pouco em cada um desses contratos, pois eles possuem uma dimensão pulsional – que surge da ação de produzir algo –, mas são, também, produto desta ação, que vai assumindo uma forma determinada no tempo. Nesse sentido, pensar os contratos, é também pensar o que nos impulsiona – dito de outro jeito, o que somos nós e o que projetamos vir a ser. (Paulon 2006:122)

Os contratos instituintes de comportamentos, emergências de nossos impulsos e desejos, são marcas epidérmicas, cicatrizes que nos impomos à semelhança de tatuagens, significado atrelado à dor. Eles são um traço de semelhança entre a modernidade e a pós-modernidade: o pavor da desinstitucionalização, o medo que as instituições desabem e sobre seus escombros renasça uma barbárie que nunca cessou de existir nem de se transformar. Partes das mudanças se tornam efetivas somente no instante em que traços de permanência do Antigo são constatados, como se fosse necessária uma continuidade a dar garantias de que o Novo tem valores e potência suficientes para se estabelecer, exatamente por manter, em sua pele nova, células primitivas.

A institucionalidade, à qual se atribui características capazes de sustentar a ordem e promover o progresso, busca manter-se através da população com o crescente incentivo de órgãos públicos e privados, campanhas publicitárias, discursos políticos e de Organizações Não-Governamentais – ONGs, que no intuito de levar os indivíduos a exercerem a cidadania, incitando-os a exigirem seus direitos e cumprirem seus deveres, cobram e forçam as empresas a respeitarem os chamados “direitos do consumidor”.

A Catho, como boa parte das empresas “normais”, no decorrer de sua existência enfrentou e enfrenta processos jurídicos noticiados pela imprensa e cadastrados nos sistemas *on-line* dos tribunais: são os efeitos dessa corrida pela cidadania, principalmente pelo respeito aos direitos de quem consome. A arrojada concorrência entre as empresas é outra variável envolvida nesse processo, o que leva as próprias

empresas a lutarem judicialmente, umas denunciando outras. Há opiniões que vêm nessa disputa mais um ponto positivo a favor do consumidor. Uma dessas denúncias chegou até Odisseu. Desde que ele tinha se tornado assinante da Catho seu sistema nervoso, nervoso de nascença, tomou-se de rara sensibilidade. Naquele dia ele acordou excitado, ansioso para abrir seu *e-mail* e ver os convites para entrevistas que a Catho lhe conseguira. Nada. “Ainda é cedo”, pensa ele, “em dois ou três dias, no máximo uma semana, com certeza receberei alguma proposta”.

Durante todo o dia Odisseu verificou sua caixa de *e-mails* sem resultado positivo. À noite, como de costume, entrou nas salas de bate-papo, conversou com amigos no *MSN* e navegou ao léu em busca de belas paisagens ou ofertas imperdíveis, tão comuns na internet. O tempo passou rápido. Uma dormência cansada consumia as pontas dos seus dedos. Odisseu cochila, mas acorda. Na verdade, o que mais lhe importa é saber se a Catho funciona, se através dela receberá alguma proposta ou entrevista de emprego. Digita a URL que abre o *site*. Digita seu *login* e sua senha – pagou para tê-los. Vasculha, passeia pelos cursos oferecidos. Tantas oportunidades... Não foi dessa vez, ainda. Tivesse acontecido algo de bom e algum *e-mail* teria chegado avisando que uma empresa se interessara por seus predicados. De repente, o som peculiar da máquina avisando a chegada de uma mensagem eletrônica o enche de expectativa, renova suas esperanças. Mas ao abri-la descobre que é um *foward* de uma amiga com denúncias feitas sobre a Catho. A coisa é séria.

Como bom curioso, pesquisador nato, Odisseu, imediatamente, abre mais uma janela, desta vez para pesquisar a origem daquela denúncia estarrecedora. Encontra na *Revista IstoÉ Dinheiro*, Caderno de Economia, datada de quarta-feira, 04 de dezembro de 2002, a seguinte manchete:

POR DENTRO DO ESQUEMA CATHO. Denúncia de pirataria digital leva Justiça a investigar maior empresa de recrutamento de executivos do País, acusada de furto de concorrentes mais de 1 milhão de currículos e endereços eletrônicos (Grinbaum; Sá 2002).

Só agora aquilo lhe caía nas mãos. Na denúncia feita pela *Revista IstoÉ Dinheiro* que Odisseu continuou a ler estarrecido, Thomas Case, dono da Catho, confirma que se apoderou de informações de concorrentes, mas garante que fez tudo

de acordo com a lei: “Tenho pareceres jurídicos que sustentam minha posição” (Grinbaum; Sá 2002).

O processo de Nº 583.00.2002.094547-8 foi instaurado no Fórum Central Cível João Mendes Júnior – SP e distribuído no dia 22/05/2002 às 15h1m7s. Nele a Curriculum Tecnologia Ltda¹⁴⁰ requer indenização ordinária no valor de R\$ 500.000,00, através de seus advogados Luciana Sciumbata de Freitas Pinto e Juliana Guarita Quintas Rosenthal. Os acusados são Adriano José Meirinho e a Catho On Line S/C Ltda, tendo como advogados Gabriele Tusa e Marcos Jacob Zagury. Na reportagem da *IstoÉ Dinheiro* o *webmaster* da Catho, Meirinho, então com então 21 anos de idade, afirma em um *e-mail* transcrito pelos peritos da 33ª Vara Cível de São Paulo (*Anexo 17, Figs. 1-4*):

“Eu robo (sic) gente grande, e coisa boa, [...]”. No relatório, aparecem vários diálogos em que ele diz que sua função é “roubar currículos”. “Tem q fazer propagandas, certo?”, teclou Meirinho, com as siglas típicas da linguagem da internet. “Então tem q fazer *robots* para entrar em *pages*, vasculhar e pegar e-mail.” Em outro trecho, aparece uma transcrição de um diálogo onde ele descreve sua atividade: “Me cadastro em tudo quanto é lugar... tipo para roubar email de pessoas”. (Grinbaum; Sá 2002)

Embora a Curriculum seja uma das principais concorrentes da Catho e a responsável pela denúncia, ao longo do processo também apareceram como vítimas do programa criado por Meirinho o Guia OESP, a Embratel, a Manager e a Gelre, estas duas últimas, AGEONS. Os peritos encontraram um manual onde se liam as instruções *Script para Roubar a Curriculum.com.br*, cujo objetivo descrito era “roubar” 450 mil currículos. (Grinbaum; Sá 2002). Em defesa própria o então presidente da AGEON, Thomas Case, refuta:

Houve uma infelicidade dos jovens ao chamarem o software de “rouba.phtml”. Mas isso foi apenas uma infantilidade. Também não se “rouba” um beijo? Os atos praticados pela Catho foram legítimos¹⁴¹.

“Que beijo caro! E acho que há certo cinismo nessa defesa de Mr. Case”, remói Odisseu. O laudo pericial informa que o *software rouba.phtml* é mais rápido do que aqueles que o usuário comum utiliza para consultar e visualizar currículos no *site* da Curriculum. O acesso ao banco de dados da Curriculum foi feito em nome da empresa

¹⁴⁰ Disponível em: <<http://www9.curriculum.com.br/>>.

¹⁴¹ Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/caaso/message/1353>>.

2Minds4Art¹⁴², de propriedade de Adriano Meirinho, prestador de serviços para a Catho. Ao perceber que o número de acessos dessa empresa era fora do comum – mais de 100 mil currículos acessados em uma semana, enquanto o normal é que uma empresa veja de 500 a 1000 – Marcelo Abrileri, sócio da Curriculum, entrou em contato com a 2Minds4Art. Diz Abrileri:

Eles afirmaram que não poderiam nos dizer qual era esse processo de recrutamento porque era segredo. Dois ou três dias depois, nossos clientes começaram a receber um monte de e-mails da Catho. Fizemos a perícia interna desses acessos e caímos na sede da Catho¹⁴³.

O relatório cita aproximadamente 15 funcionários ou pessoas ligadas à Catho que teriam conhecimento das operações denunciadas, até mesmo funcionários do alto escalão da empresa, como o gerente de sistemas Luiz Pagnez e o gerente geral Adriano Arruda. O próprio Thomas Case, então presidente da Catho, é citado no relatório. Os peritos dizem que Mr. Case teria conhecimento, inclusive, de um bônus a ser pago aos funcionários que obtivessem o maior número de *e-mails*. Em diálogo, fala-se em R\$ 500,00 para cada 10 mil endereços eletrônicos capturados dos concorrentes; em outro trecho um funcionário aparece dizendo que a obtenção de *e-mails* era questão prioritária para Case¹⁴⁴. Mas não é só no Brasil que as AGEONs fazem sucesso, giram milhões em capital e são acionadas pela justiça por práticas ilegais.

Na França, um caso de disputa entre dois *sites* de recrutamento profissional terminou com a condenação de uma das empresas. O *site* de buscas Keljob, especializado em expor vagas de emprego, foi condenado a pagar um milhão de francos para o concorrente Cadremploi.com depois de apresentar dados do rival sem citar a origem. No Brasil, o caso mais polêmico foi o processo movido pela livraria Cultura contra o *site* de preços Buscapé, acusado de copiar 85 mil resenhas de livro. A ação terminou com um acordo em que as duas partes acertaram uma indenização de R\$ 100 mil. (Grinbaum e Sá 2002).

Ao longo dos anos, abrindo filiais e espalhando-se por outros países do continente (no caso a Catho Chile), o Grupo Catho se apropria do espaço liso da internet, estriando-o ao máximo, e captando para si, através da acessibilidade e do pequeno custo que a internet oferece, recursos que uma ATC destinada aos mesmos fins, dificilmente captaria. O único problema parece ser a reportagem que Odisseu leu

¹⁴² “Dados do Registro.br mostram que a empresa 2Minds 4Arts, estabelecida no município de Poá, em São Paulo, possui em seu nome apenas o domínio meirinho.com.br, usado como site pessoal e hospedado no provedor TacNet, pertencente ao Grupo Catho. Neste site, Meirinho publica um *blog* e é possível ver várias fotos suas”. Disponível em: <<http://www.infoguerra.com.br/infonews/talk/1038892412,2200.shtml>>. O blog de Meirinho não está mais disponível.

¹⁴³ Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/caaso/message/1353>>.

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.curriex.com.br/centro_carreira/ver_noticia.asp?codigo=678>.

sobre as graves denúncias feitas à Catho. Na revista Odisseu relê a principal peça dos autos que chegou às mãos do juiz Luís Mário Galbetti. Trata-se

de um laudo preparado pelos peritos Giuliano Giova e Ricardo Theil, nomeados pelo juiz Galbetti. Eles examinaram o conteúdo de mais de 30 computadores da Catho. Durante oito meses, os peritos leram documentos e e-mails registrados nas máquinas, somando mais de um bilhão de kilobytes de dados, o equivalente, segundo eles, a 33 mil processos judiciais completos. Com base nessas informações, escreveram um relatório de 5 mil páginas em que apontam uma série de irregularidades nos procedimentos da Catho em relação à concorrência. Além de confirmar as afirmações da Curriculum, os peritos chamaram a atenção para o uso de um software criado pela Catho para capturar informações de outras empresas. Esse programa, chamado pelos funcionários da Catho de 'rouba.phtml', teria ajudado a Catho a obter mais de um milhão de currículos e endereços eletrônicos de pessoas que buscavam, através dos serviços dos *sites*, recolocação profissional (Grinbaum; Sá 2002).

Pesquisando no Tribunal de Justiça de São Paulo, Odisseu encontrou o enorme processo que conta com 177 andamentos e embora ele nada entenda de Direito o que pôde perceber é que testemunhas foram ouvidas, peritos consultados, mandados expedidos, audiências marcadas, despachos proferidos e processos apensados¹⁴⁵.

O processo de Nº 583.00.2002.067195 foi apensado ao processo principal em 10/05/2007, uma medida cautelar no valor de R\$ 1.000,00 cujos últimos andamentos, datados de 13/09/2007 são “Protocolo de mandado de levantamento judicial” e “Juntada de documentos”.

Processo	CÍVEL
Comarca/Fórum	Fórum Central Cível João Mendes Júnior
Processo Nº	583.00.2003.032073-4
Cartório/Vara	33ª. Vara Cível
Competência	Cível
Nº de Ordem/Controle	532/2003
Grupo	Cível
Ação	Indenização (Ordinária)
Tipo de Distribuição	Direcionamento
Distribuído em	24/03/2003 às 10h 03m 21s
Moeda	Real
Valor da Causa	R\$ 500.000,00
Qtde. Autor(s)	1
Qtde. Réu(s)	1
PARTE(S) DO PROCESSO [Topo]	
Requerido	CATHO ON LINE S/C LTDA CNPJ 03.753.088/0001-00
Requerente	GELRE INFORMÁTICA S/C LTDA CNPJ 01.832.283/0001-09 Advogado: 146752/SP JULIANA GUARITA QUINTAS ROSENTHAL

FIGURA 11. Processo movido pela Gelre contra a Catho.

Fonte http://www.tj.sp.gov.br/PortalTJ/Paginas/Pesquisas/Primeira_Instancia/Por_comarca_civel.aspx.

¹⁴⁵ “O apensamento é o ato de anexar um processo a outro, quando este deve servir de elemento elucidativo ou subsidiário para instrução daquele, continuando ambos com existência própria e independente. É, portanto, uma união de processos em caráter temporário”. Disponível: <<https://sistemas.usp.br/proteos/manual/glossario.htm>>.

No dia 24/03/2003, às 10h03m21, foi a vez da Gelre Informática S/C Ltda¹⁴⁶ entrar com um processo de indenização ordinária contra a Catho no valor de R\$ 500.000,00. A advogada da Gelre foi a mesma que atuou em nome da Curriculum. O último andamento data de 26/07/2006.

O caso veio novamente à tona no dia 22/09/2004 em notícia publicada pelo Jornal O Estadão, praticamente uma repetição das polêmicas envolvendo as ações da Catho em 2002:

A análise de mais de 800 mil megabytes de dados – conteúdo equivalente a mais de 1.100 CD-ROMs –, revela o método de trabalho da maior empresa de recolocação profissional na internet, a Catho Online. O diagnóstico foi feito por um perito por determinação da 33ª Vara Cível da capital, que julga três processos contra a empresa. A acusação: apropriar-se de currículos dos sites Manager, Curriculum e Gelre, também de recolocação. Ainda não há sentença. A Catho não nega ter copiado as informações e afirma que não há nada de errado com isso. “Os dados são públicos”, diz o advogado da empresa, Marcos Zagury. “Não é uma conduta ilegal. Os dados não têm proteção legal. É como consultar a lista telefônica.” Para a advogada das empresas reclamantes, Juliana Quintas Rosenthal, a história não é bem assim. “O acesso aos currículos e aos demais dados é restrito. Na Curriculum, eles pagaram para entrar. Na Manager, usaram nome e senha de terceiro, com CPF falso, para copiar os dados. E o site da Gelre foi invadido.”¹⁴⁷

Além dessas informações, sobre as quais Odisseu já tinha conhecimento através da *Revista IstoÉ*, algumas outras acusações constantes no laudo do processo impetrado pela Curriculum foram expostas: casos de duplicação de vagas, manutenção de vagas já preenchidas, vagas inexistentes, envio de currículos para a empresa onde o usuário já trabalha, causando constrangimentos etc,

No laudo de 512 páginas do processo da Gelre, o perito concluiu que a ação era planejada, rotineira, e os diretores da empresa não só sabiam, como estimulavam essa prática por meio de uma política de bônus para os funcionários que convertessem mais currículos. A ação foi possível graças a programas desenvolvidos pelos funcionários da Catho, que simulavam os cliques dos internautas nas opções de visualização. Eles eram capazes de copiar milhares de documentos em minutos. O grande chamariz da Catho On-line é a garantia de que oferece mais de 130 mil vagas de emprego. A idéia é que as pessoas pensem que quanto mais vagas existirem, mais chances têm de conseguir sucesso profissional. Mas não é bem assim. A empresa conta as vagas mais de uma vez para engordar os números. Um exemplo é o caso da profissão de fonoaudiologia. Na semana passada, eram listadas 21 vagas no Estado na categoria “área de saúde” e 27 na seção “profissionais”. Do cruzamento dessas vagas, nota-se que sete eram as mesmas. Esse procedimento se repete nas demais categorias. Além disso, o portal é repleto de incongruências. Uma

¹⁴⁶ Líder e pioneira no seu mercado de atuação, a Gelre é constituída por 14 empresas e conta com mais de 102 unidades de atendimento em todo o território nacional. Na Argentina, a empresa atua desde 1995, com 12 unidades, em diferentes cidades, e administra uma carteira de mais de mil pessoas empregadas. São mais de 2 milhões de currículos em banco de dados, 4,5 mil clientes e 22 mil trabalhadores na folha de pagamento mensal. Desde sua fundação e até final de 2006, a Gelre já empregou mais de 3,5 milhões de pessoas. Disponível em: <<http://www.gelre.com.br>>.

¹⁴⁷ Disponível em: <<http://www.contabilidadeonline.com.br/noticias10/detail.asp?iNews=307&iType=22>>.

das hipóteses é de que sejam mantidas vagas já preenchidas. São ainda apontados casos de vagas que são mantidas no *site* à revelia de quem quer contratar, como aponta o laudo do perito Giuliano Giova. Um ex-gerente da Catho que preferiu não se identificar afirmou que há anúncio de vagas inexistentes. Ele entregou ao Estado cópia de um documento de novembro de 2002, em que o departamento de auditoria interna da Catho sugere à direção da empresa que desfaça a parceria com a Catho Manaus. Motivo: o representante anunciou vagas fantasmas em 13 dos 35 casos analisados¹⁴⁸.

Odisseu não obteve acesso direto aos autos, e isso pouco lhe adiantaria, pois a linguagem do Direito pertence a um conjunto de práticas discursivas¹⁴⁹ que torna impossível aos não-especialistas compreenderem-na. É uma linguagem composta de códigos restritos aos advogados, juízes e demais indivíduos diretamente envolvidos com as tramas dos tribunais. Quanto menos um indivíduo tem acesso a essa cultura, a esses códigos, à linguagem judicial, mais ele está sujeito aos poderes inerentes àqueles que têm seu domínio e posse, mais ou menos como acontece com a Medicina. A “gestão” do direito, para utilizar um termo recursivamente utilizado na atualidade, cabe a uns poucos grupos privilegiados que fazem as leis e as executam.

Embora o “escândalo” tenha chegado à imprensa em 2002, a Manager Online foi a primeira a processar a Catho, em 28/11/2001, com uma ação de notificação, protesto e interpelação no valor de R\$ 10.000,00. Hoje as duas AGEONS pertencem ao fundo americano *Tiger Global Management* (ver p.89).

Levando-se em conta que os jornais não noticiaram nenhuma condenação e que a Catho e a Manager hoje são “AGEONs irmãs”, filhas da *Tiger Global Management*, é de se pensar que os outros processos também não chegaram à sua conclusão e não foi dada razão a seus autores.

¹⁴⁸ Disponível em: <<http://www.contabilidadeonline.com.br/noticias10/detail.asp?iNews=307&iType=22>>.

¹⁴⁹ “As práticas discursivas caracterizam-se pelo recorte de um campo de projetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito de conhecimento, pela fixação de normas par a elaboração de conceitos e teorias. Cada uma delas supõe, então, um jogo de prescrições que determinam exclusões e escolhas. As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm. A transformação de uma prática discursiva está ligada a todo um conjunto, por vezes bastante complexo, de modificações que podem ser produzidas tanto fora dela (em formas de produção, em relações sociais, em instituições políticas), quanto nela (nas técnicas de determinação dos objetos, no afinamento e no ajustamento dos conceitos, no acúmulo de informação), ou ainda ao lado delas (em outras práticas discursivas). E está ligada a elas pelo modo, não de um simples resultado, mas de um efeito que detém ao mesmo tempo sua própria autonomia, e um conjunto de funções precisas em relação àquilo que a determina. Tais princípios de exclusão e de escolha [...] não remetem a um sujeito de conhecimento (histórico ou transcendental) que os inventaria sucessivamente ou os fundaria num nível originário; antes de tudo, designam uma vontade de saber, anônima, e polimorfa, suscetível de transformações regulares e considerada num jogo de dependência determinável” (Foucault 1997:10-12).

Processo	CÍVEL
Comarca/Fórum	Fórum Central Cível João Mendes Júnior
Processo Nº	583.00.2001.314297-5
Cartório/Vara	15ª. Vara Cível
Competência	Cível
Nº de Ordem/Controle	2342/2001
Grupo	Cível
Ação	Notificação, Protesto e Interpelação
Tipo de Distribuição	Livre
Distribuído em	28/11/2001 às 08h 23m 25s
Moeda	Real
Valor da Causa	R\$ 10.000,00
Qtde. Autor(s)	1
Qtde. Réu(s)	1
PARTE(S) DO PROCESSO [Topo]	
Requerente	ASSESSORIA EM RECURSOS HUMANOS MANAGER LTDA CNPJ 53.101.242/0001-38 Advogado: 141491/SP VANIA ALCANTARA DE CARVALHO Advogado: 15842/SP NEWTON SILVEIRA
Requerido	CATHO ON LINE S/C LTDA CNPJ 03.753.088/0001-00
ANDAMENTO(S) DO PROCESSO [Topo]	
Existe(m) 8 andamento(s) cadastrado(s).	
21/07/2003	Despacho Proferido Comunicado: Ciência à parte interessada da certidão positiva do oficial de justiça.
11/03/2003	Despacho Proferido "Fls. 98: Ao autor, em 5 dias".
18/09/2002	Despacho Proferido Certidão: "que deixo de aditar o mandado por falta de prov. 08/85, pois o prov de fls. 86 já foi utilizado em outra diligência".
01/08/2002	Despacho Proferido Fls 82: ao autor, em cinco dias, no silêncio ao arquivo, nos moldes do comunicado nº 328/91 da ECGJ.
23/05/2002	Processo Extinto
23/05/2002	Reativação da Extinção do Processo
13/03/2002	Despacho Proferido ciência da certidão negativa do oficial de justiça.
28/11/2001	Processo Distribuído por Sorteio
SÚMULA(S) DA(S) SENTENÇA(S) DO PROCESSO [Topo]	
Nenhuma súmula cadastrada.	

FIGURA 12. Processo movido pela Manager contra a Catho.

Fonte: http://www.tj.sp.gov.br/PortalTJ/Paginas/Pesquisas/Primeira_Instancia/Por_comarca_civel.aspx

Mas nem só de grandes processos “sobrevive” a Catho, sua principal fonte de conflitos é a P7DG. A promoção dos 7 dias gratuitos tem levado usuários de vários lugares do Brasil a colocar a Catho “em juízo”. Doze dos 27 Tribunais de Justiça Estaduais do Brasil acusam processos contra a AGEON, a saber os sete estados do Sul e Sudeste; Bahia, Ceará e Sergipe, no Nordeste; o Distrito Federal, no Centro-Oeste; e Rondônia, no Norte.

A quase totalidade desses “pequenos” processos, com valores de causa entre R\$ 200,00 (Salette Bergamaschi – RO, 15/07/2004) até R\$ 11.900,00 (Leandro e Maria do Carmo Vieira – RS) é aberta por pessoas que requerem indenização por danos morais e materiais decorrentes de lançamentos indevidos de débito em conta corrente ou em cartão de crédito.

No caso de Leandro e Maria – RS, o tribunal deu ganho de causa aos autores, mas o valor foi reduzido a R\$ 1.100,00. Todos os recursos impetrados pela AGEON foram negados. Mas nem sempre é o que acontece, até porque, suponho, dúzias de usuários lesados sequer pensam em denunciar a Catho à Justiça. Por que a AGEON mantém a prática da P7DG e se predispõe ao desgaste dos processos é algo difícil de entender.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA

CONSUMIDOR. CONTRATAÇÃO ELETRÔNICA VIA SITE DA WEB.

Prova suficiente de que a consumidora desfez o acesso ao *site* no ato, tão logo tomou conhecimento do preço do negócio. Não teve ciência inequívoca de que, a despeito de haver deixado o curriculum incompleto no local e de se haver desconectado, ainda assim permaneceria como contratante perante a fornecedora.

Igualmente, a prova dos autos revela os contatos por escrito procedidos pela consumidora com a fornecedora e com a instituição bancária, no sentido de cessarem os descontos na conta corrente conjunta dos autores. Ambos os réus desconsideraram a vontade da parte autora, a primeira, sob o argumento de que escoara o prazo legal da desistência (quando é certo que a consumidora jamais teve a intenção de concretizar a contratação), e a segunda por ser parte alheia à contratação.

Ocorre que é dever da instituição bancária atender à solicitação do seu correntista, no sentido de fazer cessar os futuros débitos em conta. Quanto à fornecedora do serviço de divulgação de currículos, era-lhe exigida a boa-fé contratual, tendo por não perfectibilizado o contrato e, portanto, por indevida a cobrança.

Sentença que valorou a prova, condenando os réus, solidariamente, à restituição das quantias e ao pagamento de indenização por dano moral, esta fixada em R\$ 1.100,00 e que se mostra justa e adequada em face da efetiva desconsideração para com a parte autora, a despeito das várias tentativas por esta levada a efeito para solver o caso a bom termo.

RECURSOS A QUE SE NEGA PROVIMENTO.

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos os autos.

Acordam os Juízes de Direito integrantes da Segunda Turma Recursal Cível dos Juizados Especiais Cíveis do Estado do Rio Grande do Sul, à unanimidade, em **NEGAR PROVIMENTO AOS RECURSOS.**

Participaram do julgamento, além da signatária (Presidente), os eminentes Senhores Dra. Maria José Schmitt Sant Anna e Dr. Clóvis Moacyr Mattana Ramos.

Porto Alegre, 10 de janeiro de 2007.

DR.^a MYLENE MARIA MICHEL, Relatora. **RELATÓRIO** (Oral em Sessão.)

VOTOS

Dr.^a Mylene Maria Michel (RELATORA)

Nego provimento aos recursos, confirmando a r. sentença na forma do art. 46, 2ª parte, da Lei nº 9.099/95. Sucumbência pelos recorrentes, com honorários de 20% sobre o valor da condenação. É o voto.

Dra. Maria José Schmitt Sant Anna – De acordo.

Dr. Clóvis Moacyr Mattana Ramos – De acordo.

DR.^a MYLENE MARIA MICHEL – Presidente - RI nº 71001074194, Comarca de Porto Alegre: “NEGARAM PROVIMENTO. UNÂNIME”.

Juízo de Origem: 7.JUIZ.ESPECIAL CIVEL REG PETROPOLIS PORTO ALEGRE – Comarca de Porto Alegre¹⁵⁰.

Não são poucos os usuários insatisfeitos que se aventuram nos tribunais em busca de serem ressarcidos por não terem conseguido cancelar suas assinaturas em tempo hábil. Em outro caso encontrado novamente o queixoso sequer havia se tornado assinante. Trata-se de Marcelo Corrêa Bastos, jovem advogado paulistano, recém-formado, que requer da juíza Mônica Soares Machado Alves Ferreira, da 1ª Vara do Juizado Especial Cível – Vergueiro – Foro Central Cível, através do processo de Nº 100.08.604179-6, que a Catho, por repetição de indébito cumulada com dano moral seja condenada a pagar o valor de R\$ 498,00.

Sua história começou quando, em meados de novembro, algum tempo depois de tomar ciência de que fora aprovado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil, Marcelo, que recebia periodicamente diversas mensagens eletrônica do tipo “mala direta”, tentou cadastrar seu currículo no *site* da Catho, atraído pela promoção que anunciava a gratuidade do cadastro por 7 dias. No decorrer do cadastramento devido à impossibilidade de participar da promoção dos 7 dias gratuitos (pois já havia usufruído dessa mesma promoção num período anterior) e a sua escassa disponibilidade de recursos financeiros naquele momento, ele desistiu de finalizar o cadastro, cancelando a operação que se realizava via internet.

No dia seguinte à tentativa frustrada de cadastramento do currículo, a Catho entrou em contato por telefone para saber o motivo da desistência da finalização do cadastro. Marcelo informou que não finalizara o cadastro devido à impossibilidade de participar da promoção dos 7 dias gratuitos. A funcionária com quem falava ao telefone o informou que havia, sim, a possibilidade dele participar novamente da P7DG caso ele tivesse interesse em se tornar assinante. Marcelo, que na realidade estava interessado em se tornar assinante caso constatasse durante o período de gratuidade que os serviços oferecidos pela AGEON eram mesmo sérios e eficientes, e por não lhe restar outra opção diante do temor de permanecer desempregado, manifestou que havia a possibilidade do interesse em se tornar assinante. A

¹⁵⁰ Disponível em: <http://www.tj.rs.gov.br/site_php/consulta/download/exibe_documento.php?codigo=14948&ano=2007>.

funcionária disse então que ativaria a P7DG e enviaria por *e-mail* o *login* e senha de acesso, para que Marcelo pudesse ter acesso ao *site* da Catho. E usufruir dos seus serviços e benefícios. Contudo, Marcelo não recebeu *e-mail* nenhum, não foi informado de *login* ou senha, mas ficou surpreso ao se deparar com um débito automático não autorizado em sua conta corrente. Em seu requerimento Marcelo raciocina: “A Catho não conseguiu enviar uma simples mensagem, mas não teve nenhuma dificuldade em realizar o débito automático em minha conta corrente”. O débito automático, na quantia de R\$ 59,00, ocorreu no dia 29/11/ 2007 e não foi autorizado por Marcelo. Diz ainda o autor do processo: “Inclusive, antes de me ‘transformarem’ em assinante, os *emails* abundavam, eram anúncios e mais anúncios de oportunidades, porém, depois de inadvertidamente me tornar assinante não recebi mais mensagens”. E se dirige à juíza:

Ora, Excelência, o próprio método de participação da promoção é, no mínimo, suspeito. O assinante deve se cadastrar, fornecer todos os seus dados, inclusive bancário, e antes de completar uma semana de fruição dos “serviços” ele deve cancelar o cadastro, sob pena de ser considerado assinante e ter que pagar pelo serviço. À primeira vista, pode não parecer tão injusto ou suspeito, não fosse a facilidade de se cadastrar e a dificuldade de cancelar o cadastro. Enquanto o cadastro ocorre em poucas “páginas”, o cancelamento, cujo o “link” não é muito fácil de se encontrado, ocorre em diversas etapas, restando dúvidas sobre a sua efetividade¹⁵¹.

Em 21/12/2007, ao saber a razão do débito automático em sua conta corrente Marcelo entrou em contato com a Catho, primeiro através do *site* da AGEON, em seguida por telefone, e explicou o ocorrido. Prometeram-lhe alguma resposta em três dias úteis, o que não ocorreu.

No dia 02/01/2008 ele voltou a entrar em contato com a Catho que negou a disposição para ressarcir a quantia indevidamente debitada em sua conta corrente. Marcelo ficou revoltado:

Não bastasse a dificuldade em conseguir seu primeiro emprego, toda a ansiedade que envolve essa fase da vida, as expectativas, as inseguranças, ele ainda se deparou com uma empresa que, com a promessa de facilitar a busca por um emprego, queria obter vantagens financeiras indevidamente. Não me resta outra alternativa senão a procurar a Justiça e entrar com uma ação, mesmo porque tenho a consciência tranqüila: antes de recorrer ao judiciário, na crença de que se tratava de uma empresa séria estava seguro de que o mau entendido seria corrigido, mas não me

¹⁵¹ Disponível em: <<http://esaj.tj.sp.gov.br/esaj/cpo>>. Em seguida, digitar o nº do processo: 100.08.604179-6. Como este é um processo digitalizado basta clicar no *link* que aparece no processo para ver a íntegra do requerimento.

deram resposta alguma e quando ele contatei novamente a empresa, fiquei ciente de sua indisposição em reparar o dano a mim causado¹⁵².

Para Marcelo, o dano causado não foi somente material. Ele, que deseja exercer sua profissão com dignidade e ética, se sentiu extremamente inseguro e frustrado ao perceber que, na ânsia por conseguir um emprego, tendo estudado tanto o Direito, antes de iniciar o exercício de sua profissão já fora lesado, pois fora ingênuo ao informar dados bancários a uma empresa que acreditava ser idônea.

Aproveitando e exercitando seus conhecimentos como advogado, Marcelo citou as leis que, segundo ele, lhe davam razão: a Lei 8.078/90, artigo 42, parágrafo único, que reza: “O consumidor cobrado em quantia indevida tem direito à *repetição do indébito*, por valor igual ao dobro do que pagou em excesso, acrescido de correção monetária e juros legais, salvo hipótese de engano justificável”¹⁵³.

De acordo com seus argumentos, obviamente, o caso em tela não era de erro justificável, mesmo porque a AGEON teve oportunidade de reparar o erro e não o fez. Segundo Miguel Reale, há no ordenamento jurídico artigos-chaves, isto é, normas que dão sentido a outras normas e que servem de diretrizes para todo o sistema. Dentre essas normas está o Artigo 113 do Código Civil onde se lê: “[...] *os negócios jurídicos devem ser interpretados conforme a boa-fé!*”¹⁵⁴ A respeito da boa-fé diz Carlos Roberto Gonçalves, especialista no assunto:

No Código de Defesa do Consumidor, a boa-fé é tratada como princípio a ser seguido para a harmonização dos interesses dos participantes da relação de consumo (art. 4º, III) e como critério para definição da abusividade das cláusulas (art.52, IV) são nulas de pleno direito, entre outras, as cláusulas contratuais relativas ao fornecimento de produtos e serviços que: (...) estabeleçam obrigações consideradas iníquas, abusivas, que coloquem o consumidor em desvantagem exagerada, ou sejam incompatíveis com a boa-fé ou a equidade¹⁵⁵.

Para Marcelo, a AGEON não parece ter a boa-fé como parâmetro para a celebração de seus contratos, principalmente com relação aos que usufruem da promoção dos 7 dias gratuitos, já que, caso o consumidor se esqueça de cancelar a assinatura dentro dos 7 dias a cobrança é realizada automaticamente. No seu caso não foi isso que aconteceu porque ele sequer celebrou de fato o contrato tendo

¹⁵² *Id. Ibid.*

¹⁵³ *Id. Ibid.*

¹⁵⁴ Disponível em: <<http://www.miguelreale.com.br/artigos/artchave.htm>>.

¹⁵⁵ Disponível em: <<http://esaj.tj.sp.gov.br/esaj/cpo>>. Em seguida, digitar o nº do processo: 100.08.604179-6. Como este é um processo digitalizado basta clicar no *link* que aparece no processo para ver a íntegra do requerimento.

simplesmente manifestado a possibilidade de celebrá-lo, o que em nenhuma hipótese deveria vinculá-lo. E Marcelo torna a citar a “letra da Lei”:

De acordo com o artigo 186 do Código Civil: “aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, viola direito e causa dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito”. O Código de Defesa do Consumidor, no que se refere aos direitos básicos do consumidor em seu artigo 6º, VI, garante: “a efetiva prevenção e reparação de danos **patrimoniais e morais**, individuais, coletivos e difusos”¹⁵⁶.

E continua com seu requerimento:

Diante do exposto, requer o autor a cumulação do pedido de repetição de indébito com indenização por danos morais caracterizados pelos fatos narrados. Sobre dano moral a Egrégia Corte do Superior Tribunal de Justiça entende que: “Ementa: Dano moral puro. Caracterização. Sobrevindo em razão de ato ilícito, perturbação na relação psíquicas, na tranqüilidade, nos entendimentos e nos afetos de uma pessoa, configura-se o dano moral, passível de indenização. (STJ, Min. Barros Monteiro, T. 04, REsp 0008758, decisão 18/02/92, DJ 06/04/1998, P. 04499)”¹⁵⁷.

Ao finalizar seu pedido de indenização por danos gerais Marcelo acrescenta:

É evidente que ao sofrer a expropriação de uma quantia não autorizada de minha conta corrente me senti extremamente irritado, inseguro, desprotegido, pois não forneci a senha que acreditava ser necessária para movimentação de minha conta. Além disso não me sinto seguro em fornecer novamente qualquer informação via internet, por temer que ocorra novamente algo semelhante¹⁵⁸.

E então faz seu pedido formal:

DO PEDIDO

Ante o exposto requer o autor:

a) citação da requerida para que compareça à Audiência de Conciliação, sob pena de revelia e conseqüente condenação;

b) se inexistir acordo, seja designada Audiência de Instrução e Julgamento, intimando-se a ré para, se quiser, oferecer contestação;

c) a repetição do indébito, nos termos do artigo 42, parágrafo único, da Lei 8.078/90, Código de Defesa do Consumidor, condenando a requerida a ressarcir em dobro o que cobrou indevidamente, o que equivale a R\$118,00 (cento e dezoito reais);

d) a inversão do ônus da prova em favor do autor, conforme autoriza Art. 6º, Inciso VIII, do Código de Defesa do Consumidor;

e) a condenação da requerida ao pagamento de quantia a ser arbitrada por Vossa Excelência, a título de danos morais, pelo débito indevido e pela procrastinação em resolver o equívoco.

Protesta provar o alegado por todos os meios de prova em direito admitidos.

Dá-se a causa o valor de R\$ 498,00 (quatrocentos e noventa e oito reais).

Nesses termos, pede deferimento.

São Paulo, 20 de janeiro de 2008.

Marcelo Corrêa Bastos

Marcelo Corrêa Bastos

OAB/ SP 267211

FIGURA 13. Petição inicial de Marcelo Corrêa contra a Catho feita ao TJ-SP.

Fonte: <http://esaj.tj.sp.gov.br/esaj/cpo>.

“Hum... Curioso...”, ruma Odisseu, “Marcelo advoga em causa própria, seu advogado é ele mesmo. Tão jovem e já é advogado de si”. Odisseu se interessou pela

¹⁵⁶ *Id. Ibid.*

¹⁵⁷ *Id. Ibid.*

¹⁵⁸ Carlos Alberto Gonçalves. *Direito Civil Brasileiro*. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2006. Vol. 3. p.46.

seqüência do caso e pretende, no tempo certo, ir em busca do processo pendente que pode se resolver na audiência de conciliação marcada para 15/05/2008, às 16h. É esperar para ver... E Odisseu esperou. Recentemente o processo foi resolvido. Eis o resultado:

A Empresa Ré CATHO ONLINE LTDA, pagará ao requerente Marcelo Correa Bastos a quantia de R\$ 300,00 (Trezentos Reais) em 02 parcelas sendo a 1ª parcela na data de 01/07/2008 e a 2ª parcela na data 01/08/2008. Os pagamentos serão feitos mediante depósito na conta corrente nº 0003196-8 Agência 3044 Banco Bradesco S/A, e o comprovante de depósito bancário servirá como recibo de pagamento. O inadimplemento de uma das parcelas implicará no vencimento antecipado das demais e acréscimo de multa de 10% sobre o valor ainda devido. Havendo homologação do presente acordo, as partes desde logo se dão por intimadas. E, por estarem em perfeito acordo, assinam o presente termo. NADA MAIS, lido e achado conforme vai devidamente assinado.

São Paulo, 20 de junho de 2008.

Conciliador(a): Gerson Feitosa do Vale

Marcelo Correa Bastos

CATHO ONLINE.

Nosso amigo internauta continua suas pesquisas. Já no processo de Nº 583.00.2007.101664-6/000000-000 José Rodrigues de Souza pede ao tribunal que compelissem a Catho a cessar os descontos em seu cartão de crédito, no valor de R\$ 41,00 mensais, a rescisão do contrato e indenização por danos materiais no valor de R\$ 492,00 e por danos morais, R\$ 10.000,00. Seu argumento é que em 05/09/2005 fez a assinatura da Catho em nome de sua filha por um prazo de três meses após o qual os descontos continuaram. A Catho, por sua vez, alega que a renovação de seus contratos se dá automaticamente cabendo ao usuário solicitar o cancelamento, atitude que, segundo a AGEON, José Rodrigues não tomou. A Catho negou que José a tenha contatado, seja por telefone ou por e-mail. Nega a prática abusiva e “impugna o pleito de pagamento de indenização”. A juíza Adriana Sachsida Garcia não vê ilegalidade no fato de ser a renovação do contrato efetivada automaticamente e acrescenta:

A medida bem atende aos interesses do consumidor que, aderindo ao contrato, teria a comodidade de receber os serviços contratados, com a respectiva cobrança na fatura do cartão de crédito, sem que houvesse necessidade de se preocupar com a renovação do contrato ao término de cada período. Imprescindível apenas que disso estivesse bem alertado o consumidor, de modo claro e incólume de dúvidas, de tal arte que pudesse exercer opção com plena confiança. Este requisito está bem preenchido, pois vieram com a contestação documentos com as mensagens do sítio eletrônico para o consumidor, bem demonstrando que não há margem para dúvidas: se o consumidor quiser cancelar o contrato deve manifestar vontade neste sentido. A prática, por si só considerada, é perfeitamente legal. Todavia, uma vez manifestado pelo consumidor o interesse em romper o pactuado, sua vontade haveria de ser respeitada, não importando a forma como manifestada, por telefone ou

correspondência eletrônica, ou escrita, etc. Então, impõe-se a ilação de que seria do autor o ônus da prova do fato de ter pedido o cancelamento, o que não ocorreu. Anoto que aqui não se cogita de exigir da ré a prova do fato negativo e tampouco vislumbro presente qualquer das hipóteses do artigo 6º do Código de Defesa do Consumidor, a autorizar a inversão do ônus da prova. Deveria o autor, por qualquer forma, comprovar que tinha feito o pleito de cancelamento, o que não ocorreu. E se é assim, outro desate não cabe que o julgamento de improcedência do pedido, descabida a indenização por não se vislumbrar culpa ou qualquer ilegalidade na conduta da ré. Ante o exposto e o mais que dos autos consta, JULGO IMPROCEDENTE o pedido e extingo o processo com análise de mérito, o que faço com fundamento no artigo 269, inciso I, do Código de Processo Civil. Condeno o autor no pagamento das verbas oriundas de sua sucumbência, com honorária que fixo em 10% sobre o valor da causa, devidamente atualizado, nos termos do que preceitua o artigo 20, § 3º, do diploma legal mencionado. Todavia, a execução de tais verbas fica sobrestada, por ser o autor beneficiário da gratuidade da justiça, em obediência à norma do artigo 12 da Lei 1060/50. P.R.I. São Paulo, 31 de janeiro de 2008. Adriana Sachsida Garcia Juíza de Direito Certifico e dou fé que o valor da causa atualizado é de R\$ 11.032,93, e o do preparo R\$ 220,66. O valor do porte de remessa é de R\$ 20,96¹⁵⁹.

O senso comum não concorda com a excelentíssima juíza Adriana. No HT Fórum¹⁶⁰ usuários indignados com os procedimentos da Catho não poupam as palavras.



	Tópico / Autor	Última Mensagem	Respostas	Visitas	Fórum
	CUIDADO COM A CATHO!!! ARMADILHA!!! (1 2 3) puma conversível 12-02-2007	01-05-2007 17:16 de Paulo Artur 	42	1.653	Zona Livre

FIGURA 14. Tópico Zona Livre do Fórum HT.

Fonte: <http://www.htforum.com/vb/showthread.php?p=619745>.

Quem está por trás do apelido “*puma conversível*” é Jefferson, 37 anos, morador de Curitiba. Eis sua denúncia, ou como ele mesmo chama, desabafo:

Pois é senhores, acabo de ser mais uma vítima da CATHO... uma agência virtual de empregos. Em busca de uma recolocação no mercado após perder meu emprego em junho do ano passado, optei por me cadastrar nessa arapuca afim de obter um novo trabalho. Pois bem, fiz um plano trimestral, no qual seria ainda bonificado com o dobro da vigência. Fiz meu pagamento via cartão de crédito, o que foi uma enorme besteira que fiz na vida! Findo o prazo do contrato, nao tive o menor interesse na sua renovação, pois não obtive qualquer retorno com o serviço. Dinheiro jogado fora! E não é que ao ver minha fatura do cartão de crédito deste mÊs foi lançada automaticamente a renovação? Lá estava uma nova cobrança.. imediatamente entrei em contato com os ladrões e simplesmente me dizem que não só não irão estornar essa cobrnça, como irei ainda ter que pagar até o mês de abril. É mole? Já não prestam um serviço esperado e cobram caro por isso. Renovam sem a autorização e ainda mesmo após o pedido do cancelamento irão me cobrar mais duaz parcelas. Coloco aqui este desabafo para que outros não venham a cair nessa arapuca. Cuidado com essas agências de emprego. Jamais forneçam seus números de cartões

¹⁵⁹ Diário Oficial Poder Judiciário - Caderno Judicial - 1ª instância - capital São Paulo, Ano I - Edição 172, Quinta-feira, 14 de Fevereiro de 2008. p.538-9.

¹⁶⁰ O Fórum HT (Home Theater) nasceu a partir de duas premissas iniciais: o responsável pelo fórum queria oferecer um ambiente para colegas do antigo fórum da revista HT. O FHT cresceu para muito além de suas expectativas e hoje possui uma zona livre onde qualquer assunto pode ser tratado. Disponível em: <http://www.htforum.com/vb/showthread.php?p=619745>.

a esses ladrões. Se ainda assim optarem por estes serviços, efetuem o pagamento por boleto, pois pelo menos assim não irão ser roubados mais de uma vez!¹⁶¹

Entre os comentários recebidos pelo *post* de Jefferson está o de Vinicius Sacchi: “Eu sei que é um comentário meio batido, mas é real: ‘Como as pessoas gostam de se aproveitar do momento em que elas estão em dificuldade para tirar proveito e (pouco) dinheiro que elas ainda tem...’”¹⁶². No meu entender, alguns comentários realmente fazem sentido, como os de Francisco e o de Paulo Artur, último a postar no tópico:

Coincidentemente, tb tenho assinatura da Catho(que é trimestral) e até hoje, nada de concreto com relação a colocação. Se tive umas 3 entrevistas, foi muito. Também estou desempregado quase o mesmo tempo que você. Mesmo tendo bastante experiência na área de Recursos Humanos (quase 30 anos), estou tendo muita dificuldade para ingressar no mercado de trabalho. Apesar de estar vendo este tópico somente hoje, já havia me decidido a desligar-me da Catho. Outro serviço que eles oferecem, é a da elaboração do currículo. O mais interessante é que este serviço tb é pago. Ora, se o profissional está desempregado, como então arcar com mais essa despesa??¹⁶³

Penso que caberia uma grande reportagem a nível nacional, capa de revistas renomadas, etc. Todo o país tomar conhecimento dessa “indústria” do desemprego. Se alguém tem acesso as grandes redes de tv/jornais poderia ao menos tentar alguém para pesquisar, se passar por um desempregado, gravar, etc,etc...¹⁶⁴

Luiz Soldani, Gabriel e Gerrit são mais enfáticos, agressivos, até mesmo desagradáveis, mas, quem sabe, tenham lá suas razões:

Meu amigo caiu nessa faz um mês. Um nojo de empresa mesmo. Abraços.¹⁶⁵

Isso que eu chamo de ganhar dinheiro fácil com a dificuldade alheia e a falência do país! Cadê o Ministério Público? Alguém tem que cair de pau em cima dessa gente!¹⁶⁶

A minha esposa já ficou cadastrada um tempão no Catho, e nunca teve nenhum retorno. Conseguia empregos pelas agências locais com escritório na região, mas pelo Catho nunca. A única coisa que ela recebia de Catho é um caminhão de e-mails com ofertas de empregos inúteis, que não tem nada a ver com o perfil dela. Realmente, não servia para muita coisa, a não ser cobrar valores do cartão. Agora, realmente não sei se é verdade, mas já ouvi falar que eles cadastram empregos fantasmas no sistema deles, só para dar a impressão que tem muito emprego por aí. As pessoas encaminham o CV, mas nunca recebem retorno. Não sei se é verdade, pode ser que não, mas não ficaria surpreso se fosse...¹⁶⁷

Jefferson diz que foi ao Procon e que este notificará a empresa, mas como não tem maiores poderes, o órgão de defesa do consumidor não pode obrigar a AGEON a devolver o dinheiro cobrado, tampouco impedir o restante da cobrança.

¹⁶¹ Disponível em: <<http://www.htforum.com/vb/showpost.php?p=615664&postcount=1>>.

¹⁶² Disponível em: <<http://www.htforum.com/vb/showpost.php?p=673978&postcount=40>>.

¹⁶³ Disponível em: <<http://www.htforum.com/vb/showpost.php?p=674730&postcount=41>>.

¹⁶⁴ Disponível em: <<http://www.htforum.com/vb/showpost.php?p=674755&postcount=43>>.

¹⁶⁵ Disponível em: <<http://www.htforum.com/vb/showpost.php?p=617103&postcount=18>>.

¹⁶⁶ Disponível em: <<http://www.htforum.com/vb/showpost.php?p=617200&postcount=19>>.

¹⁶⁷ Disponível em: <<http://www.htforum.com/vb/showpost.php?p=615694&postcount=3>>.

Quanto a operadora do cartão, deplorável... informam que não podem fazer nada, e que a própria Catho deveria solicitar o cancelamento dos pagamentos futuros, que obviamente não o fará! A Catho está irredutível... não devolvem o valor cobrado, e tampouco cancelam as parcelas futuras, mesmo com a insistência minha em cancelamento. Resumindo é isso aí, fui roubado pela Catho, e gostaria de dar o alerta para que outras pessoas não venham a cair nesse golpe!¹⁶⁸

No caso de José Rodrigues, a Justiça deu razão à Catho, pois a AGEON deixa explícitas as condições de assinatura em seu *site*. Independente das proteções que a agência utiliza para não incorrer em ações ilegais, seu procedimento é equivocado.

A AGEON diz e a juíza do caso José Rodrigues reafirma que é para o conforto do próprio usuário que os contratos são automaticamente renovados. Creio que seria mais confortável, para ambos os lados, se no dia que findasse o prazo contratual o usuário recebesse um *e-mail* robotizado (afinal a Catho os envia às dezenas) onde ele simplesmente respondesse à pergunta “Quer continuar como assinante da Catho?” com um <sim> ou um <não>.

Odisseu adora mitologia e, sabendo que há musas para a maioria das disciplinas, procurou pela musa do direito, quis saber o porquê daquelas estátuas vendadas e descobriu que a venda nos olhos de Themis, a Deusa da Justiça, é a simbologia de sua posição de “neutralidade” que a leva a não considerar as posses, a etnia, o sexo ou qualquer outra subjetividade do acusador ou do acusado.

Tal ambigüidade se presta ao observador mais cínico ou inadvertido, que, ao ver os despropósitos dos feitores, julgadores e aplicadores das leis, se dá o direito de pensar que a faixa a torna mesmo cega, incapaz de discernir entre o justo e injusto. Em todo caso, em muitos momentos há que se imaginar que a Justiça feche os olhos, faça “vista grossa” e permita a grupos e indivíduos privilegiados a mais indecente impunidade.

Um dos pratos da balança, outro símbolo de equidade da Justiça, nem sempre se mantém em equilíbrio, pendendo a favor daqueles que melhor manipulam as relações de poder por ocuparem cargos ou posições vantajosas, que por sua vez têm proveniência em seus “méritos” políticos ou financeiros.

¹⁶⁸ Disponível em: <<http://www.htforum.com/vb/showpost.php?p=617348&postcount=23>>.



FIGURA 15. Themis, Deusa da Justiça.
Fonte: <http://www.stm.gov.br/museu/imagens/deusa.gif>.

As dobras das vestes de Themis têm um caimento apropriado ao conceito de institucionalização, desde que tomadas enquanto dobras deleuzianas¹⁶⁹, ou os desdobramentos recursivos dos fractais¹⁷⁰ pós-modernos, **matematizados**. As dobras e os fractais podem ser apresentados como imagens das relações da Catho com a justiça, com seus usuários, com a própria institucionalidade. É na dobradura de suas intenções discursivas (como, por exemplo, ao declarar entre seus 10 valores “Ser eternamente insatisfeito com os resultados” e “Competir agressivamente, sempre ‘de olho’ na concorrência”, valores retilíneos, newtonianos, institucionais) que sua matéria revela as curvaturas, a porosidade, as cavernas, os labirintos e passagens irregulares, ondas, fluxos, e a ausência de coerência e de coesão (Deleuze 1991: 16-7). Na prática, suas relações desinstitucionalizam um dos valores mais tradicionais da sociedade moderna, o trabalho, ao tratar o emprego de forma literalmente anti-convencional, se levarmos em conta as Convenções da OIT que tiveram e têm por função normatizar a venda de vagas, preservando o emprego de se tornar mais um produto no mercado global.

A dobra deleuziana desenha-se na pós-modernidade quando se dá como subjugação da segurança em nome da liberdade mediante vários processos de

¹⁶⁹ “O barroco remete não a uma essência, mas sobretudo a uma função operatória, a um traço. Não pára de fazer dobras. Ele não invoca essa coisa: há todas as dobras vindas do Oriente, dobras gregas, romanas, românicas, góticas, clássicas... Mas ele curva e recurva as dobras, leva-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra. O traço do barroco é a dobra que vai ao infinito. [...] Diz-se que um labirinto é múltiplo, etimologicamente, porque tem muitas dobras. O múltiplo é não só o que tem muitas partes, mas o que é dobrado de muitas maneiras. [...] Sempre uma dobra na dobra, como uma caverna na caverna. [...] A desdobra portanto não é o contrário da dobra, mas segue a dobra até outra dobra. (Deleuze 1991: 13-4)

¹⁷⁰ “O termo foi cunhado em 1975 por Benoît Mandelbrot, matemático francês nascido na Polónia, que descobriu a geometria fractal na década de 70 do século XX, a partir do adjetivo latino *fractus*, do verbo *frangere*, que significa quebrar”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fractal>>.

desinstitucionalização que revolvem a família, a política, a escola, o hospital, etc, mas ao mesmo tempo faz sentir à sociedade o peso dessa escolha e a leva a temer que o paradoxo da “sociedade organizada” – que é quando grupos se reúnem em torno de práticas e formações discursivas que têm como objetivo desorganizar padrões que lhes são prejudiciais – a desorganize além dos “limites”. Esses limites seriam os interesses dos grupos contrários, mais interessado na defesa do *statu quo*¹⁷¹, ou seja, na manutenção do estado atual das coisas.

Portanto, a institucionalização da internet presente, por exemplo, nas AGEONs, se desmantela no momento em que fóruns e *sites* independentes levantam vozes contrárias às suas práticas e invocam a justiça oficial em sua defesa. A dobra da dobra da dobra etc vem quando os próprios usuários da internet gritam por uma maior normatização, por legislações que os protejam: ao mesmo tempo em que procuram a liberdade autorizam a censura, que por sua vez, ao ser autorizada se dobra novamente em clamores por autonomia e independência, *ad infinitum*. A Catho pede opiniões e depoimentos a seus usuários, mas guarda entre uma dobra e outra aquelas que não lhe são favoráveis e, entre dobras que nem existem, embrulha processos que a colocam do lado oposto da institucionalidade e da legalidade. Ao permitir e estimular seus funcionários a cometerem atos que a própria Catho considera anti-éticos ela revolve-se em torno de si, cobra, espiral, dobra lisa que se curva à primordial finalidade do sistema capitalista: lucrar, e cada vez mais, lucrar.

Em mais uma dobra, dando uma volta no sentido anti-horário na manivela do tempo vamos encontrar Odisseu, esquizoser¹⁷², instável, de subjetividade aguçada e

¹⁷¹ *Statu quo* é uma expressão latina (*in statu quo ante*) que designa o estado atual das coisas, seja em que momento for. Emprega-se esta expressão, geralmente, para definir o estado de coisas ou situações. Na generalidade das vezes em que é utilizada, a expressão aparece como “**manter** o *statu quo*”, “**defender** o *statu quo*” ou, ao contrário, “**mudar** o *statu quo*”. O conceito de “*statu quo*” origina-se do termo diplomático “*statu quo ante bellum*”, que significa “estado actual antes da guerra”. A forma ‘*statu quo*’ é muitas vezes erroneamente usada como ‘*status quo*’, possivelmente por influência do inglês ‘*status*’ (= estado). Na realidade, a expressão não define necessariamente um mau estado, e sim o estado atual das coisas. Em uma citação, por exemplo, “Considerando o *statu quo*...”, considera-se a situação atual. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Statu_quo>.

¹⁷² O conceito de esquizoser é uma generalização (e como toda ela, falha) baseada em *O anti-édipo*, livro de Deleuze e Guattari (2004). O que caracteriza e une os esquizoseres é a diferença; paradoxalmente, a falta de unidade e hegemonia, a heterogeneidade, a multiplicidade de grupos, de comunidades, seitas, performances, “atitudes”. Alguns desses grupos são terroristas, *hackers*, homens de negócios, patricinhas, mauricinhos, ciberantropos, vigaristas, turistas, migrantes, esportistas radicais, mutantes, *hypes*, *rip rap rop pop funks*, artistas, que criam para si e suas turmas *biodesigns*, nichos de linguagem, movimentos corporais e estilos sonoros,

identidade fendida, em plena primavera de 2007 deparando-se surpreso com um *e-mail* meio enigmático, supostamente enviado pelo Supremo Tribunal Federal – STJ.

From: push@stj.gov.br. To: odisseusilva@gmail.com. Subject: Acompanhamento processual do STJ. Sender: push@stj.gov.br. Mime-Version: 1.0. Date: Mon, 24 Sep 2007 22:59:04 -0300. X-Mailer: ICS SMTP Component V2.28nformamos a V.Sa. o(s) seguinte(s) andamento(s): **Ag-607843 SP (2004/0067320-2)** 24/09/2007 - 17:54:04 - Processo recebido para aguardar a nomeação de novo relator **Superior Tribunal de Justiça**. <http://www.stj.gov.br>.¹⁷³

“Puxa, um *push*¹⁷⁴ do STJ!? Santo Deus!”, exclamou Odisseu. “Será que me meti em alguma encrenca sem ao menos saber? Ou será um e-mail falso, cheio de vírus? Certamente, certamente. Clicar nesses *links*, nem pensar, perigoso demais, no mínimo um *trojan*.”. E assim o fez. Cauteloso procurou um *e-mail* “oficial” e enviou um *foward* (FW – encaminhamento) do *e-mail* recebido, acrescido do seguinte texto:

From: odisseusilva@gmail.com To: informacao.processual@stj.gov.br Subject: Fw: Acompanhamento processual do STJ Date: Tue, 25 Sep 2007 08:32:50 -0300 MIME-Version: 1.0 Prezados Srs., Recebi o e-mail abaixo anexado e desconfio que seja vírus. Como não tenho nenhum processo na Justiça, gostaria que houvesse uma verificação. Atenciosamente, Odisseu Nonato Silva.

Mais surpreso ainda ficou quando no mesmo dia recebeu a resposta de um funcionário do STJ:]

Delivered-To: odisseusilva@gmail.com Tue, 25 Sep 2007 06:29:20 -0700 (PDT) Return-Path: Pedro.Caldas@stj.gov.br From: informacao.processual@stj.gov.br To: odisseusilva@gmail.com Subject: Re: Fw: Acompanhamento processual do STJ Prezado Senhor Odisseu, Em atenção à sua mensagem, informo a Vossa Senhoria que o link enviado é deste Tribunal. Por favor, verifique se foi feito algum cadastro no Sistema “Push” de acompanhamento processual com o nome do Senhor. Caso não haja, favor entrar em contato com a Seção de Tecnologia da Informação através dos fones: 3319-9009, 3319-9010 ou 3319-9414 e solicite o cadastramento. Atenciosamente, Pedro Hezequiel Gama Alves Caldas STJ - Seção de Informação Processual (61) 3319-8410

Deu uma leve tapa na testa com a mão direita. Agora se lembrava. Tinha, sim, assinado o sistema do STJ quando procurava, tempos atrás, processos contra a Catho. Tranqüilizado pelo *e-mail* Odisseu passou de tranqüilo a pasmado com a pronta resposta, e de estupefato passou ao seu estado natural: curiosidade intensa. Clicou imediatamente no *link* e deu de cara com a página do processo da Catho que ainda

geografias próprias, rotas de circulação, orientações e práticas sexuais, muitas vezes usando a auto-estigmatização como forma de fixação de suas singularidades e idiossincrasias.

¹⁷³ odisseusilva@gmail.com é um *e-mail* verdadeiro, criado por mim, mas não foi através dele que me comuniquei com o Tribunal. Apenas, para manter o “romance” troquei os nomes no texto.

¹⁷⁴ *Push* é envio automático de informações por e-mail aos usuários cadastrados em um *site* que oferece esse serviço. No caso do STJ qualquer informação referente a atualizações de um processo em andamento, escolhido para ser acompanhado é automaticamente enviado.

rolava nos tribunais. Antes de analisar o processo pensou que mais um *e-mail*, dessa vez de agradecimento, se fazia necessário.

From: = odisseusilva@gmail.com To: informacao.processual@stj.gov.br Subject: Re: Fw: Acompanhamento processual do STJ Date: Tue, 25 Sep 2007 17:51:07 - 0300 Prezado Sr. Pedro H. G. A.Caldas, Ao receber o e-mail do STJ achei que a informação processual dizia respeito a minha pessoa, por isso o estranhamento. Também busquei conferir a origem devido à preocupação com falsos e-mails que infectam nossos computadores com vírus. Porém, tendo a certeza que o *link* era seguro, realizei o acesso e pude perceber que o processo em questão me interessa, pois já fui usuário da agência Catho Online e pretendo voltar a sê-lo. Fiquei muitíssimo satisfeito com o sistema *push* do STJ e a sua pronta resposta. Parabéns a todos que fazem o Tribunal da Cidadania! Atenciosamente, Odisseu Nonato Silva.

Esse contato lhe renovara as forças de alguma estranha maneira. Queria ir adiante, investigar, mover-se. Estava estagnado, deixara de ler, de sair para as baladas. Nem os encontros semanais com os novos amigos lhe afetavam o ânimo obscuro. Mas ao pensar na Catho e na investigação que pretendia fazer sua mente fértil o fez logo imaginar-se de boné xadrez, lente de aumento e cachimbo, Sherlock Holmes em pessoa. “Elementar, meu caro Watson”, disse de si para si, pavoneando-se, e refletiu: “No que será que ‘deu’ esse processo? A Catho (que não é mais propriedade de seu fundador, Mr. Case – embora a Thomas Case & Associados seja parceira da Catho em certas atividades), continua funcionando a pleno vapor e parece não ter sido afetada pelas denúncias das concorrentes. Hum... Deixe-me ver o *site* do tribunal”. Eis o que Odisseu encontrou.

PROCESSO	: Ag 607843	UF: SP	REGISTRO: 2004/0067320-2
AGRAVO DE INSTRUMENTO			
AUTUAÇÃO	: 06/08/2004		
AGRAVANTE	: CATHO ON LINE LTDA		
AGRAVADO	: CURRICULUM TECNOLOGIA LTDA		
RELATOR(A)	: Min. CASTRO FILHO - TERCEIRA TURMA		
ASSUNTO	: Ação Cautelar - Busca e Apreensão		
LOCALIZAÇÃO	: Entrada em SEÇÃO DE ENCAMINHAMENTO DE AG em 24/09/2007		

NÚMEROS DE ORIGEM	PARTES E ADVOGADOS	PETIÇÕES	FASES	DECISÕES
-------------------	--------------------	----------	-------	----------

24/09/2007 - 17:54	- PROCESSO RECEBIDO PARA AGUARDAR A NOMEAÇÃO DE NOVO RELATOR
24/08/2004 - 12:11	- CONCLUSÃO AO(À) MINISTRO(A) RELATOR(A) - PELA CSEP
12/08/2004 - 10:05	- PROCESSO DISTRIBUÍDO AUTOMATICAMENTE EM 12/08/2004 - MINISTRO CASTRO FILHO - TERCEIRA TURMA

FIGURA 16. Processo contra a Catho instaurado no STJ.
Fonte: <http://www.stj.gov.br/webstj/processo/Justica/default.asp>.

Odisseu e Themis em sua afinidade mitológica conseguiram se entender. Odisseu concluiu que o único processo grave contra a Catho é aquele publicado na *Revista IstoÉ Dinheiro*, em 2002, e que ainda está em andamento nos tribunais. Por que alguém que está praticando um ato ilícito resolve deixar tantas pistas e assinar sua condição de réu com um programa nomeado *rouba.phtml*.

Os argumentos de Mr. Case se dão em torno de sua declarada inocência. Ele diz que a Catho agiu dentro da lei, não *hackeou* nada, e seus funcionários entraram “onde estava aberto e, onde tinha que pagar para se obter as informações”. Alega que pagaram por esse acesso e que usaram as informações obtidas de seus concorrentes para divulgar a empresa e para enviar a *newsletter* Carreira e Sucesso. “Somos absolutamente inocentes”, reiterou à Renata Mesquita, do Plantão INFO. Para Mr. Case, as empresas não têm direitos autorais sobre os currículos cadastrados em seus serviços e embasa essa opinião em um laudo, assinado pelo jurista e professor da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, Ronaldo Lemos da Silva Júnior, que diz a empresa “não fez nada de errado ao buscar dados em seus concorrentes”. Thomas Case afirma que a concorrente, Curriculum, acusou a Catho por “desespero comercial”

Em nosso *site* as empresas não pagam nada para pesquisar os currículos dos inscritos atrás de profissionais, e isso incomoda demais nossos concorrentes, que cobram pelo serviço e não conseguem mais clientes por conta disso. Como nosso preço é zero, estamos destruindo os negócios deles¹⁷⁵.

E contra ataca lembrando que quando de sua entrada no mercado a rival registrou os domínios www.katho.com.br e www.cato.com.br, com o intuito de redirecionar o tráfego destes endereços para suas páginas. E completa “mas entramos com uma advertência via cartório contra eles em 31 de janeiro de 2000, e agora esses endereços nos pertencem”.¹⁷⁶ E pertencem mesmo! Odisseu clicou em ambos e deu de cara com *links* para a inclusão de currículos na Catho.

Case comparou a prática da Catho (entrar no banco de dados dos concorrentes para pegar informações dos usuários cadastrados para fazer sua propaganda) aos sistemas de busca da *web*. Não haveria direitos sobre essas informações, existiriam empresas especializadas em vender endereços eletrônicos e acrescenta: “É uma infelicidade que tenham chamado isso de roubo ao invés de busca”, disse. Mas a

¹⁷⁵ Disponível em: <<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/122002/02122002-9.shl>>.

¹⁷⁶ *Id. Ibid.*

própria Catho tem um serviço de proteção aos seus clientes, um anti-spam, e denuncia essa práticas além de monitorar o uso de ferramenta de busca para evitar abusos. “Se uma empresa denunciada tenta fazer uma pesquisa, bloqueamos seu acesso”¹⁷⁷. Nesse caso, Odisseu dá total razão a Thomas: “Pois é, Mr. Case... os seus então funcionários deveriam ter chamado o programa de *busca.phtml*, mas não o fizeram. Deve haver um porquê nisso. Teria sido pura vaidade de *hacker* iniciante?”.

E em sua última fala à Renata Thomas Amos Case passa de acusado a acusador:

Este processo não tem fundamento. É interessante a tentativa da Curriculum para nos destruir, mas temos absoluta confiança de que seremos considerados inocentes e que vamos continuar mandando bala, oferecendo pelo menos 120 mil vagas de emprego à nossos cadastrados

O fundador da Catho é um homem de larga experiência e truculência quando se trata de negócios. Uma truculência sutil, se é que podemos dizer assim: sem sangue, sem espancamento, sem cadáveres, apenas uma estratégia de vendas feroz, agressiva, *pop*, que não poupa ninguém, e que está disposta a empunhar sorrisos e bom humor sempre que ousarem contradizê-la. Essa será uma luta difícil, esmoe Odisseu: “Um robô que rouba não se sente culpado. E há quem possa imputar-lhe essa culpa? Quem manipula o robô? Há roubo se o objeto roubado se encontra exatamente onde sempre esteve? O que pode o Direito contra uma sociedade que replica dados e clona ovelhas? A quem pertence o quê? Se houve crime são poucas suas impressões digitais...”.

Ter alguns processos na justiça, acusações nos órgãos de proteção e defesa do consumidor e vozes de protesto na internet não é “privilegio” da Catho. Grandes empresas de telecom, supermercados, agências seguradoras, planos de saúde, cartões de crédito e bancos, por exemplo, constam no *ranking* do Procon como campeãs em reclamações. Nos últimos anos o Procon registrou apenas 5 reclamações contra a Catho: 2 em 2003; 0 em 2004; 3 em 2005 e 1 em 2006. Todas elas por “cobrança indevida/abusiva e descumprimento de contrato”, referentes ao P7DG. Se levarmos em consideração que a Catho diz ter colocado no mercado mais de 50.000 trabalhadores o número de queixas pode ser considerado ínfimo

Já nas 134 queixas do *Reclame Aqui* Odisseu pode perceber que não é bem assim: como muitas outras empresas que utilizam esse tipo de promoção a Catho

¹⁷⁷ *Id. Ibid.*

parece não “conseguir” cancelar imediatamente as assinaturas de seus clientes o que os deixa, muitas vezes, furiosos. No *site Reclame Aqui* não são incomuns reclamações com títulos do tipo:

CATHO – COBRANÇA INDEVIDA E DE MÁ FÉ (23/12/2004)

Eu simplesmente ODEIO A CATHO! (14/05/2005)

Catho, me enganou, cobrou e nao me responde emails (17/06/2006)

Catho- QUERIA UMA VAGA MAS SÓ ACHEI PROBLEMAS! (05/02/2007)

Eis a íntegra de uma reclamação do dia 16/01/2008¹⁷⁸:

RECLAMAÇÃO

ABUSO DA NECESSIDADE HUMANA...

VENHO COLOCAR AO PÚBLICO MINHA INDIGNAÇÃO EM RELAÇÃO À CATHO ONLINE E ALERTAR AS PESSOAS SOBRE ESSE *SITE* QUE DIZ AJUDAR ARRUMAR UM BOM EMPREGO!!! FIZ MINHA INSCRIÇÃO NA CATHO ONLINE PARA DIVULGAR MEU CURRÍCULO SENDO QUE O *SITE* PROPORCIONA 7 DIAS GRÁTIS DE DIVULGAÇÃO, MAS PARA ISSO ELES EXIGEM UM NÚMERO DE CONTA BANCÁRIA E CPF PARA PODER COLOCAR SEU CURRÍCULO "GRÁTIS POR 7 DIAS". ENTÃO ENTENDI QUE ATÉ O SEXTO DIA PODERIA FAZER O CANCELAMENTO DE MINHA ASSINATURA PARA NÃO GERAR COBRANÇA, FOI O QUE EU FIZ, NO SEXTO DIA FIZ O CANCELAMENTO E DEPOIS DE UM MÊS E POUCO TIVE DEBITADO NA CONTA DE MINHA MÃE DOIS VALORES DE 59,00 REAIS, ISSO PORQUE FIZ QUESTÃO DE COLOCAR O MEU CPF E CONTA BANCÁRIA DE MINHA MÃE JUSTAMENTE PARA DAR DIVIRGÊNCIA DE INFORMAÇÃO E NÃO DEBITAREM. TENTEI FAZER ISSO PARA MINHA SEGURANÇA APESAR DE PODER CANCELAR, MAS MESMO COM UM CPF DIFERENTE DO CORRENTISTA BANCÁRIO QUE EU HAVIA INFORMADO E AINDA FAZENDO O CANCELAMENTO, DEBITARAM UM TOTAL DE 118,00 REAIS E O PIOR NEM UMA ENTREVISTA PARA EMPREGO AGENDADA EU TIVE, PAGUEI E ME SINTO ENGANADO POIS NÃO TIVE UM E-MAIL DE RETORNO DA CATHO, NÃO TIVE ENTREVISTA E MUITO MENOS UM EMPREGO. ENTÃO PARA AQUELES QUE TIVEREM A INTENÇÃO DE CONTAR COM A CATHO ONLINE ESQUEÇAM, POIS VOCÊS VÃO PAGAR COMO EU E FICARÃO A VER NAVIOS, ESSA É A CATHO ONLINE QUE EU CONHEÇO UM LIXO, VERDADEIRO LIXO. ESPERO QUE NESSE *SITE* AS PESSOAS VEJAM ESSA DENÚNCIA E NÃO CAIAM EM DESESPERO, AGRADEÇO AO RECLAME AQUI POR NOS DAR A OPORTUNIDADE DE DESMASCARAR CERTAS EMPRESAS. SEM MAIS LEONARDO CABRAL.

RESPOSTA

Agradecemos o contato do Sr. Leonardo e a possibilidade de verificar o ocorrido de uma melhor maneira. Informamos que o nosso Serviço de Apoio ao Cliente já entrou em contato com o assinante através de seu e-mail (provedor hotmail) para prestar os devidos esclarecimentos. Esperamos ter auxiliado e permanecemos à disposição sempre que necessário. Atenciosamente. Serviço de Apoio ao Cliente Catho Online. Seu sucesso é o nosso negócio.

RÉPLICAS

Enviada pelo consumidor em 24/01/2008 14h01m

ME ENVIARAM UM E-MAIL DE RESPOSTA DA CATHO E DIZEM COM A MAIOR CARA LAVADA QUE EU CLIQUEI EM UM LINK QUE GERAVA A COBRANÇA AUTOMÁTICA, SENDO QUE ISSO NÃO É FALADO NA PÁGINA DE CADASTRO E O MAIS, VOCÊ SÓ CONSEGUE EFETUAR O CADASTRO CLICANDO EXATAMENTE NO TAL LINK... CATHO PILANTRAS ONLINE, ESSE DEVERIA SER O NOME DESTA FARSA. QUERO MEU DINHEIRO DE VOLTA, E PARA REFORÇAR NADA ACONTECEU DE EMPREGO, E ELES AGORA TÃO FALANDO QUE FALTA CARTA DE APRESENTAÇÃO!!!! MUITO PALHAÇOS, A CARTA É COMPLEMENTO, QUERO SÓ MEU CURRÍCULO LÁ E NÃO É POSSÍVEL QUE NÃO SERIA GERADO CONTATO NENHUM DA PARTE DE ALGUMA EMPRESA ATRAVÉS DE MEU CURRÍCULO...

Consideração final pelo consumidor(a) Leoanrdo Cabral Menezes

Assunto **não resolvido**, irá manter a reclamação como pendente, e fazer uma réplica. O reclamante não considerou a resposta publicada como solução para sua reclamação e abre novo espaço para a empresa resolver.

O Reclame Aqui se diz “o Maior *Site* da América Latina em Defesa do Consumidor.” Lançado há cinco anos o *site* tornou-se um “ciberespaço”, independente na defesa do consumidor trabalhando com seriedade e transparência. O objetivo principal é ser um canal de comunicação entre os clientes e fornecedores, desde que haja uma relação de consumo entre eles. Em 90% dos casos os clientes cadastram suas

¹⁷⁸ Disponível<<http://www.reclameaqui.com.br/reclamacao/?id=cc85bf01ffae2267b54b39fbdeb00e6c91381f1>>.

reclamações no banco de dados do *site* quando já tentaram inicialmente solucionar seus problemas diretamente com as empresas reclamadas, porém não foram atendidos satisfatoriamente. Os clientes acabam por colocar o *site* em uma esfera intermediária entre a Empresa reclamada e o outro órgão oficial em defesa do consumidor. O Reclame Aqui faz parte de um dos negócios da Empresa Widea Soluções Digitais com sua Matriz em Campo Grande/MS e filial em São Paulo/SP. Como ele, o Ivox também funciona como uma tribuna onde o consumidor pode subir para gritar suas decepções.

Infelizmente, há casos ainda piores, onde a venda de vagas de trabalho é bem mais explícita. A Dow Right, que na edição 33, março/2001 da revista VOCÊ S.A. se anunciava como “O mais novo e revolucionário *site* de empregos! <www.dowright.com.br>, foi o principal assunto da reportagem de capa da edição 58, abril/2003.



FIGURA 17. Capa da Revista Você S.A. Edição 58. Abril 2003.

Fonte: <http://vocesa.abril.com.br/sumarios/0058.shtml>.

Na matéria assinada por Cassio Utiyama, Dalen Jacomino e Maria Tereza Gomes a manchete poderia ter sido o título dessa tese, mas foi “A indústria da recolocação” e acrescentava em letras menores: “Mergulhamos nos bastidores de um negócio que não pára de crescer no Brasil à custa da venda de um sonho: o emprego perfeito”. A empresa Dow Right, impediu por 86 dias, através de liminar, a publicação de matéria da revista VOCÊ S/A e estava, então, no topo no *ranking* de reclamações na Justiça de São Paulo. Logo no início da reportagem fica claro que o emprego está sendo vendido, foi transformado em mercadoria: “O passaporte para o emprego perfeito não é mais o seu currículo. É o seu cartão de crédito”.

Embora não seja normal perceber a venda de vagas de emprego como um ato de crueldade, mas sim o contrário, como uma “mão amiga” que se estende até o

desempregado, uma chance para que ele volte a ser um indivíduo que produz e consome, por isso mesmo bem visto pela sociedade,

quem passa pelo desemprego sabe que esse é um momento delicado na vida. Nessa situação, o profissional está emocionalmente frágil, financeiramente apertado e socialmente excluído. “Quem paga às empresas de recolocação é porque passa por um misto de desespero e medo com falta de informação”, diz Moacir Carlos da Silva, professor de pós-graduação em psicologia social e do trabalho do Instituto Sedes Sapientiae, da Universidade de São Paulo. O consultor Gutemberg Macedo, que atua com *outplacement* desde 1979, mas só atende clientes enviados por ex-empregadores, tem uma explicação para a multiplicação desse tipo de negócio. “A proliferação dessas empresas é muito similar ao crescimento das organizações religiosas. Ambas oferecem amparo à pessoa que está num momento de baixa auto-estima e se sente abandonada”, diz.¹⁷⁹

Nos depoimentos dos usuários que conseguem um emprego, conforme o leitor constatará nos próximos capítulos, fica clara a associação feita por Macedo sobre a semelhança entre as organizações religiosas e as agências de emprego: ambas representam para àqueles que estão em apuros, seja da vida pessoal, seja da vida profissional, os naufragos do mercado de trabalho, uma espécie de bote salva-vidas.

Odisseu considerou o caso da Dow Right bem mais grave que as acusações e processos que pesam sobre a Catho.

O administrador de empresas Roberto Carlos da Cruz, por exemplo, pagou a três empresas que, segundo ele, prometeram vaga de executivo na área de saúde. “Em todas ouvi que havia uma vaga que se encaixava no meu perfil, mas tínhamos de correr com o processo, senão eu ficaria de fora”, diz. Cruz pagou às empresas Paruziah, Prime e Jerdi, todas com escritórios na capital paulista. “Após um ano e meio, continuo sem emprego.” Marcos Possari, presidente da Prime Perfil Profissional, que atua desde 1993 somente em São Paulo, diz que não vende vaga. Vende serviços. “Nós buscamos empresas que estejam interessadas no perfil do nosso cliente”, diz. “É um trabalho personalizado.” Já o sócio da Paruziah, Raxidi Saleh, vai mais longe. “Não tenho kit de recolocação. Não faço milagre porque o sucesso de meu negócio depende do profissional e do mercado”, diz. Saleh afirma que cerca de 25% de seus clientes terminam empregados num prazo de nove meses. O empresário diz que todos os dias atende alguém com mágoa em relação a alguma empresa de RH. A solução para ele seria a criação de um órgão regulador do setor. “Eu sei que há empresas boas no mercado e outras que estão se prostituindo. Tem de haver um órgão que regulamente as empresas de recursos humanos”, diz. “Hoje, qualquer elemento abre uma consultoria”¹⁸⁰.

Porque será que os legisladores não tomam uma posição a esse respeito, não agilizam os processo de lei que podem impedir tais desmandos? Até que eles tentam, mas o Direito brasileiro ainda engatinha no solo lisestriado das tecnologias informáticas e, além disso, não parece capaz de transpor os obstáculos provenientes de interesses que certamente não são os dos trabalhadores. O mesmo acontece com as

¹⁷⁹ Disponível em: <http://vocesa.abril.com.br/edicoes/0058/aberto/informado/mt_25525.shtml>.

¹⁸⁰ *Ib. Ibid.*

providências tomadas acerca das agências de emprego públicas e privadas, sejam elas *on* ou *offline*, estejam elas plugadas à internet ou não. Há leis para se lidar com materiais perigosos, leis específicas para os que trabalham no mar, mas os grandes transatlânticos-fantasmas, cuja carga explosiva é o desemprego, onipresentes na “grande rede” não estão subjugados a nenhuma regra específica. Por enquanto não existem leis – apenas projetos – que explicitem os direitos e deveres dessas agências que têm como matéria-prima a “possibilidade” da venda de uma vaga.

Quais teriam sido os efeitos de tantas informações no corpo-literalmente-sem-órgãos de Odisseu, corpo que não se dá à institucionalização, senão aquela, vaga, que toda criatura recebe de seu criador? Apesar da confiança de grande parte da sociedade nas relações desencaixadas ele se mostra cada vez mais desconfiado sobre as possibilidades de conseguir um emprego através da AGEON e diante de tantos processos e vozes reclamando dos serviços da Catho, medroso em relação à sua conta bancária, temendo que os débitos se sucedam inexoravelmente a exemplo do que acontece com tantos outros usuários, meio arrependido, ele, que se amarrou como pôde ao mastro do navio, terminou por não resistir ao chamado das sereias da Catho e agora, fatigado, pensa em alguma penélope, um retorno ao lar, algo mais estável.

A acreditar na imagem mítica com que esse capítulo iniciou, as sereias que atormentaram o odisseu-histórico não pareciam em nada com Janaína e Iemanjá. Também não traziam os traços da sereia folclórica, rabo de peixe, corpo de mulher. Pode-se notar até mesmo um esboço de costeleta em uma das *sirenes*, que ao invés de escamas são revestidas de penas e cujos pés são garras. O certo é que depois do contrato de assinante com a Catho, Odisseu não teve mais notícias de Tammy, Silvia ou Fernanda e resolve se descadastrar, cancelar sua assinatura. Contraditoriamente, para quem estava pensado em estabilidade e realidade ele sonhou alto: “Quem sabe assim volto a ser assediado...”. Tammy lhe lembrava a filha de certa cantora e Odisseu misturava essas informações criando fantasias que o faziam ter saudade de algo que nunca aconteceu. Ao invés de cancelar a assinatura, engoliu a hipno-aspirina diária-noturna e adormeceu mastigando mais uma vez, eroticamente, o nome da cathosereia: tammytammytammytammy. Teve um horrível pesadelo. Terminais bancários de enormes olhos com pupilas em forma de cifrão realizam débitos automáticos

incessantemente enquanto uma linda moça, mistura de Marlene Dietrich com Angelina Jolie, gargalhava com uma enorme arma nas mãos.

Odisseu acordou e sequer fez a higiene matinal, pensava somente em cancelar sua assinatura e assim o fez. Diferentemente do que esteve lendo e observando foi fácil cancelar o contrato com a Catho apesar de a AGEON dar quatro chances ao usuário para que ele possa pensar melhor, desistir e continuar assinante, o que implica em dizer que a confirmação de cancelamento só aparece na quinta janela. Odisseu – e ele sabe que não é um caso isolado – tem a falta de costume de ler bulas, manuais, termos de uso e outras instruções, por conseguinte não tinha lido o contrato ao assinar o plano. Ao cancelá-lo, resolveu ler. Foi então que entendeu o que acontecia com os usuários que processam a Catho. O usuário da P7DG tem que optar por um plano (mesmo que sua intenção seja somente utilizar o serviço gratuito por sete dias), e ao fazê-lo está se comprometendo com uma assinatura por tempo indeterminado, seja qual for a opção escolhida: planos de um mês, três meses, seis meses ou um ano. Não havendo cancelamento dentro do prazo de sete dias 7 dias, o plano, entra em ação por tempo indeterminado. Por exemplo, se o usuário inadvertido tiver feito um P7DG e optado por (em continuando como assinante, isto é, não cancelando o plano gratuito nos sete dias corridos) um plano trimestral, pensando que pode desistir dele a qualquer momento, está enganado. Ele pode sim, cancelar o plano a qualquer momento, todavia por ter optado pelo plano de três meses terá débitos automáticos em sua conta durante todo esse período assim como terá direito aos serviços de assinante durante esse tempo, quer os use ou não. De toda forma, por três meses o pagamento não poderá ser suspenso. A esse respeito o item 7 do contrato é bem claro, principalmente o subitem 7.3:

7. SOLICITAÇÃO DE CANCELAMENTO / VÍNCULO COM A CATHO ONLINE

7.1. A presente assinatura VIGORARÁ por tempo INDETERMINADO, permanecendo válido enquanto o Assinante manter [sic] seu currículo cadastrado no *site*.

7.2. O Assinante PODE SOLICITAR O CANCELAMENTO DE SUA ASSINATURA, A QUALQUER MOMENTO com a Catho. Para isso basta que o Assinante faça a solicitação de cancelamento pela sua Área de Assinantes, clicando no botão “Quero cancelar minha assinatura”, respondendo a pesquisa de qualidade e clicando novamente em “Cancelar Assinatura” no *site*.

7.3. Caso queira solicitar o cancelamento de sua assinatura, mas tenha optado pelo plano trimestral, semestral ou anual e tenha escolhido o parcelamento como forma de pagamento, fica de responsabilidade do Assinante liquidar as parcelas seguintes,

até que o valor total do plano escolhido seja quitado, ou seja, **a desistência antes do término do plano não implica no cancelamento das parcelas restantes.** [grifo meu].

Se o usuário não tiver lido corretamente o contrato vai realmente estranhar que, ao cancelar sua assinatura no primeiro mês continue, por mais dois meses a pagar por ela. Mas está no contrato. A lei nada pode fazer nesses casos. Em muitos dos processos o banco do assinante e a operadora do cartão de crédito também são levadas à justiça por não atenderem aos pedidos de cancelamento dos seus usuários, mas é uma prática legalizada e, portanto, não condenável. A única saída seria a alegação de má fé, que não tem onde se firmar nesses casos, dado que é dever do usuário ler e aceitar, ou não, os termos do contrato. A questão toda está no vínculo indeterminado e na renovação automática da assinatura, bem como no comprometimento do usuário que afirma que irá pagar por serviços que poderão ser utilizados ou não, caso ele os cancele antes do término do primeiro prazo. No máximo, a Catho pode ser acusada de “esperteza”, de ter uma política de vendas “oportunista”, mas nunca de, já que o contrato a respalda, estar agindo contra a lei.

Da mesma forma, por não existirem legislações claras sobre os direitos autorais na internet o “roubo do robô” pode ser explicado, e vários argumentos podem ser utilizados para justificar essa prática, até mesmo o fato de os funcionários da Catho terem tido a “infelicidade” ou a “infantilidade” de escolher como título do programa responsável pelos acessos aos bancos de dados dos concorrentes de *rouba.phtml*.

Quanto à legislação, existem algumas providências governamentais sendo tomadas, desde 2002, há seis anos, sem que, no entanto, resultem em Lei. Odisseu encontra um artigo (Nomura 2007) sobre elas e a partir daí inicia uma “prospecção” nos arquivos da Câmara.

2.3. A CÂMARA “CHIAROSCURA”

caput

Esse item tem como foco as questões legislativas, os projetos de lei que há seis anos tramitam na Câmara dos Deputados e que estão indexados sob as palavras-chave:

agência de emprego, anotação, aplicação, atividade, cadastramento, cadastro, candidato, CLT, cobrança, colocação, crime, dados pessoais, desconto, desempregado, empresa, experiência, garantia, honorários, infrator, interessado, manutenção, mão-de-obra, mercado de trabalho, multa, penalidade, preenchimento, privacidade, proibição, qualificação profissional, regulamentação, ressarcimento, salário, seleção, taxas, trabalhador, treinamento e vaga.

O Projeto de Lei nº 6.787, do deputado Neuton Lima PFL/SP, apresentado à Câmara dos Deputados em 14/05/2002 e despachado à Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público – CTASP e à Comissão de Constituição, Justiça e Redação – CCJR¹⁸¹ em 28/05/2002, tinha como objetivo “regulamentar as atividades de agências de empregos”. Um dos mais radicais entre os projetos propostos à Câmara sobre o assunto, considerava crime a cobrança de qualquer valor aos candidatos a emprego por parte das agências. Segundo o texto do projeto principal de Neuton Lima,

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º É reconhecida em todo o território nacional a atividade empresarial de seleção, intermediação e treinamento de mão-de-obra.

Parágrafo único. As agências de empregos podem manter cadastros de candidatos a emprego, bem como de vagas a serem preenchidas.

Art. 2º As agências de empregos não podem cobrar qualquer valor dos candidatos a emprego, devendo arcar com todos os custos de sua atividade empresarial.

Parágrafo único. A infração do disposto no *caput* deste artigo constitui **crime**.

Pena: detenção de 6 meses a 1 ano e multa.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data da sua publicação¹⁸².

No dia 29/05/2002 a abertura do projeto foi publicada no Diário de Câmara dos Deputados, na página 8. No dia 31/01/2003 a Mesa Diretora da Câmara dos Deputados – MESA, arquivou o projeto nos termos do Art. 105¹⁸³ do Regimento Interno da Câmara e três meses depois o projeto foi desarquivado com base no mesmo artigo.

¹⁸¹ A Comissão de Constituição, Justiça e Redação analisa o aspecto constitucional, legal, regimental e de técnica legislativa. Por ela passam todos os assuntos atinentes aos direitos e garantias fundamentais que regem as Constituições Estadual e Federal. Todos os projetos passam obrigatoriamente por essa Comissão, com exceção da Lei Orçamentária.

¹⁸² Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=34429>>.

¹⁸³ Art. 105. Finda a legislatura, arquivar-se-ão todas as proposições que no seu decurso tenham sido submetidas à deliberação da Câmara e ainda se encontrem em tramitação, bem como as que abram crédito suplementar, com pareceres ou sem eles, salvo as: I - com pareceres favoráveis de todas as Comissões; II - já aprovadas em turno único, em primeiro ou segundo turno; III - que tenham tramitado pelo Senado, ou dele originárias; IV - de iniciativa popular; V - de iniciativa de outro Poder ou do Procurador-Geral da República. Parágrafo único. A proposição poderá ser desarquivada mediante requerimento do Autor, ou Autores, dentro dos primeiros cento e oitenta dias da primeira sessão legislativa ordinária da legislatura subsequente, retomando a tramitação desde o estágio em que se encontrava. Regimento Interno da Câmara dos Deputados. *Id. Ibid.*

Designado como relator em maio de 2003, cinco meses depois, no dia 29/10/2003 o deputado Leonardo Picciani PMDB/RJ apresenta, em nome da CTASP, um substitutivo, por entender que o texto original exige aperfeiçoamentos. Seriam eles: 1) o termo “intermediação” pode levar a interpretações errôneas, no sentido de que estaria sendo legitimada a nefasta prática da locação de mão-de-obra, condenada, inclusive, por resolução da OIT. 2) o projeto apresenta evidente erro de técnica legislativa: refere-se a agências de emprego sem, anteriormente, conceituá-las; e 3) a imperfeição de técnica pode levar à má interpretação do próprio mérito, tal vício pode e deve, desde já, ser sanado.

No início de dezembro o parecer, reformulado do deputado, Picciani é aprovado por unanimidade pela CTASP e encaminhado para a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania – CCJC, sendo então nomeada como relatora, em 14/07/2004, a deputada Dra. Clair PT/PR, que no dia 1º de outubro de 2004 aprova o projeto.

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA – CCJC
PROJETO DE LEI No 6.787, DE 2002

Regulamenta as atividades de agências de emprego.

Autor: Deputado Neuton Lima

Relator: Deputada Dra. Clair

I - RELATÓRIO

Trata-se de projeto de lei, de autoria do Deputado Neuton Lima, que visa a regular as atividades das agências de emprego.

Nos termos da proposição, o exercício da atividade empresarial de seleção, intermediação e treinamento de mão-de-obra é reconhecido em todo o território nacional, estando as agências de emprego autorizadas a manter cadastro de candidatos a emprego e de vagas.

Estão, porém, proibidas de cobrar qualquer valor dos candidatos a emprego. A infringência da norma configura crime passível de aplicação da pena de detenção de seis meses a um ano e de multa.

Argumenta-se, na Justificação, que tal cobrança dos candidatos a emprego torna apenas figurativo o princípio do livre acesso ao mercado de trabalho. Daí entender-se devam tais custos ser arcados pelos patrões interessados em preencher vagas em suas empresas.

A Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público, por unanimidade, manifestou-se pela aprovação do projeto, com substitutivo, nos termos do Parecer Reformulado do relator, Deputado *Leonardo Picciani*.

II - VOTO DO RELATOR

De acordo com o art. 32, inciso IV, alíneas A e E, do Regimento Interno, compete à Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania manifestar-se sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa das proposições em tela, bem como sobre o mérito.

Examinando-as à luz do ordenamento jurídico-constitucional em vigor, verifica-se que a matéria nelas tratada se insere na competência legislativa da União, estando observados também os requisitos pertinentes à iniciativa legislativa (arts. 22, inciso

I, 48, caput, e 61, caput, da C.F.). Não se vislumbra qualquer ofensa a princípio geral de Direito capaz de comprometer sua normal tramitação.

A técnica legislativa empregada obedece aos ditames da Lei Complementar nº 95, de 1998, alterada pela de nº 107, de 2001, sendo de se notar o aprimoramento da redação no Substitutivo adotado pela Comissão precedente, inclusive com a **supressão da pena prevista no 2º do projeto, por imprópria e excessiva**.

Isto posto, o voto é no sentido da constitucionalidade, juridicidade e boa técnica legislativa do Projeto de Lei nº 6.787, de 2002, bem como do Substitutivo aprovado na Comissão de Trabalho, de Administração e de Serviço Público, recomendando-se, no mérito, a aprovação do Projeto, nos termos do referido Substitutivo.

Sala da Comissão, em 01 de outubro de 2004.

Deputada DRA. CLAIR – Relatora¹⁸⁴.

COMISSÃO DE TRABALHO, DE ADM. E SERVIÇO PÚBLICO – CTASP
SUBSTITUTIVO AO PROJETO DE LEI Nº 6.787, DE 2002

Dispõe sobre as atividades de agências de emprego.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A atividade das agências de emprego é regulada pela presente lei.

Parágrafo único. Considera-se agência de emprego a entidade empresarial que tem por atividade fim a seleção, treinamento e colocação de mão de obra no mercado de trabalho.

Art. 2º As agências de emprego podem manter cadastros de candidatos e de vagas a serem preenchidas.

§ 1º O tratamento dos dados pessoais dos trabalhadores deve ser efetuado em condições que protejam esses dados e respeitem a vida privada dos trabalhadores, limitando-se às questões que incidam sobre suas qualificações e sua experiência profissional.

§ 2º É vedada a cobrança, direta ou indiretamente, de honorários ou quaisquer outros encargos dos candidatos a emprego.

§ 3º É vedada à empresa que vier a contratar por meio de agências de emprego efetuar quaisquer descontos dos trabalhadores relativos a gastos com essas agências.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala da Comissão, em 03 de dezembro de 2003.

Deputado LEONARDO PICCIANI – Relator¹⁸⁵.

Eis as mudanças do substitutivo: a definição do que seria uma “agência de emprego”; a lucratividade dessas agências advinda da cobrança de valores aos seus “clientes” deixou de ser crime; foi acrescentado um parágrafo ao artigo 2º dando a devida atenção ao tratamento dos dados dos trabalhadores, dados estes que, como será visto, têm grande valor para as agências, sendo inclusive motivo de disputas judiciais entre elas. O próximo passo, no dia 11/04/2005, foi o apensamento, pela a Mesa Diretora, do Projeto de Lei nº 4978/05 do Deputado Vieira Reis PMDB/RJ que teve sua “Publicação Inicial no Diário da Câmara dos Deputados” dois dias após o apensamento. O projeto de Vieira tinha sido apresentado em plenário no mês anterior, no final de março:

¹⁸⁴ Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/243083.doc>>.

¹⁸⁵ Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=186541>>.

PROJETO DE LEI Nº 4.978, DE 2005

(Do Sr. Vieira Reis)

Proíbe, em todo o território nacional, a cobrança de taxas de cadastramento de clientela em busca de emprego pelas agências de colocação de mão-de-obra e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A agência de colocação de mão-de-obra, que tenha por finalidade selecionar, treinar e colocar mão-de-obra no mercado de trabalho, mesmo que funcione em meio digital, fica proibida de cobrar previamente qualquer taxa à título de cadastramento de trabalhadores interessados em conseguir emprego ou serviço.

Art. 2º O tratamento dos dados pessoais deve assegurar o direito à privacidade dos trabalhadores.

Parágrafo único. Os dados cadastrais em poder da agência de colocação de mão-de-obra devem se limitar à qualificação e a experiência profissional do usuário pessoa física.

Art. 3º É vedado à empresa que vier a contratar trabalhadores por meio de agências de colocação efetuar quaisquer descontos a título de ressarcimento com gastos de seleção, treinamento e contratação.

Art. 4º A cobrança indevida de taxas para cadastro ou de despesas com a contratação sujeita a empresa de colocação de mão-de-obra ou a empresa que efetuou o desconto irregular à multa administrativa no valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais) por trabalhador prejudicado.

Art. 5º A utilização do cadastro de trabalhadores para finalidade diversa da atividade de colocação de mão-de-obra sujeita a empresa a multa administrativa de R\$ 100.000,00 (cem mil reais).

Art. 6º O processo de fiscalização, autuação e imposição de multas reger-se-á pelo disposto no Título VII da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1942.

Parágrafo único. O valor da multa será atualizado, no mês correspondente ao da publicação desta lei, pela variação acumulada do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos doze meses imediatamente anteriores.

Art. 7º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação

O projeto do deputado Vieira Reis modificou bastante o projeto de Neuton Lima, e também o substitutivo de Picciani: as agências de emprego passaram a ser nomeadas “agências de colocação de mão-de-obra”; os candidatos a emprego se tornaram “a clientela”, e, principalmente, foram acrescentados três artigos sobre as penalidades para as agências infratoras, com a estipulação dos valores de multas, sobretudo uma multa para a má utilização do cadastro dos trabalhadores. Mais uma vez o sentido de ser dessas sanções ficará claro, mais adiante, quando da apresentação dos processos judiciais movidos entre si pelas agências.

Em maio de 2005 o deputado Miro Teixeira PT/RJ, foi designado relator pela CCJC, mas devolveu o projeto alguns dias depois “sem manifestação”. No dia 07/07/2005 foi a vez do deputado Jefferson Campos PMDB/SP. Dois meses depois o relator depois deu seu parecer pela “constitucionalidade, juricidade e técnica legislativa do projeto” de Neuton, parecer igual para o substitutivo de Picciani e, no

mérito, pela aprovação do PL 4.978, do deputado Vieira Reis. Essa longa, demorada jornada, teve temporariamente, um final infeliz: em 31/01/2007 a MESA arquivou o projeto, nos termos do Art. 105. Mas a odisséia não chegou ao fim. Em 15/02/2007 o deputado Jorginho Maluly PFL/SP apresentou o Projeto de Lei Nº 210, “Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões – Art. 24 II” com o mesmo teor do projeto arquivado. Todavia, uma mudança oportuna no Art. 1º faz uma ressalva e inclui no rol das “agências de colocação de mão-de-obra” as AGEONs, e no Art. 4º há um aumento no valor da multa paga por cada trabalhador prejudicado pela agência infratora; o parágrafo único do Art. 6º passou a ser o próprio Art. 6º e a correção passou a valer para as duas multas. O Art. 6º passou a ser o Art. 7º e, conseqüentemente, houve o acréscimo do Art. 8º que dispõe sobre a data de vigoração da Lei.

Art. 1º. A agência de colocação de mão-de-obra, que tenha por atividade fim selecionar, treinar e intermediar mão-de-obra no mercado de trabalho, mesmo que funcione em meio digital, fica proibida de cobrar direta ou indiretamente qualquer taxa à título de cadastramento de trabalhadores interessados em conseguir emprego ou serviço.

Art. 4º. A cobrança indevida de taxas para cadastro ou de despesas com a contratação sujeita a empresa de colocação de mão-de-obra ou a empresa que efetuou o desconto irregular à multa administrativa no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) por trabalhador prejudicado.

Art. 6º. Os valores das multas especificadas nos Artigos 4º e 5º serão atualizados, no mês correspondente ao da publicação desta lei, pela variação acumulada do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos doze meses imediatamente anteriores.

Art. 7º. O processo de fiscalização, autuação e imposição de multas reger-se-á pelo disposto no Título VII da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

Art. 8º. - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Foram designados como relatores os deputados Pedro Henry PP/MT e Nelson Trad PMDB/MS, pelas comissões CTASP e CCJC, respectivamente. No dia 23/05/2007 a CTASP concedeu por unanimidade o parecer favorável, motivo de reportagens na mídia:

Outro projeto aprovado é o PL nº 210/07, do deputado Jorginho Maluly (DEM/SP), que proíbe, em todo território nacional, a cobrança de taxas de cadastramento de clientela em busca de emprego pelas agências de colocação de mão-de-obra. Para o deputado Roberto Santiago (PV/SP), a proposição vem para acabar com a “picaretagem” das agências de emprego do País. Santiago lembrou que essas agências já recebem uma remuneração das empresas que utilizam seus serviços. Portanto, cobrar do trabalhador é uma incoerência¹⁸⁶.

¹⁸⁶ Disponível em: <<http://www.cut.org.br/site/start.php?infoid=10148&sid=22>>.

Quinta-feira, 24 de Maio de 2007

Dep. Pedro Henry

O Projeto de Lei N 210/07, proposto pelo Sr. Jorginho Maluly, foi votado ontem e aprovado por unanimidade. Ele proíbe, em todo o território Nacional, a cobrança de taxas de cadastramento de clientela em busca de emprego pelas agências de colocação de mão-de-obra. Como relator, tivemos o Dep. Pedro Henry¹⁸⁷.

=====

Comissão aprova proibição de cobrança para cadastro de RH

29/05/2007-13h40

A Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público aprovou na quarta-feira (23) o Projeto de Lei 210/07, que proíbe a cobrança de taxas de cadastramento de clientela pelas agências de recursos humanos. A proposta, do deputado Jorginho Maluly (DEM-SP), prevê aplicação de multa às empresas que cobrem pelo cadastramento ou às contratantes que descontarem do salário do trabalhador os gastos com seleção e contratação. O relator na Comissão de Trabalho, deputado Pedro Henry (PP-MT), considerou oportuna a iniciativa.

Tramitação

A proposta tramita em caráter conclusivo e será analisada pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania¹⁸⁸.

=====

» GAZETA-MA – Sua Revista Digital do Sul do Maranhão

WWW.GAZETAMA.COM.BR

» BRASIL

Projeto proíbe cobrança por cadastro em agência de emprego

Data: 29/05/2007

A Câmara analisa o Projeto de Lei 210/07, que proíbe agências de emprego de cobrarem taxas de cadastramento de clientes que procuram trabalho. Segundo a proposta, do deputado Jorginho Maluly (DEM-SP), as agências que atuam no treinamento ou intermediação entre empresas e profissionais, mesmo por meio digital, não podem fazer nenhum tipo de cobrança para manter o cadastro de interessados em vagas de emprego.

De acordo com o projeto, os dados cadastrais devem limitar-se à qualificação e à experiência profissional do cliente, para garantir o direito à privacidade dos trabalhadores. A proposta proíbe também que as empresas contratantes efetuem desconto no salário do trabalhador como ressarcimento pelos gastos com o treinamento, a seleção e a contratação.

Penalidades

O texto estabelece multa no valor de R\$ 5 mil por trabalhador prejudicado. As multas incidirão sobre a agência que cobrou pelo cadastramento ou sobre a empresa contratante, em caso de desconto no salário do trabalhador. Se o cadastro de trabalhadores for usado para outra finalidade, a empresa de recursos humanos terá que pagar multa administrativa de R\$ 100 mil. Os valores serão atualizados pela variação acumulada do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) relativo aos 12 meses imediatamente anteriores.

Ao manifestar preocupação com o nível de desemprego no País, especialmente entre os jovens recém-formados em cursos de nível superior, Jorginho Maluly destacou que o desespero e a ansiedade levam os trabalhadores a buscar o auxílio das agências. “As empresas de colocação de mão-de-obra não podem se valer do desespero dos desempregados para obterem lucros exorbitantes. Não se pode cobrar dos trabalhadores a hipotética colocação no mercado de trabalho”, declarou.

Outro receio do deputado é a utilização indevida dos dados pessoais dos clientes dos serviços de busca de emprego, como o uso do cadastro para envio de mala direta. “É inadmissível que as agências de colocação vendam os dados para financeiras que

¹⁸⁷ Disponível em: <http://ctasponline.blogspot.com/2007_05_01_archive.html>.

¹⁸⁸ Disponível em: <<http://www.portaldocomercio.org.br/dlg/scr/not/not.asp?D2=13856&D1=11>>. Ver também: <<http://diap.ps5.com.br/file/1388.doc>> e <<http://www.camara.gov.br/internet/ordemdodia/integras/461458.htm>>.

oferecem empréstimos pessoais e diversos outros serviços a essa parcela tão fragilizada da sociedade. É preciso garantir a devida segurança à intimidade dos desempregados”, disse Maluly.

A proposta tramita em caráter conclusivo e será analisada pelas comissões de Trabalho, de Administração e Serviço Público; e Constituição e Justiça e de Cidadania.

Escrito por: Agência Câmara

Fonte: O Imparcial – Not.016/2007-Gazeta-MA¹⁸⁹.

Apesar do otimismo da imprensa, o relator Nelson Trad da CCJC votou pela constitucionalidade, juridicidade técnica legislativa, mas com uma emenda que retira os Arts. 4º, 5º, 6º e 7º por considerá-los inconstitucionais já que muitas são instituições administrativas não podendo, portanto, serem originárias de iniciativas parlamentares.

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA

PROJETO DE LEI Nº 210, DE 2007

Proíbe, em todo território nacional, a cobrança de taxas de cadastramento de clientela em busca de emprego pelas agências de colocação de mão-de-obra e dá outras providências.

Autor: Deputado JORGINHO MALULY

Relator: Deputado NELSON TRAD

I - RELATÓRIO

Trata-se de Projeto que proíbe a agência de colocação de mão-de-obra cobrar a qualquer título taxa de cadastramento de trabalhadores interessados em conseguir emprego. O Projeto também tutela os dados pessoais dos trabalhadores que nos cadastros das agências de emprego devem se limitar à qualificação e experiência do profissional. Veda-se ainda à empresa que contratar trabalhadores por meio de agência efetuar quaisquer descontos na remuneração do contratado a título de ressarcimento com gastos de seleção, treinamento e contratação. Por fim, há dispositivos que cuidam das multas aos que violarem o disposto na proposição. O processo de fiscalização, autuação e imposição de multas reger-se-á pelo disposto no Título VII da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

A Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público aprovou o Projeto de Lei nº 210, de 2007, sem modificações.

É o relatório.

II - VOTO DO RELATOR

Consoante a alínea a do inciso IV do art. 32 do Regimento Interno desta Câmara dos Deputados, incumbe a este Colegiado a análise das proposições, quanto à constitucionalidade, à juridicidade e à técnica legislativa. A matéria do Projeto em exame diz respeito ao mundo do trabalho e é competência privativa da União legislar sobre tal tema, conforme dispõe o inciso I do art. 22 da Constituição Federal. O Projeto é, desse modo, constitucional, salvo as disposições referentes à multa, a qual é instituição tipicamente administrativa e por isso não pode originar-se de iniciativa de Parlamentar. Os artigos quarto, quinto, sexto e sétimo são, portanto, inconstitucionais. Nenhuma objeção à técnica legislativa e à juridicidade de matéria. Considerando o que acaba de ser exposto, este relator vota pela constitucionalidade, juridicidade e boa técnica legislativa do Projeto de Lei nº 210, de 2007, desde que se acolha a emenda anexa.

Sala da Comissão, em 26 de maio de 2007.

Deputado NELSON TRAD – Relator

¹⁸⁹ Disponível em: <<http://gazetama.com.br/imprimir-not-16.htm>>.

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA
PROJETO DE LEI Nº 210, DE 2007

Proíbe, em todo território nacional, a cobrança de taxas de cadastramento de clientela em busca de emprego pelas agências de colocação de mão-de-obra e dá outras providências.

Autor: Deputado JORGINHO MALULY

Relator: Deputado NELSON TRAD

EMENDA Nº 1

Suprimem-se os arts. 4º, 5º, 6º e 7º do Projeto e se renumera o art. 8º.

Sala da Comissão, em de de 2007.

Deputado NELSON TRAD – Relator¹⁹⁰

Segundo Nomura (2007), em levantamento feito pelo jornal Folha de São Paulo no ano de 2007 foram registradas 63 ações judiciais cíveis e uma criminal contra firmas de recrutamento e seleção na cidade de São Paulo. Após tantas denúncias, queixas e insatisfações mais um projeto de normatização das agências de emprego tramita na Câmara dos Deputados. É o Projeto de Lei 1.726/2007 do deputado Reinaldo Nogueira – PDT/SP, como todos os outros similar à Convenção 181 da OIT não ratificada pelo Brasil¹⁹¹. De acordo com Nomura, o projeto ainda será submetido ao Senado e à Presidência da República. Na avaliação do promotor José Luiz Bednarsky, o termo “agências de emprego” deveria ser substituído por outro mais geral já que “Diversas consultorias de RH também adotam essa prática”. A reportagem de Nomura considera ainda mais polêmica a cobrança para cadastro de currículos na internet, que será proibida se a lei for aprovada. Para Luiz Pagnez, diretor de internet da Catho – que chega a cobrar R\$ 249 por ano para hospedar o currículo –, o *site* não tem obrigação de recolocar as pessoas no mercado: “Funcionamos como classificados.” A dificuldade de fiscalização é outra deficiência da lei, admitida pelo próprio deputado: “Dependemos de denúncia.”¹⁹²

Ocorre que o relator, Milton Monti¹⁹³ PR/SP, votou, no dia 01/11/2007, pela prejudicialidade do projeto, já que o Projeto 210, do deputado Maluly ainda tramita na Câmara. A prejudicialidade está prescrita no inciso I do Art. 163 e inciso II do Art. 164 do Regimento Interno da Câmara:

Art. 163. Consideram-se prejudicados: I – a discussão ou a votação de qualquer projeto idêntico a outro que já tenha sido aprovado, ou rejeitado, na mesma sessão legislativa, ou transformado em diploma legal;

¹⁹⁰ Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=518473>>.

¹⁹¹ Ver p.103.

¹⁹² Disponível em: <<http://blogdevagas.blogspot.com/2007/09/projeto-de-lei-contr-golpe-do-emprego.html>>.

¹⁹³ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/deputado/Dep_Detalhe.asp?id=523624>.

Art. 164. O Presidente da Câmara ou de Comissão, de ofício ou mediante provocação de qualquer Deputado, declarará prejudicada matéria pendente de deliberação: II – em virtude de prejulgamento pelo Plenário ou Comissão, em outra deliberação¹⁹⁴.

Apesar do parecer negativo do relator Monti, o Projeto de Lei Nº 2.647 foi apresentado ao Plenário pelo deputado Walter Brito Neto PRB/PB no dia 18/12/2007, e apenso ao projeto do deputado Reinaldo Nogueira em 30/01/2008. O projeto principal foi devolvido ao relator Monti em 06/03/08. A justificativa de Brito Neto traz dados atuais sobre o desemprego no Brasil, menciona a obtenção de lucros com o desemprego e a utilização indevida dos dados dos usuários, e se refere, inclusive, às AGEONS, retomando a nomenclatura “agências de emprego”. A seguir, o projeto e a justificação:

PROJETO DE LEI Nº 2.647, DE 2007

(Do Sr. Walter Brito Neto)

Dispõe sobre as atividades de agências de emprego.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A atividade das agências de emprego é regulada pela presente lei. Parágrafo único. Considera-se agência de emprego a entidade empresarial que tem por atividade fim a seleção, treinamento e colocação de mão de obra no mercado de trabalho.

Art. 2º As agências de emprego podem manter cadastros de candidatos e de vagas a serem preenchidas.

§ 1º O tratamento dos dados pessoais dos trabalhadores deve ser efetuado em condições que protejam esses dados e respeitem a vida privada dos trabalhadores, limitando-se às questões que incidam sobre suas qualificações e sua experiência profissional.

§ 2º É vedada a cobrança, direta ou indiretamente, de honorários ou quaisquer outros encargos dos candidatos a emprego.

§ 3º É vedada à empresa que vier a contratar por meio de agências de emprego efetuar quaisquer descontos dos trabalhadores relativos a gastos com essas agências.

Art. 3º Esta lei entra em vigor 30 (trinta) dias após a data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O desemprego continua sendo o maior fator de preocupação do brasileiro. Não podia ser diferente, o contingente de desempregados nas regiões atingiu 3,171 milhões de pessoas em março, um aumento de 119 mil pessoas em relação a fevereiro de 2007. Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), divulgada pela Fundação Seade e Dieese, a taxa de desemprego passou de 15,9%, em fevereiro, para 16,6%, em março. A taxa de desemprego aberto cresceu de 10,2% para 11% e a de desemprego oculto manteve-se em 5,7%. A melhora da economia, contudo, se faz sentir a passos lentos. De modo inverso, a ansiedade dos trabalhadores desocupados os compele a buscar o auxílio das agências de emprego ou de colocação de mão-de-obra na procura pela reinserção no mercado de trabalho. As empresas de colocação de mão-de-obra, que agora se fazem presentes também na Internet, não podem se valer do desespero dos desempregados para obter lucro. *O serviço que for efetivamente prestado é que pode ser cobrado.* [grifo meu] Não há espaço para que se cobre dos trabalhadores a hipotética colocação no mercado de trabalho. Nos preocupa também a utilização indevida dos dados pessoais dos usuários dos serviços

¹⁹⁴ Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/processo/legislativo/internet/legislacao/regimentointerno.html>>.

de colocação de mão-de-obra. É inadmissível que as agências de colocação vendam ou não garantam a devida segurança à intimidade dos desempregados. São inúmeras as notícias de cadastros utilizados para envio de mala direta oferecendo empréstimos pessoais e outros desserviços a parcela tão fragilizada da sociedade. Com a certeza de que a aprovação do presente projeto de lei, apesar de apenas tangenciar o fantasma do desemprego, contribuirá para reduzir a penúria dos desempregados e servirá para garantir-lhes maior dignidade e cidadania, conclamamos o apoio dos nobres Pares para a sua aprovação.

Sala das Sessões, em 18 de dezembro de 2007.

Deputado Walter Brito Neto

Do primeiro projeto, que considerava crime a cobrança pelo cadastramento de currículos até o projeto do deputado Brito Neto, é possível observar que, além do abrandamento, senão a eliminação das penalidades, foi aberto um espaço para a **cobrança dos serviços efetivamente prestados**, o que manteria a venda de vagas de emprego como mercadoria pois, conforme o Art. 2º, a cobrança é vedada aos **candidatos** a emprego e não àqueles que por meio das agências conseguirem trabalho.

Se qualquer dos projetos for aprovado e se tornar Lei, a Catho e outras AGEONs, que cobram pela inclusão do currículo, terão que rever suas estratégias. Por enquanto, o não-edifício das AGEONs, o barco Catho, diferentemente do “holandês voador”¹⁹⁵ não foi alcançado por tormenta alguma e dobra diariamente cabos e mais cabos-da-boia-esperança, “espaços sem esquinas”, recolhendo assinaturas e reais daqueles que, justamente, embarcam acreditando que essa viagem os levará a algum continente tranqüilo e paradisíaco, onde além dos pássaros multicoloridos e dos nativos amigáveis, muitas riquezas os aguardam nas carteiras de trabalho assinadas ou em algum bom contrato temporário. Em surdina os órgãos e os grupos políticos e empresariais vão enfaixando, profilaticamente, partes do corpo social que não sofreram fraturas, enquanto terminam de esmigalhar alguns ossos já partidos.

¹⁹⁵ **Holandês Voador** é um lendário navio-fantasma holandês que vagará pelos mares até o fim dos tempos. Em antigos documentos, pode-se encontrar registro de um navio real que zarpou de Amsterdã em 1680 e foi alcançado por uma tormenta no Cabo da Boa Esperança. Como o capitão insistiu em dobrar o cabo, foi condenado a vagar para sempre pelos mares, atraindo outros navios e, por fim, causando sua destruição. Vários relatos sobre o tal navio foram considerados miragens, embora haja uma grande variedade de detalhes descritos pelas testemunhas. No entanto não é o primeiro mito destas águas, depois do Adamastor descrito por Camões nos Lusíadas. Durante a segunda guerra mundial, o contra-almirante nazista Karl Donitz, oficial de alto escalão do exército alemão, reportou a Hitler que uma das suas tripulações mais rebeldes comunicou que não iria participar de uma viagem a Suez pois havia visto o *Holandês Voador*. No ano de 1939, 100 nadadores que descansavam na Baía Falsa, na África do Sul, avistaram o *Holandês Voador*. Essa lenda também serviu de inspiração para o compositor alemão Richard Wagner, ao criar a ópera de mesmo nome. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Holand%C3%AAs_Voador>.

Para finalizar esse item deixarei Odisseu descansando enquanto me ocupo do que poderia, simbolicamente, ser chamado de “Direito Virtual Brasileiro”.

No *site* do advogado Alexandre Atheniense, chamado DNT – O Direito e as novas tecnologias¹⁹⁶ – é possível encontrar, diariamente, artigos atualizados sobre o tema. As tentativas, bem sucedidas, de estriamento e institucionalização da internet continuam a prosperar. O fato dos tribunais de justiça oferecerem seus serviços *on-line* garante não só a força da instituição como também a renova, na medida em que a população toma essa atitude como um sinal de luta contra a corrupção, opção oferecida pela suposta transparência que a internet oferece. Da mesma forma as instituições governamentais, empresas e órgãos privados recorrem à internet, pois ao colocarem à disposição da sociedade suas transações, orçamentos, receitas e gastos sinalizam que a democracia participativa funciona garantindo a solidificação e legitimação das instituições como quer que as queiramos chamar: capitalistas, modernas, pós-modernas, pós-industriais, globalizadas. Para Giddens (1991) há quatro dimensões institucionais básicas da modernidade e suas inter-relações podem ser estabelecidas como na figura abaixo:



FIGURA 18. As dimensões institucionais da modernidade.
Fonte: Giddens 1991:65.

No caso da Catho e da internet, a vigilância, mediante o controle da informação e a supervisão social, é o parâmetro mais distinguível da institucionalidade. Há fortes movimentos a favor da censura da internet, de sua regulamentação, e grandes pressões

¹⁹⁶ Disponível em: <<http://www.alexandreatheniense.com.br>>.

no sentido de normatização dos serviços da Catho. Embora a institucionalização da sociedade apresente sinais de fraqueza, por outro lado fontes do dinamismo na modernidade, como o distanciamento tempo-espaço, o desencaixe e a reflexividade, continuam funcionando e dando suporte à globalização. A internet é raio de luz nesse feixe intrincado e, de um modo geral, as leis e a jurisprudência, o discurso jurídico sobre os crimes, delitos e relações que nela ocorrem aos poucos está se consolidando. Outras consolidações, como a fusão da Catho e da Management, mostram que o

poder dirige-se rapidamente para a hierarquização da divisão internacional da propriedade do saber, da propriedade daquela matéria-prima cujo custo de produção determina de maneira crescente os preços relativos aos bens e serviços trocados. De agora em diante, *copyrights*, *trade-marks* e *trade-secrets* serão os verdadeiros objetos das negociações internacionais. (Cocco 2000:87-8)

Em seu livro *Ética e poder na sociedade da informação*, Gilberto Dupas (2001) tem como subtítulo a questão “De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso”. Suas discussões têm um caráter moral, enunciado timidamente no título, recaindo sobre o papel indutor e regulador do Estado. Para ele,

o problema maior em recuperar o controle sobre a ciência – a partir de novos referenciais éticos – é que o Estado nas sociedades pós-modernas continua em fase de desmonte. Seus antigos papéis já não são mais possíveis, seus novos papéis ainda não estão claros. Suas estruturas anacrônicas e sua clássica ineficiência levaram a uma imensa onda de privatizações – na maioria dos casos plenamente justificadas pela lógica da eficácia econômica –, que deveria ter correspondido a um enorme avanço do seu aparato regulatório e fiscalizador. Isso nem sempre ocorreu. Os partidos políticos e lideranças mundiais, por sua vez, estão envolvidos em clara crise de legitimidade, seja pela dissonância crescente entre discurso e prática seja pela crescente influência do poder econômico nos processos democráticos, tornada pública pelas amplas denúncias de corrupção e suborno. Além do mais, esta é uma época em que os grandes *lobbies*, ainda que institucionalizados, agigantam-se a serviço de interesses privados em razão do poder crescente das corporações transnacionais, submetidas a um contínuo processo de concentração (Dupas 2001:107-8)

Se o Estado, parafítico, já não consegue tomar posições, pois sequer sabe com exatidão quais deveriam ser elas; se a institucionalidade se perde e se encontra nos *lobbies*; se as instituições criadas para proteger e reger a sociedade se voltam contra ela, isso é a pós-modernidade, a crônica de uma falência anunciada, implicando fluxos de desconstruções, construções, reconstruções, nos mais diversos âmbitos da existência, territorialidades que já não se dão no espaço convencional de Euclides, nem na filosofia de Kant que

tentou colocar a geometria euclideana numa base sólida argumentando para isso que os seus axiomas eram *a priori*, isto é, anteriores à experiência e, portanto, uma “necessidade inevitável do pensamento”. (Crawford 1995)

Não obstante, nos espaços contemporâneos, sem arestas, paradoxais, estrangulados e descongestionados por curvas de fuga, é preciso lembrar que as crises institucionais podem ser acionadas como motivo de reinstitucionalização. A internet que nasceu da mais severa institucionalização, em berço militar, agora passa por momentos de reinstitucionalização, reestriamento, dessa vez sob as cobranças da sociedade civil.

Há mais de dez anos, em 31/05/1995 a Portaria Interministerial MC/MCT n. 147 criou, a pedido do Ministério das Comunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia o Comitê Gestor Internet do Brasil – CGI. O comitê deveria estar voltado para tornar efetiva a participação da sociedade nas decisões sobre a implantação, administração e uso da Internet no Brasil. Na composição do órgão foram contemplados representantes do Poder Público, das entidades operadoras e gestoras das linhas de conexão de alta velocidade, de provedores de serviços (acesso e informações), de usuários, do empresariado e da comunidade acadêmica. Suas principais atribuições seriam fomentar o desenvolvimento de serviços internet, recomendar padrões e procedimentos técnicos e operacionais, coordenar a atribuição de endereços internet, o registro de nomes de domínios, e a interconexão de espinhas dorsais (*backbones* – linhas de conexão de alta velocidade de uma rede que se conectam às linhas de baixa velocidade) além de coletar, organizar e disseminar informações sobre os serviços da internet. Outras instâncias, como a jurídica, por exemplo, necessita do CGI como ferramenta.

Por muito tempo o código penal brasileiro não esteve preparado para os crimes eletrônicos, também chamados de crimes da internet, digitais, cibernéticos ou *cybercrimes* que não possuíam tipificação no ordenamento jurídico. Dezenas de Projetos de Lei tramitaram buscando regulamentar os códigos civil e penal adequando-os às novas demandas nascidas com o uso da internet. Entre os principais projetos podem-se citar os que dizem respeito aos crimes oriundos da divulgação de material que contenha descrição ou ilustração de sexo explícito, pornografia, pedofilia ou violência, instruções para fabricação de bombas caseiras e textos que incitam e facilitam o acesso a drogas ilegais, crimes contra a privacidade, a violação da intimidade como a divulgação de dados pessoais alheios, fichário automatizado ou

banco de dados. Há ainda a preocupação com ataques praticados por *hackers* e *crackers*, em especial as alterações de *home pages* e a utilização indevida de senhas, a obrigação de provedores de serviços da internet de manterem registros de seus usuários e dados referentes a cada transação atendida pelo provedor (para a identificação do usuário em caso de utilização ilícita da rede), e a disponibilização de informações à autoridade policial e dá outras providências.

Em maio de 2007 foi elaborado pela Associação Brasileira de Provedores Internet – ABRANET, um código de auto-regulamentação de operadores de rede e de serviços que visa estabelecer princípios éticos básicos que balizem a atuação dos operadores de rede e serviços de internet, bem como a de seus usuários¹⁹⁷. Finalmente, em dezembro de 2007,

a Comissão de Ciência e Tecnologia (CCT) do Senado aprovou, [quarta-feira (12)], substitutivo do Senador Eduardo Azeredo aos projetos que tipificam os crimes cometidos com o uso das tecnologias da informação. A proposta modifica oito leis brasileiras para que possam abranger os info-delitos, entre eles, clonagem de cartões e celulares, difusão de vírus, roubo de senhas e pedofilia. “São crimes novos, cuja incidência aumenta assustadoramente. As leis brasileiras precisam ser adaptadas para acompanhar essas novas tecnologias”, disse Azeredo. O texto foi aprovado por unanimidade. [...] A proposta apresentada pelo Senador é respaldada pela Convenção Internacional contra o Cibercrime, conhecida por Convenção de Budapeste, assinada por nações da Comunidade Européia, Estados Unidos, Coreia do Sul e Japão. “A aprovação dessa proposta colocará o Brasil na vanguarda mundial”, completou¹⁹⁸.

Diante desses fatos, a união de várias instituições que buscam normatizar as relações sociais *on-line* segue na contramão da crise institucional: os portais bancários se solidificaram, as declarações de imposto de renda são realizadas via internet, o comércio eletrônico multiplica anualmente as vendas, a maioria dos órgãos públicos possuem *sites* onde é possível utilizar seus serviços (DNIT, FUNAI, IBAMA, IBGE, INCRA, RECEITA FEDERAL, AEB, IPEA, ANATEL etc), e já existe, na maioria dos Estados brasileiros, o Cartório 24hs que disponibiliza o serviço de solicitação de certidões através da internet, permitindo “ao cidadão ou empresa receber suas certidões, de qualquer natureza ou cidade brasileira, no endereço indicado, inclusive no exterior, com total comodidade, rapidez, segurança e com ótima relação custo vs

¹⁹⁷ Disponível em: <<http://www.abranet.org.br/home/Código%20de%20auto-regulamentação%20de%20Redes-0507.pdf>>.

¹⁹⁸ Disponível em: <http://www.senado.gov.br/web/senador/eduardoazeredo/not_20071212_3.asp>.

benefício”.¹⁹⁹ A disponibilização desses serviços se deu graças às contínuas pesquisas que tornam as transações *on-line* mais seguras. As citações seguintes são intensos sinais de que a confiabilidade da internet está instituída:

A ANOREG-BR – Associação dos Notários e Registradores do Brasil é a legítima representante da classe Notarial e Registral, cujos serviços são desempenhados por mais de 21.000 cartórios, estrategicamente distribuídos em todo o território nacional. Com o objetivo de aprimorar, agilizar e integrar os serviços prestados à sociedade brasileira, a associação criou a Rede Brasileira de Cartórios – RBC, que coloca agora ao seu serviço o *site* <<http://www.cartorio24horas.com.br>>. Aqui você poderá solicitar sua certidão ou lotes de certidões de todas as naturezas, para os cartórios dos Estados de São Paulo, Paraná, Amazonas, Espírito Santo, Rondônia, Sergipe, Pará, Rio de Janeiro (Natureza Registro Civil), Maranhão, Goiás, Distrito Federal, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Alagoas, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. A parceria firmada com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – ECT – permite que o seu pedido seja enviado por meio de sedex ao endereço indicado no momento da solicitação, e também por carta registrada, mais barata, bem como a opção de retirar a certidão no balcão do cartório que você selecionou para emissão da certidão²⁰⁰.

Os Cartórios que já possuem o “Certificado Digital” poderão remeter as Certidões assinadas Digitalmente, reduzindo o prazo de entrega e eliminando os custos de postagem. Mais informações sobre a ANOREG-BR, consulte: www.anoregbr.org.br

=====

A partir de hoje [03/03/2008], o Diário da Justiça Eletrônico será o único veículo oficial de publicação dos atos judiciais e administrativos do Superior Tribunal de Justiça. Nessa data, o Diário da Justiça impresso e eletrônico feitos pela Imprensa Nacional serão substituídos pela versão eletrônica veiculada pelo STJ²⁰¹.

Feitas essas reflexões acerca de como a Catho e a internet são dispositivos institucionalizados e de institucionalização, já tendo visto o funcionamento do não-edifício da AGEON, como os indivíduos se tornam parte dele e o sustentam, é hora de avaliar os prós e os contras desse ser *on-line*, dessa existência espaço-temporal para os usuários, para as empresas que disponibilizam suas vagas, e para a própria Catho. Quem sai ganhando? Alguém sai perdendo? Ou há riscos e proveitos de parte a parte?

2.4. PERDAS E GANHOS

menos problemas, mais vantagens

Nos Portais do Inferno – ou em sua versão pura, *Entrada Dighetto* – acompanhando Virgílio e Dante, no Canto II, lemos a seguinte inscrição:

¹⁹⁹ Disponível em: <http://cartorio24horas.com.br/php-bin/mensagem/quem_somos.php>.

²⁰⁰ Disponível em: <<http://cartorio24horas.com.br/php-bin/mensagem/anoregBR.php>>.

²⁰¹ Disponível: <<http://www.alexandreatheniense.com.br/2008/03/a-partir-de-hoj.html>>. Para mais informações sobre o DJe, ver: <http://www.stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=700&tmp.texto=84912>.

Per me si va ne la città dolente, / per me si va ne l'eterno dolore, / per me si va tra la perduta gente. / Giustizia mosse il mio alto fattore: / fecemi la divina podestate, / la somma sapienza e 'l primo amore. / Dinanzi a me non fuor cose create / se non etterne, e io eterno duro. / Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate²⁰².

O último verso, “Deixai, o vós, que entraís, toda a esperança!”, é assustador, duro. Ao atravessar esse portal nos deparamos com o Rio Aqueronte onde Caronte, em sua barca, oferece a travessia do inferno em troca de dinheiro. No primeiro círculo infernal, o Limbo, por onde passa o Rio Eloquência, vamos encontrar o Castelo da Ciência Humana e suas Sete Muralhas: O Trivium (Lógica, Gramática e Retórica) e o Quadrivium (Aritmética, Astronomia, Geometria e Música). Podemos tomar o Inferno e o Paraíso como espaços metafísicos, oníricos, virtuais, sagrados, cada qual à sua maneira, para o ser humano. O portal da Catho é o portal do paraíso. É como se lá estivesse inscrito: “Aqui, ó vós que entraís, encontrareis a recompensa de toda a esperança”. Ao cruzar esse portal encontrei vários tipos de discursos, e entre eles os depoimentos daqueles que utilizam a AGEON.

Para as empresas que anunciam suas vagas na Catho as principais vantagens podem ser explicadas, teoricamente, recorrendo a conceitos que já foram discutidos: compressão tempo-espço, fluxo, relações desencaixadas, um discurso que se desenrola ao redor da *performance*, eficiência, rapidez, comodidade, facilidade. A Catho é um *shopping center* cujas lojas vendem artigos relacionados ao trabalho: vagas, cursos, informações, tudo em um só local, com estacionamento grátis, espaço de sobra, ótima iluminação. Nela seus clientes se sentem confortáveis tanto para vender como para comprar: vender sem custos e comprar parceladamente.

Nas relações amigáveis expostas nos depoimentos das empresas e dos assinantes, frutos dessa forma de colocação de mão-de-obra, assim como em outros instrumentos encontrados na internet – *blogs*, *flogs*, fóruns, comunidades, *sites* de relacionamentos etc – o que predomina é o discurso “social”, a sociabilidade que, de acordo com Simmel (1983), teria algumas características específicas, justamente aquelas que encontramos na maioria dos espaços citados: uma *forma lúdica da socição*. Seu caráter é determinado por qualidades pessoais tais como amabilidade,

²⁰² “Por mim se vai à cidade dolente, / por mim se vai à eterna dor, / por mim se vai à perda gente. // Justiça moveu o meu alto criador, / que me fez com o divino poder, / o saber supremo e o primeiro amor. // Antes de mim coisa alguma foi criada / exceto coisas eternas, e eterna eu duro. // Deixai toda esperança, vós que entraís!” Disponível em: <<http://www.stelle.com.br/pt/inferno/inferno.html>>. Acesso em: 10/09/2006.

refinamento, cordialidade e outras fontes de atração. Sem a redução da autonomia e da exacerbação pessoal – que é efetuada por essa forma –, a própria reunião não seria possível. O *tato* é aqui, portanto, de peculiar importância: a discrição é a condição primeira da sociabilidade.

Formula-se então o princípio de sociabilidade como o axioma onde cada indivíduo deve *oferecer* o máximo de valores sociais (alegria, realce, vivacidade, etc.), compatível com o máximo de valores que o próprio indivíduo *recebe*. Um traço caracteristicamente sociável do comportamento é a cortesia, através da qual o indivíduo forte e extraordinário não só se nivela aos mais fracos, mas inclusive age como se o outro fosse mais valoroso e superior. A sociabilidade demanda o mais puro, o mais transparente, o mais eventualmente atraente tipo de interação, a *interação entre iguais*. (Simmel 1983:169-73)

A sociação é a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses, que por sua vez (sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos) formam a base das sociedades humanas (Simmel 1983:166).

Há então uma troca de elogios, uma mútua galanteria que raramente ultrapassa a superficialidade, mesmo porque, se essa galanteria vai além desse nível já estaríamos no âmbito da conversação, quando

a discussão se torna objetiva e faz da determinação de uma verdade o seu propósito (pode muito bem ser o seu *conteúdo*), a discussão deixa de ser sociável e assim trai sua própria natureza – tanto quanto se degenerasse num conflito sério (Simmel 1983:176)

Os depoimentos disponibilizados no *site* da Catho por seus assinantes e pelas empresas que oferecem vagas são exemplos de sociabilidade. Higiênicos e estandardizados, neles a gratidão dos assinantes parece se diluir no instante mesmo em que o pequeno discurso é finalizado. Os agradecimentos e as parabenizações podem derivar, efetivamente, de emoções genuínas, mas paradoxalmente, carecem de consistência e solidez diante de sua superficialidade. As frases intensas, afetivas, que emergem de sentimentos que beiram a religiosidade são descartáveis e tão mecânicas quanto mensagens de natal, páscoa, aniversário etc., que os internautas costumam enviar aos lotes, com o mesmo teor, o mesmo texto, para quantos receptores forem necessários.

Jean Baudrillard (1995) é enfático, crítico e perceptivo a respeito dessa sociabilidade que ele denomina “a mística da solicitude”, um simulacro funcional da amizade, da solidariedade, cordialidade e calor humano verdadeiros, que segundo ele, a sociedade de consumo transformou funcionalmente em um

imenso sistema [...] que se assenta na contradição total. Não só lhe é impossível mascarar a lei de ferro da sociedade mercantil, a verdade objectiva das relações sociais que é a concorrência, a distância social que se alarga com a promiscuidade e com a concentração urbana e industrial, mas, sobretudo não consegue ocultar a generalização da abstracção do valor de troca no próprio seio da quotidianidade e das relações mais pessoais. Apesar das aparências, semelhante sistema é um SISTEMA DE PRODUÇÃO de comunicação e de relação humana de serviço. Produz sociabilidade. Ora, enquanto sistema de produção, só pode obedecer as mesmas leis do modo de produção dos bens materiais; limita-se a reproduzir no seu funcionamento as relações sociais que se esforça por ultrapassar. Destinado a produzir solicitude, encontra-se votado a produzir e a reproduzir simultaneamente a distância, a não-comunicação, a opacidade, a atrocidade. [...] a relação funcional eliminou hoje toda a tensão; a relação “funcional” de serviço deixou de ser violenta, hipócrita, sado-masoquista; revela-se abertamente calorosa, espontaneamente personalizada e definitivamente pacificada. (Baudrillard 1995:172-4)

Assim como o trabalho, a relação social se transformou em mercadoria, padronização embrulhada para presente, que faz cada um se sentir único em um sistema onde os indivíduos, cada vez mais, significam apenas um número cadastrado, um nome sem subjetividade. Automatizadas, robotizadas, produzidas em série, as relações entre a Catho e seus clientes dissimulam a falta de importância que cada indivíduo tem, ao mesmo tempo em que o valorizam enquanto **suobje**ito consumidor.

As vantagens e diferenciais que a Catho diz oferecer são os mesmos que veremos repetidos nos depoimentos dos seus usuários: grande quantidade de anúncios de empregos; números que comprovam que a AGEON “realmente funciona” (45 mil contratações em 2006, 5 mil por mês); enorme visibilidade para os currículos já que mais de 75 mil empresas a utilizam; melhor relação custo vs benefício, pois o assinante tem acesso a 50 cursos *on-line* do Programa de Empregabilidade Catho – PEC, além de outros serviços exclusivos para aumentar as possibilidades do usuário conseguir emprego; “inigualável” infra-estrutura de *telemarketing*, uma central de atendimento com mais de 100 operadores; controle de qualidade com certificado ISO, que garante a qualidade e a veracidade das vagas anunciadas²⁰³.

Quem melhor pode falar das vantagens e desvantagens de utilizar a Catho para arranjar um emprego são seus usuários. Odisseu, por obra do acaso, se tornou amigo

²⁰³ Disponível em: <http://www3.catho.com.br/usr/pop_servicos.php>.

de alguns deles. Certa noite, depois de acompanhar sua novela predileta, resolveu entrar na internet, não para mais uma madrugada de conversas, mas para saber o que estava acontecendo culturalmente na cidade. Queria algo que lhe distraísse a mente. Encontrou no Guia da Balada a propaganda sobre uma peça montada pela Companhia de Teatro Alter Nativus, que estava apresentando nada mais nada menos que a *Odisseia*. Perfumado e preparado para ver a teatralização da história que lhe rendeu o nome, Odisseu, depois de conferir se o PC estava ligado e baixando a incrível coleção de músicas clássicas, grátis, que ele encontrou através de um compartilhador de arquivos P2P²⁰⁴ resolveu ir caminhando até o teatro, pois assim estaria “praticando saúde”, como manda o figurino: “Cuidado com o corpo é qualidade de vida!”.

Divagando sobre as práticas discursivas engendradas no seu tempo acabou por chegar ao *hall* do Teatro Haver Navios onde se juntou a um grupo de pessoas reunidas à espera do início do espetáculo. A conversa lhe chamou a atenção: era sobre a contratação via internet, principalmente sobre a procura de emprego através da Catho. As opiniões vão surgindo e mais gente se aproxima. As falas sobre o serviço vão do elogio rasgado a fortes acusações, divergindo sob muitos aspectos. Alguns minutos se passam quando um encarregado vem avisar a todos que, infelizmente, a peça, por motivos de força maior, fora adiada. O grupo, cuja atração pela *web* ficou clara no pouco tempo de conversa, resolveu relaxar em um *cyberchopp* e retomar o tema, trocando idéias sobre o agenciamento de empregos *on-line* e sobre as próprias empresas. A Catho era a “bola da vez”, não só por ser uma das maiores, mas porque foi nela que a maioria das pessoas naquele momento sentadas à mesa expôs seu currículo. Tamanha coincidência provocou uma pequena comoção e depois de alguns ditos engraçados sobre esse fato, propuseram-se, antes de um comentário sobre a empresa, apontar os prós e os contras, a facilidade de navegação, a qualidade do conteúdo e o tipo do design do *site* da Catho.

²⁰⁴ O P2P ou Peer-to-Peer (Par-a-Par) é uma tecnologia para estabelecer uma espécie de rede de computadores virtual, onde cada estação possui capacidades e responsabilidades equivalentes. Difere da arquitetura cliente/servidor, no qual alguns computadores são dedicados a servirem dados a outros. Geralmente, uma rede Peer-to-Peer (P2P) é constituída por computadores ou outros tipos de unidades de processamento que não possuem um papel fixo de cliente ou servidor, pelo contrário, costumam ser considerados de igual nível e assumem o papel de cliente ou de servidor dependendo da transação sendo iniciada ou recebida de um outro peer da mesma rede. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/P2P>>

Fabício, com formação superior em Marketing de Relacionamento, um tanto quanto resignado, começou dizendo que o aviso de emprego por *e-mail* era um ponto favorável, o preço do serviço era caro, mas que a qualidade do conteúdo e a navegação eram boas, com um *design* razoavelmente moderno:

- Acho que dei sorte... Sou cliente da Catho On-Line há quatro anos, durante este período até que consegui algumas entrevistas, acredito que de dez a quinze. Concorro com muitos, uma vez que existem épocas de ficar meses sem algum retorno do *site*, mas creio que seja um dos melhores. Hoje consegui uma entrevista pelo *site* da Catho, mas não é todo dia que chove na minha horta. De todos os existentes, ainda continuo com a Catho.

Rafael e Débora, um, sarcástico, outra, aconselhadora, respondem:

- Bem, Fabício, se você acha que pagar durante todo esse tempo para ir a entrevistas de emprego é dar sorte, hummm... você se tornou em entrevistado profissional! Talvez tenha sido esse o seu objetivo. Só saiba que existem maneiras de se fazer isso sem pagar (consultando outras empresas e pesquisando em classificados).
- Fabício, você está desempregado há quatro anos e continua pagando eles? Amigo, fala sério! Faça as contas de quanto você já gastou só pra ser entrevistado. Olha, quatro anos é uma formatura de universidade, viu? É uma crítica construtiva...

Fabício, diplomático, não desiste:

- Cabe uma explicação, Débora... fiquei desempregado em 2000 por três meses, foi quando contratei a Dow Right para não fazer “droga” nenhuma e consegui uma posição profissional por indicação. Em janeiro de 2001 resolvi contratar a Catho pois não estava satisfeito com meu emprego e desde então, periodicamente recebo propostas profissionais. Do meu ponto de vista, o custo/benefício da Catho é muito bom, pelo menos está sendo para mim.

Rogério, inicialmente, em uma análise mais extensa, avalia a Catho como “um belo *site*, mas que não foge do padrão em termos de serviço”, considerando-a apenas como um classificado *on-line* a mais no mercado.

- Apesar de toda a propaganda, é só mais uma dessas agências online que cobram do candidato e, curiosamente, permitem que as empresas (que, claro têm condições financeiras de sobra) cadastrem suas vagas gratuitamente. Não deveria ser o contrário, posto que uns, digamos, 90% dos candidatos a vagas de trabalho são desempregados, com escassos recursos e dificuldades para pagar sequer suas necessidades básicas, como água e luz?! Pesa ao cidadão nessas condições desembolsar R\$ 40,00 mensais para algo que não lhe dá certeza de uma recolocação, apesar das alardeadas centenas de milhares de vagas anunciadas. O problema maior é esse que não tem tanto a ver com o visual e estrutura do *site*: gratuidade para as empresas anunciarem, preços (que não são baratos) para os candidatos (quase sempre) desempregados. Isso simplesmente tira do alcance destes muitas vagas do mercado de trabalho às quais eles certamente se encaixariam.

Débora novamente intervém e é pertinente sua fala a respeito do tipo de pessoa que pode procurar emprego em *sites* como o da Catho. Quando dizemos “tipo” nos referimos ao *statu quo*, nível cultural, de educação e de cidadania dos usuários, pois,

pelos dados necessários, muitas pessoas já estão automaticamente excluídas da utilização do serviço. Outro alerta de Débora: por ser um serviço prestado na internet o que se espera é que ele esteja disponível “eternamente”, mas o atendimento via *chat*, “pessoa à pessoa”, como a maioria dos serviços de “tijolo & cimento” não funciona nos finais de semana:

- É lamentável que os serviços não sejam adequados à atualidade brasileira! É no mínimo constrangedor, uma pessoa desempregada neste país ter que possuir conta corrente em um banco, ou pior, cartão de crédito!, para se cadastrar no *site*! e ainda não pode ser de depósito jurídico ou poupança! Qual a finalidade dessa imposição? Em minha opinião, parece bem obscura. Então a promoção dos sete dias se destina exclusivamente a este tipo de pessoa... constrangimento e discriminação... Além do mais, o atendimento *on-line* não é dado aos finais de semana, quando realmente é de mais fácil a integração pessoa/internet. É lamentável...

Wender, mas conhecido pelo apelido de Fallive, é taxativo: prós – nenhum; contras – tudo; considera a navegação e o conteúdo ruins e o *design* muito feio. E acrescenta:

- Empresa picareta! Uma das piores que eu tive o desprazer de conhecer na vida. Roubou-me R\$49,00. Passaram os tais “7 dias de promoção” e eu acabei esquecendo o prazo. Resultado: Estou desempregado e ainda com uma dívida de R\$ 49,00 no meu banco, por que, ao invés deles cancelarem a assinatura após o período de 7 dias, automaticamente renovaram, não querem nem saber e colocam na sua conta uma dívida que não é sua. E pra piorar milhões de pessoas falam em vários lugares que 80% das vagas não existem. Cuidado com essa empresa picareta, não recomendo a ninguém.

Ouve-se uma nova voz. Dayana atribui credibilidade à Catho, diz não ter nada contra a AGEON, e interfere:

- Mantive minha assinatura no período de dois meses, neste tempo fui chamada para nove entrevistas, dentre elas cinco me interessaram, e na semana passada passei no processo de uma empresa com sede em São Paulo e matriz em Campinas, estive esta semana em treinamento e segunda-feira saio a campo sozinha para começar meu trabalho. Não sei dizer se foi sorte de terem escolhido meu currículo, mas posso garantir que as vagas existem e algumas de boas empresas, como o banco HSBC, no qual fiz o processo de entrevista, porém optei pela empresa que estou hoje.

Leandro toca no braço de Dayana e contesta:

- Tudo bem que deu certo para você, mas você não pesquisou o suficiente. Na verdade a Catho não tem credibilidade alguma, nem com candidatos nem com empresas. Ela explora os dois lados e só de vez em quando dá algum resultado.

André vê a empresa com olhos de “consumidor ativo”, ou seja, como aquele que dentro das práticas discursivas da contemporaneidade tem consciência dos direitos de quem consome, e faz desse discurso um ato de cidadania, de afirmação da

identidade, da personalidade, de atuação social efetiva de um indivíduo cômico de suas responsabilidades e prerrogativas. Como resultado dessa experiência sobrou para André e para a Catho uma ameaça de processo em um órgão de defesa do consumidor:

– Após ser bombardeado em minha caixa de mensagens pela propaganda “incrível” da Catho *On-line* que me oferecia “7 Dias Gratuitos” não resisti ao apelo e fui conferir como estava meu *curriculum* no mercado. Para minha surpresa não recebi nenhum envio de vagas durante o período, porém, ao me inscrever fui obrigado a cadastrar meus dados bancários em minha ficha de inscrições. [...] Pela ineficiência do produto não me dei conta do período e só pedi o cancelamento no nono dia após minha assinatura. Telefonei para requisitar o cancelamento de minha “assinatura” e fui informado que só poderia deixar de pagar ou solicitar o cancelamento após o período de três meses pagando R\$ 43,00, pois é mais um dado de venda que somos obrigados a informar para o uso dos dias “gratuitos”. [...] Quando fui procurar os meus direitos no código de defesa do consumidor descobri uma série de divergências: primeiro, propaganda enganosa – o que eles oferecem como promoção de sete dias gratuitos nada mais é do que um direito previsto no código aonde o consumidor que compra fora de um estabelecimento tem o direito de arrepender-se e requisitar o cancelamento no período de sete dias após a assinatura, venda casada; segundo, o *site* do qual sou assinante forneceu meu cadastro a essa empresa e ela utilizava desse cadastro para realizar envio de materiais que adequavam-se ao meu perfil, entre outros desvios aos meus direitos de consumidor. [...] Estarei entrando com uma ação contra essa empresa que eu acreditava ser idônea juntamente ao Procon e assim que for deferida uma sentença eu lhes informo. Aconselho também que façam o *download* do Código de Defesa do Consumidor que oferece uma linguagem compreensível e privilegia os direitos do consumidor.

Rafael, *designer*, meio sem jeito confessa: “Tive o mesmo problema. Entrei em acordo com eles, mas tenho certeza de que ganharia fácil uma ação na justiça. Como ficou seu caso?” André não chega a responder, mas Carlos se mostra ainda mais informado e entusiasticamente aconselha:

– O Procon é um órgão de reclamações, basicamente. Ele não vai te dar nenhuma sentença, porque não faz parte do Judiciário. Para a defesa do seu direito, é melhor que você procure o Juizado Especial de Pequenas Causas Cíveis mais próximo de sua casa, relate o ocorrido ao Ouvidor e saia com a data e a hora da audiência. É um método bastante eficaz de buscar a reparação do seu direito, a começar pelo cancelamento do contrato, pela devolução de verbas eventualmente pagas, além de possível indenização por danos morais causados pelo aborrecimento e inconvenientes que eles te infligiram por meio da propaganda enganosa. [...] Vá atrás de seus direitos mesmo. Se todos fizessem isso, o consumidor, de maneira geral, seria muito mais respeitado. Os maus empresários se aproveitam da apatia e da descrença do consumidor. Vamos mudar isso!

Inconformado, desconfiado, irritado e sem “papas na língua”, Ricardo, mais conhecido como Cerebelo, dispara:

– Propaganda enganosa, isso sim! Pouca vergonha! Eu já desconfiei logo de cara o anúncio dos 7 dias gratuitos e aqueles *banners* miraculosos onde “pessoas normais” alcançam a graça divina em poucos dias. Feito um daqueles anúncios de TV para perda de peso, ou algo parecido... Mas, vamos lá... Já sabendo que não iria dar em nada, lá fui eu perder o meu tempo e escrever o meu currículo, informações pessoais e etc... Quando já tinha perdido bastante o meu tempo (ainda me dei ao luxo de não preencher minhas experiências profissionais), e já com cara de palhaço, fui clicar no

avançar quando ocorreu o que já esperava: solicitação de conta corrente ou cartão de crédito... Vejam bem... Os 7 dias podem até ser gratuitos. Mas porque não colocar na propaganda, ou em qualquer lugar que seja, que é necessário ter cartão ou conta corrente? Isto é uma pouca vergonha e uma falta de respeito com o consumidor. Pois muito bem se sabe que nem todos confiam na digitação de informações bancárias na internet. Então, se a pessoa não quer fazer o mesmo (como no meu caso) acaba dando uma de bobalhão ao preencher todos aqueles campos inutilmente. Uma empresa como esta já perdeu a minha credibilidade. Se eles fazem isto desde o começo, boa coisa não deve vir depois...

Marcelo e Andreza, um casal que estava na mesa vizinha, ouvindo a conversa dos amigos, pede permissão para se aproximar:

– Eu simplesmente detestei o *site*. Ele até esta dentro dos padrões de outros *sites* de *curriculum on-line*, porém a Catho cometeu erros na manutenção dos dados o que, acredito, prejudicaram minha recolocação e quando foram questionados a respeito não ofereceram uma solução satisfatória. Hoje eu questiono e não recomendo o *site* da Catho para amigos e colegas, não é mesmo Andreza?

– É sim, querido. Eu questiono até mesmo se as vagas existem. Eu fiquei cadastrada ao *site* Catho por sete dias duas vezes, fui chamada só pra uma entrevista. É um *site* bom pela organização das coisas. Mas as vagas e os depoimentos são meio estranhos, o país num desemprego só, e eles anunciando 100.000 vagas?! A única coisa que eu tinha ao meu favor, quando cadastrada, era minha esperança porque de resto não tinha nada. Teve uma denúncia sobre o plágio que a Catho fazia e nada aconteceu... eu não sei de ninguém que arranjou algo pela Catho, nem eu mesmo, sendo cadastrada por duas vezes²⁰⁵.

Aos poucos as pessoas se dispersaram e foram ocupando as cabines que vagavam. Odisseu deixou R\$ 3,00 debaixo de sua caneca de *chopp* e saiu à francesa. Enquanto caminhava de volta para casa, sem perceber, estava analisando as falas dos seus recentes “amigos”. Andreza disse ter se cadastrado duas vezes no P7DG, no entanto, só é possível utilizar a promoção uma única vez. Fabrício e Dayana foram vozes positivas a respeito da AGEON: ele tinha conseguido algumas entrevistas embora sem êxito, mas continuava esperançoso e mantinha sua assinatura com a Catho de quem já é cliente há quatro anos, como se a AGEON fosse um banco ou alguma instituição capaz de justificar a manutenção de uma relação tão duradoura, o que não deveria ser o caso; já ela, estava satisfeita, pois a Catho lhe ajudara a encontrar um bom emprego. A revolta da maioria dos envolvidos na conversa incluiu termos ofensivos. Acusaram a Catho de fazer propaganda enganosa, de não ter credibilidade,

²⁰⁵ As falas de Fabrício, Rafael e Débora, Rogério, Wender, Dayana, André, Carlos, Ricardo, Marcelo e Andreza (p.187-90) foram retiradas do *site Ivox – Guia de Opiniões, Guia do Consumidor, Guia de Produtos e Serviços*, que funciona como uma espécie de tribuna livre onde o consumidor dá sua opinião sobre produtos e serviços. Nesse *site* existem 23 opiniões de membros sobre a Catho, com direito a respostas. A Catho foi recomendada por 8% dos opinadores e teve uma média baixa de aceitação, com muitas reclamações. A empresa está na categoria Informática → Internet → Currículos On-Line. As falas originais dos opinadores (transformadas em conversa na tese) podem ser encontradas em <<http://www.ivox.com.br/produto/?dir=1/2/5/7341:53719&d=list>>.

de constranger e discriminar as pessoas, pois só aquelas que têm um cartão de crédito ou conta corrente em um banco podem se dar ao luxo de testar seus serviços. Chamaram-na de “empresa picareta”. Com raras exceções, o discurso da insatisfação predominou ao lado dos arroubos de cidadania dos que disseram pretender tomar providências, acionando órgãos de defesa do consumidor ou procurando os tribunais de justiça. Alguns culpavam a si próprios e aos consumidores em geral, por serem passivos, por não buscarem seus direitos; outros não conseguem entender como em um país com altos índices de desemprego seja o desempregado a arcar com as despesas ao invés delas serem responsabilidade das empresas que dispõem suas vagas. Por tantas ironias e agravos, acusações e incriminações, Odisseu chegou a desconfiar que alguns tinham se excedido nos *chopps*.

Algumas semanas se passaram e Odisseu esqueceu o encontro. Certa noite, entre depressivo e distraído, cochilando em frente à televisão, de repente ouve uma “chamada” que lhe desperta: “A Companhia Alter Nativus convida para o espetáculo *A Odisseia*, no Teatro Haver Navios”. Um filósofo disse certa vez que personagens e fatos históricos parecem repetir-se, aparecendo primeiro como tragédia e depois como farsa. Ele iria à farsa... Na primeira ocasião a peça tinha sido suspensa e ele acabara encontrando a turma dos inconformados com a Catho. O que o aguardaria dessa vez? Perfumado, enquanto caminha pensa na conversa acontecida no *cyberchopp* acerca da Catho. Ao chegar ao teatro decepcionou-se por não encontrar nenhum dos “amigos”. Sozinho, esperou o toque que anuncia o início da peça. A encenação foi preciosa, assim como o figurino. Odisseu, que já conhecia, de antigas e múltiplas leituras, o texto, deixou o teatro com os olhos ainda mareados e, gravado nas retinas, o cenário principal que representava o barco do odisseu-histórico. Na água fétida da lagoa do centro da cidade, enquanto espera o ônibus que o levará para casa, o argonauta sonhador tem uma visão da embarcação flutuando, ouve o lamento das sereias e luzes vermelhas, girantes: é uma ambulância atravessando a noite veloz com seu grito e o trazendo de volta à realidade. Enquanto olha através do vidro do ônibus, vendo a cidade passar, Odisseu sente a febre característica do vírus da sociologia instalado em seu corpo, a necessidade de *cogito* que naquele momento o leva a questionar se as AGEONs pertencem ou não à modernidade, se são um produto do tumultuado

universo do século XXI, onde as relações sociais, rendilhadas, esgarçadas, fragmentadas, marcadas por sessões *on-line*, se dão noutra velocidade, ainda maior que a dos “tempos modernos”. Embora muitas instituições carreguem os visgos da modernidade já se podem ver as mutações, novos rizomas que surgem, outras diversidades, velas insufladas pelos ventos tecnológicos, cada vez mais fortes, fluxos que retornam, jorram, são golfados, inalados e expelidos, redemoinhos e linhas de água, córregos e oceanos que impulsionados pela contração do tempo e do espaço dão conformações pós-modernas a algumas de suas posturas. A novidade busca tradição, o tradicional se veste de amanhã. A Catho é assim: oferece milhares de vagas, todo tipo cargos e funções disponíveis em seu gigantesco banco de dados *on-line*, apela para o novo enquanto recorre a um discurso que busca a credibilidade em sua longa existência, na solidificação de uma marca:

O Grupo Catho, fundado há 30 anos por Thomas A. Case, conseguiu criar uma marca que é sinônimo de credibilidade e qualidade na área de Recursos Humanos no Brasil. Em 1996 - continuando sua tradição de pioneirismo e investimento em tecnologia - foi criado o *site Catho Online*, que em pouco tempo ganhou vida própria e tornou-se os classificados online de currículos e empregos de maior audiência da América Latina.

Na manhã seguinte o perfumado Odisseu se encontra sentado em um banco de praça no centro da cidade, apreciando um jornal. Os crimes e corrupções violentos jorram das páginas, mas não se percebe nenhum sangue, apenas o visgo de uma cotidianidade marcada por essas práticas que, de tão constantes, parecem ter acolhido em si, absorvido e anulado a indignação dos grupos sociais. No caderno econômico Odisseu constata que o mercado sofreu grandes transformações: o trabalho e o emprego cederam sob o peso da pós-modernidade ou da sua “insustentável leveza”. Digressiva, sua mente se desliga do jornal, se perde nas prateleiras da história, vagueia por uma idade média que ele cria aos pedaços: imagens de feno e cavalos, um ferreiro que ao mesmo tempo mata os animais, curte o couro e faz as selas, ao final olha orgulhoso para o “fruto de seu trabalho” e se dirige a um mercado rico em cores e odores onde trocará suas selas por gêneros de primeira necessidade: trigo, arroz, sapatos novos. A buzina de um carro importado o faz retornar ao século XXI por alguns minutos. Depois do susto ele volta a perambular mentalmente, dessa vez pelos corredores iluminados por lâmpadas fluorescentes onde os atendentes das AGEONs,

sentados em seus cubículos à frente de um computador, com uma linha de telefone plugada ao ouvido, o mais cordialmente possível respondem às dúvidas dos usuários e escutam pacientemente suas reclamações. “Como a maneira de se procurar emprego mudou!”, exclama para si um Odisseu calado enquanto dobra o jornal e se dirige a um *self-service* para o almoço. Em seguida irá ao supermercado comprar um aparelho de barbear. Enquanto masca a salada pensa que as AGEONs são os novos classificados, um supermercado de empregos, vitrines reservadas a uns poucos que possuem os bens e conhecimentos necessários: ter um computador, saber usá-lo e ter acesso à internet, o que nos faz ver que esse tipo de agência tem seu público específico, em sua maioria pessoas com certo grau de escolaridade, determinada estabilidade e *status* social.

Depois das compras Odisseu volta para casa, para uma *siesta*. Mas se Odisseu pode se dar esse prazer, a Catho não pára. O seu funcionamento tem características pós-industriais: alto nível de informatização, terceirização de serviço, expansão do mercado de trabalho temporário, produção flexível, relações de desençaixe. A AGEON faz uso de estratégias pós-modernas, oferece Educação Executiva, cursos *on-line* e presenciais, conferências e *workshops*, e um MBA *on-line* – Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão Empresarial, aprovado pelo Ministério da Educação – MEC, o que significa que ela está envolvida com *e-learning* (ensino eletrônico, via internet): diferenciais que a concorrência exige, vantagens que a Catho oferece. No Ensino à Distância – EAD, as relações professor-aluno acontecem de maneira similar àquela que já estamos acostumados: aulas, troca de informações, entrega de certificados. E nesse caso é bom lembrar que os certificados não são apenas eletrônicos, são impressos e assinados no “bom-e-velho” papel. As questões relativas à avaliação dos alunos repetem os mesmos problemas das salas de aula convencionais, acrescidas da ausência corporal, todavia essa ausência é parcial, sendo obrigatórias avaliações presenciais, conforme o Decreto N.º 5.622/05 Art. 1º § 1º:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

§ 1º A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I - avaliações de estudantes;

- II - estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;
- III - defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e
- IV - atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso²⁰⁶.

As diferenças se aplicam ao que a tecnologia representa em termos de rapidez, conforto, praticidade, ligadas obviamente à economia de tempo e espaço, duas variáveis cuja compressão²⁰⁷ e contração são típicas da contemporaneidade. Não obstante, uma grande diferença deve ser apontada. Se uma empresa tradicional de ensino precisa de dependências físicas e a quantidade de professores varia de acordo com o número de alunos, a Catho pode aceitar milhares de matrículas, sem despesas adicionais, inclusive estruturais, como água e luz, o que vem a significar maiores lucros. No caso da Catho, como observado no capítulo anterior, as relações, *off-line* ou *on-line*, mantêm as desigualdades sociais, embora permitam que as diferenças se expressem com menos censura. Pode-se dizer, então, que o EAD é uma das vantagens que a Catho oferece, inclusive a si própria, pois essa recente modalidade de ensino é bastante lucrativa. Mas quais seriam as outras vantagens que a contratação de uma empresa como a Catho, por outras empresas e pela clientela à procura de emprego, oferece?

Antes de tudo, uma AGEON é um espaço rizomático de passeio, pode ser divertido entrar em um desses *sites* onde o internauta pode navegar por horas, entre cursos, artigos e conselhos. Se para preencher o formulário de inclusão ele segue uma sequência que o leva obrigatoriamente ao botão <continuar>, em outros momentos da navegação ele pode optar por pular de *hiperlink* em *hiperlink* como n’*O Jogo da Amarelinha*, romance de Julio Cortázar, onde o autor propõe que o leitor escolha a

²⁰⁶ Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/dec5.622.pdf>>. Mais informações sobre EAD: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=category§ionid=7&id=100&Itemid=298>>.

²⁰⁷ “Pretendo indicar com essa expressão processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Uso a palavra ‘compressão’ por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós. [...] À medida que o espaço parece encolher numa ‘aldeia global’ de telecomunicações e numa ‘espaçonave terra’ de interdependências ecológicas e econômicas [...] e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico) temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de *compressão* dos nossos mundos espacial e temporal”. (Harvey 2002:140, 219)

seqüência de leitura dos capítulos, e cada combinação escolhida dá à trama e às personagens diferentes coloridos²⁰⁸.

Odisseu, *flanêur* convicto, saudoso de uma Paris que ele nunca conheceu – povoada de baudelaires, beauvoires e picassos – amante de Breton e Mallarmé²⁰⁹, sem saber que existe o *site* <http://geo.serendipidade.com>²¹⁰, achava que tinha inventado essa expressão: geo-serendipidade. A geo-serendipidade resume bem o passeio a-geográfico, sem destino, pela internet. Resolveu apelar para o acaso, dentro dos limites da Catho, clicar e clicar fortuitamente na intenção de apreender uma porção daquele organismo janelado. Quantas pernas teria a Catho? Quantas cabeças? Quantos corações? Que órgãos sexuais? Haveria arestas, ilhas, casamatas, masmorras, oásis, armadilhas, curvas acidentadas, planícies, *canyons*? Detalhista, resolveu contar quantos *links* estão disponíveis na página inicial da AGEON. Resposta = 120. Odisseu os listou e numerou. Poderia escolher entre 1 e 120 para iniciar sua viagem na geografia do acaso, *geo-serendipity*. Como se sua cabeça fosse um globo de bingo onde as bolinhas giram até que uma caia na caçapa, bolinhas imaginárias rolaram e o número 78 se acendeu em seu cérebro. *Click!*

Em sua lista estava digitado: 78. *Catho – Consultoria em RH*. E ele obedeceu ao acaso. A primeira coisa que ele percebeu foi a pergunta no *banner*: “Você sabe como receber um **aumento de salário?**”. Fácil. Passe o *mouse* no *banner* o obtenha

²⁰⁸ “O Jogo da Amarelinha é uma obra aberta, um romance que pode ser desmontado pelo leitor, que tem a liberdade poucas vezes concedida a alguém de refazer a seqüência de seus capítulos. Um romance sangüíneo como o bebop. Assim disse Cortázar e assim repetiram seus estudiosos mais ilustres. Confesso que nunca achei O Jogo da Amarelinha um grande exemplo de obra aberta. É claro que, como recomenda sua bula, posso ler seus 155 capítulos na ordem que preferir. Posso começar no de número 56, voltar para o de número 12 e depois correr para o de número 98. Cada combinação escolhida dá à trama e às personagens diferente colorido. Mas o que me incomoda é o fato de o próprio Cortázar ter proposto aos leitores duas sugestões de leitura: uma descontínua, que pula sobre os capítulos mas passa por todos eles (essa seqüência começa no capítulo 73, passa para o 1, depois para o 2, depois para o 116, e assim por diante, conforme as indicações do autor); e outra contínua, que vai do capítulo 1 ao capítulo 56 e termina aí, sendo descartados os 99 capítulos restantes”. (Oliveira:2002)

²⁰⁹ “[...] Paris, capital internacional do acaso. É parisiense o verso de Mallarmé: ‘Um lance de dados jamais abolirá o acaso’. Também foi em Paris que um grupo de jovens, na primeira metade do século 20, descobriu e exercitou o valor do acaso objetivo. Breton e seus amigos gostavam de andar a pé pela cidade, sem nenhum destino aparente. Simplesmente perambulavam, deixando que a sorte e o azar fizessem o resto. Essa, a sua maneira de jogar com a metrópole. As surpresas mais insólitas, as coincidências mais fascinantes ocorriam nessas andanças. Alguém já disse: ‘Os passeios pela cidade de Paris são rituais para a consagração do acaso objetivo’. Outro alguém arrematou: ‘O acaso objetivo é o conjunto das premonições, dos encontros insólitos e das coincidências atordoantes que se manifestam, de tempos em tempos, na vida humana’. O conceito de acaso objetivo vem de Hegel, e filosoficamente é o lugar geométrico das coincidências. A serendipidade abençoa os que se lançam às ruas.” (Oliveira:2002). Traduzindo para o cancionário brasileiro: “O acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído”. *Epitáfio*, Titãs – composição de Sérgio Britto.

²¹⁰ Disponível em: <<http://www.serendipidade.com>>.

a resposta: “Recebendo uma nova proposta de emprego”. Ao lado, a logomarca da Catho e abaixo o número ensurdecedor: “Mais de 200 mil vagas de emprego na Catho Online”. Tudo lindo, verde e azul em movimento. Os *designs* da Catho entendem do assunto. Odisseu segue em frente, mais dois *links*: <Home>, que leva ao *Jornal Semanal Estilo & Gestão RH – JEG* e <Nosso Objetivo>:

Fundado em maio de 1977, com o objetivo de prover a recolocação de executivos no mercado de trabalho, o **Grupo Catho** ampliou as suas atividades ao longo do tempo e é considerado hoje a maior consultoria de recursos humanos do país. Com o objetivo de estimular os seus clientes ao uso eficaz das mais modernas técnicas de gestão, a **Divisão Catho - Consultoria em RH** desenvolve produtos que só encontram similares em grandes consultorias internacionais. Nossos especialistas criam soluções abrangentes para a administração de recursos humanos, e que traduzem o nosso princípio: “*A tecnologia ao lado do talento*”.²¹¹

Na verdade há uma dupla informação: inicialmente o JEG se diz semanal, mas em sua página principal se autodenomina *newsletter* com edições quinzenais. Todas as edições estão disponíveis, da primeira, lançada em 10/10/2002 à atual, de nº 163 datada de 01/02/2008. O desenho do JEG não mudou, apenas as colunas se modificaram. O nº 1 do JEG continha oito colunas, *Competências, Assessment, Treinamento, Outplacement, Portador de Deficiência, Cálculos Trabalhistas, Quanto Pagar* e *Cultura e Clima*, quatro delas assinadas pela então editora-executiva do *Jornal Estilo & Gestão RH Catho*, Cristina Balerini.

O nº 163 começa com uma entrevista e segue com outras colunas: Especial, Saúde, Cultura e Clima, Gestão de Pessoas, Editorial, Gestão Por Confiança, Gestão Empresarial, Pesquisa Salarial, Artigo De Leitor, Catho Educação Executiva e Dicas de Leitura. A Catho acompanha as transformações do mercado de trabalho e parece seguir em direção aos interesses dos assinantes e da sociedade empresarial como um todo, sempre atualizada, em constante renovação. Mas, às vezes, o que ocorre é apenas uma mudança de nomenclatura: o que inicialmente era chamado de “Treinamento” agora se chama “Educação Executiva”, embora continue a oferecer os mesmos cursos *on-line*; “Quanto Pagar” se transformou em “Pesquisa Salarial” enquanto o termo Gestão, na ordem do dia, é a tônica de todos os processos relacionados aos RH e à Administração. Ao longo de seis anos muitos jornalistas passaram pelo *staf* do JEG. Atualmente o editorial é assinado pelo jornalista e Coordenador de Comunicação,

²¹¹ Disponível em: <<http://www.catho.com.br/gestao/index.phtml?secao=objetivo>>.

Fernão Silveira. O jornalismo é um traço forte da Catho. Além do JEG ela publica também o jornal quinzenal *Carreira & Sucesso – JCS*. Em sua 340ª Edição, 08 de fevereiro de 2008, o expediente conta com o jornalista responsável Fernão Silveira (MTb 34.753) e a equipe de jornalistas composta por Bruna Martinho, Naísa Modesto, Viviane Macedo, Gustavo Borges, Denis Fonseca (estagiário) além de Thomas A. Case (fundador da Catho) e Adriano Arruda, seu Diretor Geral. A mesma equipe produz ainda o Catho Notícias,

um jornal em vídeo que tem a missão de levar a seus espectadores informações úteis e interessantes sobre carreiras, mercado de trabalho e atualidades. Nossa proposta é agregar conhecimento e conteúdo a profissionais das mais diversas áreas e perfis, proporcionando a oportunidade de acesso a informações importantes com uma abordagem descontraída e diferenciada²¹².

Os artigos abrangem temas que vão dos males causados pelo cigarro e de como os fumantes têm menos chances de conseguir um emprego, até dicas de português. Na mais recente edição do JEG percebe-se a atenção aos novos conceitos que surgem no mercado de RH, indicativo de que as transformações no mundo do trabalho vão da prática à teoria, e vice-versa. Na tentativa de acompanhar as mudanças e deslocar ou adaptar as vivências da modernidade aos tempos atuais, especialistas como o professor Antonio Carlos Ritto explicam neologismos como a palavra “caórdico”:

A união das palavras “caos” e “ordem” soa estranha para você? Pode ser que sim, mas trata-se de algo recorrente, sobretudo no ambiente empresarial. A fusão de ambas deu origem a um conceito muito atual, chamado Caórdico. “Caórdico implica admitir o caos e buscar extrair dele a ordem possível”, explica Antônio Carlos Ritto, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em organizações caórdicas. A teoria veio à tona em meados da década de 1960, com o americano Dee Ward Hock. (Fagundes 2008).

Exemplos de como as empresas tiveram que assumir as metamorfoses ocorridas na relação capital-trabalho se consolidam em experiências como do Grupo Visa, que nos anos 1960 percebeu que, para escapar da falência, deveria deixar de lado práticas e teorias modernas. Mudanças profundas tiveram que ser feitas na organização do trabalho que já não se conformava à centralização e rigidez, obrigando os empresários a lidar, ao mesmo tempo, com a ordem, o progresso... e o caos. Para Ritto, as sociedades mudaram e estão em eterna transformação. Não há mais como grandes corporações insistirem em estruturas hierarquizadas, modelo consagrado na era da Revolução Industrial.

²¹² Disponível em: <<http://www.cathonoticias.com.br/sobre.php>>.

A teoria veio à tona em meados da década de 1960, com o americano **Dee Ward Hock**. O negócio de cartões estava à beira do colapso e ele foi chamado para a missão de colocar ordem no caos. Foi então que Hock fundou o grupo **Visa**, que reúne cartões de crédito emitidos por milhares de bancos no mundo inteiro sob uma mesma bandeira. Com o empreendimento, ele criou uma estrutura que ultrapassou fronteiras, uma corporação com poder descentralizado entre milhares de bancos no mundo todo, que conseguem ao mesmo tempo cooperar e competir entre si. “*Nenhum modelo de organização tradicional, ditado de cima para baixo, poderia ter funcionado*”, escreveu Hock em seu livro “Nascimento da Era Caórdica”. Sem dúvida, foi uma quebra de paradigma. Até ali, as organizações viviam somente uma única estrutura: a hierarquizada, de comando, baseada no controle extremo. Ou seja, o termo caórdico explica, acima de tudo, uma nova maneira de administrar grandes empresas, focando não mais na centralização de poder, mas sim em integração, harmonia, competição e cooperação. “*Uma organização contemporânea precisa ter uma hierarquia rasa, com pouca burocracia e animada por agentes ligados em redes*”, afirma Ritto. (Fagundes 2008)

A atuação jornalística da Catho pode ser considerada uma vantagem para seus assinantes que, dessa forma, estariam sempre atualizados, informados sobre as novidades do mercado de trabalho, e podendo contar com opiniões e conselhos de especialistas e grandes empresários sobre como obter o tão almejado sucesso. O jornalismo seria o que se costuma chamar de “agregação de valor”, bônus oferecidos aos usuários que age como diferencial perante a concorrência. Para os donos de empresas a AGEON oferece diversas pesquisas, testes, se propõe a “tomar conta” do setor de RH, desde que as empresas estejam dispostas a lhe delegar poderes e pagar por isso. A terceirização do antes chamado Departamento de Pessoal já é uma prática corrente, aliviando os “quadros” das empresas, retirando delas o peso, inclusive “emocional”, das contratações e demissões, permitindo que elas não tenham preocupação alguma com sua “folha de pagamento”. Entre os serviços que a Catho oferece está a pesquisa sobre *Cultura e Clima*, que diferente do que essas palavras expressam de imediato trata-se da forma como os

departamentos de Recursos Humanos lidam dia a dia com uma questão importante para qualquer organização, que é a avaliação do sentimento dos funcionários em relação ao ambiente físico e cultural da empresa. O resultado dessa avaliação pode funcionar como um termômetro, que indica se a temperatura está morna demais e o fogo precisa ser atizado, ou se está alta demais e algumas correções devem ser feitas para suavizar os efeitos²¹³.

O objetivo de uma pesquisa de cultura e clima organizacional é medir o nível de satisfação e de fidelização do colaborador com a organização, com a intenção de identificar correlações causais entre atributos e até prognosticar a rotatividade voluntária. Fidelização do funcionário, como originalmente definido, é a construção atitudinal que expressa a identificação do indivíduo com uma organização e seu envolvimento com ela. Fidelização é uma medida da ligação do indivíduo com a organização. As pesquisas de clima tentam identificar quais forças dirigentes estão

²¹³ Álvaro Mello. JEG nº1, 10/10/2002.<http://www.catho.com.br/estilorh/index.phtml?ed_ant_b=1&combo=1>.

por trás da ligação com a empresa sabendo que remuneração não é o único motivo para permanecer em uma organização²¹⁴.

Cansado de vadiar pelos *hiperlinks* da Catho, Odisseu tornou a pensar nas vantagens e desvantagens. “Salas de aula construídas apenas com zeros e uns, *bits* e *bytes* são um filão, galinhas de ovos dourados, milhões de dólares economizados em estrutura física”, disse em voz alta, exaltado. “Tanto podem ter uma dezena como dezenas de milhares de alunos, não-edifício elástico!!” E nessa exaltação algum neurônio foi requisitado, sofreu uma fígada, e o fez lembrar que já não era assinante da Catho. Embora com a assinatura cancelada, Odisseu continua a receber *e-mails*, mais até do que quando estava pagando pela exposição de seu currículo. A Catho diz oferecer muitas vantagens para seus assinantes, o problema é que “vantagens” como análise, elaboração e tradução de currículo, carta de apresentação, treinamento para entrevistas, etc., são serviços pagos e seus preços não são acessíveis, principalmente para um indivíduo desempregado. Nem o sorriso branco e sincero de Camila Mariano, nem a estatística de 60% de retorno garantidos pela carta de apresentação convenceram Odisseu a pagar por uma. Já não era o errante e incauto navegante apaixonado por sereias comerciais. Mas é preciso confessar em seu nome: não lhe faltou vontade de voltar a ser um assinante Catho. Lembrou de uma antiga música, cantada pelo grupo Nenhum de Nós nos anos 1980 e cantarolou: “Camilaaa, Camilaaa...”. As sereias cantam para enfeitiçá-lo. Ele anula o feitiço, cantando.

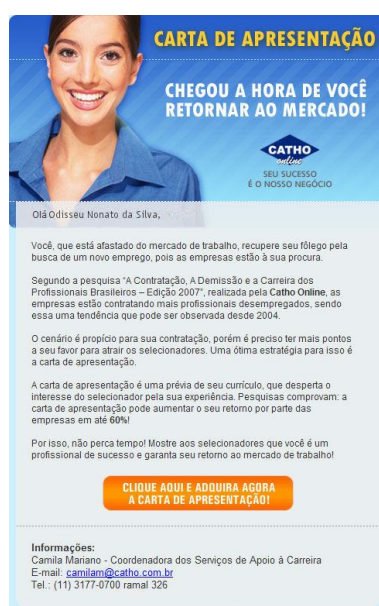


FIGURA 19. E-mail enviado pela Catho. 07/03/200, 22h56.

²¹⁴ Susan Case. JEG nº2, 17/10/2002. Disponível em: <http://www.catho.com.br/estilorh/index.phtml?secao=163>.

PROFISSIONAL		ESTAGIÁRIO	
Assinantes		Assinantes	
Avulso	R\$89,00	Avulso	R\$72,00
Não Assinantes		Não Assinantes	
Avulso	R\$99,00	Avulso	R\$78,00
Planos Especiais			
Trimestral + Carta	R\$234,00		
Assinatura Premium 2	R\$648,00		
Promoções Especiais			
Carta + Elaboração	R\$339,00		

FORMAS DE PAGAMENTO	
Cartão de Crédito parcelado em 3 vezes à vista	Transferência Bancária ou Débito em Conta Corrente à vista

FIGURA 20. Preços das cartas de apresentação.

Fonte: http://www3.catho.com.br/carta_apre/precos.php#nivel.

Certamente a Catho, e as AGEONS de um modo geral, oferecem, sim, vantagens. Para alguns. Para os que têm uma melhor condição financeira, ou para os que estão insatisfeitos com o emprego atual e procuram recolocação, esses serviços podem ser de alguma ajuda. Aos que moram nas grandes cidades o Clube de Benefícios Catho oferece descontos em estabelecimentos das mais diversas atividades, mas aqueles que não frequentam academias de ginástica nem costumam jantar ao som do piano do Maksoud Plaza Hotel essas vantagens não fazem sentido. O operário demitido porque uma nova máquina eliminou seu posto na linha de montagem, passa dias nas filas entre companheiros que aguardam, nos portões da indústria, um chamado, mesmo que para assumir uma função diferente e financeiramente inferior àquela que ocupavam. Para esses, ainda submetidos à mais-valia moderna, de nada lhes vale uma AGEON. Os operários mais especializados, qualificados, portadores de certificados em cursos aprovados pelas normas internacionais, que já se adaptaram às novidades tecnológicas, profissionais treinados, que já têm cargos com novos nomes e maior grau de prestígio, esses sim, podem ter alguma chance na Catho. E a acreditar na veracidade dos depoimentos encontrados no *site*, existem pessoas tão agradecidas à AGEON como se houvessem atingido um milagre.

Esses depoimentos²¹⁵ rolam diariamente em *banners* apresentados no *site* da Catho como estratégia de *marketing*. Sempre atualizados eles revelam um mesmo

²¹⁵ Disponível em: <<http://www.catho.com.br/geral/depoimentos.phtml>>.

conteúdo: gratidão, parabenização, felicidade, realização de objetivos. A maioria dos clientes (83%) afirma que indicaria o *site* para amigos e parentes desempregados ou à procura de recolocação por estarem insatisfeitos nos atuais empregos. Em jornais e revistas especializados, em eventos e *workshops*, o *rizomacatho* explode. Aqui, ali, acolá um evento vem fortalecer sua credibilidade e sempre que a AGEON presta qualquer serviço procura saber do grau de satisfação dos seus usuários.

Recentemente, Odisseu recebeu um convite para participar de um evento a ser realizado no Ginásio Epidauro. Setecentos e vinte e seis participantes, usuários e ex-usuários da Catho, iriam expor sua opinião sobre a experiência com a AGEON em forma de jogral²¹⁶. A beleza do Ginásio, réplica do teatro grego de mesmo nome construído em 350 a.C, tira o fôlego daqueles que o visitam pela primeira vez. A orquestra tem cerca de 20m de diâmetro e o auditório, extremamente simétrico, quase 118 metros. Todos os assentos têm 75cm de largura e 43cm de altura, e a visão da orquestra a partir de qualquer um deles é muito boa. Cabem, com folga, cerca de 12.000 pessoas.

Quando o perfumado Odisseu entrou na arena sentiu o coração desferir centenas de golpes. Seus olhos mal podiam acreditar no que viam. Recriminou-se por nunca antes ter tido a disposição de conhecer tão magnífica obra arquitetural. Esperou alguns minutos até que a respiração voltasse ao ritmo normal e procurou assento. Os milhares de pessoas ao seu redor estavam no mais completo silêncio sob o sol do início da manhã quando a orquestra disparou os primeiros acordes de *Also Sprach Zarathustra* de Richard Strauss²¹⁷.

O jogral, comum na Idade Média, dessa vez se misturava ao teatro grego. Os jograis e jogralesas, mascarados, todos vestidos de preto, não rimavam, apenas repetiam em coro suas falas. Dando um exemplo da mais perfeita organização a Catho

²¹⁶ “Jogral é como se fosse um coral, só que ao invés de cânticos, é um coral falado, mas falado dentro de uma ordem, o que confere musicalidade e ritmo à declamação. Se pega o texto ou a poesia e divide em versos, que serão declamados por 1, 2, 3, ou quantas vozes se quiser. O conjunto deve ser harmonioso, bem ensaiado e falado em voz forte”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jogral>>.

²¹⁷ **Also Sprach Zarathustra** é um poema sinfônico composto por Richard Strauss em 1896 baseado no livro *Also sprach Zarathustra* de Friedrich Nietzsche. Esta canção fez parte da trilha do filme 2001: Uma Odisseia no Espaço de Stanley Kubrick de 1968. A seção de abertura “Dawn” (amanhecer) é usada na abertura do filme. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Also_Sprach_Zarathustra_%28m%C3%BAfica%29>.

treinou e ensaiou os participantes que, com graça e humor, revelaram as vantagens de ser um assinante da AGEON:

No *folder* que Odisseu recebeu na entrada do Ginásio havia algumas explicações sobre o que a Catho representa para seus usuários. Esperança, satisfação, redenção, milagre. A empresa de “anúncios eletrônicos”, “classificados virtuais”, AGEON, é uma parceira, e ao lado dela, como se fossem permanecer em sua “companhia”, os usuários são felizes para sempre, sentindo-se honrados por ser a Catho o veículo de intermediação entre eles e as empresas onde conseguem trabalho.

- Excelente, nem sei o que acrescentar de idéias à vocês. Arrumei o emprego da minha vida.
- Um grupo muito qualificado, espero futuramente voltar a ser um parceiro de vocês.
- Extremamente profissional, informações ótimas, tudo numa conduta ilibada, sinto-me honrado em conseguir um ótimo emprego através da Catho, recomendo a todos. Obrigado.

O emprego conseguido através da Catho é praticamente uma graça, embora os usuários tenham que pagar para conseguirem uma vaga no mercado de trabalho. O *site* em si é elogiado, um verdadeiro *show* de possibilidades. O relacionamento entre a Catho e seus usuários se dá mediante uma comunicação que satisfaz ambas as partes, e há falas do jogral que apontam essa forma de buscar trabalho como simplesmente “a melhor”. É possível notar exagero em alguns depoimentos e o nível de satisfação é às vezes tão alto que usuários fazem declarações onde confessam ter encontrado o emprego de suas vidas, a Catho sendo nada menos que uma realizadora de sonhos, a sua “fada madrinha”.

- Particularmente, o *site* é um Show e com certeza á a porta aberta para oportunidades e concretização de sonhos. Muito obrigada.
- Olá!!! Adorei ter assinado a Catho. Com isso tive vários contatos com empresas, até que arrumei emprego em uma ótima empresa. Estou muito feliz e satisfeita.
- Olá pessoal!! Tudo bem??? Fiz meu cadastro na catho porque queria muito trabalhar na minha área, só não imaginava que isso fosse acontecer tão rápido assim... Recebi várias ligações, fiz várias entrevistas e por fim pude escolher a que mais se encaixava em mim. Hoje me sinto super realizada e estou muito feliz por isso.. Agradeço a todos vocês do grupo Catho por esta oportunidade, pois sem vocês não sei se conseguiria chegar onde cheguei... Valeu!!
- Olá!!! Sou a Juliana. Estou muito feliz, pois através do *site* conquistei a minha estrela no mercado de trabalho!!!!

Como se o mérito de terem conseguido um emprego se devesse exclusivamente à Catho certos depoimentos estão imbuídos de uma espécie de servidão amorosa, como quando a gente diz a um amigo, no dia do seu aniversário: obrigada por você

existir. A empresa é realmente aquele amigo que nunca os deixa na mão, em quem podem sempre confiar, com quem podem sempre contar na hora do desespero de achar-se desempregado. Muitos dos usuários são recorrentes, viciados em Catho, assinantes contumazes, que procuram o auxílio da Catho vezes seguidas e nunca se sentem decepcionados.

- Já é a segunda vez que me recoloco pelo *site* da Catho. É uma empresa séria e preocupada em oferecer serviços com resultado. Fui recolocada numa ótima empresa em apenas 02 meses. Estou muito satisfeita. Parabéns Catho!!!
- Já é a segunda vez que utilizo o *site* da Catho para recolocação no mercado, na primeira vez em apenas 01 mês estava empregada e dessa vez em apenas 02 semanas consegui minha recolocação no mercado.
- Já é o terceiro emprego que arrumo pela Catho e acredito no *site*. Empresa séria e muito bem divulgada.
- Obrigado ao grupo Catho pela ajuda, graças ao trabalho de vocês consegui uma oportunidade melhor em minha carreira profissional, e caso precise futuramente voltarei a utilizar o serviço de vocês, fico grato.
- Graças a Catho consegui uma ótima recolocação, em apenas 10 dias de cadastro.
- Graças a Catho estou empregada!!!É o melhor *site* de emprego!!!
- Graças a Catho estou empregada, como operadora de telemarketing, assinem e comprovem!!!!!!! Faça como eu, assinei os 7 dias para ver se era verídico e já estou trabalhando.
- Gostaria de parabenizar o *site* da Catho, pois pela quinta vez consegui emprego através do mesmo.
- Meus três últimos empregos foram conquistados com a ajuda da Catho, é bom sabermos que temos empresas sérias dispostas à lutar conosco por uma recolocação no mercado de trabalho.
- Já estou acostumada a conseguir emprego pelo *site* da Catho. É muito prático, econômico e sempre dá resultado. Estou muito satisfeita.

Os assinantes esperam contar com a empresa caso os empregos que ela tenha “arranjado para eles” não dêem certo ou ainda quando eles buscam uma recolocação por não estarem satisfeitos com o novo trabalho. De uma maneira ou de outra, a Catho – segundo os depoimentos disponibilizados em seu próprio *site* – é adorada e parabenizada por aqueles que utilizam os seus serviços.

- É a melhor divulgadora de vagas, fui aprovada em 4 empresas e fiz mais de 30 entrevistas. Parabéns Equipe Catho!!!
- É impressionante! Além de possuir vários métodos e ferramentas de buscas, pesquisas de vagas, com o currículo corretamente cadastrado (e bem elaborado), eu tive a oportunidade de receber várias ligações de empresas em minha residência oferecendo várias oportunidades de entrevistas.
- Um importante instrumento para conseguir uma boa colocação profissional, através do *site*, dentro do período de um mês recebi 28 contatos de empresas, realizei 20 entrevistas e fui aprovado em 5 empresas. Obrigado Catho.
- Um serviço tão fundamental como serviços de água e luz, com ele minha vida ficou bastante agitada, inúmeras empresas entraram em contato comigo com interesse na contratação, parabéns o serviço de vocês é excepcional.

O volume de empresas que entram em contato com os assinantes, a quantidade de entrevistas que eles conseguem, a velocidade com que o tão sonhado e improvável emprego chega é estonteante, principalmente com os dados econômicos e sociais sobre o desemprego em nosso país. A Catho é a solução mais prática, rápida, eficiente e, perante os resultados, só lhes resta agradecer, muitas vezes “falando” com a Catho como se ela fosse um ser humano. Os contatos das empresas jorram como se a AGEON fosse uma cornucópia mágica²¹⁸.

- Catho, você nunca me deixou na mão. É bom pro empregador e bom pra quem está desempregado. Com certeza irei usar um dia novamente.
- Serviço excelente. Consegui uma ótima vaga de trabalho em uma multinacional. Obrigado Catho.
- Um *site* renomado que com certeza auxilia na recolocação profissional, consegui emprego ainda no período promocional. Obrigado Catho pelo apoio.
- Agradeço muitíssimo a Catho Online. Estava desempregado sem previsão de conseguir outro emprego. Depois que utilizei os serviços do *site*, meu telefone tocava quase todo dia com pessoas agendando entrevistas, até que eu consegui emprego em uma grande empresa!
- É inacreditável! Nunca pensei que fosse tão eficiente um *site* como a Catho. Recebi tantos contatos que algumas vezes deixava de enviar meu curriculum por causa da minha agenda cheia.
- Em um curto espaço de tempo, recebi mais de 200 anúncios de vagas dentro do meu perfil. Isso foi bastante gratificante. Em menos de 15 dias estava colocado novamente no mercado de trabalho.

Deus em primeiro lugar, depois, a Catho; caso de amor, fragmento de um discurso amoroso que agradece aos céus a existência do “ser adorado”. A felicidade que provém do novo emprego é proporcionada pela Catho. O retorno da AGEON é rápido, e as exclamações repercutem a grandeza da alegria, quase divina, de estar inserido no mercado de trabalho. Deus criou a Catho para ajudar os necessitados, e é a Ele que se agradece por a AGEON existir. O retorno do investimento é imediato. As empresas escolhem o currículo, entram em contato e de repente, o que parecia impossível, acontece: ela ou ele, assinante, está empregado!

- Agradeço em primeiro lugar a Deus e, em seguida a Catho, pois em uma semana de assinatura conquistei um emprego excelente, estou muito feliz!
- Fico muito satisfeita, pois no primeiro dia recebi um contato telefônico, fiz a entrevista e teste e já vou começar no dia 1º de outubro. Fiquei muito feliz, graças primeiro a Deus e a Catho Online.
- Fiquei muito impressionada, no mesmo dia que me cadastrei, enviei meu currículo para algumas vagas, e tive um retorno imediato!!! Dois dias depois já fiz entrevistas e já estou empregada!!! Agradeço a Deus pela Catho existir.
- Muito boa, consegui diversas entrevistas e graças a Deus um emprego.

²¹⁸ A cornucópia, na mitologia, é um vaso em forma de chifre, com frutas e flores que dele saem em abundância expressando a fertilidade e riqueza.

- Muito bom, tive vários contatos e graças a Deus consegui o emprego.
- Quero agradecer aos serviços da Catho, pois tive, Graças a Deus, ótimos retornos e me recoloquei no mercado.

Às vezes parece até brincadeira, milagre, a facilidade com que os assinantes conseguem o tão sonhado emprego e por isso a Catho é maravilhosa, fenomenal, camisa 10 da seleção de candidatos. Ela alcança rincões distantes; permite ao assinante escolher onde trabalhar, mesmo em um mercado congestionado; não há dúvidas que o agenciamento *on-line* é a melhor maneira de se conseguir um emprego.

- Fiz a minha assinatura no *site* pela manhã e logo após o almoço eu já tive um contato com a empresa que me contratou, parecia que era pegadinha de tão rápido que foi, felizmente era real...
- É um *site* simplesmente incrível, consegui um emprego em apenas um mês. Mesmo estando no interior, onde nunca achei que a Catho poderia chegar, mas chegou.
- É ma-ra-vi-lho-so! Não tem maneira melhor e mais eficiente de se conseguir emprego.
- Incrivelmente consegui um emprego no meu primeiro dia de assinatura na Catho em um grande escritório de advocacia. Meu currículo agradou ao meu contratante e estou aprendendo muito nesse estágio. Graças a Catho hoje sou um homem bem empregado e ganhando muita experiência.
- Em um mês recebi diversos convites para entrevistas e pude até escolher dentre os convites recebidos. O serviço da Catho é fenomenal.
- The Best! Fui contratada em 2 meses, participei de várias entrevistas e dinâmicas pela Catho! Remendo sim!! Nota 10!
- Estou muito feliz, consegui o meu segundo emprego graças a Catho. Gente a Catho é nota 10 !!!
- O melhor *site* de empregos do Brasil, nota 10.

Parentes e amigos dos assinantes também são beneficiados, pois informados da agilidade e eficiência da Catho resolvem fazer parte desse universo privilegiado. Os depoimentos apontam para a seriedade da empresa, para o apoio que vem através da correção dos currículos, do encaminhamento correto, das dicas e cursos *on-line*, resultando, “inevitavelmente”, em uma colocação. A Catho é infalível, nota 10, 100%. Não se recebe apenas uma única oferta de trabalho, e nem se pode contar com ela a AGEON somente uma vez. Ela corrige, direciona, se empenha, “veste a camisa” do assinante e somente sossega quando ele está de volta ao mercado de trabalho.

- Ela já me empregou duas vezes e já empregou a minha irmã e amigos. Eu recomendo.
- Excelente *site* de empregos, consegui o meu em menos de 07 dias. E o que foi ainda melhor, gratuitamente. Conheço outras pessoas que também conseguiram emprego por aqui. É 100% de certeza de conseguir emprego aqui, e você ainda pode escolher.
- Recebi várias ofertas de trabalho e a empresa em que me recoloquei buscou meu currículo aqui. Indiquei vários amigos que também se recolocaram no mercado de trabalho através da Catho. O serviço prestado é 100% garantido.

- Os serviços são de qualidade. Em menos de 2 meses eu consegui emprego, depois de participar intensivamente de diversas entrevistas. Utilizando as dicas e alguns cursos on-line eu pude melhorar a informação do meu currículo tornando-o mais específico e claro.
- Realmente é uma empresa que trabalha e está disposta a auxiliar os profissionais que estão com dificuldade de ingressar no mercado. Com o seu curriculum bem elaborado e a ajuda da Catho, você também conseguirá um emprego a sua altura e de seu agrado. Obrigada!
- Realmente é uma empresa séria, pude constatar isso quando não recebia retorno a contento entrei em contato com a Catho e ela prontamente indicou a deficiência do meu currículo, o que foi o ponto crucial, após alterado, para a minha contratação.

A satisfação e os agradecimentos estão presentes em todas as falas dos assinantes que, espontaneamente, voltam ao *site* para deixarem suas opiniões como quem volta à igreja para acender uma vela em agradecimento por uma graça alcançada.

- Este *site* está de parabéns, pois o candidato tem muitas chances de entrevistas e conhecimento de muitas vagas, sem este *site* teria sido muito difícil pra mim ter arrumado uma empresa boa como arrumei, só tenho a elogiar este *site*. Grata, muito grata.
- Gostaria muito de agradecer a Catho, pois me ajudaram muito à procura de um emprego. Encontrei um ótimo emprego graças a vocês. Muito grata pela atenção!!!!
- Graças a Catho consegui um desafio novo em minha carreira profissional.
- O *Site* realmente é muito bom, muitíssimo obrigado, valeu!
- Graças a Catho consegui um ótimo emprego, em uma grande multinacional. Já é o quarto emprego que consigo e sem a Catho acredito que teria muita dificuldade de recolocação. Enfim, estou 100% satisfeito e recomendo a todos que estejam à procura de um emprego.

Todas essas falas que “escutamos” dos assinantes da Catho estão em conformidade com o paradigma econômico dominante em nosso tempo, o neoliberalismo. Segundo Jacques Godbout, que assina a afirmação de dominância do neoliberalismo, este também atende pelos nomes de “teoria da escolha racional”, “utilitarismo” e “teoria econômica neoclássica”, entre outros, mas têm um núcleo comum que procura explicar o sistema de produção e circulação de produtos e serviços na sociedade a partir das noções de interesse, racionalidade e utilidade. Essas noções são norteadas por duas variáveis fundamentais: a preferência e a otimização. O modelo neoliberal libera os indivíduos das relações sociais indesejadas. Essa liberdade se funda na liquidação imediata e permanente da dívida.

Nesse modelo, cada troca é completa. Graças à lei da equivalência, cada relação é pontual, e não compromete o futuro. Não tem futuro e, portanto, não nos insere num sistema de obrigações. [...] Esse modelo tem força porque contém um princípio básico de autonomia e liberdade. É certamente uma relação social bastante limitada, um laço fraco [...] e acarreta exploração, injustiça, exclusão. Mas todas as vezes que alguém pretende não apenas saber melhor do que nós mesmos o que é bom para nós,

como também pretende possuir autoridade para impô-lo, em vez de tentar nos convencer, preferimos o mercado. [...] Existe, porém, o reverso da medalha. Pois essa solução, que a humanidade hoje está disposta a mundializar, é uma solução que as sociedades, inclusive a nossa, não apenas temeram como também rejeitaram. É o que mostram a antropologia e também a história do Ocidente. Um dos piores insultos lançados contra Ulisses²¹⁹ em sua célebre viagem ocorre quando o filho de Alcinoos, em cuja casa foi recebido, o toma por um comerciante. (Godbout 1998)

Todavia, há muitos estudiosos trabalhando em torno de um fenômeno, que alguns chamam de paradigma, a dádiva, que vai de encontro ao neoliberalismo. Não é possível abordar essa questão sem mencionar o *Ensaio sobre a dádiva*, de Marcel Mauss, sociólogo e antropólogo francês considerado o “pai” da etnologia francesa²²⁰.

O ato de dar pode assim se associar em maior ou menor grau a uma ideologia da generosidade, mas não existe a dádiva sem a expectativa de retribuição. [...] Para Mauss, a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório. O estudo da dádiva permitiria à sociologia a superação relativa de dualidades profundas do pensamento ocidental, entre espontaneidade e obrigatoriedade, entre interesse e altruísmo, egoísmo e solidariedade (Lanna 2000:176)

Se conseguir um emprego soa como uma dádiva, essa sensação vem acompanhada de outra afecção, a gratidão, estão ligadas, e apesar de terem um sentido de humanidade, de solidariedade, fazem parte do sistema mercantilizado de trocas.

Para Mauss, a dádiva, nas sociedades modernas, estaria “embutida na compra e venda”, e não paralela ou independente desta. Ele ora reconhece a presença da dádiva no capitalismo, ora nota sua ausência: seriam os operários os representantes da lógica da dádiva neste contexto. [...] Meu argumento é de que essa perspectiva é incorreta por não atentar para a capacidade burguesa de realização e de controle da dádiva, não atentar aos fatos, notados por T. Veblen (1953), que nos remetem ao “consumo conspícuo burguês”. Este consumo excludente a meu ver se generaliza na sociedade pós-moderna, pois ele já não é mais prerrogativa dos proprietários dos meios de produção e caracteriza muito mais uma alta classe média. (Lanna 2000:190)

Expressões como “obrigado”, “estou grato”, “graças a Catho”, “agradeço” etc, estão presentes em 25,90% dos depoimentos dos assinantes da AGEON o que significa que mais de ¼ dos depoentes demonstra, explicitamente, sua gratidão a Catho. Apenas 1,24% dizem ter alcançado seu emprego durante a P7DG, enquanto 98,76% pagaram

²¹⁹ “**Odisseu** (na Grécia) ou **Ulisses** (em Roma) é um personagem da Ilíada e da Odisséia de Homero. É a personagem principal dessa última obra. Odisseu é uma figura à parte em Tróia. É um dos mais ardilosos guerreiros de toda a epopéia grega em Tróia, e mesmo depois dela, quando do seu longo retorno ao seu reino, Ítaca, uma das numerosas ilhas gregas”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Odisseu>>.

²²⁰ “O grupo de Durkheim, matriz da chamada Escola Sociológica Francesa, visava constituir uma ciência propriamente social. Leituras mais contemporâneas a respeito de Marcel Mauss, entretanto, apontam para vários desvios deste, frente ao método racionalista de seu tio. A sociologia seria uma ciência distinta, por exemplo, da psicologia, cujos objetos são, segundo Mauss, as representações individuais, enquanto que na ciência social os objetos são as representações coletivas de caráter autônomo e inconsciente para o próprio indivíduo que as possui. Para o autor, a rocha elementar das sociedades, em todos os tempos históricos, é a capacidade de desenvolver trocas. Essas podem ser materiais ou simbólicas, sempre considerando a distribuição e a circulação desse elemento”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcel_mauss>.

para cadastrar o currículo e conseguir a vaga. Então, por que tanta gratidão se a Catho apenas cumpriu seu papel e recebeu dinheiro para cumpri-lo? Por que tantos agradecimentos a uma empresa que torna rentável o desemprego e obtém lucros daqueles que estão em situação econômica e social desfavorável? Para Simmel, a gratidão não é um sentimento simples, como pode parecer de imediato.

A gratidão é inicialmente um complemento da ordem legal. Esta obriga a completar o movimento que, para Simmel, está na base de todas as relações humanas: o “esquema da oferta e do equivalente”. Mas nem tudo pode ter sua equivalência assegurada por coerção legal externa. Neste ponto entra a gratidão, para “tecer um laço da reciprocidade, um balanço do receber e do dar entre os homens”. O dar e o receber na vida social não podem ser reduzidos à simples troca. Esta não recobre todas as dimensões da reciprocidade entre os homens. Na realidade, quando plenamente desenvolvida, como no mundo moderno, ela dispensa os homens. Na troca desenvolvida “oferece-se o equivalente objetivo pelo equivalente objetivo, e o homem mesmo, embora evidentemente realize em prol do seu próprio interesse o processo, é na realidade indiferente para este. A relação dos homens converteu-se em relação dos objetos.”. Neste sentido, a troca é a “conversão em objeto da capacidade de reciprocidade dos homens”. A gratidão inverte o sentido desse movimento, voltando-o para o interior dos homens, como “resíduo subjetivo” do ato de receber e dar. E, em mais uma das suas formulações características, Simmel a vê como uma “memória moral da humanidade, uma ponte que a alma sempre encontra para aproximar-se do outro ao mais leve estímulo, insuficiente talvez para gerar por si uma nova ponte”. Ao fazê-lo, a gratidão propicia aquilo que importa na constituição e permanência da vida social: a persistência de relações para além do momento da sua criação. Fosse ela extinta como resíduo subjetivo e memória moral, a sociedade “tal como a conhecemos” deixaria de existir. (Cohn 1998)²²¹

Para a maioria dos usuários não faz mais nenhum sentido “bater de porta em porta” com um currículo nas mãos. Em vários momentos encontramos o elogio da virtualidade como o melhor meio de buscar uma vaga no mercado de trabalho, a amplitude, a possibilidade de “se oferecer” a várias empresas ao mesmo tempo, sem ter que, a princípio, se deslocar é um atrativo apontado pelos usuários. Os agradecimentos continuam, e a colocação no mercado é uma dádiva. Se sob alguns aspectos é difícil compreender o porquê de os assinantes pagarem para sair do estado de desemprego e ainda assim serem gratos, perceberem a troca de dinheiro por trabalho como uma dádiva, sob outro ângulo é fácil entender sua alegria por não fazerem parte dos 189,9 milhões de desempregados contabilizados no final de 2007. “Um Brasil inteiro” de pessoas que não possuem emprego e, portanto, sobrevivem com bastante dificuldade. Ter conseguido escapar dessa estatística sem sair de casa, se

²²¹ As citações de Simmel por Gabriel Cohn foram retiradas de: SIMMEL, Georg. (1983), “Dankbarkeit. Ein soziologischer Versuch”, in G. Simmel, *Schriften zur Soziologie*, Frankfurt am Main, Suhrkamp.

expor, ou sentir-se humilhado por ter que recorrer aos serviços públicos de emprego (ver p.98), para os assinantes é motivo de agradecimento e comemoração!

- Consegui o emprego que eu procurava sem sair de casa, economizei tempo, dinheiro e suor. Achei o meu emprego comendo pipoca na frente do computador. Mas se um dia eu precisar de novo, eu volto. Obrigado.
- Realmente, a busca por oportunidades de emprego através da empresa Catho funciona, afinal, você tem a comodidade de enviar seus curriculuns da sua casa a qualquer hora e de pijama. As vagas que surgiram nem todas obtive sucesso, no entanto foram ótimas empresas. Atualmente estou empregada e foi por intermédio de vocês. Mais uma vez agradeço pelo ótimo serviço prestado.
- É impossível nos dias de hoje obter um bom emprego utilizando métodos antiquados como ficar gastando papel, correio e o mais importante tempo! Estou no mercado de trabalho desde 1996 já passei por 4 empresas e todas foram através da Catho! Só tenho a agradecer a parceria. Muito Obrigado.
- Parabéns Catho on-line por fornecer essa grande oportunidade. Sem sair de casa consegui meu emprego, simplesmente saí no dia da entrevista que por sinal no mesmo dia foram duas e tive oportunidade de escolher !!!Olha, recomendo a todos sem pensar duas vezes !!!

No Ginásio Epidauro o jogral dos depoimentos continuava, homogêneo, monocórdico. Um homem com um enorme chapéu mexicano encontrou apoio em uma parede e descansa relaxado. Alguns espectadores abrem os olhos por segundos para em seguida fechá-los novamente com um muxoxo. Odisseu, semi-adormecido, não sentia que um pouco de saliva lhe escorria dos lábios. No palco as vantagens de ser assinante Catho continuavam a ser proferidas e alguns participantes até mesmo aconselhavam aquela AGEON em detrimento de outras. Para os depoentes a assinatura é um investimento do qual não se arrependem, ao contrário, suas expectativas são superadas. A praticidade, a eficiência e a seriedade da Catho foram postas à prova e a AGEON saiu-se muito bem. A confiança que os usuários depositam na Catho é totalmente compensada, afinal

- O *site* Catho é o melhor *site* de empregos do Brasil, recomendo para todos os meus amigos que estão desempregados. Os resultados são sempre surpreendentes, como foi comigo. Em um curto tempo consegui o emprego que desejava. Obrigada.
- Muito bacana! Através do *site* consegui meu emprego, eu posso dizer que foi um dinheiro bem gasto!!
- Realizei uma entrevista atrás da outra. Melhor *site* de relacionamento EMPRESA x CANDIDATO que eu já participei. Melhor de todos. Parabéns!
- Sempre consigo recolocações através da Catho.É um investimento que vale a pena!
- Realmente não tem propaganda enganosa na Catho. Choveu vagas de estágio e efetivo também. Assinar a Catho é abrir uma porta bem grande para o trabalho. Investimento garantido!
- Me cadastrei em outros sites de recolocação profissional, mas somente a Catho me deu respaldo efetivo, confiança, seriedade e, de fato, uma excelente recolocação no mercado em menos de 30 dias após o cadastro on-line! Se você quer uma ótima

oportunidade nas melhores empresas do Brasil, você precisa assinar a Catho! Vale a pena!

- Para mim foi o melhor. Já me cadastrei em outros sites e não tive retorno nenhum, e a Catho foi diferente, já tive retorno no primeiro dia de assinatura. Obrigado Catho. A melhor!
- Muito eficiente o serviço da Catho, paguei apenas uma mensalidade e fui recrutado para uma seleção em menos de 20 dias. Fui aprovado em todas as etapas e fui selecionado para a vaga. Estou muito satisfeito com o novo emprego e com os serviços prestados pela Catho.
- O *site* é excelente. Fiquei bem satisfeita com os atendimentos on-line e também fui muito bem recebida nas entrevistas pessoais para contratação. Minhas expectativas quanto a Catho foram superadas. Parabéns!
- Prático e eficiente, a Catho realizou meus objetivos, além das minhas expectativas. Parabéns por vocês existirem. Desejo a toda equipe muito sucesso. Obrigado.
- Outrora havia efetuado o cadastramento e não havia obtido retorno... Todavia; desta vez as procuras para entrevistas foram maiores e fui agraciada com a recolocação em uma organização de renome... O meu muito obrigada pelo excelente trabalho e acompanhamento durante todo o processo...

Outrora? Todavia? Odisseu ainda sonhava ou ouvira aquelas palavras tão pouco usuais? Devaneou como de costume. Os pensamentos vagabundearam. Vozes ecoavam em sua nuca, debaixo das orelhas palavras soltas impactavam seus tímpanos como bolinhas de *ping pong*. Quem o visse assim pensaria que estava drogado, mas tratava-se unicamente de tédio e da ameaça de uma pequena depressão. A repetição das palavras e frases que ele já não conseguia pontuar – parabéns pra você pela segunda vez rapidamente realmente recebi recomendo sempre todas as vezes the best a Catho a Catho é a Catho – cansaram-no. Não havia poesia, as glosas repetidas não eram compostas de quatro décimas. Tudo o que ele percebia era que aquelas pessoas estavam felizes ou, melhor dizendo, empregadas, ao passo que ele continuava como um número positivo nas negativas estatísticas do desemprego. Odisseu perdeu a paciência, e deseducadamente se retirou do ginásio antes da comemoração acabar. Enquanto descia as escadas e percorria corredores labirínticos ia ouvindo, cada vez mais distante, os últimos depoimentos: mais palavras sobre a rapidez de colocação, seriedade, ética, qualificação e aperfeiçoamento mediante os cursos *on-line*, enfim, repetições, ecos, um mar de elogios onde a Catho não naufragava: como um cisne, um veleiro, um transatlântico, um surfista, ela dominava as ondas, conhecia aquele oceano, tinha a sabedoria e as ferramentas que a ajudavam a nele flutuar com energia e graça.

- Um *site* sério, muito bom e competente, arrumei emprego na segunda semana, mas como havia feito o plano de 3 meses por achar que demoraria, continuei recebendo inúmeros contatos, com certeza indiquei pra dois amigos que já colocaram o cv e

estão também satisfeitos, e se eu voltar a precisar com certeza utilizarei novamente.

- Vou definir a Catho Online com uma palavra: Sensacional. O retorno que tive com a publicação do meu currículo aqui foi impressionante. Já tive cadastro em outras empresas do ramo e jamais havia recebido tantas ligações para comparecer em entrevistas. Consegui meu emprego e estou muitíssimo satisfeita. Agradeço por vocês serem excelentes no que fazem.

Na saída recebeu alguns folhetos com tabelas estatísticas do evento e propagandas da Catho. Em uma tabela (*Tabela 7*) constavam “palavras” e a “frequência” com que elas apareceram no jogral-depoimento. Abaixo da tabela, mais algumas explicações sobre a Catho e a forma como ela funciona, se relaciona com seus usuários, acabando por revelar o grau de satisfação deles, a eficiência e seriedade da empresa. Números que servem para mostrar que os usuários realmente conseguem emprego, trabalho, vagas, colocação, recolocação; que eles estão gratos, agradecidos e dão graças pela ajuda; que recomendam a agência, pois ela oferece oportunidade com rapidez e eficiência. É através da Catho que, assinantes ou não, conseguem contatos e para eles a AGEON presta um excelente serviço.

Ajuda, ajudou, útil, utilidade	74
Rápido, rápida, rapidez, rapidamente, eficiente, eficiência, eficaz	79
Adorei, agradeço, obrigado, obrigada	155
Recomendo, oportunidade	173
Profissional, sério, séria, serviço	179
Excelente, muito bom(a), melhor, ótimo(a),	358
Satisfeito, satisfeita, satisfação, consegui	459
Emprego, empregad(o/a), empresa, vaga(s), trabalho, recolocação, recolocado, recolocada, colocação	952

TABELA 7. Contagem das principais palavras repetidas nos depoimentos dos assinantes da Catho.

E as empresas usuárias da Catho que têm o privilégio de usufruírem de seus serviços gratuitamente estariam tão satisfeitas quanto aqueles que pagam? Ora, se aqueles que precisam arcar com os gastos “são só elogios” imaginem poder disponibilizar vagas nessa imensa vitrine sem desembolsar um tostão!? A gratuidade é, inclusive, uma das vantagens mais citadas. Porém há muitas outras: a abrangência nacional; a quantidade e qualidade técnica dos currículos; os filtros que permitem analisar apenas os currículos que atendem ao perfil; a agilidade na seleção dos candidatos, no envio de currículos por *e-mail* e em todo o processo de contratação; a qualificação dos candidatos; a assistência, atenção e qualidade no atendimento dos colaboradores da Catho; a adequação dos anúncios e recebimento de currículos; relação segura e profissional; trabalho sério e de credibilidade. De um modo geral os

amplos elogios de 225 empresas que escolhi entre milhares, estão voltados para os fundamentos da administração pós-moderna: otimização, economia de tempo e espaço, praticidade, facilidade, poder de escolha, rapidez, relações desencaixadas: pode-se fazer uma analogia entre uma AGEONs e um *fastfood*, ambos precisam atender às necessidades da *infofastsociety*.

A intermediação da Catho proporciona que os currículos cheguem “peneirados” e que as empresas ao invés de entrevistar 20, 30, 100 candidatos, possam escolher entre cinco, dentre os quais qualquer um preencheria bem aquela vaga. Se elas são mais comedidas nas palavras usadas nos elogios é somente porque, em um sistema econômico capitalista os “proprietários” supõem que não são os maiores beneficiados. Quem mais tem a agradecer são os desempregados, pois a demanda por trabalho ultrapassa em muitos pontos sua oferta. Se as altas taxas de desemprego são um dos mais graves problemas a afetar todos os países do planeta – com exceção de Andorra e Mônaco –, então os empresários, que “contribuem” com as vagas, e os intermediários, que “contribuem” para fazê-las chegar até os necessitados, são promotores do bem comum e merecem toda sorte de aprovações, elogios e aplausos. O negócio do desemprego é mesmo um sucesso como se pode observar nos depoimentos da empresas que oferecem vagas na Catho:

- A Catho Online é o *site* mais procurado tanto por parte dos candidatos como por parte dos empregadores, isso aumenta as chances de alcançar os objetivos, conseguir um bom profissional ou uma excelente oportunidade de trabalho.
- A comodidade da pré-seleção, a grande e rápida divulgação; a especialização e a larga experiência; facilidade de acesso ao *site*; velocidade das respostas ao anúncio e qualidade dos candidatos; o rápido retorno; a organização da Catho; a otimização de tempo na contratação.
- A maior vantagem é a praticidade, pois permite encontrar muitos candidatos em um só lugar.
- Conseguir selecionar os currículos sem desgaste e perda de tempo.
- É importante associarmos nossa imagem à imagem de uma empresa idônea e comprometida com valores éticos, como nós.
- É o melhor *site* de empregos online do país.

O discurso neoliberal da otimização, da livre escolha, da ação racional, escorre como mel da boca dos clientes Catho. As subjetividades dos depoentes, façam eles parte dos grupos dos empresários ou dos “sem-empresa” e “sem-emprego”, são tolhidas, cobertas por um véu de satisfação que as unifica, homogeneíza. Não há vozes

dissonantes nos depoimentos dos clientes que, mediante autorização, a Catho torna públicos.

- É uma empresa diferenciada em sua área de atuação, apresentando um excelente custo benefício para as empresas. Parabéns!
- Isenção de pagamento, agilidade e a atenção dos funcionários fornecidos as empresas.
- No serviço da Catho não há limites para busca de profissionais.
- O anúncio consegue abranger filiais em outros estados.
- O grande banco de dados e acervo de currículos, que contribui para achar a qualidade em meio a quantidade.
- O nível de qualificação dos profissionais é a maior vantagem.
- O pronto atendimento é a principal vantagem.

As únicas empresas a reclamarem da Catho são suas concorrentes. Em seus quadros constam cerca de 75.000 empresas, muitas conhecidas nacionalmente. Os depoimentos dessas empresas, apesar de tudo, me parecem parques, e aqui volto às teorizações sobre a dádiva e a gratidão. Dá-me a impressão que as empresas, embora agradecidas, são breves, redundantes, superficiais, e apenas cumprem um papel de retribuição que anula dívidas éticas e morais para com a Catho, encerrando ali uma relação cujo sentido não precisa ir além do agenciamento econômico. Em um mercado capitalista não há porque ser diferente. Entre as que aprovam os serviços e se sentem completamente atendidas pela AGEON e cujos depoimentos estão contidos no “jogral” encontramos Volkswagen, Bradesco, Coca-Cola, Motorola, Serasa, Perdigão, Unimed, Santa Casa de São Paulo, Hospital Sarah Kubitschek, Contém 1g, respectivamente:

- A maior vantagem é a facilidade de acesso pelo currículo dos candidatos.
- A maior vantagem é o bom atendimento, serviço gratuito e o grande nível de profissionais cadastrados.
- Receber os currículos via e-mail é a principal vantagem.
- Encontramos currículos de pessoas habilitadas, dentro do perfil para as vagas que temos na empresa.
- Ter acesso a diferentes níveis de profissionais é a principal vantagem.
- A maior vantagem é a disponibilidade de currículos oferecidos.
- A maior vantagem é a repercussão que temos, já que muitas pessoas acessam o *site* em busca de novas oportunidades.
- Agilidade no processo seletivo é a principal vantagem!
- O melhor *site* online para anúncios, o mais divulgado!
- Recebemos ótimos currículos para as vagas anunciadas.

Independente da forma e do conteúdo que os ex-desempregados e empresários aplicam aos seus depoimentos, a despeito de haver ou não uma “real” gratidão e de serem espontâneos esses agradecimentos e elogios, a Catho insiste em colocar algo de sentimento, de emoção, de individualidade, de subjetividade em suas comunicações.

Quem as recebe sabe que há, por trás desse “sentimentalismo”, apenas uma estratégia de otimização, estratégias de fidelização que buscam tocar o cliente, como na mensagem automática que Odisseu recebeu quando de seu desligamento da Catho. Essas características ficam evidentes quando o *design* das mensagens transforma o ícone da alegria, a sorridente bolinha amarela, *smile face*²²² 😊 em uma bolinha azul, desconsolada e muda que diz: “Estamos tristes. Perdemos você!”.



Mais do que as teorizações sobre a dádiva e a gratidão, os depoimentos apresentam estratégias de poder e as escrituras foucaultianas sobre este tema se adequam às relações entre a Catho e seus clientes. A estratégia dos assinantes que, desempregados, pagam para ter a chance de concorrer a uma vaga, sem sequer ter a garantia de um retorno, se desdobra em subserviências e reconhecimento do “favor” prestado, da “benção” que graças à AGEON puderam alcançar. Certamente eles sabem que a Catho não fez mais do que cumprir sua obrigação, no entanto, a despeito disso, reverenciam essa obrigação como se fosse uma ajuda desinteressada. Diante da instabilidade que corrói o mercado de trabalho, mais que lutar para conseguir um emprego os indivíduos lutam para mantê-lo e sabem que, a qualquer momento, podem voltar a precisar dos serviços de uma AGEON. A relação de forças, no entanto, não aponta para os clientes como a parte dominada e mais fraca, dado que a existência das agências se deve ao desemprego deles. Na gangorra das forças, em alguns momentos a Catho implora pelas assinaturas; em outro momento, os assinantes imploram por uma vaga. O poder, como a água na qual estão mergulhadas as partes, ora escorre para um lado, ora para outro, ora mantém certo equilíbrio – naquele instante em que ambos estão satisfeitos: o assinante encontrou emprego, a Catho cumpriu seu papel. No segundo seguinte, já insatisfeito com seu trabalho ou temeroso de perdê-lo, o assinante volta a precisar da Catho, e a maré deriva para a AGEON; no segundo seguinte, quando o cliente volta a obter sucesso – o negócio da Catho – as águas, em permanente fluxo, se deslocam novamente, e a AGEON tem que buscar mais clientes.

²²² Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Smiley>>.

Entre tempestade e bonança, avanços dos oceanos sobre os continentes e recuos do mar, ilhas surgem do nada e da mesma forma desaparecem, espécies diversas nadam e se afogam nos fluxos intermitentes, nas relações suspensas, retomadas, nas quebras contratuais, em descontinuidades, frações que se agrupam e inteiros que se partem. A respeito desse fluxo incessante diz Foucault:

A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. (Foucault 1988:88-9)

Os depoimentos, portanto, devem ser vistos sob esse ângulo, percebidos através desses canhões de luzes incertas, que alumiam um ponto e logo se voltam para iluminar outro. A complexidade das relações *on-line* entre a Catho e seus usuários está eivada das características do poder assim como Foucault o percebe:

Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades encadeamento que e apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devermos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potencia de que alguns sejam dotados: é o nome dada a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (Foucault 1988:89)

Os dispositivos de controle e disciplina do trabalho e do trabalhador, na pós-modernidade não se limitam ao escritório, ao chão da fábrica, ao espaço onde a atividade é desenvolvida. Esses dispositivos, que tinham como meta aumentar não só a produção, mas promover a domesticação dos corpos, se transformaram em salões de lazer, academias, espaços lúdicos dentro das próprias empresas: ao invés de impedir que o operário, “desperdice tempo e dinheiro” (tomando café nos intervalos, ou se demorando demais no sanitário), no pós-industrialismo – alguns deles, os mais qualificados – têm a permissão de levar seus animais de estimação para os escritórios, onde são cuidados, desde que isso torne os funcionários mais felizes, ou porque não dizer, dóceis. As estratégias sofrem transformações, não só porque os empresários decidem, mas porque as lutas e exigências dos grupos trabalhadores os fazem repensá-las e os obrigam a alterações que lhes permitam manter o controle mesmo que seja

através de sua reengenharia²²³ que, assim como a palavra “gestão”, faz parte do jargão neoliberal.

Esses estratégias também estão presentes, na atualidade, em uma fase que antecede o exercício do trabalho, são artifícios que se manifestam na contratação de mão-de-obra. Não existe mais o carrancudo “capataz” entrevistador a fazer tremer o desempregado, humilhado, implorando uma vaga sob o olhar inquisidor de um entrevistador despreparado. Psicólogos institucionais, treinados, gentis e delicados aguardam aqueles que, após se submeterem ao processo de seleção *on-line* alcançam o direito de se submeter a uma entrevista face a face, estágio aonde eles já irão mais devoltos, pois podem se considerar pré-escolhidos. Nesse momento as relações de poder estarão sobre a mesa, enrolando-se nas gravatas e colares, na extensão dos gestos e palavras, se escondendo nas mangas de camisa ao lado das tatuagens, reprimidas ao lado dos cabelos bem penteados, nos corpos que se digladiam sem alarde: enquanto o trabalhador qualificado pensa que a empresa levará vantagem ao contratá-lo, representantes da contratante sabem que ali está alguém capaz de submeter-se e conformar-se com determinadas propostas contanto que deixe aquela sala com a certeza de ser, pela primeira vez, ou novamente, um indivíduo empregado. As características dos depoimentos citados provêm desses complexos ardis de poder, de parte a parte.

“E as desvantagens? E os problemas?”, perguntou-se Odisseu. Eu respondo: Além daqueles causados pelo P7DG e pelos processos que os usuários abrem contra a Catho na justiça, suas falas agressivas nos *sites* de reclamações e da polêmica da Catho com as suas concorrentes, Curriculum e Gelre, talvez diferentes tipos de danos e

²²³ A **Reengenharia**, criada por Michael Hammer, é um sistema administrativo utilizado pelas organizações para se manterem competitivas no mercado e alçarem as suas metas, reformulando o seu modo de fazer negócios, suas atividades e tarefas ou processos. A reengenharia para Stair e Reynolds (2002, p.39) é vista como “redesenho de processos, envolve a readequação dos processos empresariais, estruturas organizacionais, sistemas de informação e valores de organização objetivando uma guinada nos resultados do negócio”. O redesenho produz eficiência nos processos empresariais, pois a entrega de produtos é feita no menor espaço de tempo possível, os produtos e serviços são otimizados, a satisfação dos clientes, a lucratividade e o faturamento é crescente. Um processo empresarial inclui o planejamento – considerado atividade interna – e a tomada de decisão – considerada atividade externa. Estas atividades modificam entradas em saídas. São elas que norteiam a execução do trabalho. A reengenharia vem modificar o perfil do processo empresarial, proporcionando mudanças importantes para a Estrutura Organizacional, os Valores Organizacionais e os Sistemas de Informação. Entretanto, essas mudanças criam resistências aos empregados que já se consolidaram numa forma de trabalho. Daí resulta a grande dificuldade para a organização: barrar essas resistências e fazer com que eles entendam os benefícios deste novo sistema. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Reengenharia>>.

dificuldades apareçam nas estatísticas das variáveis relacionadas às regiões, gênero, idade, etnia e profissões, atributos que influem diretamente nas subjetividades dos usuários da Catho.

É dessas questões que tratarei no próximo capítulo.

A Catho Online recolocou mais de 50 mil pessoas no mercado de trabalho em apenas 4 anos.

ANUNCIAR CURRÍCULO
7 DIAS GRÁTIS
VEJA O PASSO-A-PASSO >

BUSCAR ANÚNCIOS DE VAGAS
GRÁTIS
VEJA O PASSO-A-PASSO >

ANUNCIAR VAGAS
GRÁTIS
VEJA O PASSO-A-PASSO >

BUSCAR ANÚNCIOS DE CURRÍCULOS
GRÁTIS
VEJA O PASSO-A-PASSO >

VAGAS ANUNCIADAS: ONTEM 7.519 - HOJE 11.927

CANDIDATOS CONTRATADOS: ONTEM 150 - HOJE 38 DIAS 1.367

ANÚNCIOS DE VAGAS DE EMPREGO	ANÚNCIOS DE CURRÍCULOS DE
Presidentes e Diretores 117	Presidentes e Diretores 1.036
Profissionais 139.363	Profissionais 98.151
Recém-formados 1.665	Recém-formados 7.856
Estagiários 22.727	Estagiários 23.529
Área de Saúde 9.910	Área de Saúde 1.890
Área de Informática 19.140	Área de Informática 2.460
Educação (Professores) 7.096	Educação (Professores) 2.245
Área de Telecom 2.666	Área de Telecom 835
Área Operacional 29.277	Área Operacional 3.826
Hoteis, Rest. e Turismo 3.256	Hoteis, Rest. e Turismo 1.067
Portador de Deficiência 3.136	Portador de Deficiência 1.642
Profissionais Inglês 2.034	Profissionais Inglês 1.745
Catão Transição de Carreira 270	Catão Transição de Carreira 1.626
Total de anúncios: 240.737 Vagas	Total de anúncios: 145.120 Currículos

EFETIVE A SUA ASSINATURA E COMECE A UTILIZAR ESTA FERRAMENTA AGORA MESMO!

4.962 PESSOAS CONSEQUIRAM EMPREGO PELO SITE DA CATHO EM AGOSTO!

EM SETEMBRO, FAÇA PARTE DESTA TURMA!

SEM SUCESSO É O NOSSO NEGÓCIO

Teste por 7 dias grátis

92.000 empresas já anunciaram na Catho Online

7 DIAS GRATUITOS

Semestral R\$ 279,00
Anual R\$ 498,00

NOME: _____

EMAIL: _____

ESTADO: São Paulo

CIDADE: SAO PAULO

TEL: _____

ÁREA PROFISSIONAL:
Administrativa
Administrativo Comercial
Administrativo/Operacional

NÍVEL HIERÁRQUICO: _____

Operários 1933 – TARSILA DO AMARAL [colagem]

CAPÍTULO III

a dupla dinâmica: capital e trabalho



Este capítulo final trata de dois pontos básicos: o perfil, a caracterização dos usuários da Catho e como a subjetividade deles afeta e é afetada pelas estratégias do capitalismo pós-industrial que infringiu, para seu próprio benefício, mudanças e alterações na sua forma de produzir, no consumo e a influência direta dessas metamorfoses na centralidade que sempre se atribuiu ao trabalho, como fundadora de identidades. Novas operações, maneiras de produzir e consumir, atingem os trabalhadores da contemporaneidade que, por sua vez, utilizam os mais variados artifícios para adaptarem, a essas modificações, seus sentimentos, atitudes e valores, criando novas formas de relacionamento entre o capital e o trabalho. Levarei em consideração, na construção do perfil dos usuários, a distribuição geográfica das vagas, o nível de educação e qualificação necessárias para que obtenham êxito na compra de um emprego, como também as questões relativas à idade, etnia e gênero. Em seguida, discutirei como as práticas discursivas da Catho, seus enunciados, a construção de sua imagem, seu jeito capitalista de ser, o *marketing* da agência, suas propostas, se encaixam no discurso neoliberal, e vice-versa, pois é a partir do perfil dos seus usuários que a Catho “vende seu peixe”, apostando na iniciativa privada e na absoluta liberdade de mercado. Longe de buscar dicotomias que expliquem a relação entre o capital e o trabalho, ou seja, entre a produção de objetos e a produção de subjetividades, mostrarei como esses movimentos não se restringem a uma dialética, que são muito mais variados e sutis do que uma tese, uma antítese e uma síntese. As dobras, encontros, choques e amplexos entre a forma de produzir capitalista e aqueles que nela estão inseridos como produtores e consumidores são tão dinâmicos que não podem ser capturados. Não é possível obter um retrato nítido desses embates. Nem mesmo a seqüência de vários fotogramas, que juntos formariam um filme, contariam a

sua exata verdade, pois todo filme é editado, há marcações, escolhas que perfazem um longo caminho desde a direção, escolha dos atores até à exibição. O que os leitores verão aqui é uma, entre várias possibilidades de montagem, das imagens que escolhi. Cortes e junções que conformam minha visão sobre o que é hoje, na pós-modernidade, uma de suas figuras mais proeminentes: o desemprego, e sua transformação em mercadoria.

3.1. 2008: ODISSEUS NO CIBERESPAÇO

carthografia dos assinantes

Começarei com a **questão da distribuição geográfica das vagas**. Para isso retomo o evento acontecido no Ginásio Epidauro, descrito no capítulo anterior, onde, além do folheto com a frequência das palavras mais usadas, Odisseu recebeu um outro, em cuja tabela, nas duas primeiras colunas, se liam as siglas dos Estados e respectivas cidades, na terceira coluna o número de assinantes pertencentes àquele local, e na quarta coluna o total de assinantes por Estado. Uma quantificação que aponta o Sudeste como a região com mais usuários. Dentro dela, o estado de São Paulo, e dentro dele, sua capital como campeã absoluta da venda de vagas. Isto significa que a maioria dos assinantes que depõem como tendo conseguido emprego através da Catho mora na cidade de São Paulo. Estranhamente, a cidade de Guarulhos – SP, apareceu em alguns depoimentos como pertencendo ao Estado do Paraná. Provavelmente um erro de digitação...

A grande ausência regional é o Norte, com apenas um assinante, de Belém do Pará, em oposição ao Sudeste, com 673 assinantes distribuídos em 57 cidades. Mas afinal, por que a prevalência desta região? A história da ocupação espacial do país aponta para diversas manchas coloniais, e para entender como se processaram as diferenciações é preciso voltar ao tempo das Capitânicas Hereditárias, da doação das terras, da demarcação do continente, das especificidades econômicas que foram atribuídas a cada território, o que não é nosso objetivo. Mas é bom frisar que fatos históricos como a instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808 e a

imigração européia no início do século XX fazem parte dos processos que levaram à construção das desigualdades histórico-espaciais e a uma maior ascendência do Sudeste sobre as outras regiões.

Embora o imaginário brasileiro esteja ligado a essa proeminência, o “resto” do território brasileiro sofreu e sofre ebulições de toda espécie, hoje e nos séculos passados. Na Bahia, em Pernambuco, no Maranhão, no Rio Grande do Sul, por exemplo, conflitos geo-históricos explodiram em demonstrações de poder das populações que se revoltavam gestando fenômenos como o cangaço, os quilombos, o milenarismo de Canudos – entre tantos outros. Máquinas de guerra montadas contra o estriamento dos territórios e do modo de vida dos seus habitantes; territorializações e desterritorializações, rizomas etnográficos. Muitos outros fatores implicam na compreensão de como os fluxos de urbanização e crescimento tenderam a ser mais fortes no Trópico de Capricórnio. Demarcações e nomenclaturas que envolvem as questões espaciais, durante muito tempo permaneceram como uma obviedade da qual o historicismo podia passar ao largo. A despeito da obsessão do século XIX com o tempo e a história

pequenos remoinhos de vívida imaginação geográfica sobreviveram fora das correntes principais do marxismo-leninismo e da ciência social positivista, mas eram difíceis de compreender e permaneceram decididamente periféricos. [...] No final da década de 1960, entretanto, essa longa tradição crítica moderna começou a se alterar. [...] A reafirmação do espaço e a interpretação das geografias pós-modernas não são apenas um foco de investigação empírica, atendendo à demanda de uma atenção crescente para com a forma espacial na pesquisa social concreta e na prática política esclarecida. Tampouco a reafirmação do espaço é simplesmente uma recomposição metafórica da teoria social, uma espacialização lingüística superficial que dê à geografia uma aparência de ter tanta importância teórica quanto a história. Levar o espaço a sério exige uma desconstrução e uma reconstituição muito mais profundas do pensamento e da análise críticos, em todos os níveis de abstração. (Soja 1993:11; 13-4)

Sobre a região Sudeste figuram discursos que indicam esse território como vitrine cultural do país, centro econômico, espaço do “acontecimento”, produtor de metrópoles e variedades culturais. Não obstante, o que pode parecer óbvio, como o conceito de região e a supremacia do Sudeste, pode ser mais bem compreendido observando-se as práticas discursivas provenientes e formadoras, ao mesmo tempo, de determinados interesses que inscreveram nas diferenças, desigualdades pejorativas.

[...] o que se diz da região não é o reflexo do que se vê *na* e *como* “região”. Os dois regimes de enunciação possuem uma independência, as palavras e as coisas são independentes; a região se institui, paulatinamente, por meio de práticas e discursos,

imagens e textos que podem ter, ou não, relação entre si, um não representa o outro. A verdade sobre a região é constituída a partir dessa batalha entre o visível e o dizível. (Albuquerque Jr. 2001:46)

Nos discursos e nas práticas da Catho, uma contradição: ela se coloca como “o maior *site* de anúncios de empregos e currículos do Brasil”, uma empresa de abrangência nacional, com escritórios em 15 dos 27 Estados do país (incluindo o Distrito Federal). Mas os números e estatísticas não parecem corresponder a essa afirmativa. A *Tabela 8* e os *Gráficos 1* e *2* mostram que sua expansão em alguns pontos do país é simbólica; mais de 90% de suas atividades acontecem, como já foi dito, no Sudeste, especificamente no Estado de São Paulo, mais especificamente, na capital.

SUDESTE			
SP	Americana	2	580
	Araçatuba	1	
	Araraquara	1	
	Barueri	8	
	Brag. Paulista	1	
	Caieiras	1	
	Campinas	19	
	Campo L. Paulista	2	
	Carapicuíba	7	
	Cotia	2	
	Diadema	2	
	Embú-Guaçú	1	
	Ferraz de Vascon.	1	
	Guaratinguetá	1	
	Guarulhos	14	
	Hortolândia	3	
	Indaiatuba	1	
	Jaguariúna	1	
	Jandira	1	
	Jundiaí	3	
	Limeira	1	
	Lins	1	
	Mauá	6	
	Mogi das Cruzes	1	
	Osasco	25	
	Paulínia	1	
	Ribeirão Preto	2	
	Rio Claro	1	
	São Bernardo do Campo	21	
	São Caetano do Sul	8	
	São José dos Campos	3	
	Salto	1	
	Santa B. D'Oeste	1	

	Santo André	20	
	Santos	5	
	S. J. do Rio Preto	1	
	São Paulo	403	
	Sorocaba	3	
	Taboão da Serra	2	
	Tietê	1	
	Valinhos	2	
RJ	Belford Roxo	1	65
	Duque de Caxias	2	
	Mesquita	1	
	Nilópolis	1	
	Niterói	2	
	Nova Iguaçu	1	
	Rio de Janeiro	54	
	São Gonçalo	1	
	São João de Meriti	1	
	Volta Redonda	1	
ES	Cariacica	1	2
	Vila Velha	1	
MG	Belo Horizonte	19	26
	Contagem	5	
	Itajubá	1	
	Santa Luzia	1	
CENTRO-OESTE			
DF	Brasília	5	5
GO	Goiânia	5	5
MS	Campo Grande	1	1
MT	Cuiabá	1	1
SUL			
PR	Curitiba	7	15
	Guarulhos	5	
	Jaguariaíva	1	
	Maringá	1	
	Telêmaco Borba	1	
RS	Gravataí	1	4
	Porto Alegre	3	
SC	Biguaçu	1	5
	Blumenau	2	
	Brusque	1	
	Concórdia	1	
NORDESTE			
BA	Abadia	1	10
	Itabuna	1	
	Salvador	8	
CE	Fortaleza	2	2
PE	Olinda	1	3
	Recife	2	
PI	Teresina	1	1
NORTE			
PA	Belém	1	1

TABELA 8. Assinantes por região de acordo com dados extraídos dos depoimentos.
Fonte: (ver Introdução, Nota 15).

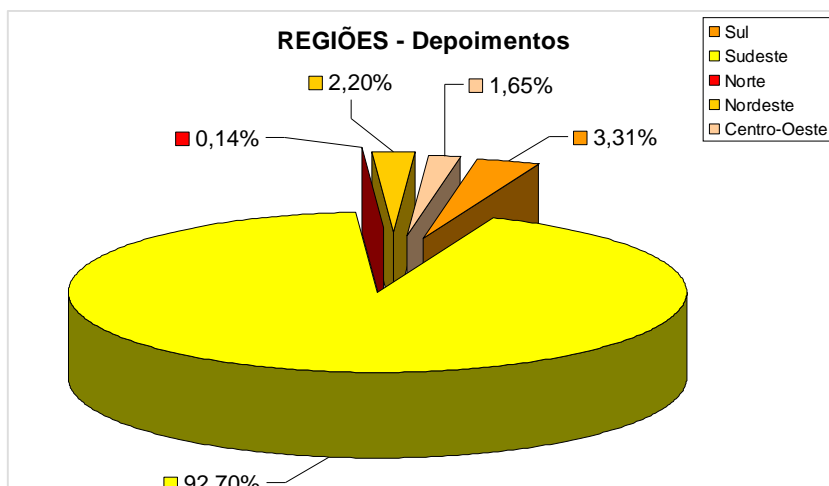


GRÁFICO 1. Percentagem de depoimentos por região brasileira²²⁴.

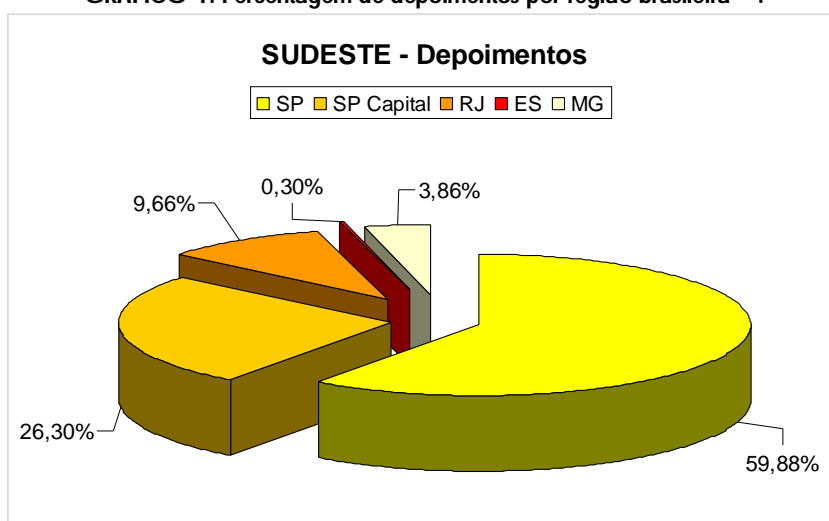


GRÁFICO 2. Percentagem de depoimentos no Sudeste.

O ABC paulista – pólo industrial formado por Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul – e as cidades de Guarulhos, Osasco e Campinas somam 49 assinantes, mais que quatro regiões brasileiras juntas. O Rio de Janeiro, segunda metrópole do Brasil, não comparece com os números esperados, a diferença para São Paulo é enorme. As cidades acima citadas “perdem” para o Estado do Rio somente por 16 assinantes, enquanto têm quase o dobro dos assinantes de Minas Gerais. O Espírito Santo tem uma representatividade quase tão baixa quanto a do Pará, que conta com apenas um usuário em toda a região Norte. O grande contingente do Sudeste, 92,70% dos participantes do jogral, deve-se, portanto, a São Paulo. Da região Centro-Oeste apenas as capitais, e a capital do país, aparecem na **carthografia** do trabalho, construída a partir dos depoimentos dos assinantes da Catho. De um modo geral, entre as regiões,

²²⁴ Os gráficos foram construídos a partir dos dados da Tabela 8, que por sua vez foi elaborada com base nos depoimentos de usuários da Catho (ver Introdução, nota 15).

somente no Sudeste aparecem cidades do interior, apesar de seus números serem praticamente insignificantes diante dos números das capitais. As exceções são algumas cidades interioranas do Sul, duas da Bahia. Olinda, em Pernambuco, é parte da conurbação que forma o grande Recife.

Parece estranho que não conste ninguém do Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima e Tocantins nos 726 depoimentos da amostra de assinantes da Catho. Se fossem analisados **todos** os depoimentos já dados por assinantes da AGEON haveria, certamente, algum assinante dos Estados acima mencionados. No entanto, mesmo assim, não é razoável pensar que os números da região Sudeste e da região Norte viessem a se equivaler.

Embora eu não tenha como objetivo explicar as desigualdades numéricas dos assinantes por região – e, sim, mostrar a cartografia do trabalho da Catho, especificamente –, uma explicação plausível para os dados observados seria considerar as extensões das regiões em relação às suas populações. A região Norte tem uma extensão de 3.869.637,9 km² (45,3% da superfície brasileira) e uma população de 14.623.316, enquanto a região Sudeste ocupa apenas 10,85% do território brasileiro com uma população de 77.873.120. Porém, a maior taxa de densidade demográfica brasileira se encontra no Distrito Federal (400,73%), seguido pelos estados do Rio de Janeiro (352,05%), São Paulo (163,93%) e Alagoas (108,61%), não sendo esse, portanto, um critério suficiente para explicar a enorme disparidade entre os números de assinantes do Sudeste em relação às demais regiões. Apesar de Alagoas ser o quarto estado com maior densidade demográfica, a cidade de Maceió sequer é citada nos depoimentos, assim como Sergipe (89,81%), em quinto lugar, e a Paraíba, oitava colocada no *ranking* da densidade demográfica (63,71%). E foi exatamente para a Paraíba que se deslocaram, de diversos estados, mas principalmente de São Paulo para o evento no Ginásio Epidauro, os 19 ônibus oferecidos pela Catho, enfeitados com propagandas, coroados por sua logomarca. Eles trouxeram para João Pessoa uma comitiva que fez a alegria dos hotéis e restaurantes da cidade.

Odisseu não compreendia como aquelas pessoas se davam ao trabalho e ao cansaço de tanta viagem para prestigiar a AGEON, nem o porquê da Catho financiar

evento de tal porte, muito menos a escolha de uma pequena capital do Nordeste para ser seu palco. Mas a “região” em foco tem investido fortemente na indústria do turismo e talvez tenha sido uma ótima oportunidade para os paulistanos conhecerem a Paraíba na Catho, a percentagem de vagas no Estado, em determinada data, foi cerca 2,0%²²⁵. No geral os números variam ligeiramente, segundo as estatísticas da própria Catho, em relação aos números colhidos nos depoimentos e, nas estatísticas da AGEON, a região Centro-Oeste foi suprimida.

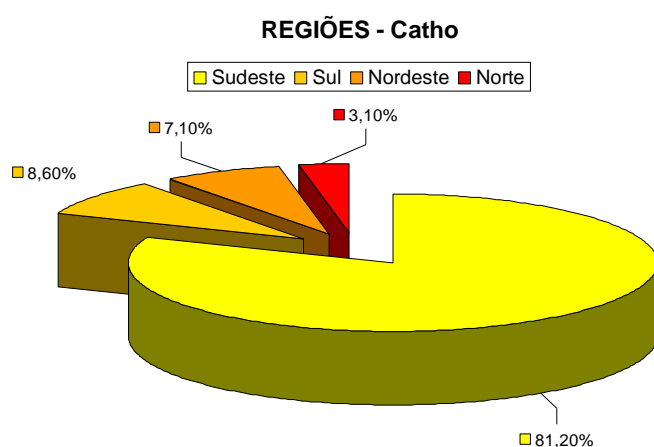


GRÁFICO 3. Percentagem de assinantes por região.
Fonte: <http://www.catho.com.br/publicidade/hotsite/perfil.php>.

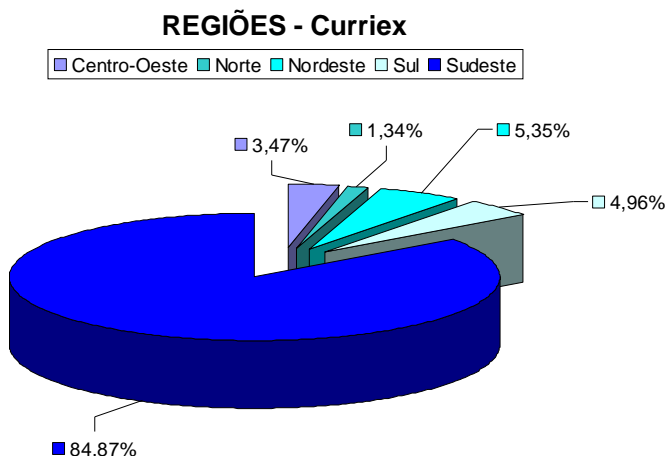


GRÁFICO 4. Percentagem de assinantes por região.
Fonte: <http://www.curriex.com.br/corporativo/estatisticas.asp>.

As principais concorrentes da Catho não oferecem estatísticas sobre seus assinantes no que diz respeito às categorias a que me propus analisar nesse primeiro item do capítulo. A Curriculum, por exemplo, mostra gráficos dos últimos seis meses

²²⁵ Das 240.737 vagas oferecidas na Catho em 24/03/2008, 5.282 vagas estavam anunciadas no *site* Catho Paraíba, o equivalente a 2,19% das vagas totais.

sobre buscas e visualizações de currículos, interesses em contato com candidatos, candidatos que informaram terem sido contratados, vagas anunciadas, envios de currículos para vagas, e assim por diante, mas não discrimina os assinantes por região, sexo ou profissão. A Manager não apresenta nenhuma estatística, tampouco a Monster. Apenas a Curriex²²⁶ dispõe em seu *site* dados sobre os assinantes. Nesses dados, não obstante pequenas variações percentuais, o Sudeste continua a dominar; em segundo lugar, vem o Sul, em seguida o Nordeste; e o Norte permanece como a região com menos assinantes. Os Estados de Sergipe, Acre e Amapá não fazem parte dos números da Curriex, e a soma dos percentuais dos outros 24 estados (incluindo o DF) não atinge os 100%, sendo de apenas 99,76%. O *Gráfico 4*, portanto, carrega essa inexatidão.

Embora haja uma diferença em torno de 10% entre os dados recolhidos dos depoimentos, e os dados das AGEONs Catho e Curriex, as estatísticas dessas empresas e os gráficos elaborados com base nos depoimentos dos assinantes da Catho, definitivamente, compõem um quadro que aponta para o Sudeste e o Sul como as regiões que mais vendem vagas.

Mas o alvo desse item não é procurar os bolsões de emprego ou desemprego, apontar os espaços onde há mais ou menos pessoas que não têm trabalho e sim

²²⁶ A Curriex surgiu no início da Internet comercial no Brasil, em janeiro de 1998, tornando-se precursora, no mercado *on-line*, em seu segmento de atuação. Nossa proposta é oferecer a qualquer profissional que esteja buscando nova colocação no mercado de trabalho, uma ferramenta que otimize os resultados de tal processo, além do fornecimento de informações que visam o desenvolvimento da carreira de profissionais e universitários, não importando se estão ou não em busca de um novo emprego. Os candidatos contam com um recurso que viabiliza a exposição do currículo para uma infinidade de empresas contratantes, em diversos segmentos, localidades e porte, aumentando suas chances de recolocação profissional ou de experimentar o primeiro emprego. Os candidatos contam ainda com a busca de vagas cadastradas no site e o envio das mesmas via e-mail sempre que forem de acordo com o perfil do currículo do candidato, isto é, vagas em aberto serão enviadas diretamente aos e-mails dos associados candidatos da Curriex. Já as empresas contratantes, pesquisam e selecionam currículos no banco de dados da Curriex, sem custos e de forma simples, rápida e eficiente. O Site é diariamente atualizado com dicas importantes sobre a elaboração de currículo, participação em dinâmicas de grupo, entrevistas de seleção, testes interativos de perfil profissional e personalidade, informações sobre mercado de trabalho e desenvolvimento profissional, dentre outras, cujo objetivo é manter os candidatos e profissionais sempre bem informados com o mercado de trabalho. Nesses últimos sete anos, a Curriex fora artigo e matéria em diversos órgãos da imprensa, totalizando mais de 60 artigos, em veículos tais como: Folha de SP, O Globo, O Estado de SP, Revista Veja, Época, Isto é Dinheiro, Você S/A, Revista da Web, Jornal da Tarde, Gazeta Mercantil, Revista Exame, Jornal Zero Hora, dentre outras. Este reconhecimento da imprensa e dos usuários da Curriex é a maior prova do nosso trabalho de pioneirismo, dedicação e geração de resultados. Para o funcionamento do site Curriex, contamos com a parceria da Interart Comunicação & Sistemas, empresa estabelecida desde 1997 com larga experiência no desenvolvimento de sites e tecnologia para *e-business* e *e-commerce*. A infra-estrutura de tecnologia e comunicação *Web* empregada no site Curriex está entre as mais desenvolvidas e testadas dentre os existentes no segmento da Internet brasileira. No portal Curriex.com.br, investimos constantemente no desenvolvimento e implementação de novas tecnologias *web*, bancos de dados, automação de processos e agregação de serviços *on-line*, tornando o *website* mais dinâmico, ágil e seguro, possibilitando melhor atender as necessidades de atuação da empresa e de seus clientes e parceiros. Disponível em: <<http://www.curriex.com.br/corporativo/quemsomos.asp>>.

localizar os assinantes da Catho. Um, aliás, uma, como já é sabido, mora em Belém do Pará, se chama Lorena Cavalcante Brasil e no dia 16 de outubro de 2007 deixou o seguinte depoimento no *site* da Catho:

– Não acreditava muito em sites de empregos, agora vi que a realidade é outra, fui contratada em menos de 15 dias.

E os outros 725 assinantes, onde moram? Em São Paulo, capital, 508. E os 217 restantes? Treze moram em capitais do Nordeste: oito em Salvador, dois em Fortaleza, dois no Recife e um em Teresina. Eis o depoimento de alguns deles:

– Muito bacana! Através do *site* consegui meu emprego, eu posso dizer que foi um dinheiro bem gasto!! Julian Gutierrez – 20/08/2003. BA.

– Um grupo muito qualificado, espero futuramente voltar a ser um parceiro de vocês. Vitório Andson – 18/06/2005. CE.

– Desde que iniciei minha carreira hoteleira tenho confiado à Catho meu CV. Consegui excelentes colocações. Desta mesma forma, confio à Catho a seleção de profissionais quando necessito efetuar contratações. Kátia Cilene F. da Silva – 27/05/2005. PE.

– Antes de cadastrar meu currículo, eu achava que esse tipo de serviço não funcionava. Hoje eu não só penso diferente como recomendo a todos que conheço essa ferramenta de recolocação. E mais, cadastrei-me em outros sites de recolocação, mas a melhor resposta que tive foi da Catho. Hoje estou muito bem recolocada e sei que, se precisar novamente, já tenho endereço certo de busca: www.catho.com.br. Daniella Haickel – 18/09/2007. PI.

Dos 204 restantes, sete estão em Curitiba e três em Porto Alegre; cinco em Brasília, e cinco em Goiânia; um em Cuiabá e mais um em Campo Grande. Sobram 182. De Belo Horizonte são 19; do Rio de Janeiro, capital, 64. Restam agora 99. Da capital do Espírito Santo, Vitória, ninguém; apenas Julienny Zandonadi, de Cariacica e Josimeri de Carvalho Vitoriano, de Vila Velha, cidades do interior do Estado. Ninguém da capital de Santa Catarina, Florianópolis, mas no interior – Palhoça, Biguaçu, Blumenau, Brusque e Concórdia – vamos encontrar cinco assinantes que depõem sobre a Catho:

– Ótimo. Surpreendi-me ao receber 3 contatos no primeiro dia de cadastro. Pablo Schoeffel – 27/05/2005.

– Bom *Site*, consegui um emprego e recomendo. Anelisa Morari – 28/05/2005.

– Achei o *site* Catho Online fantástico. Fiquei surpreso com o poder de divulgação e vislumbrado (sic) com as oportunidades de trabalho que surgiram. Minha nota para a equipe de trabalho de vocês é mil. Parabéns e mantenham o nível. Roberto Guedes – 11/06/2005.

– Através da Catho tive diversas oportunidades de empregos e consegui uma excelente colocação no mercado de trabalho. A assistência que recebi da Catho foi fantástica. Valdinei Antonio Vitor – 27/08/2007.

– Recomendo para minhas colegas, pois consegui o emprego antes do esperado. Agradeço. Dirce Graff Brandt – 20/09/2007

Faltam 92. No interior da Bahia, em Abadia, Ildicéia Feitoza Borges; e Fábio Cardoso em Itabuna, respectivamente.

- Um excelente *site*, indiquei para uma grande parte dos meus amigos, que também conseguiram o emprego através de Catho.
- É um *site* simplesmente incrível, consegui um emprego em apenas um mês. Mesmo estando no interior, onde nunca achei que a Catho poderia chegar, mas chegou.

Ednaldo Evangelista de Lacerda Júnior, de Olinda, diz, em 28/05/2005: “Achei o *site* muito bom, com conteúdo interessante. Agradeço à Catho a minha recolocação no mercado de trabalho”. Consegui achar seu endereço completo e seu telefone no *site* <<http://www.telelistas.net>> e lhe enviei um pedido de entrevista. Não telefonei. Prefери esperar uma resposta, mas apenas recebi a carta de volta: Ednaldo não mora mais ali.

Os outros 89 estão espalhados nos interiores de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. São habitantes de Americana, Caieiras, Contagem, Mesquita, Carapicuíba e Embú-Guaçú; são cidadãos de Hortolândia, Jaguariúna e Itajubá; estão em Taboão da Serra, Nilópolis e Valinhos; se encontram em Belford Roxo e Niterói; residem em Jaguariava, Santa Luzia, Telêmaco Borba, Araçatuba, Barueri, Mauá e Lins. Maria Adriana Aoki vive em Paulínia-SP²²⁷ – onde o Centro de Ação Comunitária “Pronto para o Trabalho” oferece gratuitamente cursos e vagas – e Haroldo Nogueira, que mora em Gravataí-RS, classificada como uma das cidades que mais crescem no Brasil, se destacando no cenário econômico ao combinar crescimento e ampliação da qualidade de vida. Sua renda *per capita* é de R\$ 12.826,00 e seu PIB de R\$ 3.248.540,00²²⁸. Eu poderia fornecer informações detalhadas sobre cada uma dessas cidades, e das dezenas de outras que escolhi não citar. Mas a resposta para “Onde moram esses odisseus?” já foi dada: moram pelo Brasil afora, mas estão concentrados em São Paulo. São odisseus paulistas, principalmente, que percorrem o ciberespaço da Catho em busca de empregos. São eles que, em geral, compram vagas da AGEON que vende qualificação e trabalho. Se paulistas e paulistanos são a maioria dos usuários da Catho, a AGEON se esforça para alcançar e manter os poucos clientes de outros territórios.

²²⁷ Disponível em: <<http://www.paulinia.sp.gov.br/caco.php?index=vagas>>.

²²⁸ Disponível em: <<http://www.gravatai.rs.gov.br/perfil.php>>.

Para lembrar, em fevereiro de 2008 a Sra. Gabrilea Tejo, da ATC Catho, na Paraíba, entrou em contato com Odisseu (*ver* p.130). Depois dessa comunicação inicial, mais dois *e-mails* foram enviados (dias 2 e 16/03) convocando-o a interagir. No texto constavam telefones, endereço eletrônico e endereço físico. Um dos comunicados começava assim:

Em alguns momentos você sente vontade de começar tudo novamente ou mudar algo em sua carreira? Tenha certeza que isso é possível!

“Estimulante. E como é simpática essa Sra. Tejo! Tão jovem e já casada, que pena”, pensou Odisseu, e cantou mais um canto de espantar sereias: “Gabrieeela, sempre Gabrieeela... eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim...”. Temeroso de, pessoalmente, sucumbir aos encantos da Catho, Odisseu evitou o contato direto, embora a curiosidade de ver, *in loco*, um escritório da AGEON o deixasse inquieto. Começou a fazer contas:

Cinco mil vagas para a Paraíba, possibilidade de, vamos dizer, por cima, 2 mil assinantes, a R\$59,00 dá um total de R\$118.000,00 mensais. Mesmo que esses 118 mil se transformem em apenas 30, já pode ser considerado um bom lucro para uma empresa. E não estou contando com os cursos e consultorias. Torno a constatar: o desemprego é realmente um ótimo negócio. Não houvesse uma franquia da Catho por aqui e eu mesmo pensaria em abrir uma.

Odisseu continuou a fazer cálculos mentais sobre a possibilidade de enriquecer com uma franquia da Catho, até que adormeceu, deixando para depois alguns trabalhos de digitação que tinha conseguido e através dos quais se mantinha. Sonhou que era o esposo da Sra. Tejo e suas lojas Catho tinham se espalhado e dominado todo o “mercado de desemprego” do Nordeste.

Depois de avaliar a distribuição geográfica dos assinantes da Catho, analisarei agora as **questões relativas aos gêneros**, a porcentagem de homens e mulheres que procuram e acham emprego através da Catho. As mídias são fartas em informações a respeito de como as mulheres avançaram e abocanharam bons pedaços do mercado de trabalho: suas lutas, discursos e práticas, há décadas, têm vindo à tona com força e irrevogabilidade. Eu poderia, teoricamente, abordar essa questão a partir do ponto de visto do gênero, no entanto

As recentes críticas desconstrutivistas das teorizações feministas e *queer*²²⁹ desafiam o conceito de gênero a ponto de torná-lo virtualmente inútil para teorizar subjetividade e identidade. A proposta de Toril Moi é abandonar totalmente este conceito e retomar o de corpo vivido, oriundo da fenomenologia existencial. Mas talvez seja frutífero cruzar ambos no sentido de fazer uma diferenciação sócio-histórica e institucional dos corpos e usar o gênero como ferramenta, para teorizar estruturas mais que sujeitos. Em seu ensaio profundo e provocativo “O que é uma Mulher?”, Toril Moi argumenta que recentes teorizações feministas e *queer* conduziram-nos ao fim de linha da abordagem construtivista de gênero. Enquanto as teorias feministas dos anos 70 apontavam uma diferença entre sexo e gênero, liberando ambos na teoria e na prática, as posteriores críticas feministas e *queer* questionaram, com razão, essa distinção. Ao desestabilizar ambas as categorias de sexo biológico e identidade de gênero, as recentes abordagens desconstrutivistas das teorizações feministas e *queer* abriram grandes possibilidades para se pensar a pluralidade ao cruzar identidades e práticas.

As especificidades, mitos e tabus sobre as profissões, envolvem uma carga de preconceito e de etnografia, pois culturalmente sempre existiram tarefas delegadas segundo o sexo. Embora a minha intenção seja avaliar a venda de vagas em relação a homens e mulheres, é necessário, *em passant*, frisar a orientação sexual, o que levaria a considerar, mais que homens e mulheres, o universo dos Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros – GLTB. Todavia, a ficha cadastral da Catho – como acredito, nenhuma outra ficha cadastral – apresenta opções relacionadas à sexualidade, mas apenas ao sexo. Isso não impede que essa subjetividade seja incorporada às questões relacionadas ao mundo do trabalho, pois é sabido que há impedimentos a esse respeito. No endereço <<http://www.stop-discrimination.info>>, por exemplo, é possível encontrar uma multiplicidade de artigos sobre a discriminação de indivíduos no trabalho devido a sua orientação sexual.

Gays e Lésbicas no Reino Unido Impedidos de Revelarem a sua Sexualidade no Local de Trabalho - 13.01.2006

Gays em casa, mas não no local de trabalho. No Reino Unido, os homossexuais começaram recentemente a visitar as conservatórias locais para dizerem o “sim”. Mas quando se trata de serem honestos com os seus colegas de trabalho, cerca de metade dizem “não posso”. Os novos estudos explicam porquê²³⁰.

Independente da discriminação da orientação sexual, algumas profissões, durante muito tempo, foram restritas aos homens. Só a eles cabia ser eletricitistas,

²²⁹ *Queer* é um termo que proveio do inglês. Seu significado atual tem a ver com gays, lésbicas, transgêneros e outras minorias. Seu significado inicial pode ser compreendido através da história da criação do termo, inicialmente uma gíria inglesa. Literalmente significa “estranho”, mas a palavra foi usada em uma superposição de significado com a palavra *queen*, ou “rainha”. Assim, seu significado completo seria de um homossexual masculino bastante afeminado, pois este seria ao mesmo tempo uma rainha e algo de muito estranho. Outra derivação pode ser que *queer* se derivou palavra *quare* do Inglês Antigo, que significaria “questionado ou desconhecido”. Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Queer>.

²³⁰ Texto integral disponível em: <[stop-discrimination](http://www.stop-discrimination.info)>.

encanadores, pintores, reparadores de equipamentos eletrônicos, mecânicos, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, torneiros mecânicos, serralheiros e soldadores. Alguns mitos foram criados em torno do exercício de algumas profissões, como a pesca e o trabalho nas minas, onde a presença de mulheres seria danosa e traria má sorte. Da mesma forma, outras profissões eram exclusivas das mulheres. Com raras exceções a sociedade aceitava manicuros e pedicuros; só as fêmeas deviam bordar, ensinar crianças, ou se tornarem recepcionistas, enfermeiras e secretárias.

Segundo estatística e gráfico da própria Catho há um pouco mais de assinantes do sexo masculino, mas a diferença percentual é tão pequena que deixa o mercado-Catho praticamente dividido ao meio entre homens e mulheres.

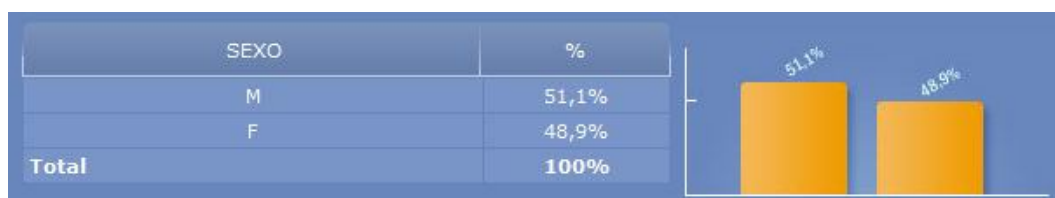


FIGURA 22. Perfil dos assinantes Catho, por sexo.

Fonte: <http://www.catho.com.br/publicidade/hotsite/perfil.php>.

Esses números estão de acordo com os depoimentos dos assinantes. Dos 726 usuários escolhidos aleatoriamente, 353 (48,62%) são mulheres e 373 (51,38%), homens. Não notei diferenças significativas nos tons dos depoimentos de homens e mulheres. Ambos são enfáticos, elogiosos; uns e outros agradecem os empregos conseguidos e se dizem satisfeitos com os serviços da Catho usando uma linguagem que, por si, não os diferencia.

No Mural de Vagas Operacionais da Catho para se atingir, efetivamente, o que o contratante procura e oferece, são necessários alguns cliques, passar por algumas “janelas”. Primeiro o candidato escolhe clicar sobre uma função e, de início, a declinação de gênero nem sempre é apontada, como no caso de “cozinheiro” que está no masculino. Mas, ao escolher esse título, veremos com mais clareza a preferência de cada contratante, pois há vagas para homens, para mulheres e vagas “unissex”: cozinheiro, cozinheira, cozinheiro(a). O mesmo acontece com cabeleireiro, camareira, garçom. Para os cargos de arrumadeira, atriz, e *barman* é possível se pensar que o anunciante da vaga opta exclusivamente por mulheres ou homens nos cargos, contudo ao abrirmos esses *links* vamos encontrar vagas para arrumadores, atores e *bargirls*. Ao

clicar em barman nos deparamos com a descrição da empresa e da vaga. É nesse estágio da busca que se tornam mais específicas as necessidades e exigências do contratador.

Nos dados da empresa contratante constam nome, descrição sumária, ramo de atividade, porte, nacionalidade e informações sobre o cadastro, há quanto tempo a empresa está cadastrada na Catho e quantas vagas já anunciou. Esses dados servem para dar credibilidade ao empregador. Os dados da vaga contêm um título, a data de entrada da vaga no *site*, a quantidade de vagas oferecidas pela empresa para aquele cargo, observações – onde, na verdade, são feitas as exigências – a faixa salarial, o cargo, e a(s) cidade(s) onde é oferecida a vaga, ou as vagas. Algumas dessas informações só estão disponíveis para usuários cadastrados. Principalmente o nome da empresa costuma estar indisponível para não-assinantes, pois dessa forma a Catho protege sua intermediação. Quando o nome da empresa é mostrado, a AGEON corre o risco de que o usuário, justamente aquele que é apenas visitante e está utilizando a busca gratuita, entre em contato direto com o empregador, o que a tornaria desnecessária.

Faxineiro ou faxineira? Manicuro ou manicure? Não tive acesso ao preenchimento de um formulário de exposição de vaga, mas me parece que a questão relativa ao sexo dos usuários que buscam emprego não é explicitada, não há um campo onde esteja escrita a preferência do empregador, porque isso soaria como discriminação e preconceito, atitudes que as empresas já preferem não associar aos seus nomes, até mesmo porque podem ser acusadas de crime. Percebem-se exigências relativas ao local de residência, ao tempo de experiência, e a outros desejos do empregador, como por exemplo, que o candidato seja comunicativo, dinâmico, pró-ativo, que tenha disponibilidade de horários e possa viajar, se necessário. No quadro geral, algumas vagas automaticamente exigem que o candidato, para algumas funções, seja mulher, no caso de depiladora, arrumadeira, babá ou atriz, por exemplo.

A diferenciação entre título da vaga e cargo é um pouco nebulosa, assim como existem diferenças sutis na nomenclatura usada. Ao se clicar, por exemplo, em faxineiro, serão encontradas vagas para faxineiro, faxineira, auxiliar de limpeza, auxiliar de serviços, auxiliar de serviços gerais, ajudante de limpeza, auxiliar de

limpeza hospitalar, ajudante geral de limpeza e ajudante de higienização. Por outro lado, existem *links* diretos para os títulos de “ajudante” e “auxiliar de serviços”. Isso pode implicar em um acréscimo do número de vagas oferecidas pela Catho quando se trata apenas de uma repetição. Inclusive já foram feitas reclamações e denúncias nesse sentido.

Uma das concorrentes, a Curriex não apresenta em seu *site* estatística referente ao sexo dos seus assinantes, e como já foi dito, as outras maiores concorrentes da Catho, a Manager, a Monster e a Curriculum não fornecem quaisquer estatísticas. O que temos sobre nossos odisseus, por enquanto, é que moram principalmente no Sudeste e estão divididos equitativamente entre homens e mulheres. Vou abordar mais um aspecto do perfil desses usuários, as **questões relativas à faixa etária**.

Muitos estudiosos, ONGs e livros de auto-ajuda insistem em dourar a velhice. Infelizmente, essa cor explode em chumbo quando se trata da questão do emprego e seu avesso, o desemprego.

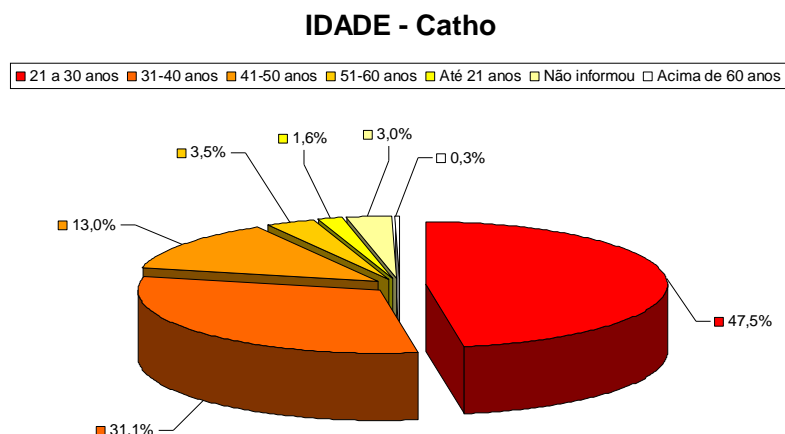


GRÁFICO 5. Percentagem de assinantes por idade.

Fonte: <http://www.catho.com.br/publicidade/hotsite/perfil.php>.

Como é possível observar no gráfico, o profissional com mais de 40 anos tem um terço das chances de um jovem entre 21 e 30 anos. Não sei se essa é uma característica internacional, pois o que interessa aqui é traçar o perfil do assinante da Catho. O fato é que, jovens senhores e senhoras não têm a mesma facilidade em conseguir uma vaga no mercado de trabalho. Contudo, a despeito desses números, na opinião de José Pastore, “os idosos estão na moda”.

Quem diria que, de repente, as empresas começariam a se interessar pelo trabalho dos idosos? Pois é isso que está acontecendo em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. [...] Segundo dados da OIT, cerca de 71% dos japoneses aposentados estão trabalhando. É uma proporção impressionante! Os idosos de hoje são sadios e

produtivos. A maioria consegue trabalhar em tempo integral; outros trabalham em tempo parcial ou em dias alternados; há ainda os que executam projetos. [...] Entre nós as empresas também começam a se interessar pelos idosos. Isso é especialmente visível no comércio e serviços. Inúmeros supermercados empregam donas de casa idosas como fonte de atração e fidelização dos clientes. Outros ramos do comércio e dos serviços estão indo para o mesmo caminho como é o caso de escolas que admitem professoras aposentadas para fazer supervisão no recreio ou clínicas que preferem os idosos para assistir aos doentes. [...] Em pesquisa realizada em 2001, 85% dos americanos pretendiam trabalhar além dos 65 anos de idade. E isso já está acontecendo. Muitos países – Estados Unidos e Inglaterra foram os pioneiros – já adotaram um sistema progressivo, saindo dos 60 anos e chegando aos 67 anos ao longo de dez anos. Esses mesmos países já consideram ampliar a idade de aposentadoria para 70 anos até 2020. Tal expediente cabe muito bem para o Brasil, onde a vida média ultrapassou os 70 anos e a Previdência Social está obrigada (ainda) a aposentar pessoas com 55 anos.

Membro do Fórum da Catho, Fernando Antonio Godoy de Andrade não é tão otimista assim. Segundo ele,

É mais ou menos assim: Depois que você atinge os 30 é considerado maduro, que tem histórico, que deve ser aproveitado, desde que... Começam as restrições, pois já não será tão barato quanto um recém saído de escolas, que tem mais gás, dinamismo e outras qualidades. Quando os 40 se aproximam, surge uma sombra, um fantasma, um peso, uma preocupação, muitas desculpas, faltas de tempo, faltas de respostas e um comportamento típico de ser evitado como se tivesse uma lepra, um câncer ou outro mal contagioso, que só a falta de alternativas ou algo que todos evitam mereça então ser lembrado. Chegam os 50 e a lápide já está escrita. Foi como se durante os 40 caminhasse ao túmulo e nesta marca que concretize-se o enterro. A informalidade é uma imposição das circunstâncias e mesmo assim para quem já esteja nela. Muitos como eu ainda assim fecham os olhos para a realidade e se inscrevem na Catho, Manager, Currículo, Talento e tantos outros numa cruzada insana que dura meses, emplacam anos e se cruzam nas Lan House da vida, fingindo não se reconhecerem no mesmo apuro e busca de uma resposta dentre tantos envios que simplesmente não chega, raros aqueles que apenas agradecem, mas devia ser obrigatório, para facilitar ao sujeito cair na real e parar de viver de simples esperança. Fernando Godoy 52 anos e há mais de um ano inscrito na Catho...

A subjetividade de um “idoso” nos leva imediatamente a pensar em um ser mais “rico” em experiência, alguém mais treinado para tomar decisões. Mas isso são apenas impressões, variações do “senso comum”, embora em muitas sociedades pré-capitalistas a antropologia observar que os “velhos” têm lugar privilegiado, e cabe a eles, pela carga de sabedoria que a vivência lhes deu, tomar decisões difíceis, aconselhar os mais jovens. Esse seria seu trabalho. Na sociedade contemporânea os idosos são um peso para os programas de previdência social e basta dar uma ligeira espiada nos asilos para perceber que muitos deles são tratados como sucata do sistema. Até as crianças recebem mais atenção, pois são futuros produtores, enquanto que os que ultrapassaram a faixa dos sessenta representam apenas gastos. Com mais esse dado sobre os assinantes da Catho, vamos confirmando o perfil da maioria dos seus

assinantes: moram no Sudeste, estão divididos entre homens e mulheres na mesma proporção, e têm entre 21 e 40 anos. Qual seria o retrato falado desses odisseus? Alguém bem vestido, disposto, na flor da idade, que tanto pode ser um homem como uma mulher, desde que correspondam às necessidades das políticas neoliberais: produzir, consumir, ter agilidade, mobilidade, força. Um jovem exército misto disposto a encarar as grandes cidades e seus desafios. Esses são os “vencedores”.

Mas, e no que diz respeito à formação desses indivíduos? Com quantos graus se faz um profissional? Qual a importância dos estudos para se comprar com mais facilidade uma vaga de emprego? Essas são as **questões relativas à formação acadêmica** que estão diretamente ligadas às **questões relativas à área profissional**.

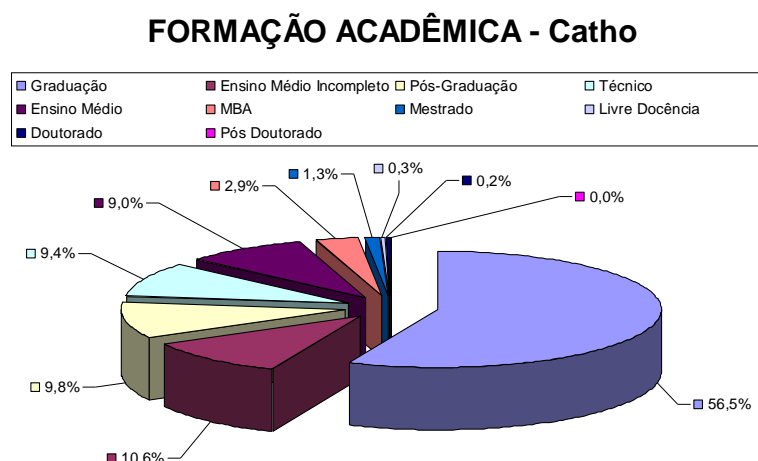


GRÁFICO 6. Percentagem de assinantes formação acadêmica.
 Fonte: <http://www.catho.com.br/publicidade/hotsite/perfil.php>.

Os mestres, doutores, pós-doutores e livres docentes não somam 2% dos assinantes da Catho. Pode-se deduzir, inferir, que esses profissionais não têm colocação nas empresas e serviços de uma maneira geral, estando locados em universidades públicas e privadas. A graduação e os ensinos médio e técnico respondem pela maioria das vagas de emprego vendidas pela Catho. Há várias “lendas” em torno do grau de qualificação necessário para que um indivíduo consiga mais facilmente um emprego no mercado de trabalho contemporâneo. Mas que espécie de qualificação seria essa, se o grau acadêmico, ao invés de ser um fator positivo, parece ser um entrave? A qualificação exigida pelo mercado se refere a uma profissão, um profissional que realize tarefas, desempenhe funções específicas, sem necessariamente o afunilamento do especialista pesquisador. Ao observar as principais

atividades e as áreas profissionais às quais elas estão ligadas, mais uma vez confirma-se a tendência contemporânea, pós-moderna, neo-liberal que valoriza a gestão, a administração, as vendas e finanças. Os engenheiros e profissionais da saúde e do *marketing* também fazem parte do grupo que alcança a empregabilidade com um pouco menos de obstáculos e somados são mais da metade dos profissionais que conseguem emprego através da Catho (59,3%). As profissões valorizadas, levando em consideração os números da Catho, são um *flash* da nossa atual sociedade, seu foco na gerência, no consumo e nos jogos financeiros. Não consegui saber quem são os *outros* 23% de profissionais que a Catho consegue empregar. Por outro lado, consegui dados de uma de suas concorrentes. Contudo, o quadro dos profissionais, extremamente detalhado, e ordenado por ordem alfabética, repete as mesmas estatísticas da Catho, com clara dominância da área administrativa, acompanhada de perto pelas áreas relacionadas a vendas, comércio e tecnologia, especialmente a informática.

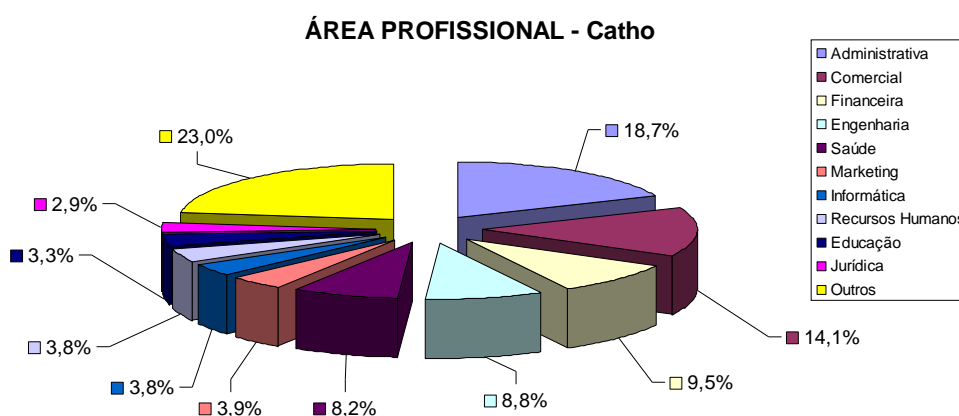


GRÁFICO 7. Percentagem de assinantes por área profissional.

Fonte: <http://www.catho.com.br/publicidade/hotsite/perfil.php>.

Em um artigo na 234ª edição da *newsletter* Carreira e Sucesso, intitulado *Dicas para jovens*, publicado on-line pela Catho em junho de 2006, Thomas Amos Case, ex-proprietário da Catho, então com 66 anos de idade, afirma, entre outras coisas que “ambição, competitividade e domínio são as três competências que mais influenciam o salário da pessoa”. Mr. Case, fundador da Catho, aconselha também o que estudar:

Primeiro, deve-se estudar algo que se goste, para ter paixão pelos seus estudos. Se for possível, dentro de seus interesses, o estudo das ciências exatas, como Engenharia, Física e Matemática, vai proporcionar uma vantagem competitiva no

mercado de trabalho. As empresas gostam de profissionais da área de ciências exatas pela forma de pensar e analisar problemas²³¹.

Os números da Curriex contradizem com veemência o conselho de Mr. Case. Segundo seu quadro de vagas por área de formação para estagiários e recém-formados as ciências humanas representam quase 64% das possibilidades de emprego.



FIGURA 23. Vagas por área de formação. Estatísticas da Curriex.

Fonte: <http://www.curriex.com.br/corporativo/estatistics.asp>.

Essa contradição não entra em mais um retoque a ser acrescentado ao retrato 3x4, em preto e branco, do assinante da Catho. Quando uso os termos 3x4 e *p&b* é porque é a forma como os trabalhadores apareciam tradicionalmente na primeira folha de suas carteiras de trabalho. Quero dizer com isso que esse perfil que estou traçando é uma grande e gelatinosa generalização. Então, feitas essas ressalvas, continuemos a compor o “protótipo” do usuário Catho: como já foi dito, a maioria mora no Sudeste; estão divididos entre homens e mulheres na mesma proporção; têm entre 21 e 40 anos; trabalham principalmente com as áreas de vendas e gestão, e sua escolaridade está entre o ensino médio e a graduação.

Para finalizar esse rosto abstrato, médio, vulgarizado – no sentido de não possuir ainda uma subjetividade – vamos olhar, mais uma vez, para o retrato em preto e branco. A pergunta que não quero calar, mas à qual eu também não saberia responder (exceto por instinto, intuição, heurística, talvez – nenhum método que a Ciência aprove): qual a cor da pele dos assinantes da Catho? Isso importa na hora de conseguir um emprego? Não possuo esses dados. Eles não afloram nos depoimentos. Dizem que uma cabeça pensa melhor que duas. Deixo então às cabeças dos leitores e entrego à sua imaginação o colorido dos assinantes da Catho.

²³¹ Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=6733>.

3.2. SUBJETIVIDADES PLURAIS

a centralidade do rizoma

Nesse item o perfil do usuário, traçado *grosso modo*, será utilizado para considerar o que os dados podem apontar sobre a subjetividade dos assinantes da Catho, sobre como o capitalismo e a subjetividade, em movimentos amplos, não seriais ou não cíclicos, não de ida e vindas, apenas se incrustam e se misturam um ao outro. Tal qual a mão de um ceramista que esculpe peças únicas onde ora a subjetividade é o barro, ora o capitalismo é o fogo, ora o contrário. E mais ainda, onde em determinados momentos é impossível discernir quem é quem. O ceramista é o processo, o tempo e o espaço, a sociedade, indivíduos vivendo coletivamente em uma contemporaneidade onde os vínculos entre o capital e o trabalho sofreram densas metamorfoses na indústria de máquinas pesadas, na agricultura familiar, nos meios de comunicação, nas ciências biológicas e tecnológicas. Dessas transformações emergiu o conceito de meio ambiente que por sua vez substantivou o planeta e adotou a globalização como o parâmetro para novas subjetividades que devem levar em conta bem mais que o universo do lar e do trabalho.

Termos como pós-modernidade e pós-industrialização são elos entre algumas correntes do pensamento contemporâneo afirmadoras de que a disputa moderna entre capital e trabalho, colocada principalmente pelo marxismo, é agora apenas mais uma entre as complexas equações que compõem as subjetividades, e não mais seu centro. A objetividade da luta de classe, encarnada em burgueses e proletários, se esgarçou, perdeu a dura consistência, tornou-se matéria volátil e no século XXI se tornaram necessárias outras categorias que ajudassem a discernir os papéis sociais do trabalho – mesmo dentro de uma fábrica convencional. As chaminés das fábricas com seus grossos rolos de fumaça já não são o símbolo do progresso, senão uma denúncia que literalmente paira no ar e acusa a modernidade de ter enfraquecido os pulmões da Terra. Fausto está sendo cobrado em moeda ecológica e social. As figuras típicas do agricultor e do operário que se opunham ao capitalista burguês em seu terno clássico são apenas caricaturas históricas, lembranças esmaecidas da revolução industrial. A Catho é um exemplo das recentes empresas que não possuem chaminés, tampouco

máquinas pesadas, sendo seu capital basicamente humano; seus negócios, as relações humanas, sociais. Entre seus produtos encontramos a exposição paga de currículos, a exposição gratuita de vagas pelas empresas, cursos de qualificação, confecção de currículos, consultores, terceirização de serviços, banco de negócios, entre outros.

Seu Laerte, pai de Odisseu, levou sua vida como operário e era assim que se definia, era dessa forma que subjetivamente ele “era-no-mundo”. Ele também sentiu os efeitos da onda, do sismo causado pela globalização, do aumento da importância de outros setores que não o “produtor” e intuitivamente percebia que sua “identidade” estava fragilizada. O que ele apenas intuía, Odisseu analisava: em uma tentativa de encontrar as respostas para o esfacelamento dos sonhos modernos, sociólogos, historiadores e antropólogos, desencantados e como que privados de esperança criaram em suas obras uma longa série de “pós” –pós-estrutural, pós-social, pós-industrial, pós-moderno- que lançaram na atmosfera tumultuada das décadas finais do século XX, a ameaça de vários fins: fim da história, fim do social, fim do sujeito, fim do trabalho, fim da ciência, fim do futuro, fim da razão.

Os assinantes da Catho, moradores do coração econômico de nosso país, não revelam em seus discursos preocupações como as acima citadas. Suas inquietações ebulem na ponta oposta da corda dos “fins”, dos “apocalipses”: eles querem começar, ou recomeçar a trabalhar. Nos seus depoimentos não vaza uma única informação que faça o leitor acreditar que eles acham que os empregos acabaram ou que qualquer outra variável ligada ao universo do trabalho esteja em vias de extinção. Eles acreditam, têm plena esperança que a Catho os ajudará a retornar a um mundo sólido, onde empresas e empresários, empregadores e empregados continuam sua lida, a despeito das contendas teóricas que possam cercá-los.

Obras como as de Jeremy Rifkins, Domenico de Masi, Clauss Offe ou Zigmunt Bauman – respectivamente, *Fim dos empregos: o contínuo crescimento do desemprego em todo o mundo*, *O ócio criativo*, *Capitalismo desorganizado* e *Modernidade líquida* – apontam, em sentido contrário, para uma sociedade onde as subjetividades não estão mais calcadas unicamente no trabalho e sim em variáveis como a posição política, a orientação sexual, religiosa e em valores étnicos e culturais. Para eles, a estrutura de classes baseada no trabalho e na luta entre este e o capital está

em fase de dissolução, e a modernidade, liquefazendo-se de tal forma que não é mais possível discernir e dividir a humanidade em exploradores e explorados, em proletários e burgueses.

Na contramão desses “legistas” contemporâneos, outras correntes insistem em remodelar a modernidade, buscando em suas raízes o remédio para os conflitos que a minam. A discussão é acalorada e não faltam mordazes ataques de parte a parte. A despeito da violência da contenda, talvez o próprio debate seja o ponto mais positivo da disputa entre modernos e pós-modernos. As AGEONs envolvem uma tecnologia típica da nossa era, trazem em si os vieses do pós-industrialismo e a problemática da “centralidade” do trabalho.

Na contramão, ainda, desses “legistas”, milhares de homens e mulheres, jovens e adultos, profissionais das mais variadas áreas, principalmente aqueles ligados aos processos de gestão e às novas tecnologias, dispostos a prestarem serviços mediante um salário, acessam diariamente *sites* de AGEON em busca de emprego, e milhares deles, de acordo com os dados da Catho, se sentem felizes e realizados, pois alcançam esse objetivo.

Embora a pós-industrialização seja uma realidade em centenas de cidades da Europa, e até mesmo dos EUA, os assinantes da Catho vivem, em sua maioria, em grandes metrópoles cobertas de fuligem, imersos em cidades-satélites que formam complexos industriais, e não é parte de sua percepção o evanescimento, a fraqueza ou o apagar dessas fornalhas. Eles sentem, sim, que precisam passar por mudanças em sua subjetividade profissional, fazer novos cursos, tentar novas experiências, qualificar-se, aprender a lidar com a informação, ter desenvoltura, permitir-se dobras, praticar a elasticidade de seus potenciais criativos. Se de acordo com os gráficos da Catho os indivíduos que ultrapassaram a barreira dos 50 anos têm muito mais dificuldades em continuar ou retornar ao mercado de trabalho, outros estudos e perspectivas apontam em sentido diferente, mostrando que, mais uma vez, muitos capitalistas preferem aproveitar essa “mão-de-obra” idosa e experiente do que deixá-la inerte recebendo preciosos tostões roubados dos lucros ativos.

Da mesma forma, apesar de me faltar dados, acredito que a cor da pele, questões de raça e etnia já não são um entrave tão grande quanto já representaram no

passado. A tendência é que as empresas prefiram valorizar a *performance*, a qualidade e a quantidade da produção dos seus trabalhadores a dispensarem-nos por serem negros, vermelhos ou amarelos. As subjetividades podem e devem ser domesticadas, aproveitadas, convenientes. Isso não significa que as estatísticas fora da Catho mostrem números positivos ou equilibrados entre “negros” e “brancos”, generalizando. Ainda é preciso muito esforço e luta por parte das “minorias” para que obtenham ganhos sobre a desigualdade, e façam valer e valorizar as diferenças. Para os que se interessam especificamente pela entrada das minorias no mercado de trabalho, em termos de gênero e etnia, e aproveitando para incluir aqui os portadores de necessidades especiais, sugiro a leitura de Rocha (2000), Castro (1992), Souza (s/d) e a portaria do MTE, n. 219, de 7 de maio de 2008 que cria a *Comissão de Igualdade de Oportunidades de Gênero, de Raça e Etnia, de Pessoas com Deficiências e de Combate à Discriminação*²³², entre muitas outras obras referentes aos temas.

Odisseu é minoria: sociólogo negro, desempregado, que necessita de um transplante de coração, relembra cenas: depois da morte de Dona Anticleia, Seu Laerte como que murchou. Pai e filho coçavam as cabeças e se entreolham, às vezes, durante as refeições, cada qual imerso em seu próprio mundo, em sua maneira própria de verem e estarem inseridos na conjuntura que os cerca: um, saudoso do passado que, se pensarmos bem, não foi tão dourado ou glorioso assim; outro, temeroso e esperançoso ao mesmo tempo, vislumbrando um futuro de equilíbrio precário.

Uma inversão na esfera das atividades humanas tem revelado que a dignidade durante séculos atribuída ao trabalho – como aquilo que eleva o espírito e permite ao homem se tornar um cidadão, um indivíduo útil e reconhecido dentro da sociedade – agora se transpõe paulatinamente para aquele que consome: poder consumir é agora o sinal da felicidade, da inserção, do *status*.

Esse ser consumidor é o representante legítimo de uma sociedade que preza, sobretudo, a posse, seja ela de bens materiais ou imateriais: agora, quem manda é o cliente, é em nome dele que tudo é pensado, é para sua satisfação que se criam necessidades, desejos, que ele vai buscar saciar. E é quando ele consegue que se

²³² Disponível em: <<https://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=do&secao=1&pagina=58&data=08/05/2008>>. Diário Oficial da União.

ouvem os aplausos, é quando ele compra que pode andar de peito erguido por entre a multidão de outros que têm, quando muito, o direito ao desejo, mas raramente à sua realização. Quanto mais desses últimos existem, mais os primeiros se sentem compensados.

Mas, e nessa inversão, como fica o trabalho? Qual o valor que ainda reside no ato de produzir? O trabalho está morto? O consumo tornou-se realmente a base da sociedade contemporânea, o ato, o fenômeno em torno do qual gira a maior parte dos outros? De antemão afirmo que não há fenômenos centrais na sociedade, nem mesmo na sociologia, senão momentaneamente; não há fenômenos-planetas ou fenômenos-sóis ao redor do qual gravitem, em movimentos regulares e perenes outros fenômenos sociais para sempre submetidos à mesma órbita. Frequentemente há inversões nessas posições. O tempo inteiro os fenômenos se sobrepõem, se anulam, se agregam, se diluem uns nos outros construindo novas singularidades, são sóis, planetas, asteróides, poeira, buracos negros, galáxias inteiras, cosmos e caos. Às vezes o fenômeno é apenas um homem. Um nome.

Colocações “filosóficas” como estas não fazem parte do cotidiano dos usuários das AGEONs, tanto é que entre eles não existe um único filósofo sequer. Encontramos veterinários, psicólogos, odontólogos, pedagogos, nutricionistas, agrimensores, geólogos, físicos e músicos, profissionais cuja prática é mais efetiva e cujos produtos do seu trabalho estão mais ligados à realidade material do que aos questionamentos metafísicos. Nesses dados, extraídos da concorrente da Catho, a Curriex, não encontramos também, especificada, a necessidade por parte de empresas ou indústrias – que não da educação – de historiadores, antropólogos ou sociólogos. Estes “tipos”, no sentido weberiano, estão embutidos na área da educação superior e não parecem necessários nos quadros das empresas privadas. Posso estar enganada, mas um antropólogo, um sociólogo, um filósofo ou um historiador poderia ser de grande valia no *staff* de uma grande empresa, principalmente nos dias atuais, quando muitas delas estão ou parecem estar preocupadas com a qualidade de vida, com a humanização dos processos de produção, com o meio ambiente, com ser humano e sua inserção no mundo do trabalho. Um mundo que a despeito dos clamores catastróficos sobre ele apresenta-se como uma variável de visível importância para a maioria dos sujeitos.

A possibilidade de um dia o trabalho ter tido uma centralidade, ter sido *a centralidade* na vida dos indivíduos, para muitos estudiosos ela foi engolida pelas metamorfoses ocorridas no mundo do trabalho, e não só nele. Mas, como “desclassificar” o trabalho e sua centralidade numa sociedade onde as pessoas matam e morrem por emprego, pagam e vendem vagas de trabalho, se a todo o momento, nos imaginários, na mídia, está dito que o pleno emprego seria capaz de resolver todos os problemas sociais que são encadeados como um dominó e terminam na equação: falta de emprego => fome => violência?

Ao longo desse estudo, observei enorme valorização do emprego e do trabalho, autenticada pelos depoimentos dos agradecidos assinantes da Catho e pelo próprio crescimento das AGEONs. O trabalho continua a ser uma forte referência para grupos e pessoas, embora as subjetividades pouco solidificadas já não estejam presas exclusivamente às atividades produtivas. O consumo, sobretudo – possível apenas se as pessoas produzem o suficiente para obter bens – é uma variante afirmadora das subjetividades, sinal de que o capitalismo as forma, deforma e reforma, sendo o trabalho um dos rizomas responsáveis por seu entranhamento nos sujeitos, da mesma maneira que os sujeitos forjam, formam, deformam e reformam os modos de produzir.

Para discutir a questão da centralidade do trabalho e a dinâmica pós-moderna entre este e o capital, comecei por analisar a distinção feita por Karl Marx entre trabalho concreto e trabalho abstrato²³³, dado que essa dupla dimensão é utilizada por alguns autores para criticar as novas teorias sociológicas que preconizam o fim da centralidade do trabalho, enquanto que outros aproveitam para criticá-la enquanto argumento.

Cremos que sem a devida incorporação desta distinção entre trabalho *concreto* e *abstrato*, quando se diz *adeus ao trabalho*, comete-se um forte equívoco analítico, pois considera-se de maneira *uma* um fenômeno que tem *dupla* dimensão. A lembrança de A. Heller é sugestiva, quando afirma que o trabalho tem que ser apreendido em seu duplo aspecto: como execução de um trabalho que é *parte da vida cotidiana* e como *atividade* de trabalho, como uma objetivação diretamente genérica. Marx, diz a autora, serve-se de dois termos distintos para melhor caracterizar esta dimensão dupla do trabalho: *work* e *labour*. O primeiro (*work*) realiza-se como expressão do trabalho *concreto*, que cria valores socialmente úteis. O segundo (*labour*) expressa a execução cotidiana do trabalho, convertendo-se em

²³³ “[Nota da 4ª edição: a língua inglesa tem a vantagem de possuir duas palavras distintas para designar êsses dois aspectos diferentes do trabalho. O trabalho que gera valores-de-uso e se determina qualitativamente, chama-se ‘work’, distinguindo-se, assim, de ‘labour’, o trabalho que cria valor e que só spode ser avaliado quantitativamente. Vide nota da tradução inglesa, p. 14. F.E.]” (Marx 1982:54-5).

sinônimo de trabalho alienado. O trabalho entendido enquanto *work* expressa então uma atividade genérico-social que transcende a vida cotidiana. É a dimensão voltada para a produção de valores de uso. É o momento da prevalência do trabalho *concreto*. Em contrapartida o *labour* exprime a realização da atividade cotidiana, que sob o capitalismo assume a forma de atividade *estranhada*, *fetichizada*. A desconsideração desta dupla dimensão presente no trabalho possibilita que a crise da sociedade do trabalho *abstrato* seja entendida equivocadamente como a crise da sociedade do trabalho *concreto*. (Antunes 1997:79-80)

A dualidade marxiana do trabalho – *work* e *labour* – se presta à análise do processo de produção enquanto o considerarmos determinante para as bases da sociedade capitalista. É através de sua existência que Antunes (1997) pretende provar não só que o trabalho sempre foi o núcleo da vida social como continua e continuará a sê-lo, indefinidamente. Por outro lado, para determinados teóricos da contemporaneidade, se a “centralidade do trabalho” se acha ameaçada ela o é pela “centralidade do consumo”, o que resulta apenas numa transfusão do “miolo”, do “sangue” da vida, da esfera da produtividade para a esfera do consumo. Entendo que os marxistas não possam admitir que o trabalho não seja a base sólida e única de toda a estrutura social, uma vez que, se assim o fizessem poriam por terra a essência do socialismo e toda a teoria materialista de uma só vez. No entanto, aspectos relativos à atividade humana produtiva na perspectiva do materialismo-histórico, tais como divisão do trabalho e alienação também são conceitos úteis a essa análise do trabalho na contemporaneidade, bem como o discurso de autores de nossa época que igualmente serve para embasar a discussão e estabelecer o diálogo. Para Marx

Todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por outro lado, é um dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso. (Marx 1982:54)

Em várias outras passagens, ao longo de *O Capital*, Marx se refere à diferença entre trabalho concreto e trabalho abstrato, trabalho vivo e trabalho morto. Partindo desta distinção, a crise da centralidade do trabalho estaria acontecendo em relação ao trabalho abstrato, o trabalho em sua concepção capitalista, alienado. Esse sim, estaria passando por mudanças de toda sorte: trabalho temporário, flexibilização, trabalho parcial, subcontratações, economia informal, o crescimento vertiginoso do setor de serviços, a informatização, o declínio do emprego rural; desespecialização por um lado e por outro uma terceirização que leva a segmentos ultraqualificados. Isso para não

falar do desemprego em massa, que não é mais um problema localizado, porém, um conflito mundial e estrutural.

Todavia, embora essa argumentação pareça procedente e bastante fundamentada, é possível contestá-la, ao menos em parte, pois a dualidade alegada é dialética. E mais que isso: há entre os dois “epítetos” – trabalho concreto e trabalho abstrato – uma interconexão, uma ligação inerente. Não haveria um trabalho exclusivamente abstrato, nem também um trabalho absolutamente, e apenas, concreto. A atividade humana, qualquer que seja ela, abarcaria essas duas dimensões. A questão do saber, em voga nas discussões contemporâneas, resgata um espaço até então relegado a um segundo plano, e atribui ao trabalhador mais que a alienação automática e mais que uma subordinação cega ao capital. Ao exercer suas tarefas, a despeito da exploração a que está submetido, a sua inteligência e seu intelecto não são ausências totais: o fazer e o pensar andariam juntos (Santos 1991).

No ato, concreto e abstrato se misturam e se contradizem. Mesmo abstrato, o trabalho produtivo comporta micro-atividades-concretas, micro-iniciativas, micro-decisões, saberes variados. O ato cotidiano de trabalho aciona capacidades antigas e novas, formas de inteligência diversas, indispensáveis à produção. “Para o trabalhador o seu trabalho não se apresenta como qualquer coisa de abstrato. Sua atividade não assume a forma de uma transferência de valor mas de uma produção de gestos, de ações, que se inscrevem nos objetos do trabalho como manifestação de suas capacidades pessoais. [...] As estratégias de mobilização da inteligência e de participação que encontramos hoje nos mais diversos setores da produção confirmam a impossibilidade dessa dissociação do trabalhador. O sucesso da empresa capitalista depende da aprendizagem, da iniciativa, da criatividade, da inteligência dos produtores. Cada trabalhador traz em si mesmo uma subversão virtual da lógica abstrata. (Santos 1991:7-8)

Acredito que essa crítica carece de uma explicação. O trabalho abstrato, para Marx, não é sinônimo de trabalho intelectual. O trabalho abstrato seria o trabalho alienado que não cria valor útil, em oposição ao trabalho concreto que cria esse tipo de valor. Tanto o trabalho manual quanto o trabalho intelectual podem ser abstratos ou concretos, dependendo do sentido em que ele se dá e que a ele se dá. Se o trabalhador é explorado e não tem controle sobre o que produz, não importa se o fruto do seu trabalho é material ou imaterial, esse seria um trabalho alienado; e, vice-versa, se o trabalhador produz uma mercadoria, material ou imaterial, sobre a qual ele tem escolha e controle, esse seria um trabalho concreto, com valor útil para si e para a sociedade. Santos teria então confundido trabalho intelectual com trabalho abstrato e, embora o

trabalho intelectual possa ser assim pensado (como algo abstrato), certamente não é essa a distinção feita por Marx.

A Catho oferece trabalhos que vão do chão da fábrica à diretoria executiva, do *sushiman* ao *design*, do operador de máquinas pesadas ao desenvolvedor de *software*. É bem difícil identificar, nesse amplo espectro, quem estaria realizando um trabalho alienado ou não, pois, a despeito de não serem os donos dos “meios de produção” muitos desses trabalhadores têm direito de opinar sobre os objetos de sua produção e de interferirem em seu andamento, sem falar na satisfação de os realizarem.

Manuel Castells (1999b) fala sobre o poder da identidade. Eu falo sobre os poderes das subjetividades. Qual a diferença entre os conceitos? Entendo que a identidade está relacionada a papéis sociais, tem um sentido estrutural, e se constrói em processos de oposição, grupos que se diferenciam tomando como parâmetros as negatividades de outros, enquanto que as subjetividades, sempre plurais, não requerem do sujeito o abandono das contradições e idiossincrasias inerentes ao ser humano. Uma identidade pode funcionar como prisão. Identificar-se como negro ou homossexual é um avanço em sociedades racistas ou homofóbicas. Assumir-se lésbica ou *gay*, assumir-se rico ou “favelado”, é uma tomada de posição que pode trazer retornos positivos e agregação de poder ao sujeito, possibilitando que ele, ao se tornar consciente de seu *statu quo* social, lute por seus direitos não se deixando oprimir e, até mesmo, não oprimindo. Não obstante, muitas vezes a identidade requer do indivíduo um posicionamento tão forte que lhe é impossível desgrudar-se dela, e o libertado passa a ser prisioneiro de sua própria escolha e liberdade. As contradições, o *mix*, a *mélange*, as várias *personas* que compõem um ser humano, sua multiplicidade, permitem que os indivíduos se transmutem e ajam de maneiras plurais, carregando em si mobilidades, até porque os tumultos que sofrem as personalidades quando submetidas ao cotidiano – cotidiano que muitas vezes se torna uma situação extrema – requerem dos indivíduos maleabilidade e flexibilidade, o famoso “jogo de cintura”. E não só os indivíduos praticam esse jogo.


No início de maio de 2008 a Catho criou a versão “beta” da Catho Negócios, com o seguinte lema: “Quem precisa, contrata. Quem sabe, faz”. Versão “beta” significa, de maneira geral, que um *software* ou serviço está em fase de testes, e que

não apresenta sua forma definitiva. Segundo a Catho, o serviço acabou de ser lançado para o público, os processos do *site* estão sendo analisados e ainda está sendo formada a base de usuários: “Nosso Ranking de usuários, com isso, ainda está em fase de formação. O beta não implica, de maneira nenhuma, em falta de segurança no uso do *site*”²³⁴. Eis a definição, segundo a própria Catho, do que seria a Catho Negócios.

CATHONEGÓCIOS é um *WorkPlace* e *MarketPlace Online*. É um mercado online de projetos digitais: Websites, Softwares Específicos, Traduções, Ilustrações, Animações e muito mais! É um website que permite a negociação de projetos de natureza digital em um sistema de leilão reverso online. **O CATHONEGÓCIOS NÃO É UM WEBSITE DE EMPREGOS!** Os profissionais que são contratados aqui não têm vínculos empregatícios ou previdenciários com os contratantes. São contratos de prestação de serviços.

Como funciona o CATHONEGÓCIOS? Empresas ou profissionais liberais (contratantes) que possuem um projeto, mas não tem recursos humanos ou expertise próprios para desenvolvê-lo, farão seu cadastro gratuito em nosso *site*. Em seguida poderão inserir (cadastrar) o projeto, descrevendo suas necessidades, o orçamento e o prazo previsto para sua implementação. Por sua vez, profissionais desenvolvedores (pessoas físicas ou jurídicas, autônomos, consultores ou freelancers) também farão seu cadastro gratuito, como profissionais prestadores de serviços, e terão acesso aos diversos projetos cadastrados pelos contratantes. Os profissionais desenvolvedores poderão, então, efetuar propostas de desenvolvimento aos contratantes (fazer LANCES). Essas propostas deverão conter o valor que seria cobrado pelo projeto e o prazo de entrega. Recebendo as diversas propostas, os contratantes escolhem a mais apropriada e fecham o acordo com o profissional selecionado. Esse, por sua vez, realiza o projeto e recebe o pagamento pelo serviço prestado²³⁵.

A frase em negrito (grifo meu) evidencia que a Catho continua a buscar novos produtos e a diversificar suas fontes de renda até porque, não nos esqueçamos, projetos de lei, contraditórios e sobrepostos, continuam a circular nas esferas públicas do poder. No dia 27/05/2008 houve movimentação no Projeto de Lei 210 na CCJC, uma vista conjunta dos deputados Luiz Couto – PT/PB e Sandra Rosado PSB/RN. A apresentação do requerimento de n. 2820/2008, pela deputada, solicita seja realizada a distribuição por dependência, determinando-se a apensação do PL n.º 210/2007, de autoria do nobre Dep. Jorginho Maluly, ao PL n.º 6.246/2005.

	Câmara dos Deputados
REQ 2.820/2008	
Autor:	Sandra Rosado
Data da Apresentação:	28/05/2008

²³⁴ Disponível em: <http://www.cathonegocios.com.br/cn/static/page_popup.htm?page=ajuda#40>.

²³⁵ Disponível em: <<http://www.cathonegocios.com.br>>.

Ementa:	A Deputada Federal SANDRA ROSADO - PSB/RN vem, respeitosamente, perante V. Exa., para fins do disposto nos arts. 139, I c/c 142, § único do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, requerer seja realizada a distribuição por dependência, determinando-se a apensação do PL n.º 210/2007, de autoria do nobre Dep. Jorginho Maluly, ao PL n.º 6.246/2005.
Texto Despacho:	Indefiro a apensação, porquanto já há pronunciamento da primeira Comissão incumbida de examinar o mérito do Projeto de Lei n. 6246/05, como também da primeira Comissão incumbida de examinar o mérito do Projeto de Lei n. 210/07 (RICD, art. 142, parágrafo único). Publique-se. Oficie-se.
Em	09/06/2008

FIGURA 24. Indeferimento do pedido da deputada Sandra Rosado.

Fonte: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/573867.doc>.

A solicitação foi indeferida. Indeferimento absolutamente procedente, não somente pelo explicado no texto do despacho, mas porque o projeto de lei da deputada Sandra Rosado trata de uma proposição que nada tem a ver com o projeto do deputado Jorginho Maluly. O PL 6246/05 proíbe a cobrança de taxas, pelas empresas privadas, para fins de preenchimento de vagas em seu quadro de pessoal, estando indexado pelos termos: “Proibição, empresa, cobrança, taxas, trabalhador, candidato, preenchimento, vaga, seleção, quadro de pessoal, penalidade, multa, infrator”. Ora, o PL 210 do deputado Maluly trata da intermediação de mão-de-obra por terceiros, da venda de vagas de emprego, e não da cobrança de taxas por empresas para o caso de preenchimento de vagas de seu quadro pessoal, fato que, infelizmente, também acontece e é objeto de graves denúncias.

Acredito que exatamente por estarem tão presentes em suas atividades, as questões relacionadas ao tema dessa tese – o desemprego e a venda de vagas de trabalho – a Catho opta pela expansão. Está se tornando um grande polvo, atento à necessidade de valorizar as subjetividades e nada melhor do que o projeto Catho Negócios para ampliar essa perspectiva. Na Catho Negócios cada um, contratante e contratado, dentro de seus ofícios e profissões, dentro dos seus planos e projetos, sente-se à vontade para singularizar suas condições, seus preços e prazos, um incentivo a mais à livre produção e criação. Além do mais, se algum projeto de lei inviabilizar a compra e venda de vagas, muitas de suas divisões continuarão a funcionar normalmente, inclusive a vitrine de currículos, desde que grátis.

Uma grande parte das massas populacionais não se conforma mais à simples condição de peça em uma engrenagem carcomida; quer ativar suas vozes e suas capacidades, criar mais que simplesmente reproduzir e necessita de garantias de que

suas subjetividades são mais que números num sistema capitalista métrico decimal. Por isso se arriscam, jogam para o ar anos de trabalho burocrático e enveredam pela culinária, pelo turismo, artesanato, *free-lancers* de si, muitas vezes dispostos a pagar um preço alto por essa liberdade. Diante disso, os capitalizados, sempre atentos a qualquer perda que lhes possa advir, procuram adaptar suas máquinas de produção e consumo de modo a cooptar as máquinas de guerra que diariamente são criadas por aqueles que se sentem lesados em sua subjetividade e procuram, das mais inusitadas maneiras, fazê-la crescer e expandir-se, fluxos contrários aos fluxos enfraquecedores da *persona*, seja no sentido material, seja no sentido espiritual.

O trabalho já não é mais o que era em meados do século XIX, quando operários submetidos as mais duras condições de trabalho nem tinham tempo para reivindicarem seus direitos. O trabalho mudou. Os trabalhadores mudaram. A expansão e o vigor das culturas, as vistas da mídia voltadas para os grupos informais que profissionalizam o artesanato, seja no âmbito da música ou da escultura, da fabricação de peças únicas de vestuário e ornamentação ou na produção de teatro alternativo, não são obra e graça apenas de ONGs e governos, mas de indivíduos que precisam encontrar outras fontes de renda, novas formas de trabalho, que se adequem a eles e à contemporaneidade, exigente quando se trata de maleabilidade, invenção, criatividade. Trabalhar já não é mais para todo mundo. São privilegiados aqueles que obtêm uma estabilidade no trabalho que atenda ao mesmo tempo suas necessidades pessoais mais profundas, seus sentimentos, suas artes, suas capacidades, um emprego que valorize seus valores e sentimentos, sua condição de ser humano completo. Não só o trabalho teve que mudar; as pessoas também. Não só os indivíduos tiveram que se adaptar a um mundo de negócios que exige deles várias faculdades; muitos empresários já perceberam que precisam trabalhar com a diversidade, lidar com ela, incentivá-la, para tirar disso o maior proveito.

A transição de carreira e o *outsourcing*, por exemplo, são ocorrências cotidianas no universo do trabalho que antes se davam, em tão pequena quantidade, que praticamente não se deixavam ver. Um médico seria um médico até o fim de sua carreira; um torneiro mecânico, *idem*. Quem trabalhasse na lavoura criaria seus filhos como lavradores, e poucos deles conseguiriam profissões diferentes ao longo de suas

vidas. Hoje o jovem advogado de repente se descobre embriagado pelo *marketing*; o dentista resolve se candidatar a deputado; o professor deixa a sala de aula e abre um pequeno restaurante na praia turística... e assim por diante. Outros trabalhadores exercem múltiplas funções dentro de uma mesma empresa: são programadores, desenvolvedores de sistema e projetistas de redes; a enfermeira, em noites de folga, canta no barzinho; o policial militar se torna leão de chácara nas boates; o cozinheiro francês dá aulas particulares nas horas vagas.

Por outro lado, uma empresa não tem mais que possuir seis andares de um edifício para acomodar seus diversos departamentos. O *outsourcing* possibilita que grandes empresas possam delegar, por exemplo, todo trabalho referente ao seu “departamento pessoal” a uma outra empresa especializada na gestão dos recursos humanos; uma terceira é responsável pela contabilidade; uma outra é momentaneamente contratada para desenvolver um tipo de projeto específico; o *marketing* fica a cargo de uma quarta empresa, e todas essas engrenagens são postas em funcionamento simultaneamente, azeitadas pelo capital financeiro internacional, por *lobbys* políticos, e, obviamente por trabalhadores dispostos a se superarem em uma corrida olímpica pela demonstração de *performances* cada vez mais ágeis, nem sempre simples, nem sempre únicas. Alguns autores afirmam que, independente da dualidade marxiana do trabalho, é o trabalho em si, como uma totalidade que engloba esse dualismo, que estaria em crise como representante maior das relações sociais, que por sua vez estariam, atualmente, se dando através de outros vieses e se deslocando para outras esferas sociais. Eu creio que centralidade do trabalho continua a existir, mas com outra dinâmica.

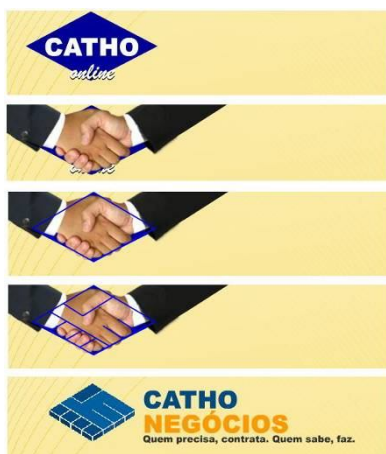


FIGURA 25. A Catho Online incorpora a Catho Negócios.

Fonte: <http://www.cathonegocios.com.br/cn/static/page.htm?page=sobre>.

O que se pode ver é que empresas como a Catho se empenham e se arriscam em empreendimentos que comprovam a diversidade de ações.

A pesquisa sociológica da vida cotidiana e do “mundo vivido” também representa um rompimento com a idéia de que a esfera do trabalho tem um poder relativamente privilegiado para determinar a consciência e a ação social. Até certo ponto, inclusive, é realizada a abordagem oposta, segundo a qual as experiências e os conflitos engendrados pelo trabalho são vistos como conseqüências e interpretações adquiridas fora do trabalho.

Temos ainda, entre os autores que defendem a não-centralidade do trabalho, o escritor polonês, Zygmunt Bauman. Em suas análises profundas e sensíveis da sociedade globalizada, ele nos leva a observar novas categorias de cidadãos, nos incita a examinar aspectos, diríamos, inusitados, através de uma linguagem que consegue apanhar, capturar sutilezas da sociedade contemporânea sem deixar de, por um só instante, construir uma crítica severa a respeito do fosso cada vez maior que estamos cavando diariamente entre os que têm muito e os que não têm nada.

Nossa sociedade é uma sociedade de consumo. Quando falamos de uma sociedade de consumo, temos em mente algo mais que a observação trivial de que todos os membros dessa sociedade consomem; todos os seres humanos, ou melhor, todas as criaturas vivas ‘consomem’ desde tempos imemoriais. O que temos em mente é que a nossa é uma ‘sociedade de consumo’ no sentido, similarmente profundo e fundamental, de que a sociedade de nossos predecessores, a sociedade moderna nas suas camadas fundadoras, na sua fase industrial, era uma ‘sociedade de produtores’. Aquela velha sociedade moderna engajava seus membros primordialmente como produtores e soldados; a maneira como moldava seus membros, a ‘norma’ que colocava diante de seus olhos e os instava a observar, era ditada pelo dever de desempenhar esses dois papéis. [...] A maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor. A norma que nossa sociedade coloca para seus membros é a da capacidade e vontade de desempenhar esse papel (Bauman 1998:87-8).

Muito embora essa seja uma observação pertinente sobre a contemporaneidade, acreditamos que a simples transferência do poder de centralidade da produção para o consumo não é suficiente para explicá-la. Há muitas outras normas e formas anômalas regendo os papéis sociais, que não somente a vontade e a capacidade de consumir. As questões de gênero, etnia, espiritualidade, sexualidade, enfim, as subjetividades, os vários “tribalismos”²³⁶ que se estabelecem cada vez com mais freqüência, os grupos

²³⁶ “Contrariamente aos que continuam a analisar nossas sociedades em termos de individualismo e desencanto, já mostrei que o que parecia estar na ordem do dia remetia, em vez disso, para um tipo de tribalismo, tendo por contrapartida um verdadeiro reencantamento do mundo”. (Maffesoli 2001:104)

que se formam em tornos de problemas de saúde, como o câncer e a AIDS; as mobilizações ao redor das reivindicações ecológicas, as organizações não-governamentais contra a fome e a violência, todas essas recentes tarefas que os indivíduos vêm se atribuindo constituem, é fato, um “desvio” das lutas-padrão do proletariado. Mas com toda certeza esses movimentos não devem ser encarados como um desvio negativo, tampouco como “modas” supérfluas que uma sociedade “burguesa” desenvolve com o único intuito de sabotar o movimento operário ou embotar a consciência proletária.

Movimentos sociais revelam desejos legítimos que não impedem que as batalhas por melhores condições de vida – e aí se inclui o trabalho – sejam travadas. Ao contrário: se a centralidade do trabalho já não representa a única base social, agora há caminhos adicionais por onde se chegar a uma sociedade mais justa.

Cada qual e cada grupo, juntos ou paralelamente, à sua maneira, podem contribuir no sentido de eliminar desigualdades políticas, econômicas e sociais. A subjetividade dos indivíduos já não se restringe ou se resume àquela construída na produção, e eles podem se aliar aos mais variados grupos, buscando seus direitos e os direitos de todos. O trabalho é um rizoma crítico e, apesar de suas metamorfoses, ainda explode aqui e ali como centro provisório dentro da subjetividade.

As categorias marxianas e o materialismo histórico, bem como as análises de outros autores clássicos – a exemplo de Durkheim e Weber –, não devem ser simplesmente rejeitadas; elas serviriam no mínimo para que se vejam nelas as falhas teóricas e/ou metodológicas que deveríamos evitar. Se não nos parece mais possível a instalação de uma “ditadura do proletariado”, se a “solidariedade orgânica” revelou-se uma forma inadequada de abordar as possibilidades sociais, se ao “desencanto pelo mundo” vêm se contrapor saídas até então impensadas, isso não significa, em hipótese alguma, que essas análises não tenham seu valor.

Muito das teorias e métodos dos pensadores clássicos permanece, refeito, remodelado, reelaborado, renascido em teorias e métodos de novos autores. Sua herança é um legado incontestável, do qual partimos, por bem ou por mal. Ignorá-los é, na melhor das hipóteses, uma negligência; e na pior, uma estupidez. Weber,

principalmente, foi um dos autores que primeiro despertaram para o sentido subjetivo do trabalho²³⁷.

O assinante da Catho também é um consumidor. Um consumidor que precisa antes consumir para depois produzir, em uma cadeia invertida. O valor do consumo dentro da subjetividade do produtor é como uma cobra engolindo o próprio rabo: ouroboros²³⁸.



FIGURA 26. Engraving by Lucas Jennis, in alchemical tract titled *De Lapide Philisophico*..

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Ouroboros>.

Normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos pelos sujeitos, seus valores morais, seus desejos, suas necessidades, que de uma forma ou outra continuam ligados ao trabalho, os levam a esse ser que se autodevora, produz e consome, consome e produz, um círculo que se renova a cada reengenharia dos significados pessoais que atribui às suas atividades e ações, sua visão de mundo, sua forma de estar presente na sociedade.

Marx teve sempre em mente o *fetichismo* da mercadoria e o quanto a representação que dela se faz é poderosa. Tendo analisado em profundidade as relações entre o homem e o produto do seu trabalho, enfocou principalmente o papel

²³⁷ Sobre a importância dos clássicos, ver Alexander, 1999.

²³⁸ Ouroboros (ou oroboro ou uróboro) é um símbolo representado por uma serpente, ou um dragão, que morde a própria cauda. É um signo para a eternidade. Está relacionado com a alquimia. É possível que o símbolo matemático de infinito tenha tido sua origem a partir desta imagem. Segundo o *Dictionnaire des symboles* o ouroboros simboliza o ciclo da evolução voltando-se sobre si mesmo. O símbolo contém as idéias de movimento, continuidade, autofecundação e, em conseqüência, eterno retorno. A forma circular do símbolo permite ainda a interpretação de que a serpente figura o mundo infernal, enquanto o mundo celeste é simbolizado pelo círculo. Noutra interpretação, menos maniqueísta, a serpente rompe uma evolução linear, ao morder a cauda, marcando uma mudança, pelo que parece emergir num outro nível de existência, simbolizado pelo círculo. Ao contrário do círculo, a roda tem certa valência de imperfeição, reportando-se ao mundo do futuro, da criação contínua, da contingência, do perecível. O ouroboros costuma ser representado pelo círculo. O que parece indicar, além do perpétuo retorno, a espiral da evolução, a dança sagrada de morte e reconstrução. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ouroboros>>.

alienante e “objetificante”, o processo de “coisificação” que a atividade produtiva humana e seus frutos engendram, no modo de produção capitalista. Mas, apesar da importância atribuída por teóricos contemporâneos à centralidade do consumo, e não da produção, essa é ainda uma questão em aberto, que longe de estar resolvida apenas começa a tomar corpo no campo da sociologia. As AGEONs vendem vagas de emprego e, em consequência, o próprio **desemprego** se tornou um *fetice*.

A capacidade revolucionária dos movimentos originários da produção, a exemplo do movimento operário, na sociedade contemporânea, reduz seu teor totalitário ao se unir a movimentos sociais – de gênero, etnia, sexualidade, ecológicos, idade, etc. – que ganham força em detrimento das lutas operárias mais “puras” que visariam não somente interesses imediatos, mas se preocupariam, sobretudo, em libertar o homem do homem, eliminando a exploração dele por ele mesmo. As lutas operárias que tomam corpo no século XX e parecem se sobrepor a todas as outras lutas, menores, menos visíveis, menos importantes, é o movimento social por excelência apenas na visão de alguns teóricos marxistas.

Uma renovação dessas teorias mostrou que, em paralelo, sempre correram soltos os movimentos de grupos não partidários, sem estatutos, contratos ou palavras de ordem, socialmente ativos, produzindo saberes, reivindicando a satisfação de desejos e realização de projetos que, *a priori*, não são pré-definidos ou definitivos. A história brasileira é cheia desses exemplos: balaiaada, cabanagem, sabinada, quebra-quilos, a revolta da vacina, entre tantos outros.

Marx teorizou que, em fases mais avançadas do capitalismo, a tendência seria a redução e transformação do trabalho vivo em trabalho morto (Antunes 2002: 124); preconizou uma crescente intelectualização do trabalho e o aparecimento de um trabalhador que não produzia mercadorias diretamente, mas tinha como encargo supervisionar o trabalho dos outros: “O trabalho já não aparece tanto como encerrado no processo de produção, senão que, melhor, o homem se comporta como supervisor e regulador em relação ao processo de produção mesmo” (Marx *apud* Antunes 1997:48). E ele estava correto. Nas estatísticas da Catho relativas às profissões, mais que o encarregado direto da produção está o gestor, o administrador, o supervisor, o organizador. A análise de Marx sobre o *fetice* da mercadoria, como já foi salientado,

é uma questão diretamente ligada à sociedade de consumo, que também se mantém atual. Outro exemplo seria Weber e seu prognóstico da burocratização da sociedade, da racionalização extrema, levando o homem ao “desencantamento do mundo”. O conceito de racionalização weberiano

explicaria adequadamente a maioria desses fenômenos. Explicaria também por que a rotinização e a padronização do ‘produto mundial’ deverão ser encontradas cada vez mais em outras esferas – não apenas na produção, mas também no lazer, na cultura, na educação, na religião e na política. (Kumar 1997:98)

Meu principal alvo, as relações entre usuários e AGEONs, trata diretamente com “o trabalho”, daí a necessidade de aprofundar o seu significado para teóricos de várias disciplinas que questionam e problematizam a forma como ele está estruturado e realizado na sociedade capitalista.

Bertrand Russel, matemático e filósofo, achava “que se trabalha demais no mundo de hoje, que a crença nas virtudes do trabalho produz males sem conta e que nos modernos países industriais é preciso lutar por algo totalmente diferente do que sempre se apregoou” (Russel 2001: 99). Paul Lafargue, com sarcasmo e violência, diz sobre o trabalho

Uma estranha loucura tomou conta das classes operárias nas nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura trouxe consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor pelo trabalho, a paixão agonizante pelo trabalho, levada até o esgotamento da energia vital do indivíduo e de seus filhos (Lafargue 2001:143).

No sentido oposto, entronando e glorificando o trabalho como fundamento da dignidade humana, o pensamento religioso serviu, durante muitos séculos, como instrumento de sua legitimação, sendo a preguiça um dos sete pecados capitais e o castigo, para aqueles que se recusam a trabalhar, a morte por inanição. Conforme as palavras do apóstolo Paulo: “Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quer trabalhar, também não coma” (2 Tessalonicenses 3:10-12).

É quase desnecessário frisar o quanto esse discurso se encaixa nas necessidades do capitalismo. Max Weber (2001) em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, um interessante estudo sobre o calvinismo e a sociedade capitalista, deixa à mostra os benefícios mútuos da simbiose existente entre ambos.

Embora o Iluminismo, ao detonar os pilares religiosos – apontando a Razão e não Deus como solução para os problemas humanos – tenha transferido a chibata para

outras mãos, passando o poder, desse momento em diante, a contar com a legitimação científica para justificar seus procedimentos, a racionalidade não se desfez totalmente do reforço moral propiciado pelas religiões ocidentais. O ócio e a preguiça continuam a serem vistos como atributos negativos daqueles que não têm caráter, dos fracos e incapazes, dos que atravancam o desenvolvimento e o progresso, sangue-sugas e parasitas do “capital” (como se este fosse uma entidade, uma substantivação, a corporificação da forma abstrata, como se estivesse vivo – “dinheiro vivo”), estando na falta de trabalho a origem de todos os vícios.

Mulheres, crianças, loucos, portadores de deficiências, mendigos, vagabundos, viciados, idosos e desempregados são grupos cuja voz carece de força no capitalismo, exatamente por não preencherem os requisitos exigidos ou, supostamente, por se recusarem a vender sua força de trabalho e não terem autonomia suficiente para se comportarem como consumidores da maneira desejada pelo mercado.

A racionalização mais evidente do trabalho no início do século XX se concretiza com a introdução do “taylorismo” e do “fordismo”, e mais recentemente com o “toyotismo”, de origem oriental. O desenvolvimento tecnológico inerente a essas e outras aplicações, cujo poder de elasticidade supunha-se infinito, depara-se com obstáculos autogerados: o desemprego é um deles. Nesse caso, o obstáculo, a ferida que poderia vir a amputar as forças do capitalismo tornou-se mais um negócio em seus interstícios. A “massa de manobra”, o lumpemproletariado, que servia de “exército de reserva” agora é estimulado a se qualificar e comprar uma vaga de emprego. O desemprego se tornou mais um processo de reciclagem do “lixo” produzido pelo sistema capitalista.

As origens do capitalismo foram brilhantemente exploradas por Karl Marx e Friedrich Engels, mas já para tentar entender as contradições mais recentes desse sistema – que no século XIX então eram pontas de *icebergs*, anunciando imensos blocos de problemas a ele ligados – um novo paradigma desponta em meados do século XX no horizonte teórico da sociologia onde autores fazem a crítica da modernidade e lançam no “mercado intelectual” uma teoria sobre modificações constatadas empiricamente na sociedade que eles chamariam de “pós-industrial” ou “pós-capitalista” (com sua equivalente cultura pós-moderna), cujas características

básicas são a prevalência da tecnologia, o crescimento do setor de serviços e uma nova organização do “mundo do trabalho” que privilegia as atividades criativas e o tempo livre. Para esses autores, assim como o trabalho rural foi suplantado nas sociedades avançadas pelo trabalho industrial, na era do “pós-industrialismo” o trabalho intelectual tomará paulatinamente o lugar de importância do trabalho fabril.

Já é possível detectar nas sociedades mais avançadas a presença de novas figuras sociais, como os “digitais”, para quem o trabalho, eventual, só faz sentido se recheado de criatividade, se marcado pela ética e pela estética e se permitir que o ócio seja parte integrante dele, não com o sentido pejorativo, mas como momento de refluxo, de repouso, de lazer, que, aliado ao estudo, não despreza jamais o desejo e o prazer. Essas posturas não deixam de estar ligadas ao “novo imaginário do corpo”. Um teórico contemporâneo se pergunta: “E estará surgindo um novo tipo de sociedade, estruturado talvez, mais em torno dos consumidores e do consumo do que dos trabalhadores e da produção?”. Ao que ele próprio, mais adiante, vai responder: “A teoria social precisa reconhecer a centralidade do consumo e do consumismo se quer ter algo relevante para dizer ao mundo (pós-)moderno” (Lyon 1998:7, 103). Mas os assinantes da Catho, além de ansiarem por consumo geral, de bens móveis e imóveis, anseiam antes pelo consumo do trabalho.

A importância do trabalho no processo civilizatório também é afirmada por Manuel Castells, sociólogo espanhol, radicado na França que afirma que “o processo de trabalho situa-se no cerne da estrutura social”. Segundo o autor existe uma “transformação tecnológica e administrativa do trabalho e das relações produtivas dentro e em torno da empresa emergente em rede” que é

o principal instrumento por meio do qual o paradigma informacional e o processo de globalização afetam a sociedade em geral”. Sob seu crivo o paradigma da sociedade informacional se curva diante da história, da cultura, das instituições e dos modelos políticos, não devendo ser utilizado indiscriminadamente nem aplicado sem levar em consideração o tempo e o espaço. [...] a evolução do mercado de trabalho, entre 1920 e 1990, dos principais países capitalistas do G-7. Todos (...) em estágio avançado de transição à sociedade informacional e [que], portanto podem ser usados para a observação do surgimento dos novos modelos de mercado de trabalho. (Castells 1999a:224)

Para todos esses autores, o trabalho é o motor da história e sua centralidade na vida humana é inquestionável; é através dele que o ser humano se define enquanto tal.

A atual sociologia do trabalho, nascida no pós-guerra sob a caneta de Georges Friedmann e Pierre Naville (1973), tem, em muitos de seus estudiosos, representado um esforço no sentido de criar estruturas totalizantes que abarquem a sociedade inteira, esquemas e modelos que se pretendem aplicáveis a qualquer realidade. Há também tendências minimalistas, que valorizam o dia-a-dia, o “mundo vivido”, a experiência do cotidiano. E na escala entre uma e outra posição, quando radicais, existem teóricos que intentam misturar e equilibrar essas tendências.

Diante de opiniões e visões tão díspares a respeito do trabalho, a questão da sua centralidade é de vital importância para a elaboração de qualquer pensamento acerca da sociedade: se o trabalho não é mais o processo central das relações sociais então todo o arcabouço teórico do materialismo-histórico parecerá insuficiente para a análise do capitalismo “tardio”²³⁹? Postulada principalmente por alguns estudiosos da “pós-modernidade”, a não-centralidade do trabalho é um ponto nevralgico nas análises elaboradas por esses teóricos e pelos teóricos marxistas: uma polêmica que geralmente tem se tornado motivo de ácidas discussões e ofensas de parte a parte.

A visão marxiana da dualidade do trabalho e os conceitos de alienação e divisão social do trabalho são partes do rizoma através do qual pode ser apresentado o “mundo do trabalho”. Dessa forma, ao abordar a dualidade do trabalho em Marx pretendo mostrar que ao invés da dicotomia, da dialética, da árvore conceitual marxiana, o mundo do trabalho é composto de rizomas que apontam para sua complexidade à qual o conceito deleuzoguattariano se aplica bem.

A Catho é mais uma divisão na divisão social do trabalho, abstrata e incorporável à produção e o consumo tradicionais: ela vende empregos. A alienação dos usuários das AGEONs se dá, em certa medida, na forma como alguns se embrenham nesse universo que supomos provisório, a ponto de freqüentá-lo assiduamente e torná-lo parte da própria vida. A rede que envolve o universo do trabalho se confunde com redes que se constroem a partir de outros aspectos da vida humana. As AGEONs são dobras no espaço *on-line*, encurvamentos entre elas e o mundo do trabalho, enredados na teia global do emprego e do desemprego. A

²³⁹ Com relação a essa denominação cf. Jameson 1996. Vale salientar que, apesar de ser um teórico da “pós-modernidade”, assim como David Harvey 1996 e outros, Jameson continua a acreditar que uma análise profunda da sociedade contemporânea só é possível utilizando-se os instrumentos do materialismo histórico.

economia política, dita neoliberal, está em todas essas flexões, com seus vincos, pregas, depressões, rugas formadas pelo emprego temporário, pela renovação constante dos quadros de empregados, a exigência da qualificação da mão-de-obra, da instabilidade globalizada. As AGEONs são um supermercado em cujas gôndolas estão expostas suas duas principais mercadorias: vagas de empregos e currículos pessoais. Já não são assalariados dormentes de alienação que comprem e vendem essas vagas; são gestores e trabalhadores conscientes de suas condições, de seus poderes e de suas fraquezas. Um posto de trabalho tornou-se uma mercadoria que, como qualquer outra, dependente da oferta e da demanda do “livre mercado”, está sujeita, em termos modernos e marxianos, à mais-valia, ao valor de troca e ao *fetichismo*.

Em um cativante texto escrito em sua juventude, Karl Marx (1989) faz a crítica da economia política a partir dos próprios conceitos desta, com o intuito de desvendar a natureza da alienação do homem diante do produto do seu trabalho, diante de si mesmo e dos outros homens. O produto que a Catho vende, como intermediária, é fruto do próprio sistema de capital financeiro globalizado, da tecnologia que cria e destrói profissões e profissionais. Segundo Marx, o trabalhador não possui os meios de produção do seu trabalho, nenhuma autonomia sobre como fazê-lo, ou o porquê fazê-lo e igualmente não é senhor do destino da sua produção: quanto mais produz, mais sua miséria aumenta, mais ele próprio se torna *objeto*, e mais distante fica de um sentido do seu trabalho e de sua existência. Não foi preciso que o filósofo alertasse os capitalistas para os riscos de seu sistema de produção. Cada vez mais as grandes empresas pelo menos aparentam tentar dar sentido ao trabalho e torná-lo importante para o trabalhador de forma que ele se sinta parte da cadeia de produção e consumo. Antes, diz Marx, alienado do produto do seu trabalho, preenchido pela estranheza que ele lhe causa, já sem poder obter nenhum sentido ou significado sobre sua própria existência através do trabalho, conseqüentemente o homem se alienava de si.

Porém, a alienação não se mostra apenas no resultado, mas no ato da produção, dentro da atividade produtiva mesma. Como o trabalhador poderia se defrontar alheio ao produto da sua atividade se no ato mesmo da produção ele não se alienasse de si mesmo? Pois o produto é só o resumo da atividade, da produção. Se por conseguinte o produto do trabalho é a exteriorização, então a produção mesma tem que ser a exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização. Na alienação do *objeto* do trabalho só se resume a alienação, a exteriorização na atividade mesma do trabalho. (Marx 1989:152-3)

Segundo Marx, este duplo alheamento contamina a relação do homem com o homem: “Uma consequência imediata do fato de o homem estar alienado do produto do seu trabalho, da sua atividade vital, do seu ser genérico, é o homem estar alienado do homem” (Marx 1989: 158). Todavia, em muitas das profissões pós-modernas, ou de antigas profissões pós-modernizadas, o trabalhador se envolve em seu trabalho com uma consciência diferente daquela de séculos atrás. Os mundos da moda, do esporte, do turismo, entre outros, são exemplos de universos onde o trabalho traz satisfação ao seu executor. Quando se trata do “chão da fábrica, a flexibilização, a “gerência participativa”, a subsunção do ideário do trabalhador àquele veiculado pelo capital, a sujeição do *ser* que *trabalha* ao “espírito” Toyota, a “família” Toyota, é de muito maior intensidade, é *qualitativamente* distinta daquela existente na era do fordismo. Esta era movida centralmente por uma lógica mais *despótica*; aquela, a do toyotismo, é mais *consensual*, mais *envolvente*, mais *participante*, em verdade mais *manipulatória*.

O *estranhamento* próprio do toyotismo é aquele dado pelo “envolvimento cooptado”, que possibilita ao capital apropriar-se do *saber* e do *fazer* do trabalho. Este, na lógica da integração toyotista, deve *pensar* e *agir* para o capital, para a produtividade, sob a *aparência* a eliminação efetiva do fosso existente entre *elaboração* e *execução* no processo de trabalho. Aparência porque a concepção efetiva dos produtos, a decisão do *que* e de *como* produzir não pertence aos trabalhadores. O resultado do processo de trabalho corporificado no produto permanece *alheio* e *estranho* ao produtor, preservando, sob todos os aspectos, o *fetichismo* da mercadoria. (Antunes 2005?42)

Todavia, a alienação, a divisão de trabalho e a dualidade entre trabalho concreto (*work*) e trabalho abstrato (*labour*) de onde se parte para discutir a centralidade do trabalho, são conceitos desconstruídos pela idéia de rizoma, o rizoma dinâmico da produção e do consumo que se extrapola em nós que perfazem uma rede viva e instável, máquinas de guerra que os capitalistas não se cansam de cooptar e ao quais elas não se cansam, por sua vez, de fugir, o que vem atestar que a alienação é, no mínimo, uma via de mão-dupla, melhor dizendo, pode ser apresentada pela figura do labirinto, do formigueiro, do rizoma. Ao invés de dizermos que o homem é o lobo do homem poderíamos multiplicar essa máxima através de infinitos espelhos: o homem é o lobo do lobo do lobo do lobo... do homem... do lobo. A máquina de guerra não é um ente abstrato, ela é feita das forças reais que cada grupo consegue reunir, lobos, matilhas, homens e seu devir-animal (Deleuze; Guattari 1997).

Interessante é ver como Marx organiza seu pensamento para concluir que “o trabalho alienado é a causa imediata da propriedade privada”, e

a propriedade privada é portanto o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho exteriorizado, da relação exterior do trabalhador com a natureza e consigo mesmo (Marx 1989:160-1).

Essa linha de argumento leva à proposição de como se daria a superação de toda alienação do trabalho e, conseqüentemente, como, em se destruindo a alienação, se destruiria também a propriedade privada dos bens e dos meios de produção, chegando assim à proposta do socialismo. Dessa forma, constata-se a importância da centralidade do trabalho em todo o pensamento marxiano, sendo ele o fundamento e o fundador de toda a estrutura social, e da própria existência do ser humano.

Materialismo histórico e *performance* rizomática não se anulam nem se destroem; fazem parte de uma cadeia de pensamento e realização onde se consomem e se distribuem, se auto-submergem e continuam a se renovar dentro da história inexorável, história da ciência e história vivida. A alienação, tal como descrita acima, é apenas um ângulo do fractal que se desenrola nas fábricas, nos escritórios, nas agências emprego *on-line*, enfim, em todo o espaço onde se dá a produção e o consumo. Não há para tudo uma explicação linear e objetiva, clara e óbvia, que possa ser tomada como um corrimão, um norte, bússola, seta para um centro.

Os homens são alienados e não-alienados, ao mesmo tempo, agora, pedaços de cada um se submetem felizes, enquanto outros despedaçam as máquinas capitalistas, financeiras, escavando seus motores e revertendo a ordem mundial: são camelôs e homens do colarinho-branco, políticos e operários, legisladores e banqueiros, ladrões e roubados. Trabalho e trabalhadores que se esgarçam em minúsculas barracas semeadas nas feiras ao redor do mundo, usuários de computadores e homens-bomba, bombeiros e construtores de aviões, todos “fazendo seu trabalho”.

Sobre a centralidade do trabalho o que se pode concluir é paradoxal dado que a discussão se dá em torno da palavra “centralidade” que por si só revela que a questão parte de um pressuposto insustentável. A vida é multiplicidade, formigueiro, labirinto, fractal; não há ponto definido de saída nem de chegada para a dinâmica que admite cortes, novas protuberâncias e proliferações a cada rizoma. A vida estoura, explode, irrompe, selvagem, inesperada, vulcão, furúnculo, se transforma e se multiplica na

velocidade e com a falta de padrão dos vírus, não se conforma aos leitos bem definidos ou aos destinos teleologizados pelos cientistas. O que agora é central escorrega para as periferias, atravessa limites, é quase nada por algum tempo, e de repente ressurge noutra ponta, noutra pele, caminhando, agora, em direção ao centro, para de novo exercer um papel nuclear e transitório.

Devemos atentar para o fato de que no nosso planeta existem tantas formas de vida, tantas maneiras de produzir, tantas diferenças e desigualdades que cometer generalizações seria uma irresponsabilidade. Sem levar em consideração os extremistas de ambos os lados, e buscando uma posição de equilíbrio entre os discursos contrários, o que se pode declarar com firmeza é que grandes mudanças estão em andamento no mundo do trabalho.

Essas mudanças estão levando os cientistas sociais a repensarem antigos conceitos sobre a sociedade, a colocarem na ordem do dia as consequências e implicações do globalismo, a questionarem as promessas da modernidade que, segundo alguns, está em franca agonia.

No entanto, é preciso muita cautela ao afirmar que a modernidade vive seus momentos finais, e mais cautela ainda para extrapolar essa afirmação a ponto de declarar o fim do capitalismo ou o fim do trabalho. Resguardadas as devidas proporções culturais, econômicas e sociais, as metamorfoses variam de país para país – no interior deles –, de sociedade para sociedade, de grupo para grupo. As mudanças que implicam na sociedade informacional – crescimento do setor de serviços, acumulação flexível, centralidade do consumo etc – podem ser notadas em maior ou menor grau no grupo de países avançados, mas não há nenhuma espécie de homogeneidade nesse processo.

A diversidade histórica é um fator muitas vezes desconsiderado nas análises mais radicais, e, na apologia de uma completamente-nova sociedade, muitas vezes esquece-se que uma parcela não-negligenciável da população mundial, sequer conquistou o direito mínimo à alimentação, saúde, educação e moradia.

É, pois, necessário precisar que a nova telessociedade, a sociedade informacional, é um fato, mas um fato fragmentado, presente nos países ricos e nos países pobres, dentro de valas e vales, mais espalhada em alguns lugares, espremida em

finos canais, em outros. Ao mesmo tempo ela mantém as estruturas tradicionais funcionando, enquanto as rompe noutros segmentos e vemos surgirem novas formas de produzir, diferentes estruturas organizacionais do trabalho e outros tipos de trabalhadores e empregadores.

É necessário analisar as novas formas de trabalho emergentes que buscam novos padrões de produtividade e novas formas de adequação da produção à lógica de mercado. Devemos ficar atentos ao veloz processo que vivenciamos, questionando, enfática e freqüentemente, as suas benesses e seus malefícios, pois estes ambos existem, e não são poucos. Para finalizar, devemos lembrar novamente que os processos de trabalho se misturam entre países e continentes, agindo de acordo com as possibilidades. Mesmo que as mudanças tenham como nascedouro os países ricos

quanto mais a axiomática mundial instala na periferia uma indústria forte e uma agricultura altamente industrializada, reservando provisoriamente ao centro as atividades ditas pós-industriais (automação, eletrônica, informática, conquista do espaço, sobrearmamento...), mais ela instala no centro também zonas periféricas de subdesenvolvimento, terceiros mundo interiores, Sul interior. (Deleuze; Guattari 1997:172)

Se as questões referentes à “centralidade do trabalho” estão ligadas ao pós-industrialismo, à medida que a axiomática do capital cria zonas periféricas no centro, restabelece também aí a perdida “centralidade”, ao passo que estende aos setores periféricos externos algo da pós-industrialização, igualmente. Não haveria, portanto, um fim determinado da “centralidade” do trabalho aquém, além, ou mesmo dentro, mas finais dessa “centralidade” que se deslocam como fluxos. Daí decorrem as discussões entre correntes que afirmam e desafirmam essa centralidade. E daí decorre que, se a “centralidade” é apenas uma abstração, se, de fato, ela não é absoluta, possivelmente não existe como tendência inexorável nem nos países ditos desenvolvidos nem nos ditos periféricos, mas acontece aqui e ali como desenvolvimento da axiomática do capitalismo denominado por Deleuze e Guattari de “terceiro incluído” (Deleuze; Guattari 1997:172).

De seu Laertes – enquanto vivo, um senhor aposentado, cuja renda mal dava para comprar a comida e os remédios que a idade inevitavelmente requerem, menos marxista e mais conformado, que teve a paciência de nos escutar discorrendo sobre essas questões teóricas – recebi um sorriso descolorido, misto de compreensão e pena.



Reptiles 1943 Lithograph – M. C. ESCHER

CONSIDERAÇÕES FINAIS
making it happen



Penso no sentido contrário dos que possam acreditar que uma “boa tese” é aquela que vem a comprovar suas primeiras hipóteses. Não foi o que me aconteceu. No início dessa pesquisa eu acreditava que o trabalho já não era uma figura central na vida dos seres humanos, que não era parte fundamental e constitutiva de suas subjetividades, engano que talvez tenha cometido por enveredar por um caminho extremamente teórico, calcado, sobretudo no conceito de pós-modernidade.

Cinco anos de pesquisas me mostraram que não é “bem assim”, que o trabalho ainda é um ponto de contato muito forte dos sujeitos com a realidade, que o emprego e o desemprego são explosões, tumores, volumes, bolsões infláveis, que o rizoma e os fluxos do mundo do trabalho produzem e influenciam diretamente a forma de existir de um indivíduo. É o trabalho, o emprego e o desemprego que moldam muitos de seus valores, suas emoções que lhe permitem ir e vir com maior ou menor frequência, ter mais ou menos lazer, se sentir territorializado ou desterritorializado, mais ou menos incluído nos espaços sociais tecnologicizados, e o levam a poder acompanhar e usufruir dos confortos e desconfortos da pós-modernidade. Farei agora uma breve súmula de cada capítulo, apresentando minha opinião sobre os temas neles tratados.

O ciberespaço é “apenas” um espaço feito de linguagem, seja ela escrita, falada, gráfica, ou, como costuma acontecer, a presença simultânea dessas três formas, a que se pode chamar multimídia. Esse dispositivo permite mais uma vez encurtar distâncias entre grupos e indivíduos, como já haviam feito o cavalo, o telégrafo, o carro, o avião, o telefone e outros aparelhos similares. Seja sob o ângulo técnico, místico ou filosófico, no meu entender, o ciberespaço é “somente” um espaço feito de letras, vozes e imagens, de movimentos e trocas. Uma enorme carga simbólica está presente em todos esses aspectos e talvez por isso a missão de definir o que são as relações

sociais *on-line* e onde elas acontecem pareça uma tarefa difícil. A virtualidade, segundo as visões de Leibniz e Bergson, é o potencial contido em algo, sempre prestes a se realizar dentro dos limites da realidade sobre a qual ele pesa, não podendo fugir àquilo a que está predisposto, algo como o título do documentário “A Pessoa é para o que Nasce”, do diretor carioca Roberto Berliner sobre as irmãs e cantoras populares Regina, Maria e Conceição, de Campina Grande – PB. Para Deleuze e Lévy há algo mais no virtual, na virtualidade substantivada, que deixou de ser um adjetivo para ser uma “coisa”, no caso de Lévy uma espécie de “espaço” eu diria “quase-material”. Mas há uma diferença entre Deleuze e Lévy. Para o primeiro o virtual é o possível que vai além da mera semelhança com a realidade ao se realizar, e encontra, rizomaticamente, respostas e propostas não definidas previamente na possibilidade, surpreendendo e superando ou ficando aquém do possível na sua atualização, implicando com isso que ao se atualizar possa superar as expectativas contidas no real, deixando de ser somente algo latente para ser algo que se inventa e reinventa. Para Lévy o virtual e a virtualidade são aspectos da *nova ordem*, da *nova era*, capaz de levar a humanidade a um tipo de comunicação e experiência até então desconhecidos. A virtualidade é um conceito puramente filosófico, não sendo adequado ao trato com a tecnologia da informação, não se aplicando à vida *on-line* exceto como forma de expressão que não pode ultrapassar o limite da referência a relações que se estabelecem seja via satélite, rádio, cabos de dados ou instrumento de transmissão que os valha. A internet é um telefone com imagem e escrita, não um hiper-espaço, um meta-espaço onde flutuam informações digitais a serem arrestadas por internautas incorpóreos. Também não creio que uma inteligência extra-individual se cristalice nesse espaço que simplesmente não existe. O que existem são os provedores, os discos rígidos e as conexões que permitem o fluxo das informações de mortal para mortal. A multiplicidade desses fluxos, sim, cria um rizoma capaz de por em contato seres de todo o planeta, a um baixíssimo custo. E dou razão a Giddens quando ele afirma que as relações “desencaixadas” proliferarão em progressão geométrica. Tecnologias que só seriam acessáveis aos países que não fazem parte do exclusivista G-8, G-7, ou G-9, chegam às mãos dos indivíduos via correio (aéreo ou terrestre). Objetos que só seriam disseminados depois de anos no mercado agora cruzam o planeta diariamente

A Catho Online – cobaia de nossas experiências – é uma empresa monumental a mostrar o quanto um veículo como a internet propicia a expansão e a agregação de valores aos serviços. Facilidade, agilidade, rapidez, exigências de um espaço-tempo comprimido, são ferramentas para a conquista de clientes e conseqüente expansão no mercado. Apesar das brincadeiras que fizemos com os dados (depoimentos) e do processo que a Catho enfrenta na justiça, não vejo nenhum motivo para julgá-la além de minhas capacidades: entendo que, enquanto proposta, a agência cumpre a que veio, organizando vagas de empregados e empregadores, multiplicando as chances de empregar e ser empregado. As armadilhas discursivas que a empresa domina muito bem são o mel a atrair alguns desavisados, mas na contemporaneidade a propaganda e o palestrantismo andam de mãos dadas, pois são um capital onde o investimento é imaterial, baseado no conhecimento e na informação. Assim como os templos protestantes, é a oratória que determina o preço dos serviços e convence os clientes a entrarem na loja. Ofertas e promoções são também ferramentas usadas para atingir os mesmos fins: lucro e sucesso. A beatificação da agência, as graças dadas pelos usuários ao conseguirem um emprego são um dízimo a mais que reforça o círculo. É como aquela propaganda de biscoitos: vende mais porque vende mais. Através das relações sociais e comerciais entre a AGEON e seus assinantes fica comprovada a venda de vagas de emprego. O título da tese partiu do slogan da Catho – Seu Sucesso é o Nosso Negócio. Poderia ser: Seu Desemprego é o Nosso Negócio. Mas não é tão simples assim. As agências públicas de emprego não cumprem eficientemente seu papel, não acompanharam, com raras exceções, os avanços tecnológicos que permitem que uma empresa encontre os trabalhadores de que necessita, nem que estes consigam se encaixar nas vagas – porque vagas há milhares – a serem preenchidas. A qualificação é outro ponto nevrálgico, motivo pelo qual essas vagas também não encontram empregados que nelas se encaixem. As AGEONs são uma ferramenta que deveria servir de modelo para o serviço público, para sua pós-modernização, inclusive agregando os mesmos serviços que essas prestam: cursos on-line, orientação sobre como elaborar um bom currículo, consultores que ajudem os desempregados a descobrirem por que, havendo tantas vagas no mercado, eles não podem ocupá-las. O estigma que o SINE carrega é o mesmo que carrega quem o procura, sistema marcado

pelas vagas de má qualidade, destinadas aos pobres, sem estudo, eficientes apenas no trabalho “pesado”, subprofissões. As AGEONs são um exemplo de como o encontro entre as empresas que necessitam de empregados e os trabalhadores não é um processo tão difícil de ser realizado. Sua agilidade, habilidade em montar o quebra-cabeças do emprego/desemprego é prova de que é possível, com algum subsídio governamental, implementar programas similares em todos os níveis e esferas do governo: municipal, estadual e federal. Nada impede, com a tecnologia disponível, que haja um banco de empregos onde não seja necessário pagar por uma vaga, e que esse banco seja a reunião de bancos menores: os bancos estaduais, que por sua vez seriam o conjunto dos bancos municipais. As questões legais, os projetos de lei, as denúncias e processos que sofrem as AGEONs indicam com veemência que, seguindo o lema da OIT, as vagas de emprego não devem e não podem – embora já seja um fato! – ser transformadas em mercadoria. O desemprego de milhões não deveria ser fator de lucro para outros tantos. Mas é. E há um fetiche nessas relações que leva os assinantes das AGEONs, a – especificamente os da Catho, que pudemos comprovar – a tomarem essa vilipendiação como uma dádiva, e a agradecerem ajoelhados pela graça concedida a troco de dinheiro. O desemprego é um excelente negócio para aqueles que despertaram para esse nicho, para essa tendência que o capitalismo desenvolveu paulatinamente: quanto mais crescimento, quanto mais tecnologia, tanto mais desemprego. Por que não aproveitar essa massa de desempregados, para a partir dessas “rebarbas” do sistema gerar lucros? Se formos entender essa relação com a mente de um empresário certamente estaremos diante de uma idéia brilhante. Mas se pensarmos com o corpo de um trabalhador que está à margem da produção e do consumo, estaremos diante de uma imagem torpe: fazer dinheiro em cima do desespero do Outro. A emergência da iniciativa privada no sentido de consumir as forças relegadas ao desemprego é parte dos refluxos da revolução industrial e se situa mais ou menos no início do século XX, juntamente com a miséria gerada pela Primeira Guerra. Não foram poucos os esforços da OIT para conter as lojas de emprego, mas, até hoje, e aqui no Brasil, esses esforços foram vãos. Os empresários do desemprego continuam a vender vagas, ou melhor – ou pior – a vender a “possibilidade” de uma vaga de emprego por taxas que variam entre 30 a 60 reais mensais. Cansados de gastar as solas dos sapatos distribuindo currículos,

entrando nas filas dos SINEs, com uma auto-estima degradada pelos freqüentes fracassos, alguns apostam seus últimos centavos na compra de uma vaga. Muitos, conforme os depoimentos que colhi no *site* da Catho, obtêm sucesso. Outros tantos, ou mais, apenas terminam por serem vítimas de um contrato leonino que os obriga a pagarem o valor da assinatura mesmo sem terem sido agraciados com o tão sonhado emprego. Os mastros e a venda não são suficientes para evitar que alguns odisseus desavisados terminem nos tribunais em busca de serem ressarcidos de quatro ou cinco dezenas de reais que empenharam nas AGEONs ao ouvirem seu canto de sereia. Sucumbiram, e sua última nau naufragou. Para AGEONs como a Catho nada mais fácil que espalhar seus encantos por todos os zilhões de terabytes que compõem a internet, com apelos, figuras, convites, banners que anunciam o sonho do emprego ao alcance de todos, inclusive com direito ao teste dos “sete dias grátis”. Infelizmente, não deixa de ser uma armadilha, ao mesmo tempo em que não podemos dizer que há desonestidade legal, pois, se lido, o contrato explica em pormenores o que acontecerá aos odisseus que, por vacilo, desinformação ou ingenuidade, não o lerem por inteiro. A maleabilidade dessas empresas está presente em sua própria arquitetura móvel, capaz de destruir e reconstruir suas paredes todos os dias, de se pintar das cores mais atraentes, de se deslocar sem se deslocar, espécie de onipresença que a internet possibilita, e que se espalha cada vez com mais facilidade através de pequenas lojas de aluguel de “horas de navegação” àqueles que não têm meios para possuir seus computadores pessoais. Os assinantes da Catho estão em todos os cantos do Brasil, mas principalmente no sudeste. Jovens que terminaram o ensino médio ou se graduaram, técnicos, homens e mulheres de “classe média”, homens e mulheres com o crachá de executivos que procuram subir mais um degrau em suas carreiras; são motoristas, babás, vendedores, presidentes de empresas, auxiliares de limpeza. São profissionais em busca de uma chance de melhorar suas vidas. E, segundo a Catho, sempre conseguem. A pesquisa mostrou que não é bem assim, que muitos estão insatisfeitos e protestando inclusive juridicamente, soltando o verbo em sites como o Ivox e o ReclameAqui. Se alguns agradecem a Deus a existência da Catho outros tantos a querem ver queimar na morada do Diabo. Os esquizoseres envolvidos no processo, que se relacionam enquanto usuários da internet, também têm seus

fundamentalismos e dogmatismos, alguns chegando a considerar puristas, atrasados, ingênuos ou simplesmente incompetentes aqueles que dela prescindem. Para os que navegam e surfam na internet – principalmente na “praia” das agências de emprego *on-line* – já não estão ligados à maneira moderna de buscar seu crescimento profissional, muito embora eu possa afirmar com base na pesquisa que essa nova postura guarda resquícios, em maior ou menor grau, da forma moderna de traçar os caminhos da vida profissional. Escavando os discursos-depoimentos percebi que os clientes não estão mais dispostos a procurar emprego de “porta-em-porta”, entregando currículos pouco adequados nas mãos de secretárias de chefes ocupados. Depois da experiência *on-line* a forma anterior de contratação parece lenta e ineficiente.

A subjetividade dos trabalhadores da pós-modernidade é uma pasta a todo instante espremida, amassada, erguida e esmagada, segundo suas necessidades de sobrevivência. A centralidade do trabalho – pregada e suspensa pelo capitalismo conforme seus “desejos” – persiste em forma de rizoma, assomando aqui, esgueirando-se ali, fortalecendo-se em um momento, enfraquecendo em outro. Metamofor-seando-se para além de uma dialética, ou de bioritmos seriais. O trabalho permanece sendo um eixo de sustentação das subjetividades, mas um eixo móvel, que muitas vezes cede lugar a outras espinhas dorsais tão dobráveis quanto as posições políticas e as orientações sexuais. As supostas promessas de segurança que a modernidade pregou, iniciando seu grito com a liberdade, a igualdade e a fraternidade infelizmente não passaram disso. As guerras e guerrilhas, a fome e as matilhas ainda grassam nos desertos e nas metrópoles, e me parece que a falta de trabalho, o emprego e o desemprego, decorrentes da falta de educação e das estratégias próprias do sistema estão difundidos de maneira global. As benesses da globalidade não se estenderam tanto quanto suas mazelas. Vender vagas de trabalho é uma prova de que a modernidade falhou. Ou será o contrário? Talvez o capitalismo moderno sempre tenha contado com essa possibilidade, e talvez tenha sempre estado preparado para explorar mais essa mina de petróleo: o desemprego. Quanto vale um emprego? Há uma invisibilidade da exploração na venda do trabalho, certa perversidade, sutileza, ou apenas empresários em busca de novos mercados?

O recorte do objeto aborda um lado já não tão original, o presencial *versus* o eletrônico, mas creio que a originalidade do tema esteja ligada à contribuição de uma pesquisa que explorou outras vias da grande teia, que não as comunidades, as salas de chat e similares, o lado “liso” da internet, pois há ainda muito a ser pesquisado em seu lado “estriado”: os bancos, as lojas, o âmbito comercial e institucional. Se as condições me permitirem pretendo incursionar pelo Mercado Livre, que entendo seja um filão aberto à sociologia tanto quanto é à economia. As questões relativas ao espaço do ponto de vista *on-line* também ficam como indicação para grupos e pesquisadores interessados na invenção da espacialidade.

Outra questão que também não é nova, senão no âmbito dessa tese, é o público *versus* privado. Devemos polemizar em torno de um agenciamento, de um empreendimento capitalista, “simplesmente” por que sua mercadoria é o trabalho? Por que é o sistema o responsável pela produção da mercadoria: o desemprego? Sim. Na minha opinião, sim. E não se trata aqui de retomar antigas rixas entre o que deve ou não ser privatizado, o que é ou não “dever” do Estado. Trata-se de sujeitos e suas subjetividades que são diretamente afetadas, em momentos de grande fragilidade. Trata-se de questionar a legalidade dessas ações. Aqui entendo que reside o valor social dessa tese. Para que essa situação se modifique é preciso que haja uma conjunção de ações afirmativas por parte dos poderes da União, do marketing, da imprensa, e principalmente, dos usuários das AGEONs. Mais que isso, eu diria: que sejam retomadas as Convenções da OIT e esse seja um assunto a ser levado em conta pela coletividade internacional, no sentido de serem criados tratados que possibilitem aos desempregados mais que uma garantia financeira temporária.

A existência da relação entre ficção e ciência também é meu desejo: que as monografias, dissertações e teses, os textos acadêmicos, se deixem penetrar por linguagens menos duras, mais molhadas, onde a ficção possa penetrar suavemente sem estuprar os dados, onde o rico vocabulário de nosso idioma se desnude, se espraie, sem medos. Seria uma questão de método, uma proposta que fica aqui como “sinal dos tempos” pós-modernos. Uma escritura que possa levar informação, conteúdo, com humor, que esfacle a falsa seriedade de algumas estatísticas e gráficos, deflore com calor e delicadeza o discurso vitoriano e sisudo de tantas pesquisas que, muitas vezes,

perdem seu frescor exatamente por não permitirem a expressão maior da subjetividade de seus autores.

As críticas e sugestões oriundas da Qualificação me ajudaram a descobrir atalhos, desvios, abrindo a facção uma selva até então inexplorada por mim: uma tese com personagem e diálogos. Algumas vezes as personagens são “reais” e os ambientes, fictícios. Noutras, se dá o contrário. Com isso espero ter sinalizado que o *status* da Ciência, a escrita acadêmica, a pesquisa de campo e seus dados podem ser apresentados de forma cômica, dramática, teatral, romantizada, sem que com isso percam nada, mas ao contrário, acrescentem, floresçam em leveza e capturem o leitor.

O devir-escritura de minhas “análises” e pensamentos somente estará minimamente delineado quando esta tese for “depositada” e a proximidade da defesa da tese for tal que torne impossível acrescentar e cortar palavras, trechos. A escrita nunca termina, o autor nunca findará de dizer, exceto por ser absolutamente necessário por um ponto final em algum local que permita um fechamento provisório da discussão, capaz de torná-la redonda e inteligível.

Trechos inteiros foram amputados: da primeira à última versão, dezenas de páginas foram suprimidas. Em determinado momento, graças à ajuda do meu orientador, percebi que estava caminhando sob uma linha de fuga, sempre escapando para um discurso crítico sobre as ciências que se intercalava nos mais variados momentos do texto, cortando-o, esquartejando-o, roubando seu sentido, atrapalhando sua sequência lógica, obscurecendo e tangenciando o *objeto*. Isso se deu mediante a extrema liberdade com que escrevi esse texto. Soltei as amarras do pensamento e me entreguei ao canto das sereias, me deixei cegar, entontecer, perder o norte em delírios quase ininteligíveis, palavras de sonho, de embriaguez. Espero que o crivo da crítica não castre essa escritura e ela termine por ser como todas as outras que a academia acolhe, científica. Desejo que o irracional dos sonhos, êxtases, arrebatamentos e desvarios se deixem mesmo ver e sejam parte das balizas, vaus e longarinas “científicas” que também usei para construir este barco. Um barco pós-moderno, foi a minha intenção, não sem que o embaçamento e os questionamentos sobre o que venha a ser pós-modernidade continuem. Um método pós-moderno. Um método que é um

barco, móvel, afundável, leve, mas capaz de navegar um espaço liso das ciências. Sim, esse espaço existe.

Algo que não poderia acontecer era eu finalizar essa escritura sem chamar para a despedida, Odisseu, companheiro e alter-ego: falando em transportes marítimos foi o que lhe aconteceu, embarcou no porto de Cabedelo – PB em um navio que o levou de volta a São Paulo.

Dois episódios que poderíamos chamar de paranormais foram o estopim dessa nova decisão. Levado pela saudade voltou a procurar espaços sobrenaturais, cada vez mais crente na sobrevivência da alma e na existência de comunicação, por meio da mediunidade, entre vivos e mortos, entre os espíritos encarnados e desencarnados. A grande surpresa lhe aconteceu em uma noite de junho, no Grupo Luz Divina durante uma sessão onde buscava, mais uma vez, contato com seus parentes mortos. Alguém com forte sotaque francês e voz embargada dirigiu-se a ele:

– Odisseu, meu nome é Baudrillard. Jean Baudrillard.

A cadeira onde Odisseu estava sentado moveu-se perigosamente para trás, e voltou ao seu lugar. Ele tremia, conhecia o filósofo e o medo advinha, não somente porque apesar das visitas ao Centro estava tendo pela primeira vez uma experiência sobrenatural, espetacular, mas pelo fato de ter guardado uma lembrança não muito simpática do professor baixo e mal-humorado. Além de ter lido alguns de seus livros – *À sombra das maiorias silenciosas* o deixou deprimido por um final de semana inteiro – percebeu claramente sua influência na trilogia *Matrix*. No primeiro filme dos irmãos Wachowski, o *hacker* Neo (Keanu Reeves) guarda seus programas de paraísos artificiais no fundo falso do livro *Simulacros e Simulação*. Baudrillard parecia não ligar para a fama, era considerado por muitos um visionário, charlatão, um pessimista arruaceiro.

Para completar sua imagem sobre Baudrillard, Odisseu recorreu a um encontro que tivera com o autor quando ele esteve no Brasil para lançar seu livro, *Power Inferno* e participar da conferência *A Subjetividade na Cultura Digital*, na Universidade Cândido Mendes. Sempre pautado por assuntos atuais, na palestra que Odisseu assistiu Baudrillard analisou os atentados de 11 de setembro de 2001 como um ato simbólico contra o Ocidente. A ferocidade do filósofo assustou o tímido

Odisseu que nunca esqueceu a palavra com a qual ele definia seu pensamento: turboniilista. Apocalíptico, pregou naquele momento que a realidade já não existe e vivemos um permanente e conspiratório espetáculo de mídia. Decretou o fim dos tempos, e todo mundo vibrou. Odisseu, de pavor. Muito pálido, nosso herói susteve o desmaio e arriscou:

– Baudrillard? É mesmo o senhor?

– Sim, meu filho, sinto falta de uma platéia aqui onde estou. Preciso falar, trocar idéias novamente. Seu clássico nome me fez escolhê-lo para uma conversa amigável.

Mais curioso que um gato, Odisseu recuperou as cores e despiu-se da timidez.

– Jean, posso chamá-lo assim?

– Me chame como quiser...

– Jean, sou sociólogo, andei buscando a verdade nos livros, na filosofia, na história, nas experiências. Sinto-me encardido de tanta leitura, no entanto, cada vez mais confuso. Modernidade, pós-modernidade. Simulacro, espetáculo. Sinto que é a própria busca pela verdade que me tumultua e deixa perplexo. Talvez se eu aceitasse que há diversas verdades... Mas sinto que devo aproveitar essa oportunidade única, esse encontro inusitado... Posso lhe fazer algumas perguntas? Quem sabe alguns dos milhões de luzes que piscam dentro do meu cérebro se apaguem, e eu possa dormir sem soníferos.

– Como já disse, fique à vontade. Estou aqui disposto a conversar com você.

Animado, quase histérico, e algo temeroso, Odisseu perguntou:

– Suas idéias demolidoras estão mais em moda do que nunca. O mundo ficou mais parecido com o senhor?

– Nada aconteceu, Odisseu. O resultado de um consumo rápido e maciço de idéias só pode ser redutor. Há um mal-entendido em relação a meu pensamento. Citam meus conceitos de modo irracional. Hoje o pensamento é tratado de forma irresponsável. Tudo é efeito especial. Veja o conceito de pós-modernidade. Ele não existe, mas o mundo inteiro o usa com a maior familiaridade. Eu próprio sou chamado de “pós-moderno”, o que é um absurdo.

Os neurônios de Odisseu em ebulição produziam as mais raras sinapses:

– Mas pós-modernidade não é um conceito teórico racional?

– A noção de pós-modernidade não passa de uma forma irresponsável de abordagem pseudocientífica dos fenômenos. Trata-se de um sistema de interpretações a partir de uma palavra com crédito ilimitado, que pode ser aplicada a qualquer coisa. Seria piada chamá-la de conceito teórico.

Pseudocientífica. Odisseu arregalou-se por dentro, pensando: estamos numa sessão espírita e embora os kardecistas insistam no cientificismo, não acredito que alguém como Jean tenha a mesma opinião. Piscou os olhos ainda vermelhos de incredulidade e continuou:

– Se não é pós-moderno, como o senhor define seu pensamento em poucas palavras? Os críticos o chamam de pensador terrorista, ou niilista irônico.

– Sou um dissidente da verdade. Não creio na idéia de discurso de verdade, de uma realidade única e inquestionável. Desenvolvo uma teoria irônica que tem por fim formular hipóteses. Estas podem ajudar a revelar aspectos impensáveis. Procuro refletir por caminhos oblíquos. Lanço mão de fragmentos, não de textos unificados por uma lógica rigorosa. Nesse raciocínio, o paradoxo é mais importante que o discurso linear. Para simplificar, examino a vida que acontece no momento, como um fotógrafo. Aliás, sou um fotógrafo.

Imediatamente passou pela mente de Odisseu uma descarga de imagens: seu *fotolog*, as fotos de Chema Madoz, cenas de *Matrix*, um mundo em preto e branco, um turbilhonamento de cores que se transformaram em néon, em circo, em televisão, nas cenas verdes das explosões da Guerra do Golfo.

– Como o senhor explica a espetacularização da realidade?
– Me trate por “você”... Os signos evoluíram, tomaram conta do mundo e hoje o dominam. Os sistemas de signos operam no lugar dos objetos e progridem exponencialmente em representações cada vez mais complexas. O objeto é o discurso, que promove intercâmbios virtuais incontroláveis, para além do objeto. No começo de minha carreira intelectual, nos anos 60, escrevi um ensaio intitulado *A Economia Política dos Signos*, a indústria do espetáculo ainda engatinhava e os signos cumpriam a função simples de substituir objetos reais. Analisei o papel do valor dos signos nas trocas humanas. Atualmente, cada signo está se transformando em um objeto em si mesmo e materializando o fetiche, virou valor de uso e troca a um só tempo. Os signos estão criando novas estruturas diferenciais que ultrapassam qualquer conhecimento atual. Ainda não sabemos onde isso vai dar.

Que alma pretensiosa, pensou Odisseu. E se descobriu pretensioso também.

– A disseminação de signos a despeito dos objetos pode conduzir a civilização à renúncia do saber?
– Alguma coisa se perdeu no meio da história humana recente. O relativismo dos signos resultou em uma espécie de catástrofe simbólica. Amargamos hoje a morte da crítica e das categorias racionais. O pior é que não estamos preparados para enfrentar a nova situação. É necessário construir um pensamento que se organize por deslocamentos, um anti-sistema paradoxal e radicalmente reflexivo que dê conta do mundo sem preconceitos e sem nostalgia da verdade. A questão agora é como podemos ser humanos perante a ascensão incontrolável da tecnologia.

“Será que sempre seremos humanos?”, perguntou-se Odisseu. Ele é alma, espírito apenas. As cenas da Guerra do Golfo voltaram a sua mente misturando-se com os sinais verdes em queda nas telas dos computadores do filme *Matrix*. Bisbilhoteiro, quis saber:

– Seu raciocínio lembra os dos personagens da trilogia *Matrix*. Gostou do filme?
– É uma produção divertida, repleta de efeitos especiais, só que muito metafórica. Os irmãos Wachowski são bons no que fazem. Keanu Reeves também tem me citado em muitas ocasiões, só que eu não tenho certeza de que ele captou meu pensamento. O fato, porém, é que *Matrix* faz uma leitura ingênua da relação entre ilusão e realidade. Os diretores se basearam em meu livro *Simulacros e Simulação*, mas não o entenderam. Prefiro filmes como *Truman Show* e *Cidade dos Sonhos*, cujos realizadores perceberam que a diferença entre uma coisa e outra é menos evidente. Nos dois filmes, minhas idéias estão mais bem aplicadas. Os Wachowskis me chamaram para prestar uma assessoria filosófica para *Matrix Reloaded* e *Matrix Revolutions*, mas não aceitei o convite. Como poderia? Não tenho nada a ver com

kung fu. Meu trabalho é discutir idéias em ambientes apropriados para essa atividade.

Uma mesa-branca não é exatamente um “ambiente apropriado para essa atividade”, pensou Odisseu. “E o cara ironizou mesmo, agora... É melhor eu mudar de assunto”.

– Quanto à arte, você se dedicou a analisar o fenômeno artístico ao longo dos anos. Em que pé se encontra a arte contemporânea?

– A arte se integrou ao ciclo da banalidade. Ela voltou a ser realista, a desejar a restituição da reprodução clássica. A arte quer cumplicidade do público e gozar de um status especial de culto, situação prefigurada nas sinfonias de Gustav Mahler. Claro que há exceções, mas, em geral, os artistas se renderam à realidade tecnológica. Desde os *ready-mades* de Marcel Duchamp, a importância da arte diminuiu, porque a obra de arte deixou de ter um valor em si. Os signos soterraram a singularidade. Os artistas se submetem a imperativos políticos, e não mais seguem ideais estéticos. A arte já não transforma a realidade e isso é muito grave.

A arte pela arte. Era assim que Odisseu pensava. Vai ver, com tanta vida digital, *flogs*, *blogs*, fóruns, ele estava se tornando aquilo que Baudrillard desprezava, e nem acreditava existir: um pós-moderno. Acuado, desejou estar alfinetando o filósofo:

– Por que o escreveu tanto sobre a cultura americana, mas nunca refletiu sobre o Brasil, que você tanto adora visitar?

– Já me cobraram um livro sobre o Brasil. Cito-o em minhas *Cool Memories* e em outros textos, mas a cultura brasileira é muito complexa para meu alcance teórico. Ela não se enquadra muito em minhas preocupações com a contemporaneidade, não tem nada a ver com a americana, com seus dualismos maniqueístas, um país que se construiu a partir das simulações, um deserto da cultura no qual o vazio é tudo. Os Estados Unidos são o grau zero da cultura, possuem uma sociedade regressiva, primitiva e altamente original em sua vacuidade. No Brasil há leis de sensualidade e de alegria de viver, bem mais complicadas de explicar. No Brasil, vigora o charme²⁴⁰.

Um estampido soou ao longe e Odisseu teve a sensação de que o chão afundara um pouco. Outro estampido se ouviu, e muitas risadas. Crianças soltavam fogos. Era noite de São João. Ele percebeu então que a “entrevista” havia terminado e o único espírito que conseguia ver agora era o seu, inquieto como uma vespa aprisionada.

Queria espaço, queria respirar, mas se sentia fraco para isso. Como sempre, a saída foi a entrada na internet. Mas não estava para conversas. Pensou que se tivesse um emprego fixo, com carteira assinada, *ticket* refeição e plano de saúde poderia não só ir ao psiquiatra, mas talvez nem fosse preciso: quem sabe essa estabilidade o faria mais equilibrado. Voltou para casa, ligou a máquina, e verificou seus *e-mails*. E então,

²⁴⁰ O episódio “paranormal” entre Odisseu e Jean Baudrillard foi uma forma – entre outras que utilizei na escritura da tese – para apresentar os dados de maneira não-tradicional. Trata-se de uma entrevista concedida pelo filósofo – falecido recentemente, em 06/03/ 2007 – a Luís Antônio Giron, Revista Época, Edição 264, 09/06/2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT550009-1666,00.html>>.

finalmente, o milagre: um chamado da Catho para trabalhar na própria AGEON como operador de *telemarketing*. No mesmo instante, de repente, começou a ouvir uma voz que parecia vir do monitor, mas soava como se vinda do além. E esse segundo episódio o fez decidir partir novamente para o Sudeste. Alguém lhe sussurrou ao ouvido que aceitasse o contrato da Catho, alguém que lhe disse ser Atena, a deusa de olhos brilhantes:

Nobre filho de Laerte, Odisseu fecundo em ardis, detém-te, não prolongues essa luta indecisa, não suceda que sobre ti atraias a cólera de Zeus, filho de Crono, cuja voz ressoa ao longe.

Assim falou Atena. Odisseu obedeceu-lhe, alegre em seu coração. Depois um contrato sagrado uniu para sempre os dois partidos, sob a inspiração de Atena, filha de Zeus, deus da égide, Atena semelhante a Mentor na voz e no aspecto. (Homero 2003: 316).



Repkényes ablak 1993 – ISTVÁN OROSZ

E-NTREVISTA – ENTREVISTA ELETRÔNICA
concedida por Adriano Arruda. Via e-mail, 20/12/2007.

De: Liliane Costa
Data: quinta-feira, 20 de dezembro de 2007 16:43
Para: 'Cassandra Vêras'
Cc: 'Adriano Arruda'
Assunto: RES: ENTREVISTA 05

Olá Cassandra, boa tarde.

Segue abaixo respostas referente a entrevista do Sr. Adriano.

Dúvidas, por gentileza me retorne a mensagem.

Liliane Costa

1. O francês Pierre Lévy faz uma oposição entre virtual e atual, mas considera todo tipo de vida, de relação, real. Que significado tem para você o termo "virtual"? Você definiria a Catho como uma agência de emprego on-line ou virtual? Por quê?

R.: A Catho não é uma agência virtual e nem uma agência real, e sim um classificado na Internet de anúncios de vagas de empregos e currículos onde, depois do início da Internet veio se encaixar com o nosso modelo de negócio, pois o currículo deixou de ser papel e, consequentemente o processo para se encontrar um candidato ficou muito mais rápido, minimizando o tempo de uma seleção.

2. Em que você acha que uma agência on-line difere, essencialmente, de uma empresa de "tijolo-e-cimento"? Quais as vantagens e desvantagens? Como uma empresa "virtual" está posicionada dentro das leis brasileiras?

R.: A diferença se dá apenas na interação com o cliente, pois esta interação se faz através de um computador. Mas todo o funcionamento, gerenciamento e estrutura de uma empresa virtual é exatamente igual a uma empresa normal fato pelo qual não existe distinção de uma empresa virtual com relação à lei.

3. O que tornou possível historicamente uma empresa como a Catho? Quais os porquês da necessidade de uma empresa como ela? A diversificação de serviços foi uma decisão tomada a partir de demandas dos usuários ou estratégia de crescimento da empresa?

R.: Na verdade, a Catho sempre foi uma empresa de Recursos Humanos oferecendo uma série de procedimentos offline como recolocação, recrutamento e coaching, mas com o surgimento da Internet, identificamos uma oportunidade de melhorar o modelo aliado a nossa estrutura, nossa forma de gerenciar e determinação com relação aos objetivos a Catho aos poucos se tornou um exemplo de negócio bem sucedido na Internet Brasileira. Tudo foi conduzido através de pesquisas com usuários e relatórios gerenciais.

4. De que maneira os relacionamentos entre a Catho e os usuários diferem dos face a face e quais os principais dados que você apontaria nessas relações? Como os usuários disponibilizam seus depoimentos? É um processo espontâneo? Há clientes insatisfeitos?

R.: Com relação ao face-a-face, a Catho é hoje uma empresa cuja relação com o cliente se dá de uma forma interativa. Existem algumas dúvidas naturais de atendimento que são tiradas através de uma central de atendimento e pode ser via e-mail, telefone ou Chat. Não existe um atendimento face-a-face, porém como a Catho existe há muitos anos, a credibilidade na empresa ajuda na solução das dúvidas.

Toda vez que o cliente desiste de sua assinatura nós coletamos, através de uma pesquisa, o motivo pelo qual o cliente está nos deixando. Sim, há clientes insatisfeitos e estas métricas são avaliadas para melhorarmos constantemente a empresa.

5. Existe um grau mínimo de estudo exigido? É possível detectar, por parte dos empregadores exigências (idade, cor, peso, etc.), ou estão mais preocupados com a qualificação? Seria viável a venda de vagas para porteiros, arrumadeira, motoristas, etc.?

R.: Novamente, a Catho é um classificado e quando a empresa anuncia sua vaga ela especifica o tipo / perfil do profissional que está buscando. Cabe ao profissional se especializar e entender o que o mercado está procurando. Com relação às vagas operacionais, conforme ocorre penetração das classes C, D e E na Internet, com certeza será possível para qualquer candidato encontrar anúncio para qualquer tipo de vaga.

continua...

6. O "mundo do trabalho" realmente sofreu modificações que justifiquem pensarmos em "mundo do trabalho pós-moderno"? Por quê? Que setores são mais impactados pela TI? Domenico de Masi aponta para um caminho onde se misturam estudo, trabalho e ócio. O que você acha dessa "fórmula"?

R.: O mundo do trabalho vem sofrendo e vai continuar sofrendo transformações. Com o passar do tempo, muitas vagas deixarão de existir em função do avanço tecnológico, necessidades do meio ambiente, relação entre pessoas e sempre vão surgir novas profissões. Existem algumas áreas que continuam firmes e fortes, mas que exigem atualizações constantes (exemplo medicina).

Concordo, pois para o profissional é extremamente necessário o trabalho, atualização nos estudos e com o avanço tecnológico, de uma certa forma sobra mais tempo para o profissional que visa obter uma melhor qualidade de vida.

7. Existe uma pressão para que as empresas assumam posturas e políticas que beneficiem a sociedade como um todo. Há também uma preocupação com o meio ambiente. O que o diretor da Catho tem a dizer sobre isso?

R.: Concordo plenamente. O meio ambiente é muito importante e toda empresa tem que ter consciência e preservar melhor os recursos que dispomos.

8. O fundo de private equity americano Tiger Global Management adquiriu as empresas Manager Online e Catho Online. O que levou a essa fusão?

R.: A Catho e a Manager são duas empresas independentes com gestão também independentes. O grupo Tiger adquiriu várias empresas deste segmento em vários países, pois pretende ser líder de mercado com relação a este segmento de empresa no mundo todo.

Para finalizar gostaria de saber um pouco mais sobre sua pessoa: idade, naturalidade, formação, começo da carreira, interesses, projetos... e claro, fique à vontade para fazer quaisquer comentários.

Adriano Arruda, 35 anos, formado em Engenharia da Computação pela Unicamp-SP. Participei da criação e implantação do site Catho Online – o maior portal de anúncios de currículos e vagas de emprego da América Latina -, em 1996, ao lado de Thomas A. Case, Ph.D., fundador do Grupo Catho.

Especializado em soluções para a área de Recursos Humanos e mercado de trabalho, participando ativamente do processo de consolidação e crescimento da Catho Online no Brasil e na América Latina (sendo um dos responsáveis pela criação da Catho Chile).

Hoje sou diretor-geral da Catho Online e uma das maiores autoridades do Brasil em assuntos ligados a mercado de trabalho, empregabilidade e colocação de profissionais.



Liliane Costa Nunes

Secretária

Tel.: 55 11 3177-0700 - Ramal 330

Cel.: 8202-1232

E-mail: liliane@catho.com.br

Cordialmente,
Liliane Costa Nunes
Catho - Seu sucesso é o nosso negócio.

SIGNIFICADO DE *BIT* E *BYTE*

Bit (simplificação para dígito binário, “BInary digiT” em inglês) é a menor unidade de medida de transmissão de dados usada na Computação e na Teoria da Informação. Um bit tem um único valor, 0 ou 1, ou verdadeiro ou falso, ou neste contexto quaisquer dois valores mutuamente exclusivos. Embora os computadores tenham instruções (ou comandos) que possam testar e manipular bits, geralmente são idealizados para armazenar instruções em múltiplos de bits, chamados bytes. Um byte é um dos tipos de dados integrais em computação. É usado com frequência para especificar o tamanho ou quantidade da memória ou da capacidade de armazenamento de um computador, independentemente do tipo de dados lá armazenados. A quantidade padronizada de byte foi definido como sendo de 8 bits. Para os computadores, representar 256 números binários é suficiente. Por isso, os bytes possuem 8 bits. Existem também termos para referir-se a múltiplos de bits usando padrões prefixados, como kilobit (**Kb**), megabit (**Mb**) e gigabit (**Gb**). De notar que a notação para bit utiliza um “*b*” minúsculo, em oposição à notação para **byte** que utiliza um “*B*” maiúsculo (**KB**, **MB**, **GB**).

Byte (B)

- 1 Byte = 8 bits (2^3 bits).

Kilobyte (kB)

- 1 024 (2^{10}) Bytes
- 8 192 bits

Megabyte (MB)

- 1 024 kB
- 1 048 576 (2^{20}) Bytes
- 8 388 608 bits

Gigabyte (GB)

- 1 024 MB
- 1 048 576 kB
- 1 073 741 824 (2^{30}) Bytes
- 8 589 934 592 bits

Terabyte (TB)

- 1 024 GB
- 1 048 576 MB
- 1 073 741 824 kB
- 1 099 511 627 776 (2^{40}) Bytes
- 8 796 093 022 208 bits

Petabyte (PB)

- 1 024 TB
- 1 048 576 GB
- 1 073 741 824 MB
- 1 099 511 627 776 kB
- 1 125 899 906 842 624 (2^{50}) Bytes
- 9 007 199 254 740 992 bits

Exabyte (EB)

- 1 024 PB
- 1 048 576 TB
- 1 073 741 824 GB
- 1 099 511 627 776 MB
- 1 125 899 906 842 624 kB
- 1 152 921 504 606 846 976 (2^{60}) Bytes
- 9 223 372 036 854 775 808 bits

Zettabyte (ZB)

- 1 024 EB
- 1 048 576 PB
- 1 073 741 824 TB
- 1 099 511 627 776 GB
- 1 125 899 906 842 624 MB
- 1 152 921 504 606 846 976 kB
- 1 180 591 620 717 411 303 424 (2^{70}) Bytes
- 9 444 732 965 739 290 427 392 bits

Yottabyte (YT)

- 1 024 ZB
- 1 048 576 EB
- 1 073 741 824 PB
- 1 099 511 627 776 TB
- 1 125 899 906 842 624 GB
- 1 152 921 504 606 846 976 MB
- 1 180 591 620 717 411 303 424 kB
- 1 208 925 819 614 629 174 706 176 (2^{80}) Bytes
- 9 671 406 556 917 033 397 649 408 bits.

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bit>> e <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Byte>>.

RESULTADOS DE PESQUISAS NO GOOGLE

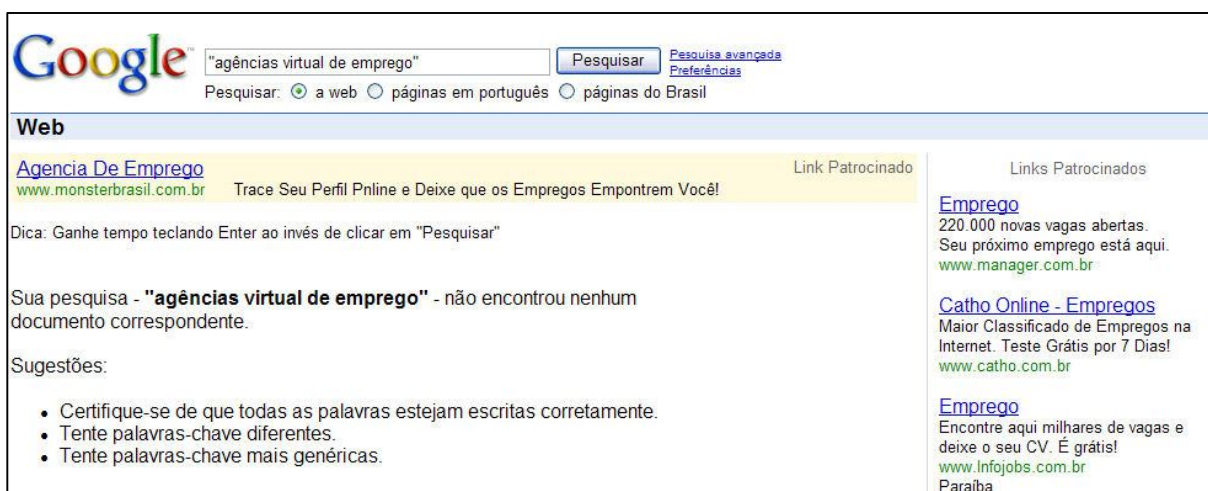


FIGURA 1. Pesquisa pela frase "agências virtual de emprego".

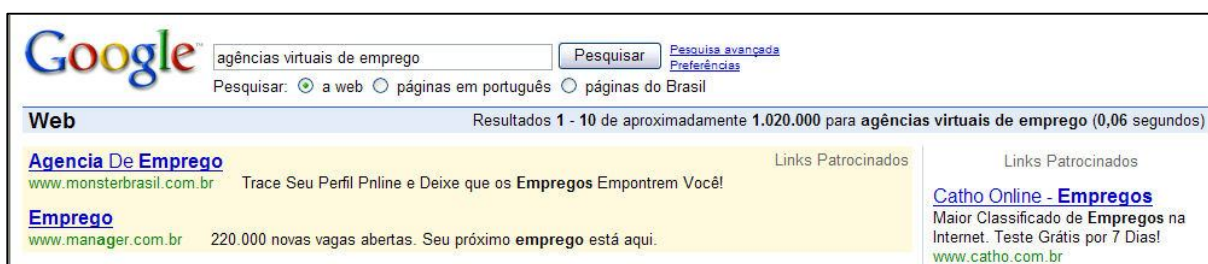


FIGURA 2. Pesquisa pela frase "agências virtuais de emprego" – sem aspas.

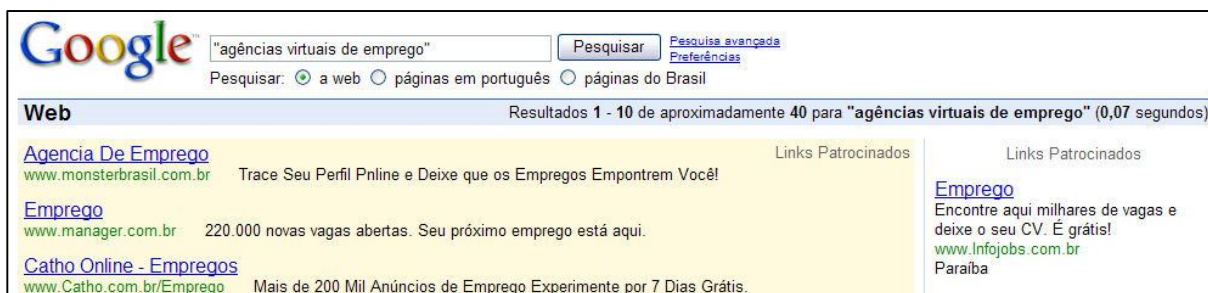


FIGURA 3 Pesquisa pela frase "agências virtuais de emprego" – com aspas

MAIORES AGEONS DO BRASIL E DO MUNDO

Sites gratuitos de emprego	Sites pagos de emprego	Sites internacionais de emprego
www.ambc.com.br/rh	www.adecco.com.br	www.brasilidiomas.com.br
www.anunciosbrasil.com.br	www.alliage.com.br	www.careerpath.com
www.apinfo.com.br (somente para área de informática)	www.authent.com.br	www.careerbuilder.com
www.avodabc.com.br (somente para judeus)	www.brightlink.com.br	www.careerjournal.com
www.bne.com.br	www.catho.com.br	www.chiefmonster.com
www.bumeran.com.br	www.debernt.com.br	www.ekornferry.com
www.ccfb.com.br	www.dmrh.com.br	www.eurojobs.com
www.ciee.org.br (apenas estágios)	www.eigenheer.com.br	www.hotjobs.com
www.clickjobs.com.br	www.emploio.ior.br	www.internjobs.com
www.curriculum.com.br	www.executives.com.br	www.joboptions.com
www.cynet.com.br	www.grupofoco.com.br	www.jobpilot.com
www.elancers.com.br	www.heidrick.com	www.LatPro.com
www.emploiabril.org.br	www.irh.com.br	www.monster.com
www.emploiaweb.com	www.iunexecutive.com.br	www.overseasjobs.com
www.gano.com.br	www.kastruprh.com.br	www.resortjobs.com
www.gelre.com.br	www.keypeople.com.br	www.summerjobs.com
www.quiadeempregos.com.br	www.lc-consultoria.com.br	www.vault.com
www.ijobs.com.br	www.libercon.com.br	
www.infoemprego.com.br	www.mmmkt.com.br	
www.infojob.com.br		
www.multiempregos.com.br		
www.net-empregos.com		
www.olx.com.br/empregos-cat-190		
www.proemprego.com.br		
www.selector.com.br		
www.universia.com.br		
www.vagas.com.br		
www.vidaexecutiva.com.br		
www.worknow.com.br		
www.ziggylance.com.br (ofertas para freelancers)		

FIGURA 4. Endereços das maiores AGEONS do Brasil e do mundo.

Fonte: <http://www.empregosplus.com.br/index.php>

TERCEIRIZAÇÃO DE *BUSINESS PROCESS OUTSOURCING* – BPO.

Responsabilidade da Catho para com o Cliente-Empresa. [p.79]

A Catho está plenamente qualificada para discutir a terceirização do departamento de RH de sua empresa.

A **Terceirização (BPO) de RH** da Catho inclui os serviços de:

- Recrutamento e Seleção;
- Cargos e Salários;
- Avaliação de Desempenho;
- Treinamento;
- Administração de Estagiários;
- Pesquisa de Cultura e Clima;
- Pesquisa da Satisfação do Cliente;
- Outplacement;
- Suporte para Reclamações Trabalhistas

	Responsabilidades do Cliente	Responsabilidades da Catho
Recrutamento e Seleção 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprovação da contratação • Definição dos perfis • Entrevistas finais 	<ul style="list-style-type: none"> • Adm. Banco de Anúncios de Currículos • Triagem de Anúncios de Currículos • Headhunting • Entrevistas, dinâmicas, análise de questionários de avaliação, referências profissionais
Cargos e salários 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprovação de política de remuneração • Definição de pacotes de benefícios 	<ul style="list-style-type: none"> • Descrição de cargos por competência • Pesquisa salarial setorializada • Proposta de alinhamento salarial • Implantação de política de remuneração fixa ou variável
Avaliação de desempenho 	<ul style="list-style-type: none"> • Validação do plano de desenvolvimento proposto • Aprovação das métricas de medição Performance individuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de avaliações de desempenho ou 360º • Elaboração de plano de ação individual por funcionário • Definição de metas de desempenho com foco em resultados
Treinamento 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprovação do orçamento e conteúdo programático • Validação do cronograma proposto 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação das necessidades • Elaboração de plano de treinamento • Definição dos cursos • Suporte na criação e aplicação de cursos presenciais e à distância • Avaliação da eficácia dos treinamentos
Suporte para reclamações trabalhistas 	<ul style="list-style-type: none"> • Definição e contratação de advogados • Decisões sobre acordos 	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio técnico para-legal aos advogados da empresa • Organização documental dos processos • Elaboração de cálculos trabalhistas • Atualização do passivo trabalhista em aberto • Simulações de passivos trabalhistas
Outplacement 	<ul style="list-style-type: none"> • Indicação dos profissionais a serem assessorados/recolocados 	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação técnica e de mercados aos dispensados • Recolocação de ex-colaboradores da empresa • Apoio e ajuda na melhora da imagem institucional e motivação dos profissionais que ficam na empresa
Administração de Estagiários 	<ul style="list-style-type: none"> • Registro de Estagiários • Definição e pagamento de Bolsa Auxílio 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de Termo de Compromisso Estágio e Acordo de Cooperação • Certificado de Seguro • Relação Ativos e Rescindidos
Pesquisa da Satisfação do Cliente 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprovação do questionário e indicação dos clientes • Aprovação do plano de ação 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração do questionário • Aplicação da Pesquisa • Tabulação dos dados e Relatório final • Apresentação gerencial e gráficos de favorabilidade • Elaboração de plano de ação
Pesquisa de Cultura e Clima 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprovação do questionário • Validação do plano de ação 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração do questionário • Divulgação interna da pesquisa • Aplicação da Pesquisa • Tabulação dos dados e relatório final • Apresentação gerencial • Elaboração do plano de ação
<p>Atividades que permanecem normalmente sob responsabilidade do cliente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Decisões estratégicas • Políticas e procedimentos internos • Conteúdo de treinamento específico da empresa • Comunicação interna 		

FONTE: <http://www.catho.com.br/rhoutourcing>

ACEITAÇÃO DO MEU CONVITE POR ADRIANO ARRUDA

De: Cassandra Vêras
Data: terça-feira, 30 de outubro de 2007 10:35
Para: aarruda@catho.com.br
Assunto: Entrevista 01

Bom dia, Adriano...

Antes de mais nada, muito obrigada por aceitar o convite.
Acabo de enviar as perguntas para o meu orientador analisar. Tão logo ele me retorne as enviarei para você.

Abs,
Cassandra.

----- Original Message -----

From: [Adriano Arruda](#)
To: 'Cassandra Vêras'
Sent: Monday, October 29, 2007 9:45 PM
Subject: RES: Pedido de entrevista para tese de doutorado

Ola Cassandra,

Sem problema algum. Pode enviar suas perguntas.

Abs,
Adriano

No virus found in this incoming message.
Checked by AVG Free Edition.
Version: 7.5.503 / Virus Database: 269.15.12/1097 - Release Date: 28/10/2007 13:58

No virus found in this outgoing message.
Checked by AVG Free Edition.
Version: 7.5.503 / Virus Database: 269.15.12/1097 - Release Date: 28/10/2007 13:58

VAGAS PARA PORTADORES DE DEFICIÊNCIAS

» Incluir CV		» Buscar Vaga		» Incluir Vaga		» Buscar CV	
VAGAS DE EMPREGO PARA				CURRÍCULOS DE			
Profissionais		66.860		Profissionais		61.841	
Recém-formados		982		Recém-formados		8.600	
Estagiários		9.009		Estagiários		11.958	
Área de Saúde		5.281		Área de Saúde		997	
Área de Informática		8.577		Área de Informática		3.486	
Área de Professores		3.076		Área de Professores		998	
Área de Telecom		283		Área de Telecom		1.242	
Área Operacional		7.365		Área Operacional		263	
Portador de Deficiência		Novo		Portador de Deficiência		Novo	
Vagas no Exterior		2.682		Profissionais Inglês		1.564	
Vagas da Case		46					
Total de Vagas		104.288		Total de Currículos		90.969	
Inclua seu Currículo aqui!				Anuncie vagas gratuitamente			
Verifique os Serviços para Profissionais				Verifique os Serviços para Empresas			
 Tire suas dúvidas com nossas atendentes online				 DIRETÓRIO DE VAGAS + de 19.000 links de empregos			

FIGURA 1. Vagas e currículos disponíveis na Catho Online, agosto 2002.

Fonte: <http://www.catho.com.br>.**CATHO PPD - Novidade**

A Catho Online abre espaço para que as empresas encontrem profissionais portadores de deficiência qualificados para o mercado de trabalho. Inovamos mais uma vez ao proporcionar ao portador de deficiência oportunidades de emprego.

CATHO OPERACIONAL - Novidade

Confira nosso novo site para currículos e vagas da área Operacional. Muito mais rápido e fácil, para cargos que não exijam formação universitária, exemplos: operadores de máquina, recepcionistas, balconistas, motoristas, etc.

KIT EMPREGO 1 E 2 - Novidade

O KIT 1 lhe oferece Currículo por 3 meses, entrevista virtual, envio de boletins para empresas, análise de currículo e o teste PERSONA. O KIT 2 vem ainda com o novo produto da Catho - Elaboração de Currículo.

FIGURA 2: Novidades promocionais, agosto 2002.

Fonte: <http://www.catho.com.br>.

CRESCIMENTO DA CATHO – Vagas anunciadas, *marketing*, prêmios.

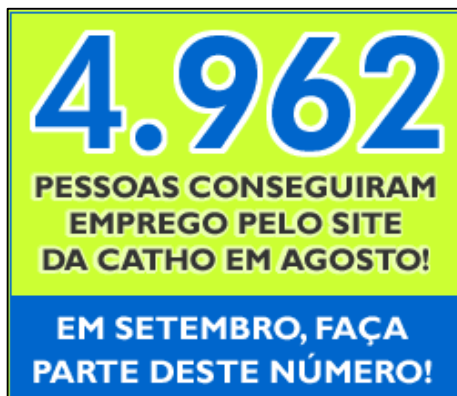


FIGURA 1. Banner da Catho.
Fonte: <http://www.catho.com.br>. 11/09/2002

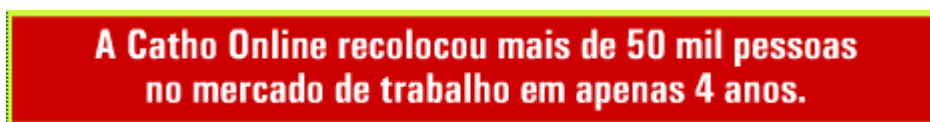


FIGURA 2. Banner da Catho.
Fonte: <http://www.catho.com.br>. 18/05/2003



FIGURA 3. Banner do iBest Empregos. 19/08/2003.
Fonte: <http://www.catho.com.br>. 18/05/2003



FIGURA 4. Vagas disponíveis e adicionadas no site iBest em 11/01/2008.
Fonte: http://parceiros.catho.com.br/ibest/index_2004.php.



FIGURA 5. Vagas anunciadas no site da Catho em 11/01/2008.
Fonte: <http://www.catho.com.br>. 18/05/2003

ANÚNCIOS DE VAGAS DE EMPREGO		ANÚNCIOS DE CURRÍCULOS DE	
Presidentes e Diretores	93	Presidentes e Diretores	933
Profissionais	127.606	Profissionais	79.090
Recém-formados	1.550	Recém-formados	6.930
Estagiários	19.686	Estagiários	18.720
Área de Saúde	9.079	Área de Saúde	1.587
Área de Informática	17.894	Área de Informática	2.152
Educação (Professores)	7.504	Educação (Professores)	2.028
Área de Telecom	1.121	Área de Telecom	707
Área Operacional	28.807	Área Operacional	3.215
Hotéis, Rest. e Turismo	2.645	Hotéis, Rest. e Turismo	867
Portador de Deficiência	2.701	Portador de Deficiência	1.519
Vagas no Exterior	3.701	Profissionais Inglês	1.581
Vagas da Case	328	Catho Transição de Carreira	1.699
Total de anúncios: 222.715 Vagas		Total de anúncios: 123.021 Currículos	
RECEBA ANÚNCIOS DE VAGAS NO SEU E-MAIL GRATUITAMENTE		<input type="text" value="digite seu e-mail"/> <input type="button" value="OK"/>	
➤ CONTROLE DE QUALIDADE DE ANÚNCIOS DE VAGAS		➤ ONTEM TIVEMOS 259.679 VISITANTES	

FIGURA 6. Vagas disponíveis e vagas adicionadas no *site* da Catho em 11/01/2008.

Fonte: <http://www.catho.com.br>.

DECRETO DE CRIAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE EMPREGOS – SINE

ADVERTÊNCIA
Informamos que os textos das normas deste sítio são digitados ou digitalizados, não sendo, portanto, "textos oficiais". São reproduções digitais de textos originais, publicados sem atualização ou consolidação, úteis apenas para pesquisa.



Senado Federal
Subsecretaria de Informações

Decreto nº 76.403, de 8 de outubro de 1975.

Cria o Sistema Nacional de Emprego (SINE) e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição,

Decreta:

Art. 1º - Fica instituído o Sistema Nacional de Emprego (SINE) sob a coordenação e supervisão do Ministério do Trabalho, através da Secretaria de Emprego e Salário.

Art. 2º - Integram o SINE: a Secretaria de Emprego e Salário, os serviços e agências federais de emprego, os sistemas regionais de emprego e as agências núcleos, postos ou balcões de emprego, públicos ou particulares, em todo o território nacional.

§ 1º - A Secretaria de Emprego e Salário funcionará como Órgão Central e os serviços e agências federais de emprego como Órgãos Setoriais do SINE.

§ 2º - O Ministério do Trabalho baixará instruções para o registro, o funcionamento e a articulação dos órgãos integrantes do Sistema.

Art. 3º - Constituem objetivos do SINE:

I - Organizar um sistema de informações e pesquisas sobre o mercado de trabalho, capaz de subsidiar a operacionalização da política de emprego, a nível local, regional e nacional.

II - Implantar serviços e agências de colocação, em todo o País, necessários à organização do mercado de trabalho.

III - Identificar o trabalhador, por meio da Carteira de Trabalho e Previdência Social, como participante da comunidade brasileira de trabalho.

IV - Propiciar informação e orientação ao trabalhador quanto à escolha de seu emprego.

V - Prestar informações ao mercado consumidor de mão-de-obra sobre a disponibilidade de recursos humanos.

VI - Fornecer subsídios ao sistema educacional e ao sistema de formação de mão-de-obra para a elaboração de suas programações.

VII - Estabelecer condições para a adequação entre a demanda do mercado de trabalho e a força de trabalho em todos os níveis de capacitação.

Art. 4º - Na organização e progressiva implantação do SINE terão prioridade:

- a) as alternativas mais favoráveis à absorção da força de trabalho disponível ou potencial, especialmente para o caso de projetos prioritários de desenvolvimento;
- b) o desenvolvimento de experiências que favoreçam a utilização intensiva da força de trabalho potencial.

Art. 5º - Compete ao Ministério do Trabalho definir as prioridades das áreas a serem gradativamente abrangidas pelo SINE, estabelecer os programas necessários à sua implantação e as normas administrativas e técnicas para seu funcionamento.

Art. 6º - Para a organização, implantação e manutenção do SINE, o Ministério do Trabalho poderá dispor de recursos ordinários e vinculados, programados em seu orçamento anual, além de recursos de outras fontes.

Art. 7º - O Ministério do Trabalho dará apoio técnico, financeiro e administrativo à implantação e funcionamento do SINE, inclusive através de auxílios e subvenções.

Art. 8º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 8 de outubro de 1975; 154 da Independência e 87ª da República.

Ernesto Geisel

Arnaldo Prieto

João Paulo dos Reis Velloso



CATHO INSTITUCIONAL

- SOBRE A CATHO
- EVENTOS
- PRÊMIOS
- CERTIFICAÇÕES
- CATHO NA IMPRENSA
- POLÍTICA DE PRIVACIDADE
- ESCRITÓRIOS
- TRABALHE CONOSCO

SOBRE A CATHO



O Grupo Catho, fundado há 30 anos por Thomas A. Case, conseguiu criar uma marca que é sinônimo de credibilidade e qualidade na área de Recursos Humanos no Brasil. Em 1996 - continuando sua tradição de pioneirismo e investimento em tecnologia - foi criado o site **Catho Online**, que em pouco tempo ganhou vida própria e tornou-se o classificados online de currículos e empregos de maior audiência da América Latina.

Líder em seu ramo de atuação, a **Catho Online** buscou e sempre buscará ser uma empresa que respeita seus clientes e se esforça para oferecer os melhores serviços para ajudá-los a atingirem os seus objetivos.

Sob o slogan "Seu sucesso é o nosso negócio", a **Catho Online** tem como objetivo ser um intermediário entre candidatos e empresas. Os profissionais pagam uma assinatura para anunciar o seu currículo e utilizar uma série de serviços exclusivos, que visam auxiliá-los a aumentar suas chances de serem chamados para entrevistas. As empresas anunciam suas vagas gratuitamente e também têm acesso a serviços para facilitar e agilizar o processo de contratação. Dessa forma, a **Catho Online** possibilita o encontro simples e rápido de candidatos e empregadores.

Este modelo de negócio mostrou-se extremamente eficiente no Brasil, tanto para profissionais em busca de uma oportunidade no mercado quanto para empresas à procura de candidatos adequados às suas vagas. Isso é facilmente comprovado por meio dos indicadores de satisfação do site: enquanto **97%** dos anunciantes de vagas de empregos, que respondem à pesquisa, dizem que voltariam a anunciar no site, **83%** dos assinantes recomendam a **Catho Online** para outras pessoas.

Visibilidade

Totalmente voltado ao cliente, o site se destaca pela vocação para a inovação tecnológica contínua e incessante. Isso possibilitou à **Catho Online** conquistar a confiança do público e das empresas. Atualmente o site conta com mais de 110 mil assinantes, e mais de 75 mil empresas. Além disso, conta com mais de 4 mil sites afiliados e cerca de 80 sites parceiros, dentre os quais se destacam portais de grande audiência como **MSN** e **Yahoo**.

A **Catho Online** é um dos sites mais visitados do Brasil, com mais de 10 milhões de visitantes únicos por mês e cerca de 70 milhões de páginas visitadas por mês. Essa posição favorável no mercado brasileiro possibilitou que o site abrisse novos caminhos rumo à internacionalização.

Em 2005 a **Catho Online** inaugurou o seu site no Chile (www.catho.cl). Rapidamente este site conquistou credibilidade e se tornou um dos mais acessados naquele país.

Missão e Valores

Conheça abaixo a Missão e os Valores da Catho Online, assim como sua Política da Qualidade:

Missão

"Crescer continuamente, por meio da inovação e prestação de excelentes serviços na área de R.H."

10 Valores da Catho

- Cumprir sempre a palavra.
- Ser eternamente insatisfeito com os resultados.
- Competir agressivamente, sempre "de olho" na concorrência.
- Nunca deixar de investir continuamente na inovação de produtos e serviços.
- Criar oportunidades de progresso profissional para os colaboradores da Catho.
- Envolver os colaboradores ativamente, buscando suas idéias para melhorar a empresa.
- Procurar não prejudicar integrantes da Catho com mudanças de processos e estratégias de negócios.
- Ler, ler e ler, buscando idéias e conhecimento para melhorar a empresa.
- Ter coragem de arriscar-se para levar a Catho para frente.
- Ter persistência, nunca desistir de procurar soluções para os problemas.

Política da Qualidade

"A busca de um padrão de Excelência de Qualidade é o nosso objetivo, para que possamos **encantar nossos clientes e manter nossos colaboradores orgulhosos da empresa.**"

Saiba mais sobre a Política da Qualidade e nossa certificação ISO 9001:2000, [clcando aqui](#).

FIGURA 1: CATHO Institucional – Missão, valores.

Fonte: <http://www3.catho.com.br/institucional>

Infra-Estrutura

Com franquias distribuídas em todo o país, a Catho Online conta hoje com mais de mil colaboradores, dedicados a oferecer serviços e atendimento de alta qualidade.

Pensando sempre em prestar o melhor serviço possível aos seus clientes, a Catho Online investe continuamente em infra-estrutura para continuar na liderança do mercado. Veja abaixo algumas fotos de nossas instalações em Barueri, SP:



FIGURA 2: CATHO Institucional – Infra-estrutura.

Fonte: <http://www3.catho.com.br/institucional>

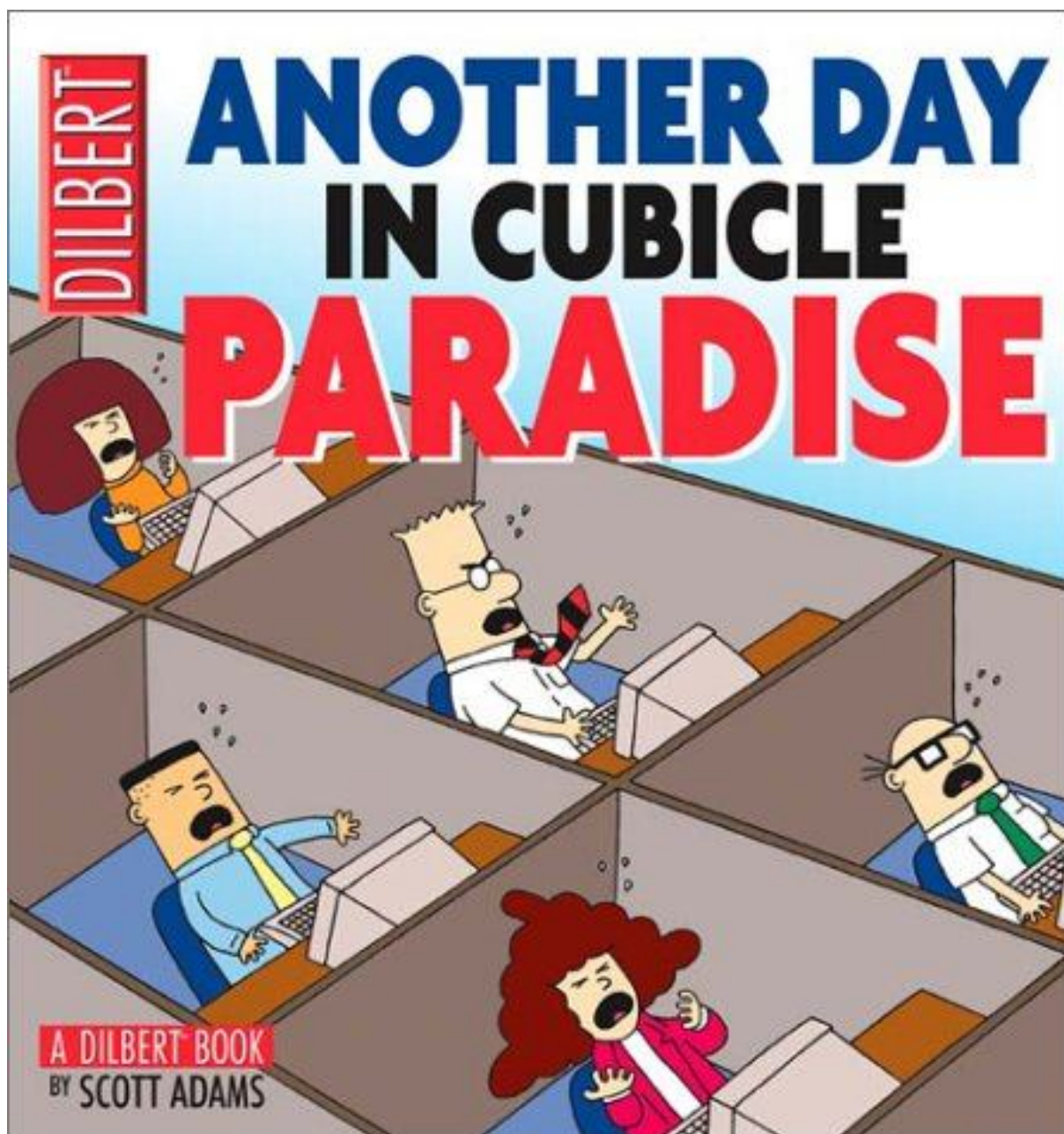



FIGURA 3. Capa do livro do cartunista Scott Adams.
Fonte: <http://books.google.com.br/images/cleardot.gif>.



SEU SUCESSO
É O NOSSO NEGÓCIO

O que você DESEJA em 2008?

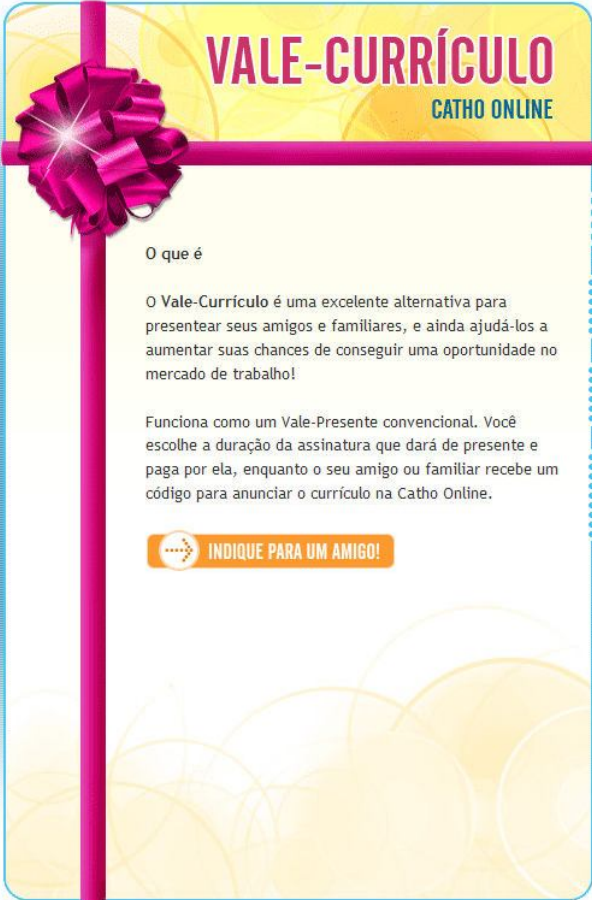
☐ Um carro NOVO
☐ Conhecer um país NOVO
☐ Um corpo NOVO

☐ Um emprego NOVO
☐ Um idioma NOVO
☐ UMA VIDA NOVA

Concorrer

[ANUNCIAR CURRÍCULO 7 DIAS GRÁTIS](#)
[BUSCAR ANÚNCIOS DE VAGAS GRÁTIS](#)
[ANUNCIAR VAGAS GRÁTIS](#)
[BUSCAR ANÚNCIOS DE CURRÍCULOS](#)
[Home](#) | [Central de Ajuda](#)

VALE-CURRÍCULO CATHO ONLINE




VALE-CURRÍCULO
CATHO ONLINE

O que é

O Vale-Currículo é uma excelente alternativa para presentear seus amigos e familiares, e ainda ajudá-los a aumentar suas chances de conseguir uma oportunidade no mercado de trabalho!

Funciona como um Vale-Presente convencional. Você escolhe a duração da assinatura que dará de presente e paga por ela, enquanto o seu amigo ou familiar recebe um código para anunciar o currículo na Catho Online.


 **INDIQUE PARA UM AMIGO!**


O QUE É

COMO FUNCIONA

PLANOS E FORMA DE PAGAMENTO

COMPRAR VALE-CURRÍCULO

 **OPINE SOBRE ESTA PÁGINA!**
Envie suas sugestões para a Catho

 **INDIQUE A CATHO**
Ajude seus amigos a encontrar um emprego

[Home](#) | [Case Consultores](#) | [Catho Transição de Carreira](#) | [Programa de Afiliados](#) | [Central de Ajuda](#) | [Mapa do site](#) | [Shopping Catho](#) | [Serviços Catho](#) | [Visite a Catho Chile](#)

Copyright© 1996-2008 Catho Online. Todos os direitos reservados.

[↑ TOPO](#)

FIGURA 1. Vale-currículo.

http://www3.catho.com.br/servicoscatho/valecv/?utm_source=homepage&utm_medium=link&utm_campaign=valecv

De: Pesquisa Salarial
Data: quarta-feira, 3 de outubro de 2007 02:28
Para: cassandraveras@gmail.com
Assunto: Veja se seu salário está de acordo com o mercado!



24ª EDIÇÃO
Pesquisa Salarial e de Benefícios Online

Cassandraveras,

Quer saber se o seu salário está compatível com o mercado?

Participe, respondendo nossa Pesquisa, e receba gratuitamente um relatório salarial para o seu cargo!

Participe agora gratuitamente:

Seu nome:

Seu e-mail:

Seu cargo:

QUERO PARTICIPAR!

A Pesquisa Salarial e de Benefícios da Catho Online é uma excelente oportunidade para você ficar atualizado com as práticas e tendências salariais e de benefícios para seu cargo.

Tenha acesso às informações mais atualizadas do mercado e garanta suas futuras negociações salariais! As informações fornecidas para esta pesquisa serão tratadas com total sigilo pela equipe da Pesquisa Salarial e de Benefícios da Catho Online.

Agradeço sua colaboração,

Adriano Arruda
Diretor Geral do Grupo Catho

FIGURA 2. E-mail promocional da CATHO ONLINE.

PEDIDO DE E-NTREVISTA A ADRIANO ARRUDA– Diretor Geral da Catho
Encaminhado para Bruna Martinho (Assessora de Imprensa)

De: Cassandra Vêras
Data: segunda-feira, 29 de outubro de 2007 13:21
Para: Bruna Martinho
Assunto: Pedido de entrevista para tese de doutorado

Prezada Bruna Martinho (Assessoria de Imprensa),
Peço-lhe o favor de encaminhar essa mensagem para o Sr. Adriano Arruda.
Muito obrigada!

Campina Grande, 29 de outubro de 2007.

Prezado Sr. Diretor Adriano Arruda,

Sou doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, sob a orientação do Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr. Minha tese tem como objeto de pesquisa as relações sociais entre *agências emprego on-line* e seus *usuários*.

Dado o porte e a importância da empresa Catho Online, tendo em vista seu “peso” social – na medida em que colabora para o crescimento de um parâmetro crucial no desenvolvimento do país, o emprego – decidi tomá-la como “estudo de caso”. Gostaria, portanto, de solicitar sua cooperação, através do que convencionei chamar de “entrevista eletrônica” (*e-ntrevista*). Caso o Sr. aceite o meu convite, enviarei *e-mails* com questões referentes à empresa, às relações sociais que por meio dela ocorrem, e também buscarei sua opinião sobre a virtualidade e o impacto da tecnologia no mundo do trabalho, pois acredito que sejam assuntos com os quais o Sr. tem grande familiaridade.

Quanto à Catho Online, um tipo de documento, em particular, me interessa. São os arquivos de depoimentos dos usuários (inclusive das empresas). Li alguns no *site* da agência e percebi que o nível de satisfação dos clientes é muito alto. Ficaria muito grata se o acesso a esses depoimentos me fosse concedido na íntegra.

Tenho consciência de o quanto seu tempo é, na mais ampla acepção da palavra, precioso, no entanto, peço-lhe encarecidamente que considere a minha solicitação pois seu depoimento enriquecerá de forma indubitável a minha tese.

Atenciosamente agradece,

Cassandra Carmo de Lima Vêras

Rua João Moura, 221 – São José
Campina Grande – PB
58.107-673
(83) 9971 8266 / (83) 3322 4506

[Pós-Graduação História - UFRN](#)
[Currículo Dr. Durval Muniz](#)
[Pós-Graduação Sociologia - UFPB](#)
[Currículo Cassandra Vêras](#)

O E-MAIL ENCAMINHADO POR BRUNA MARTINHO A FERNÃO SILVEIRA
RESPOSTA DE FERNÃO (Cooordenador de Comunicação)

De: Fernão Silveira
Data: segunda-feira, 29 de outubro de 2007 14:36
Para: cassandraveras@gmail.com
Cc: 'Bruna MM'
Assunto: ENC: Pedido de entrevista para tese de doutorado

Prezada Cassandra.

Em nome da Catho Online, o maior portal de recursos humanos da América Latina, gostaria de esclarecer que nossa empresa não é uma agência de empregos, mas sim um portal que, entre outros serviços, veicula anúncios de currículos e vagas de emprego – propiciando, assim, uma ponte rápida, confiável e eficiente entre empresas que procuram reforços para seus quadros e profissionais que buscam novas oportunidades no mercado de trabalho. As atribuições, responsabilidades e características da Catho Online, portanto, diferem muito das de uma agência de empregos.

Com relação às perguntas para o diretor-geral da Catho Online, peço para que elas sejam enviadas previamente para análise.

Atenciosamente,

Fernão Silveira
Coordenador de Comunicação - Catho Online
(11) 3177-0773 / (11) 7714-4077
fsilveira@catho.com.br

[SEU SUCESSO É O NOSSO NEGÓCIO]

De: Bruna MM [mailto:brunam@catho.com.br]
Enviada em: segunda-feira, 29 de outubro de 2007 14:52
Para: Fernão Silveira
Assunto: ENC: Pedido de entrevista para tese de doutorado

http://www3.catho.com.br - CATHO ON...

CATHO
online

E concorra a 10 intercâmbios de 1 mês na África do Sul

Promoção Válida até: 10/03/08

NOME:

EMAIL:

ESTADO:

CIDADE:

TEL:

ÁREA PROFISSIONAL:

NÍVEL HIERÁRQUICO:

ANUNCIE SEU CURRÍCULO AGORA >>

Concluído Internet

FIGURA 1. Promoção 7 dias grátis.
Pop-up com *designs* variados, oferecendo bônus ou prêmios de acordo com as características dos meses do ano.

http://inclusao.catho.com.br - CATHO : - Microsoft Internet Exp...

CATHO
online

FECHAR

Assinatura Profissional

Este plano é indicado para profissionais com ou sem formação superior.

Assinatura Estagiário

Este plano é indicado para estudantes do ensino médio, técnico ou universitário.
Obs.: Recomendamos que estudantes de último ano e profissionais recém-formados em busca do primeiro emprego cadastrem-se no Plano Profissional.

Assinatura Operacional (Mural de Vagas)

Este plano é indicado para profissionais sem formação superior, que atuem em áreas operacionais, como eletricista, porteiro, encanador etc.

Assinatura PPD

Este plano é específico para profissionais com ou sem formação superior, portadores de deficiência física, auditiva, visual, mental ou múltipla.

SEU SUCESSO É O NOSSO NEGÓCIO

FECHAR

Internet

FIGURA 2. Planos de assinaturas.

http://www3.catho.com.br - CATHO : PLANOS DE ASSINATURA - Microsoft Internet Explorer

CATHO
online

FECHAR

PLANOS DE ASSINATURA

Plano \ Período	Profissional	Estagiário	Portador de Deficiência	Operacional
	Anunciar currículo	Anunciar currículo	Anunciar currículo	Anunciar currículo
Mensal	R\$ 59,00	R\$ 29,50	R\$ 29,50	R\$ 29,50
Trimestral	R\$ 147,00	R\$ 73,50	R\$ 73,50	R\$ 73,50
Semestral	R\$ 279,00	R\$ 141,00	R\$ 141,00	R\$ 141,00
Anual	R\$ 498,00	R\$ 249,00	R\$ 249,00	R\$ 249,00

7 DIAS GRATUITOS PROMOÇÃO

INFORMAÇÕES IMPORTANTES:

- » Você apenas será cobrado se permanecer no site após o 7º dia da promoção.
- » Você poderá cancelar sua assinatura a qualquer momento pela sua Área de Assinantes. O cancelamento da assinatura é de sua inteira responsabilidade.
- » Você será cobrado periodicamente de acordo com o período do plano escolhido até que haja o cancelamento de

Instituições conveniadas

VISA, MasterCard, Diners Club International, Itaú, HSBC, Banco Santander, BANCO REAL, MERCANTIL DO BRASIL, baneSpa, CAIXA, UNIBANCO, SUDAMERIS, Noma Caixa, BANCO DA AMAZÔNIA, citibank

Internet

FIGURA 3. Tipos de assinaturas.

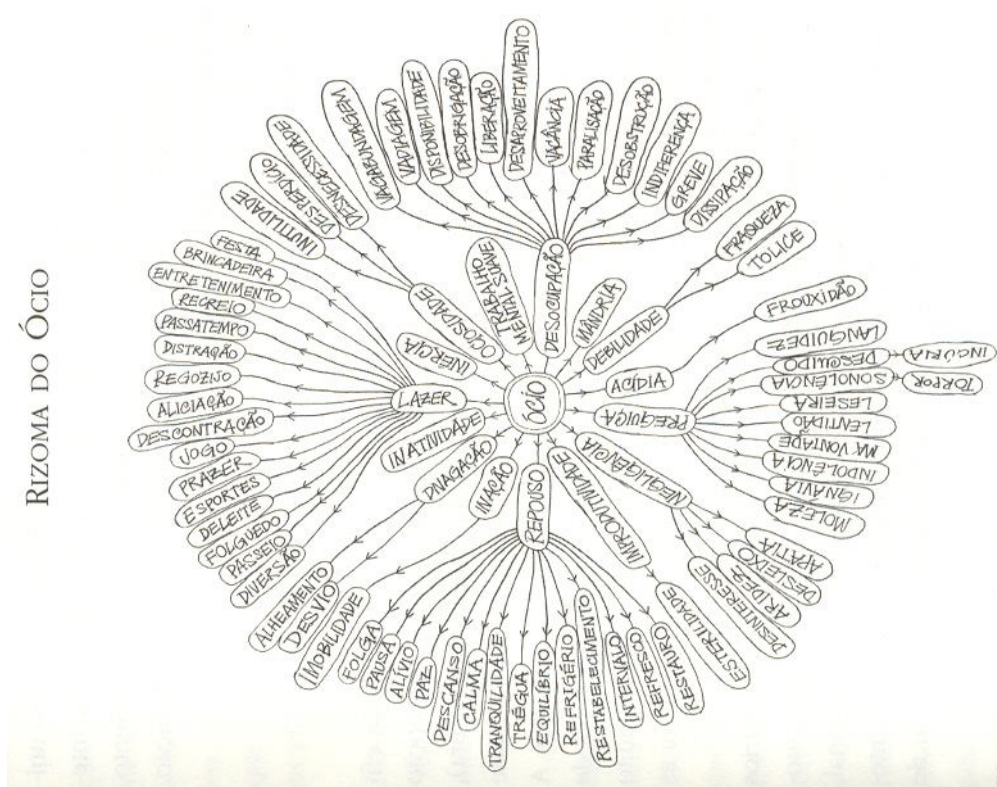


FIGURA 1. Rizoma do ócio.

Fonte: O ócio criativo. Domenico De Masi, 2000. p. 317

PUBLICIDADE CATHO ONLINE

Confira os preços disponibilizados pela Catho Online. Em caso de dúvida, entre em contato com nossa equipe de mídia pelo telefone (11) 3177-0666.

TABELA DE PREÇOS - PUBLICIDADE CATHO ONLINE

	Super Banner**	Pop Up*	Pop Under*	Full Expansível*	Full Banner*	CPC	Mailing
Home Page	R\$ 80,00	R\$ 50,00	R\$ 50,00	-	-	R\$ 1,00	R\$ 0,10
Canais Rotativos	-	R\$ 30,00	R\$ 30,00	R\$ 50,00	R\$ 50,00	R\$ 0,50	
Canais Determinados	-	R\$ 40,00	R\$ 40,00	R\$ 60,00	R\$ 60,00	R\$ 0,75	

* Mínimo de 100.000 impressões

** Mínimo de 500.000 impressões

Fonte: <http://www.catho.com.br/publicidade/hotsite/precos.php>

Ministério da Fazenda	Destques do governo	BRASIL
Receita Federal PGFN	CERTIDÃO CONJUNTA	



MINISTÉRIO DA FAZENDA
Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional
Secretaria da Receita Federal do Brasil

CERTIDÃO CONJUNTA NEGATIVA
DE DÉBITOS RELATIVOS AOS TRIBUTOS FEDERAIS E À DÍVIDA ATIVA DA UNIÃO

Nome: CATHO ONLINE LTDA
CNPJ: 03.753.088/0001-00

Ressalvado o direito de a Fazenda Nacional cobrar e inscrever quaisquer dívidas de responsabilidade do sujeito passivo acima identificado que vierem a ser apuradas, é certificado que não constam pendências em seu nome, relativas a tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil (RFB) e a inscrições em Dívida Ativa da União junto à Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN).

Esta certidão, emitida em nome da matriz e válida para todas as suas filiais, refere-se exclusivamente à situação do sujeito passivo no âmbito da RFB e da PGFN, não abrangendo as contribuições previdenciárias e as contribuições devidas, por lei, a terceiros, inclusive as inscritas em Dívida Ativa do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), objeto de certidão específica.

A aceitação desta certidão está condicionada à verificação de sua autenticidade na Internet, nos endereços <<http://www.receita.fazenda.gov.br>> ou <<http://www.pgfn.fazenda.gov.br>>.

Certidão emitida com base na Portaria Conjunta PGFN/RFB nº 3, de 02/05/2007.
Emitida às 10:50:49 do dia 19/10/2007 <hora e data de Brasília>.
Válida até 16/04/2008.
Código de controle da certidão: **468E.0817.8132.43B8**

Certidão emitida gratuitamente.

Atenção: qualquer rasura ou emenda invalidará este documento.

Nova Consulta

Preparar página para impressão

FIGURA 1. Certidão negativa de débito junto a ao Ministério d Fazenda.

Fonte: <http://www.receita.fazenda.gov.br/Aplicacoes/ATSP0/Certidao/CNDConjuntaSegVia/ResultadoSegVia.asp>

 <p>REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA</p>			
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 03.753.088/0001-00	COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL		DATA DE ABERTURA 05/04/2000
NOME EMPRESARIAL CATHO ONLINE LTDA			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) *****			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 82.99-7-99 - Outras atividades de serviços prestados principalmente às empresas não especificadas anteriormente			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS 63.99-2-00 - Outras atividades de prestação de serviços de informação não especificadas anteriormente 74.10-2-01 - Design 74.90-1-05 - Agenciamento de profissionais para atividades esportivas, culturais e artísticas 74.90-1-99 - Outras atividades profissionais, científicas e técnicas não especificadas anteriormente 82.19-9-99 - Preparação de documentos e serviços especializados de apoio administrativo não especificados anteriormente 82.99-7-03 - Serviços de gravação de carimbos, exceto confecção 82.99-7-07 - Salas de acesso à internet			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 206-2 - SOCIEDADE EMPRESARIA LIMITADA			
LOGRADOURO AL TOCANTINS	NÚMERO 125	COMPLEMENTO CONJ 101, 102, 201 E 202	
CEP 06.455-020	BAIRRO/DISTRITO ALPHAVILLE CENTRO INDUSTRIAL E EMPRESARIAL	MUNICÍPIO BARUERI	UF SP
SITUAÇÃO CADASTRAL ATIVA		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 24/09/2005	
SITUAÇÃO ESPECIAL *****		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****	

FIGURA 2. Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica da Catho

Fonte: http://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNPJ/cnpjreva/Cnpjreva_Solicitacao.asp

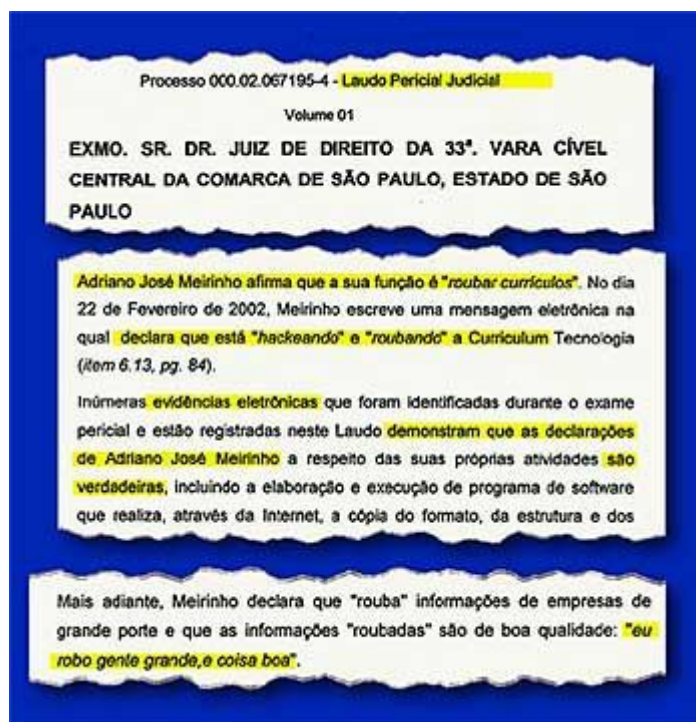


FIGURA 1. Laudo pericial do processo movido pela Curriculum contra a Catho.
Fonte: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/275/economia/275_catho.htm2004.

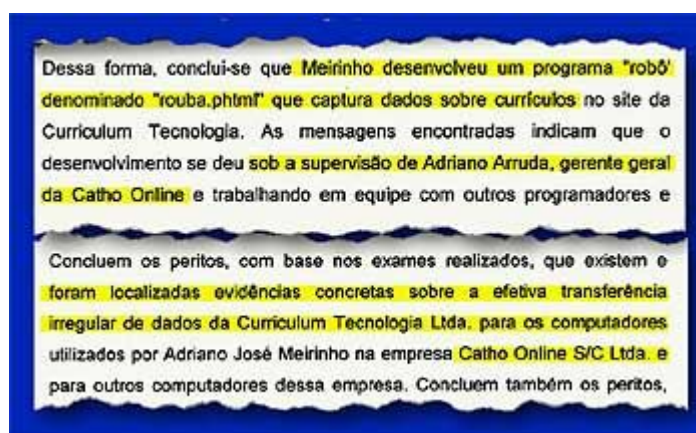


FIGURA 2. Laudo pericial do processo movido pela Curriculum contra a Catho.
Fonte: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/275/economia/275_catho.htm2004

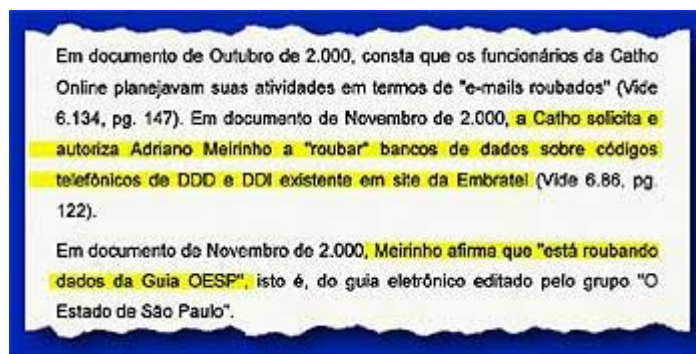


FIGURA 3. Laudo pericial do processo movido pela Curriculum contra a Catho.
Fonte: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/275/economia/275_catho.htm2004

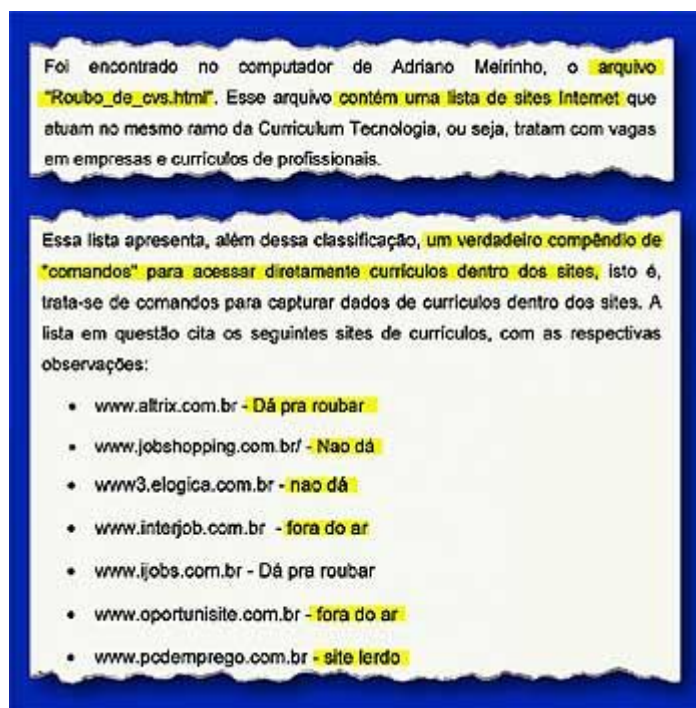


FIGURA 4. Laudo pericial do processo movido pela Curriculum contra a Catho.
Fonte: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/275/economia/275_catho.htm2004



The Librarian 1566 – GIUSEPPE ARCIMBOLDO

1. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2.ed., Recife: FJN / Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
2. ALLIEZ, Eric. **Deleuze**. Filosofia virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996.
3. ALVES, Giovanni; MARTINEZ, Vinício (orgs.). **Dialética do ciberespaço**. Trabalho, tecnologia e política no capitalismo global. Bauru: Document Arminda, 2002.
4. ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
5. ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In **Antologia Poética**. 18.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
6. ANInformática. **Pioneira**. Disponível em: <<http://an.uol.com.br/1998/nov/10/0inf.htm>>.
7. ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 10.ed., São Paulo: Cortez/UNICAMP, 2005.
8. _____. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6.ed., São Paulo: Boitempo, 2002.
9. ARAGON, Luis Eduardo. **O Anti-Édipo não é Anti-Psicanálise**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/antiedipoaragon.pdf>>.
10. ARRUDA, Adriano. Diretor geral da Catho Online Ltda. Entrevista concedida via *e-mail* à autora desta tese, em 20/12/2007.
11. ASSIS, Edjane Gomes de. Nas tonalidades do dizer: a instauração dos sentidos nas revistas *Veja* e *IstoÉ* in LUCENA, Ivone Tavares de; OLIVEIRA, Maria Angélica de; BARBOSA, Rosemary Evaristo (Orgs.). **Análise do discurso**. Das movências de sentido às nuances do (re)dizer. João Pessoa: Idéia, 2004.
12. BACHELARD, Gaston. **Conhecimento comum e conhecimento científico**. In: *Tempo Brasileiro*, São Paulo, n. 28, p. 27-46, jan-mar 1972.
13. _____. **Epistemologia**. 2.ed. Lisboa: Edições 70, 2001.
14. BAUDRILLARD, Jean. **Olvidar a Foucault**. Valencia: Pre-textos, 1978.
15. _____. **À sombra das maiorias silenciosas**. O fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
16. _____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. (col. Antropos).
17. _____. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995. (col. Arte & Comunicação).
18. _____. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
19. BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
20. _____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
21. _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
22. _____. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
23. BAVA JR., Augusto Caccia. **Introdução à sociologia do trabalho**. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

24. BERGSON, Henri. **Introdução à metafísica**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Col. Os Pensadores, vol. XXXVIII)
25. _____. **Matéria e Memória**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
26. BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
27. BLACKBURN, Robin (org.). **Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo**. 2.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
28. BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Trad. Guilherme João de Freitas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
29. CAMPOS, Jorge Lúcio. **Do simbólico ao virtual**. A representação do espaço em Panofsky e Francastel. São Paulo: Perspectiva, 1990.
30. CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. 6.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999a. (Volume 1).
31. _____. **O poder da identidade**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. 3.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999b. (Volume 2).
32. _____. **Fim de milênio**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. 2.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999c. (Volume 3).
33. CASTERAN, Claude. **Os cem anos do psicanalista Jacques Lacan**. Intelectuais discutem obra do controvertido francês. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/2001/abr/14/0ane.htm>>. Acesso em: 19/08/2005.
34. CASTRO, M. Alquimia das categorias sociais na produção de sujeitos políticos: raça, gênero e geração entre líderes do serviço doméstico. In: **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, vol.0, n.0, 1992.
35. COCO, Giuseppe. **Trabalho e cidadania**. Produção e direitos na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2000.
36. CODOZ, Claude. **A realidade virtual**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
37. COHN, Gabriel. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 1998, vol.13, n. 38. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300003>.
38. COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
39. CORREIO DO POVO. **Sites de RH possuem boas ofertas de trabalho**. Porto Alegre, domingo, 8 de novembro de 1998. <<http://www.cpovo.net/jornal/infotur/N55/html/08SITESD.htm>>.
40. CRAWFORD, Paulo. **O significado da relatividade no final do século**. Colóquio Ciências, 16, 3-26, 1995. Disponível em: <http://cosmo.fis.fc.ul.pt/~crawford/artigos/cc_sr.pdf>.
41. DAVIS, Natalie Zemon. Las formas de la historia social. Traducción de M. Ferrandis Garrayo. **Historia Social**, nº 10, primavera-verano, 1991: 177-82.
42. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
43. _____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. (Col. Trans). Vol. 1
44. _____. _____. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Col. Trans). Vol. 2.

45. _____. _____. São Paulo: Ed. 34, 1996. (Col. Trans). Vol. 3.
46. _____. _____. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997a. (Col. Trans). Vol. 4.
47. _____. _____. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997b. (Col. Trans). Vol. 5.
48. _____. **Diferença e repetição**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.
49. _____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
50. _____. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Campinas: Papirus, 1991.
51. DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
52. _____. **O futuro do trabalho**. 6.ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
53. DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **A maldição do trabalho**. Homens pobres, mendigos, ladrões... no imaginário das elites nordestinas – 1850-1930. João Pessoa: Manufatura, 2004.
54. _____. ALVES, Patrícia Formiga Maciel. **A implosão do sentido**: o discurso sociológico da pós-modernidade. João Pessoa: Manufatura/PPGS, 2004. (Col. Sociologia; 1).
55. DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**. 2 ed., São Paulo: Unesp, 2001.
56. DURKHEIM, Emile. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Editorial Presença, 1977. Vol. I. (Biblioteca de textos universitários; 19).
57. _____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
58. EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
59. ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. 12.ed., São Paulo: Perspectiva, 1995. (Coleção Estudo, v. 85 – Metodologia).
60. ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
61. FAGUNDES, Letícia. Ordem no caos. **Estilo & Gestão RH**. Ed. 163 – 01/02/2008. Disponível em: <http://www.catho.com.br/estilorh/index.phtml?combo_ed=163&secao=236>.
62. FIGUEIREDO, Luís Claudio. Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 139-149, outubro 1995.
63. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 19.ed. Rio de Janeiro, 1979.
64. _____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 15.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
65. _____. **História da sexualidade II**: O uso dos prazeres. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
66. _____. **História da sexualidade III**: O cuidado de si. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
67. _____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
68. _____. **A arqueologia do saber**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
69. _____. **As palavras e as coisas**. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Col. Tópicos)
70. _____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 12.ed. São Paulo: Loyola, 2005. (Col. Leituras Filosóficas).

71. FREGUGLIA, Ricardo da Silva. O papel dos efeitos fixos individuais sobre os diferenciais salariais entre Estados, setores e ocupações no Brasil. **Boletim Informações FIPE**. Nº 326, nov 2007(a). p. 29-31. Disponível em: <http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2007/11_bif326.pdf>.
72. _____. Migração e salários no Brasil formal. **Boletim Informações FIPE**. Nº 327, dez 2007(b). p. 29-31. Disponível em: <http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2007/12_bif327.pdf>.
73. _____. Quem ganha e quem perde ao migrar para São Paulo? Uma análise dos efeitos da migração sobre os salários em diferentes grupos de trabalhadores no mercado formal. **Boletim Informações FIPE**. Nº 329, fev 2008. p. 35-37. Disponível em: <http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2008/2_bif329.pdf>.
74. FRIEDMANN, Georges; NAVILLE, Pierre. **Tratado de sociologia do trabalho**. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
75. FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens pós-modernas**. Configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. (Conexões; 11).
76. FRÓIS, Katja Plotz. Uma breve história do fim das certezas. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis, dez/2004, n. 63. <<http://www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno63.pdf>>.
77. FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. Repo Man: para descartar-se de tudo. In: **Lumina**, v 1, n. 1, jul./dez. 1998, Juiz de Fora: FACOM/UFJF, p. 141-9.
78. GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. (Biblioteca básica).
79. _____.; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999 (Biblioteca básica).
80. GIMENEZ, Denis Maracci. **Políticas de emprego no século XX e o significado da ruptura neoliberal**. São Paulo: Annablume : Unisal, 2003.
81. GOOGLE. Ferramenta de busca. Disponível em: <<http://www.google.com>>.
82. GORZ, André (org.). **Crítica da divisão do trabalho**. 3.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996.
83. GRINBAUM, Ricardo; SÁ, Luiz Fernando. Por dentro do esquema Catho. **Revista IstoÉ Dinheiro**. Nº 275. Economia. Quarta-feira, 04 de dezembro de 2002. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/dinheiro/275/economia/275_catho.htm>.
84. GROSS, Frédéric (Org.). **Foucault**. A coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (Episteme 1)
85. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
86. HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
87. HOBSBAWN, Eric J. **Os mundos do trabalho**. Novos estudos sobre história operária. 3.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
88. HOHLFELDT, Antonio (org.). **Interação e Sentidos no Ciberespaço e na Sociedade - Compós - Volume II**, Porto Alegre: EdiPUC-RS.
89. HOMERO. Odisséia. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Introdução e notas por Médéric Dufour. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
90. HOBSBAWN, Eric. **Rebeldes e primitivos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

91. ITANI, Alice. **Subterrâneos do trabalho**. Imaginário tecnológico no cotidiano. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1997.
92. JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: Ática, 1996. (Série Temas, volume 41. Cultura e Sociedade).
93. JAPIASSÚ, Hilton. **Para ler Bachelard**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. (Série Para ler).
94. JOHNSON, Steve. **A cultura da interface**. Como o computador transforma a nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
95. KAPLAN, E. Ann (org.). **O mal estar no pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar. 1993.
96. KOVÁCS, Ilona. **As metamorfoses do emprego**. Ilusões e problemas da sociedade de informação. Oeiras: Celta, 2002.
97. KUBRUSLY, Ricardo S. **Uma viagem informal ao teorema de Gödel** ou (O preço da matemática é o eterno matemático). Disponível em: <<http://www.dmm.im.ufrj.br/projeto/diversos/godel.html>>.
98. KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
99. KURZ, Robert. **O colapso da modernização** (Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial). São Paulo: Paz e Terra, 1992.
100. LAFARGUE, Paul. O Direito ao Ócio *in*: DE MASI, Domenico (org.). **A Economia do Ócio**. 2.ed., Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
101. LEÃO, Lucia. **Derivas**. Cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004.
102. _____. **O labirinto da hipermídia**. Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 2005.
103. LEITE, Maria Regina Baracuhy. A constituição da identidade nordestina no discurso da propaganda turística oficial *in* LUCENA, Ivone Tavares de; OLIVEIRA, Maria Angélica de; BARBOSA, Rosemary Evaristo (Orgs.). **Análise do discurso**. Das movências de sentido às nuances do (re)dizer. João Pessoa: Idéia, 2004.
104. LEMOS, André; Marcos Palacios. **Janelas do ciberespaço**. Comunicação e cibercultura. 2.ed., Porto Alegre: Sulina, 2002.
105. LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996. (Col. TRANS).
106. _____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Col. TRANS).
107. _____. **O objetivo da Internet 2.0 é gerar Inteligência Coletiva**. Disponível em: <http://www.ico.org.br/artigo_objetivo.htm>.
108. LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
109. LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998 (Temas da atualidade).
110. LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 3.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
111. MACHADO, Jorge Alberto (org.). **Trabalho, economia e tecnologia**. Novas perspectivas para a sociedade global. São Paulo: Tendenz; Bauru: Praxis, 2003.
112. MACHADO, Roberto. **Ciência e saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981. (Biblioteca de Filosofia e história das Ciências; v. 11).

113. MACINTYRE, Alasdair. **Depois da virtude**. São Paulo: EDUSC, 2001.
114. MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 2.ed., Petrópolis: Vozes, 1998.
115. _____. **O ritmo da vida – variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
116. MAIA, Isabel Maria Magalhães R. L. Santos. **O desenvolvimento da ciência em Thomas Kuhn**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/contemporanea/kuhnisabel.shtml>>.
117. MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3ed. Campinas: Pontes/ED. UNICAMP, 1997.
118. MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução**: Hegel e o advento da teoria social. 2.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção O Mundo, Hoje; v.28).
119. MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Org.) **A genealogia do virtual**. Comunicação, Cultura e Tecnologia do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004.
120. MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro 1: O processo de produção do capital. 7 ed., São Paulo: Difel, 1982. (Volume I).
121. _____. _____. **Livro 2**: O processo de circulação do capital. 6 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991a. (Volume III).
122. _____. _____. **Livro 3**: O processo global da produção capitalista. 5 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991b. (Volume IV).
123. _____. I. A consciência revolucionária da história. 1. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: FERNANDES, Florestan (org.). **Marx Engels**. História. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; v. 36).
124. _____. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 10.ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.
125. MINK, Alain. **A nova Idade Média**. São Paulo: Ática, 1994.
126. MORAES, Denis de. **O concreto e o virtual**. Mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
127. MORAN, José Manuel; MIAILLE, Michel. **Mundo virtual**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2004.
128. MORIN, Edgar. **O método I**. A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2002.
129. NOMURA, Maria Carolina. Projeto contra golpe tramita desde agosto na Câmara. Folha de S.Paulo, 16/09/2007. Disponível em: <<http://blogdevagas.blogspot.com/2007/09/projeto-de-lei-contragolpe-do-emprego.html>>.
130. **OBSERVATÓRIO ECONÔMICO**, Boletim nº 15, Ano 5, Santo André, Junho 2007. Disponível: <http://www.santoandre.sp.gov.br/bnews3/images/multimedia/programas/OE_ABC15.pdf>.
131. OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**. Transformações Contemporâneas do Trabalho e da Política. 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
132. O HOMEM E O DISCURSO. A arqueologia de Michel Foucault. FOUCAULT, Michel; ROUANET, Sergio Paulo; MERQUIOR, José Guilherme; LECOURT, Dominique; ESCOBAR, Carlos Henrique de. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1971. Comunicação 3.
133. OLIVEIRA, Nelson de. **O Jogo da Amarelinha e o hipertexto**. Correio Brasiliense. 24/03/2002. Disponível: <http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020324/sup_pen_240302_45.htm>.

134. OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”. **Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEUR**, 2005. Disponível: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/midia/elzaaparecidadeoliveirafilha.doc>>.
135. ONFRAY, Michel. **A arte de ter prazer**. Por um materialismo hedonista. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
136. _____. **A política do rebelde**. Tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
137. ORLANDI, Eni P. A análise de discurso e suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. *in* INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.
138. PASTORE, José. Os idosos estão na moda. **Jornal da Tarde**. São Paulo. 05/07/2005. Disponível em: <http://www.josepastore.com.br/artigos/rt/rt_249.htm>.
139. PAULON, Simone Manieri. A desinstitucionalização como transvaloração. Apontamentos para uma terapêutica do niilismo. **Athena Digital**. Num 10: 121-36 (otoño 2006). Universidad Autónoma de Barcelona. Disponível: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/537/53701008.pdf>>.
140. RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault - Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
141. RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
142. RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1997.
143. ROCHA, Maria Isabel Baltar da (org.). **Trabalho e gênero**. Mudanças, permanências e desafios. (ABEP/UNICAMP/UFGM), São Paulo: Ed. 34, 2000.
144. RUSSEL, Bertrand. O Elogio ao Ócio *in*: DE MASI, Domenico (Org.). **A economia do ócio**. 2.ed., Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
145. SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 3.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1989.
146. _____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 3.ed., São Paulo: Cortez, 2001. Vol. 1.
147. _____. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2003.
148. SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. “Um discurso sobre as ciências” revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.
149. SANTOS, João Bosco Feitosa dos. **O avesso da maldição do Gênesis**. A saga de quem não tem trabalho. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.
150. SANTOS, Eloisa Helena. **O saber em trabalho: a experiência de desenvolvimento tecnológico pelos trabalhadores de uma indústria brasileira**. <<http://www.ppgte.cefetpr.br/gtteamped/trabalhos/santos.pdf>>.
151. SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Org.) **Foucault e os domínios da linguagem**. Discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.
152. SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Filosofia dos corpos misturados 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
153. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 19. ed., São Paulo: Cortez, 1993.
154. SILVA, Ezequiel T. da. **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

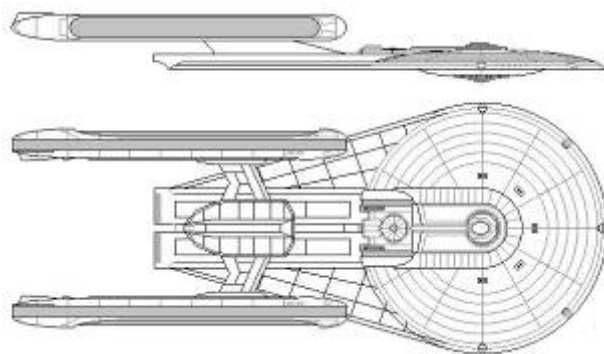
155. SILVEIRA, Fernão. **Vagas do Catho Online no Second Life!**. Disponível em: <http://brsecondlife.blogspot.com/2007_06_01_archive.html>.
156. SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal *in*: MORAES FILHO, Evaristo. **Simmel**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
157. SIMÕES, Reinério Luiz Moreira. Imaginação material segundo Gaston Bachelard. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/bachelarddisreinerio.shtml>>.
158. SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**. A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
159. SORJ, Bernardo. **brasil@povo.com**. A luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: UNESCO, 2003.
160. SOUZA, Edna Muniz de. Raça, etnia, condições de trabalho e saúde. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. **CEERT**. <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/trabalhador/pdf/texto_raca_etnia.pdf>.
161. TAYLOR, Charles. **As fontes do self**. São Paulo: Loyola, 1997.
162. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
163. TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. 6.ed., Petrópolis: Vozes, 1994.
164. VASCONCELOS, José Gerardo; Magalhães Jr., Antonio Germano (Org.). **Um dispositivo chamado Foucault**. Fortaleza: LCR, 2002. (Col. Diálogos Intempestivos).
165. VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992. (Col. Antropos).
166. _____. **O fim da modernidade**. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
167. WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 2001.
168. _____. **Economia e sociedade**. Fundamentos da sociologia compreensiva, Vol. 1, Brasília, Editora da UnB, 1991.
169. WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço**. De Dante à Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
170. WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy (orgs.). **Em defesa da História**. Marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
171. YOUNG, Íris Marion. Corpo vivido vs. gênero: reflexões sobre estrutura social e subjetividade. **Labrys**, Estudos Feministas, n.3, jan/jul 2003. <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/young1.htm>>.

EPÍLOGO

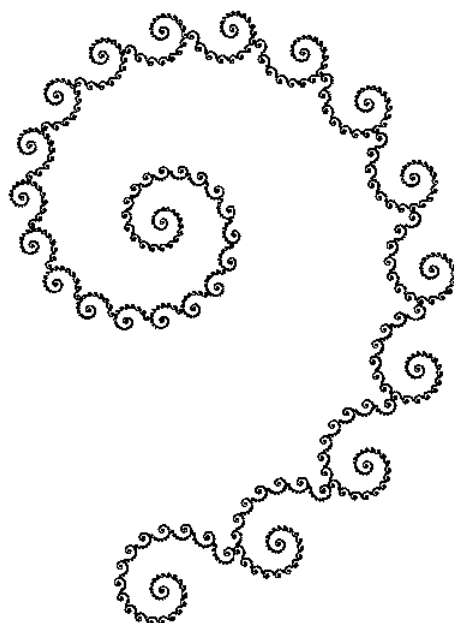
Por que estava se entregando aos devaneios? Será que o grau de consciência teria sofrido alguma alteração? Tocou no implante do esquecimento escondido entre os pelos da sobrancelha direita. O contador de tempo apareceu imediatamente no painel, acusando lembranças até 100 anos. Mas não eram lembranças que estava tendo. Parecia mais um surto de acessos não autorizados ao arquivo de informações históricas. Geralmente esse dispositivo só é acionado em casos extremos, quando se torna necessário o uso de contradição e o conhecimento obsoleto é utilizado para ajudar a resolver situações atuais. No entanto, nada havia de extraordinário naquela viagem. A caixa se movia nos trilhos magnéticos, a um palmo do chão.

As recomendações de leitura continuavam vindo em vermelho, acusando o que poderia trazer infelicidade: Orwell, Pessoa, Huxley, Borges, Anjos, Penrose, Marx, Verne, Rilke, Cortázar, Meirelles, Drummond, Lewis, Smith, Bergson, Woolf, Lispector, Simmel, Nietzsche... Eram muitos. Mas nada era proibido, por isso continuava a se deleitar com poesia e cigarro. Seu autor preferido, um místico de outro milênio, estava em lilás na lista de leituras, sinal de altamente desaconselhável. O analisador de linguagem natural travava sempre que algum Augusto era acionado, e o Conselho de Palavras já havia enviado mais de um convite para que fosse à reunião holográfica dos anônimos para uma orientação. Talvez fosse isso... Talvez fosse o momento de frequentar um encontro virtual de ajuda contra angústia. Uma vez tinha comparecido, mas índice de amabilidade dos participantes causou uma pequena inflamação na sua glândula auditiva, e o quadro de desconfortos apresentou uma alta de 0,0825%. A taxa era alta nesses casos, e os custos eram maiores que os benefícios.

O cigarro queimava no cinzeiro eletrônico. A fumaça continuava a se converter em oxigênio purificando o ar. O cérebro se povoava de imagens de lábios e nicotina. Ligou o mapa neuronal. Os impulsos elétricos acendiam e apagavam 64 gigantó a cada nanosegundo. Tudo parecia estar funcionando bem. A área de questionamentos estava reduzida a um único ponto vermelho na massa cerebral, absolutamente sob controle. O que poderia estar havendo? Se o mapa do pensamento estava normal, o nível de sobrevivência em 99,07%, se aquela era uma viagem para dormir como outra qualquer, se...



Cruiser Odysseus NCC-1978-A



:e compreendo melhor porque eu sentia
tanta dificuldade em começar, há pouco. sei
bem, agora, qual era a voz que eu gostaria
que me precedesse, me carregasse, me
convidasse a falar e habitasse meu próprio
discurso. sei o que havia de tão temível em
tomar a palavra, pois eu a tomava neste
lugar de onde o ouvi e onde ele não mais
está para escutar-me:

[a ordem do discurso, michel foucault](#)

SPIRAL - fractal by roberto vieira da fonseca lopes

Cassandra Carmo de Lima Vêras
Rua Dr. João Moura, 221 – São José
Campina Grande – PB
58.400-344
(83) 3322 4506 / 9305 6878
